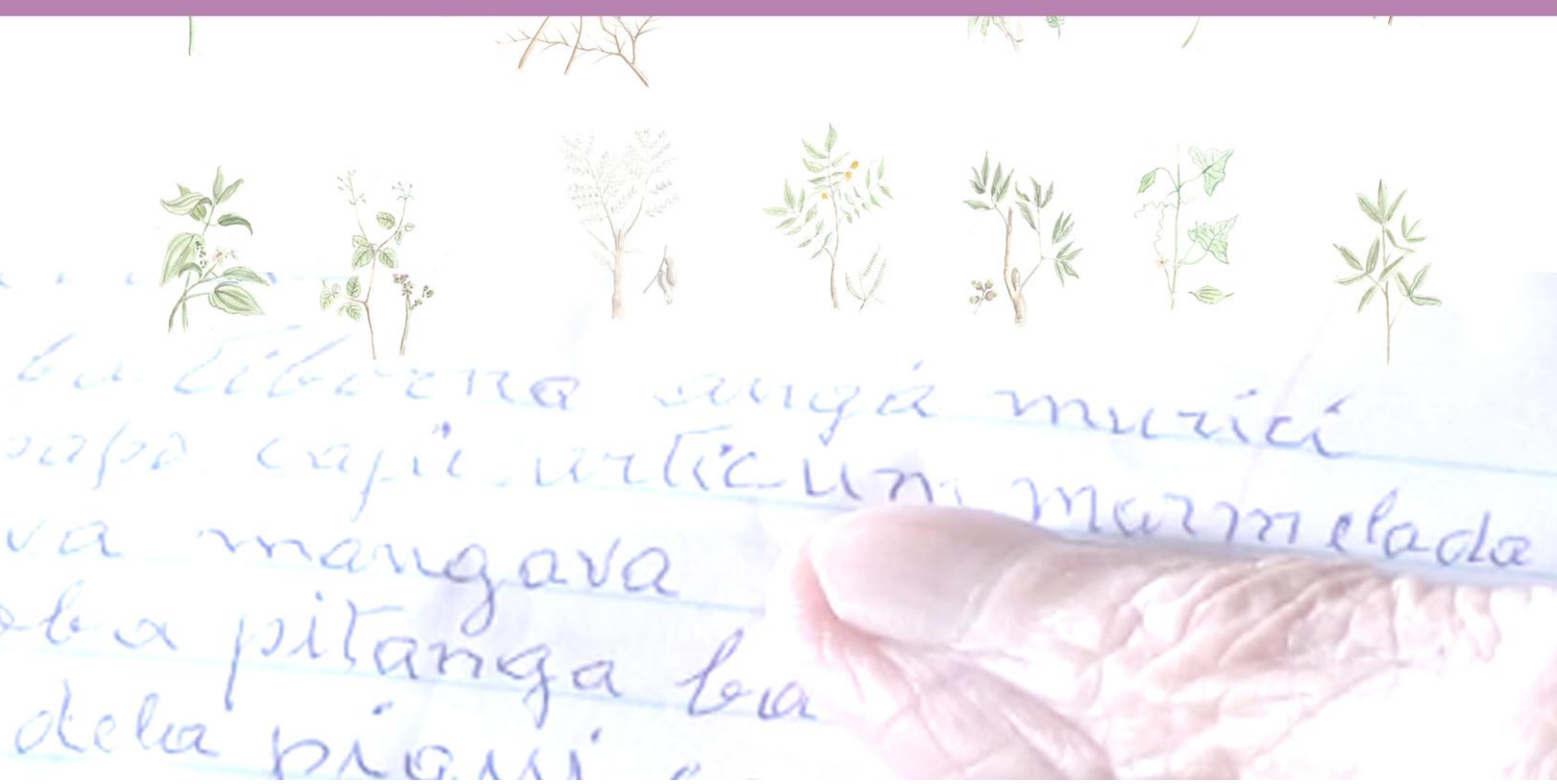




Gabriela Guimarães Jeronimo



DOS SABERES DA ROÇA: entre plantas, memórias e palavras



GABRIELA GUIMARÃES JERONIMO

DOS SABERES DA ROÇA: entre plantas, memórias e palavras



ARARAQUARA – S.P.
2018

GABRIELA GUIMARÃES JERONIMO

DOS SABERES DA ROÇA: entre plantas, memórias e palavras

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES

Estágio de doutoramento do exterior: PDSE/
CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2018

Jeronimo, Gabriela Guimarães

Dos saberes da roça: entre plantas, memórias e
palavras / Gabriela Guimarães Jeronimo – 2018
354 f.

– Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

1. Léxico. 2. Definição. 3. Processos
Paralexiconográficos. 4. Saberes locais. 5. Plantas
(sudeste de Goiás). I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELA GUIMARÃES JERONIMO

DOS SABERES DA ROÇA: entre plantas, memórias e palavras

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES

Estágio de doutoramento no exterior: PDSE/ CAPES

Data da defesa: 30/05/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professora Doutora Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – *Campus* Araraquara

Membro Titular:

Professora Doutora Maria Helena de Paula

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Membro Titular:

Professora Doutora Rosane Malusá Peruchi

Tradutora Pública e Intérprete de Língua Francesa, matriculada na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo - JUCESP

Membro Titular:

Professora Doutora Regiani Aparecida Santos Zacarias

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – *Campus* Assis

Membro Titular:

Professor Doutor Odair Luiz Nadin Silva

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – *Campus* Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – *Campus* de Araraquara

ARARAQUARA – S.P.

2018

*Àquelas e àqueles
que, pelos labirintos do poder, resistem e subvertem como flores do pântano.*

AGRADECIMENTOS

Toda a minha vida escolar foi no ensino público. Aos dezessete anos, entrei na Universidade para fazer graduação em Letras e, dez anos depois, chego ao final do doutorado. A primeira pessoa da minha família a receber um título como esse será uma mulher, brasileira, do interior de Goiás, filha de Maria Dolizete Guimarães Jeronimo, Agente Comunitária de Saúde, e de Liano Jeronimo, Mestre de Obras. Meus pais!!!

Agradeço aos dois por terem trabalhado de sol a sol para que eu pudesse estudar e tivesse o meu lugar *à sombra*. Eles sempre souberam que somente por meio dos estudos eu conquistaria um lugar assim. Então, compraram livros para mim e com eles construí as asas que me trouxeram até aqui. Penso que vocês dois não imaginavam que essas asas me levariam tão longe; grimpas antes e, ainda hoje, tão altas e inalcançáveis para muitos de nós, principalmente, agora, em tempos tão sombrios de nossa história enquanto povo brasileiro.

Depois dos meus pais, outra pessoa muito importante em minha jornada de estudos é Maria Helena, quem me alfabetizou para o mundo da pesquisa e da vida acadêmica. Agradeço a você por tudo que me ensinou e ensina, mas principalmente, por nunca ter reprimido a minha vontade de ser diferente e por sempre ter respeitado minhas particularidades. Você é uma mulher poderosa.

Através de Maria Helena, conheci minha orientadora, professora Clotilde. Além da sua sábia orientação regada a muito conhecimento, agradeço por ter me recebido como orientanda, pelo acolhimento, pela companhia sempre muito doce e divertida, pela paciência, mas especialmente pelos *puxões de orelha* sempre necessários e pontuais. Tenho por você profundo respeito, admiração e carinho.

Dos presentes que recebi da vida durante este período de doutorado, sem dúvidas, o mais bonito e delicado é o Maurício. Ele me chegou, “como quem chega do nada [...] Foi chegando sorrateiro, e antes que eu dissesse não, se instalou feito um posseiro, dentro do meu coração [...]”. Você esteve comigo me apoiando o tempo todo, inclusive, durante a pesquisa de campo, trabalhando com as filmagens e dirigindo o carro, me levando para lá e para cá. E sempre animado, interessado, empolgado com a minha pesquisa. Com você a minha vida ficou mais colorida e o meu coração, finalmente, em paz e feliz... *mimimi*.

Os amores trazem com eles pessoas novas para nossa vida, Maurício trouxe dona Ivone, Ivânia, Maurício Carlos, Neida, Raimundo e Maria Cecília. Obrigada pelo carinho e atenção, por sempre me tratarem tão bem e por todo o apoio e torcida durante esses quatro anos. Em se tratando dessa reta final, agradeço especialmente Ivânia e Erika por terem

preparado para nós a casa de Mosqueiro, que se transformou num lar cheio de cores, aconchego e paz para escrever.

Durante a estadia em Araraquara, ganhei também novos amigos que vão ficar para a vida: Mariana, Carol, Fernando, Rosário, Zé, Rafael, Morgana. Agradeço a vocês pelo companheirismo, pela sinceridade e, principalmente, por estarem disponíveis, por quererem nossa amizade. Os cafés, as barcas, as risadas... vocês deixaram a casinha mais alegre ainda. E sempre farão falta! Levo vocês em meu coração. Agradeço igualmente aos velhos amigos que seguem comigo há anos: Renan, Rayne, Lidianne, Beatriz e Haminie. Obrigada pela cumplicidade, por respeitarem a minha ausência nesse momento, por me desejarem bem. E por estarem também nos cafés, nas barcas e nas risadas. Todos vocês contribuíram com meu trabalho, seja com apoio emocional, escutando minhas lamúrias, me aconselhando, me confortando ou pontualmente me ajudando com as normas de formatação da tese, nomes científicos e outras dúvidas (Carol); pintando desenhos lindos que abrilhantaram a minha tese (Fernando); conversando sobre lexicografia, toponímia e afins (Rayne). Obrigada a todos pela reciprocidade. Vocês são amigas e amigos maravilhosos!

Sobre outra importante contribuição, agradeço especialmente minha mãe que esteve comigo desde a época das *tarefas de casa* e os *trabalhos de escola* até agora no doutorado. A senhora abriu mão de muito da sua vida para cuidar da Fernanda e de mim. Você sempre será a mulher da minha vida. Obrigada especialmente por ter feito toda a articulação da minha pesquisa de campo, contactando os outros mediadores que me guiaram durante as entrevistas e por ter me levado às senhoras e aos senhores que entrevistei em Ipameri-Goiás, cidade onde nasci e morei até os meus dezenove anos de idade. Aos demais mediadores – Aparecida Simplício Guimarães e José de Fátima Guimarães, Mayara Almeida, Maria Helena de Paula, Padre Emerson Simplício, Stephanie Manrhara Borges Santana, Walmira Borges Santana, Deusdete Santana, Vania Maria Borges Fernandes, Cláudia de Fátima França de Souza e Cleuza Aparecida Fagundes Vaz, Zélio Estrela Vaz – muito obrigada pela recepção em suas casas e pela disponibilidade e boa vontade em ajudar. Isso é coisa rara.

Agradeço a Fernanda, minha irmã querida, o amor que compartilhamos e nutrimos independente da obrigação dos laços de sangue. Obrigada por ser minha amiga, por torcer e se orgulhar de mim. Eu também tenho muito orgulho de você. Em se tratando da tese, agradeço a você, Fernanda bióloga, a ajuda com os nomes científicos que tive que acrescentar ao trabalho para versão final. A sua participação foi imprescindível, além de ter sido muito interessante ver nossas áreas (Biologia e Linguística) se encontrando. Aproveito para agradecer ao Marco, quem te auxiliou nessa tarefa, sempre muito prestativo.

Quanto às contribuições teóricas no decorrer dessa jornada, agradeço ao professor doutor Odair Nadin as contribuições durante a banca de qualificação e defesa; às professoras doutoras Regiani Zacarias, Rosane Peruchi e Maria Helena de Paula as contribuições na banca de defesa; à professora doutora Maria do Rosário Gregolin que, além das contribuições na qualificação, me recebeu em suas aulas para estágio docência, foi a primeira pessoa a me oferecer a oportunidade de avaliar trabalhos de TCC e me incluir em seu grupo de pesquisa (GEADA) sem que eu pedisse e sem solicitar qualquer recomendação, você simplesmente abriu as portas; à professora doutora Ivânia Neves as aulas de Antropologia e Antropologia Linguística; ao professor doutor Nilton Milanez por *dar de ombros* para as hierarquias e não olhar para os discentes de cima e, assim, ter convidado Maurício, Thiago e eu para coordenarmos, junto com você, um evento tão especial, onde aprendemos muito; à professora doutora Myriam Benarroch que supervisionou minha pesquisa durante o estágio de doutoramento no exterior (sanduíche), na *Université Paris-Sorbonne – Paris IV* e à professora doutora Aparecida Negri Isquerdo a mediação do nosso contato quando estive na França; à *professeur* Clarissa, querida amiga e professora de francês, que esteve conosco antes, durante e após o estágio em Paris, quem nos acompanhou durante todo o processo, nos preparando e socorrendo sempre que precisamos. *Merci beaucoup pour tout, ma chérie!!!*

Inclusive, o doutorado-sanduíche, além da experiência acadêmica e cultural, trouxe novos encontros e reencontros de amizade: Luzmara (o que você fez por nós foi algo tão raro que eu nem sei como nomear. Obrigada por ter me mostrado o lado mais bonito do ser humano), Suzete e Jean Jacques (a acolhida, o aconchego e os projetos futuros), Maysa (a amizade sincera e peculiar que construímos), Carlos (as conversas divertidas) e Érico (a ajuda com a documentação do visto e a companhia nas aulas do professor Dubois).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Eu fui bolsista durante toda essa trajetória. Na graduação, fui monitora, bolsista permanência e PIBIC/CNPq; no mestrado, bolsista FAPEG e, no doutorado, bolsista CAPES e PNPD/CAPES. Eu não teria condições de ter custeado e mantido meus estudos se não fosse o investimento destinado à educação nos últimos anos. Por isso, agradeço ao povo brasileiro que paga seus impostos honestamente, com o suor do seu trabalho, pois é desse dinheiro que são destinadas as verbas para educação. Agradeço também o Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, o pessoal da secretaria (sempre muito solícitos) e o pessoal da biblioteca.

Os alicerces dessa pesquisa, antes de qualquer teoria, são os homens e mulheres que deram o tom para esse trabalho. Escolhi terminar falando deles, porque são o fim de tudo, no

sentido de finalidade, de horizonte. Vocês não fazem parte desse trabalho, pelo contrário, são autores dele também. Suas histórias são parte do que sou agora e permanecerão entranhadas em minha memória, nas fraturas que compartilhamos, onde habitamos. Juntos colheremos os frutos dessa narrativa construída por muitas mãos e palavras.

*Vim aqui só pra dizer
Ninguém há de me calar
Se alguém tem que morrer
Que seja pra melhorar
Tanta vida pra viver
Tanta vida a se acabar
Com tanto pra se fazer
Com tanto pra se salvar
Você que não me entendeu
Não perde por esperar
Geraldo Vandré (1979).*

JERONIMO, Gabriela Guimarães. *Dos saberes da roça: entre plantas, memórias e palavras*. 2018. 354 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

RESUMO

O conceito de definição, bem como a relação entre as palavras e as coisas são temas discutidos há bastante tempo e, ainda assim, não são assuntos completamente esgotados entre os teóricos que dedicam-se a estudá-los. A partir da Lexicologia e sua interface com outros campos do saber, em especial, a Lexicografia, a Antropologia, a História e a Sociologia, propomo-nos realizar uma pesquisa cujo objeto de investigação são tipos peculiares de definição empregados oralmente pelos falantes ao descreverem elementos da flora. Para constituição do *corpus* oral foi necessário, primeiro, a realização da pesquisa de campo que ocorreu em sete municípios localizados na região sudeste do estado de Goiás. Entrevistamos duas mulheres e dois homens em cada lugar, somando um total de vinte e oito pessoas, a maioria com idade acima de sessenta anos. Além de pertencerem, praticamente, à mesma geração, outro ponto que têm em comum é o fato de suas histórias de vida estarem atravessadas pela relação com o campo antes e depois do êxodo rural que, nas terras goianas, iniciou-se em 1980. Nosso objetivo principal é analisar os procedimentos linguísticos utilizados pelas senhoras e senhores na constituição das definições referentes às plantas da região. Mais especificamente, este trabalho se propõe: i) comparar as definições realizadas pelos nossos interlocutores àquelas registradas no banco de dados do *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB) que é constituído pelos mais variados textos e documentos; ii) discutir a relação entre léxico, cultura e sociedade a partir do *corpus* de pesquisa; iii) apontar diferenças entre os saberes dos entrevistados e o saber basilar das definições registradas no banco de dados do DHPB com datação localizada desde o século XVI até o XVIII, e o primeiro decênio do XIX; iv) propor uma tipologia definicional que atenda às particularidades do *corpus* oral. O *corpus* está organizado com base na proposta do *Begriffssystem* (HALLIG; WARTBURG, 1963), em que a sequência de aparição das unidades lexicais está pautada na lógica do falante, isto é, a relação dos sujeitos da pesquisa com as plantas é quem define a ordem em que as unidades lexicais estão dispostas e não a alfabética. Quanto os procedimentos de análise, fizemos a comparação entre as definições extraídas do banco de dados do DHPB e àquelas retiradas do *corpus oral* transcrito, onde observamos as semelhanças no uso dos elementos paralexiconográficos que introduzem os processos de descrição; separadamente, analisamos algumas das unidades léxicas que não se encontram registradas no banco de dados, no intuito de apreender as particularidades e subjetividades envolvidas na construção das definições formuladas por nossos interlocutores, entendendo-as enquanto lugar onde se materializam os saberes e as memórias dos falantes que, linguisticamente, as formulam. Por fim, embasados pelas discussões teóricas que trouxemos, ao longo desse trabalho, especialmente, Biderman (1984), Blinkstein (1938), Certeau (1998), Geertz (1997, 2008, 2009), Martin (1988), Mignolo (2003), Murakawa (2005, 2014, 2016), Paula (2007), Pollak (1889), Rey-Debove (1984), Rey (1988), propomos uma tipologia definicional que possa abarcar esses casos peculiares que chamamos de *definição liminar*.

Palavras-chave: Léxico. Definição. Processos Paralexiconográficos. Saberes locais. Plantas. Sudeste goiano.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. *Des savoirs de la campagne* : parmi les plantes, les mémoires et les mots. 2018. 354 f. Thèse de doctorat (Doctorat en Linguistique et Langue Portugaise) – Faculté des Sciences et des Lettres, Université Estadual Paulista « Júlio Mesquita Filho », Araraquara-SP, 2018.

RÉSUMÉ

Le concept de définition, ainsi que la relation entre les mots et les choses sont des thèmes discutés depuis longtemps, et ne sont pas encore complètement épuisés parmi les théoriciens qui se consacrent à les étudier. À partir de la Lexicologie et de son interface avec d'autres domaines du savoir, en particulier, la Lexicographie, l'Anthropologie, l'Histoire et la Sociologie, nous proposons de mener une recherche dont les objets d'enquête sont des types particuliers de définition employés oralement par les locuteurs au fur et à mesure qu'ils décrivent les éléments de la flore. Pour la constitution du *corpus* oral, il a fallu, d'abord, mener des recherches sur le terrain dans sept municipalités situées dans la région sud-est de l'État de Goiás. Nous avons interviewé deux femmes et deux hommes dans chaque localité, représentant le total de vingt-huit personnes, la majorité âgée de plus de soixante ans. En plus d'appartenir, quasiment, à la même génération, un autre point commun est le fait que leur histoire de vie est traversée par la relation avec la campagne avant et après l'exode rural qui a commencé dans les terres de Goiás en 1980. Notre objectif principal est d'analyser les procédures linguistiques utilisées par les dames et messieurs dans la constitution des définitions qui font référence aux plantes de la région. Plus précisément, ce travail propose : i) de comparer les définitions faites par nos interlocuteurs avec celles enregistrées dans la base de données du *Dictionnaire Historique du Brésil* (DHPB), qui se compose des textes et des documents les plus variés ; ii) discuter de la relation entre le lexique, la culture et la société à partir du corpus de recherche ; iii) souligner les différences entre les savoirs des personnes interviewées et le savoir basilaire des définitions enregistrées dans la base de données de la DHPB datée du XVI^e au XVIII^e siècle, et de la première décennie du XIX^e siècle ; iv) proposer une typologie définitionnelle qui réponde aux particularités du *corpus* oral. Le *corpus* est organisé sur la base de la proposition *Begriffssystem* (HALLIG ; WARTBURG, 1963), dans laquelle la séquence d'apparition des unités lexicales est basée sur la logique du locuteur, c'est-à-dire, la relation des sujets de la recherche avec les plantes est ce qui définit l'ordre dans lequel les unités lexicales sont disposées et non celle alphabétique. Quant aux procédures d'analyse, nous avons fait la comparaison entre les définitions extraites de la base de données du DHPB et celles extraites du *corpus oral* transcrit, où nous avons observé les similitudes dans l'utilisation des éléments paralexigraphiques qui introduisent les processus de description ; séparément, nous avons analysé certaines des unités lexicales qui ne sont pas enregistrées dans la base de données, afin de saisir les particularités et les subjectivités impliquées dans la construction des définitions formulées par nos interlocuteurs, les comprenant en tant que lieu où se matérialisent les savoirs et les mémoires des locuteurs qui, linguistiquement, les formulent. Enfin, sur la base des discussions théoriques que nous avons menées, notamment, Biderman (1984), Blinkstein (1938), Certeau (1998), Geertz (1997, 2008, 2009), Martin (1988), Mignolo, (2003), Murakawa (2005, 2014, 2016), Paula (2007), Pollak (1889), Rey-Debove (1984), Rey (1988), nous proposons une typologie définitionnelle qui puisse embrasser ces cas particuliers que nous appelons la « *définition de seuil* ».

Mots-clés : Lexique. Définition. Processus Paralexigraphiques. Savoirs locaux. Plantes. Sud-est de Goiás.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. *Of the knowledge of the garden: between plants, memories and words*. 2018. 354 f. Thesis (Doctorate in Linguistics and Portuguese Language) - Faculty of Sciences and Letters, Universidade Estadual Paulista. Araraquara-SP, 2018.

ABSTRACT

The concept of definition, as well as the relationship between words and things represent themes that have long been discussed, yet they are not completely exhausted among the theorists who devote themselves to studying them. From Lexicology and its interface with other fields of knowledge, in particular, Lexicography, Anthropology, History and Sociology, we propose to carry out a research whose object of investigation are peculiar types of definition used orally by the speakers in describing elements of the flora. For constitution of the oral corpus was necessary, first, the realization of field research that occurred in seven municipalities located in the southeast region of the state of Goiás. We interviewed two women and two men in each place, totaling twenty-eight people, most of them over the age of sixty. Besides belonging, practically, to the same generation, Another point they have in common is that their life histories are crossed by the relationship with the countryside before and after the rural exodus that began in the lands of Goiás in 1980. Our main objective is to analyze the linguistic procedures used by the mistress and mister in the constitution of the definitions concerning the plants of the region. More specifically, this paper proposes: i) compare the definitions made by our interlocutors with those registered in the database of the Brazilian Historical Dictionary (DHPB), which consists of the most varied texts and documents; ii) discuss the relationship between lexicon, culture and society from the research corpus; iii) point out differences between the interviewees' knowledge and the basilar knowledge of the definitions recorded in the DHPB database with dating located from the sixteenth to the eighteenth century, and the first decade of the nineteenth century; iv) propose a definitive typology that meets the particularities of the oral corpus. The corpus is organized based on the Begriffssystem proposal (HALLIG; WARTBURG, 1963), in which the sequence of appearance of the lexical units is based on the logic of the speaker, that is, the relation of the subjects of the research with the plants is who defines the order in which the lexical units are arranged and not the alphabetical one. Regarding the procedures of analysis, we compared the definitions extracted from the DHPB database and those extracted from the transcribed oral corpus, where we observe the similarities in the use of the paralexigraphic elements that introduce the processes of description; separately, we analyze some of the lexical units that are not registered in the database, in order to apprehend the particularities and subjectivities involved in the construction of the definitions formulated by our interlocutors, understanding them as a place where the knowledge and memories of the speakers that linguistically formulate them materialize. Finally, based on the theoretical discussions that we have brought along this work, specially, Biderman (1984), Blinkstein (1938), Certeau (1998), Geertz (1997, 2008, 2009), Martin (1988), Mignolo , Murakawa (2005, 2014, 2016), Paula (2007), Pollak (1889), Rey-Debove (1984), Rey (1988), propose a definitional typology that can cover these peculiar cases that we call the liminal definition.

Keywords: Lexicon. Definition. Paralexigraphical processes. Local knowledge. Plants. Southeast of Goiás.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES BOTÂNICAS

Ilustração 1	Barbatimão	169
Ilustração 2	Erva-de-santa-maria	174
Ilustração 3	Erva-tostão	177
Ilustração 4	Fedegoso	183
Ilustração 5	Jaborandi-tremedor	187
Ilustração 6	Jatobá	191
Ilustração 7	Mamona	194
Ilustração 8	Milome	198
Ilustração 9	Orelha-de-onça	200
Ilustração 10	Sassafrás	202
Ilustração 11	Aroeirinha	205
Ilustração 12	Buchinha	208
Ilustração 13	Espinho-de-agulha	211
Ilustração 14	Sangra d'água	214
Ilustração 15	Verga-tesa	217

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da região sudeste (estrada de ferro)	42
Figura 2	Tabela com informações sobre os municípios do sudeste goiano	44
Figura 3	Café moído e peneiras	64
Figura 4	Garrafada e quebra-pedra	66
Figura 5	Arnica	68
Figura 6	Horta	70
Figura 7	Horta de couve	72
Figura 8	Guiné	75
Figura 9	Sabugueiro	77
Figura 10	Elevante	79
Figura 11	Alfavaca	81
Figura 12	Árvores e coqueiros	83
Figura 13	Livro <i>As plantas que curam</i>	85
Figura 14	Tanchagem	86
Figura 15	Raízes para garrafada	88
Figura 16	Anotações	90
Figura 17	Urucum	93
Figura 18	Semente de ipu	95
Figura 19	Fotografia antiga	97
Figura 20	Explicando o engessamento	99
Figura 21	Explicando como curar pneumonia	102
Figura 22	Alho-de-todo-ano e fumo de rolo	104
Figura 23	Horta de cebolinhas	107
Figura 24	Fogão à lenha	108
Figura 25	Colcha de algodão e tingimento com plantas	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Plantas medicinais	161
Quadro 2	Plantas venenosas, abortivas, cortantes e urticantes	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 VIAGEM PELO SUDESTE GOIANO: AS CONDIÇÕES DE ESCUTA	27
1.1 <i>Eu não sou eu, nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio: a briga de galo</i>	28
1.2 As antigas rotas e as histórias que não foram escritas	36
1.2.1. <i>O pensamento liminar e os sujeitos fraturados</i>	48
2 PERCORRENDO AS FRATURAS HISTÓRICAS: OUTRAS NARRATIVAS SOBRE GOIÁS	57
2.1 Transcrevendo o <i>corpus</i>	58
2.2 Escrevendo histórias contadas	63
2.2.1. Ipameri-Goiás.....	64
2.2.2. Campo Alegre-Goiás.....	72
2.2.3. Goiandira-Goiás.....	79
2.2.4. Cumari-Goiás.....	85
2.2.5. Anhanguera-Goiás.....	93
2.2.6. Corumbaíba-Goiás.....	102
2.2.7. Orizona-Goiás.....	108
3 A TERCEIRA MARGEM DA PALAVRA: O LADO DE LÁ	112
3.1 Pela travessia: as palavras e as coisas	113
3.1.1 A construção de uma definição e suas peculiaridades	124
4 ENTRE O VENENO E A CURA: O UNIVERSO DAS PLANTAS	139
4.1 Apresentando o universo das plantas	141
4.2 Pelas intersecções históricas: uma análise comparativa	159
4.2.1 Das especificidades do <i>corpus</i>	203
4.2.2 Pensando a <i>definição liminar</i>	218
CONSIDERAÇÕES FINAIS	221

REFERÊNCIAS	226
APÊNDICES	231
APÊNDICE A – <i>CORPUS</i> ORAL TRANSCRITO	232
ANEXOS	349
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	350
ANEXO B – TCLE	352
ANEXO C – CERTIFICADO DO ESGÁGIO DE DOUTORAMENTO NO EXTERIOR	354

INTRODUÇÃO

Os *saberes da roça*, que ainda resistem e se reinventam pelos cantos mais recônditos do Brasil profundo – poetizado por Cora Coralina, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, dentre vários outros escritores cujo olhar esteve voltado para os interiores do país –, guiaram nossos passos durante a busca por um *modus definiendi* muito específico; encontrado através de muitas andanças pelo sudeste de Goiás, no falar de goianas e goianos que persistem vivendo entre *plantas, memórias e palavras*.

Esse modo de definir é embebido de *saberes locais*. Saberes que, além de estarem presentes na vida cotidiana desses sujeitos e na nossa história enquanto povo brasileiro, constituem também o *corpus* dessa pesquisa.

Antes de prosseguirmos, entendemos que é importante, logo de início, explicarmos os motivos pelos quais não iremos utilizar o termo *informante* para nos referirmos às pessoas que entrevistamos, uma vez que faremos referência a elas durante todo o texto. Na Antropologia, no início dos seus estudos, assim como em várias outras áreas, essa era a dominação usada, mas após reflexões dentro da Linguística:

[...] ficou entendido que o diálogo entre sujeito e objeto é um diálogo entre dois sujeitos. E esse diálogo não é simplesmente uma troca de informações objetivas, mas carrega conteúdos, significantes e significados muitas vezes despercebidos ao nível da consciência pelos sujeitos, além de representar aspectos de poder de um sobre o outro. Assim, as noções de informação e de informante não traduzem todo o significado possível daquilo que se chama de diálogo. Ao contrário, reificam ou objetivizam uma relação que tem muito de subjetiva e é muito mais profunda e complexa. [...] Assim, a suposta troca de dados objetivos é um contínuo diálogo de subjetividades que não são representativas tão somente dos sujeitos em pauta, mas daquilo que eles representam naquele momento, especialmente de suas culturas [...] (GOMES, 2014, p. 66-67).

Dessa forma, optamos pelas expressões: *sujeitos da pesquisa, interlocutores, senhores e senhoras, entrevistados, narradores* dentre outros (para evitar repetições no texto).

Temos trilhado por esses caminhos desde o ano de 2010, quando cursávamos a disciplina *Linguística Antropológica*¹. As discussões giravam em torno da formação da língua portuguesa falada no Brasil e da grande diversidade cultural e linguística resultante desse processo, bem como do enraizamento e desenraizamento das manifestações culturais e dos falares específicos de um grupo.

¹ Disciplina ofertada pelo Curso de Graduação em Letras – Licenciatura Português, da Universidade Federal de Goiás – *Campus* Catalão, ministrada pela professora Aline do Nascimento Duarte. Recentemente, a denominação foi alterada para Regional Catalão, mas resolvemos manter escrito como o era na época.

Este interesse inicial pôde tornar-se mais consistente durante a realização do projeto “*Caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva de Guimarães Rosa em Primeiras Estórias*”² (PIBIC-CNPq). Através da análise dos neologismos roseanos presentes na referida obra, discutimos sobre teoria lexical, compreendendo as criações do escritor enquanto repositórios da tradição e da cultura mineiras, especialmente, do homem do campo, o que vai ao encontro daquelas relatadas pelos nossos interlocutores.

Além disso, devido esta motivação em continuar com os estudos do léxico em uma perspectiva cultural, desenvolvemos a pesquisa de mestrado³ intitulada *As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos: o vocabulário do garimpo no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981)*, tendo como objeto de investigação o vocabulário utilizado no garimpo artesanal de diamantes, no município de Três Ranchos-Goiás, quando tivemos a experiência de trabalhar com *corpus* oral, por meio de entrevistas feitas durante pesquisa de campo. Nesse estudo, fizemos as análises a partir da teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu (1977) e Horst Geckeler (1976), considerando a relação entre língua e cultura. Analisamos também o grau de motivação presente nas unidades lexicais pertencentes ao léxico do garimpo artesanal de diamantes.

Esse percurso nos trouxe ao encontro da atual pesquisa intitulada *Dos saberes da roça: entre plantas, memórias e palavras*, cujo objeto de investigação são tipos peculiares de definição empregados pelos nossos entrevistados ao descreverem elementos da flora. Dessa forma, o nosso objetivo principal é analisar os procedimentos linguísticos utilizados pelas senhoras e senhores na constituição das definições referentes às plantas da região. Mais especificamente, este trabalho se propõe: i) comparar as definições realizadas pelos nossos interlocutores àquelas registradas no banco de dados do *Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB)* que é constituído pelos mais variados textos e documentos; ii) discutir a relação entre léxico, cultura e sociedade a partir do *corpus* de pesquisa; iii) apontar diferenças entre os saberes dos entrevistados e o saber basilar das definições registradas no banco de dados do DHPB com datação localizada desde o século XVI até o XVIII, e o primeiro decênio do XIX; iv) propor uma tipologia definicional que atenda às particularidades do *corpus* oral.

Todo o nosso percorrer pelas estradas goianas, em que vimos uma paisagem que denuncia o desmatamento do cerrado para dar lugar às grandes plantações, está alicerçado na seguinte hipótese: os processos definicionais dos quais se valem os nossos interlocutores

² Sob orientação da professora doutora Maria Helena de Paula.

³ Mestrado em Estudos da Linguagem – PMEL, departamento do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, sob orientação da professora doutora Maria Helena de Paula.

muito se assemelham àqueles encontrados nas descrições registradas nos textos do banco de dados do DHPB e, ao mesmo tempo, se constituem enquanto materialidade dos saberes e das identidades de mulheres e homens, cuja história não faz parte dos registros oficiais.

A respeito da constituição do *corpus*, bem como dos procedimentos de análise, o projeto inicial passou por inúmeras modificações e recortes necessários para o andamento do trabalho. O primeiro recorte (temático) ocorreu quando, diante da proporção que o *corpus* poderia tomar, em contrapartida com o tempo para realizar a pesquisa, optamos por tratar apenas da flora, ao contrário do previsto no projeto inicial, onde pretendíamos nos ocupar também da fauna.

A escolha pela flora se deu pelo nosso interesse nas plantas de uso medicinal que, de certo modo, está atravessado pelas vivências de infância e cotidianas, quando em meio às crises de bronquite, os remédios caseiros (garrafadas feitas com as mais diversas raízes; as xaropadas feitas do *umbigo da banana* coberto com açúcar e exposto ao sereno de um dia para o outro; da mistura de beterraba com mel colocada em um recipiente e enterrada por nove dias para se cumprir a simpatia; da calda da fervura do coco de macaúba; o mel com açafraão e os chás feitos dos mais variados tipos de ervas) foram uma tentativa de cura definitiva, pois os medicamentos adquiridos nas farmácias garantiam-na apenas temporariamente.

O segundo recorte (diatópico) foi relativo à pesquisa de campo. Como já dito, nosso *corpus* de pesquisa constitui-se a partir das *lembranças de velhos* (BOSI, 1994). A região escolhida como campo de pesquisa é o sudeste goiano, formado por vinte e dois municípios.

Num primeiro momento, a intenção era selecionar onze municípios e, em cada um deles, entrevistarmos duas pessoas. No entanto, vimos que seria mais produtivo reduzir o número de municípios e aumentar a quantidade de entrevistas. Dessa forma, o nosso campo ficou assim definido: sete municípios, quatro pessoas em cada (dois homens e duas mulheres em cada), somando um total de vinte e oito interlocutores. Aqui, temos um terceiro recorte (diastrático), em que conversamos apenas com pessoas com idade acima de sessenta anos de idade, com pouca ou nenhuma escolaridade.

Após a autorização do comitê de ética, em 16 de março de 2015, realizamos as entrevistas no segundo semestre daquele mesmo ano, especificamente nos meses de julho e agosto. As viagens foram feitas em duas etapas: na primeira, fomos aos municípios de Ipameri, Campo Alegre e Goiandira; na segunda, em Cumari, Anhanguera, Corumbaíba e Orizona.

Tínhamos como propósito abranger boa parte da flora dessa região, durante as entrevistas conversamos sobre os mais variados tipos de plantas e o universo a elas envolvido (desde o tipo de solo às simpatias e superstições). Apenas quando selecionamos todas as unidades lexicais que dariam vida ao *corpus*, foi possível fazer um quarto recorte.

Nosso critério de seleção foi de ordem quantitativa, selecionamos o campo lexical mais produtivo, ou seja, com o maior número de unidades léxicas: o grupo das *plantas medicinais*, que é o mais numeroso porque, como nos explicou um dos narradores, praticamente todas as plantas possuem, em maior ou menor grau, uma função medicinal. Outro aspecto muito comum é a recorrência dos casos de determinadas plantas de poder curativo oferecerem também algum tipo de risco, isto é, se transformar em veneno. Em virtude dessa estreita relação, somamos às nossas análises o campo das *plantas venenosas*, *abortivas*, *cortantes e urticantes*.

Através desse processo de lapidação, chegamos ao presente trabalho organizado em quatro capítulos e suas respectivas subdivisões.

O primeiro capítulo *Viagem pelo sudeste goiano: as condições de escuta* está organizado em dois tópicos: *Eu não sou eu, nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio: a briga de galo* (1.1), momento onde descrevemos e problematizamos as questões envolvidas na pesquisa de campo, baseando-nos no pensamento de Geertz (1997, 2008, 2009). *As antigas rotas e as histórias que não foram escritas* (1.2), apresentamos a história de Goiás, dando uma atenção maior à região sudeste, por um viés não hegemônico, isto é, não partimos dos registros oficiais, mas das históricas que tiveram seus autores e autoras silenciados. Para isto, norteamo-nos no trabalho de Paula (2007) e, no subtópico *O pensamento liminar e os sujeitos fraturados* (1.2.1), aprofundamos as reflexões sobre o lugar de fala e as identidades dos sujeitos da pesquisa, a partir de três conceitos, em certa medida, complementares: *pensamento liminar* (MIGNOLO, 2003), *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1889) e *cultura popular* (CERTEAU, 1998).

Essa discussão nos leva ao segundo capítulo, *Percorrendo as fraturas históricas: outras narrativas sobre Goiás*. No tópico *Transcrevendo o corpus* (2.1) apresentamos a metodologia adotada para a transcrição do *corpus* e, em *Escrevendo histórias contadas* (2.2), dividido em subtópicos (organizados na ordem⁴ de realização da pesquisa de campo), apresentamos os sujeitos da pesquisa, mesclando propositadamente a nossa escrita com

⁴ 2.2.1 Ipameri-Goiás; 2.2.2 Campo Alegre-Goiás; 2.2.3 Goiandira-Goiás; 2.2.4 Cumari-Goiás; 2.2.5 Anhanguera-Goiás; 2.2.6 Corumbaíba-Goiás; 2.2.7 Orizona-Goiás.

trechos transcritos das suas falas, como uma estratégia que consiste numa *arte de fazer* de onde vai emergir o *pensamento liminar* abordado no primeiro capítulo.

Construída a base histórica de nosso trabalho, adentramos na dimensão linguística que também alicerça o presente estudo. No terceiro capítulo *A terceira margem da palavra: o lado de lá* trazemos as teorias linguísticas que nortearam o nosso olhar sobre o *corpus* e suas particularidades. Dessa forma, no primeiro tópico, *Pela travessia: as palavras e as coisas* (3.1), discutimos inicialmente sobre a relação entre o nome e aquilo que é nomeado, porque as definições produzidas pelas senhoras e senhores que entrevistamos trazem fortemente essa relação. Para tal, pautamo-nos principalmente em Rey (1988), Blinkstein (1938) e Murakawa (2016). Posteriormente, direcionamos nosso foco para o conceito de definição à luz dos estudos de Rey-Debove (1984), Biderman (1984a), Murakawa (2014) e Weinrich (1979).

No segundo tópico, *A construção de uma definição e suas peculiaridades* (3.1.1), voltamos nossas atenções para pensar nos processos definicionais do nosso *corpus*, pois como não se tratam de definições lexicográficas, foi necessário construir teoricamente uma tipologia própria para denominar as descrições dessa natureza, porque são produzidas oralmente, por falantes de uma *norma popular* (LUCCHESI, 2008, p. 33), cujos saberes são invisibilizados na sociedade, pensando num contexto hegemônico. Discutimos, assim, as teorias de Murakawa (2005, 2016), Martin (1988) e Hallig e Wartburg (1963), desses últimos nos servimos também na organização do *corpus*, a partir da metodologia proposta para o sistema racional de conceitos ou *Begriffssystem*.

Dessa forma, no quarto e último capítulo intitulado *Entre o veneno e a cura: o universo das plantas*, precisamente em *Apresentando o universo das plantas* (4.1), trazemos o nosso *corpus* organizado com base na proposta do *Begriffssystem*, em que a sequência de aparição das unidades lexicais está pautada na lógica do falante, isto é, a relação dos sujeitos da pesquisa com as plantas é o que define a ordem em que as unidades lexicais estão dispostas e não a alfabética.

É importante lembrar que mesmo após o quarto recorte sobre o qual explanamos *ad supra* foi necessário que houvesse mais um, porque não seria viável analisarmos todas as unidades que compõem o campo das *plantas medicinais*, somado ao das *plantas venenosas*, *abortivas*, *cortantes e urticantes*.

Assim, na seção *Pelas intersecções históricas: uma análise comparativa* (4.2), fizemos as análises de dez itens léxicos (cinco unidades pertencentes ao grupo de mais frequência no *corpus* transcrito e cinco com apenas uma ocorrência) comparando-os aos excertos do banco de dados do DHPB. Separadamente, em *Das especificidades do corpus*

(4.2.1), analisamos mais cinco unidades léxicas, desta vez, optando por aquelas que não se encontram registradas no banco de dados do DHPB. Na seção *Pensando a definição liminar* (4.2.2), encerramos o capítulo retomando os principais pontos das análises e apresentamos o conceito de *definição liminar*, pensado a partir da Lexicologia e suas interfaces.

Iniciemos, assim, justamente por esses diálogos sempre possíveis entre as mais diversas áreas do saber, para refletirmos sobre a nossa viagem pelo sudeste goiano.

VIAGEM PELO SUDESTE GOIANO: AS CONDIÇÕES DE ESCUTA

*Abacateiro acataremos teu ato
Nós também somos do mato como o pato e o leão
Aguardaremos, brincaremos no regato
Até que nos tragam frutos teu amor, teu coração
Abacateiro teu recolhimento é justamente
O significado da palavra temporã
Enquanto o tempo não trouxer teu abacate
Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão
Abacateiro sabes ao que estou me referindo
Porque todo tamarindo tem o seu agosto azedo
Cedo, antes que o janeiro doce manga venha ser também
Abacateiro serás meu parceiro solitário
Nesse itinerário da leveza pelo ar
Abacateiro saiba que na refazenda
Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar
Refazendo tudo
Refazenda
Refazenda toda
Guariroba Gilberto Gil (1975).*

A Lexicologia, como outras áreas da Linguística e, podemos dizer, das ciências humanas, possui um caráter interdisciplinar. O grau de intensidade em que esse diálogo irá se estabelecer não dependerá apenas das interfaces teóricas, mas igualmente da abertura por parte do próprio pesquisador para beber em outras fontes e deixar que seu olhar seja atravessado por outros olhares. Fazer este movimento permitiu que enxergássemos nosso *corpus* e suas particularidades de maneira mais profunda.

Há que se considerar também que produzir um estudo de língua, especialmente em seu nível lexical, exige que reconheçamos que uma teoria/campo do saber não pode e nem precisa responder a todas as questões que emergem das reflexões em torno do objeto de pesquisa. Quando associamos isto à coleta de dados feita *in loco*, ou seja, por meio da pesquisa de campo, a necessidade de buscarmos em outros lugares algumas respostas e até mesmo outros questionamentos tornou-se imprescindível.

É por essa razão que a descrição sobre a nossa *viagem pelo sudeste goiano*, bem como sobre o modo como criamos as *condições de escuta* – para que pudéssemos ter acesso à história dos senhores e senhoras que entrevistamos, logo, daquela região – foi pensada a partir da interface entre Lexicologia, Antropologia, História⁵, Sociologia/Sociologia rural, além de outras áreas, como Semântica, Lexicografia e Semiótica⁶.

Conhecer a história desses sujeitos é, ao mesmo tempo, conhecer a história da região que constitui nosso campo de pesquisa e, conseqüentemente, compreender o percurso que fizemos antes, durante e posteriormente à realização da pesquisa de campo e a complexidade que envolve o que Geertz (2009) chama de *estar lá e estar aqui*.

Dessa forma, as reflexões que engendram-se das vivências resultantes da pesquisa de campo não estão dissociadas dos processos definicionais que analisamos, pelo contrário, fazem parte do caminho que percorremos para apreendê-los. Nesse sentido, essas discussões, bem como as de base linguística a respeito do conceito de definição, são o alicerce de nossas análises, pois não se trata de algo à parte, mas igualmente importante e necessário.

1.1 *Eu não sou eu, nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio: a briga de galo*

É com esse verso do poema *O outro*, de Mário de Sá-Carneiro que intitulamos essa seção, em que descrevemos a pesquisa de campo. A razão dessa escolha é porque essa

⁵ Estamos nos referindo à corrente teórica da *Nouvelle histoire* organizada pelos historiógrafos Jacques Le Goff e Pierre Nora, em 1970, que ficou conhecida como a terceira geração da chamada Escola dos *Annales*.

⁶ Especificamente os estudos sobre a questão colonial e geopolítica do conhecimento desenvolvidos por Walter Mignolo

discussão tem seus pilares calcados na relação estabelecida entre o pesquisador (o eu) e os sujeitos da pesquisa (o outro), ao longo do trabalho, ou seja, desde a pesquisa de campo ao processo de escrita e reflexão. Esses dois momentos são denominados por Geertz (2009), respectivamente, *estar lá* e *estar aqui*.

Para o autor, *estar lá* “[...] exige, no mínimo, pouco mais do que uma reserva de passagens e a permissão para desembarcar [...] e o tipo de paciência necessária para sustentar uma busca interminável de agulhas invisíveis em palheiros invisíveis [...]” (GEERTZ, 2009, p. 38-39). No caso deste estudo, há que se considerar também o medo da não aceitação; o constrangimento perante o envergonhar-se do outro (por estar diante de uma “professora de português”); os olhares desconfiados e das indagações sobre o que uma pessoa do meio acadêmico procuraria nesse universo de *saberes locais*; do embaraço no momento de assinarem o documento (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE) exigido pelo Comitê de Ética⁷; do receio constante de serem “denunciados” para algum médico, porque estão ensinando alternativas caseiras para curar doenças; do riso embaraçado ao falar sobre as superstições e costumes da época, por julgarem que seriam informações que não têm importância para alguém que não viveu daquela forma; da tristeza e da revolta no olhar, ao contarem sobre as suas dificuldades e sofrimentos; pela aparente conformidade e até mesmo apreço pelas relações de trabalho de outrora (muitos se mostraram favoráveis aos donos das terras e contra o posicionamento dos *companheiros de lida* que se rebelavam).

Ademais, durante a pesquisa de campo, várias barreiras se puseram entre nós. Diferente de outros trabalhos de campo que exigem o convívio sistemático e participativo (situações em que o estudo é feito com uma comunidade específica), o que fizemos foi fragmentado em sete municípios localizados no sudeste goiano, como explicamos anteriormente, em que deveríamos realizar quatro entrevistas em cada um (dois homens e duas mulheres), exceto em Goiandira e Campo Alegre. No primeiro, porque conseguimos entrevistar apenas três pessoas (duas mulheres e um homem), pois um dos senhores que entrevistamos, pelo avançado da idade, não se recordava de muita coisa e acabamos não encontrando outra pessoa. No segundo, porque foram entrevistadas cinco pessoas (duas mulheres e três homens). Essa espécie de imprevisto com o qual tivemos que lidar não afetou a qualidade da pesquisa, pelo contrário, preferimos manter todas as entrevistas por conta do seu rico conteúdo.

⁷ Ver Capítulo II.

Utilizamos diferentes técnicas de registro, a saber: gravação de áudio, fotografia, filmagem (apenas na segunda parte, quando pudemos contar com profissional⁸ capacitado) e um questionário utilizado apenas em momentos muito específicos, quando o assunto se distanciava muito do propósito do trabalho ou quando era necessário instigar o nosso interlocutor a descrever um pouco mais determinada planta. Fizemos também o uso do *diário de campo*, recurso muito importante, pois nele “[...] devem ser registrados não somente aquilo que é observado no dia a dia [...] mas os sentimentos que o pesquisador vai vivenciando no seu relacionamento com os pesquisados [...]” (GOMES, 2014, p. 58-59).

Apesar de praticamente todos compartilharem de um mesmo *modus vivendi*, boa parte desses senhores e senhoras não se conheciam (quando pensamos nos deslocamentos de uma cidade para a outra). Isso fez com que, em determinados momentos (apreensão que antecede a entrevista; estabelecimento do primeiro contato), eu sentisse uma sensação de *déjà vu* e, ao mesmo tempo, uma nova *briga de galo* deveria ser travada ou, ao menos, a continuação dela, pois apesar das recorrências, inúmeras eram as singularidades de cada contato.

A *briga de galo* é uma metáfora construída a partir da experiência de Geertz e sua esposa Hildred Geertz, também antropóloga, em Bali, na Indonésia, no início de 1958. Quando chegaram, eram totalmente ignorados pelos balineses, cuja sensação o autor mesmo descreve:

[...] os aldeões nos trataram como parece que só os balineses tratam as pessoas que não fazem parte de sua vida e que, no entanto, os assediam: como se nós não estivéssemos lá. Para eles, e até certo ponto para nós mesmos, éramos não-pessoas, espectros, criaturas invisíveis [...] Enquanto caminhávamos sem destino, incertos, ansiosos, dispostos a agradar, as pessoas pareciam olhar através de nós, focalizando o olhar a alguma distância, sobre uma pedra ou uma árvore, mais reais que nós. Praticamente ninguém nos cumprimentava, mas também ninguém nos ameaçava ou dizia algo desagradável, o que seria até mais agradável do que ser ignorado [...] (GEERTZ, 2008, p. 187).

Essa situação de indiferença (igualmente observada e estudada) com que eram tratados, mudou apenas na ocasião em que o casal acompanhava uma briga de galo organizada na aldeia, com o intuito de arrecadar dinheiro para a construção de uma nova escola. Por ser uma prática proibida pelo governo Britânico, na terceira rinha, foram

⁸ Nessa segunda etapa, fui acompanhada pelo documentarista Maurício Neves Corrêa que é o responsável pela filmagem, direção de fotografia e a edição do documentário que está em produção. Esse documentário, futuramente, fará parte de uma exposição itinerante a ser exibida inicialmente nas cidades onde a pesquisa de campo foi realizada.

surpreendidos por um caminhão cheio de policiais. A reação de todos foi sair correndo e se esconder, inclusive os dois antropólogos.

No outro dia, algo havia mudado no comportamento dos balineses, todos queriam contar e recontar a história de como os dois estrangeiros fugiram amedrontados da polícia, eles se tornaram o centro das atenções (caçoavam até do jeito que corriam). Segundo o autor, esse foi justamente “o ponto da reviravolta” para que fossem “aceitos” pela comunidade, em que:

[s]er apanhado, ou quase apanhado, numa incursão policial ao vício talvez não seja uma receita muito generalizada para alcançar aquela necessidade do trabalho de campo antropológico — o acordo, a harmonia — mas para mim ela funcionou admiravelmente. Levou-me a uma aceitação súbita e total, não-habitual, numa sociedade extremamente avessa à penetração de estrangeiros (GEERTZ, 2008, p. 188).

É dessa experiência relatada por Geertz (2008) que engendra-se a *briga de galo* num sentido teórico no que concerne à pesquisa de campo. Certamente, não serão todas as vezes que o pesquisador terá que passar por uma situação tão extrema para conseguir a aceitação, mas é certo que *estar lá* exige que passemos por nossa própria *briga de galo* que, muitas vezes, acontece em níveis mais sutis, como aconteceu comigo.

As barreiras que existiam entre meus interlocutores e eu não eram culturais como as que distanciavam Geertz e Hildred dos balineses (países diferentes, línguas diferentes). Falávamos a mesma língua, compartilhávamos do mesmo sotaque, afinal, estávamos entre goianos, nascidos na mesma região. No entanto, não falávamos do mesmo lugar e nem compartilhávamos das vivências da mesma geração.

Muitos deles haviam sido vítimas ou ficaram sabendo dos golpes pela região envolvendo pessoas idosas, de modo que o convívio calcado nas relações de vizinhança e parentesco tornou-se uma espécie de proteção. Isso ajudou em algumas ocasiões, mas foi uma das barreiras também, pois a desconfiança poderia dificultar nossa aproximação. Portanto, para amenizar esse impacto do primeiro encontro, contamos com o apoio de alguns mediadores: Maria Dolizete Guimarães Jeronimo (mediadora principal, residente na cidade Ipameri), quem nos apresentou a todos os senhores e senhoras que entrevistamos em Ipameri-Goiás e por ser bem articulada conseguiu contactar e mobilizar todos os outros mediadores para nos acompanhar nas outras cidades (exceto em Goiandira). Posteriormente, fomos até Campo Alegre, onde contamos com o apoio do casal Aparecida Simplício Guimarães e José de Fátima Guimarães; em Goiandira, quem nos recebeu foi Mayara Almeida e Maria Helena

de Paula; em Cumari e Anhanguera, fomos conduzidos pelo Padre Emerson Simplício que nos apresentou aos mediadores que nos ajudariam naquelas localidades (Stephanie Manrara Borges Santana, Walmira Borges Santana, Deusdete Santana e Vania Maria Borges Fernandes, em Cumari. Cláudia de Fátima França de Souza, em Anhanguera); em Corumbaíba, nossos mediadores foram o casal Cleuza Aparecida Fagundes Vaz e Zélio Estrela Vaz; por último, fomos à Orizona e, novamente, quem nos acompanhou foi o Padre Emerson Simplício.

O papel dos mediadores de campo para nossa pesquisa foi crucial, pois sem a sua participação, muitas das entrevistas não teriam sido realizadas. No entanto, a minha *briga de galo* ainda estaria por vir. Eu estava ali na condição de pesquisadora, da pessoa que fala do lugar da universidade e do lugar de uma juventude que, por vezes, não está interessada em ouvir o que os mais velhos têm a dizer (reclamação recorrente em suas narrativas). O desafio não era convencê-los da importância dos seus conhecimentos para eles próprios ou para o resto do mundo – além de desnecessário, visto que eles não têm dúvidas quanto a isto, seria uma atitude arrogante –, mas para nós mesmos (o documentarista que me acompanhava e eu). Dizer que éramos jovens que pensavam diferente e que queríamos divulgar esses conhecimentos, ajudou até certo ponto. Mas o “ponto de reviravolta” foi quando falei um pouco de mim, sobre a experiência com os remédios caseiros, por exemplo, para a cura da bronquite; quando me desvinculei de determinadas escolhas lexicais e do modo de falar daquele utilizado no meio acadêmico (algo que se tornou cada vez mais intenso, entrevista após entrevista).

De repente, como se fosse no outro dia após a briga de galos em Bali, a forma com que olhavam mudou, o olhar de desconfiança passou a ser o de cumplicidade. Essa sensação de aceitação fez com que o envolvimento com aquelas pessoas e suas histórias chegasse a tal ponto, que mesmo após o término da pesquisa de campo, os seus efeitos ficaram inscritos em meu corpo. Aquele sentimento de pertença e a sensação de estar com a identidade ameaçada ficaram aflorados, principalmente, na forma de falar (foram recorrentes os comentários a respeito do meu sotaque, de que parecia mais aguçado).

As mudanças que a pesquisa de campo causou fazem parte do que sou hoje. As razões pelas quais elas se tornaram tão presentes e notáveis, talvez, tenha sido porque me (re)encontrei com minha história e (re)descobri outras maneiras de exercer minha *goianidade*; o que não quer dizer que existe somente uma ou “a” cultura goiana fechada em si, mas sim de algo que é aberto e plural. Se não vivi, na prática, tudo o que me foi contado, compartilho

dessa memória através das histórias confidenciais, finalmente, repassadas para a próxima geração.

Essa profusão de acontecimentos causaram e causam certo desconforto, despertando as mais variadas reações, que passaram a ficar refletidas em minha fala, na escrita, no sentimento de pertença e no senso de justiça. Sem dúvidas, o *estar lá* tocou em aspectos de minha subjetividade que tomei conhecimento apenas durante o *estar aqui* que, “[...] em termos autorais, enfim, de maneira palpável na página, é um truque tão difícil de realizar quanto “estar lá” em pessoa [...]” (GEERTZ, 2009, p. 38-39).

Há sempre um receio que nos acompanha de cairmos numa descrição estereotipada ou romantizada, fruto de preconceitos (sejam eles conscientes ou não). Existe também uma preocupação constante em não cometermos o erro de tratarmos a vida do outro como algo exótico, causando uma espécie de espetacularização. Além da apreensão por, talvez, estar falando pelo outro aquilo que lhe é de direito dizer sobre si mesmo.

Como explica Geertz (2009), contar histórias sobre como vivem outras pessoas tem se tornado, no âmbito da etnografia, uma tarefa que exige muita cautela, pois:

A distância entre interagir com outros onde eles estão e representa-los onde não estão, sempre imensa, mas não muito notada, de repente, tornou-se extremamente visível. O que antes parecia apenas tecnicamente difícil – introduzir a vida “deles” em “nossos” livros – tornou-se delicado, em termos morais, políticos e até epistemológicos [...] O que está em pauta é um nervosismo generalizado sobre toda a questão de se pretender explicar o outro enigmático sob a alegação de ter convivido com ele em seu hábitat natural, ou ter vasculhado os escritos dos que o fizeram [...] O fim do colonialismo alterou radicalmente a natureza da relação social entre os que perguntam e observam e os que são perguntados e observados. O declínio da confiança em fatos brutos, procedimentos preestabelecidos e conhecimento descontextualizado no campo das ciências humanas e, a rigor, do saber especializado em geral, alteraram não menos essencialmente a concepção que têm os indagadores e observadores daquilo que estão tentando fazer [...] As coisas foram menos simples, desde então, tanto do lado do Estar lá quanto do lado do Estar aqui da equação antropológica (GEERTZ, 2009, p. 171-172).

Por esse motivo, a expressão *dar voz e resgatar a cultura/costumes/memória*, muito utilizadas em trabalhos realizados a partir da história oral, tornam-se presunçosas e obsoletas. Deveras, os sujeitos de nossa pesquisa, como tantos outros casos, nunca precisaram que lhes dessem a voz que já possuíam, muito menos que resgatassem neles algo que necessitasse ser salvo; o nosso objetivo foi *dar nossos ouvidos*, isto é, criar as *condições de escuta* e contribuir, através desse trabalho, para a inscrição desses saberes

[...] na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais [...] contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder [...] (FOUCAULT, 1979, p. 97).

Essa hierarquização científica⁹ está muito presente nas narrativas dos senhores e senhoras que entrevistamos. As receitas dos remédios caseiros, por exemplo, vêm sempre acompanhadas de ressalvas – esse era um assunto que não deveria ser levado aos médicos (devido às repreensões); para determinada doença, o remédio caseiro era mais eficiente; aquele remédio feito em casa fazia o mesmo efeito do que era comprado na farmácia e ainda tinha o benefício de não prejudicar o estômago (o que não acontecia com o uso do encapsulado) – que materializam os conflitos existentes, principalmente, entre o discurso médico, que não deixa de ser um ato do colonialismo e da globalização, e os saberes locais condicionados a uma posição de inferioridade.

Não se trata, aqui, de ser contra a medicina e áreas afins, mas de entender que estas não são as únicas que detêm um saber sobre o corpo. No período em que o acesso às consultas médicas foi bem mais restrito, nas casas das famílias menos abastadas, os doutos eram esses homens e mulheres que faziam valer os conhecimentos transmitidos pela geração anterior¹⁰, um modo sofisticado de viver, a partir das possibilidades que encontravam na natureza.

É certo que, na maior parte do tempo, essa era a sua única alternativa de sobrevivência e nem sempre os remédios caseiros atendiam a todas as suas demandas. Mas considerando que isso não é muito diferente em se tratando de qualquer campo do saber, tenha ele um *status* científico ou não, por que excluir, ao invés de agregar? O que queremos não é questionar a eficiência e a importância das áreas da saúde, mas compreender o porquê desses outros saberes terem sido colocados nesse lugar de algo que é menor e primitivo.

Poderia-se dizer que esses saberes não foram colocados à margem, mas ressignificados através da fitoterapia e dos vários modismos da sociedade contemporânea em busca de uma

⁹ Ver capítulo III, página 127-128.

¹⁰ A presença indígena é muito forte; é recorrente nas narrativas o caso da bisavó ou avó que era nativa, foi *pega no laço* e *amansada* pelo avô, para a oficialização do casamento. Esse é um dado histórico que nos mostra que o sistema colonial pode ter chegado ao fim com a proclamação da independência, mas que o processo de colonização não acabou, apenas ganhou outra roupagem, ou seja, os mecanismos tornaram-se sofisticados, ganharam outros nomes. Para aprofundar mais nessas discussões, é interessante conhecer o conceito de *colonialidade do poder* proposto por Walter de Mignolo.

vida mais “natural”. No entanto, a questão não se resume a princípios ativos encapsulados, pois o ponto principal onde queremos chegar não está no poder de cura que pode ser extraído de uma planta, mas no modo específico de como isso era e ainda é feito pelos nossos interlocutores. São suas narrativas que carregam todas as particularidades que envolvem a preparação dos chás, infusões, emplastos, cicatrizantes, diuréticos, expectorantes, analgésicos, depurativos, calmantes, laxantes, vermífugos, antissépticos, as garrafadas – para os mais diversos tipos de infecções (aparelho reprodutor feminino; as “doenças de rua”; aparelho respiratório; para ajudar a engravidar) – e os preparados abortivos.

Fazem parte desse *modus faciendi* os conhecimentos sobre os tipos de solo e vegetação, a interferência das fases da lua e das mudanças de estação, a função de cada uma das partes da planta e a forma correta de manuseá-las, a dosagem e o tempo adequados para consumo durante o tratamento, dentre tantos outros aspectos dessa cosmologia que poderíamos listar.

Esses saberes vêm sendo repassados adiante e estão atravessados pelas mais variadas formas de linguagem, dentre elas, a língua; nela, uma fração do seu léxico; neste universo lexical, as definições que tanto procuramos nos relatos dos sujeitos da pesquisa, na certeza de que quem planta história colhe palavras, hoje, resguardadas em suas memórias.

Dessa forma, o *estar lá* registrado por meio dos processos que envolvem o *estar aqui* constituem um longo caminho, porém, nada solitário, de se chegar ao que chamaremos de *estar no outro* e *ser com o outro* no sentido de que:

[v]ale a pena correr os riscos porque corrê-los leva a uma revisão minuciosa de nossa compreensão do que é abrir (um pouquinho) a consciência de um grupo de pessoas para (algo d)a forma de vida de outro e, desse modo, para (algo d)a vida delas mesmas. Isso [...] consiste em inscrever um presente – transmitir através de palavras “como é” estar em algum ponto específico da linha vital do mundo [...] (GEERTZ, 2009, p. 186).

Problematizar essas vivências de campo contribuiu para compreendermos melhor o nosso *corpus* e tomá-lo não somente como um objeto de pesquisa, mas como o lugar onde estão registrados outros modos de existir e de viver, no intuito de compreendermos que todos nós, individual ou coletivamente, somos “[...] apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos [...]” (GEERTZ, 2009, p. 187).

Seguindo esta lógica, vamos aos acontecimentos históricos que contribuíram e contribuem para a constituição da história da região onde realizamos nossa pesquisa de campo, bem como da história dos sujeitos que entrevistamos.

1.2 As antigas rotas e as histórias que não foram escritas

No sudeste do estado de Goiás, pelos municípios mais interioranos, onde a população não é muito numerosa, as atividades relacionadas ao campo ainda se encontram muito presentes, pois nas sutilezas das relações e no encontro entre as gerações, o saber popular ou, como prefere Geertz (1997), o saber local, resiste. São nestes pontos singulares do cerrado goiano que fomos buscar pelo nosso objeto de pesquisa: o processo definicional utilizado pelos falantes ao descreverem os elementos da flora.

É importante ressaltar que não pretendemos (re)contar a história de Goiás como o fizeram nos livros oficiais. A parte que nos interessa são os acontecimentos que têm pouca visibilidade e, quando mencionados, é notável a presença de uma assepsia ou eufemismo no relato de determinados fatos, cuja justificativa está sempre pautada na *ordem* e no *progresso*. Sabemos que muitos dos pontos que iremos destacar não se passaram somente em Goiás. Muitos deles são recorrentes não apenas na história do Brasil, mas de todo lugar que um dia foi invadido por colonizadores.

Dentre as histórias possíveis e existentes sobre a terra dos *Goyases* – considerada por muitos economistas e historiadores, ainda o século XIX, como “vazio demográfico”, “periferia da periferia do capitalismo”, “faroeste pouco povoado” –, escolhemos as que sempre ficaram à margem, a das “[...] pessoas que a história dita oficial, porém excludente, não fez incluídos em suas páginas escritas, em suas memórias de poder, produzidas e divulgadas por organismos midiáticos estatais [...]” (PAULA, 2007, p. 15).

Podemos iniciar pelos vários povos indígenas (caiapós, acroás, xicriabás, carajás, javaés e centenas de outros) cruelmente dizimados em nome do “progresso”, mais intensamente¹¹ desde a chegada da bandeira do Anhanguera Júnior, em 1722, com a descoberta das minas de ouro, até a construção de Goiânia, iniciada em 1933, devido a conhecida “marcha para o oeste”, com a construção da rodovia transbrasiliana (Belém-Brasília) que corta o país, chegando à região amazônica e com ela cortou/corta para fora de

¹¹ Dizemos isso, pois no final do século XVI e meados do XVII, haviam sido feitas caçadas aos indígenas pelo sertão do país.

nossa história milhares de vidas descritas pela história oficial sobre o referido estado, ora como a conhecida figura do “bom selvagem” que se tornou amigo e mostrou para o colonizador/invasor paulista (a mando ou não da coroa portuguesa) onde estavam localizadas as riquezas da região, ora como terríveis, perigosos e grande ameaça para o “desenvolvimento” e, por isso, deveriam ser exterminados.

Concomitante ao extermínio dos indígenas que já habitavam a região e a escravização dos que restaram vivos, principiou-se outro tipo de (re)povoamento que, em Goiás, sucedeu-se de maneira diferente de outros estados, quando nos

[...] anos oitocentos, aconteceu lenta e silenciosa acomodação. Pelos rincões do norte, cearenses, maranhenses, baianos, piauienses e paraenses foram se apoderando de espaços vazios revertendo frações da superfície goiana em prolongamento de suas províncias [...] Em função da exploração do babaçu, do incipiente comércio de sal e, principalmente do afastamento dos indígenas, novas localidades foram surgindo na área setentrional. A construção de “presídios” e “missões” para os silvícolas facilitou o povoamento [...] Ao sul o território goiano foi sendo ocupado por mineiros e paulistas [...] No final do século XIX, Goiás configurava um mosaico de diferenciadas “ilhas” de moradores no alongado território [...] (ESTEVAM, 2004, p. 50-52, grifo nosso).

Notamos que o (re)povoamento de Goiás aconteceu principalmente por meio de migrações nacionais e sua mistura com o que restou dos índios (“amansados” e escravizados) e os negros africanos (escravizados). A presença de imigrantes estrangeiros foi pouco significativa, pois não havia necessidade deste tipo de mão de obra, sem contar a distância com relação à capital (e outras regiões litorâneas onde a movimentação era maior), na época, Rio de Janeiro.

Vale observar também, na citação *ad supra*, a presença da tentativa de apagamento (muito constante e observável em vários relatos sobre a história do Brasil, ao abordarem a mesma temática, principalmente, sobre a construção da transbrasiliana e da transamazônica) das vidas indígenas que já povoavam o território muito antes da existência de Goiás, do Brasil e do chamado Novo Mundo; dessa ideia de que haviam “espaços vazios”, de um “afastamento” ou da necessidade das caçadas e das missões jesuíticas para que o território fosse de fato povoado, como se antes, aqui, não existissem povos, não existissem vidas.

Ao mesmo tempo, a atividade de mineração seguia seu curso e coexistia juntamente com a lavoura e a pecuária de subsistência. Segundo Estevam (2004), o período de extrativismo nos territórios goianos não resistiu por muito tempo e, a partir da sua decadência,

instaurou-se um processo de *ruralização*, visto por muitos estudiosos como um movimento de “perda dos elementos de civilização”.

Veremos, no desenrolar das nossas discussões, que esse estereótipo do atraso, da rusticidade, da ausência de civilidade, que nasceu no período colonial, irá se perpetuar e atravessar a identidade dos goianos e goianas ainda hoje, principalmente, daqueles que ainda mantêm um modo de vida entrelaçado às atividades rurais, como é o caso dos sujeitos da nossa pesquisa, visto que:

[n]os relatos dos viajantes e nos documentos notariais das minerações ou nas modas de viola e nos discursos sobre Goiás está tecida toda uma trama de discursividade sobre o sentido de *ser goiano* ao longo dos séculos, especialmente do XVII ao atual, expressa no traje, nas manifestações culturais, na literatura, na língua do seu povo (PAULA, 2007, p. 65).

Isso pode ser compreendido com base em duas razões centrais: a primeira, por ter sido uma das últimas regiões do território brasileiro a ser invadida, portanto, as mudanças aconteciam num ritmo e forma diferentes. Muitas vezes, devido à população pouco numerosa e aglomerada em pequenos grupos esparsos e distantes uns dos outros (o que dificultava a comunicação), Goiás parecia estar alheio aos acontecimentos da época, como se fosse um mundo à parte; a segunda, por São Paulo estar sempre em seu horizonte, como modelo de desenvolvimento, sofisticação e modernidade. Desse modo, Goiás é frequentemente avaliado e descrito nos livros históricos em comparação à capitania de São Paulo, a quem pertenceu até o ano de 1749. Os bandeirantes eram e são vistos como a “alavanca da civilização”, os grandes desbravadores dos “espaços vazios” que havia no sertão do país, em outras palavras, mais uma “sofisticação” engendrada pela barbárie da colonização.

A partir desse processo de *ruralização*, um modo desigual de divisão das terras foi implantado, fazendo emergir relações de trabalho baseadas na exploração, pois:

[...] a estrutura agrária em Goiás foi se solidificando de maneira concentrada, com poucas famílias assegurando o controle das terras, mesmo levando-se em conta a existência de vastas extensões desocupadas. [...] Um dos requisitos para a concessão de sesmária eliminava do processo os menos favorecidos que obviamente não se enquadravam na condição de “homens de bens”. Restou ao despossuído da terra a possibilidade de avanço pelo sertão adentro na busca de estabelecer sua posse ou agregar-se a uma propriedade [...] (ESTEVAM, 2004, p. 63).

Nesse ínterim, surge o *agregado*, uma espécie de “parceiro” do dono das terras, que podia morar na fazenda, mas não recebia salário. Sua função era cuidar das plantações,

preparar as pastagens e fazer a segurança do local; e o *meeiro* que ficava com todo o trabalho do cultivo e, ao fim da colheita, dividia com o fazendeiro o resultado da produção. O lugar de fala da maioria (não todos¹²) dos nossos entrevistados vem justamente desse momento histórico, dos sujeitos “menos afortunados”, “despossuídos de terras” que, para sobreviver, se submetiam a esse tipo de relação com os “homens de bens”.

A maior parte dos senhores e senhoras que entrevistamos nasceram entre as décadas¹³ de 30 e 40, do século XX, e passaram parte de sua vida na zona rural, trabalhando na condição de agregados ou meeiros. É recorrente, em suas narrativas, que se *mudaram para a rua* (para cidade) em torno dos quarenta anos de idade – o que coincide com o período de modernização – por falta de trabalho (chegada das máquinas e exigência de mão de obra qualificada); porque o fazendeiro não costumava mais manter os mesmos empregados por muito tempo (para evitar possíveis complicações e cobranças relativas aos direitos trabalhistas); e para colocar os filhos na escola (na época, era raro quando havia alguma instituição de ensino na zona rural e, quando havia, eram apenas as séries iniciais).

Como explica Estevam (2004), a partir do ano de 1970, a modernização da agricultura atingiu a região de Goiás, alterando as relações de trabalho, principalmente, por causa do financiamento rural, que possibilitou a compra de máquinas e tratores. Entretanto, isso não significa que houve uma ruptura brusca e definitiva das relações de trabalho no campo, muitos deles contam que continuaram prestando serviços na zona rural, mesmo morando na cidade, assim como boa parte da população que vivia nas mesmas condições. O que ocorreram foram mudanças que provocaram “[...] nítida diferenciação social no campo, mesclando elementos da organização anterior com elementos da ordem moderna [...]” (ESTEVAM, 2004, p. 176), de modo que apareceram outros tipos de funções: diaristas, tratoristas, vaqueiros, boias frias, retireiros; bem como outras formas de negociação, como o “regime de empreitada”, as quais esses trabalhadores tiveram, forçadamente, que assimilar.

Vale ressaltar que essas formas de subemprego e trabalho escravo, inicialmente, faziam parte da organização social, portanto, eram aceitas (mesmo as mais desumanas). Posteriormente, com a emergência do Direito Agrário, a aprovação da lei 4504 denominada Estatuto da Terra, em 30 de novembro de 1964, e as ideias da reforma agrária, essas práticas passaram a ser criminalizadas, mas “[...] como se sabe, o Estatuto da Terra, Lei agrícola ainda vigente no País, não foi executado na íntegra [...]” (CORRÊA et al, 2001, p. 39).

¹² Aprofundamos essa questão adiante. .

¹³ Período da crise de 1929, da construção de Goiânia e o do início da construção da rodovia transbrasiliana.

Contudo, em decorrência da recente aprovação da reforma trabalhista, com o projeto de lei nº 6.442/2016, que trata especificamente do trabalhador rural, essas práticas poderão sair novamente das sombras da ilegalidade. Esse, juntamente com vários outros, é mais um dos objetivos alcançados, por meio do atual plano de retrocesso que encontra-se em vigor, desde agosto de 2016, após o Brasil ter sofrido o golpe parlamentar. Se antes, quando havia uma proibição amparada pela lei, ainda estávamos muito distantes de erradicar o trabalho escravo no país, agora, diante dos últimos acontecimentos, o retrocesso é iminente.

Como dito anteriormente, os senhores e senhoras que entrevistamos vivenciaram o processo de modernização da agricultura, em que praticamente todos participaram do êxodo rural que, nas terras goianas, teve seu primeiro surto em 1980. É parte constitutiva da identidade desses homens e mulheres essa transição que resultou, não somente em mudanças no ambiente de trabalho, mas nos valores, no convívio em comunidade e no modo de vida, porque [...] as “coisas” de cidade se opõem à vida da roça em que os acordos se firmam tacitamente sob uma moral e uma honra do costume, da vizinhança, do parentesco, do compadrio. [...] (PAULA, 2007, p. 19).

No enalço do que afirma Paula (2007), bem como do que nos narraram nossos interlocutores, as transformações que ocorreram no campo expulsaram esse trabalhador para as cidades, segregando e tornando ultrapassados os seus costumes, antes, modo sofisticado de sobrevivência, pois:

[...] Este modo de viver está, na verdade, inserido na dinâmica da vida rural goiana do século XX, especialmente, até os anos sessenta, a qual, por sua vez, está na lógica do desenvolvimento industrial no interior do Brasil. Por esta razão, em lugar de expressar um atraso ou uma rusticidade, as práticas destes sujeitos revelam uma capacidade de viver [...] cujas formas foram criadas e repassadas conforme os recursos de que dispunham. Quer dizer, porque as cidades eram poucas e de difícil acesso, porque as máquinas de beneficiamento de leite e arroz só existiam nas cidades havia pilões, monjolos, engenhocas de desnatar o leite; porque havia pouco sal e candeias e lamparinas nas roças fazia-se a conserva de carnes em banha e guardava-se o toucinho empalhado em jacás; porque não havia médicos e remédios desenvolveu-se vasto saber sobre potencial curativo da flora e fauna. Porque não havia irrigação, tratores e colheitadeiras plantava-se quando chegavam “as águas” e, à mercê das condições climáticas, arava-se a terra e carpidavam-se as roças, usavam-se cutelos e pilungues para a colheita em bancas de arroz, bandeiras de feijão e leiras de milho para armazenar em tuias e paióis [...] (PAULA, 2007, p. 22-23, grifo nosso).

Esses sujeitos são a memória viva de como se deu o processo de estreitamento entre o rural e o urbano, do momento em que deixou-se de cultivar nas *terras de cultura* e passou-se a

explorar o cerrado. Eles trazem, materializada em seu corpo, em seus gestos, em sua maneira de falar e de descrever as coisas, uma história que não foi contada nos livros oficiais.

Não se trata de romantizar suas vidas, muito menos de condenar as mudanças pelas quais a sociedade passou, mas de sabermos que o que somos hoje não é fruto do heroísmo de uma minoria colonizadora, e sim das belicosas marchas sertão à dentro; da resistência dos índios e negros que sobreviveram ao massacre da escravidão e as tentativas de apagamento de suas culturas; desses homens e mulheres do campo, pejorativamente, chamados de caipiras e roceiros. Não se trata também de polarizarmos essas relações, resumindo-as a uma batalha entre “mocinhos e vilões” ou de uma luta entre o “bem *versus* mal”. Mas de problematizarmos e percebermos que esses sujeitos que, até hoje, são marginalizados, foram e são, igualmente, atores da nossa história e do que é, atualmente, a nossa sociedade. O que queremos dizer, é que ser goiano e, simultaneamente, ser brasileiro, não se resume aos sobrenomes dos “grandes” homens e seus feitos.

Cabe pontuarmos que as relações de poder que foram se estabelecendo não eram verticalizadas, porque sempre houve luta e resistência em resposta às tentativas de dominação. Os indígenas não se tornaram amigos, à primeira vista, de seus colonizadores em troca de espelhos e outras quinquilharias; o processo de escravização dos negros não foi pacífica; muitas guerras (Cabanagem, no Pará; Farroupilha, no Rio Grande do Sul) foram travadas, além dos conflitos mais localizados, em que um dos nossos entrevistados nos conta que participou de muitas emboscadas (que resultavam em morte) para acertar contas com fazendeiros que se recusavam a pagar-lhes o salário. Disse inclusive que nunca aceitou ser explorado, que fazia seu serviço com afinco e se empenhava de igual maneira e a qualquer custo para receber o que lhe era de direito.

Por outro lado, foi possível e preciso, em alguns casos, estabelecer relações pacíficas e de camaradagem entre ambos os lados. A história é sempre mais turva do que nítida; para muitos, um viver constante entre a cruz e a espada. Dessas situações de tensão entre aquele que quer dominar e o outro que quer resistir (ou ao menos tentar) emergem, em nossa história, fraturas, lugares outros, fronteiriços (marcados geograficamente ou não), ou como prefere Mignolo (2003), *liminares*. A essa discussão, demos maior atenção adiante.

No que diz respeito, especificamente, ao nosso campo de pesquisa, faz-se necessário destacarmos algumas de suas particularidades. O sudeste goiano é a região da estrada de ferro, como podemos observar no mapa a seguir, de modo que:

[g]rande parte de suas cidades originou-se de antigas estações ferroviárias. A implantação da ferrovia em Goiás deu-se por etapas: na primeira – até 1914

– os trilhos avançaram 233 quilômetros partindo de Araguari-MG até Roncador-GO, trecho construído em período relativamente curto. Os trilhos ficaram paralisados em Roncador até 1922 – para construção de uma ponte sobre o rio Corumbá – quando foi iniciada a segunda etapa, desta feita, de forma demorada e irregular. No seu prolongamento, a ferrovia atingiu Anápolis (1935) completando 387 quilômetros de extensão. Somente em 1950 inaugurou-se um ramal ligando Leopoldo de Bulhões a Goiânia. Nesta primeira etapa em Goiás (1913-1922) a ferrovia ocasionou modificações na área Sudeste em termos de produção agrícola, valorização fundiária, contingente demográfico e urbanização. No início do século, a zona do Sudeste era a mais populosa de Goiás e consistia na principal via de comunicações com Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro [...] (ESTEVAM, 2004, p. 195).

Figura 1 – Mapa da região sudeste (estrada de ferro)



Fonte: Instituto Mário Borges

Sendo assim, boa parte dos vinte e dois municípios que integram esta região têm sua história marcada pela presença da estrada de ferro, inclusive, muitos deles surgiram a partir da chegada das ferrovias na região. Em virtude disso, por fazer divisa com o estado de Minas Gerais e estar mais próxima de São Paulo, a região sudeste recebeu muitos imigrantes vindos dessas localizações, fora os poucos estrangeiros que, como dissemos anteriormente, ficaram mais concentrados no sul do estado.

Desses vinte e dois municípios, selecionamos sete para constituir o nosso campo de pesquisa, cuja realização aconteceu na ordem que segue: Ipameri, Campo Alegre, Goiandira, Cumari, Anhanguera, Corumbaíba e Orizona, sendo que apenas esse último não pertence à microrregião de Catalão.

A escolha não foi arbitrária, mas baseada em dois critérios: i) a presença de saberes que se encontram fortemente resistentes, seja nas práticas cotidianas ou na memória das pessoas; ii) a proximidade entre eles, o que facilitou o nosso acesso, além de ter agilizado o andamento da pesquisa.

Catalão (por ser o centro dessa microrregião) e Ipameri foram nossos pontos de partida principais e local de pouso quando necessário, por serem cidades maiores, disponibilizavam de transporte rodoviário para quase todas as direções para onde precisaríamos ir, bem como de estradas que interligam esses municípios, porque na primeira etapa da pesquisa, o deslocamento foi feito de ônibus e, na segunda, de carro. Por serem próximos, muitos desses municípios têm suas histórias compartilhadas, em que boa parte deles já foram distritos uns dos outros, como podemos ver:

Figura 2 – Tabela com informações sobre os municípios do sudeste goiano

Região Sudeste Goiano (Estrada de Ferro)

Tabela 01 - Área, lei de criação, município de origem e densidade demográfica.

Municípios	Área (km²)	Lei de criação		Município de origem	Densidade demográfica (hab/km²)
		Número	Data		
Anhanguera	56,642	857	5-11-1953	Cumari	16,14
Campo Alegre de Goiás	2.463,014	893	12-11-1953	Ipameri	1,84
Catalão	3.777,652	ATO	01/04/1833	Santa Cruz de Goiás	18,97
Corumbalza	1.881,712	266	12-6-1905	Catalão	3,98
Cristianópolis	225,357	739	23-6-1953	Santa Cruz de Goiás	14,75
Cumari	579,877	38	10-12-1947	Goiandira	5,64
Davinópolis	520,040	4.928	14-11-1963	Catalão	3,90
Gameleira de Goiás	595,316	13.135	21-7-1997	Silvânia	4,73
Goiandira	560,707	Decreto 799	6-3-1931	Catalão	8,33
Ipameri	4.368,688	Res. 446	12/09/1870	Catalão	5,49
Leopoldo de Bulhões	495,015	127	2-9-1948	Silvânia	16,27
Nova Aurora	302,660	881	11-11-1953	Goiandira	6,57
Orizona	1.972,865	277	12-7-1906	Santa Cruz de Goiás	6,85
Ouvidor	413,786	824	19-10-1953	Catalão	11,34
Palmelo	58,997	908	13-11-1953	Pires do Rio	41,46
Pires do Rio	1.073,369	903	7-7-1930	Santa Cruz de Goiás	27,26
Santa Cruz de Goiás	1.108,920	Art. 61	20-7-1947	Pires do Rio	3,27
São Miguel do Passa Quatro	537,781	10.432	D.O 28/01/1988	Silvânia	7,38
Silvânia	2.264,769	Decreto 05	18/06/1833	Santa Cruz de Goiás	8,50
Três Ranchos	282,064	823	19-10-1953	Catalão	11,53
Urutaí	626,717	45	15-12-1947	Ipameri	5,27
Vianópolis	954,279	115	19-8-1948	Silvânia	13,57
TOTAL DA REGIÃO	25.120,227	-	-	-	9,20
TOTAL DO ESTADO	340.086,698	-	-	-	16,85
REGIÃO/ESTADO (%)	7,39	-	-	-	-

Fonte: Instituto Mário Borges

Outra característica que acompanha esses municípios é uma espécie de “atrofiamento” da sua expansão em decorrência da crise do transporte ferroviário que iniciou-se em 1940, além do natural esgotamento dos solos e da ausência de mão de obra assalariada – esse, dentre outros, é um dos motivos pelos quais Goiás, durante muito tempo, foi denominado como a “periferia da periferia do capitalismo” – como afirma Estevam (2004):

[...] o Sudeste Goiano, apesar de ser uma das frações que primeiro se articulou ao processo dinâmico da economia paulista, entrou em decadência em termos de urbanização e agricultura a partir de 1940 [...] a zona Sudeste, que pioneiramente usufruía da proximidade com o Triângulo Mineiro e logo a seguir serviu de percurso para a estrada de ferro em Goiás, arruinou-se em função da crise do transporte ferroviário, do esgotamento natural dos solos e pelo fato de não manter formas superiores de produção capitalista, ou seja, não ter se utilizado de trabalho assalariado no campo. Em consequência, os aglomerados urbanos do Sudeste entraram em desaceleração: municípios

outrora relativamente populosos e promissores como Catalão, Pires do Rio e Ipameri estagnaram nas décadas de 1940 e 1950 [...] (ESTEVAM, 2004, p. 196).

Por esta razão, é muito recorrente na fala dos moradores de municípios um pouco maiores, como Ipameri, que a cidade *parou no tempo*. Muitos dos narradores, ao cotarem passagens de sua vida, deixaram escapar vez ou outra que pegaram o trem. Quando iam para capital (Goiânia), passavam pelas estações de Ipameri e Orizona; se iam em direção ao litoral atlântico (Angra dos Reis), passavam por Cumari e Anhanguera, em direção a Araguari-Minas Gerais, sendo que, como explica Sousa (2012), Goiandira era o ponto de entroncamento entre os dois caminhos.

Ainda segundo Sousa (2012), além de facilitar a imigração, a ferrovia trouxe um importante meio de comunicação para a época: o telégrafo, mas também o desmatamento, já que as locomotivas, conhecidas como *maria-fumaça*, funcionavam à vapor, fora toda a madeira necessária para a construção dos trilhos. No entanto, o autor considera um atraso para a região o abandono e o descaso que resultou na crise do transporte ferroviário, diretamente associada à construção das rodovias, que passaram por uma grande expansão incentivada pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, visto que:

[a] influência e o interesse americanos no setor eram evidentes, tantas eram suas companhias petrolíferas e indústrias de carros, caminhões, pneus etc, que ansiavam por mais consumo. E o transporte ferroviário não se encaixava nesse propósito [...] a realidade é que cada vez mais o transporte ferroviário perdia a importância de outrora, e o desmazelo com a ferrovia fazia as viagens atrasarem e se tornarem preocupantes e inseguras aos usuários [...] (SOUSA, 2012, p. 59).

Cabe ressaltar que esse período de decadência do transporte ferroviário no Brasil coincide com vários outros acontecimentos históricos que, certamente, contribuíram para o seu aceleração: a fundação de Goiânia (1933-1942); a “marcha para o oeste”, com a construção da rodovia transbrasiliana (início em 1938); governo de Juscelino Kubistchek (1956 e 1961); a construção de Brasília (1956-1960).

Todos esses acontecimentos contribuíram fortemente para a modernização da agricultura, o que interferiu, de forma implacável, na vida dos sujeitos da nossa pesquisa, bem como de toda a população que vivia da mesma forma: tirando o seu sustento por meio do trabalho na roça, como agregados ou meeiros. Sua identidade é, assim, constituída por esse lugar de entremeio entre o campo e a cidade, pelas distâncias que foram encurtadas, mas que os mantiveram na posição de “roceiro, rústico, analfabeto e atrasado”. Entretanto, mesmo que

a sociedade insista em deixá-los segregados pelas margens das estradas, pelos pedaços de cerrado que ainda restam ou pelos seus quintais cheios de infinidades de plantas, esse entre-lugar que faz com que os vejamos sempre deslocados, para eles, é também resistência.

No que diz respeito ao estreitamento dos limites entre rural e urbano de que comentamos, bem como da emergência de entre-lugares em decorrência do encontro/embate de duas forças/saberes que ocupam posições distintas em se tratando das relações de poder, gostaríamos de observar como ambos os fatores estão diretamente relacionados à constituição das identidades dos sujeitos de nossa pesquisa e, conseqüentemente, com as descrições que eles formulam sobre as plantas (recorte que fizemos para este estudo) e tudo mais que os cercam, visto que as identidades são produzidas e materializadas através das várias formas de linguagem ou, como prefere Silva (2009):

[...] adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas [...] É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar [...] (SILVA, 2009, p. 08-18).

Dentre essas várias formas de linguagem disponíveis, temos a língua. Se a língua constitui e, ao mesmo tempo, é parte constitutiva das identidades, as definições produzidas por nossos interlocutores materializam e representam parte daquilo que esses homens e mulheres são e podem vir a se tornar. No capítulo IV, em que trazemos excertos do *corpus* para análise, será possível notar como as definições carregam as marcas identitárias daqueles que as elaboram. Antes disso, é preciso compreender o lugar de fala desses sujeitos, ou seja, a posição que eles ocupam em nossa sociedade e o que está envolvido em torno disso.

No que concerne aos limites entre o rural e o urbano, temática muito discutida no âmbito das ciências sociais a nível internacional, especialmente, da Sociologia rural, torna-se mister fazermos algumas considerações. Por ser uma discussão extensa e que acaba seguindo por outros caminhos, não faremos uma delongada revisão da literatura, pois nos distanciariamos do propósito deste trabalho. Portanto, daremos destaque aos pontos que contribuem para a compreensão do impacto que a modernização da agricultura teve sobre a vida e, conseqüentemente, a identidade dos sujeitos dessa pesquisa.

É recorrente, nas narrativas de parte de nossos interlocutores certo ressentimento e insatisfação por morarem na cidade. Muitos deles falam da época que viveram na roça com

muito saudosismo, mesmo levando em consideração todas as dificuldades pelas quais passavam. O *de primeiro* ao qual eles sempre se remetem, trata-se, justamente, do período que antecede ou em que a industrialização começa a chegar ao campo. Período este em que a zona rural se distanciava da urbana, não apenas geograficamente, mas em vários outros aspectos (tradições, costumes, crenças, moral, ética, práticas sociais, relação de vizinhança).

No momento em que a modernização da agricultura ganhou impulso, o discurso de que a cidade era o lugar ideal para se viver fortaleceu-se, culminando no êxodo rural. Assim, o ambiente tornou-se propício para o surgimento de novas cidades, como também o crescimento das que já existiam. Em consequência disso, o conceito de ruralidade e urbanidade tiveram que ser revistos, o que resultou numa discussão que parece não estar bem resolvida entre os teóricos da área.

Segundo Lima (2005), ambos os conceitos continuam sendo definidos a partir da noção espacial, visto que os fatores que diferenciavam as práticas desenvolvidas tanto no campo quanto na cidade foram tornando-se cada vez mais imprecisos, de modo que:

[...] o espaço rural não pode mais ser definido exclusivamente pela atividade agrícola tendo em vista a significativa redução de pessoas ocupadas na agricultura propiciada pela tecnificação do campo. Associa-se a isto o aumento do número de pessoas residentes no campo ocupadas com atividades não agrícolas e o aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que buscam combinar a agricultura com outras atividades de rendimento, normalmente não vinculadas diretamente à produção agropecuária [...] (CORRÊA et al, 2001, p. 46).

Isso é resultado da estratégia capitalista de penetração da agricultura que, no Brasil, intensificou-se desde o pacto político reorientado em 1964, com a intenção de transformar o campo sem aderir à reforma agrária, como explica Lima (2005).

Hodiernamente, campo e cidade / rural e urbano / ruralidade e urbanidade estão em um novo processo de ressignificação: o campo tem se tornado o lugar da “vida natural” e “saudável”. Em contrapartida, a cidade já não é mais o ambiente ideal para se viver, pelo contrário, tem tornado-se cada vez mais sinônimo de insegurança, violência, poluição e stress, ou seja, o lugar da má qualidade de vida. O aumento pela procura de hotéis-fazenda, a construção de condomínios fechados afastados dos centros, os parques com lagos artificiais, o incentivo à arborização das cidades, a valorização da agricultura familiar, a criação do Selo Verde¹⁴, o surgimento das ecovilas¹⁵, a emergência do discurso da sustentabilidade e a maior

¹⁴ Ver: <http://institutochicomendes.org.br/premio-chico-mendes-empresarial/>

¹⁵ Ver: <https://irradiandoluz.com.br/2015/10/ecovilas-e-comunidades-no-brasil.html>

procura aos tratamentos fitoterápicos, por exemplo, estão todos relacionados, alguns em maior ou menor grau, a essa nova ressignificação.

Essa espécie de movimento reverso – o discurso de que o campo e os hábitos¹⁶ “pitorescos” de uma vida em contato com natureza, portanto mais saudável, pode proporcionar uma melhora na qualidade de vida – deveria beneficiar também o trabalhador rural (mesmo aqueles que não trabalham com agricultura, mas que vivem no campo). No entanto, a distribuição dos direitos sobre a terra continua seguindo a mesma lógica da desigualdade, permanecem “[...] as visões que tomam “o outro”, o diferente não mais como categoria do “atraso”, mas como categoria de “natureza”, e toma o espaço rural como possibilidade de outro tipo de exploração: como desfrute de uns e não de todos [...]” (LIMA, 2005, p. 62).

Podemos dizer que dentro de um mesmo espaço existem vários rurais, cada um era/é/será ocupado e desfrutado na mesma ordem em que as coisas são distribuídas nos centros urbanos: o desfrute fica para os “homens de bens” – que quando não são os donos das terras/negócios, são aqueles que têm condições de pagar pelos serviços – enquanto o trabalho assalariado fica a cargo dos “novos agregados”, em suma, do trabalhador. Seguindo essa linha de pensamento, no que tange às semelhanças e distinções entre rural e urbano, poderíamos dizer que os motivos que, ora os aproximam, ora os afastam, são os mesmos: a *diferença colonial* e a *colonialidade do poder*. Aqui, chegamos à *pedra de toque* que será um dos pilares da tipologia definicional que pretendemos construir ao longo desse trabalho.

1.2.1. O pensamento liminar e os sujeitos fraturados

Ambos os conceitos mencionados anteriormente foram (re)pensados¹⁷ pelo semiótico Walter de Mignolo, para refletir sobre o sistema mundial colonial/moderno, que nasceu no século XVI com as grandes navegações e a invenção das *Indias Occidentales*, não como um período pós-colonial, mas sim como a sua continuação, por isso *colonialidade do poder*, cujo espaço de emergência é a *diferença colonial*, isto é, “[...] o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta [...]” (MIGNOLO, 2003, p. 09-10).

¹⁶ Um exemplo disso é a campanha encabeçada pelos nutricionistas do “desembalse mais e descasque menos” e o grande incentivo ao consumo de alimentos de origem orgânica.

¹⁷ Ver Anibal Quijano em: *Colonialidad y modernidad-racionalidad* (1992); *Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina* (1997).

Para isso, o autor analisa as línguas crioulas resultantes de situações específicas de “bilinguismo”, na Ásia, África, nas Américas e no Caribe, também discutidos por Lucchesi (2008), em que:

[n]o período que se estende do século XV ao XIX, os colonizadores europeus subjugaram pela força centenas de povos e, através do tráfico de escravos, seqüestraram milhões de indivíduos de seu ambiente cultural de origem, submetendo-os às mais aviltantes condições de trabalho forçado. Esses povos eram obrigados a adotar a língua do dominador, que adquiriam precariamente. E, no fundo das mais abjetas condições sociais, operou-se um milagre lingüístico. Como flores do pântano, novas línguas emergiram, combinando o vocabulário da língua dominante com uma gramática inteiramente original (LUCCHESI, 2008, p. 35, grifo nosso).

Esse choque provocado pelo encontro da língua (leia-se também cultura) do colonizador e a do colonizado cria uma espécie de fratura, ou seja, esse *milagre lingüístico* é a *flor do pântano* que Mignolo (2003) vai chamar de *pensamento liminar* ou *gnose liminar*, definido pelo mesmo como uma espécie de reação à diferença colonial, ou seja, a emergência de entre-lugares em decorrência do encontro/embate de duas forças/saberes que ocupam posições distintas na sociedade.

O que Mignolo (2003) quer mostrar é que, na ordem cronológica de uma história que foi construída e difundida por meio de uma visão eurocêntrica, o período colonial chegou ao fim a partir do momento em que as colônias declararam-se independentes e tornaram-se autônomas. Contudo, segundo o autor, se fizermos uma análise na perspectiva do colonizado, veremos que o colonialismo não acabou, apenas mudou de nome e de estratégias de dominação. A *colonialidade* seria a outra face do que tomamos por modernidade, para exemplificar, ele questiona a motivação da implantação dos conceitos de *Primeiro* e *Terceiro Mundo*¹⁸.

Essas *diferenças coloniais* podem ser percebidas por meio de outros aspectos além do econômico. Um deles (interesse do estudioso e também o nosso) são as formas de linguagem e, principalmente, as questões que envolvem a língua e tudo que é produzido e materializado nela e a partir dela. Isso está diretamente relacionado ao tipo de conhecimento que tem sido (re)produzido no meio acadêmico, tanto nos países dos “ex-colonizadores”, quanto (e fortemente) nas “ex-colônias”, pois:

¹⁸ Sabemos que as terminologias avançam e mudam. Do ano de 2003 para cá houve a noção de *países desenvolvidos* e *países em desenvolvimento*; posteriormente de *países emergentes* e, mais recentemente, de *países confiáveis*.

[o] que é concedido à literatura não é permitido às culturas acadêmicas. As culturas acadêmicas [...] podem tomar o hibridismo como um tópico de estudo interessante, mas o discurso que se relata o resultado do estudo não pode, ele próprio, ser híbrido! [...] A língua da disciplina deve ser tão pura como o sangue dos primeiros cristãos na Espanha [...] deve ser controlado por regras, deve-se respeitar a estrutura gramatical, a coerência do discurso e a lógica argumentativa [...] (MIGNOLO, 2003, p. 304, grifo nosso).

Isto quer dizer que o fato da ideia de que línguas nacionais devem ser puras e homogêneas terem caído por terra – principalmente após o surgimento de áreas como a Sociolinguística – não foi o suficiente para que a escrita acadêmica fosse repensada. As variantes, variações, variedades, dialetos, regionalismos, sotaques continuam vistos, exclusivamente, como objetos de estudo.

Não se trata de desmerecer o trabalho que vem sendo desenvolvido, principalmente, no que concerne às discussões e avanços em torno do preconceito linguístico e do respeito à diversidade linguística, por exemplo. Considerar que as línguas são heterogêneas e estudá-las numa perspectiva cultural foi um grande avanço e é essencial, assim como as reflexões e a criação de estratégias de como a universidade poderia dialogar com os outros níveis de ensino (fundamental e médio). Mas a questão que se coloca é: será que a própria universidade não precisa ser repensada, principalmente, no que diz respeito ao tipo de conhecimento que estamos veiculando e nos moldes de escrita que estão sendo divulgados? De que nacionalidade são a maioria dos nossos autores e autoras de eleição? O que é o escrever bem em termos acadêmicos? Onde estão alicerçados os nossos parâmetros do que é/como deve ser construído um texto científico de qualidade? Poderíamos dizer com Lucchesi (2008) que:

[é] possível escrever um ensaio filosófico ou um artigo científico em português sem usar as regras de concordância, pois a coerência e a articulação de um texto não dependem do emprego dessas regras. Isso só não acontece porque as pessoas que escrevem ensaios e artigos científicos estão habituadas a ler textos que empregam tais regras, de modo que elas passam a empregá-las naturalmente [...] (LUCCHESI, 2008, p. 34).

Concordamos que a tendência seja reproduzirmos e adotarmos os modelos com os quais estamos acostumados, mas não enxergamos essa questão como algo que seja natural, mas sim como uma imposição que tende a reproduzir os projetos globais. Se antes as línguas ditas nacionais eram os muros que delimitavam os limites geográficos e culturais, hoje, com a internet e as novas tecnologias que praticamente dissiparam esses limites, elas servem (dentre tantas outras coisas) para separar os saberes entre científicos e não científicos (que servem

apenas como possíveis objetos de estudo) e com isso dividir a sociedade em grupos, ou seja, continuar servindo de instrumento para a reprodução e perpetuação das *diferenças coloniais* a serviço da *colonialidade do poder*.

Nas palavras de Mignolo (2003, p. 357) “[...] as línguas nacionais, associadas às nações europeias modernas e ao colonialismo (inglês, francês, alemão) posterior ao século 18, continuam sendo as línguas principais da cultura do conhecimento acadêmico”, ou seja, “[...] as línguas imperiais são as mediadoras, desde modelos para reestruturações econômicas às teorias de narrativas históricas, argumentos éticos e filosofias de línguas [...]”.

Um exemplo disso foi o caso do livro didático *Por uma Vida Melhor*, da coleção *Viver, Aprender*, que trazia, em sua introdução, uma rápida discussão sociolinguística para a sala de aula, gerando uma grande polêmica, tanto entre os teóricos, quanto entre os leigos. Isso nos leva a pensar o porquê da noção de “certo” e “errado” na língua ser tão combatida e, ao mesmo tempo, tão reproduzida, inclusive por nós linguistas, em que a norma padrão pode até transitar pelos botequins e situações de informalidade, ao passo que as modalidades não-padrão jamais serão a língua das instituições de ensino, a não ser quando nos servem como *corpus* de pesquisa.

A questão não está em contestar a necessidade de haver uma padronização da língua para seu uso em determinadas situações, mas de questionar os motivos e a maneira como esse padrão foi e é construído, e a razão que nos levou à escolha deste e não de outro, uma vez que [...] o nosso padrão normativo ainda é decalcado dos modelos portugueses [...] (LUCCHESI, 2008, p. 35). Exemplo disso, é o uso forçado, por mera formalidade, da ênclise nos textos acadêmicos. Tanto é que não podemos redigir este trabalho na mesma modalidade com que falam os nossos narradores, muito menos deixar que o nosso texto se misture com suas falas transcritas, elas precisam estar separadas, destacadas e têm autorização para estarem aqui, exclusivamente, na forma de excertos, trechos retirados do *corpus* ou em apêndice, porque são objeto de análise.

É importante salientar que quando o autor fala da *colonialidade*, ele não está pensando numa perspectiva vitimista, ou seja, numa relação verticalizada de cima (Europa e Estados Unidos) para baixo (países colonizados). Ele explica que os projetos globais nascem a partir das histórias locais dos países metropolitanos, mas não ficam presos territorialmente, de modo que são implantados de formas diferentes, de acordo com as particularidades históricas de cada lugar, ou seja, as histórias locais não são uma característica inerente aos países colonizados, do mesmo modo que os projetos globais não permanecem situados apenas no “Primeiro Mundo”.

Inclusive, em muitos casos, esses projetos globais tornam-se objeto de desejo. Não podemos dizer, por exemplo, que a modernização da agricultura – muito incentivada pelos Estados Unidos – não foi desejada pelo governo brasileiro (que via muitas vantagens nisso, como a abertura do mercado interno), pelos proprietários das terras e por parte dos trabalhadores rurais. A chegada dos caminhões, tratores e outras máquinas que facilitariam o trabalho no campo não foi repudiada, muito menos a possibilidade de ir morar na cidade.

O êxodo rural foi uma forma de expulsar o trabalhador/não proprietário de terras e de não promover a reforma agrária, mas foi também o desejo de uma boa parcela que acreditava que na cidade teria a oportunidade de ter condições melhores de trabalho, acesso à educação e à saúde, visto que a lida na roça era árdua e desgastante. Além do mais, nesse período, a maioria já estava com seus 40 anos de idade, faixa etária que, para a época, as pessoas já eram consideradas praticamente terceira idade, ou seja, eles já eram *senhores* e *senhoras*, que tinham filhos que precisavam estudar ou dar continuidade aos estudos, pois em muitas regiões, quando tinha escola na zona rural, era apenas até o antigo 4º ano primário, que corresponde, hoje, ao 5º ano do Ensino Fundamental I e não havia, ainda, condução para transportar os alunos para a cidade.

Essa visão positivista com relação à tecnificação do meio rural foi e é igualmente defendida no meio acadêmico, em que:

[...] não seria possível haver desenvolvimento capitalista sem a transformação do campo, na perspectiva dos ideólogos do desenvolvimento industrial de modelo clássico [...] no Brasil, encontrar-se-iam em confronto o *velho*, representado pelo imobilismo do interior [...] e o *novo*, expresso pelo litoral associado à indústria, ao grande comércio, à civilização mais avançada, ao dinamismo [...] Ao setor *moderno* (ou seja, São Paulo) caberia, via injeção de capitais, técnicas e progresso, ultrapassar as resistências do outro setor, do *outro Brasil* [...] (LIMA, 2005, p. 51-52, grifo nosso).

Chegamos, então, no outro ponto ao qual nos referimos *ad supra*: a emergência de entre-lugares em decorrência do encontro/embate de duas forças/saberes que ocupam posições distintas em se tratando das relações de poder. É justamente desse choque entre o *Brasil moderno* e o *outro Brasil* que surge esse entre-lugar que irá produzir sujeitos cujas identidades são fraturadas e é onde se encontra também o *pensamento liminar* (MIGNOLO, 2003), as *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1989), a *cultura popular* (CERTEAU, 1998), os *saberes locais* (GEERTZ, 1997) e os *saberes dominados* (FOUCAULT, 1979).

Todos esses autores, a partir de seus conceitos e terminologias, vão falar, ao seu modo, desse tipo específico de saber. Poderíamos, numa análise superficial, tratá-lo como híbrido,

uma mistura consequente do encontro entre culturas, porém, concordamos que “[...] é mais do que uma enunciação híbrida. É uma enunciação fraturada em situações dialógicas com a cosmologia territorial e hegemônica [...]” (MIGNOLO, 2003, p. 11). Esse é o lugar liminar onde se encontram os sujeitos da nossa pesquisa e suas identidades fraturadas, porque resultam justamente desse momento de transição em que o *outro Brasil*, onde estavam acostumados a habitar, foi incorporado ao *Brasil moderno* através da tecnicização da agricultura e, com ela, trouxe outros saberes considerados mais sofisticados sobrepondo-se aos demais.

As doenças que eram tratadas com remédios caseiros, a palavra do benzedor que vigorava e a força das superstições e simpatias foram, aos poucos, perdendo o seu lugar para os remédios farmacêuticos e as consultas médicas. Entretanto, como pudemos notar, por meio das narrativas, estando em evidência ou marginalizados, os saberes que estes senhores e senhoras têm sobre a flora da sua região fizeram e fazem parte do seu cotidiano, resistindo entre uma medicação e outra. Muitos nos mostraram radiografias, tomografias, receitas médicas, enquanto passeavam conosco em seus quintais enormes, cheios de plantas medicinais, nos explicando minuciosamente como preparar o remédio; mostraram suas caixas de medicamentos, mas também as garrafadas que haviam preparado para intercalar com o *remédio da farmácia*.

Faz-se necessário pontuar que os senhores e senhoras que entrevistamos, em sua maioria, são pessoas que não tiveram acesso à educação, ou seja, são analfabetas e vindas de famílias com baixa renda, de modo que passaram a vida toda trabalhando no campo e, quando estavam na cidade, assumiam funções equivalentes, no sentido de exigirem esforço físico da mesma maneira. No entanto, existe outra parcela de entrevistados, mesmo que menor, de pessoas que são herdeiras de terras e que frequentaram a escola, fatos que percebemos não ter interferido em seu modo de vida e tampouco em seus saberes sobre o trato com a natureza que os circunda, em especial, a flora.

Diante dessa observação, não podemos dizer que o nosso trabalho está pautado em questões econômicas (diferenças de classes sociais), mas nos saberes que todos compartilham. A hipótese que temos para este fato é de que, por mais que existissem famílias cuja condição financeira fosse melhor, na época, Goiás, como pudemos ver na discussão anterior, ainda era uma região distante e desconectada dos grandes centros; não havia muitas estradas naquela época, e os automóveis eram acessíveis apenas para aqueles que detinham de um grande capital, as famílias de fato muito abastadas.

É evidente que sempre existirá algo que será modificado ou adaptado às novas condições, como o caso das muitas plantas, em grande número, as do cerrado, terem entrado em extinção devido ao desmatamento. Entretanto, para quem teve o contato com estas plantas, por meio de uma relação empírica com o ambiente onde estiveram/estão circunscritos e do que lhes foi ensinado pelos pais ou avós, muito do que eles sabem – o tipo de terra ideal para plantar; a época certa de plantar e colher (relacionada às fases da lua); os tipos de vegetação e de solo (cerrado, cerradão, capoeira, terra de cultura); as plantas medicinais; as venenosas, abortivas, cortantes e urticantes; as comestíveis; as que servem para a construção de casas, utensílios domésticos e confecção de tecidos; as que repelem o mau agouro ou energia ruim de qualquer natureza – permanece vivo em suas práticas e em suas memórias, por meio das lembranças que “[...] são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante [...]” (POLLAK, 1989, p. 08).

Esses ensinamentos que, em outros tempos, foram extremamente importantes para a sobrevivência das pessoas (ricas e pobres), seja com relação à alimentação ou aos cuidados com a saúde, atravessam nosso cotidiano, desde o chá de boldo para o enjoo de estômago, ao mel com açafrão para sarar a tosse.

Aí se manifesta a cultura “popular” [...] O que aí se chama sabedoria, define-se como *trampolinagem*, palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como *trapaçaria*, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. Mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas [...] Nesses estratagemas de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor [...] uma mestria que tem seus peritos e sua estética se exerce no labirinto dos poderes, recria sem cessar opacidade e ambiguidade [...] no universo da transparência tecnocrática, aí se perde e aí se encontra sem precisar assumir a gestão de uma totalidade. Até o campo da desventura aí é refeito por essa combinação do manipular e do gozar (CERTEAU, 1998, 78-79).

É justamente por meio dessa *trampolinagem* que o saber popular engendra-se, bem como todo o conhecimento epistemológico que é produzido no interior desses *labirintos dos poderes* (as fraturas históricas), que Mignolo (2003) chamará de *pensamento liminar*, ou seja, o conhecimento que não é produzido nem pelo centro e nem pela periferia, mas pelo lugar de entre meio que surge do choque de ambos: as *flores do pântano* de que Lucchesi (2008) fala.

Trazendo essa discussão para a realidade dos nossos interlocutores, podemos pensar nos quintais de suas casas (onde eles continuam cultivando diversos tipos de plantas), como uma representação física da fratura resultante da colisão entre o *Brasil moderno* e o *Outro Brasil*, bem como da medicina tradicional e da *medicina matuta*, como diz a letra da música da epígrafe do próximo capítulo. São pedaços de memória dos tempos idos que residem nas cidades, no fundo das casas; uma espécie de atualização e resistência do *de primeiro* do qual tanto falam, como se fosse algo do passado, sem perceber que, à sua maneira, fazem (co)existir entre os pedaços de concreto que moldam as cidades.

Ao criarmos condições de escuta para que estes senhores e senhoras compartilhassem conosco suas memórias, pudemos ter acesso a estes saberes antigos e, ao mesmo tempo, atuais, que perpassaram gerações. Uma época em que os remédios caseiros estavam no lugar, hoje, ocupado pela medicina. A partir do momento em que o discurso médico assumiu um lugar de *status* na sociedade, este conhecimento passou a ser repreendido pelo “doutor” e colocado à margem, visto como algo nocivo e, às vezes, sem validade, como nos foi relatado na maioria das entrevistas.

Através deste deslocamento, estas pessoas ficaram espremidas entre a cidade e as grandes plantações com seus maquinários modernos. Com o passar do tempo, vieram as “novas descobertas” das propriedades medicinais das plantas e, conseqüentemente, o fortalecimento da fitoterapia como forma de tratamento alternativo – principalmente com a emergência do discurso de uma vida mais saudável e natural como discutido anteriormente –, em que temos praticamente aqueles mesmos remédios caseiros, mas com uma nova indumentária: cápsulas manipuladas com o selo de qualidade garantido pelos cientistas e seus inúmeros experimentos em laboratório. Aquelas e aqueles que iam para o cerrado aprender com seus pais e avós, que a *rezina do jatobá* misturada com a *erva-de-santa-maria* é um bom emplastro para *quebraduras*, não são citados entre os autores e estudiosos que se ocupam em extrair os princípios ativos da planta e analisar o seu poder medicinal; muito menos os indígenas e negros africanos de quem descendem esses saberes em primeira instância. Como frisamos anteriormente, não estamos questionando a importância da medicina e das ciências, mas sim o porquê desses outros tipos de saberes sobre o corpo e sobre o trato com a natureza terem sido e ainda serem silenciados.

Entretanto, como afirma Certeau (1998), no interior dessas fraturas que se abrem, existe uma *arte de fazer* e de *modificar* o que é imposto sem necessariamente precisar fugir, uma vez que isso nem sempre é possível. Estamos falando das brechas onde esses *saberes*

dominados ficam registrados, por exemplo, nas marcas etimológicas¹⁹ que a língua não nos deixa esquecer e, pensando em nosso trabalho, nas definições que são formuladas pelos nossos interlocutores ao descreverem a flora, e na história oral que produzem a partir de suas *memórias subterrâneas*, as memórias que:

[...] como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opõem à “memória oficial”, no caso da memória nacional [em que] os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são [...] de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores [...] (POLLAK, 1989, p. 11).

No caso das definições que encontramos em nosso *corpus*, é recorrente a descrição ser feita passando pelo aroma, a coloração, o sabor e a textura da planta, sempre acompanhadas de relatos de experiência pessoal.

Se os quintais de suas casas são a representação física dessa fratura histórica na qual seus corpos habitam, as definições por eles elaboradas são a representação linguística, isto é, elas materializam, via linguagem, o lugar liminar de onde falam os nossos interlocutores, ou seja, revelam as suas marcas identitárias.

Portanto, é nesse conceito de *pensamento liminar* que alicerçamos a tipologia definicional que chamamos de *definição liminar*, proposta ao final do quarto capítulo. As teorias e discussões que sustentam o outro pilar foram apresentadas no terceiro capítulo. Antes, iremos ouvir as senhoras e senhores que entrevistamos, uma vez que:

[o] último horizonte do pensamento liminar não está atuando apenas em direção a uma crítica de categorias coloniais; está atuando também no sentido de reverter a subalternização dos saberes e a colonialidade do poder. Também indica uma nova maneira de pensar na qual as dicotomias podem ser substituídas pela complementaridade de termos obviamente contraditórios (MIGNOLO, 2003, p. 454).

O que queremos dizer é que adotamos esse significado novo que Mignolo (2003) dá à palavra *liminar* não apenas para conceituar um tipo de definição, mas também como posicionamento na escrita desse trabalho e no conhecimento que queremos transmitir: um pensamento fraturado engendrado em trincheiras que só existem porque há um centro e uma periferia que se chocam incansavelmente ao longo da história.

¹⁹ “[...] a contribuição das línguas indígenas para o vocabulário do português é quase que exclusivamente de origem tupi, restringindo-se, como seria natural, à fauna e à flora: caju, abacaxi, mandioca, tatu, tamanduá etc [...]” (LUCCHESI, 2008, p. 31, grifo nosso). Apesar do estudo etimológico não ser o foco de nosso trabalho, esta se constitui uma informação interessante, visto que estamos trabalhando com a flora.

**PERCORRENDO AS FRATURAS
HISTÓRICAS: OUTRAS NARRATIVAS SOBRE GOIÁS**

*Quando o sol brota no monte, já me encontra na labuta
Orquestra dos passarinhos, sou primeiro que escuta
No conjunto sou maestro, a enxada, minha batuta
Seu compasso e harmonia dissonante, diminuta
Solto a voz nesse momento e quem não tem sentimento
garante que sou biruta
Quem tem sensibilidade aprova minha conduta
Vivendo aqui no sertão, minha saúde é enxuta
Me trato com raizada e até concedo consulta [...]
Sou tratador raizeiro,
não se forma com dinheiro, na medicina matuta
No sertão só é doutor quem aprende e executa
Não barganho essa ciência por um diploma fajuta
Curo males do estomago com polvilho de araruta
o amargo do pau pirira, boldo e raiz de buta
e algum outro sofrimento,
se precisar benzimento que vem de ciência oculta
Eu faço minha meizinha com o que o mato me faculta
raiz que tiro do chão e casca de algumas frutas
O cerrado é um celeiro dos remédios que resulta
A medicina moderna de charlatão me insulta
Mesmo mal compreendida,
por nada troco essa vida, eu não aceito permuta [...]
Zé Mulato e Cassiano (2013)*

Como já dito, as definições integram um *corpus* oral²⁰ de onde retiramos excertos para as análises, bem como para apresentação dos sujeitos dessa pesquisa. Por esta razão, antes de prosseguirmos, é preciso compreender o processo de transcrição, para que a leitura dos trechos transcritos não seja comprometida e não traga dificuldades ao leitor.

Mesmo que sejamos todos falantes de língua portuguesa, certas realizações da língua tornam-se estranhas ou adquirem um grau de especificidade, principalmente, se se tratam de variações que não ocupam lugar de prestígio, ganhando destaque apenas nas situações em que constituem objeto de estudo ou quando são alvo de preconceito, pois, infelizmente, as “[...] formas da língua popular podem atrair o estigma social sobre os seus usuários [visto que] a língua ainda permanece um espaço de intolerância [...]” (LUCCHESI, 2008, p. 33-34). Entretanto, para além dessas questões, é importante explicarmos os procedimentos utilizados na transcrição, por ser este um recurso que metodologicamente deixa o pesquisador diante de alguns impasses, a depender do resultado que se deseja alcançar.

2.1 Transcrevendo o *corpus*

Podemos dizer que a transcrição de registros orais, no caso deste estudo, também ocupa um lugar liminar, não no sentido político e filosófico do conceito de Mignolo, mas no sentido literal²¹ da palavra, uma metáfora que poderíamos utilizar, seria a expressão *ficar* ou *estar em cima do muro*; situa-se entre a fala e a escrita, visto que não pode ser considerada, em sua plenitude, nem um texto escrito, por não atender a todas as regras formais exigidas, nem a representação fiel e completa da oralidade, por acabar apagando várias nuances que a escrita não consegue alcançar. É fato que a transcrição:

[...] transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação [...] A expectativa da transcrição substituir o teipe para propósitos científicos é equivalente a fazer crítica de arte em reproduções, ou crítica literária em traduções. A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa quantidade de invenção. O mesmo pode ser verdade para a transcrição de fontes orais [...] (PORTELLI, 1997, p. 27).

²⁰ O *corpus* oral transcrito encontra-se disponível em apêndice.

²¹ “[...] relativo a, situado em ou que constitui limite ou ponto de passagem (como entre dois locais, situações, atividades etc.) [...]” (HOUAISS, 2009).

Dessa forma, como fizemos em pesquisa anterior²², adotamos a transcrição gráfica²³, por ser uma técnica flexível, que possibilita a criação de uma *chave de transcrição* que melhor se adequa às necessidades apresentadas pelo *corpus* oral, porque o intuito é que o resultado seja uma transcrição o mais próxima possível daquilo que foi realizado oralmente..

Entretanto, vimo-nos diante de dois esforços que caminhavam em direções opostas: de um lado, a preocupação em ser fiel aos registros orais e, do outro, a preocupação em tornar a transcrição legível aos leitores. Quanto mais nos aproximávamos de um, mais distantes ficávamos do outro. Certos traços, como gesticulações, expressões faciais, olhares, pausas muito específicas, entonações, de fato não podem ser transcritos, apenas mencionados entre parênteses, para que o leitor possa ter uma ideia, construir uma imagem. Esses movimentos corporais, em nossa pesquisa, são muito importantes, principalmente, nos casos de uma definição que poderia ser classificada como ostensiva, em que os narradores desenhavam no ar, utilizando seus corpos, especialmente as mãos, o formato de uma folha, a altura de uma árvore, o tamanho de uma fruta. Temos as imagens desses movimentos, mas nem mesmo se utilizássemos *frames*²⁴ seria o suficiente, é necessário ver esses movimentos em movimento.

Assim, na tentativa de fazermos uma transcrição que atendesse ambas as demandas (obter maior proximidade com o registro oral e ser inteligível aos leitores), criamos os seguintes procedimentos por nós utilizados (cada item está acompanhado de exemplos retirados do *corpus oral* em sua versão transcrita, em que a chave em uso está destacada em negrito):

1. (*comentário*): indica os comentários que não fazem parte da fala dos narradores, mas que foram inseridos para indicar movimentos corporais ou qualquer realização dessa natureza.

Exemplo: “[...] Era assim, ‘cê cortava madeira igual aquel'ali, ó (**gestos**), tá veno? [...] ‘Cê ferve ela, deixa ela em infusão e vai tomano. Hoje o povo põe na geladeira, de primero, não (**risos**).

²² *As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981)* (JERONIMO, 2014).

²³ Ver Paula (2007).

²⁴ Utilizamos este termo no mesmo sentido que é empregado na linguagem do áudio-visual, em que o *frame* corresponde a um fotograma extraído de um vídeo.

2. [palavra ou comentário]: inserida para indicar a supressão de palavra que, no contexto da conversa, fica subentendida ou pode ser recuperada. Utilizada também para os momentos em que o narrador está usando o discurso direto, ao contar uma história e, no meio do diálogo, faz um parêntese para dar alguma informação à parte.

Exemplo¹: “[...] Era boa **[a sombra]**. Nossa! Na hora que ela abre... e tampa mês’, ela tampa mês’ assim, sabe? Por baxo dela, é fresquim. [...] gostava de ficá debaxo dela [...] **[A folha é]** miudinha. Da aroera é grande, né? [...]”

Exemplo²: Até minha mãe falô: ‘*Arruma seu ti’ (...)* **[que ele era veim (velhinho), né?]** *pa ficá lá c'ocê’*.

3. (palavra): inserida para indicar a palavra cujas partes foram suprimidas na fala, por fatores fonético-fonológicos, de modo que sua ausência poderia dificultar a compreensão.

Exemplo: “[...] só paguei quem **coiesse (colhesse)**, arrumasse tudo pra mim. Depois, parei. Quando os menino ficô maió, foi mexeno [...] foi... eu e **ês (eles)**.

4. utilizamos o apóstrofo para as palavras em que houve a supressão de fonemas, mas que neste caso não causaria nenhuma dificuldade na compreensão.

Exemplo¹: Ela é '**marela** [...] ela dá leite. Pa gente comê a fruta, ela era gostosa, mais pa comê ela tinha que sê na bera d'água [...] lavá o leite dela [...]. Como é que é o nome dela?... Eu num falei **pr'ocê** que eu tinha a cabeça ruim?

O mesmo ocorre em: ‘que (porque), ‘cê (você); mei’ (meio/meia), mai’/ma’ (mas), ‘uvido (ouvido), móve’ (móveis), ‘ranca (arranca), ‘guenta (aguenta), ‘lastra (alastra), mes’ (mesmo), dentre outros.

5. (...): este símbolo serve para indicar que parte da narrativa foi suprimida intencionalmente com o intuito evitar a menção de nomes ou informações que poderiam causar algum constrangimento, ou que houve supressão de trechos que não são interessantes para a pesquisa, ou para trechos inaudíveis devido a sons externos que suprimiram a voz do entrevistado, ou na ocasião de trechos incompreensíveis.

Exemplo¹: [...] Isso aí, ó, o (...) sofreu hepatite, eu fui desenganada dos médico. Deus, nosso senhô Jesus Cristo e esse remédio aí, foi o maió [...]

Exemplo²: Lá pelo Pedro Ribeiro onde nós morô, tem [...]. Ela é uma taboca, ela sobe assim, tipo um cipó mes[mo], que cê tá falano (...).

Exemplo³: “[...] tinha que (...) com eles no estalero até sará e punha esse remédio (...) santa maria, essas coisa assim que punha [...].

6. ...: indica pausa da fala, comum ao fluxo narrativo.

Exemplo: [...] fazia umas **tela...** de pau, assim, e 'marrava no braço igualzim eles engessa, né? Só porque era feito, misturado num pano, fazia aquilo bem feitim e enrolava no braço e 'marrava... e 'marrava um pedaço assim e sarava [...].

7. |...|: pequenas intervenções da pesquisadora.

Exemplo: [...] Outra hora punha o óleo de pau, né? |...| Tira no pau o óleo de pau, o pau-de-óleo mes', né? |...| É uma árvore (...) pau-de-óleo. É maderá tamém [...].

8. ‘itálico’: para trechos de diálogos reproduzidos no momento da entrevista, mas que fazem parte da memória do entrevistado, geralmente em discurso direto.

Exemplo: “[...] Era meu marido. Aí, a tia do... dele falô: ‘*Vai, meu pai, morá, ficá lá uns tempo com a (...) mai’ os menino, né? Ela cuida do senhô e o senhô cuida dela. Fica lá, servino de companhia pa ela mais os menino*’ [...].

Vale observar que podem ocorrer casos em que é feito o uso da norma padrão pelos entrevistados, ou seja, não se tratam de erros de transcrição, mas de momentos em que eles podem estar monitorando mais as suas falas ou, simplesmente, são realizações que fazem parte do seu modo de usar a língua, como em:

Exemplo¹: [...] O pé de mangaba, ela é... **folhas brilhosas... leitosas...** dá bastante leite... e a... **as frutas... são redondinhas, ôtras são** meia oval assim (*gestos*), **deliciosas**, né, **são**

deliciosas, né? E as árvores são... não são tão altas, porém de galhos bem retorcido, 'que ela dá só no cerrado [...].

Exemplo²: [...] Ocê gosta dele e **ele gosta de você** [...]

Os áudios estão arquivados em formato WMA (Windows Media Audio) e as transcrições foram realizadas com o auxílio do programa FF TRANSCRIBER 1.0, que traz alguns recursos que nos permite diminuir ou aumentar a velocidade da fala, fazer alterações no volume e pausar no ponto exato em que se deseja retornar, além de ter uma caixa de texto onde podemos digitar as transcrições, o que torna o processo mais prático, pois não é necessário ter um arquivo para o áudio e outro para redigir o texto. O tempo dos áudios varia entre duas horas e meia e uma hora de duração, de modo que, a depender do grau de dificuldade, cada cinco minutos de fala levaram, em média, trinta minutos para serem transcritos.

No que se refere ao sigilo exigido pelo comitê de ética, tivemos, obrigatoriamente, que criar um código para identificar os nossos entrevistados, por exemplo, em AF2M93:

A = inicial do nome da cidade (neste caso, Anhanguera, já o demais: I [Ipameri]; CA [Campo Alegre]; G [Goiandira]; Cu [Cumari]; Co [Corumbaíba]; O [Orizona]).

F2 = letra F para informar o sexo biológico (para os homens, utilizamos a letra M), seguida do número cardinal para indicar que foi a segunda mulher a ser entrevistada.

M = inicial no seu primeiro nome.

93 = idade.

Ainda sobre essa questão do sigilo, gostaríamos de frisar que essa é uma exigência que tivemos que cumprir, ou seja, não foi uma exigência que partiu de nós ou dos nossos interlocutores que, pelo contrário, em sua maioria, se mostraram desejosos em serem identificados com seus nomes e terem sua imagem divulgada.

No entanto, não pudemos fazê-lo pois há uma obrigatoriedade em “preservar” a identidade dos entrevistados, mesmo que eles próprios não queiram isso (o que não deixa de ser uma forma de mantê-los no anonimato da história, como discutimos no capítulo anterior), mas não veem nenhum constrangimento em exigir que uma pessoa analfabeta assine um termo de compromisso (TCLE). Isso soou, em certas ocasiões, como uma ofensa, por colocar em dúvida a validade da palavra do entrevistado e desconsiderar a sua decisão; contribuiu

também para reforçar o estranhamento inicial e a desconfiança por parte dos entrevistados com relação à pesquisadora, como explicamos em nossa discussão sobre as questões relativas à pesquisa de campo²⁵.

A decisão final sobre o que deve ou não ser exposto deveria ficar a cargo dos sujeitos da pesquisa. Não levar a sua vontade em conta é tratá-los como incapazes ou ignorantes que não sabem o que é melhor para si, além de estarmos reproduzindo uma postura que parte de um olhar hegemônico sempre em busca de governar e outro. Por esta razão, pensamos que ter a sua autorização registrada em áudio ou em vídeo seria o suficiente, não só no caso dessa pesquisa, como de outros trabalhos de mesma natureza. Sentimos, nesses momentos, a necessidade de regras mais flexíveis, que contemplassem os estudos feitos na área de Ciências Humanas e Sociais, a fim de melhor se encaixar à realidade de cada pesquisa, respeitando suas particularidades.

Vale pontuar que o Comitê de Ética, durante o período em que submetemos nossa proposta (segundo semestre de 2014, com aprovação em março de 2015) e realizamos a pesquisa de campo (segundo semestre de 2015), passava por uma grande discussão. A pauta principal²⁶ era justamente esses problemas gerados pelo fato das exigências e regras por ele estabelecidas atenderem apenas as demandas das Ciências Exatas e da Saúde. Como resultado dessas discussões, foi criada, em 07 de abril de 2016, pelo Plenário do Conselho Nacional de Saúde, a resolução nº 510, que traz normas direcionadas especificamente para as pesquisas desenvolvidas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Infelizmente, nossa pesquisa não pode ser contemplada, pois quando essa nova resolução foi publicada, já havíamos encerrado nosso trabalho de campo, mas diante das dificuldades que encontramos, torna-se mister enfatizar que essa foi uma conquista muito significativa e que beneficiará em muito a relação entre interlocutores e pesquisadores.

2.2. Escrevendo histórias contadas

Se o nosso intuito com esse trabalho é produzir *um outro pensamento*, falar a partir de *uma outra língua*, ou seja, constitui-lo enquanto *pensamento liminar*, façamos, então, a nossa *trampolinagem*: apresentaremos cada uma das pessoas que entrevistamos, baseando-nos no contato que estabelecemos durante as entrevistas e naquilo que nos foi, por elas, contado.

²⁵ Ver capítulo I.

²⁶ Acompanhamos essas discussões durante o *I Seminário do Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr - UNESP*, que ocorreu no dia 30 de outubro, de 2014.

Concomitantemente, traremos trechos transcritos de suas falas, intercalando-os com nosso texto escrito, uma vez que “[...] as fontes orais dão-nos informações sobre [...] os grupos sociais cuja história escrita ou é falha ou distorcida [...]” (PORTELLI, 1997, p. 27) ou inexistente.

Melhor do que nós falarmos por nossos narradores, é tentarmos interferir o menos possível no espaço que eles ocupam neste trabalho, para que as suas histórias contadas sejam, por eles, escritas. Portanto, não cabe a nós fazermos nenhum juízo de valor ou comentário de ordem analítica com relação ao que foi compartilhado conosco, porque as suas memórias, neste momento, podem falar por si mesmas. Por isto, propositadamente, em alguns momentos, a nossa escrita pode se misturar com os excertos do *corpus*, porque a intenção não é somente olhar para essas vidas exclusivamente como objetos de estudo, mas como partes de uma história. Afinal, nossos interlocutores também são nossos autores de eleição.

A ordem de apresentação é a mesma em que foi realizada a pesquisa de campo e todas as fotografias são registros feitos durante as entrevistas, algumas de autoria da pesquisadora²⁷, outras do documentarista²⁸ que acompanhou a segunda fase do trabalho de campo.

2.2.1. Ipameri-Goiás

· IF1D73 – quarta-feira, 03 de junho de 2015

Figura 3 – Café moído e peneiras



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Quando chegamos, D. B. B²⁹. estava com visitas (que depois de um tempo foram embora). Muito simpática, concedeu-nos a entrevista na área de sua casa, com vista para o seu

²⁷ Gabriela Guimarães Jeronimo, identificada na legenda das fotos de sua autoria como Jeronimo (2015).

²⁸ Maurício Neves Corrêa, identificado na legenda das fotos de sua autoria como Neves-Corrêa (2015).

quintal que é do tamanho de dois lotes. Nasceu em vinte e nove de agosto de 1941 e na roça viveu até os sessenta e quatro anos. Uma senhora muito cheia de vida e bem disposta. Ficou viúva aos vinte e quatro anos, quando seu filho caçula estava com um ano e dez meses, e o mais velho com cinco anos.

Disse que apesar dos pretendentes, não quis mais se casar, pois não teve mais *ilusão com homem*³⁰. Quando perguntamos se ela não sentiu medo de morar só com os filhos, ela contou que:

De primero, na roça, era bão demais [...] era seguro, num tinha essas... o povo num era igual é hoje, né? Era muito diferente de hoje, demais da conta. O povo tudo respeitava... o povo num tinha esses bandido, num tinha esses droga, de jeito nenhum. ‘Cê visse o lugá que eu morava sozinha mais os dois. Teve uns tempo que morô um tí’ (tio) do (...) comigo, um veim (velhinho). Gostava demais dos menino, morô comigo um tempo lá, me ajudano a cuidá da minha mãe. Até minha mãe falô: *Arruma seu tí’ (tio) (...)* [que ele era veim (velhinho), né?] *pa ficá lá c’ocê*. Mai’num ‘guentava trabaiá mais, né? Num ‘guentava fazê nada, nada, nada, né? Só de companhia, mes’ (mesmo). Ela tinha uma fia que era... casada com um irmão do (...) tamém, né? [...] Era meu marido. Aí, a tia do... dele falô: ‘*Vai, meu pai, morá, ficá lá uns tempo com a (...) mai’os menino, né? Ela cuida do senhô e o senhô cuida dela. Fica lá, servino de companhia pa ela mais os menino*’. Tadim, ele num prestava pra nada, veim (velhinho), mais era companhia (IF1D73).

Devido à ausência do marido e os filhos ainda pequenos, assumiu a plantação e a colheita da roça. Caso fosse necessário, fazia *mutirão* ou pedia uma *de mão* a alguém, mas quando os filhos cresceram, passaram a tomar conta de tudo junto com ela, que sempre continuou na lida e só se mudou para a cidade quando realmente se cansou.

Demonstrou-se muito saudosa e, ao explicar como eram feitas as casas, nos contou que as pessoas que eram pobres ou que não eram donas das fazendas moravam em casas de pau-a-pique e que o piso deste tipo de casa era feito de *chão batido*, por isto que:

Num lavava a casa, ‘cê varria [...] (risos) ‘cê aguava (...). Nessa época, mamãe falava pra nós assim: ‘*Minha fia, busca água no rêgo, joga debaxo das cama pra refrescá o calô*’. E a casa era limpinha (...) quando era um chão assim limpim mêmo, chega briá (...), ‘cê jogava água, aguava e barria, do povo assim... num tinha fazenda (IF1D73).

²⁹ Utilizamos a identificação que criamos para cada narrador (a) apenas quando formos fazer algum tipo de citação direta de trechos retirados do *corpus*. Aqui, não se faz necessário, então, como não podemos colocar o nome completo, optamos pelas iniciais.

³⁰ Todas as palavras ou expressões que estiverem grafadas em itálico fazem parte do léxico de uso corrente dos sujeitos da pesquisa. Nós as utilizamos nas ocasiões em que entendemos que ficaria artificial recorrer a maneiras consideradas mais “formais”.

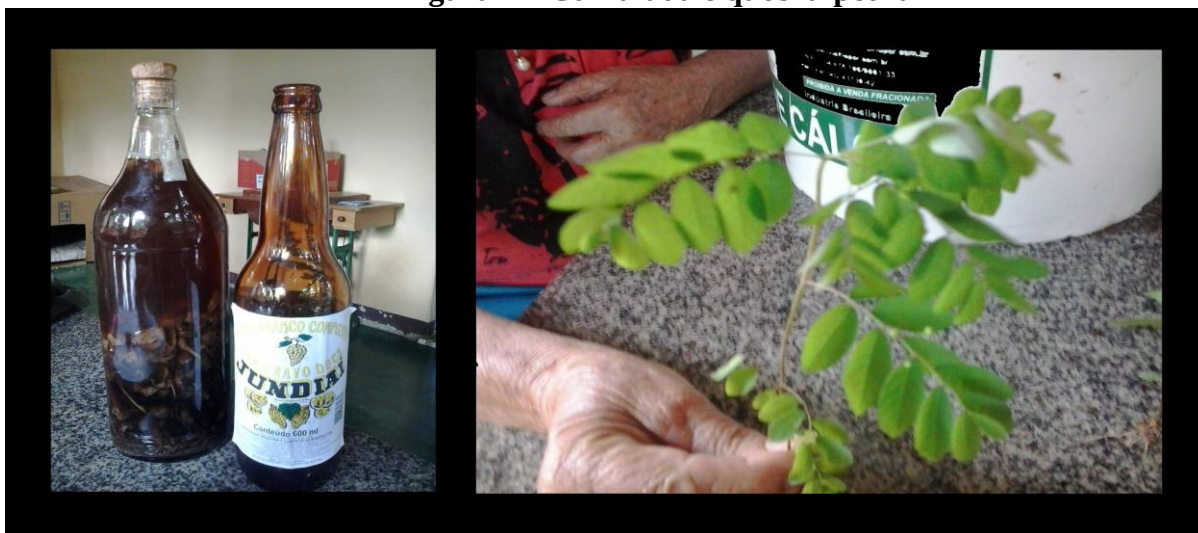
Explicou também que as carnes eram guardadas nas latas cheias de banha, pois como não tinha geladeira, este era o modo de conservá-las. Num determinado momento da entrevista, seu irmão passou rapidamente em sua casa e ela aproveitou para tirar dúvidas com ele sobre o nome de algumas plantas. Depois de um tempo, fomos para a cozinha onde ela moeu os grãos de café que havia torrado e passou um café para nós comermos com bolachas Mabel.

Ao final da entrevista, levou-nos até seu quintal para conhecermos e fotografarmos algumas plantas e, posteriormente, mostrou-nos a antiga *carda* e um pedaço de tecido que ela mesma teceu intercalando algodão comum com *algodão ganga*; a peneira de *bater arroz* e a de *bater feijão* e alguns balaies, todos confeccionados por um de seus filhos.

Quando perguntamos se havia uma forma de evitar a gravidez, disse que não sabia, que “[...] Aquil’ali é a sabedoria dos homi, os homi é que sabia... defendê [...]” (IF1D73). A entrevista terminou com ela falando-nos, muito orgulhosa, sobre sua habilidade para confeccionar roupas de algodão, em que descreveu minuciosamente todas as etapas dessa atividade.

· IF2M75 – sexta-feira, 05 de junho, de 2015

Figura 4 – Garrafada e quebra-pedra



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Nascida no dia vinte e dois de fevereiro do ano de 1940, M. P. B. deu-nos a entrevista na área de sua casa e fez questão de mostrar todas as raízes que têm guardadas dentro de baldes enormes. É conhecida na cidade por suas garrafadas milagrosas, principalmente, pelas moças que têm dificuldades para engravidar e após se tratarem com o remédio logo *pegam*

barriga, por exemplo, “[...] A muié... a menina do Edim ali (*gestos*), arrumô nenê foi com meu remédio (...). Sô inventadera (*gargalhadas*) [...]” (IF2M75).

No início da entrevista, ao perceber que eu estava em crise de bronquite, disse que fazia um xarope infalível que curava a doença, enumerando todos os ingredientes que usava e, pacientemente, descrevendo cada uma delas: *picão cipó, açafraão, assa-peixe branco, gervão, quina, broto de erva-de-lagarto e flor-guaco*.

Trouxe uma garrafada pronta, abriu e pediu que eu sentisse o aroma das raízes e deixou fotografar junto com a embalagem do vinho que ela usa para curtir as raízes.

Revelou que a primeira garrafada que fez foi para se curar de um problema grave no útero causado por uma *doença de rua* que o seu marido lhe passou. Para fazer o remédio, se baseou no que seu pai lhe ensinou quando ainda era criança. Depois desse ocorrido, se *separou de cama* do marido, ou seja, continuaram vivendo na mesma casa, mas dormindo em quartos separados. Entretanto, “[...] eu cuidava da ropa dele, eu fiz minha obrigação. Sempre, sempre (...) ‘Quê que aconteceu com ele... ficô sabeno? [...] Ele deu um tiro na cabeça e matô a muié [...]’”(IF2M75).

Ao dizer isto, mudou bruscamente de assunto e começou a mostrar mais das suas raízes, dando algumas para colocar na boca e sentir o gosto, demonstrando muito contentamento e satisfação em saber que seus remédios curaram muitas pessoas.

Apresentou, aos risos, a raiz de *verga-tesa* (unidade lexical analisada no quarto capítulo). Explicou também como era feito o emplastro à base de *erva-de-santa-maria, jatotobá e azeite de mamona* (todas essas unidades foram analisadas), quando as pessoas fraturavam algum osso.

Enquanto falava sobre as propriedades medicinais do *gervão*, narrou um acontecimento de sua infância, quando foi acometida pela *maleita*:

O gervão... eu já tomei ele pa maleita. Esfregava assim (*gestos*), me dava o sumo. Ê! Mais era ruim! (*risos*) [...]. Maleita, a gente pega uma febre braba na bera do rio. Nói' morava perto do ri' Pirapitinga... a gente pegô maleita lá. Aí, tinha que tomá o sumo do gervão, com mel de borá, tomava um tal de comprimido (...). Ê, gente, o trem 'margava que só veno! Aí, acaba com essa tal febre. E essa febre... cê po' colocá tudo quanto é tipo de coberta. Enquanto cê num treme até baxá febre, cê num para de tremê. Treme tudo que tá em cima d'ocê. Horrível! Eu tive quatro ano essa febre [...]. Não, foi constantemente [...]. Ê! Às veize, tomava esse comprimido 'margoso que eu tô falano (...), aí cortava, né? Aí, de repente, na ôta semana... já tava que no'... Nossa Senhora! É uma febre que tudo que vai comê tá amargano as coisas... cê enjôa de tudo [...]. Passô, mais eu tem problema no fígado [...]. É, por causa dessa febre (IF2M75).

Devido a um problema no joelho, disse que algumas raízes estão em falta, pois só são encontradas em lugares mais distantes e de difícil acesso, mas enfatizou várias vezes que a maioria das plantas poderia ser encontrada no Parque Municipal da cidade. Afirmou que prefere se tratar com os remédios feitos em casa, porque o “[...] Casero... casero num prejudica nem o osso, nem o estômago e o da farmácia acaba c'a gente. 'Caba! [...]”, mas alertou que é preciso saber fazer o remédio caseiro, pois “[...] tem remédio também que faiz mal, né [...] tem que sabê, né? [...]”(IF2M75).

· IM1A71 e IF3J61 – segunda-feira, 08 de junho de 2015

Figura 5 - Arnica



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Entrevista realizada com A. M. O., das duas horas da tarde às quatro, na sala de sua casa, acompanhado de sua esposa Dona J. a quem transcrevemos alguns comentários, por julgarmos importantes. Lavrador aposentado, pai de oito filhos, nasceu no dia seis de novembro de 1943, deu a entrevista de cócoras, na porta da sala, tímido, às vezes, pensativo, muito atento e concentrado em nossas perguntas. Viveu na roça praticamente a vida toda, disse que sua profissão é lavrador e, quanto aos estudos, falou: “[...] Ah... eu frequentei... fiz só o primero ano, na época só a cartilha mêmo [...]” (IM1A71 e IF3J61).

Com muita paciência, descreveu todas as plantas, árvores e frutas das quais se lembrou e contou como eram confeccionadas as embiras feitas de jangada, onde explica:

A jangada... é uma árve. Então, ela... ela dá uma fruta, mai' a gente num pode cumê não. Ela é tipo duma árve, só que é uma maderá assim... ela fica alta... dá aquelas fruta, mais o' meno' dum tamaim assim (*gestos*) [...]. Quando ela tá madura, ela fica amarela. É tipo duma corda de bacaiá, mai' era mais macia (...). Não, só a casca que virava embira pra fazê corda [...] é... e fazê corda [...]. Uai (*risos*), cortava a tora dela, aproveitava tudo e punha dent' d'água e dexava lá um meis... aí ela bambeava, cê tirava ela e batia, igual batê ropa e fazia a corda (IM1A71 e IF3J61).

Muito reservado, falou muito pouco sobre a vida pessoal, comentou que não acredita em simpatias e quando foi nos descrever o barbatimão (unidade lexical analisada no quarto capítulo), terminou narrando um episódio em que se machucou seriamente:

Ah! Tem o barbatimão tamém é bão pa ferida, né? Casca, né? IF3J61: O barbatimão é uma arvinha fina que dá na bera do brejo... mais dá mais na bera dos córgu. Ela dá uma folha assim... é... miúda, mais é.. tamém dá elas 'marela, né (...)? Dessa cor aqui assim ó (*gestos*). Ela dá... as amarela fica assim (*gestos*), 'cê viu uma dessa... que a maderá dele é branca [...] IM1A71: Não, a casca dele, antigamente, es (eles) fazia... curti cor de vaca, esses trem assim era c'a casca dele, né? Mais hoje em dia num usa isso mais. Ele, agora, pa usá, tem que tirá a casca, frevê até ela virá um meladim... tamém é bão. Não, mais 'cê qué vê... eu machiquei esse dedo aqui (*gestos*) com um ferpa de bambu... meu dedo inchô tanto, que ês (eles) teve que rasgá... pa tirá a ferpa. E aí menina, mais a minha unha assim... Não! Infeccionô tudo minha mão. Tudo! Aí, eu fui lá no posto de saúde... chegô lá, es (eles) fazeno curativo, né? Rasgô aquilo lá, drenô, feiz aquela limpeza... aí, vô lá no posto de saúde. Sabe cum quê que é que es (eles) tava banhano minha mão? Cum... casca de barbatimão. Pega as casca do barbatimão, põe na panelona, ferve, faiz aquela... aquele... Melado. Meladim. Por exemplo, se tivesse um cavalo, uma vaca com uma pereba grande, era só passá [o melado da casca do barbatimão] que sarava (IM1A71 e IF3J61).

· IM2V68 – segunda-feira, 8 de junho, de 2015

Figura 6 – Horta



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Entrevistamos V. A., mais conhecido como Galinho, na sala de sua casa, das sete horas às dez da noite, na companhia de sua esposa Dona M. Nascido em 15 de dezembro de 1946, no município de Ipameri, é um senhor de sessenta e oito anos. Recebeu-nos muito à vontade, usando um boné (por vergonha dos seus cabelos) e vestindo uma bermuda. Demonstrou muita animação com a entrevista, mas, no início, ficou desconfiado, com receio de ser denunciado aos médicos que, segundo ele, não concordam com o uso dos remédios caseiros.

Quando estava com doze para os treze anos, curou uma senhora com pneumonia usando um remédio feito com *assa-peixe*. Contou da época em que chovia a ponto do Rio do Braço cobrir a ponte. Falou sobre a mudança da vida na roça com a chegada das novas tecnologias (substituição do trabalho braçal pelas máquinas) e do desmatamento do cerrado para dar lugar às grandes plantações.

Levou-nos até o quintal para conhecermos suas plantas e aproveitou para mostrar algumas das quais havia nos falado: *jatobá*, *gengibre*, *alecrim*, *açafrão*, *taioaba*, *inhame japonês*, *araruta*, *alho*, *gergelim*, *batata doce*, *artemísia*, *mastruz/erva-de-santa-maria*, *hortelã da folha gorda*, *funcho*, *sete-dores*, *erva-de-bicho*; tocamos nas plantas, sentimos os aromas e texturas.

Durante a entrevista, ainda na sala de sua casa, antes de nos levar ao seu quintal, trouxe para vermos: uma folha do *pé de fumo*, o *óleo de pau* e a colher de pau feita do *pau de pombo*. Apresentou-nos também o pó de açafraão que ele e a esposa produzem, além da goma de araruta e o pó de imburana que nos deu para cheirar para desentupir o nariz e passar a dor de cabeça. Depois de quase uma hora de entrevista, levou-nos à cozinha e ofereceu café feito do grão torrado em casa e doce do coco de *guariroba*.

Apenas ao final, contou-nos que foi criado por uma fazendeira que, apesar de muito rica, não o registrou como filho. A história que sempre lhe contaram é que, com quinze dias de vida, seus pais queriam abandoná-lo, mas isto não o impediu, depois de adulto e ter servido o quartel, de ir até Itapaci, no norte de Goiás, conhecer seus pais e seus cinco irmãos, como ele mesmo explica:

Cheguei lá na casa dê (deles), ês (eles) tava tudo... ruim. Ropa rasgada, essa coiserada... tava ruim. E eu... e eu saí daqui... tinha 'presentado o quartel (...), fui pará em Itapaci-Goiáis... e num conhecia nada. Rapaizim novo, né (...). Es (eles) tava coieno (colhendo) feijão (...). Eu fiquei lá vinte dia (IM2V68).

Da primeira vez, sua mãe estava para Goiânia, fazendo um tratamento médico, mas em sua segunda ida, teve a oportunidade de conhecê-la. Finalizou a entrevista com a seguinte frase: “[...] A vida da gente é um traço... nós tudo... quando nói' nasce, nói' já nasce com o destino completo [...]” (IM2V68).

2.2.2. Campo Alegre-Goiás

· CAF1074 e CAM1J80 – sexta-feira, 03 de julho, de 2015

Figura 7 – Horta de couve



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Neste dia, entrevistamos o casal, O. P. C. e J. M. S., ela nos recebeu de modo muito acolhedor, sempre muito falante e nos deu para experimentar o doce de leite enrolado na palha. Nasceu no dia 23 de fevereiro de 1941, mudou para roça aos três anos de idade, quando sua mãe se casou com seu padrasto que era fazendeiro, de modo que só voltou a morar na cidade depois de ter completado sessenta anos.

Sobre o motivo de ter se mudado pra cidade, ela explica:

Uai, nós vei' porque assim... vai... 'cê vai ficano véi na fazenda, ninguém qué 'cê mai', né. Tira 'ocê da fazenda, 'cê tem que vim pa cidade, né. Que aí nós vei' pra cá, meu marido aposentô, né [...] eu tamém aposentei [...]. Ele aposentô, ele pagô o INS (INSS) e eu aposentei... aposentei pelo... nem num é Fundo Rural... eu num sô aposentada não, eu sô amparada (...). Trabaíá eu trabaiei demais nas fazenda, mai' naquele tempo num tinha... naquele tempo num assinada cartera, né? Trabaiei demais nas fazenda, pa todo lado aí [...]. Lavava, passava, cozinhas, lavava casa, fazia biscoito, fazia doce, fazia de tudo. Com coisa que a casa era minha. E era trabaiado mes' e era mansão, num é essas casinha arapuca igual eu moro aqui não, era mansão grande, casa de vinte dois cômodo, casa de vinte três cômodo... e eu sozinha e Deus. Num tinha ninguém pa fazê nada. Era só eu (...). Era gente demais. Quando

era fim de semana, chegava lá... gente que vinha de Brasília num trailer, ele levava quarenta e cinco pessoa. Fora aqueles (aqueles) que ficava particular (...). Eu de roça ó (*gestos*), sei tudo (CAF1O74).

Sua mãe era parteira (mãe de dezesseis filhos), quem fez o parto de suas duas gestações. Para ajudar as mulheres que estavam em trabalho de parto, lembra que sua mãe fazia uma fomentação na barriga e, para limpar o útero, preparava um remédio com ervas (*artemísia*, *arruda*, *aipo*) queimadas na pinga, que deveria ser tomado todos os dias, manhã e tarde, durante todo o resguardo. Fora as garrafadas preparadas à base de raízes do campo, como o *pé-de-perdiz*, pois:

Num tinha uma injeção pa tomá, pa saí aquele sangue preso lá na sua barriga. Ia saindo devagá, devagá. Cê ficava o mês intero menstruada. Tomano aquele pinga todo dia cedo e de tarde. Era só esse remédio que nós usava, porque num tinha dotor. Num tinha remédio pa infecção, num tinha nada. O remédio da infecção é esse que eu tô te falano [...]. Curava, uai. Nô! sarava. Sarava. Cê voltava ao normal 'tra veiz [...]. Tudo normal [...] E passá ne barriga de muié hora que tava ruim pa criá... pegava ele... 'massa a santa-maria no prato (...), mastruiz (...). Então, esse trem aí, 'massava ela e punha o azeite dentro... misturava. Esquentava. Minha mãe fazia era isso. E passava na barriga das muié que tava ruim pa criá... fumentano... tô fumentano sua barriga (...). Fumantá a barriga, quê aí era dor demais, né. Fumentava. Passava até na vagina da gente (...). Pa podê ajudá pa criá. Lubrificante. Quê com'é que cê ia criá o menino seco daquele jeito? (CAF1O74).

O umbigo dos recém-nascidos era *curado* com azeite de mamona e pó de fumo, porque “[...] se num fizesse isso os menino morria [...] O imbigo ficava fundo. Eu mes' fui curada, meu imbigo fundo, meu imbigo é fundo. Minha mãe criô dezesseis fi' (filho), foi curado tud'assim, com pó e azeite [...]” (CAF1O74).

A entrevista iniciou-se às oito e meia da manhã, estendendo-se até quase onze horas, ficamos na área de sua casa, via-se o seu enorme quintal, onde Dona O. nos levou para conhecer algumas plantas (*erva-de-santa-maria*, *quitoco*, *artemísia*, *boldo*). Comentou também dos remédios que serviam para fazer aborto:

Uai, o remédio de perdê eu sei que era... o quitoco, né, Zé? (...). É, ‘que ele era muito amargoso, depois que tava grávida bebia (...). Buchinha. Tem uma tal de buchinha tamém [...]. A buchinha é (...) ela parece com essa (...) só que essa buchinha é desse tamainzim (*gestos*), essa de perdê. Bebia essa buchinha... e tem ôta coisa que eu esqueci o quê que é [...]. É. Fervia aquilo, as muié bebia e perdia o fi' (filho). Ai! [...]”. Mais é pirigoso até morrê, né, porque dá hemorragia, né, quando ia perdê.

Contou como era feita a conserva do toucinho de porco: secava o toucinho dentro de casa, depois colocava-se, alternadamente, uma camada de toucinho e uma de palha de milho. A duração era de seis meses. Mostrou-nos o vinho de *jatobá* (unidade léxica analisada no quarto capítulo) e o remédio que ela faz para infecção utilizando a *erva-de-santa-maria* (unidade léxica também analisada).

Seu marido, mais conhecido como Pica-Pau, aos oitenta anos, nasceu no dia 06 de novembro de 1934. Um pouco mais tímido, falou da época em que a candeia foi substituída pela lamparina, nos explicou sobre as madeiras e suas utilidades. Como eram construídas as casas, as cercas e os currais; e confeccionadas as gamelas, peneiras e jacás. Falou sobre as plantações (o plantio e a colheita), diversos tipos de fruta, remédios abortivos, remédios para *doenças de rua* e a importância de observar as fases da lua, pois para tudo:

Tinha a lua [...]. Era quarto crescente... ou lua cheia e a minguante. Na lua nova num [...] num funciona (...). A paia de buriti igual, o Zé tava falano, cê tem que tirá na minguante, se ocê tirá na lua nova, cê tampa a casa com ela ou um rancho ou um trem. Aí, passa... dum ano em diante ela dá uma lagartinha... come as fôia tudo. Fôia seca e es (elas) come tudo. E fica só veno o céu (*risos*) [...] (CAM1J80).

Terminou a entrevista explicando como tratavam as dores de dente na época:

Morera, né? (...) ele é... ela dá uma árve grande, ela dá até maderá... ela dá... a maderá dela é uma maderá... quando dá o cerno, um cerno 'marelim e... ele dá espim. Então, o leite dele... cê bate na maderá assim, na casca dele, ele dá um leite 'marelo (...). 'Cê tem que pô só no que tá furado, 'que de primera, tinha dente furado demais, né. Então, 'cê punha com um algodãozinho lá no dente, dentro do buraco, no prazo de cinco dia o dente tava sarano tudo (CAM1J80).

· CAF2R84 e CAM2S79 – sábado, 04 de julho, de 2015

Figura 8 - Guiné



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Outro casal que entrevistamos, foi R. J. C. e o S. M. V., na área de sua casa, das nove horas da manhã às onze. A entrevista foi muito descontraída. Ela, mais séria, com oitenta e cinco anos de idade, nasceu no dia 08 de fevereiro de 1930; ele, mais brincalhão, com setenta e nove, nasceu no dia oito de julho de 1945. Juntos tiveram oito filhos, em que a primogênita veio a falecer ainda bebê:

Minha menina primera, nasceu deficiente, com a cabeça muito grande, sabe? De três mês pra frente nós foi assuntano... a cabeça dela foi crescano... e ela num abria a mão e nem o oi (olho) branco, assim preto, era só revirado, sabe? Pra ela revirá o oi (olho) pa vê natural igual nós agora... nós foi no cu'... num era curadô não, era... vendia remédio de homeopatia. Então, ele deu um remédio pra ela que a primera veiz que ela... tomô esse remédio... ela... vêio o preto do oi (olho) dela e abriu a mãozinha, eu já pude lavá, né? (CAF2R84).

Logo no início, Dona R. nos levou em seu quintal para conhecermos. Contou que quando as pessoas morriam, elas compravam a palma, colocavam num balde com água e, no outro dia, ela abria as pétalas para acompanhar o velório. Ao mostrar a *guiné*, disse que além do chá ser bom para infecção, é bom para *tirar o mal olhado*.

Revelou-nos que sofreu um aborto espontâneo e que criou seus filhos à custa de doações de roupas usadas, pois naquela época não tinha o chá de bebê que se costuma fazer hoje, pois apenas as famílias muito ricas faziam esse tipo de evento, mas ainda assim era raro. Para ajudar no sustento da casa, trabalhava *cardando algodão*. Lembrou-se também do remédio preparado com *junquinho* e *velame* que sua irmã fez para dois rapazes da família que contraíram *doenças de rua*.

Quando falava do *espinho-de-agulha* (unidade lexical analisada no quarto capítulo), Seu S. recordou da vez em que ganhou seu primeiro par de botinas:

Tal de espim-de-agúia (agulha) (...) é uns espinhão que dá aquelas moita que... nada pa entrá naquela moita. Trançava assim (*gestos*) [...]. Não, esse é mais cipó [...] Iss'aí es (eles) fazia arco de penera, né [...] Era perigoso! Doía passado! O espim-de-agúia (agulha) tinha, né [...]. Uai, es (eles) fala', es (eles) fazia pa tirá estrepe do pé, diz que es (eles) fervia esse espim-de-agúia (agulha) pa banhá... que aí diz que o... aqueles estrepe saía, né (...). 'Quê de primera o povo num usava calçado, né (...). Quê de primero num existia calçado, botina, nem nada, né. De primera, na... onde nós morava... primera precata de pneu que nós viu lá, só pa rico. Então, tinha que sê mei' rico pa possuí um par de precata de pneu. Cê pensa, nem botina, né. Eu fui calçá a primera botina eu tinha doze ano... que eu calcei a primera botina. Quais num dormi de noite (*gargalhadas*). Levava a mão na cabeça da cama pa vê se es (elas) tava lá (*gargalhadas*) (...). Satisfeito demais', né, quê nunca tinha ganhado um par de botina (...). De primera a vida era sofrida (...). Nós só num passô fome, né (...). De primero o povo falava: óia, a primera coisa que faiz, que 'cê fô fazê uma casa... a primera coisa é fazê o quintal e plantá a mandioca. Quê se tivé a mandioca, num passa fome [...] (CAF2R84 e CAM2S79).

Segundo ele, as coisas vieram a melhorar para os fazendeiros depois que chegaram as desnatadeiras e os caminhões leiteiros que levavam e traziam coisas da roça para cidade e vice-versa. Contou do episódio que a sua *égua baia* ficou com a pata ferida de soda (episódio que saiu de casa, mais ou menos dez quilômetros, para comprar soda. Embebedado, não percebeu que a soda saiu do papel e vasou pela capanga) e conseguiu curar a ferida com *pacari*.

Falou também da *calunga* (unidade analisada no quarto capítulo como provável variante de *milome*):

[...] Tem um trem que ele amarga demais, do campo (...) diz que põe criança fora, né (...). Calunga (...). Num existe remédio pa amargá mais (...). Calunga dá rasterinha assim no chão (*gestos*). Verdinha a fôia, né. Diz que esse remédio as muié tomava pa abortá. 'Que amarga passado! 'Cê... a gente toma ele... diz que num tem esse verme que 'guenta, né. E ele parece que vai

é aumentano o amargo na boca da gente. Em vez de 'cabá... vai é muito tempo pa... né? (CAM2S79).

· CAM3R69 – sábado, 04 de julho, de 2015

Figura 9 - Sabugueiro



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

R. J. L. nos concedeu a entrevista na cozinha de sua casa, onde ficamos das três horas da tarde até às cinco. Ficou muito à vontade durante a entrevista, fumou seu cigarro, fez muitas brincadeiras, piadas e contou muitas histórias. Aos sessenta e nove anos, conta que morou na roça quase cinquenta anos, lembra-se que nasceu numa segunda-feira, por volta das dez da manhã, no dia cinco de março de 1945, um dos filhos de uma turma de dez. Sua mãe faleceu aos sessenta e três anos. Mudou-se para cidade para colocar os filhos na escola.

Fumante desde os onze anos, começou com o *fumo de rolo*, mas disse que todo tipo de cigarro é bem-vindo e explicou como é o processo com a palha do milho pra enrolar o cigarro. Das perguntas feitas relativas ao universo feminino, ele não soube responder, dizendo que, no seu tempo, isto era um assunto restrito às mulheres. Disse que prefere o *sistema antigo* dos relacionamentos, pois havia mais respeito. Falou sobre as questões de honra que eram resolvidas *na bala*, dos *casamentos arranjados* e dos *casamentos de supetão*. Comentou sobre a vergonha e pudor que os casais tinham, aparecer nu um para o outro era um acontecimento raríssimo.

Comentou também sobre as plantas abortivas, mas de forma bem cautelosa e desconfiada:

Essa erva-de-bicho já serve pa gente, essas coisa, né? [...]. Não. Iss'é assim, um banho, toma... fazê um remédio, sabe? [...] Assim... pa... às veiz a pessoa... principalmente um homi, uma muié sofre... assim... dor de escadera, essas coisa, sabe? Banha... Põe ela pa fervê, depois faiz um bain' (banho) e banha [...]. Uai, sempre as muié falava isso [que era abortivo], de primero, né? Como diz o ôto: era remédio, mai' era veneno, né? Porque veneno (...) pa fazê um trem desse é veneno, né? (CAM3R69).

Lembrou-se da sua irmã, hoje já falecida, que se casou aos 13 anos, pois mentiram a sua idade, aumentando para dezesseis, idade que, mediante assinatura dos pais, autorizava-se o casamento. Recordou também de uma irmã que morreu aos oito anos com infecção de garganta, por conta de uma medicação errada. Ele afirmou que o remédio (o farmacêutico conhecido por Araújo receitou amoxicilina) piorou o estado dela e, em 24 horas, ela veio a óbito.

Falou com revolta de outra irmã que se suicidou (tomou soda). Ele diz que foi por *causa de macho*. Ela morava em Formosa-Goiás com um homem e decidiu vir embora. Ele a ameaçou e ela, por medo, colocou um fim em sua vida. Morreu em Brasília, no hospital. Tinha 32 anos, segundo ele, era muito bonita, morena dos cabelos cacheados, olhos castanhos claros. Diz que ela gostava de *andar nos trinquês* e era a mais vaidosa das irmãs, geniosa e de espírito forte.

A sua bisavó era índia e foi *pega no laço*, a sua avó, filha dela, era uma mulher dona de si. Muito respeitada, “[...] não precisava de homi para resolvê nada. Fazia serviço de homi e de muié [...]”(CAM3R69). Seu nome era Maria Braba, porque ela tinha o *pavio curto*. Em sua descrição, era morena clara, dos olhos azuis, cabelos lisos e uma aparência física forte.

Falou sobre o seu carro de boi; sobre a autorização que era exigida para cortar as árvores de lei; sobre a influência da lua na retirada das madeiras (a melhor era a minguante) e nas plantações (na minguante, plantava-se mandioca para dar menos rama e mais raiz; e o arroz para não carunchar); sobre superstições (as pessoas não gostavam de ter samambaia em casa, porque atraía *coisa ruim*, tinha muita *visagem*, porque na história de Adão e Eva, a cobra teria aparecido debaixo de uma planta destas; debaixo das gameleiras costumavam aparecer fantasmas).

Finalizou a entrevista dizendo o que pensa sobre morar no campo e morar na cidade:

É claro que tinha [ficado na roça se eu pudesse]. Nossa Senhora! Na roça é mil vez meiô que na cidade. Que a cidade é o seguinte, ela é boa, cê sabe como? Que sentido que cidade é boa? Em três sentido: pa morá na cidade (...), cê tem que tê dinheiro, se ocê num tivé dinheiro, cê sofre demais (...). E ôta coisa, a cidade é muito bão, assim, ocê... ocê i' (ir) na cidade, ficá lá um dia, dois, três (...). Ma' morá na cidade... pra quem num tem dinheiro... é um sofrimento (...). Na roça, ocê passa sem dinheiro (...). Na cidade, se ocê saí deiz vez e ocê tivé dinheiro (...) cê gasta deiz vez o dinheiro. Na roça não (...), cê passa é mês e mês sem precisá de dinheiro. E na cidade cê precisa de dinheiro todo dia, toda hora (CAM3R69).

2.2.3. Goiandira-Goiás

- GF1D85 – domingo, 05 de julho, de 2015

Figura 10 – Elevante



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Chegamos à casa de D. F. C. ao meio dia e meia e lá ficamos até às três da tarde. É conhecida na cidade por conta de suas garrafadas. Nasceu no dia dezoito de setembro de 1930, na fazenda dos Dourados. Disse que tem oitenta e cinco anos, mas que sua idade não está correta, porque seu pai, segundo ela:

Feiz uma cagada danada com a nossa idade, né (*risos*). Ele pegô e pa' modo de os menino num... pra ele num pagá registro dos menino, ele suspendeu a nossa idade... de jeito que eu conto assim, oitenta e cinco contano com esse, né. Ele suspendeu nossa idade dois ano... a mais (*risos*). Essas pessoa antiga

só fazia burrada, né. Parece que não fazia as coisa direito (*risos*) [...] (GF1D85).

Recebeu-nos na sala de sua casa, pareceu à vontade, mas ficou receosa de pensarmos que ela vendia garrafadas abortivas também, pois segundo ela, muitas moças costumam ir à sua casa para pedir remédios com essa finalidade, mas que sempre se recusa a fazer, bem como fornecer as ervas e raízes necessárias. Além disso, é muito procurada por homens que vêm até da capital em busca de suas garrafadas para problemas de ereção.

Fez um longo desabafo sobre os maus tratos que recebia de seu pai e a árdua lida na roça, em que trazemos o seguinte trecho:

Eu trabaiei demais. Sofri demais. Pareceno... um negro em cativero, né (...). Bateno pasto, fazendo tudo quanto é trem extravagante, por isso que eu num presto hoje. Um dia, nós foi catá cipó no arroiz... e tava assim (*gestos*) de lagarta... aí, meu pai levô nós pa' catá cipó no arroiz. De longe ele viu... eu fiquei com medo das lagarta. A Helena também ficô, né. Que tava nós duas junta, né. Minha irmã. De longe ele viu a hora que nós trocô, ele tacô um toco de pau assim no meu ôi (olho)... o sangue desceu. No meu ôi (olho), hein! Aí, eu lá ia pingano sangue assim na rua [...] E eu caladinha, num falei nada. Sangue tava desceno... na minha ropa, assim (*gestos*), moiano a minha ropa [...] Mais nós sofria com meu pai. Ele batia ne nós era pa' matá. Por isso que eu falava: '*Num bate não. Mata de uma vez!*' (GF1D85).

Ainda sobre a relação com os seus pais, disse que se seu pai tivesse *dado escola* para ela, hoje, *seria gente*, porque tinha muita facilidade em aprender tudo o que lhe ensinavam. Revelou que não estudou, pois sua mãe não deixou que as filhas estudassem, porque iriam crescer e ficar namorando por cartas, que *estudo não era coisa para mulher*.

Devido a esta relação difícil, principalmente com o pai, viu no casamento uma saída, mesmo não gostando de homens, como ela explica:

[Me casei com] uns vinte e dois. Eu num gostava de home'. 'Cê sabe porquê que eu casei? Por causa do meu pai que era mau demais pra nós. Pra mim se vê livre dele [...] Num sei [porque não gosto de homens]. Parece que é minha sina mes'. Eu num gostava [...] Eu casei já, porque... por causa do meu pai mêmo (mesmo) [...] (GF1D85).

Seu marido morreu em seus braços, naquela altura, os dois dormiam em quartos separados, porque, segundo ela, ele estava muito doente e precisava de conforto.

Relatou que na época eram poucas as famílias que tinham televisão, de modo que as pessoas costumavam se reunir nas casas dos vizinhos onde havia, para poderem assistir. Mostrou foto dos seus pais e uma foto que tirou com sua irmã Helena com quem se dava

muito bem, era uma irmã muito querida a quem o pai maltratava muito também. Ela morreu depois do parto em que o filho nasceu morto. A morte de sua irmã lhe doeu muito, quando soube da notícia passou muito mal, chegando a vomitar.

Explicou como era o procedimento de *cangar os bois* e trouxe para conhecermos várias plantas que têm em seu quintal: *mentrasto*, *funcho*, *guaco*, *tanchagem*, *artemísia*, *erva-santa-maria*.

Ao falar sobre as superstições, disse que sua mãe era benzedeira e que a *guiné* e a *arruda* espantam também o *perna seca* (demônio). Narrou o caso de um homem que batia na esposa e alegava que o fazia quando estava possuído, pois escutou dois pássaros pretos, segundo ele, enviados pelo *coisa ruim*, dizendo que sua missão era incitá-los a briga.

Ao contar sobre o seu problema de úlcera no estômago, disse:

Eu fui lá no médico só uma vez. Aí, ele falô pra mim pra evitá. Que num é pra mim bebê... coca-cola, esses trem... Aí, eu chego aí, eu tava fazeno remédio, a primera remessa de remédio. Eu bebo ele, depois eu vô p'os remédio de campo, né (*risos*) (...). Eu mioro (melhoro) muito qu'esses remédio (GF1D85).

· GF2M74 – segunda-feira, 06 de julho, de 2015

Figura 11 – Alfavaca



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

M. R. C. começou a entrevista comentando sobre seu livro a respeito das plantas. Nasceu no município de Goiandira, no dia dez de novembro de 1940, na fazenda Brejão, onde morou por quarenta anos. A entrevista foi feita em duas etapas: chegamos às dez da manhã e saímos às onze, para que ela pudesse preparar o seu almoço, depois, voltamos às quatro e ficamos até às cinco horas.

Ao nos contar sobre as frutas, lembrou, muito saudosa, da sua infância, de quando saía na companhia de sua mãe e seus oito irmãos para comer frutas do cerrado:

Nossa! Nós comia frutaiada do cerrado. Eu cunhicia tudo. Nós saía aquela turma de menino [...] Nossa! Nós saia, aquela manada de menino, nós era oito irmão. Nossa! Ia catano gabirola. Naquela época dava cada frutona boa. Agora, hoje, o povo cabô co' cerrado, cabô co'eza (elas) [...]. É... gabirola. No' com'era bão [...] nós fazia uma farra no cerrado chupano gabirola (*risos*) [...] Nossa! Eu já comi fruta do cerrado! Nossa Senhora! (...). Nós foi criado lá na roça e naquela época o povo num tinha desmatado (...). Nós saía no cerrado, minha mãe gostava de i' (ir) co' nós. E nós esparramava nesse cerrado. Comia muitas qualidade de fruta duma veize. Tinha de tudo, né? Agora, hoje, acabô o cerrado, cêis num conheceu. Pois é... nossa! Ai, mais era bão. Nós era oito irmão, aquela manada (GF2M74).

Observou que, antigamente, o calor não era tanto e que por conta do desmatamento, a tendência é só piorar. Mostrou-nos em seu quintal a *artemísia*, a *pitanga*, o *sabugueiro* e o *ananás* (usado apenas para ornamentação), onde tivemos a oportunidade de sentir os aromas, texturas e sabores.

Viúva, dona M. se casou aos dezesseis anos e teve seis filhos, conta que quando nasceu sua primeira filha, ficou meio *atrapalhada da cabeça* porque era muito jovem e não sabia como cuidar de um bebê. Mudou-se para cidade por causa dos estudos dos filhos, pois:

No início es (eles) vinha lá da roça. Mais tava custoso. E quando es (eles) tava assim, nessas escola de primero grau, assim, né, 'inda vinha de lá. Aí, depois es (eles) garrô a tê educação física. Aí, num... num dava conta de... tinha que i' (ir) em casa, voltá. Aí, nós teve... nós mudô. Aí, mudô pa mais perto. Numa chacra aqui perto. Es (eles) vei' muito tempo. Aí, depois, aí, a Liane já começô a trabaiá... aí, ficava difíci'. Aí, nôi' mudô pra cá [...].

Afirmou que se seu marido estivesse vivo, provavelmente, teriam voltado a morar na roça, “[...] mais... sozinha a gente num fica, né? [...]” (GF2M74).

Revelou que prefere fazer o sabão com a soda, porque com a *decoada* demorava cerca de uma semana e acontecia muito de passar do ponto e o sabão não ficar tão bom. Mostrou-me, novamente, no final da entrevista, seu livro chamado *O maravilhoso poder das plantas*

que comprou de um homem que passou vendendo. Nele ela mostrou várias plantas que conhece por outros nomes.

- GM1P69 – segunda-feira, 06 de julho, de 2015

Figura 12 – Ávores e coqueiros



Fotografia: Jeronimo (2015)

Fonte: acervo da autora

Para esta entrevista, tivemos que percorrer alguns quilômetros até chegarmos à chácara de P. L. N. Começamos às seis horas da tarde e saímos às oito e meia. A nossa conversa foi na varanda, com vista para um lago todo rodeado de bambus. Bem humorado, fez muitas piadas e contou muitas histórias. Logo no início da entrevista, disse que talvez não pudesse nos ajudar, pois se considera uma pessoa muito urbana. Nasceu no dia doze de março de 1946, no município de Goiandira.

Contou que gosta muito de assistir televisão, que acompanha todos os jornais, utiliza a internet (possui perfil no Facebook) e aprecia bastante ver filme em 3D. Ao mesmo tempo, contou a história da casa onde mora que, segundo ele, tem mais de 100 anos e que, durante a reforma, quis manter os *baldrames* feitos de *aroeira*.

Foi muito paciente e detalhista em suas descrições e se mostrou muito disposto a ajudar-nos. Falou das casas de adobe que eram construídas pelos escravos; da resistência das madeiras; os tipos de plantio e as alterações geradas pela modernização da agricultura (a plantação de braquiária e o uso de adubo para tornar as terras inférteis do cerrado propícias

para o cultivo); o que era *mutirão*; a diferença entre *roçar*, *carpidar* e *discriminar*; como os tucanos fazem pequenos cortes no mamão para que amadureça mais rápido; como eram feitos os travesseiros e os colchões; como eram tingidas as roupas.

Explicou como era calculada a margem de preço dos mantimentos:

Nesse consumo nosso, no caso do meu pai por emxemplo, nós era uma média duns, na época, uns oito filho, nós dexava vinte saco de arroz. O resto nós vendia... p'os grande... maquinista (...) com'é que chama aquilo? Cerealista, né? Cerealista... comprava de nós (...). Não. Era cruzero mêmô. Cruzero antigo, né? Era cruzero antigo, né? (...). É. O cruzero. Naquele tempo nós pegava (...) de São Paulo, 'que nós tinha rádio na época. Nós pegava (...) São Paulo pa vê com'é que tava o preço de São Paulo. A nossa base era o estado de São Paulo (...). Ali, o feijão tava em torno de... naquela época... de dois mil cruzero o saco. Aí, nós vendia aqui nessa faxa: dois mil cruzero o saco, né? Saco de sessenta quilo. Nós tinha... esse feijão que nós fazia naquele tempo... num tem mais hoje. Ele num existe mais hoje. Que é o roxo ou inhambú. Ele é maior. Ele é bem maior do que o roxim. E tinha um roxim menor. Esse era... roxim ele era mais produtivo... ele dava mais. 'Cê plantava ele, mais ou meno' uns deiz litro, dava deiz saco de feijão de sessenta quilo. Agora o roxo não... o roxo dava uns três saco, porque ele era mais grande (...). Muito gostoso [...]. É muito diferente [dos feijões de hoje]. Se achá hoje é imitação, né? (GM1P69).

Levou-nos para um passeio, mostrou muitas árvores diferentes, além de ir num lugar ou outro trazer a folha de alguma planta para conhecermos. Pontuou a utilidade específica de cada madeira e sobre quais eram *de lei* e quais não eram. Ao fim da entrevista, convidou-nos para irmos até a sala, para nos mostrar sua televisão e, bastante orgulhoso, exibiu os canais da TV por assinatura.

2.2.4. Cumari-Goiás

· CuF1A82 – quinta-feira, 16 de julho, de 2015

Figura 13 – Livro *As plantas que curam*



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Dona A. R. N. começou a entrevista nos falando sobre o anticoncepcional, porque tinha ouvido falar que causava câncer. Comentou de uma reportagem que viu na TV sobre laboratórios clandestinos. Nasceu no dia 04 de abril de 1933. Viúva, disse que o pai do seu marido era raizeiro e a filha herdou do pai o dom para os remédios caseiros, pois é cabeleireira e usa seus conhecimentos para ajudar nos problemas capilares dos clientes. Mostrou um livro sobre plantas medicinais *As plantas que curam*, de A. Babach (1986), do qual falou maravilhada.

Conversamos na cozinha de sua casa das onze horas da manhã ao meio dia e meia. Trouxe para vermos uma garrafada feita com mais de vinte e três tipos de raízes. Ensinou-nos a fazer remédio para dor de dente à base de *arnica*. Recordou com muita tristeza a morte do seu filho mais novo, por conta de um AVC, há dois anos. Disse que a sua nora comprou um terno rosa claro para vestir o corpo, que ficou a *coisa mais linda*. No final, trouxe uma foto dele para vermos e a de um bisneto também.

Quando se casou, passou por algumas dificuldades, a mesma relata que:

Eu não tinha ropa pa vesti', pa te dizê a verdade. Meu pai era quinze fi' (filhos) em casa... e meu marido vivia lutano c'a famía tamém, né? Nem ele tinha. Aí, (...) pas fazenda. Sabe quanto de coberta que eu fiei? Trinta e cinco (...). Sozinha. Trinta e cinco coberta, dois coxonil' (coxonilho), duas toalha (...). Eu passei duas semana tingino os fiado e dobrano, sabe? (CuF1A82).

Ela diz que hoje *tem as coisas*, panelas dos mais diversos tipos e utilidades, porque naquela época tinha que improvisar com o que tinha. Contou também que as suas gestações foram muitos complicadas e, por esta razão, em comparação com os irmãos, foi quem teve menos filhos. Brincou dizendo que passava longe das garrafadas para engravidar, que eram tão poderosas que o *neném ia junto com a garrafa*.

Quando perguntamos por quanto tempo ela morou na roça, ela respondeu que foram *quarenta e cinco anos de sofrimento*, até que seus filhos decidiram morar na cidade.

Terminou a entrevista falando sobre as coincidências de algumas datas comemorativas na família: “[...] [Eu nasci] dia 04 de abril... Sabe, minha fia (filha)? Casei dia 18 de abril, meu marido é dia 26 de abril, meu menino dia 28... mais véio (...) tudo de abril [...]” (CuF1A82).

· CuF2E75 – quarta-feira, 15 de julho, de 2015

Figura 14 - Tranchagem



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Tivemos que percorrer alguns quilômetros para chegarmos na chácara de E. E. A., uma senhora muito simpática, didática em suas explicações e detalhista. Nasceu no dia seis de junho de 1940, na zona rural. Morou na cidade por conta dos estudos e, hoje, vai com muita frequência por causa dos netos. Disse que prefere viver no campo, porque cansa-se apenas o físico, já na cidade, cansa-se, além do físico, a cabeça.

Recebeu-nos na área de sua casa, na companhia de sua irmã³¹, onde ficava uma bica d'água que produzia um som muito agradável. Explicou-nos, minuciosamente, a diferença entre o cerrado e a *terra de cultura*, tanto com relação ao tipo do solo, quanto ao formato das plantas.

Comentou que gosta de todos os tipos de fruta, exceto o abacate que não lhe agrada muito o sabor. Sobre os cuidados com a saúde, falou:

[...] A sabedoria dos antigos era muito interessante, porque num tinha ninguém pa ensiná, né? Num tinha estudo pra isso. E hoje a gente estuda e num sabe o que eles sabiam (*risos*) [...] Num tinha médico [naquela época] Hoje que os médico... assim mêmo ainda num tá muito fácil... 'Cê marca consulta é pra daqui dois mêis, três mêis, né? Eu não acredito [que o remédio caseiro] seje melhor não... é mai' demorado... pra fazê o efeito, né? Ma' porém... salvava as vida, né? Muitas vezes... nem sempre... porque a mortandade, principalmente, infantil era bem maior... né? Mais sobrevivia também. E hoje... é... hoje o povo faiz poco chá... eu falo até p'os meus neto... num gosta muita de fazê chá não... né? Mais a gente ainda faiz ainda (...). Às veiz, as criança vem, a gente dá chá... xarope... né? A gente sabe que vale. Porque uma consulta médica... aqui... 'cê fala assim: '*Não é paga*'. Porém 'cê tem que levantá quato hora da manhã, pa ficá na fila, pa marcá uma consulta... né? Se 'cê tem o remédio em casa... a gente faiz... evita essas coisa, né? Agora, quando é pago, por exemplo, as consultas são caras e 'cê marca pra daqui muitos dias... né? No entanto, a gente faiz os remédio em casa, às vezes, num precisa 'cê i' (ir) no médico... é muito raro quando 'cê preciso de i' (ir) em médico. Só quando é uma doença mes' [muito grave] (...). Se persisti', aí vai no médico, né? (...). Mai' a maió parte a gente cura por aqui mes'... num vai no médico não. E aqui vem todo mundo... da região intera... né... da cidade... da roça. Pra todo lado deu esse rota-vírus, mais graças a Deus não foi preciso de ninguém i' (ir) no médico (...). [Eu aprendi] mais c'a minha mãe e c'a minha vó (CuF2E75).

Quando um de seus filhos nasceu, teve complicações no útero e, para se tratar, tomou a *artemísia* queimada na pinga, como era de costume. Ela disse que tem um caderno, onde tomava nota, sempre que podia, das receitas dos remédios para não esquecer.

³¹ Ela, recentemente, havia feito um curso de fitoterapia na capital, o que foi muito interessante para nossa observação, porque nos poucos momentos em que sua irmã fez algum comentário, foi possível perceber a diferença no modo de lidar com as propriedades medicinais das plantas.

Ao final da entrevista, convidou-nos para um passeio por suas terras, nos apresentando muitas árvores, plantas e frutas diferentes, como: *aroeira* (muda), *levante*, *losna*, *hortelã*, *tanchagem*, *none*, *rubim*, *pé de fumo*, *pimenta do reino*, *maria-pobre*, *angico*, *ipê*, *romã*, *citronela*, *tiborna*, *aroeira*, *vinhático*, *guaco*, *jatobá*.

Observou, ao falar das árvores utilizadas para madeiramento, que os móveis de elite eram feitos de *cedro* e *cerejeira* (que não é da região) e comentou que havia um pessoal na região fazendo reflorestamento.

· CuM1E76 - quarta-feira, 15 de julho, de 2015

Figura 15 – Raízes para garrafada



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Fizemos a entrevista com E. T., na companhia de sua esposa Dona M., com quem tem uma filha. Começamos uma hora da tarde, na área de sua casa e lá ficamos até às três. Muito conhecido na cidade pelas garrafadas que produz, iniciou contando sobre muitos casos de pessoas que se curaram tomando os remédios feitos por ele. Frisou bastante que o melhor vinho para curtir as raízes é o *cortezano doce* e que muitas plantas são difíceis de serem encontradas, pois cada uma nasce em um lugar específico.

Criado na beira do rio Veríssimo, nasceu no dia 20 de agosto de 1938, disse que mudou *pra rua*, quando já estava mais velho, porque seus filhos se casaram e, então, ele e a esposa não quiseram ficar sozinhos.

Comentou que tem contato com as plantas desde criança e relata:

Meu vô... meu avô... que' dizê... meu bisavô... é índio. Foi pegado no laço... Então, meu avô, eu aprendi rancá raiz com meu avô e minha vó [...]. É tudo... [...] Era índio. Meu bisavô era índio puro... né? Meu bisavô, minha bisavó. Ticiania (...). [Aprendi a rancá raiz] com meu avô [...] e minha vó. Conheci tudo quanto é qualidade de raiz, né? Eu aprendi com es (eles) [...]. É, toda vida eu gostei, né? A pessoa que gosta de roça, né? Toda vida, gosta de mexê com essas coisa, trem de roça, assim, né? Então, eu saia c'a minha vó, meu avô, rancano raiz, né? Aprendi... aprendi... fiquei conheceno as raiz, ranco até hoje (CuM1E76).

Recordou de sua desilusão amorosa com sua primeira mulher, com quem teve cinco filhos. Um dia, ele chegou em casa e ela havia ido embora. Segundo ele, não tinha acontecido nenhum desentendimento entre os dois, que nunca entendeu o que aconteceu. Desiludido, foi embora para o *norte* (região norte do estado de Goiás), onde morou por nove anos nas proximidades de Porangatu. Nessa época, contraiu *maleita* e, muito adoentando, sem condições de tratar de sua saúde, voltou para casa de sua mãe.

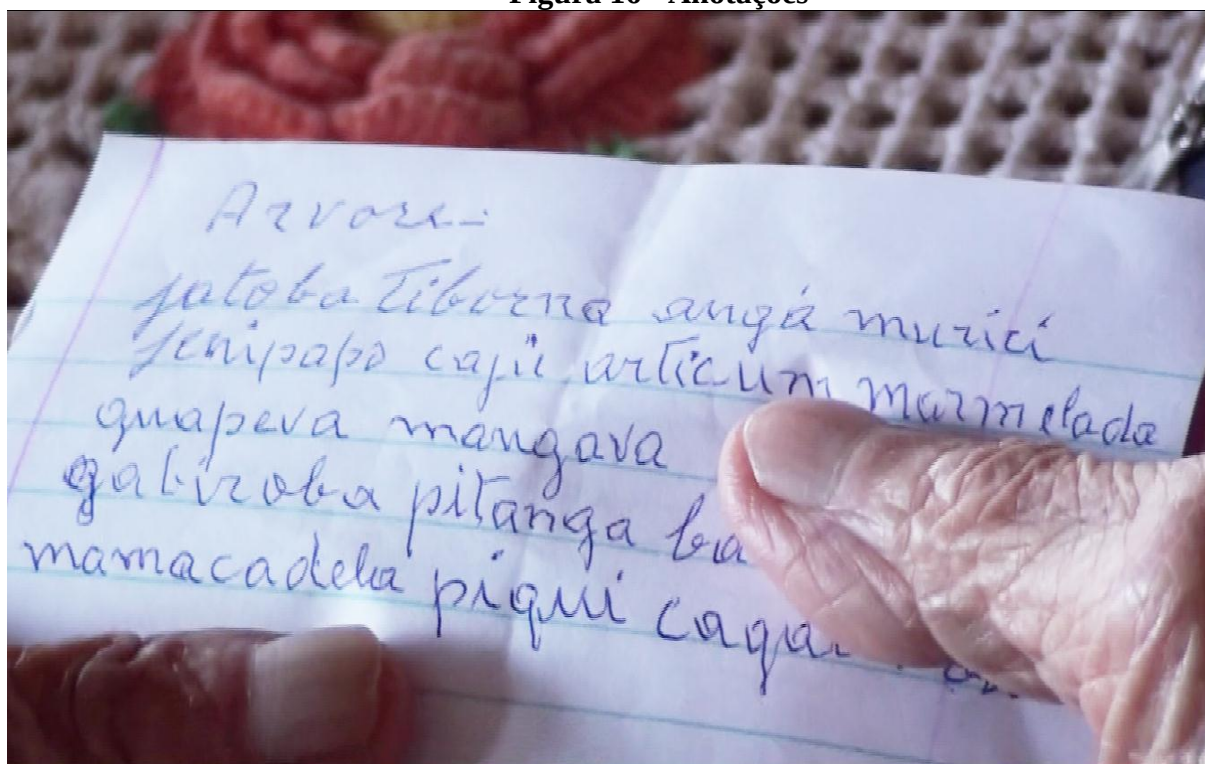
Ele embarcou no trem³² em Goiânia, houve uma parada em Leopoldo de Bulhões e de lá seguiu até a estação de Cumari. Quando chegou, por indicação de um tio, ele e sua mãe foram numa benzedeira chamada Maria Sôta, muito famosa na região, foi quem o curou da doença, como nos conta:

Aí chegô lá nesse pau... ela me pois com as costa encostad'assim, no pau assim (gestos), bem em pé... e ficô de lado, assim (gestos)... e começô a me benzê... é custoso! (risos) Começô a me benzê lá... eu só via ela mexê c'a boca e... costurano... (...) Meu fi' (filho), sai com o pé direito na frente... e daqui até atravessá o ri' pra lá... 'cê desceu esses morro tudo aí e 'travessá o ri' pa lá, 'cê num óia pa trais não... viu? (...) Aí, do jeito que ela me explicô eu fiz, né? Des' da hora... que ela me benzeu... eu não tremi mais! Graças a Deus! Eu não tremi mais! [...] 'Que até hoje... Graças a Deus! Chamava... ela chamava dona Maria Sôta... ela falô: 'O senhor não passa aqui perto desse pau [antes d'eu saí de lá, né?] nem se ele num tivé aí mais... o senhor num passa aí não! O senhor lembra que o senhor foi curado aqui. Que ele vai morrê!' [...] Nunca mais! Des' da hora que ela me benzeu... nunca mais senti nada! (CuM1E76).

³² A descrição detalhada desse trajeto é interessante e importante para o trabalho, pois revela detalhes históricos (estrada de ferro) dos quais falamos no primeiro capítulo.

· CuM2M93 – quinta-feira, 16 de julho, de 2015

Figura 16 - Anotações



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Quando chegamos à casa do M. A. S., ele estava nos esperando, na cozinha, vestido em trajes sociais, com um papel na mão, onde fizera anotações na noite anterior, para não se esquecer de nos contar nada. Ficamos em sua casa das nove da manhã às dez e meia. Conduziu a entrevista com muita paciência e doçura, nos explicando cada detalhe de todas as plantas das quais nos falou, especialmente, das frutas, comentando sobre o sabor, a consistência, a forma correta de comer; afirmou também que quase todas as plantas têm alguma propriedade medicinal.

Nasceu no dia 06 de dezembro de 1921, mas foi registrado apenas em 1922. Casou-se em 1947 e ficou viúvo (sua esposa faleceu de câncer) em 2000 e, em 2004 casou-se novamente. Com sua primeira esposa teve sete filhos (seis mulheres e um homem), recordou-se dela com muito carinho. Quando nos falava sobre a *guapeva*, lembrou-se dela, porque ela gostava muito dessa fruta, em que concluiu: “[...] Casei com a mulher mais pobre que tinha na cidade e acho que era mais rica [...]” (CuM2M93).

Sua falecida esposa era a filha mais nova de uma família de duas irmãs (uma era cega, a outra *metida a besta*, pois achava que trabalhar era *coisa de pobre*, como ele diz) e um irmão (segundo ele era sapateiro e alcoólatra). Dessa forma, ficava sob a responsabilidade

dela ajudar na renda da família, por isso trabalhava como cabeleireira. Segundo ele, era muito trabalhadeira e prestativa, ajudava muito as pessoas que precisavam. Quando as filhas começaram a estudar fora, a esposa quis vender as terras para ficar junto delas, em Uberlândia, o que não foi possível, pois ele estava desempregado na época. Somente depois de ouvir os conselhos de um amigo, ela se convenceu de não ir.

Comentou que o filho é como a mãe, formou-se advogado e vive fazendo serviços *de graça* para as pessoas e que seu pai, Zé Agapito, não era diferente. Lembra-se que ele costumava *dar pouso* para todo mundo em sua casa e gostava muito de brincar com as crianças. Nas palavras dele:

Eu fui... um filho criado lá na roça... eu fui o... só tem um mai' novo do que eu... Salvador... mora lá em Alexania... fui o último que casei (...) [eu tinha] vinte e quato... vinte e quato ano. Aí... eu fiquei lá com os velho, né? Ê! Mais eu vô te falá uma coisa... meu casal de velho era bom demais. Minha mãe era boa pa batê que 'ocê precisa de vê. Se ela tivesse me bateno até hoje... eu achava melhor (*risos*). Agora, meu pai não. Meu pai era um homi assim... meu pai aqui em Cumari assim... ele tinha uma bengala... essa bengala tá até hoje ali... no Catalão ali... com a minha irmã... que ela morreu a pouco... com 100 ano... um mês e 14 dia [...]. Fiz uma festa pra ela lá de 100 ano... ela durô mais um mês e 14 dia. Morreu... essa bengala tá lá. Ele andava com essa bengala aqui assim (...) ele pegava os menino, ia no subaco e NHACO! NHANHACO! (*sons onomatopaicos e gestos*). Tomo mundo conhece ele: Vovô Nanhaco... ia c'aquela bengala no subaco dos menino (*risos*) [...] (CuM1E76).

Sobre sua mãe, falou que ela não era *muito certa da cabeça*. Ficou assim depois que ele nasceu³³. Por esta razão, amamentou-se em várias mulheres diferentes, uma delas foi a irmã de sua mãe. Por conta disso, a sua criação ficou na responsabilidade de suas irmãs e de *uma preta* (como ele se refere) chamada Maria Jerônima. Depois de um tempo, sua mãe se recuperou, mas voltou a adoecer quando o seu irmão mais velho se suicidou. Assim, ele passou a dormir com ela para vigiá-la, caso tentasse fazer algo.

Relembrou de um episódio em sua infância em que foi acometido por uma forte pneumonia, quando tinha 12 anos, e até hoje tem a mancha no pulmão. Estava sendo tratado com remédios caseiros, quando, diante do seu quadro, seu pai foi alertado que era preciso levá-lo ao médico, mas “[...] médico era muito poco... antigamente aqui... quase num vinha médico [...]” (CuM1E76).

³³ Na mesma ocasião, um curandeiro da região, chamado Epaminondas faleceu e eles acreditam que foi por isto que ela entrou em depressão, por conta do *susto que tomou* com a notícia.

Quando seu pai chegou com ele no consultório, já estava quase *passando da hora*. Fez o tratamento, apresentava melhoras, depois teve uma piora (ele acredita que foi por conta da jabuticaba que chupou e não estava madura) e finalmente, após segunda consulta ao médico, se curou.

Devido essa mancha no pulmão que, segundo ele, só não aumentou porque não é fumante e não bebe, quase não foi selecionado para o exército, mas acabou sendo recrutado. Primeiro, foi para São Paulo fazer um curso e logo depois passou a ministrar aulas de teoria da guerra para seus colegas. Depois, para São João Del Rei, onde serviu no Batalhão de trabalhadores da FEB. Ficou quatro anos fora, pois era tempo de guerra e ninguém recebia baixa. Disse que nesta época em que estava no Rio de Janeiro chegaram a receber a ordem para o embarque (no navio Aspirante Nascimento) para Itália, mas quando estavam no navio, receberam nova ordem para abortar a viagem, pois a guerra havia acabado. Essa história se espalhou entre o povo da cidade, em que muitos comentam, aos risos, que ele recebe uma indenização *gorda*, por *quase ter ido para a guerra*.

Prestou muitos serviços como veterinário, salvando a vida de vários animais, fazendo partos de vacas e tratando doenças. No entanto, quando os veterinários formados em universidades começaram a chegar, ele foi obrigado a parar com as suas atividades. Ao perguntarmos quanto tempo ele viveu na roça, respondeu que pode dizer que ainda vive no campo, pois tem uma chácara e, até pouco tempo, tinha uma fazenda que vendeu e repartiu o dinheiro entre os filhos.

Terminou a entrevista com a seguinte reflexão:

Mais graças a Deus, ó... eu fui um homi privilegiado... saí daqui... com o quarto ano primário... aquele antigo... fiz um curso de graduado no mei' daquês (daqueles) paulista tudo sabido... eu passei na primera vez... e ficô paulista pa trais lá que eu... falei: '*Num é possíve*'!'. É... Oh! Aques (Aqueles) quato ano eu já fui... 'que hoje eu sô segundo tenente, ne'? Já fui... no exército... privilagiado... eu já fui... vereador... já fui prefeito... já fui juiz de paz... já fui veterinário... já fui tudo quanto é diabo... graças a Deus eu tô aí (...). Serviço de roça... tudo eu já fiz (CuM1E76).

2.2.5. Anhanguera-Goiás

· AF1L57 – sexta-feira, 17 de julho, de 2015

Figura 17 – Urucum



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Chegamos à casa de L. A. S. às dez da manhã e lá ficamos até onze e meia. Nasceu no dia 10 de junho de 1958, na fazenda do Joza que, como ela explica, ficava num morro, na margem mineira do rio Paranaíba, divisa com o estado de Goiás. Quando criança, morou em Bocaina-Minas Gerais, aos sete, veio para Anhanguera-Goiás. Aos risos, contou que seu pai era nômade, plantava roça de toco, vivia com a sacola nas costas e os filhos atrás. É filha da senhora que entrevistamos identificada como AF2ML93.

Parou de estudar na quarta série para trabalhar, morou um ano em Ipameri, na casa dos patrões onde trabalhava. Voltou a estudar somente depois que seus filhos estavam criados, fez o ensino médio e outros cursos. Casou-se aos dezesseis anos, teve três filhos *de parto normal*, mas o primeiro não sobreviveu, pois morreu de meningite. O segundo foi um parto forçado,

em que ela quase morreu e, como sequela, devido à dilatação de uma veia, ficou rouca. O terceiro foi uma menina.

Recordou que quando era criança comia muita fruta do mato e do cerrado, pois era o que a salvava de passar fome, porque tinha época que na sua casa não tinha nada, “[...] faltava tudo, faltava carinho, faltava amor, falta tudo [...]” (AF1L57). Fora as ocasiões em que sua mãe deixava a comida na panela de ferro e passava gosto forte para os alimentos. Observou também que as frutas de hoje não são sadias como as de antes.

Levou-nos até o seu enorme quintal para conhecermos suas plantas. Falou orgulhosa da sua mãe, que aos noventa e três anos mora sozinha, cozinha sua própria comida, capina seu quintal. Contou que seu pai era charlatão, benzia e fazia garrafadas.

Explicou-nos a natureza dos remédios, ou seja, a diferença entre o remédio fresco e o quente:

É assim... por exemplo... tem o remédio quente e tem o remédio que é fresco [...]. Diferença assim... por exemplo: se 'ocê fô tomá um remédio fresco... ele é bom... ele é depurativo do sangue... ele é bão pra (...). E o quente... ele joga alguma coisa que 'ocê tem pra dento, pra fora. Ele é um remédio (...). É a natureza dele... do remédio que é fresco. Por exemplo, se você tá com ferida na pele... aí, pega o entrecasca do jenipapo (...). Aí, ele dá uma fruta assim (*gestos*), ela é depurativo do sangue. Por exemplo, assim, se 'ocê é... se você comê a fruta do jenipapo sempre... se 'ocê comê... 'cê tá com stresse... cansaço... ele cura cansaço, cura stresse (...). O quente é por exemplo assim... às veiz, 'cê precisa dum remédio quente, porque... por exemplo... tem alguma coisa que vai saí na sua pele... num conseguiu saí... que tá por dento... 'cê toma o quente, joga pra fora (AF1L57).

Comentou que no seu tempo os serviços feitos por homens e mulheres eram bem definidos: as mulheres não podiam trabalhar fora, não tinham direitos e eram obrigadas a aceitar todos os tipos de maus tratos, porque em caso de separação, os pais não acolhiam as filhas novamente e não aceitavam criar os netos. Relatou que pessoas tinham filhos como se estivessem colocando *bichos no mundo*, não batizavam e nem davam carinho. Por isto, elas ficavam sem saída e o jeito era continuarem casadas. Confidenciou que foi expulsa de casa por ter engravidado antes de casar, o que fez com que ela e o marido passassem por muitas dificuldades. Ele, aos dezoito anos, era totalmente analfabeto e, segundo ela, esta era a realidade da maioria dos *adolescentes antigos*.

Revelou-nos que *perdeu* duas irmãs por causa de abortos mal sucedidos. Disse que a condição da mulher era complicada, mas que a partir da década de cinquenta, percebeu-se uma mudança.

Em certo momento, quando voltou a falar do seu pai, contou que ele raptou sua mãe e nos narrou como ocorreu a história:

[...] eu sou filha de um sequestrador [...] Minha mãe disse que teve 20 filhos. Mas vivo só tem eu e o caçula (...). Aí, ele robô minha mãe... ele num dexô minha mãe crescê... num dexô minha mãe vivê. Aí, num dexô ela estudá... num dexô ela convivê com ninguém. Ele num deu condições de vida pa minha mãe. Aí, minha mãe ficô uma pessoa... é... que viveu, por exemplo... até hoje, mais num sabe... quê que é o mundo... ela vive no mundo dela... se trancô... até hoje ela é trancada... eu ten' muita dó dela. A única filha que entende ela é eu. Eu dô o maió apoio pra ela. Eu cuido dela. Porque ela não entende o quê que é a vida. Ela é uma criança grande. E ele podô ela em tudo. Num dexô ela vive (AF1L57).

· AF2ML93 – sexta-feira, 17 de julho, de 2015

Figura 18 – Semente de ipu³⁴



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Das quatro da tarde às seis horas, entrevistamos M. L., mãe de L.A.S. (identificada como AF1L57), nasceu em Ipameri-Goiás, no dia 04 de maio de 1922. Nasceu no município de Ipameri, mas passou a infância no norte de Goiás, lugar chamado Saraba. Iniciou a entrevista contando sobre como foi o seu rapto:

³⁴ Esta fotografia fez parte de uma exposição que trazia registros de pesquisa de campo, durante o evento *France-Brésil em miroir: reflets et réflexions d'une anthropologie contemporaine*, que ocorreu nos dias 26 e 27 de outubro de 2017, no período do estágio de doutoramento no exterior.

Foi assim: ele chegô lá em casa, meu pai, mai' minha mãe, tudo mei' torotó... bobo demais, sabe? Ao invés de tê mando ele embora, no mandô não... e ficô lá. Aí ele já comprô um quarto de tícido... disse que era meu... levô pa costurera. Aí, quando foi o dia de buscá a costura... ele pergunto a minha mãe mai' meu pai se eu podia ir com ele, es (eles) foi e falô que podia. Nesse dia, (...) ele entrô comigo foi no mato. Lá, fiquei. Ah! Chuva... o que Deus dava [...]. E aí, ele judiô o tanto que ele pode. Tudo que falava assim, pensasse assim, se pensasse um... *'Eu vô fazê isso, quê é uma judiação muito grande'*... ele fazia comigo (...) Comê? Ele num dexava eu comê não. Comê que eu comia era bão era pos cachorro. Era desse jeito. E me batia toda hora! Me enforcava. Me socô a faca aqui (*gestos*), disse que ia furá minha barriga.... ma' eu torci, a faca pegô na perna. Um dia, ele me enforcô eu no chão... num deserto lá no mei' da mata, sabe? O pé de tapuerava tava me tampano qu'eu era menorzinha [...]. Aquela tal de tapuerava, a senhora conhece? [...] É... na mata [...]. Num é planta não, minha fia, é mato... tapuerava é... ela é nativa do mato. Lá, ele me enforcada no chão com a garrucha enfiada na minha boca (...) na minha barriga. Tá lá. Eu num... pensava nada, era muito novinha, nova demais, num tinha idade pra nada [...]. Tava com doze ano (AF2ML93).

Confirmou que teve 20 filhos, mas a maioria não sobreviveu, apenas dois estão vivos, porque os outros morreram de fome. Não fugiu do seu raptor, porque tinha medo dele. Depois que ficou viúva, teve alguns namorados, mas nenhum deu certo.

Levou-nos até o seu quintal para conhecermos, nos deu semente de *ipu* e nos ensinou vários tipos de remédios, dentre eles: para constipação, aumentar a fertilidade da mulher, abortar e curar *doenças de rua*. Finalizou a entrevista dizendo: “[...] *'Gente, casamento é coisa à toa. Se ocê quisé considerá o casamento... tudo bem. Se num quisé, amigado, amado, era mió ainda'*. Num é? (...) Ocê gosta dele e ele gosta de você. É o casamento seguro, uai. Num é? (*risos*) [...]” (AF2ML93).

· AM1A63 – quinta-feira, 16 de julho, de 2015

Figura 19 – Fotografia antiga



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Chegamos à casa de A. A. S. às cinco horas da tarde e saímos por volta de oito horas da noite. Muito receptivo, acolhedor e emotivo, começou a entrevista muito alegre, nos contando as histórias de pequenos acidentes que aconteceram com ele na cozinha. Gosta muito de cozinhar, inclusive almoçamos em sua casa, além de termos tomado café *moído na hora*.

Nasceu no dia vinte e cinco de dezembro de 1951. Observou que a data é bonita (por ser Natal), mas que o seu nascimento foi um momento de muito sofrimento, porque estava chovendo e seu pai acabou tendo que conduzir o parto, pois eles estavam na roça, moravam num *ranchinho beira-chão*. Falou que a pobreza era muito grande, foi enrolado num saco de açúcar, que sua mãe lavava e alvejava para reutilizar. Segundo ela, ele quase morreu e chorou muito durante os primeiros seis meses de vida.

Devido a questões financeiras e dificuldades de locomoção, pois acha muito custoso a viagem de ônibus, porque para chegar até sua cidade, é preciso passar por várias baldeações: de Ananguera para Catalão, Catalão para Goiânia, Goiânia para Nazário (localizada sessenta e dois quilômetros da capital).

Mudou-se para Ananguera em 1986, depois da falência de sua família (tinham uma fazenda) e a adaptação foi muito difícil. Ficou vinte anos sem poder comprar um carro; muitas

vezes saía de casa e ficava procurando a antiga caminhonete. Sem dinheiro, cinquenta centavos na época, para pegar coletivo, andava doze quilômetros a pé. Muito desorientado, em Goiânia, entrou em profunda depressão, chegou a pensar em *dar um tiro no ouvido*. Mas um dia, alguns amigos o levaram para um passeio até uma espécie de asilo onde moravam pessoas com deficiência. Aquela experiência o impactou muito: um menino de 15 anos, negro, chamado Airton, com quem conversou, foi o que mais o impressionou. Ele estava escutando e cantando perfeitamente uma música do Michael Jackson. Passado um tempo, um dia, assistindo televisão, soube da notícia da morte do menino. Revelou que depois dessa experiência, nunca mais pensou em *fazer besteira*, que sempre que está mal, lembra-se disso, porque foi uma *lição de vida*.

Conheceu sua esposa, Cláudia, quando ela tinha 16 anos e ele 28. Falou que era muito cobiçado pelas moças e que envelhecer “[...] muda tudo... muda muito [...] O tempo é construtor de dragão, porque a gente é bonito e vai ficando feio (*risos*) [...]” (AM1A63).

Trabalhou em Furnas e lá se aposentou. Posteriormente, retornou para Anhanguera. Havia alugado uma casa e o dono sumiu. Então, orientou-se com um advogado e alegou que era *posseiro*, que havia *invadido* a casa e com o usucapião conseguiu o direito sobre o lugar onde vive até hoje. Muitas pessoas o procuraram alegando ser o dono da casa, mas ele sabia quem era o dono e esse mesmo nunca apareceu. Ao longo do tempo, fez várias reformas, inclusive, quando fizemos a entrevista a casa estava passando por mais uma.

Morou na roça até os 26 anos, aprendeu a fazer queijo aos nove. Através do pai, adquiriu o conhecimento sobre as plantas, segundo ele, um grande conhecedor, “[...] dotô nesse trem aí [...]” (AM1A63). Afirmou que apenas o remédio feito da *artemísia* queimada na pinga cura dor de cabeça de mulher de resguardo (preparou para filha quando deu à luz a sua neta), porque os remédios de farmácia demoram muito para surtir efeito.

Ao falarmos sobre as mudanças ocorridas no cerrado, ele conta que, antigamente, “[...] 10 de agosto era o dia da queimada pra prepará o pasto... dia 15 vinha a chuva. Dava a chuva de agosto... depois secava. Em setembro plantava... chovia de novo [...]” (AM1A63). Dessa forma, após a colheita, os mantimentos eram armazenados na *tuia*, uma espécie de jacá muito grande, onde cabiam cerca de oito sacas de arroz.

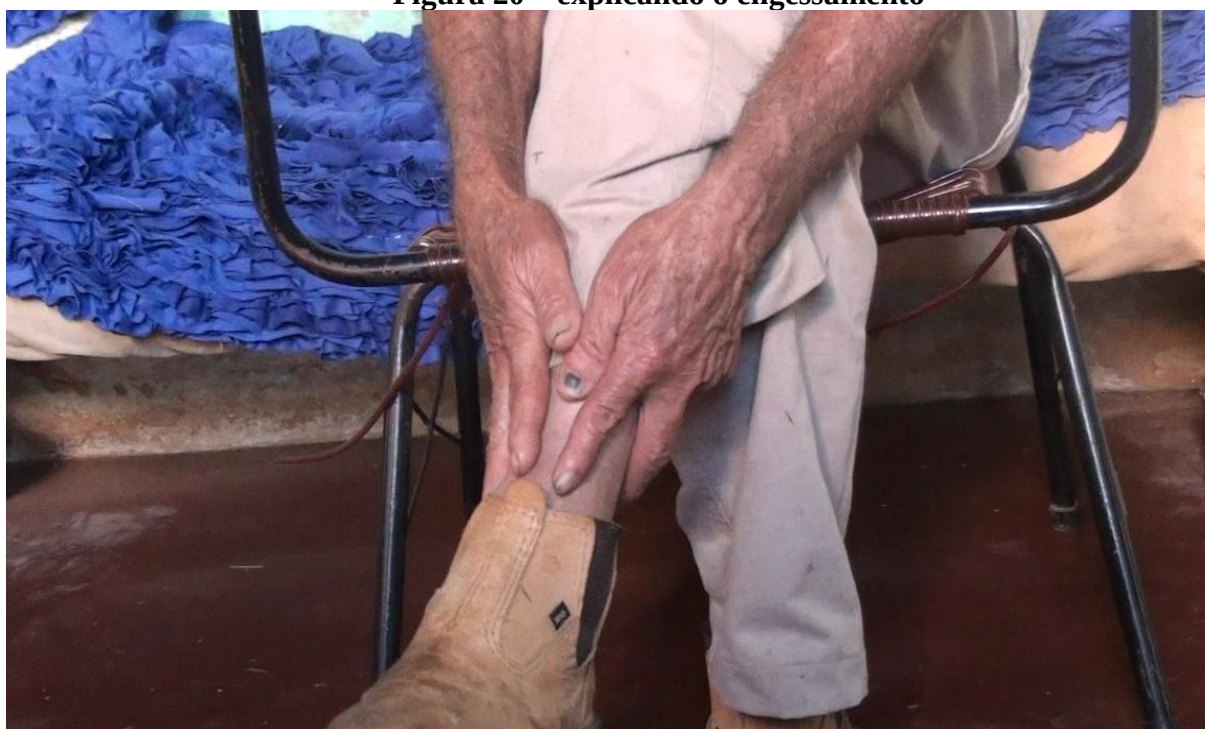
Tornou-se fumante confeccionando *fumo de rolo* com sua tia, disse que era muito cheiroso e não resistiu, mas parou de fumar porque ficou com medo, depois de ver pela TV, o caso de um homem que, por ser fumante, morreu de câncer e a doença atingiu vários lugares do corpo.

Durante vários momentos da entrevista voltou a falar da família e na saudade que sente do tempo que vivia na roça, dizendo: “[...] Eu tenho saudade demais da conta daquele tempo... muita saudade [...]” (AM1A63).

Mostrou o álbum de fotografias e, enquanto isso, recordou da época em que as fotos eram colocadas em mini binóculos. Emocionou-se muito ao lembrar de um sonho que teve com sua irmã já falecida, algo que acabou nos comovendo também.

· AM2JA80 – sexta-feira, 17 de julho, de 2015

Figura 20 – explicando o engessamento



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Chegamos à casa de J. A. S. às duas e meia da tarde e fomos embora às três e meia. Nasceu numa fazenda que ficava entremeio a Cumari e Anhanguera, no dia 04 de dezembro de 1934. Explicou o porquê de ter ido morar na cidade, trazendo detalhes da relação entre os patrões e os funcionários, assunto discutido nesse trabalho. Acompanhemos sua narração:

[Mudei para] pô os fi' (filhos) pa estudá. Mais fáci', né? Quê... lá na roça foi ficano mei' ruim, porque... o povo foi... quereno tomá o que é dos ôto, né? Trabaiaava uns tempo, tinha direito. E aí os fazendero foi ficano veiaco, né? E a gente falô '*vamo lá pa rua*'. Não co fazendero é culpado, o culpado é quem quis tomá des (deles), né? Porque o trem é des (deles), pa quê tomá, né? Nós viveu esse tempo tudo na fazenda des (deles), depois vai tomá, né? [...] Ah, não. Nós trabaiaava assim... tocava uma roça... c'uma meia, né? E

quando nós trabaiaava po fazendero ganhava um... um tanto por meis, né? Mais era na roça, tocava roça, cuía (colhia), punha den'de casa, né? Era a vida é essa. Trabaiva por dia p'os ôto [...]. Uai, de serviço era... a gente... vamo' supor, naquele tempo que mexia assim, os primero roçava o mato, né? Roçava, quemava... e depois plantava, né, cuía (colhia), depois ia destocá a terra, né? Destocá o ramo, pa no ôto ano tocá, né? E p'os ôto era emprego, né? Trabaiaava por dia, p'os ôto 'sim (assim) [...]. Quando es (eles) dava, tinha o mato mai' bão, né? A gente tocava aques (aqueles) mato. E quando foi ficano mai' ruim, nós já pegô tocá os mai' ruim, né? Que é aques (aquelas) capoeirinha ruim, né? Mai' foi tocano, né? Depois passemos a... a 'rancá toco no enxadão, e arava em arado de boi, né? E tocava... agora de pouco tempo pra cá que vei' o trator, né? (AM2JA80).

Descreveu a diferença entre o mato virgem e a capoeira, ao observar que a capoeira:

É mato. É... nós falava mato, mato virge', né? Aques (aquelas) torona, né? E capoeira é mai' nova. Num tinha virado mato mes', né? [...] É... tinha anos que tinha plantado, né? Quê o mato, que nós falava mato virge' tinha tora que era um mundo véi, né? Gastava uns quato homi de machado pa dirrubá... no pé (...), um dirrubá aqui, um de cá, o ôto de cá (*gestos*) [...] (AM2JA80).

Falou-nos também da relação do plantio e da colheita com as fases da lua:

Roçá, às veize, nós roçava direto, né? Maize, assim, pa pranta... é minguate pa plantá o que dá no chão... e a nova pa plantá o que dá pra cima. A minguate é batata, mandioca, amendoim, né? [...] A nova dá pra cima: mi' (milho), arroz, né? (...).O povo falava que dava mais, né, na nova, quê a força tá pra cima, né, subino. E a minguate a força tá na terra [...]. Pa coiê o mío (milho), es (eles) gostava nesse tempo aí, gostava de quebrá o mi' na minguate, né? Agora, hoje, num tem tempo, né? É tod'ia. Mai' naqueles tempo dos véio, quebra o o mi' na minguate né? Pa guardá no paiol, pa num carunchá [...]. O arroz, madurô tem que coiê, né? (AM2JA80).

Filho caçula de uma turma de seis irmãos relatou que, por seu pai ser muito doente e sua mãe ter ficado *fraca da cabeça* durante o pós-parto, ele e sua irmã que ainda morava lá, passaram muita fome e costumavam se alimentar das frutas do mato e do cerrado. Narrou a história, muito conhecida na região (também contada por CuM2M93) do benzedor Epaminondas que ficou muito famoso nas redondezas:

Era um homi que fez um sucesso que nunca mais existe ôto [...] Aí, ele... imaginô que... ele tava quase seno Deus. Pediu os vizim... o cemitério tá ali (*gestos*), na lagoinha. Pediu os vizim, falô: 'Ó, tal dia... eu vô sê enterrado, eu vô fazê o caxão... e... ocêis... armuçava (almoçava) na Maria Gapita, minha tia, né. Aguardo você lá. E no Zé Davi. E ele combinô c'esse Zé Davi... lá ele fez o caxão... chegô lá, entrô dentro e falo assim: Ó, quando... eles... mei'... meiá a cova de terra... é pa i' (ir) embora cum cabeça baxa... e... não óia pa tráis. Mais... como Deus num é brinquedo de ninguém, né.

Chegô lá. Quando o povo pois... num teno nem meia cova, ele começô a ficá doido l'embaxo. E esse Zé Davi ficô com medo... e ele falava: Chega de terra! E es (eles) falava e esse Zé Davi: Mais terra! (risos). E ele gritava: Chega de terra! E ês (eles) mais terra e tampô. E saiu tudo de cabeça baxa. Bão, enterrô. Depoize [eu, nesse tempo, era muito pequeno], aí a poliça sobe. É, vamo lá 'rancá ele, né. Chegô lá, ele de terno... aqui (gestos), ele tava tudo rasgado, né. E ele... 'sim, em vez de tá deitado de costa, tava de bruço... aí, tirô [...] Morreu 'quê... 'quê ele ia fazê era isso, né? Ele ia... o Zé Davi tirava ele... ele ia sumi três dia. Depois, ele ia... ele ia aparecê, tomava o lugá de Deus, né? (risos). Então, Deus é assim, ele dá muita força pra nós, mai' quando nós abusa, ele corta l'embaxo (risos) [...] (AM2JA80).

Contou sobre a única vez que procurou pelo atendimento médico, em Cumari, na ocasião em que trabalhava na prefeitura. O médico que o atendeu, foi o político conhecido por Adib Elias. Ele o examinou e pediu para que ele voltasse na segunda-feira pela manhã. Ele disse que esperou pelo médico o dia todo e ele não apareceu. Pegou suas coisas, foi embora e nunca mais foi ao médico.

Relatou-nos também os dois únicos dias em que foi à escola: em casa não tinha muito o que comer e na escola não tinha merenda. No segundo dia de aula, a professora pediu a dois colegas que recitassem uma poesia e nenhum conseguiu. Foi o momento em que ele se levantou e recitou. A poesia era assim:

À mentir

*Quem se dispõe à mentir,
por vergonha num sente.
Mesmo que fale a verdade,
o povo diz que mente.
Por mais bonita que seje,
a criança mentirosa,
não lhe dirão que é perfeito
como a açucena ou a rosa.
Dirão que tem formosura,
porém ele falta siso.
Num é perfeita a beleza
quando há falta de juízo.*

A professora ficou muito surpresa, pois ele era novato, ao passo que os outros dois não. Ela ficou muito brava e deu uma suspensão de três dias para ambos. Enraivecidos pelo que aconteceu, prometeram dar-lhe uma surra. Diante disso, ele concluiu:

[...] E eu já num tinha mêmo nada pa cumê, né, num voltei na escola até hoje (...). De primero, a gente num aprendia porque num tinha condição, né. Num tinha ropa, num tinha comê, num tinha nada [...] era difíci'. Era. Agora, hoje

|...| mais fáci' e o povo, na maió parte, num qué aprendê, né? (...). Hoje, sem sabê, num é nada também, né? (AM2JA80).

2.2.6. Corumbaíba-Goiás

· CoF1L67 – sábado, 18 de julho de 2015.

Figura 21 – Explicando como curar pneumonia



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Chegamos à casa de Dona L. D. S. no horário que ela marcou conosco (uma e meia da tarde) e, na sala de sua casa, conversamos por quase duas horas. Nascida no dia treze de agosto de 1947, na fazenda Bocaina, de onde saiu casada, aproximadamente, dos quatorze para os quinze anos de idade, é uma senhora muito cheia de vida e festeira. Quando perguntamos o motivo de ter se casado tão jovem, ela explica:

Uai, na época eu casei... eu casei mais ou meno'... 14 pos 15 ano |...|. Nesse tempo casava, nova, né? |...|. Não... eu num sei... porque uma moça naquela época de 20, 22 ano... diz que falava que era beata (...). E... todo mundo... porque nós samo' (somos)... nós era 14 irmão... eu conheci só os mai' novo... 'que eu sô das mai' nova... hoje, eu tô seno a caçula. E... das mais véia tamém... casô tudo nova. A vida era muito difíci'... num tinha precisão de casá, mais... assim... a gente casava mais nova e começava a vida mais cedo, né? |...|. Tive oito [filhos] (...). Só o mai' novo que não [nasceu de parto normal]. O Donizete foi... parto cesário. Eu tive sete, né, tudo normal e no último qu'é o caçula... foi a cesária |...|. Não... num sentido assim a gente num escói (escolhe), né? Porque naquela época só fazia [cesariana] se havia

necessidade. Como a gente... é... corria risco... né... já... fez uma cesária... já pensan'assim... em sarvá a mãe e o fi' (filho). Eu tinha morrido, só que Deus fez uma obra, né? Graças a Deus! (CoF1L67).

Relembrou que quando sua primeira filha nasceu, foi uma emoção muito grande e que nunca se esquecera do rostinho dela, inclusive esse parto ela fez sozinha, pois vivia muito isolada e o marido estava trabalhando. Através dessa memória, nos descreveu, minuciosamente, todos os cuidados que a gestante deve ter após parir, desde a alimentação aos remédios caseiros, fora cuidados com o bebê, como a questão do umbigo que ela sempre *curou* com o azeite de *mamona* (unidade lexical analisada no quarto capítulo) e o *pó de fumo*, mesmo o último filho que nasceu no hospital. Falou que o médico a proibiu de usar esses métodos, mas que não *deu ouvidos*.

Comentou que a sua sabedoria sobre as plantas veio dos seus pais e prefere tratar das doenças com remédios caseiros, tanto que curou a pneumonia do seu marido com um remédio que aprendeu com a mãe. Disse que fica muito tempo sem *beirar médico*, mas acompanha o que é necessário, fazendo os exames anuais que são recomendados, porque se não faz, não é bem recebida do hospital.

Mudou-se para a cidade, porque o seu patrão vendeu a fazenda e o novo dono resolveu investir em *gado solteiro* (gado de corte) e o acordo para fechar a compra era dispensar todos os trabalhadores que estavam ali, como ela mesma relata:

Nosso patrão vendeu a fazenda pa ôta pessoa e essa pessoa que comprô só mexia com gado soltero. Num mexia com gado leitero... esse tipo de coisa não. Aí, a gente mudô pra cá [para cidade] [...]. Gado soltero é aquele que não tira leite... é boiada... boi de corte... vai engordá e vendê, né? (...). É... porque quando... a gente num tinha terra, quem tinha era os patrão, né? Ês (Eles) falava: '*Não. Ocupa a fazenda, mais os pião que tá aí dento tá dispensado*'. Todo mundo se jogô num canto, né, pa vivê! (CoF1L67).

Demonstrou não gostar muito de ter sido obrigada a se mudar para cidade, porque as pessoas passam muita dificuldade, pois é preciso ter dinheiro para tudo. Já na roça o que se planta colhe, que ela não tem terras, nunca teve, mas que se pudesse tinha um *cantinho* para si, pois é *doente com roça*, gosta muito. Mesmo porque, a lida na roça é muito árdua, mas que na cidade não é diferente, continuou trabalhando muito do mesmo jeito, como lavadeira, doméstica, costureira e fazendo tapetes para vender. Além disso, pontuou que a sensação de insegurança é muito maior, que naquela época, apenas as casas das famílias que tinham mais condição, geralmente, a dos fazendeiros, tinham porta, mas ainda assim, ninguém era assaltado.

Mostrando uma cicatriz em sua perna, lembrou-se de um episódio em que um homem que nunca viu na vida, entrou em sua casa, ensinou um remédio para curar sua perna machucada, sumiu e nunca mais apareceu. Na sua descrição: um senhor branco de olhos claros. Disse para ela lavar a perna e colocar o pó do *café virgem* (sem coar), por três dias. Ela seguiu o conselho e sua perna sarou.

Terminou a entrevista com a seguinte fala:

Eu tem o maió orgulho da minha vida. O que eu já passei (...) pra mim foi uma luiz muito boa. E eu quero vivê pelo menos uns 115 ano' (*gargalhadas*) [...]. Quero vivê muito. Deus me dano essa corage', disposição (...). Na nossa época pequeno, a gente num podia estudá, né? A gente estudô só a cartilha... e... e nossa escola foi... enxada... machado, foice... né? E batê arroiz, plantá, limpá, carpiná (...) carpidá, que num usava... tinha que carpidá (...), tinha que carpidá, depoi' tinha que discriminá, 'que tinha uns pé que num podia passá a carpidera (CoF1L67).

· CoF2A68 e CoM2B74 – sábado, 18 de julho, de 2017

Figura 22 – Alho-de-todo-ano



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Entrevistamos A. A. F. e seu esposo B. C. F., na varanda de sua casa. Ela, mais tímida, nasceu no dia nove de novembro de 1945, uma das filhas da turma de seis irmãos; ele, mais desinibido, acompanhado de seu violão, nasceu no dia vinte e um de março de 1941. Juntos tiveram cinco filhos e completaram cinquenta anos de casados. Chegamos às três horas e

quarenta minutos e fomos embora ao final da tarde. A entrevista foi finalizada com um café servido por Dona A., ao som de uma moda de viola tocada por Seu B.

Dona A. passeou conosco pelo seu quintal, enquanto mostrava algumas plantas (*erva-terrestre, alho de todo ano, cará do ar, graviola, alfavaca, boldo, babosa, beldroega, picão de cipó, capim-cidreira, erva-cidreira, arruda, bálsamo da folha gorda*) e ensinava receitas de remédios: “[...] Eu fazia muito p'os meus menino... era... marcelinha 'margosa, quando dava dor de barriga, né? Falava assim que dava febre o intestino, então, dava essa marcelinha... pa cortá a febre. Tomava... e se tivesse prologano a mais dia, fazia o chá de pé de perdiz [...]” (CoF2A68).

Falou que sente saudade de muitas frutas que entraram em extinção e, se pudesse, voltaria a morar na roça, pois se mudou para cidade para os filhos estudarem, porque na zona rural tinha apenas até a 4ª série e, na época, não havia condução para levá-los.

Durante a sua trajetória, morou em várias fazendas diferentes e acredita que a vida no campo é mais tranquila, principalmente, para criar os filhos. Confidenciou que tem vontade de voltar para a fazenda, mas que não volta porque ajuda a cuidar dos netos. Comentou que é muito caseira, só sai de casa em ocasiões muito especiais, inclusive, a sua entrevista foi rápida, pois ela precisava se arrumar para um casamento que, segundo ela, só iria porque as netas insistiram muito.

Seu B., muito empolgado com a entrevista, tocou algumas modas de viola de sua autoria e descreveu como seria o vídeo-clip de uma de suas canções. Ensinou-nos como fazer um *pito de fumo enrolado na palha*. É o primogênito de uma turma de dez filhos (oito homens e duas mulheres). Nasceu na Fazenda Serra Negra, no município de Corumbáiba.

Curou a *bronquite aguda* do filho com um remédio e nos passou a receita:

Um dia o doutor Davi... muito conhecido aqui, me perguntô, me chamô, falô assim: '*E o seu menino quê que 'cê fez com ele c'aquele bronquite? Falei: Não... fiz um remédio. Truxe (trouxe) uns trem*'. Porque tudo que eu trazia... quando num era minha mãe, 'que tinha uma tal de Dervina, eu era menino, eu 'rancava raizada assim pra ela, p'ela fazê remédio. Antão... Eu trazia os remédio, a Tonha que fazia, sabe? (...). Pa curá o bronquite... 'cê pega... a flor do sabugero ... que tem ali... pranta de casa. Peguei a flor do sabugero, a flor do limão... esse de casa... a flor da lobera ... a flor da laranja do campo ... o gengibre (...). E freve (ferve) tudo quanto é coisa (...) quente (...) e ferve aquele trem... na água... até a água ficá parecendo uma... dequada... até ficá poquim. A hora que ela fica poquim... despeja no mel de oropa (europa)... tudo tem um tanto baseado... num pode pô pouco, nem muito demais. Aqui pega aquele... aquela água frevida (fervida) pel'aquelas fôia e [...] eu posso te mostrá... tem ele feito aí. Ainda tem que ela fez. Aí pega aquilo tudo e freve (ferve) no mel até ficá só um mel (...) e vai tomano... ali um poqui... e aquil'ali é assim... num pode tomá água fria... gelada não, sabe?

É um remédio quente.. esse aí, pra bronquite... o meu menino... curo niss'aí. Ele num sente nada. Às veiz a gente tá passano mal da gripe, né? Igual ela feiz ali pra mim. 'Cê bebe aquil'assim, dum dia pa ôto a gripe... manera mêmo. Então, pa gripe é iss'aí. Pa quarqué tipo de gripe. Num é só bronquite não (CoM2B74).

Já a sua dor no estômago, curou com um remédio feito da entrecasca do *barbatimão* (unidade lexical analisada no quarto capítulo). Comentou sobre a *buchinha* (unidade lexical também analisada) e suas propriedades, tanto as medicinais quanto as abortivas:

[Gestante] num pode [tomar a chã a buchinha]. Não. Ela põe fora [a criança]. Faiz aborto. Se frevê e bebê... eu sei de muita muié que abortô de fazê esse tipo de coisa dela, sabe? [...]. Não. A que eu sei mes' é essa buchinha. Essa aí não pode, sabe? É um trem brabo. Fazê o chá... eu sei de muitas muié que abortô... bebeno chá dessa buchinha, sabe? E a sementinha dela (...) el'é tão braba... que se alguém carregasse um cartucho com... com ela... envenenava o cartucho, sabe? De tão brabo que ele é [...]. Uai... [cartucho] de arma de fogo. Quando a gente mexia com isso... no tempo que mexia. Hoje, num mexe mais, né? (...). 'Que tem uns remédio que tem veneno e é bom, né? Num pode é... usado conforme o tipo, né? (CoM2B74).

A nosso pedido, fez um *pito de palha* com o *fumo de rolo*, que voltou a fumar após 31 anos que havia parado, alegando que prometeu que não iria mais beber, nem jogar baralho, mas que o fumo não havia jeito.

Finalizou a entrevista dizendo que tinha valido muito a pena nos conhecer e caso encontrássemos uma dupla de cantores famosos, para falarmos sobre ele e suas composições que, segundo ele, se enquadram num estilo de sertanejo moderno.

· CoM1G83 – sábado, 18 de julho, de 2015.

Figura 23 – Horta de cebolinhas



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Muito desconfiado, G. C. M. nos recebeu na área de sua casa, às dez horas da manhã, onde ficamos até o meio dia. Nasceu em Araxá-Minas Gerais, no dia 07 de novembro de 1933. Casou-se aos 33 anos, teve cinco filhos, dos quais três estão vivos.

Sobre as relações de trabalho na roça, nos relatou episódios importantes:

Os fazendero queria castigá demais da conta e eu num era homi assim de ficá castigado num lugá só. É quê eu era ruim de conduta. Meu batido era esse, porque se pegasse... me ficá me pressionano ali, eu já partia pas coisa ruim... meu problema era esse. Eu num... num dexava barato não [...] Uai... es (eles) queria que a gente trabaiasse assim ó, morrê sem ês (eles) ... pagá. O problema é esse... e eu era o tar (tal) que num dexava a coisa barato não. Eu partia pa riba, de tudo quarquê jeito, eu recebia. Tinha isso também. Eu num dexava não, porquê... es (eles) queria era só o suor da gente... e eu era um homi que eu gostava de trabaiá, mais eu gostava do meu também... quê todo mundo qué tê uma raizinha, né... pa vivê... se num tivê uma raizinha num véve (vive) de jeito nenhum... o problema é esse [...] Era muito trabalhoso, 'quê nós num saía da roça, né? [...] Nós andava tudo armado... naquela época... Nós enfrentava fazendero... né? Combinava com ele ali e tale... dum lado, do ôto ali... pa podê sobrevivê [...] Então, os fazendero foi 'rastano, foi tirano, tirano... já num tinha mais aonde nós lutá, né? Foi preciso d'eu pará. Aonde eu vim pará den' da cidade. Mais que eu sô lavorista, eu sô lavorista! (CoM1G83).

Relembrou das duas vezes em que foi *ofendido* de cobra e que ainda tem a *vista ruim* por causa do veneno. Sobre quando perguntamos a respeito da vida na roça, ele disse:

Naquela época pa trás, a vantagem que tinha muita... tinha muita fartura. Todo mundo mexia com seus pedaço de roça, todo mundo tomava conta era por conta própria. Num tinha fazendero pa ficá em riba atentano a gente nem nada. Hoje em dia se a gente pega um pedaço de chão aí, o fazendero tá lá em riba lá atentano, ó (*gestos*). Então, essa aí, pra mim já é fora, porque eu num sô disso, de ficá... a pessoa me atormentano ali. É porque a minha cabeça é... coisada, a natureza ruim. É isso. Larguei de mexê com roça por causa disso... porque eu num se dô com fazendero, de jeito nenhum! (CoM1G83).

2.2.7. Orizona-Goiás

- OF1Z69 e OM1O76 - terça-feira, 21 de julho, de 2015.

Figura 24 – Fogão à lenha



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Para chegarmos à chácara de Z. F. S. L. e O. S. L., tivemos que percorrer alguns quilômetros. Iniciamos a entrevista às dez horas e saímos ao meio dia, após o almoço que nos foi servido.

Ela, com sessenta e nove anos, nasceu no dia 16 de junho de 1946, em Vianópolis, na zona rural e tem sete irmãos Ele, que faleceu em 2017, estava com setenta e seis quando o entrevistamos, nasceu na mesma cidade, no dia 13 de outubro de 1938 e tinha quatorze irmãos, mas vivos apenas seis. Casados há cinquenta e dois anos, tiveram dez filhos, todos nascidos de parto normal (os três últimos no hospital).

Disseram que criaram os filhos à base de remédios caseiros e por causa dos estudos das crianças, moraram um tempo na cidade, mas não gostaram da experiência. Enumeraram várias plantas, especialmente, as nativas do cerrado que entraram em extinção.

Antes, residiram em Silvânia-Goiás, nas terras do pai dela. Como não eram muito férteis, foram vendidas, assim, se mudaram para Orizona, no dia 22 de setembro completaria vinte e dois anos que estavam morando no sítio onde fomos entrevistá-los. Durante esse período que ficaram em Silvânia, ele *carreava* leite da fazenda para cidade.

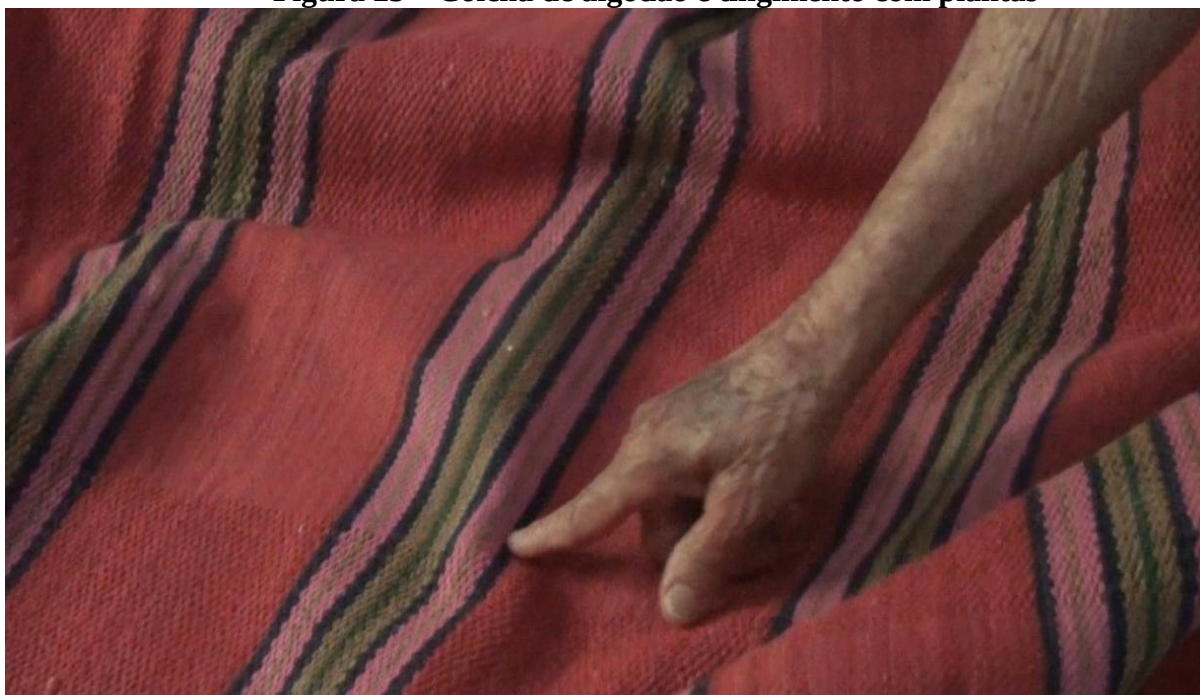
Sobre os cuidados com a saúde, disseram que gostam de conciliar os remédios caseiros com os de farmácia. Passeamos com ela pelo quintal e conhecemos várias plantas. Comentou que ensinou aos filhos, mas que eles preferem a facilidade dos remédios da farmácia. E também porque o efeito do caseiro é um pouco mais demorado.

Num determinado momento da entrevista, quando falávamos do período do *resguardo* da mulher após o parto, ela o repreendeu, porque iria fazer uma piada (provavelmente ela já sabia do que se tratava), mas devido a nossa curiosidade, ele acabou dizendo: “[...] as muié só come’ galinha no resguardo, porque já enjoaram de comê pinto (*gargalhadas*) [...]” (OM1O76). Ninguém resistiu e todos caíram na risada.

Ele observou que naquela época não se plantava no cerrado, apenas no mato. A única coisa que dava no cerrado era a mandioca. Acredita que a justificativa para terem começado a plantar no cerrado seja porque a quantidade de pessoas para se alimentar aumentou muito e todos acabariam passando fome. Por esta razão, concorda que não foi uma má ideia, além de ser vantajosa, pois apesar da cultura ser um solo muito bom, o que sobrou foram locais muito tortuosos, impossíveis de entrarem as máquinas, já o cerrado é plano, mais fácil de fazer as plantações.

· OF2M75 e OM2J78 - terça-feira, 21 de julho, de 2017

Figura 25 – Colcha de algodão e tingimento com plantas



Fotografia: Neves-Corrêa (2015)

Fonte: acervo da autora

Encerramos nossa pesquisa de campo, com a entrevista realizada na casa de M. R. C. e J. C. P., na cozinha, de uma hora da tarde às três e meia. Ela, com setenta e cinco anos, nasceu na fazenda Retiro, no dia 28 de dezembro de 1939; ele contou que nasceu na fazenda Taquará de Baixo, no dia 24 de outubro de 1936, mas foi registrado apenas no dia 29 de novembro de 1936.

Conheceram-se nas festas da igreja e logo se casaram, há cinquenta e seis anos. Tiveram oito filhos, todos, exceto a caçula, nasceram na roça, os partos aconteceram com o auxílio de parteiras que, segundo ela, examinavam da mesma forma que o médico, não havia diferença. Mudaram para cidade há dezesseis anos, porque os filhos se casaram e eles ficaram sozinhos, o que causou muito desanimo.

Falaram-nos sobre as frutas, seus sabores, texturas, mas também dos cuidados necessários para consumi-las:

Esse articum o nome dele... científico dele acho qu'ê marolo , né? Mais esse é o científico lá dos nortista... é marolo, né? (...). Esse só madura na quaresma [...] o articum... é [...]. Tem um lugá, às veiz, lá em Anápolis, num sei quem perguntô assim: aqui dava articum quaresma ... 'Uai, porque articum quaresma? Não. É porque ele só madura na quaresma' (...). A gente era vigiado dos pais pra não comê quarquê hora [...]. Se nós ia po cerrado pa

comê articum... a gente saía até em jejum assim, sem comê uma coisa de manhã cedo, um biscoito, um pão, pra comê só a fruta. Ês (Eles) não dexava misturá... 'que teve exemplo de gente que misturô com ôtras coisa e foi pará no médico (...). Tem um que esse num é do cerrado... que esse que a senhora tá falano é do cerrado, né? É do cerrado é. Agora, o jambo ... esse era casero... era plantado nos quintal, né. Esse tamém era o mais indigesto [...]. É... era uma fruta miúda (OF2M75 e OM2J78).

No que diz respeito aos procedimentos para tingimento das roupas e cobertas usando plantas, mostraram uma coberta confeccionada por ela há 35 anos e, enquanto isso, explicaram todo o processo.

Consideram que a vida de hoje é mais fácil do que antes, pois não havia geladeira; fogão; para conseguir um remédio com o farmacêutico, demorava, pois era preciso espera-lo fazer, porque os remédios não eram “à pronta entrega” como hoje, de modo que muitas pessoas morriam antes do remédio ficar pronto; as *pessoas de idade* tinham que trabalhar sem poder, porque a aposentadoria era algo recente e nem todos tinham acesso as informações. Tudo era mais trabalhoso, pois precisava-se trabalhar muito para sobreviver.

Ele, especificamente, disse que teve saudade da roça apenas até o momento em que tinha saúde para trabalhar, mas na idade em que está não sente *pesar nenhum de roça*.

Aqui, chegamos ao fim da nossa pesquisa de campo e também ao fim desse capítulo, por meio desses relatos históricos que, ao contrário de pretenderem ou sugerirem certa imparcialidade, são embebidos de subjetividade. Mas ao mesmo tempo em que são particulares, é como se fizessem parte do mesmo fio narrativo, como se todos fossem personagens de um mesmo enredo, portanto:

[...] Estas não são apenas contra-histórias ou histórias diferentes; são histórias esquecidas que trazem para o primeiro plano, ao mesmo tempo, uma nova dimensão epistemológica: uma epistemologia da, e a partir da margem do sistema mundial colonial/moderno, ou, se quiserem, uma epistemologia da diferença colonial que é paralela à epistemologia do mesmo [...] (MIGNOLO, 2003, p. 83).

Assim, as vivências que nos foram contadas e agora escritas fazem parte de uma história sobre Goiás que vem sendo construída, registrada e divulgada com e através de vários³⁵ trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que também se interessam pelos *sussurros anônimos*³⁶ vindos das *áreas impenetráveis de silêncio onde se perderam os gritos*³⁷.

³⁵ Pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos do Léxico, Sociolinguística e Filologia – LALEFIL, dentre outros. Ver: lalefil.catalao.ufg.br

³⁶ Ver Mignolo (2003).

³⁷ Ver Bernabé (1993).

A TERCEIRA MARGEM DA PALAVRA: O LADO DE LÁ

*Água da palavra, água calada, pura
Água da palavra, água de rosa dura
Proa da palavra, duro silêncio, nosso pai,
Margem da palavra entre as escuras duas
Margens da palavra, clareira, luz madura
Rosa da palavra, puro silêncio, nosso pai [...]
Asa da palavra, asa parada agora
Casa da palavra, onde o silêncio mora
Brasa da palavra, a hora clara, nosso pai
Fora da palavra, quando mais dentro aflora
Tora da palavra, rio, pau enorme, nosso pai
Caetano Veloso e Milton Nascimento (1991).*

Descrita a nossa viagem pelo sudeste goiano e apresentados os sujeitos cuja memória e relatos de vida também constituem a identidade e fazem parte da história de Goiás, nossa caminhada, aqui, será em forma de travessia.

Entendendo as unidades lexicais, que chamamos genericamente³⁸ de *palavras*, como repositórios dos *saberes* que engendram-se no interior de uma comunidade, a *terceira margem* pela qual pretendemos navegar, trata da *coisa/referente extralinguístico*. Isso acontece porque as definições produzidas pelos nossos interlocutores não são lexicográficas, mas espontâneas e estão cercadas de subjetividade, pedaços de memória. Fruto da relação direta dos nossos interlocutores com o universo ao seu redor, referem-se “[...] mais à realidade do que propriamente às palavras que representa [...]”, pois eles descrevem “[...] o referente tal qual o vê no mundo real, criando assim, outros modos de definir [...]” (MURAKAWA, 2016, p. 17).

O próprio debate em torno do conceito de definição é perpassado por esta relação. É a importância que se confere ao *extralinguístico* que delineará os limites, por exemplo, entre um dicionário e uma enciclopédia; entre uma definição ostensiva e uma definição aristotélica. Não pretendemos fazer uma revisão bibliográfica de todos os estudiosos que discorreram sobre a relação entre as *palavras e as coisas*; tampouco comprovar ou refazer críticas teóricas que já se consolidaram no âmbito da Linguística. Apenas retomaremos as discussões das quais nos serviremos na construção de mais um dos pilares de um tipo definicional que, por ser produzido a partir de um conhecimento que foi/é colocado à margem e de saberes que são reprimidos e silenciados pela ausência de um *status* científico e de um grau de escolaridade que os legitime, chamaremos de *definição liminar*.

3.1 Pela travessia: as palavras e as coisas

A discussão sobre a relação entre as palavras e as coisas é antiga. Da mesma forma que a maçã que caiu de uma árvore chamou a atenção de Isaac Newton e, desse fato, foram pensadas e formuladas teorias sobre a gravidade, o aparente caos da Torre de Babel despertou o interesse de muitos estudiosos que quiseram entender melhor a relação estreita entre Deus, o verbo e a carne. Em *Crátilo*, de Platão, por exemplo, temos uma das primeiras reflexões acerca desta relação que o homem construiu/constrói com o universo por meio da nomeação de tudo que o cerca.

³⁸ Ver Biderman (1978), em *Teoria Linguística – linguística quantitativa e computacional*.

Dar nome às coisas, trazê-las à luz da existência em sociedade, torná-las conhecidas pela comunidade, é um processo aparentemente natural, pacífico e corriqueiro, de modo que, na maior parte do tempo, não percebemos que as palavras nos atravessam – conosco elas nascem, morrem, desaparecem, reativam memórias, reviram lembranças, remexem feridas – sutil e violentamente. Concordamos que “[...] denominar é, portanto, também uma forma de expressar o domínio do ser humano sobre a realidade objetiva, sobre o mundo que o cerca, e ainda sobre o mundo conceitual [...]” (PERUCHI, 2014, p. 67-68), ou seja, denominar é também dominar.

A existência das coisas, inclusive a nossa, é trespassada por esse ato de nomear; em contrapartida, nomeamos apenas aquilo que existe, seja algo da natureza concreta, do plano da imaginação ou, como prefere Peruchi (2014), dos mundos de sentidos que criamos.

Dominamos as coisas e por elas somos dominados. Antes mesmo de nascermos, ainda no ventre de nossa mãe, somos batizados com um nome e com ele nos são atribuídas várias identidades. Passamos a existir no mundo. E o verbo somos nós e a nossa carne se faz pelos inúmeros processos de subjetivação pelos quais passamos. A partir daí, o outro definirá as cores que terão o nosso mundo (se será azul ou cor-de-rosa). Somos, então, descoisificados por este nome que recebemos e as várias almas que o acompanham; primeiro somos coisa, depois, palavra³⁹. A palavra assume assim:

[...] nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágica, cabalística, sagrada, a *palavra* tende a constituir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na *palavra* instituidora do universo (BIDERMAN, 1998, p. 81).

Nessa *Via Crucis*, será o nome a cruz que carregamos sobre nossos ombros? Hermógenes diria que não, que as palavras são arbitrárias, são convencionais; já Crátilo defenderia a sua hipótese da justeza natural, em que todo signo linguístico seria totalmente motivado. Nós, assim como muitos estudiosos, não escolhemos nenhum dos dois extremos, pois concordamos com as discussões teóricas que compreendem que ambos os fenômenos podem ser encontrados numa dada língua.

No entanto, essas “[...] contradições e vaivéns não nos impedem todavia de, em nossa luta diária pela expressão, continuarmos, na esteira do *cratilismo*, perseguindo a motivação do signo [...]” (BLINKSTEIN, 1981, p. 35), visto que a maioria das unidades lexicais que

³⁹ Ver Murakawa; Nadin (2013), p. 07-12.

integram o nosso *corpus* de pesquisa possuem uma motivação⁴⁰, uma relação estreita com o que se costuma chamar de *referente* ou *elemento extralinguístico*.

Nas discussões relativas ao conceito de signo linguístico, bem como de toda reflexão sobre a relação entre pensamento e linguagem, por ser considerado um fator não linguístico, o referente sempre foi um ponto que se manteve na extremidade ignorada dos vários triângulos formulados para ilustrar do que era/como era constituído um signo linguístico. Aqui, não usamos extralinguístico no sentido de ser algo à parte ou fora da linguagem, como se a língua bastasse em si mesma, pois “[...] o fato de o referente ser *extralinguístico* não significa que deve ficar *fora* da lingüística; ele simplesmente está situado *atrás* ou *antes* da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção [...]” (BLINKSTEIN, 2003, p. 39). Nós nos aventuraríamos a dizer que a palavra é áudio visual por excelência ou, mais que isso, é carregada de sabor, cheiro, cor, temperatura e textura.

Essa discussão vai ao encontro do nosso *corpus* de pesquisa, em que nossos interlocutores, ao descreverem os elementos da flora da sua região, o fazem a partir da sua relação direta com cada um deles. O olhar do (a) narrador (a) “[...] é ponto fundamental para a descrição de uma planta, de um animal ou objeto, onde aparecem detalhes que permitem ao leitor criar uma imagem do referente [...]” (MURAKAWA, 2016, p. 18) e, por sua vez, nos conduz para esses fatos que seriam deixados de lado por não terem uma natureza linguística, tornando-se essenciais e parte constitutiva de todo o processo definicional utilizado na formulação das definições que iremos analisar.

No que diz respeito ao conceito de definição, esse debate é retomado também. Um exemplo clássico muito utilizado por vários linguistas, dentre eles Alain Rey (1988), é o diálogo entre Alice e Humpty-Dumpty, no capítulo 6, do livro *Through the Looking Glass and what Alice found there*, de Lewis Carroll (1900).

Nessa passagem, as personagens trazem rapidamente essa discussão para a conversa, quando Humpty-Dumpty (um ovo gigante com feições humanas), ora defende a arbitrariedade absoluta, ao afirmar que, ao usar uma palavra, ela deverá significar exatamente o que se deseja que ela signifique⁴¹; ora defende a motivação, ao criticar o nome de Alice, devido a sua opacidade e por nada revelar sobre seu formato. Para ilustrar, ele analisa seu próprio nome⁴² em comparação com o de Alice: “[...] Meu nome significa a forma que eu tenho – a bela

⁴⁰ Não estamos nos referindo ao conceito de *arbitrariedade relativa*, proposta por Saussure, que reconhece a motivação de algumas palavras apenas no plano morfológico, como os derivados em que, *laranjeira*, por exemplo, seria motivada por *laranja*.

⁴¹ “[...] The question is [...] which is to be Master [...]” (CARROLL, 1900, p. 246).

⁴² « [...] En efect, le sien indique sa forme : *hump*, c’est bosse, et *hump-back*, le bossu ; *dump* désigne un tas ou un amas et *dumpty* qualifie une personne ronde e coute [...] » (REY, 1988, p. 15).

forma que eu tenho. Com um nome como o seu você pode ter a forma que quiser [...]” (CARROLL, 1900, p. 241)⁴³.

Como dissemos *ad supra*, essa relação entre as unidades lexicais e o extralinguístico irá atravessar toda a teoria linguística, principalmente, as correntes cuja preocupação é o conceito de definição (lexicográfica ou não). As discussões mais conhecidas atualmente, no ocidente⁴⁴, são, em sua maioria, voltadas para fins lexicográficos, tanto para a prática (confeção de dicionários), quanto para a teoria (o conceito e os tipos de definição). Contudo, antes mesmo que a Lexicografia⁴⁵ se estruturasse enquanto um campo do saber pertencente à Linguística, o conceito de definição já havia sido tema de muitas reflexões na Grécia antiga, com Aristóteles (384 a. C. - 322 a. C.) e o seu método de definição por *genus proximum e differentia specifica* que ficou conhecido como a teoria tradicional da definição, juntamente com todas as outras correntes de pensamento que nele se basearam para formular suas teorias.

Assim, na Idade Média, a partir das leituras sobre o método aristotélico, surgiram dois grupos opostos: os nominalistas e os realistas, que aderiram a dois conceitos de definição também contrários, respectivamente: *definitio nominis* e *definitio rei*. A primeira, corresponde ao tipo de definição em que o foco está no significado e no significante; enquanto a segunda, estaria voltada para o que os escolásticos chamavam de *quidditas*⁴⁶.

Na esteira destas discussões, Alan Rey, em *Polysémie du terme définition* (1988), ao mostrar como o conceito de definição é ambíguo e sujeito a variações, apresenta três vertentes diferentes: a filosófica⁴⁷, pautada num discurso metafísico que pretendia dar conta, não apenas do sentido da palavra, mas da natureza das ideias a ela correspondente, bem como da natureza das coisas; a filológica, que leva em consideração as variações produzidas pelo uso, que “[...] nos parece, hoje, compatível com o uso do termo *definição* relativo a dicionários” (REY,

⁴³ “[...] my name means the shape I am – and a good handsome shape it is, too. With a name like yours, you might be any shape, almost [...]” (CARROLL, 1900, p. 241).

⁴⁴ É importante pontuar que estamos falando a partir dos estudos ocidentais a respeito deste assunto, pois, se fizéssemos aqui uma generalização, estaríamos excluindo outras formas de pensamento produzidas no oriente e, até mesmo, no ocidente, por determinados grupos que possuem uma relação diferente com o cosmos.

⁴⁵ Segundo Verdelho (1994), a Lexicografia estruturou-se como disciplina Linguística na primeira metade do século XVI, na Europa. Destarte, a partir do momento em que o dicionário se tornou também objeto de estudo desta ciência, muitos questionamentos começaram a suscitar com relação a sua macro e microestrutura, especialmente, no momento em que a preocupação com a tipologia da obra lexicográfica se torna mais latente quando, no século XVIII “[...] Acostumámo-nos, finalmente [...] a distinguir, com mais ou menos rigor, entre dicionários de palavras e enciclopédias, isto é, dicionário de coisas [...]” (WEINRICH, 1979, p. 316).

⁴⁶ “Siguiendo la terminologia primeiramente empleada por Avicena, los escolásticos llamaban quiddidad (*quidditas*) a la esencia expresada por la definición, a lo que en cada cosa responde a la pregunta por su ser esencial según se expresa en la definición. La quiddidad señala, pues, la esencia de la cosa y no su existencia [...] Como definición esencial de la cosa, la quiddidad comprende los atributos esenciales de la misma [...]” (MORA, 1544, p. 573).

⁴⁷ Aqui, poderíamos incluir o método aristotélico de definição; os realistas; o *cratilismo* (até certo ponto) e o conceito de *definitio rei*.

1988, p. 14)⁴⁸; e a prescritiva⁴⁹, chamada pelo autor de *créatrices des concepts*, que trata-se de uma abordagem restritiva e contrária à polissemia, que busca por um conceito que seja singular, delimitado e livre de ambiguidades, característica muito próxima da Teoria Geral da Terminologia (TGT) proposta por Eugen Wüster, em sua tese de doutorado intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*, publicada em 1931. Detendo-se ainda nesta última linha de pensamento, Rey (1988) explica que esta noção é estruturada no conceito de arbitrariedade do signo, levado ao extremo por muitos filósofos de tradição formalista.

Rey (1988) traz também a visão de Blaise Pascal que, ao partir de um pensamento lógico-matemático, propôs um conceito de definição cuja característica principal fosse a arbitrariedade, de modo que:

[...] a definição pascaliana explica os termos dissipando a sua obscuridade e eliminando a sua ambiguidade: ela assegura a designação de conceitos necessários ao raciocínio; ela não se substitui jamais pela intuição dos conceitos fundamentais; enfim ela é independente do sentido comum das palavras. Este é um programa terminológico aplicado ao raciocínio formalizado, na matemática, e que evita cuidadosamente o problema da relação entre a semântica da língua e a construção dos instrumentos significativos necessários ao raciocínio (REY, 1988, p. 16-17)⁵⁰.

Essa visão vai ao encontro daquela adotada por Gottlob Frege séculos mais tarde, por não considerar a ligação entre as palavras e aquilo que é, por elas, nomeado. O que existe é uma preocupação excessiva com a exatidão, em que é levado ao extremo o conceito de *definitio nominis*, algo compreensível se levarmos em consideração que tudo isto foi pensado a partir da lógica e da matemática, tanto pelo filósofo francês no século XVII (Pascal), quanto pelo alemão já no fim do século XIX (Frege).

Contudo, essa é uma linha de pensamento um tanto próxima do que propôs o Estruturalismo no âmbito da Linguística, especificamente, no campo da Semântica Estrutural,

⁴⁸ «[...] nous semble aujourd'hui compatible avec l'usage du terme *définition* à propos des dictionnaires [...] » (REY, 1988, p. 14).

⁴⁹ Onde também se encaixariam os nominalistas; o conceito de *definitio nominis* e o convencionalismo defendido por Hermógenes.

⁵⁰ « [...] la définition pascalienne explique les termes en dissipant leur obscurité et en levant leur ambiguïtés: elle assure la désignation des concepts nécessaires au raisonnement; elle ne se substitue jamais à l'intuition des concepts fondamentaux; enfin elle est indépendante du sens ordinaire des mots. C'est un programme terminologique appliqué au raisonnement formalisable, à la mathématique, et qui évite avec soin le problème du rapport entre sémantique de la langue et construction des outils signifiants nécessaires au raisonnement » (REY, 1988, p. 16-17).

como podemos ver em *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, de Ullmann (1964).

A análise que o autor faz de *parede/muro* nas línguas inglesa (*wall*) e francesa (*mur*), ilustra bem isto, pois, como ele explica, através de diversos exemplos retirados da literatura, estas mesmas palavras terão um significado diferente (a depender não apenas do contexto de uso, mas da experiência individual) para um prisioneiro, um cidadão livre, um juiz ou para um agente penitenciário. Ao discorrer sobre a fonte das tonalidades emotivas (factores fonéticos, contexto, slogans, derivação emotiva, valores evocativos, dentre outros), considera a influência do universo extralinguístico, mas mantém sua análise fortemente estruturada nos fatores considerados exclusivamente linguísticos, ou seja, na relação entre o que ele chama de *nome* e *sentido*, que corresponderia, respectivamente ao significante e significado⁵¹, em que:

[...] todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes [...] No desenvolvimento da língua operam continuamente duas tendências opostas: muitas palavras perdem a sua motivação, enquanto outras, que eram, ou se tinham tornado opacas, se fazem transparentes no decurso da história [...] (ULLMANN, 1964, p. 169-196, grifo nosso).

No entanto, no caso do estudo a que nos propomos, entendemos a emotividade como algo que é construído em uma relação intrínseca com os fatores sócio-históricos e culturais. Os sujeitos da nossa pesquisa e, podemos afirmar, todos nós, de certo modo, temos uma relação afetiva (num sentido amplo) com determinadas palavras. Isto acontece tanto numa dimensão individual (algo particular de cada um), quanto coletivamente (um grupo de pessoas que compartilham memórias). Não raro, recordamos momentos de nossas vidas e da história somente pelo fato de lermos ou escutarmos um nome específico, como: uma fruta que se costumava comer nos tempos de infância; da vez em que se machucou com determinado objeto; da ofensa que jamais se esqueceu; um lugar que não existe mais; uma pessoa querida que se foi; um aroma muito específico; um sabor peculiar; uma catástrofe; uma teoria; um acontecimento histórico⁵².

⁵¹ O autor, em sua releitura e reformulação do triângulo de Ogden e Richards (1936), defende a ideia de que “[...] o referente, enquanto tal, fica excluído, mas todos os seus aspectos linguisticamente relevantes ficam incluídos, uma vez que fazem parte do <<sentido>>. Excluindo o referente, separamos apenas o que é linguisticamente relevante do que o não é [...]” (ULLMANN, 1964, p. 121).

⁵² Atualmente, no Brasil, podemos citar vários exemplos de palavras que foram criadas ou ressignificadas recentemente: *golpe*, *impeachment*, *lava-jato*, *delação premiada*, *coxinha*, *petralha*, *mortadela*, *pato*, *panelaço*; “*Mexeu com uma, mexeu com todas*”, “*Bela, recatada e do lar*”; *feminismo*; *feminazi*.

Partindo dessa perspectiva, podemos atualizar as reflexões de Ullmann (1964) acerca dos fatores emotivos, voltando-nos para a relação entre as palavras e aquilo que elas nomeiam. Pretendemos estender esta discussão àquelas palavras em que a relação do ser humano com o universo se materializa nas definições que foram construídas (oralmente) pelos nossos interlocutores, no momento das entrevistas. Ao descrever determinada planta ou fruta, muitos deles contaram, sem perceber, a sua história com aquele nome, logo, com a história daquele lugar.

Portanto, concordamos com Rey (1988), que não seria viável falar numa definição totalmente livre neste sentido, pois muitas palavras fazem companhia à Humpty-Dumpty, isto é, por terem uma relação com as coisas que nomeiam, estranham e acham estúpidos⁵³ os nomes que têm uma definição vazia, oca, que nada revelam sobre o pedaço do universo que nomeiam, atravessam, surrupiam a alma e turvam a realidade da sua existência.

Quando observamos como é feita a definição de determinada palavra pelos falantes em nosso *corpus* de pesquisa, torna-se possível compreendermos e pensarmos num conceito de definição que seja aberto, ao invés de restritivo, e respeite o fluxo da língua, no que tange à relação existente e inegável entre léxico e universo/sociedade construída a partir do nosso olhar sobre as coisas.

Não queremos, com isto, excluir e desconsiderar a importância metodológica da criação de critérios e tipologias para as definições – essenciais na formulação dos verbetes de dicionários –, entretanto concordamos que temos de pensar o ato de definir como uma competência natural do falante. Quando uma criança, por exemplo, pergunta o que significa x ou qual o significado de y, qualquer falante, escolarizado ou não, se propõe a responder. Vimos surgirem as definições de coisas e palavras, pois a definição:

[...] é uma perífrase que pretende ser sinônima da palavra a ser definida [...], isto é, numa identidade entre duas classes de objetos (e não de signos). É só falando das coisas que a definição pode dar-nos o sinônimo do signo. Os lingüistas, todavia, recusam esse método não lingüístico que constitui o verdadeiro interesse do dicionário, embora usando naturalmente definições assim obtidas, em seus trabalhos teóricos (REY-DEBOVE, 1984, p. 66).

Entramos, então, no campo da Lexicografia, área cujos estudiosos se dedicam, dentre outras questões, a teorizar sobre a definição que, para Biderman (1984b), é a *pedra de toque* do dicionário.

⁵³ Ver *Through the Looking Glass and what Alice found there*, de Lewis Carrol, p. 239-256.

Podemos começar, por exemplo, com a diferenciação que Ignacio Bosque (1982) faz entre definição enciclopédica e definição lexicográfica, que correspondem respectivamente à *definitio rei* e à *definitio nominis*. O autor apresenta também as definições próprias ou parafrásticas, chamadas por ele de verdadeiras definições, em que é feita a descrição hiperonímica, que se trata “[...] evidentemente, do tipo mais frequente de definição [...] muitas vezes chamada de ‘definição por gênero próximo e diferença específica’, ‘definição inclusiva’, ‘definição aristotélica’ etc [...]” (BOSQUE, 1982, p. 106). Este processo definicional, segundo Murakawa (2014), foi o mais utilizado na edição dos verbetes do DHPB, principalmente, no caso das plantas, animais, objetos, usos e costumes.

Biderman (1984a) também aborda a definição por *genus* e *differentia*, ao explicar que é o tipo⁵⁴ utilizado com mais frequência na descrição dos primitivos léxicos. Além disso, ela cita a definição lógica, “[...] que é a que se faz por meio de signos que pertencem a um sistema construído, a uma língua artificial ou metalíngua [...]” (DUBOIS et al., 2006, p. 167), que para ela seria o método mais adequado a se utilizar quando se trata dos conceitos abstratos, método este que poderíamos relacionar ao conceito de *definitio nominis*.

Ao contrário dos autores acima, Weinrich (1979) considera a definição por *genus proximum* e *differentia specifica* insuficiente. Para ele este método muito se aproxima da teoria dos traços semânticos, em que “[...] a *differentia specifica* não é mais do que um traço do significado que se quer definir [...]” (WEINRICH, 1979, p. 328), assim, o dicionário universal de traços seria uma empreitada inviável, pois estaria registrando uma língua artificial e não funcional. Para justificar a sua afirmação, o autor cita o exemplo dos escolásticos que falharam em sua busca pelos traços universais, porque para ele essa visão funciona apenas para o que ele chama de nomenclaturas, que correspondem a um vocabulário muito restrito de motivação biológica e intuitiva, como os dias da semana, pesos e medidas, elementos químicos, graus de parentesco. Fora desse universo, essa teoria é falha, porque exclui as particularidades e nuances que o significado de uma palavra pode ter.

Weinrich (1979) considera ideal o que chamará de *definição pragmática* ou *pragmático-linguística* que, a exemplo do *Trésor de la langue française*, seria um tipo de processo definicional cuja característica principal é o uso abundante de exemplos que, contextualizados, contribuiriam muito mais no entendimento do significado por parte do consulente. No entanto, o autor faz uma ressalva, ao pontuar que uma obra lexicográfica desta natureza é possível apenas se for pensada para muitos volumes (o que pode ser resolvido

⁵⁴ Muito usada na definição de plantas e animais, esse tipo definicional está na base da designação binomial proposta por Carlos Lineu, já no século XVIII.

através do dicionário em seu formato eletrônico), ao passo que os minidicionários deverão ter um número bem reduzido de exemplos.

Com relação às formulações de Weinrich (1979), discordamos da sua visão a respeito do método aristotélico associado ao princípio dos traços semânticos, pois como vimos em Biderman (1984a), Bosque (1982) e Murakawa (2014), é um tipo ainda muito produtivo e que serve muito bem para definir determinadas palavras.

Entretanto, independente das diferenças e semelhanças entre as propostas dos vários teóricos⁵⁵ que se debruçaram sobre este assunto, existe um consenso entre eles quanto à importância da definição para uma obra lexicográfica e da complexidade que a circunscreve. Portanto, concordamos com Porto-Dapena (2002) que esta é a atividade mais difícil de ser executada pelo lexicógrafo, tornando-se uma tarefa árdua, pois os problemas a serem evitados são muitos, como as definições imprecisas e o problema da circularidade, muitas vezes causado pelas definições sinonímicas.

Sobre isto, Biderman (1984a), ao criticar as definições sinonímicas devido ao círculo vicioso que podem ocasionar, afirma categoricamente que a definição deve ser redigida em forma de paráfrase, em linguagem acessível. Em contrapartida, Bosque (1982) compartilha da ideia de que nem sempre a circularidade será um problema, pois ela é inevitável e é parte constitutiva da natureza do dicionário, pois:

[...] o problema está em distinguir a circularidade que não é mais do que a consequência lógica da existência de unidades semânticas “primitivas” ou “indecomponíveis”, da circularidade que se produz quando o lexicógrafo não encontra a paráfrase adequada através de um tipo diferente de definição [...] (BOSQUE, 1982, p. 108).

Percebemos, então, que nenhum tipo de definição é inadequado e muito menos aplicável em todas as ocasiões, mas sim ajustável à realidade de cada palavra. No DHPB, por exemplo, depois da hiperonímica, os outros dois tipos mais empregados foram a sinonímica e antonímica, ambas pertencentes à categoria das parafrásticas, como explica Murakawa (2014). Neste caso, o que é preciso ter em mente, é que o uso dos sinônimos não deve ser condenado, mas utilizado de forma a favorecer o entendimento do significado da palavra-entrada por parte do consultante.

⁵⁵ *Sobre la teoría de la definición lexicográfica*, Ignacio Bosque (1982); *Manual de técnica lexicográfica*, de José-Álvaro Porto Dapena (2002); *La definición lexicográfica*, de Reihold Werner (1982); *Léxico e dicionário*, de Rey-Debove (1984); *Lexicografia: o léxico no dicionário*, de Maria da Graça Krieger (2006); *La définition*, organizado por Jaques Chaurand e Fancine Mazière (1988), dentre outros.

O que podemos ponderar a respeito da definição lexicográfica, como afirma Bosque (1982), é que descrever o significado de uma palavra sempre será um movimento muito mais complexo do que usá-la espontaneamente. Naturalmente, a tarefa do dicionarista, assim como a do gramático, é infinita, porque a língua está sempre em transformação, de modo que, o dicionário:

[...] não é uma obra atemporal, já que está ligada, muito mais que a gramática, à evolução cultural da sociedade, às outras ciências ou disciplinas e, o que é mais importante, aos fundamentos mesmos dessa cultura [...] (BOSQUE, 1982, p. 122-123)⁵⁶.

Para além das questões teóricas em torno da definição, especialmente, quando se trata das obras monolíngues, percebemos que a grande preocupação destes e de vários outros teóricos é que o consulente compreenda o significado de uma palavra-entrada de maneira eficaz e produtiva e que, enquanto objeto de estudo, atenda às necessidades de quem irá analisá-lo.

Constatamos também que independente do critério que melhor se adeque à confecção do verbete, a característica predominante deve ser a clareza da linguagem, com o uso de vocábulos comuns à maioria dos falantes, bem como de exemplos que sejam pertinentes, isto é, que contribuam para a compreensão do significado. Mesmo porque, ao optar por definições carregadas de termos pertencentes a áreas de especialidade⁵⁷ e trazer exemplos descontextualizados e sem sentido, a última coisa que o dicionarista irá conseguir é que haja algum entendimento ou contribuição a quem recorrer a uma consulta em sua obra.

Outro tipo de definição que nos chamou a atenção por apresentar, em certa medida, semelhanças com alguns dos processos definicionais do nosso *corpus*, é a ostensiva ou descritiva que, para Biderman (1984a) é o método ideal a se utilizar na descrição de objetos (instrumentos, utensílios e etc) e de elementos da fauna e da flora, pois quando “[...] o referente designado é um elemento concreto do mundo físico, ou do universo cultural, para que o consulente o conheça ou identifique, o melhor procedimento é a sua descrição, acompanhada de uma imagem do próprio referente [...]” (BIDERMAN, 1984a, p. 34).

⁵⁶ “[...] no es una obra atemporal, ya que está ligada, mucho más que la gramática, a la evolución cultural de la sociedad, a las otras ciencias o disciplinas y, lo que más importante, a los fundamentos mismos de esa cultura [...]” (BOSQUE, 1982, p. 122-123).

⁵⁷ Para estes fins, existem, hoje, os dicionários terminológicos direcionados especificamente às áreas de especialidade. Ver: Barros (2004), Cabré (1993), Murakawa; Nadin (2013).

No caso do nosso *corpus*, constituído especificamente por lexias referentes às plantas, é notável a grande predominância da descrição. Mais importante do que a natureza concreta do *definiendum*, é a relação empírica, portanto, direta dos sujeitos da pesquisa com cada elemento por eles detalhado. Podemos observar nos excertos a e b, como ambas as narradoras descrevem a *mama-cadela* sempre recorrendo à memória da sua experiência com o referente (tamanho, coloração, função medicinal) e as sensações (sabor, textura).

- a) Gostava de cumê tamém do cerrado... tinha... uns fala **fruta de cera**, né? Outros fala **mama-cadela**. Nói' **quand'era minino**, nós falava fruta de cera [...] num sei, **minha mãe ensinava falar fruta de cera mes' (mesmo)** [...]. O pé assim é **tipo dum cipó**, sabe? Então ele dava muito... **cê pega nel'assim, ele enverga, ele dá grande, dá pequenim**, ma' dá grande. Aí, quando ela tá madura, ela dá tamém **amarelinha** [...] **redondinha, miudinha**. Ela... ela tamém **da leite**, sabe? [...] Então, **cê pegava ela assim, cumia ela assim**, ela **tinha uma semente dento**, cê cumia era a casca dela, né? [...] Agora, da raiz dela fazia o chá [...] pra tomá tamém [...] serve... serve... de primero o povo dava muita nascida, né? Aí tomava **pra depurá o sangue**, pra 'cabá aquele trem. Porque quando a pessoa dava uma cocera, um trem assim, **num ia em dotôr, né?** Dava era esses remédio. 'Rancava a raiz dela [...] quarqué coisa na pele. Quando saía primero, né? Tomava aquele chá pra **refrescá o sangue**, o povo antigo falava, né? Bom pra **depurá o sangue**, refresca o sangue. **Eu tomei demais** (IF1D73).
- b) O pé de **mama-cadela** ela **dá... até uma árve...** ela **dá umas frutinha...** aí, as frutinha quando elas tá **nova es (elas) é verde... quando madura es (elas) fica 'marelinha**. E ela tem só uma semente e aí 'cê usa comê ela só... **come só a casca...** ela tem assim... é uma **fruta algodãozenta**. Então, **eu gosto**. E também **a raiz dela é... é remédio** [...]. É remédio **pra... limpá o sangue**, 'que (...) ela é a serventia pa cortá assim... como se diz... esses furunco (furúnculo), né, **infecção de barriga...** infecção... **quarqué tipo de infecção**. Ela é a **raiz cherosa** e é **um bom remédio** (...). Hoje, nós fala furunco, mais antigamente era nascida (...). Ele é uma **fôia verdinha e meia lixenta**. 'Cê coloca a mão nela assim (*gestos*), é uma fôia áspera (áspera). Ela **num é uma fôia macia igual as ôtas fôia** das ôtas planta [...]. A genta trata... a raiz dela [da *mama-cadela*] a gente trata, né, de nó'-moscada, né? Tem a **nó'-moscada doce**, tem a **nó'-moscada de baiano** e essa **nó'-moscada do mato** ... que é essa *mama-cadela*. Ela é leitera... ela **dá leite tudo... a fruta... a fôia** (CoF1L67).

Outra característica muito recorrente, inclusive nas definições que analisamos no próximo capítulo, são momentos duma ida rápida até a horta – “[...] vô ali buscá pr'ocê [...]” – ou de um convite a um passeio em seu quintal – “[...] Se ocê quisé tirá foto dele, cê pode i' (ir) lá tirá [...] Mostro. Vamo lá [...]” – para nos mostrar a planta da qual se estava falando, o que confirma a semelhança de suas descrições com a definição ostensiva de que falamos.

Nos casos em que não foi possível ver a planta, por ser nativa e encontrada apenas em determinada região ou por ter entrado em extinção devido ao desmatamento, nossos interlocutores recorrem ao seu próprio corpo, especialmente, a gesticulação das mãos:

- c) Maria-preta é uma árve comprida! **Ela vai, ó (sons onomatopaicos a boca e gestos)**. É das fôia grande... até certo ponto **ela fica cheia de gaim (galhinhos) assim (gestos)**, aques (aqueles) gaim vai acabano, vai subino, depois de uns seis metro pra cima os gai (galhos) fica lá... os gai (galhos) vai ficano. Mais com o tempo vai caino e **fica um varão grande assim, ó (gestos)**. **Uma vara desse tamaim aí, ó (gestos)**, labrado. Ela é grossa [...]. É. **Fica dessa grossura (gestos) lavrado, ó (gestos)**. 'Cê pode pegá até... até assim com... com oito metro de comprimento. Ela assim... pr'ocê fazê... **escoramento de casa assim, ó (gestos)** (GM1P69).

Noutras ocasiões, recorriam à comparação ou a analogia, característica também muito presente em suas definições:

- d) Tem... o **araçá** ... é uma goiabinha também. Gostosa mes' (...). [O pé] **é igual** o da goiaba, **porém** a folha é peluda (...) e miúda (...). É... é uma goiabinha mesmo (...). Num dá árve muito grande não. É árve pequena (...). Muitos fala **goiabinha do campo**, ôtos fala araçá (CuF2E75).
- e) Chama **tiborna** ... tem uns que chama **limãozinho** ... é uma fruta muito docinha... gostosa a fruta [...]. É... eu conheço ela como tiborna... mais ele... ele... tem gente que chama ela de limãozinho [...]. É um **limãozim do campo** que ês (eles) fala... é [...]. A árvore é grande... árve grande [...]. As folha mais larga e tal [...]. **Parece [um limão], só que o gosto é completamente diferente e... e a semente também né... é diferente** [...]. Porque a semente do limão mesmo é sementinha, né? E ela é uma semente só... maior [...]. [Quando amadurece] ela fica... modifica pouca coisa na... de verde... fica um verde mais escuro, sabe? É árvore também (CuM2M93).

Partindo desta rápida análise, chegamos ao nosso objeto de pesquisa: o *modus definiendi* utilizado pelos entrevistados ao descreverem as plantas.

3.1.1 A construção de uma definição e suas peculiaridades

Como já dito, o tipo de definição que o nosso *corpus* oferece não se trata de um processo definicional constituído via técnica lexicográfica. É por este motivo que, para fazermos a nossa análise comparativa, nos servimos de textos históricos do banco de dados do *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (DHPB), pois

[...] São relatos repletos de informações e detalhes que interessam as mais diversas áreas do conhecimento como história, geografia, literatura

comparada, história das mentalidades e também à linguística, enquanto fonte de informação sobre a língua da época e [...] sobre o modo como o referente exótico da flora e da fauna é definido pelo narrador [...] (MURAKAWA, 2016, p. 15-16, grifo nosso).

Finalizado em dezembro de 2012, o projeto do DHPB foi idealizado no ano de 2005, pela lexicógrafa Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Camargo Biderman e, coordenado, a partir do ano de 2008, pela também lexicógrafa Prof.^a Dr.^a Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, contando com uma grande equipe de profissionais e estudiosos da língua para a execução do projeto ao longo de sete anos. O resultado final de todos estes anos de trabalho é um dicionário constituído por dezenove volumes, com 10470 verbetes.

Devido à extensão da obra e à importância da sua disponibilização, um novo projeto vem sendo elaborado para que seja editada a versão impressa, bem como a digital, com a criação de uma plataforma para que o dicionário se torne acessível *online*. Enquanto isto, os pesquisadores que desejam consultar o DHPB podem fazê-lo mediante autorização prévia, pois a formatação atual é passível de cópias, o que possibilitaria a utilização, publicação ou divulgação indevida de conteúdo, colocando em risco este patrimônio cultural antes mesmo de ser, oficialmente, publicado.

Segundo Murakawa (2014), a busca pelos textos que constituem o banco de dados que dá sustentação ao DHPB foi realizada tanto no Brasil quanto em Portugal, a datação desses textos corresponde ao período de 1500 a 1808, em que:

[...] reuniu-se um conjunto representativo de textos de natureza e gênero variados, tais como: obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram; diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa; cartas sesmarias; roteiros descritivos da flora e da fauna brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Pe. Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram e que tiveram sua correspondência reunida em obras esparsas; obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina; a cartas comerciais trocadas entre comerciantes da colônia com outros de Portugal; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; anais de câmaras de diversos municípios brasileiros; documentos cartoriais; autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; estatutos de sociedades; constituições dos bispados do Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração, além da produção literária do barroco e arcadismo [...] (MURAKAWA, 2014, p. 200-201).

A autora explica também que, para que as buscas no banco de dados fosse possível, após esta seleção, os textos passaram por vários procedimentos (escaneamento, conversão para arquivos texto, entre outros) para que pudessem ser inseridos no *Philologic*, construindo assim um banco de dados e um banco de textos de uma riqueza de informações e dados históricos imensuráveis, de forma que o fácil acesso a todas essas obras de séculos atrás se tornou viável e possível devido à existência do DHPB. Num pequeno espaço de tempo, é possível consultar diversas palavras em um acervo gigantesco de textos da época do Brasil colonial, o que viabiliza e enriquece em muito o labor do pesquisador. Por esta e outras razões, não podemos nos esquecer de que:

[f]azer um dicionário é um assunto sumamente laborioso que requer, além de capacidades científicas tão espectaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas com as dos artífices, como paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores e – por último mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador [...] (WEINRICH, 1979, p. 314).

Para compreendermos como será estabelecida a relação entre o nosso *corpus* e o banco de dados do DHPB, tomemos como exemplo a análise que Murakawa (2005) faz da forma como Garcia d’Orta nomeava o universo a ele circunscrito, especificamente, as plantas e os medicamentos, em uma época (séc. XVI) em que os termos científicos utilizados hoje não existiam. Esta observação direta do real resultou em definições de um tipo muito específico, diríamos que um tanto parecidas com aquelas empregadas pelos sujeitos da nossa pesquisa, chamadas por Verdelho (1995) de processos paralexiconográficos, que não se tratam de definições lexicográficas, mas podem servir de subsídio a elas.

No entanto, apesar das semelhanças que podemos encontrar, há uma diferença na forma e na motivação histórico-cultural que conduz, direciona e molda o olhar – tanto dos senhores e senhoras que foram entrevistados, quanto de Garcia d’Orta e outros que como ele se preocuparam em descrever determinada região ou lugar – sobre o universo a eles circunscrito. O autor dos *Coloquios* (1563) estava refugiado na Índia para se proteger da perseguição inquisitorial aos judeus e, os nossos entrevistados, pelo contrário, nasceram e foram criados naquela região e, ali, permanecem. Este fato muda a maneira com que o mundo será percebido, pois a relação estabelecida com as coisas não é a mesma.

Orta estava na posição de observador em um lugar desconhecido e, ao redigir suas definições em seus 59 colóquios, não partiu única e exclusivamente das suas percepções daquela realidade, pois na condição de médico e botânico, falava também a partir do ponto de

vista da ciência, mesmo que naquela época, estes dois campos do saber fossem muito diferentes do que temos hoje. Dessa forma, mesmo que não existam os termos técnicos pertencentes ao que conhecemos, hoje, por Medicina e Botânica, nas definições formuladas por ele, de acordo com Murakawa (2005), é possível identificar traços semânticos que indicam uma marcação terminológica, tanto que, como a autora demonstrou, podemos encontrar muitas delas em Bluteau (1712-1728) e Moraes (1813) em suas abonações.

Considerando esses fatos, é possível compreender quais são os pontos onde Brasil colonial e Brasil século XXI se distanciam e se perdem nesta linha cronológica que, estrategicamente, pretende afastá-los, mas que jamais impedirão que vejamos a descontinuidade histórica através dos pontos onde eles se encontram. Ao nos voltarmos para a relação das pessoas que entrevistamos com os referentes que por elas nos foram definidos, percebemos que há um estreitamento, pois não se tratam de forasteiros, tampouco de “doutores” com um saber científicizado ou de senhores “letrados” sempre acompanhados dos seus inseparáveis caderninhos de tomar notas, como fizeram os naturalistas, os jesuítas, os médicos, os cirurgiões-barbeiros e os poetas daquela época, bem como, atualmente, o fazem os fitoterapeutas, os farmacêuticos, as indústrias de cosméticos, os biólogos, os botânicos, dentre tantos outros profissionais que se apropriam destes saberes considerados não científicos, para construir os alicerces da ciência que irão produzir nos laboratórios; a mesma ciência que, ironicamente, irá desautorizar e marginalizar o conhecimento que lhe deu à luz. Essa relação fica bem representada nesta passagem da fala do senhor que entrevistamos em Ipameri-Goiás:

Agora, dotô num pode sabê que tem esse remédio não. Dotor num gosta que fica ensinano esse remédio assim não... medicina... assim não. Porque... sabe o quê que é? Esse remédio... esse remédio... coluna num tem cura... o que cura de coluna é terrão [...] morrê (*risos*). E o dotore (...) e dotor num gosta que fala isso, esses remédio que eu tô te falano, porque isso aí num pode tá contano p'os ôto não. Hoje, não (...). É porque hoje... iss'aqui que vale (*sinal de dinheiro*). É. Às veiz, cê vai lá, né, tratá com dotor. Dotor vai tapeano ocê, dano remédio de um jeito, remédio de ôto e vai levano ocê na conversa (IM1V68).

Os saberes que estes senhores e senhoras têm sobre as plantas fazem parte da sua cultura, se trata de um ensinamento passado de uma geração para outra, por uma questão de sobrevivência, seja para alimentação ou para o tratamento de alguma doença. O discurso da medicina não era tão difundido e quase não chegava na zona rural e, se chegava, era para atender às necessidades dos donos das fazendas. Assim, raramente, recorriam ao médico,

tanto por questões financeiras, quanto pelo difícil acesso devido à distância entre suas casas e o posto médico e, principalmente, por não confiarem nos procedimentos clínicos e acreditarem que as suas receitas caseiras à base de ingredientes naturais (as plantas) eram muito mais eficazes e seguras, como podemos ver em:

- f) Aí... agora pa fazê remédio, eu vô ensiná pro cê: se conhece fedegoso? É um fedegoso , um que dá uma foiona [...] Ele dá assim... ali (*gestos*) tinha um pé dele no mei' da areia. Aquele cura papo... ele cura resguardo quebrado de muié que dottor num cura... **dottor num cura resguardo quebrado não... ele num sabe, né?** Agora, eu tinha um papo... picô fora... esse fedegoso que me curô... mais é firme (AF2ML93).
- g) [...] Agora, da raiz dela fazia o chá [...] pra tomá tamém [...] serve... serve... de primero o povo dava muita nascida, né? Aí tomava pra depurá o sangue, pra 'cabá aquele trem. **Porque quando a pessoa dava uma cocera, um trem assim, num ia em dotôr, né? Dava era esses remédio** (IF1D73).
- h) É o que nós tomava, né? E aind'anda tomano, **porque o povo tudo vai no médico, né, e famácia. Eu num vô nesse não. Eu uso é de casa, né? [...]. É, primero Deus, né? Peç'ele e bebo meus chá.** Aí, vô aí [...]. Cê faiz de... s'eu tô passano mal, o rim tá ruim... eu bebo articum, carrapichim, né? É po rim. Se o fígo (fígado) tá ruim, 'ranca uma raiz de jubeba, né? Ah... de primero tinha a capeva que nós fazia o chá (AM2JA80)
- i) **Ês (eles) num recomenda você fazê isso mais.** Agora, essas famía (família) mais antiga, igual... eu vim de herança do meu pai, da minha mãe, a gente num era **muito de tá ino no médico não [...].** Aprendi com a minha mãe falecida, com meu pai (...). A gente cresceu (...) a sabedoria vem do berço (CoF1L67).
- j) É porque **o remédio casero assim, a gente sabe a data certa e sabe a hora, até o horário da gente aplicá ele [...]. E o médico lá ele já marca um trem ali... aquil'ali tem hora que ocê num tá por conta daquil'ali... ocê já vai e já faiz um enrolo.** Então, **eu prefiro o remédio casero [...].** É porque aquil'ali assim, **cê toma ele a hora que cê qué, o remédio casero, cê num tem... às veiz tem argum que tem a dieta.** O remédio de médico é assim, diretamente cê vai lá ele tem a dieta dele pa modo dele dá e o nosso pa cá, não [...] Agora, **remédio de médico, aquil'ali vai toda vida (...)** tem uns que até sara, ôtos num sara. O médico vai embriano aquil'ali e vai ficano, ó, só pa pegá iss'aqui, ó (*gestos*), purim. **Só pa pegá a grana [...]**(CoM1G83).

No excerto (f), podemos observar que, ao formular a definição de *fedegoso* (unidade analisada no quarto capítulo), a narradora, ao mesmo tempo em que recorreu ao seu conhecimento, recorreu também a sua memória e recordou do período de resguardo e de todas as complicações pós-parto, ou seja, falar daquela planta é relembrar de momentos da sua vida, do seu passado, pois a sua experiência com a flora é direta.

Robert Martin (1988) chama de *définition naturelle* o tipo de definição que muito tem a ver, ou melhor, que faz parte do processo cognitivo do ser humano em sua busca pela compreensão da realidade.

Estas discussões não estão muito distantes da Lexicologia, em que entendemos que a criação do léxico de uma dada língua é motivada pelo ato de nomeação das coisas, pois é na tentativa de compreender o universo ao seu redor, que o ser humano nomeia tudo que está à sua volta. Assim, estruturamos e tentamos compartimentar o mundo que nos cerca, de modo que:

[o] Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e às vezes, se contrai [...] (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Temos, assim, uma definição que é formulada pelos próprios falantes, portanto, “natural”, porque a motivação, aqui, não é científica, pelo contrário, faz parte de um processo mental de percepção que está entrelaçado à cultura, ao modo de vida, aos saberes que são passados de uma geração para outra e à subjetividade de cada sujeito.

O falante não tem a preocupação de conceituar a definição, tampouco, problematizá-la. Se observarmos, ao definirmos algum objeto, sentimento ou sensação, não nos atentamos para o fato de que, ao descrevermos uma palavra, estamos ou não utilizando determinado tipo de processo definicional.

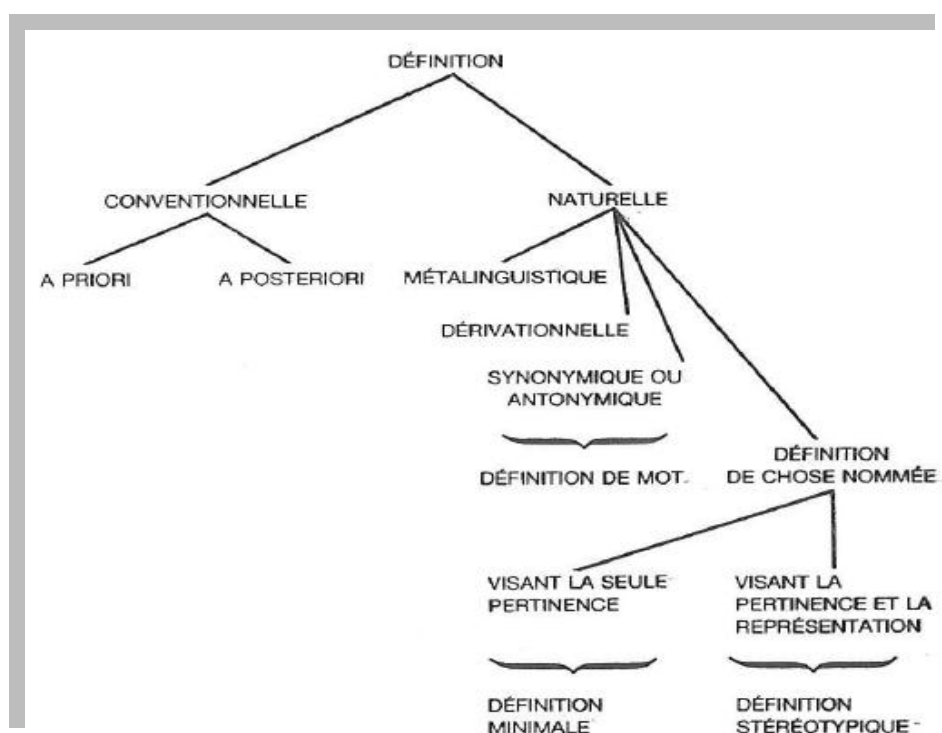
Cabe a nós pensarmos sobre este tipo de definição que, como constatamos em nossa pesquisa bibliográfica, recebeu pouca atenção, visto que a maioria dos estudos são voltados para a definição lexicográfica. Para isto, precisamos compreender melhor o conceito proposto por Martin (1988) que, até certo ponto, vai ao encontro das definições que encontramos em nosso *corpus*, pois como ele explica, se trata de um processo descritivo⁵⁸, pois:

[...] Em sentido amplo, a definição natural é, nada mais, que aquela cujas palavras pertencem à linguagem comum, isto é, a definição de objetos naturais. Neste sentido, a definição natural se opõe à definição dos artefatos

⁵⁸ Porto-Dapena (2002) faz uma rápida menção a um tipo de definição denominada descritiva que, segundo ele, é considerada pouco ortodoxa “[...] por referir-se más a las realidades que propriamente a las palabras que las representan [...]” (p. 269). Mesmo que tenha sido um rápido comentário, é possível perceber que há certa compatibilidade com a discussão que estamos estabelecendo.

linguísticos, isto é, das palavras definidas convencionalmente [...]. Em sentido mais restrito, a definição natural não é somente uma definição de objetos naturais, mas sim uma definição formulada pelos próprios falantes e não por um técnico, que seria o lexicógrafo. Neste sentido, a definição natural é um dos aspectos da atividade <<epilinguística>> [...] (MARTIN, 1988, p. 86-87)⁵⁹.

Sob este aspecto, podemos dizer que os elementos da flora descritos pelos nossos entrevistados tratam de definições “naturais”, no sentido de que foram construídas a partir do seu conhecimento empírico e via memória. No entanto, quando assinalamos que esta teoria se aplica ao nosso *corpus* apenas em partes, é pelo fato de que o propósito do autor com o conceito de *définition naturelle* é “[...] sugerir um procedimento definitório que se apoie nos julgamentos formulados pelos próprios falantes [...]” (MARTIN, 1988, p. 87)⁶⁰ para a proposição de um tipo de dicionário que ele denomina de *dictionnaire naturel*⁶¹. Para isto, ele faz a seguinte subdivisão reproduzida no esquema abaixo:



Fonte: Martin (1988, p. 89)

⁵⁹ « [...] Dans un sens large, la définition naturelle est, sans plus, celle des mots du langage ordinaire, c'est-à-dire la définition de l'objets naturels. En ce sens, la définition naturelle s'oppose à la définition d'artefacts langagiers, c'est-à-dire des mots conventionnellement définis [...] Dans un sens plus restreint, la définition naturelle est non seulement une définition d'objets naturels, mais encore une définition formulée par les locuteurs eux-mêmes et non par le technicien qu'est le lexicographe. En ce sens, la définition naturelle est un des aspects de la activité <<epilinguistique>> [...] » (MARTIN, 1988, p. 86-87).

⁶⁰ « [...] suggérer une procédure définitoire qui prendrait appui sur les jugements formulés par les locuteurs eux-mêmes [...] » (MARTIN, 1988, p. 87).

⁶¹ « [...] On se prendre à rêver d'un « dictionnaire naturel ». Il serait sans doute fort différent des dictionnaires que nous connaissons. Tout donne à penser qu'il serait aussi fort instructif » (MARTIN, 1988, p. 93).

Do lado esquerdo do esquema, temos as definições convencionais (definição lógica, matemática, metalinguística) e, em oposição, do lado direito, as naturais que, por sua vez, se dividem em dois grupos: definição de palavra (metalinguística, derivacional, sinonímica e antonímica) e definição da coisa nomeada (definição mínima, definição estereotípica), sendo este último onde o autor deterá suas reflexões. Sobre o outro grupo, Martin (1988) teceu apenas um rápido comentário, ao explicar que as *définitions de mots* se opunham às *définitions stéréotypiques*, apresentando um exemplo para cada um dos seus tipos de definição, o que não deixou claro, por exemplo, em que difere a definição metalinguística natural, da metalinguística convencional.

De todo modo, assim como Martin (1988), o que nos interessa é o grupo em que temos as definições das coisas, especificamente, as *définitions stéréotypiques*. Dizemos isto, pois na análise da palavra *tournevis* (chave de fenda), o autor mostra que a *définition minimale* (fornecida pelo *Dictionnaire du français contemporaine*) é muito restrita e não traz muitas informações sobre o objeto a ser descrito, ao passo que a *stéréotypique* (encontrada no *Petit Robert*) é mais detalhista, pois “[...] fornece um conjunto de propriedades mais ricas do que apenas um subconjunto das propriedades necessárias e suficientes para que o objeto denominado seja abstratamente o que ele é [...]” (MARTIN, 1988, p. 89)⁶².

Ao falar especificamente sobre o termo *stéréotypique/stéréotypie* o autor afirma que se trata de um conceito difícil de definir e delimitar, por ter seus alicerces sustentados sobre uma pluralidade e multiplicidade inevitáveis. Em consequência disto, ele apresenta três técnicas diferentes para auxiliar na construção de uma *définition stéréotypique*:

1^a – *évaluation de traits*

2^a – *classement de traits*

3^a – *formulation spontanée*

Além de analisar as definições de algumas palavras – *tournevis*, *abeille*, *appartement*, *harangue* e *idéologie* – em dicionários franceses, como: *Dictionnaire du français contemporain* (DFC), *Petit Robert* (PR), *Trésor de la langue française* (TLF), ele parte de pesquisas realizadas com falantes⁶³ de língua francesa: uma aconteceu na Université de Metz, com 80 estudantes do 1º ano dos cursos de Letras Clássicas e Letras Modernas (teste utilizando a 1ª técnica), a outra, na Université de Paris-Sorbonne, com dois grupos de

⁶² « [...] fournit un ensemble des propriétés plus riche que le seul sous-ensemble des propriétés nécessaires et suffisantes pour que l'objet dénommé soit abstraitement ce qu'il est [...] » (MARTIN, 1988, p. 89).

⁶³ Não ficou claro seavam de falantes nativos ou não.

estudantes de licenciatura dos cursos de Letras Clássicas, Letras Modernas e Línguas Modernas (teste utilizando a 1ª e 2ª técnica).

O tipo de *corpus* em que Martin (1988) se vale para seus estudos também é outro fator que nos distancia do seu conceito de *définition naturelle*, pois a maioria dos sujeitos da nossa pesquisa não tiveram acesso à educação, em contrapartida os seus *locuteurs* são alunos da universidade. Mesmo porque, as entrevistas que fizemos não estavam destinadas a pôr à prova técnicas com a finalidade de construir um modelo de definição para verbetes de dicionário, apesar de considerarmos *avant la lettre* a sua proposta de um banco de dados constituído por *corpora* oral. Neste sentido, as definições do nosso *corpus* não serão classificadas como definições naturais propriamente ditas, mas podemos aproveitar deste conceito, a ideia de que se tratam de processos formulados espontaneamente pelos falantes de uma dada língua.

Essa discussão proposta por Martin (1988), em alguns aspectos, vai ao encontro ou, ao menos nos conduz às reflexões de Hallig e Wartburg (1963), em *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie – versuch eines ordnungsschemas*⁶⁴, publicado pela primeira vez em 1952⁶⁵. Especificaremos, inicialmente, os pontos de divergência, para depois nos determos às questões em que se assemelham.

Tanto Martin (1988), quanto Hallig e Wartburg (1963) desenvolveram propostas pensadas para a Lexicografia, entretanto, o primeiro tem seu foco voltado para a microestrutura do dicionário e, mesmo que não tenha sido especificado, é notável que se trata do tipo semasiológico, ao passo que os outros dois teóricos têm uma proposta de caráter onomasiológico, em que é defendida a ideia de um dicionário organizado a partir de campos conceituais, isto é, da ligação que existe entre as palavras que, conectadas através dos seus sentidos, fazem com que se formem, virtualmente, redes lexicais.

Outra diferença que podemos destacar tem relação com o propósito de cada um dos estudos. O objetivo de Martin (1988), como vimos, é propor uma nova tipologia de definição, ao passo que a proposta do *Begriffssystem* é rever e apresentar uma maneira diferente de organização da macroestrutura do dicionário, que consiste em abandonar a ordem alfabética e substituí-la por uma classificação que siga a lógica de ordenação da língua corrente: o sistema racional de conceitos.

No entanto, mesmo que ambos os estudos tenham direcionamentos diferentes, identificamos muitos pontos em que eles se encontram. Um deles e, provavelmente, o mais

⁶⁴ Esta obra possui a tradução francesa intitulada *Système Raisonné des Concepts pour servir de base à la Lexicographie – essai d'un schéma de classement*, a qual iremos utilizar.

⁶⁵ Utilizaremos aqui a segunda edição, publicada em 1963, por ter uma parte importante dedicada a responder às críticas feitas por outros teóricos ao *Begriffssystem*. Ver p. 05-51.

determinante, é o destaque dado à importância do falante na construção dos sentidos das palavras. Este é o princípio que está na base de ambas as propostas.

Hallig e Wartburg (1963) trazem uma discussão filosófica sobre a relação semântica que existe entre as palavras, para eles, perceptível apenas na língua em uso. Dessa forma, o *Begriffssystem* não é baseado num pensamento científico ou filosófico, pois:

[...] os conceitos científicos estão longe de ocupar todo o campo de diálogo entre o homem e o mundo e a ciência cria divisões, separações, conexões que a língua corrente ignora. O pensamento científico pode, certamente, melhorar e mudar alguns conceitos gerais da língua e enriquecê-la de muitos conceitos; no entanto, globalmente, o vocabulário da língua cotidiana é, por um longo tempo, quase intocado pelo progresso científico. Por estas razões, não podemos conceber como nós poderíamos armazenar o vocabulário corrente de uma língua sob conceitos científicos [...] (HALLIG; WARTBURG, 1963, p. 33-34)⁶⁶.

É nesta linha de pensamento que a nossa hipótese de pesquisa encontra a sua justificativa e razão de ser: se nas edições mais recentes dos dicionários de língua portuguesa há uma base teórica utilizada na construção das definições, em contrapartida, na fala dos sujeitos da nossa pesquisa e nos processos definicionais de outrora – registrados nos mais diversos registros escritos, hoje, reunidos no banco de dados do DHPB – ainda se faz presente a oralidade. Para melhor visualização, faremos uma comparação entre definições de duas lexias selecionadas do nosso *corpus*, o banco de dados do DHPB e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2007).

Anil

Corpus oral

[...]. Uai, tinha... um tal de **anil**, né, **de tingi'** [...]. **É uma planta**, né [...]. Ah! Até hoje ainda tem dele, uai. Ele é... **parece o pé de arruda** [...]. **Dá nos lugá assim de... de tapera**, sabe, esses lugá dessas casa abandonada, dá muito esse anil (...). Eu nunca tingi' com anil, não. Num sei. Ma' es (eles) falava que tingia (...). O anil es (eles) falava que era também **abortivo** (...). Não. Tem um... **é de árve. Ele dá uma semente** [F2M74G].

Banco de dados DHPB

⁶⁶ « [...] les concepts scientifique sont loin d'occuper tout le champ du dialogue entre l'homme et les monde et que les sciences créent des divisions, des séparations, des liaisons que la langue courante ignore. La pensée scientifique peut, certes, améliorer et modifier certains concepts généraux de la langue et enrichir celle-ci de maints concepts; cependant, dans l'ensemble, le vocabulaire de la langue courante n'est, pour longtemps, presque pas touché par les progrès scientifique. Pour ces raisons, on ne peut concevoir comment on pourrait ranger le vocabulaire courant d'une langue sous des concepts scientifiques [...] » (HALLIG ; WARTBURG, 1963, p. 33-34).

“[...] porque assim que esta se tira do campo, se enche este do **arbusto anil**, o qual **cresce à altura de um homem pouco mais**, ou menos com proporcionada grossura no seu pao. **A sua folha é miúda com algũa semilhança à do pêssego. O seu fruto são ãas bages como as do feijão, e dentro ãas sementilhas miúdas, que alguns beneficiam juntamente com a folha quando extraem a tinta**, para esta sair mais subida; outros porém a beneficiam à parte: e fazem melhor, porque o seu anil é mais precioso; o qual extraem de diversos modos ou sejam as folhas juntas, ou separadas; e de tudo fazem diversas tintas ãas mais preciosas, que outras [...]” Pe. João Daniel (1976) [1757], *Parte Terceira - Dá noticia da sua muita riqueza nas suas minas nos seus muitos, e preciosos haveres, e na muita fertilidade das suas margens - Tratado Último - Das tintas mais especiaes do Rio Amazonas - Cap. 1º - Da Tinta Azul Anil, e Outras* [A00_1875, p. 424-425].

Houaiss (2009)

¹**anil**

- adjetivo de dois gêneros e dois números

1 m.q. **azul**

2 diz-se de **certa tonalidade de azul**

Ex.: janelas de cor azul a.

3 que **apresenta certa tonalidade de azul**

Ex.: céu a.

- substantivo masculino

4 Rubrica: **óptica.**

cor que corresponde a um comprimento de onda da luz visível situado entre 450 a 480 nanômetros

5 **Rubrica: química.**

substância azul (C₁₆H₁₀N₂O₂) encontrada em plantas do gên. *Indigofera*, na atualidade produzida tb. por síntese e esp. us. como corante têxtil; índigo

6 m.q. **azul**

7 certa tonalidade de azul

Ex.: o a. da Bandeira Nacional

Das seis definições que encontramos em nosso *corpus*, em todas elas, a palavra foi associada, primeiramente, à planta, depois, à cor. No DHPB foram encontradas 319 ocorrências que, em sua maioria, se referem à planta também, em que percebemos as seguintes semelhanças com aquela extraída do *corpus oral*: descrição da planta feita por analogia “parece o”, “com algũa semilhança à”; referência ao tipo de lugar onde o *anil* pode ser encontrado; e alusão ao seu uso para o tingimento de tecidos. No entanto, apenas nas informações fornecidas pelos entrevistados fez-se referência a sua propriedade abortiva. No caso do Houaiss (2007), *anil* está registrado como o nome de uma cor e, apenas na quinta acepção, é feita uma rápida menção à planta, como rubrica da química, mas sem descrevê-la e utilizando um nome científico.

Quina

Corpus oral

[...]. **Quina**? Quina é uma árve [...]. Ela dá fruta e ela serve pa maderá, sabe? Mai' usa ela mais é **pa tomá. Pa remédio** [...]. Uai, de fiura pa riba tudo ela cura, sabe? (*gargalhadas*). Menina, que **amarga** tamém sem tanto. Nossa Senhora! É remédio, pa tomá tamém, mai' é 'margosa, sabe? Agora, a quina num serve num é só pa gente não, **pa criação tamém**, pa tudo. Pa tudo em quanto é tipo de... de vivente assim (...). É... a quina, às veize, se a pessoa num tivé assim... com apetite bão pa... pa comê. Cê... cê **faiz um... tipo dum pozim** dela, sabe? E põe na... ali na comida. Só que cê tem que pô só ali a ponta dum... cê põe na boca uma vez, quê amaiga mêmô, amaiga. Amaiga absurdo! E serve, assim, um comparação, às veiz, pa muié assim, pa certos poblema tamém. Igual, **pum aborto**, uma coisa assim... costuma (...) [M3R69CA].

Banco de dados DHPB

“[...] **Há duas castas de quina** em diversas plantas. **Ũa mais grossa**, que é a mais vulgar com o nome de quinaquina. **Segunda é mais fina**, e preciosa, e de virtude mais refinada, a que os castelhanos chamam casquilha. **Aplica-se, e usa-se de diversos modos**; o mais ordinário no Amazonas, e mais Brasil é feita **em pó**, e este caldeado, e bem mexido com mel de abelhas, e tomar por cada vez que padecem febres, e sezões duas colheres, que vem a ser ũa de **quina**, e outra de mel. Outras vezes se **toma por cozimento** etc. etc. Para as suas colheitas se deve muito atender ao tempo proporcionado, que deve ser no mais seco do verão de agosto por diante; e no Amazonas o tempo mais seco são os meses de outubro, novembro, e dezembro: porque apanhando-se em tempo úmido, referve com a umidade, e se perde; em cuja circunstância se deve muito advertir [...]” Pe. João Daniel (1976) [1757], *Parte terceira - Dá notícia da sua muita riqueza nas suas minas nos seus muitos, e preciosos haveres, e na muita fertilidade das suas margens - Tratado Quinto - Do principal tesouro do Rio Amazonas - cap. 6º - Prosequem-se os mais gêneros do Amazonas* [A00_1873].

Houaiss (2009)

³quina

- substantivo feminino

Rubrica: angiospermas.

- 1 **design. comum a árvores e arbustos do gên. *Cinchona*, da fam. das rubiáceas, pelas cascas ricas em quinino, us. contra a malária, tb. a várias do gên. *Ladenbergia*, da mesma fam., e a inúmeras outras plantas, de diferentes fam. e gên., por tb. encerrarem quinino ou por alguma outra semelhança com aquelas**
- 1.1 árvore (*Cinchona magnifolia*) da fam. das rubiáceas, nativa do Peru, de folhas elípticas, inflorescências terminais e frutos capsulares
- 1.2 árvore pequena (*Naucleopsis amara*) da fam. das moráceas, nativa do Brasil (PA), que exsuda látex aquoso, esverdeado e amargo, us. contra a malária, e receptáculos femininos globosos, com acúleos e polpa doce
- 1.3 m.q. **quina-verdadeira** ('designação comum')
- 2 a casca tanífera das plantas do gên. *Cinchona*

Nas definições de *quina*, no dicionário Houaiss (2007), apesar de haver uma descrição da planta e serem mencionadas algumas de suas propriedades medicinais, temos novamente a

predominância de termos específicos da botânica. Tanto no *corpus oral*, quanto no DHPB, além das funções curativas, é detalhado a forma mais comum de como o remédio é consumido: o pó feito da entrecasca. Mesmo que ambas as definições tragam informações diferentes (a definição do *corpus*, como anteriormente, indica também o uso da *quina* para o aborto; a do DHPB traz instruções relativas à colheita), é possível perceber que o processo definicional utilizado é o mesmo: a definição descritiva.

Pudemos observar, através desta amostra, que em se tratando da influência dos progressos científicos na língua corrente, o que temos nos acervos lexicográficos contemporâneos é um reflexo da imposição de uma supremacia das ciências, mas que nada revelam sobre a língua falada efetivamente. O contrário acontece quando voltamos para o modo de definir dos sujeitos da nossa pesquisa (falantes de língua portuguesa falada no Brasil) que, como vimos, muito se assemelha com os processos definicionais encontrados nos registros escritos do período colonial.

Ainda sobre as definições no dicionário Houaiss (2007), consideramos que essa ausência de escolhas lexicais de uso mais comum diante da presença de terminologias que apenas os especialistas da área saberão o significado, refletem o que acontece em nossa sociedade, como discutimos no primeiro capítulo desse trabalho.

No caso da nossa pesquisa, a ascensão de áreas como: medicina, botânica, biologia, farmácia, química, agronomia, fitoterapia, dentre várias outras que poderíamos elencar, cumprem o papel de desautorizar um conhecimento que é, a elas, pré-existente. Não queremos, aqui, desconsiderar ou desmerecer todos os ganhos que a sociedade teve devido ao avanço destes campos do saber, mas nos lembrarmos que a fonte onde a ciência vai beber não está apenas nos laboratórios, nas universidades e nos textos científicos, mas na memória de velhos conhecedores do cerrado, da terra de cultura, das beiras dos córregos, das fases da lua, da temperatura e do tempo. Esta é uma das razões que nos leva a concordar com Hallig e Wartburg (1963) que estes saberes chamados por eles de conceitos comuns, populares ou pré-científicos “[...] são aqueles a quem toda ciência é obrigada a se reportar antes que ela seja capaz, com a acumulação de conhecimento e o avanço das pesquisas, de criar seus próprios conceitos e uma terminologia específica [...]” (HALLIG; WARTBURG, 1963, p. 33)⁶⁷.

Partindo deste princípio, o *Begriffssystem* é construído pelos conceitos que engendram-se da relação do *homme naturel* com o mundo, a partir de um olhar que não é

⁶⁷ « [...] sont ceux auxquels toute science est obligée de se rapporter avant qu'elle soit capable , avec l'accumulation et l'avancement des recherches, de créer ses propres concepts et une terminologie spéciale [...] » (HALLIG ; WARTBURG, 1963, p. 33).

tocado pela ciência. Dessa forma, a classificação é feita de acordo com a lógica da vida, em que uma palavra nos leva a outra; que nos direcionará para uma próxima e, assim por diante, formando uma rede de conexões semânticas.

Para uma visualização de como esse sistema funciona, Hallig e Wartburg (1963) mencionam os conceitos relativos ao mundo das plantas. Eles explicam que a classificação não foi feita baseada na botânica, “[...] mas em uma ordem que reflete o valor das plantas para os seres humanos e as relações entre as pessoas e elas [...]” (HALLIG; WARTBURG, 1963, p. 37)⁶⁸. Isto vai, fortemente, ao encontro do que pretendemos com o nosso trabalho: mostrar que o conhecimento utilizado pelos sujeitos da nossa pesquisa para definir as plantas não é científico, mas o resultado da sua relação direta com a flora; os processos definicionais que eles empregam são também pré-científicos, no sentido de que são constituídos espontaneamente, por uma lógica que não é a lexicográfica. É possível mostrar que este modo de definir existe desde séculos atrás, ao compararmos com o que está registrado no banco de dados do DHPB.

No que se refere à organização do *Begriffssystem*, os autores fazem uma divisão tripartite seguida de suas respectivas subdivisões:

a) O Universo

- I. *O Céu e a Atmosfera*
- II. *A terra*
- III. *As plantas*
- IV. *Os animais*

b) O Homem

- I. *O homem, ser físico*
- II. *A alma e o intelecto*
- III. *O homem, ser social*
- IV. *A organização social*

c) O Homem e o Universo

- I. *A priori*
- II. *A ciência e a técnica*

No que concerne a esta segmentação, é sempre frisado o fato de que há uma relação de interdependência entre cada uma dessas partes, em que todas juntas formam um conjunto

⁶⁸ « [...] mais dans une ordre qui tiennent compte de la valeur des plantes pour l'homme et des rapports entre le peuple et elles [...] » (HALLIG ; WARTBURG, 1963, p. 37).

único de unidades léxicas conectadas entre si. É nos moldes do *Begriffssystem* que o nosso *corpus* está organizando e pode ser localizado na primeira parte da divisão tripartite ilustrada acima: *O Universo*, mais especificamente, no terceiro conjunto – *As plantas* – que, como explicam Hallig e Wartburg, diz respeito a todos os fatos e atividades da natureza, bem como aqueles de cultura material, seja de ordem orgânica ou inorgânica.

Sobre as plantas, especificamente, os autores reforçam que o seu ponto de partida é o olhar humano, isto é, que a classificação não será feita a partir de conceitos científicos, de modo que esta relação seja perceptível também por aqueles que vivem no campo, em contato direto com a natureza, pois “[...] a classificação científica, que não tem nenhum valor para os leigos, pode ser substituída por uma classificação que atenda as relações que o homem isolado e as pessoas têm com as plantas e animais [...]” (HALLIG; WARTBURG, 1963, p. 91-92)⁶⁹.

Quando esses estudiosos propõem esse sistema, estão pensando principalmente nas unidades lexicais de uso corrente na língua, uma vez que se trata de uma proposta para fins lexicográficos, mas não desconsideram a atenção que deve ser destinada às unidades mais fluidas, que possuem traços semânticos particulares.

A maioria das unidades que compõem o inventário lexical do nosso *corpus* possui um caráter peculiar, portanto, devemos levar em conta que esses entrelaces de sentido existentes entre as palavras são os mesmos dos vínculos estabelecidos entre tudo aquilo que está, ao mesmo tempo, dentro e fora delas; no universo dos sentidos e no universo das coisas, no linguístico e no *extralinguístico*. É nesse multiverso de coisas e palavras, sempre atravessados pelo olhar humano, que as nossas análises no próximo capítulo se enveredam.

⁶⁹ « [...] la classification scientifique, qui n'a pas de valeur pour les non-initiés, peut être remplacée par un classement qui respecte les rapports que l'homme isolé et le peuple ont avec les plantes et les animaux [...] » (HALLIG ; WARTBURG, 1963, p. 91-92).

ENTRE O VENENO E A CURA: O UNIVERSO DAS PLANTAS

*Escrevo o mito em mim,
nos mitos que sou,
os mitos em que quero me transformar.
A palavra,
a imagem
e o sentimento
têm uma energia saborosa,
uma espécie de poder
(ANZALDÚA, 1987, p. 311).*

Pensar o léxico enquanto inventário aberto, onde cada coisa (concreta ou abstrata) possui um nome que, com o tempo e os acontecimentos históricos, passa por modificações, fazendo com que os dicionários pareçam sempre desatualizados, nos causa, num primeiro momento, a sensação de estarmos lidando com um caos. Em um segundo momento, se paramos e observamos como o mundo se organiza, despiando-nos de um olhar que busca compartimentar, dividir e segregar, seremos capazes de enxergá-lo e compreendê-lo como uma rede semântica tecida por malhas de sentidos que, em alguns pontos, serão largas e, em outros, mais estreitas.

Partindo da lógica da vida, como sugerem Hallig e Wartburg (1963), conseguimos apreender a lógica em que as unidades lexicais que compõem o nosso *corpus* de pesquisa estão organizadas. Assim, podemos entender o léxico de uma língua como um multiverso constituído por incontáveis universos que, por sua vez, são compostos por um número impreciso de galáxias formadas por bilhões de sistemas solares, cada um contendo planetas, estrelas e satélites que nem ao menos sabemos de sua existência.

Nesse *vasto universo de limites imprecisos*, como descreveu Biderman (1978), teremos acesso apenas às palavras que são tocadas pelas luzes em algum momento da nossa história; conheceremos somente aquelas que, como aponta Deleuze (1996), são incessantemente atravessadas pelas flechas do poder. São essas mesmas flechas que vão fazer emergir, por exemplo, os tabus linguísticos; as normas que sustentam a ideia de uniformidade e da existência de um uso correto da língua; os arcaísmos; os neologismos e os estrangeirismos, dentre vários outros fenômenos linguísticos. O que queremos dizer é que os processos de mudança e renovação pelos quais a língua passa são motivados, em primeira instância, pelos acontecimentos sócio-históricos e culturais.

É certo também que essas luzes sempre encontrarão, nas portas e janelas que se fecham para determinados saberes, as frestas por onde podem escapar. O resultado disso é esse mosaico cultural e linguístico que se tornou o português falado no Brasil, com toda a sua diversidade. A partir das análises que fizemos neste capítulo, pretendemos contribuir para que essas luzes alcancem, novamente, esse pequeno universo de palavras e os saberes que elas comportam.

4.1. Apresentando o universo das plantas

As trezentas e vinte e oito (328) unidades léxicas que constituem o nosso *corpus* foram organizadas por meio do *Begriffssystem*, respeitando sempre o modo com que os sujeitos da pesquisa se relacionam com as plantas, pois:

[m]etodologicamente o sistema (SRC) permitiu-nos organizar conceitualmente o que nos parecia tão disperso e, dialeticamente, tão associado e inseparável à medida que adentrávamos nos velhos saberes que se manifestam na fala dos narradores [...] (PAULA, 2007, p. 124).

Dessa forma, após fazermos o cotejo de todos os itens léxicos que se referem especificamente ao universo das plantas, foi preciso reler atentamente todo o *corpus* e servirmo-nos também das anotações feitas no *diário de campo* para compreendermos a lógica em que todas essas unidades deveriam estar dispostas, uma vez que para organizá-las à luz do sistema proposto por Hallig e Wartburg (1963), não deve-se seguir a ordem tradicional alfabética, mas a ordem estabelecida pela relação dos nossos interlocutores com a flora.

Como explicamos na seção anterior, o *Begriffssystem* é organizado em três partes – i) *O Universo (O céu e a Atmosfera; A Terra; As plantas; Os animais)*, ii) *O Homem (O homem, ser físico; A alma e o intelecto; O homem, ser social; A organização social)*, iii) *O Homem e o Universo (A priori; A ciência e técnica)* – cada uma com suas respectivas subdivisões, de modo que o nosso *corpus* está localizado na primeira parte (o universo), mais especificamente, em seu terceiro subgrupo: as plantas.

Por ser um modelo aberto, permitindo modificações justamente por levar em conta o olhar dos falantes, fizemos as adaptações necessárias, em que criamos cinco subdivisões: a) Medicinais; b) Venenosas, abortivas, cortantes e urticantes; c) Comestíveis; d) Construção de casas, utensílios domésticos e confecção de tecidos; e) Horta, não nativas e pragas.

Vale ressaltar que alguns dos itens léxicos estão assinalados com um asterisco (*) para indicar que eles aparecem em mais de uma das subdivisões, pois partindo do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, muitas plantas possuem mais de uma utilidade, de forma que não foi possível colocá-las em apenas um grupo. As lexias que estão entre colchetes são as variantes, como no caso da *mama-cadela* que também é chamada de [fruta de cera], [noz-moscada-do-mato] e [noz-moscada-de-baiano].

A nomenclatura que está entre parênteses e em itálico trata-se do termo científico. Cabe pontuar que optamos por fazer este acréscimo⁷⁰ única e exclusivamente por uma questão estratégica, pois devido à enorme variação lexical característica da norma popular – muitas vezes o mesmo item lexical nomeia referentes distintos, bem como o mesmo referente pode ser nomeado de diferentes formas – vimos na terminologia científica, que cumpre o papel de fornecer uma espécie de *nome universal* (cada termo da nomenclatura da fauna ou da flora refere apenas uma espécie), uma solução imediata para que o nosso leitor possa identificar com mais facilidade e precisão as espécies registradas em nosso *corpus*.

Além disso, é sabido que apenas três quartos das espécies vegetais estão classificadas, de modo que corremos o risco de perder plantas e conhecimento que seriam úteis, ou seja, muitos espécimes ainda não foram catalogados, sendo que alguns podem estar em processo de extinção decorrente do desmatamento constante do nosso bioma. Esse é um dado que pode somar-se à justificativa desse trabalho, no sentido de complementá-la, pois em nosso *corpus* temos o caso de unidades lexicais⁷¹ que, provavelmente, fazem parte desse grupo que ainda não foi estudado e catalogado no meio científico, mas que há tempos integra o universo dos *saberes locais* constatemente marginalizados e desqualificados. A inserção do nome científico, então, é mais uma de nossas *trampolinagens* na construção de um *pensamento liminar*.

⁷⁰ A busca e conferência do nome científico de cada uma das espécies registradas em nosso *corpus* foi realizada com o auxílio de profissional da área da Biologia (Fernanda Guimarães Jeronimo) e da Lexicografia especializada (Carolina Domladovac Silva).

⁷¹ Os itens lexicais que não estão acompanhados do nome científico. A saber: *babosinha*, *barbado*, *baspo*, *bonia*, *café-de-minas*, *capim-capucho*, *cará-pé-de-ema*, *chota*, *cocotó*, *colherzeiro*, *corcovanca*, *creme-do-campo*, *erva*, *feijão inhambu* (feijão roxo), *gordinha*, *gumerinho*, *impossível*, *janteiro*, *jurubebinha* (lobeirinha), *marmelada amarela*, *milho marruquinho*, *mocinha-branca*, *palha-de-vassoura* (folha-de-vassoura), *pau-prego*, *pé-de-pato*, *picão-de-cipó*, *pombo*, *pulga-de-tiú*, *pulga-de-veado*, *queirú*, *santora*, *timbí*, *velame vermelho*.

A. UNIVERSO

III. As plantas

a) **Medicinais**

Douradinha (*Waltheria communis*)

Quebra-pedra* (*Phyllanthus*)

Conta-de-lágrima (*Coix lacryma-jobi*)

Sete-folhas (*Cuphea carthagenensis*)

Mama-cadela* (*Brosimum gaudichaudii* tréc)

[fruta de cera]

[noz-moscada-do-mato]

[noz-moscada-de-baiano]

Capim-cidreira (*Cymbopogon citratus*)

[erva-cidreira-de-capim]

Erva cidreira (*Melissa officinalis*)

[erva-cidreira-de-folha]

Alecrim (*Baccharis dracunculifolia*)

Angico branco* (*Anadenanthera colubrina*)

Angico vermelho* (*Anadenanthera macrocarpa*)

Moreira* (*Maclura tinctoria*)

Artemísia* (*Artemisia vulgaris*)

Hortelã-elefante (*Plectranthus amboinicus*)

[hortelã-da-folha-gorda]

Alfavaca (*Ocimum basilicum*)

Aipo (*Apium graveolens*)

Funcho* (*Foeniculum vulgare*)

Arruda (*Ruta graveolens*)

Picão* (*Bidens pilosa*)

Picão-de-cipó

Fumo-bravo (*Solanum mauritianum*)

Pé-de-perdiz (*Croton antisiphiliticus*)

Fumo* (*Solanum erianthum*)

Mentrasto* (*Ageratum conyzoides*)

Poejo* (*Mentha pulegium*)

Gonçálinho (*Astronium graveolens*)

Assa-peixe-branco (*Vernonia polyanthes*)
 Assa-peixe-roxo (*Lepidaploa rufogrisea*)
 Aroeira* (*Myracrodruon urundeuva*)
 Jatobá do mato* (*Hymenaea stigonocarpa*)
 Jatobá do cerrado* (*Hymenaea stilbocarpa* ou *Hymenaea courbaril*)
 Serralha* (*Sonchus oleraceus*)
 Gravatá* (*Bromelia antiacantha*)
 Espinho-de-agulha* (*Acanthospermum hispidum*)
 Erva-de-santa-maria (*Dysphania ambrosioides*)
 [mastruz]
 Óleo* (*Copaifera langsdorffii*)
 [pau-de-óleo]
 [copaíba]
 [capaúba]
 Lixeira* (*Curatella americana*)
 Gervão (*Stachytarpheta cayennensis*)
 Quina* (*Cinchona magnifolia*)
 Algodãozinho-do-campo (*Cochlospermum regium*)
 Jarrinha (*Aristolochia cymbifera*)
 Capim-capucho
 Cipó-podre (*Aristolochia esperanzae*)
 Panaceia (*Solanum cernuum*)
 Maria-pobre (*Dilodendron bipinnatum*)
 Guaco (*Mikania glomerata*)
 Verga-tesa (*Anemopaegma arvense*)
 [catuaba]
 Creme-do-campo
 Manacá* (*Tibouchina mutabilis*)
 Amaro-leite (*Operculina macrocarpa*)
 Carrapicho* (*Acanthospermum australe*)
 [carrapichinho]
 Bate-caixa (*Palicourea rígida*)
 Canela-de-ema (*Vellozia flavicans*)
 Cana-de-macaco (*Costus spicatus*)

[canafistula]

Guiné* (*Petiveria alliacea*)Jaracatiá* (*Jacaratia spinosa*)Mamona (*Ricinus communis*)Araticum rasteiro* (*Annona pygmaea*)

[araticunzinho]

Araticunzinho vermelho* (*Duguetia furfuracea*)Jenipapo roxo* (*Genipa* sp)Jenipapo branco* (*Genipa americana*)Sofre-do-rim-quem-quer * (*lex diurética*)

[congonha-do-campo]

Congonha (*Symplocos lanceolata*)Esporão (*Pisonia aculeata*)Açafrão* (*Curcuma Longa*)Velame branco (*Macrosiphonia velame*)

Velame vermelho

Cáscara-sagrada (*Rhamnus purshiana*)Lobeira* (*Solanum lycocarpum*)

Marcela-alcanforada

Marcela (*Achyrocline satureioides*)

[marcelinha]

[marcelinha amargosa]

Sucupira branca* (*Pterodon emarginatus*)Sucupira preta* (*Bowdichia virgilioides*)Barbatimão* (*Stryphnodendron adstringens*)Canela* (*Cinnamomum zeylanicum*)Gengibre (*Zingiber officinale*)Sabugueiro de árvore (*Sambucus nigra*)Sabugueiro de horta (*Spermacoce centranthoides*)

[sabugueirinho]

Bálsamo de árvore* (*Myroxylon balsamum*)Bálsamo de horta (*Sedum dendroideum*)Urucum* (*Bixa orellana*)São Caetano* (*Momordica charantia*)

Babosa (*Aloe arborescens*)

Babosinha

Romã (*Punica granatum*)

Arnica (*Lychnophora pinaster*)

Lima-de-bico (*Citrus aurantiifolia*)

Fedegoso (*Cassia occidentalis* ou *Senna occidentalis*)

[fedegosão]

Erva-de-lagarto (*Casearia sylvestris*)

Pau-doce (*Vochysia elliptica*)

Chapadinha* (*Acosmium subelegans*)

Baspo*

Acaçú (*Hura crepitans*)

Camargo* (*Syagrus comosa*)

Rabo-de-tatu (*Cytropodium punctatum*)

Capim-meloso* (*Melinis minutiflora*)

Erva-de-passarinho (*Struthanthus flexicaulis*)

Corriola* (*Pouteria ramiflora*)

Pé de pinto (*Cuphea carthagenensis*)

Sangra d'água (*Croton urucurana*)

Bonia

Imburana (*Amburana cearenses*)

Saca-trapo (*Sida cordifolia*)

Pulga-de-veado

Quitoco* (*Pluchea sagittalis*)

Baru* (*Dipteryx alata*)

Vinhático* (*Vochysia tucanorum*)

Pau-bosta (*Sclerolobium aureum*)

[poleiro-de-urubu]

Chota

Santora

Carapiá (*Dorstenia brasiliensis*)

[carapiazinho branco]

Cipó d'água (*Doliocarpus major*)

Pequi* (*Caryocar brasiliense*)

Calunga* (*Simaba ovalifolia*)
 Pacari (*Lafoensia pacari*)
 Mata-pasto* (*Senna obtusifolia*)
 Cainca (*Chixocca brasiata*)
 Buta d'água (*Abuta grandifolia*)
 Chapéu de couro (*Echinodorus macrophyllus* ou *Echinodorus grandiflorus*)
 Matricá (*Mimosa bimucronata*)
 Capitão* (*Terminalia argentea*)
 Pau-terra* (*Qualea parviflora*)
 Ruibarbo (*Trimezia juncifolia*)
 Orelha-de-onça (*Cissampelos ovalifolia*)
 Corcovanca
 Junquinho (*Kyllinga brevifolia*)
 Erva-de-bicho* (*Persicaria punctata*)
 Amescla (*Protium heptaphyllum*)
 Buchinha* (*Luffa operculata*)
 Mulungu (*Erythrina speciosa*)
 Mercurinho (*Myrcia bella*)
 Beladona (*Atropa belladonna*)
 [saia-branca]
 Guatambu* (*Aspidosperma* sp)
 Vick (*Mentha arvensis*)
 Pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*)
 Tanchagem (*Plantago major*)
 Carobinha* (*Jacaranda macrantha*)
 Barbado
 Azedinha* (*Rumex acetosa*)
 Boldo (*Plectranthus barbatus*)
 [sete-dores]
 [cura-tudo]
 Veludo branco* (*Guettarda viburnoides*)
 Rubim* (*Achillea millefolium*)
 [marcelão]
 [patacão]

Alcanfor (*Artemisia camphorata*)

[cânfora]

Losna* (*Artemisia absinthium*)

Malva (*Malva sylvestris*)

Feijão andu* (*Cajanus cajan*)

Cipó-imbé (*Philodendron imbe*)

Pau-prego

Cravo-defunto (*Tagetes erecta*)

Salsa-mandioquinha (*Arracacia xanthorrhiza*)

Levante (*Mentha longifolia*)

Salsaparrilha (*Herreria salsaparilha*)

Salsa-do-paredão (*Anthurium affine*)

Jurubeba* (*Solanum paniculatum*)

Juá* (*Ziziphus joazeiro*)

[juazinho-do-campo]

Pitanga do cerrado* (*Eugenia pitanga*)

[pitanguinha comprida]

Mangaba* (*Hancornia speciosa*)

Cabo-verde (*Annona aurantiaca*)

Manjerona (*Origanum majorana*)

Cuité* (*Crescentia cujete*)

Cocotó

Ipú* (*Piptostegia pisonis*)

Tiú (*Jatropha elliptica*)

Mandioquinha-do-campo (*Zeyheria montana*)Cravinho (*Tillandsia geminiflora*)

Jerivá* (*Syagrus romanzoffiana*)

Sassafrás (*Ocotea pretiosa*)

Milome (*Aristolochia cymbifera*)

Impossível

Capeba (*Piper umbellatum*)

[capeva]

Erva-tostão* (*Boerhavia diffusa*)

Jaborandi-tremedor (*Piper aduncum*)

Mocinha-branca

Amargoso (*Digitaria Insularis*)

Alho de todo ano (*Allium sativum*)

Salva (*Salvia officinalis*)

Erva-terrestre (*Glechoma hederacea*)

Peãozinho (*Jatropha gossypifolia*)

Bacurina (*Polypodium decumanum*)

Poaia (*Richardia brasiliensis*)

Pulga-de-tiú

Para-tudo (*Pfaffia glomerata*)

Batata-de-tiú (*Jatropha elliptica*)

[batata-das-cardas]

Umbaúba (*Cecropia hololeuca*)

Jurubebinha

[lobeirinha]

b) Venenosas, abortivas, cortantes e urticantes

Tamboril* (*Enterolobium maximum*)

Artemísia* (*Artemisia vulgaris*)

Picão* (*Bidens pilosa*)

Aroeirinha* (*Lithraea molleoides*)

Espinho-de-agulha* (*Acanthospermum hispidum*)

Unha-de-gato (*Uncaria tomentosa*)

Anil* (*Indigofera suffruticosa*)

Manacá* (*Tibouchina mutabilis*)

Comigo-ninguém-pode* (*Dieffenbachia picta*)

Erva

Sapé* (*Imperata brasiliensis*)

São Caetano* (*Momordica charantia*)

Timbó (*Paullinia pinnata*)

Quina* (*Cinchona magnifolia*)

Baru* (*Dipteryx alata*)

Urtiga (*Urtica dioica*)

Pequi* (*Caryocar brasiliense*)

Calunga* (*Simaba ovalifolia*)
 Mata-vaqueiro* (*Simarouba versicolor*)
 Erva-de-bicho* (*Persicaria punctata*)
 Buchinha* (*Luffa operculata*)
 Mata-barata (*Andira vermífuga*)
 Macaúba* (*Acrocomia aculeata*)
 Fava-de-arara* (*Callichlamys latifolia*)
 Losna* (*Artemisia absinthium*)
 Nim (*Azadirachta indica*)
 Carqueja (*Baccharis trimera*)
 Cafezinho* (*Palicourea marcgravii*)
 [erva do café]

Ipú* (*Piptostegia pisonis*)
 Barbatimão* (*Stryphnodendron adstringens*)
 Maminha-de-porca (*Zanthoxylum regnelianum*)
 Pé de galinha (*Chloris pycnothrix*)
 Quebra-pedra* (*Phyllanthus* sp)
 Quitoco* (*Pluchea sagittalis*)

c) Comestíveis

Buriti* (*Mauritia flexuosa*)
 Bacupari de árvore (*Garcinia gardneriana*)
 Bacupari rasteiro (*Peritassa campestris*)
 Mangaba* (*Hancornia speciosa*)
 Mama-cadela* (*Brosimum gaudichaudii* Tréc)
 [fruta de cera]
 [noz-moscada-do-mato]
 [noz-moscada-de-baiano]
 Jatobá do mato* (*Hymenaea stigonocarpa*)
 Jatobá do cerrado* (*Hymenaea stilbocarpa* ou *Hymenaea courbaril*)
 Goiabinha-do-campo (*Psidium cattleianum*)
 [araçá]
 Murici de árvore* (*Byrsonima crassifolia*)
 Murici rasteiro* (*Byrsonima verbascifolia*)

- Cruá (*Sicana odorífera*)
- Jaracatiá* (*Jacaratia spinosa*)
- Pitanga do cerrado* (*Eugenia pitanga*)
[pitanguinha comprida]
- Pitanga comum (*Eugenia uniflora*)
[pitanguinha-de-casa]
[pitanguinha redonda]
- Araticum quaresma (*Annona rugulosa*)
[araticum-do-campo]
[marolo]
- Araticum rasteiro* (*Annona pygmaea*)
[araticunzinho]
- Araticum duro (*Annona crassiflora*)
- Araticunzinho vermelho* (*Duguetia furfuracea*)
- Marmelada amarela
- Marmelada preta* (*Cordia sessilis*)
[marmelada-do-campo]
- Guabiroba do campo (*Campomanesia xanthocarpa*)
[gabirola rasteira]
[gabirola de árvore]
- Guapeva* (*Pouteria torta*)
- Jenipapo roxo* (*Genipa* sp)
- Jenipapo branco* (*Genipa americana*)
- Bacuri* (*Platonia insignis*)
- Babaçu* (*Attalea speciosa*)
[bagaçu]
- Guariroba (*Syagrus oleracea*)a
- Gravatá* (*Bromelia antiacantha*)
- Serralha* (*Sonchus oleraceus*)
- Taioba (*Xanthosoma taioba*)
- Ovo de sapo* (*Stapelia gigantea*)
- Ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*)
- Beldroega* (*Portulaca oleracea*)
- Pimenta do reino (*Piper nigrum*)

Açafrão* (*Curcuma Longa*)
 Lobeira* (*Solanum lycocarpum*)
 Canela* (*Cinnamomum zeylanicum*)
 Bacupari de árvore (*Garcinia gardneriana*)
 Bacupari rasteiro (*Peritassa campestris*)
 Araruta (*Maranta arundinacea*)
 Corriola* (*Pouteria ramiflora*)
 Cambaúba* (*Actinocladum verticillatum*)
 Queirú
 Pimenta de macaco (*Xylopia aromatica*)
 [fruta-da-pindaíba]
 Baru* (*Dipteryx alata*)
 Pequi* (*Caryocar brasiliense*)
 Carambola (*Averrhoa carambola*)
 Ananás (*Ananas comosus*)
 Ingá-comum (*Inga uruguensis*)
 Ingá-de-cipó (*Inga edulis*)
 Ingá-da-beira-de-córrego (*Inga vera*)
 [ingá-de-vagem]
 Maçaroca (*Annona emarginata*)
 Abóbora d'água (*Benincasa hispida*)
 Caxi (*Lagenaria* sp)
 Cagaita (*Eugenia dysenterica*)
 Sangue de cristo (*Sabicea brasiliensis*)
 Juá* (*Ziziphus joazeiro*)
 [juazinho-do-campo]
 Limãozinho-do-campo (*Himatanthus obovatus*)
 [tiborna]
 Marmelo (*Cydonia oblonga*)
 Maria-preta (*Solanum americanum*)
 Gumerinho
 Jambo (*Syzygium malaccense*)
 Cajuzinho do campo (*Anacardium humile*)
 Azedinha* (*Rumex acetosa*)

Capim-macega (*Saccharum angustifolium*)
 Capim-gominho (*Commelina nudiflora*)
 Capim-meloso* (*Melinis minutiflora*)
 Capim-Jaraguá (*Hyparrhenia rufa*)
 Angico branco* (*Anadenanthera colubrina*)
 Angico vermelho* (*Anadenanthera macrocarpa*)
 Bálsamo de árvore* (*Myroxylon balsamum*)
 Garapa (*Apuleia leiocarpa*)
 Moreira* (*Maclura tinctoria*)
 Sucupira branca* (*Pterodon emarginatus*)
 Sucupira preta* (*Bowdichia virgilioides*)
 Tamboril* (*Enterolobium maximum*)
 Taboca (*Guadua angustifolia*)
 Fumo* (*Solanum erianthum*)
 Aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva*)
 Aroeira* (*Myracrodruon urundeuva*)
 Aroeirinha* (*Lithraea molleoides*)
 Jatobá do mato* (*Hymenaea stigonocarpa*)
 Jatobá do cerrado* (*Hymenaea stilbocarpa* ou *Hymenaea courbaril*)
 Guapeva* (*Pouteria torta*)
 Murici de árvore* (*Byrsonima crassifolia*)
 Murici rasteiro* (*Byrsonima verbascifolia*)
 Espinho-de-agulha* (*Acanthospermum hispidum*)
 Vassourinha de Santo Antônio
 Óleo* (*Copaifera langsdorffii*)
 [pau-de-óleo]
 [copaíba]
 [capaúba]
 Lixeira* (*Curatella americana*)
 Algodão ganga (*Gossypium barbadense*)
 Anil* (*Indigofera suffruticosa*)
 Quaresminha (*Tibouchina candolleana*)
 [quaresma-do-brejo]
 Urucum* (*Bixa orellana*)

Indaiá (*Attalea dubia*)

Mata-vaqueiro* (*Simarouba versicolor*)

Cravoeiro (*Sclerolobium paniculatum*)

Capim-de-touceira (*Panicum Maximum*)

Capim-colchão (*Digitaria sanguinalis*)

Bambu-jardim (*Bambusa vulgaris*)

Embira branca (*Daphnopsis fasciculata*)

Colherzeiro

Guatambu* (*Aspidosperma* sp)

Carobinha* (*Jacaranda macrantha*)

Cagaiteira (*Eugenia dysenterica*)

Palmito (*Syagrus oleracea*)

Fava-de-arara* (*Callichlamys latifolia*)

Onze horas (*Portulaca pilosa*)

Bom-senhor (*Dendranthema grandiflora*)

[crisântemo]

Café-de-minas

Milho marruquinho

Milho crioulo (*Zea Mays*)

Paineira (*Ceiba speciosa*)

Cedro (*Cedrela fissilis*)

Gordinha

Marmelada preta* (*Cordia sessilis*)

[marmelada-do-campo]

Capa-rosa (*Psychotria hoffmannseggiana*)

Cuité* (*Crescentia cujete*)

Pé-de-pato

Jaborandi (*Pilocarpus* sp)

Barriguda (*Ceiba speciosa*)

Vinheiro (*Vochysia bifalcata*)

Pereira (*Geissospermum laeve*)

[pereirinha]

Janteiro

Capim-amargoso (*Digitaria insularis*)

Angelim (*Andira fraxinifolia*)

Mangue (*Rhizophora mangle*)

Jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*)

Baspo*

Jambo (*Syzygium malaccense*)

[jambo do cerrado]

e) Horta, não nativas e pragas

Quebra-pedra* (*Phyllanthus*)

Picão* (*Bidens pilosa*)

Beldroega* (*Portulaca oleracea*)

Mentrasto* (*Ageratum conyzoides*)

Poejo* (*Mentha pulegium*)

Carrapicho* (*Acanthospermum australe*)

[carrapichinho]

Sofre-do-rim-quem-quer* (*lex diurética*)

[congonha-do-campo]

Corda-de-viola (*Ipomoea* sp)

Ovo de sapo* (*Stapelia gigantea*)

Funcho* (*Foeniculum vulgare*)

Timbete (*Cenchrus echinatus*)

[bigode-de-baiano]

[bosta-de-baiano]

[amoroso]

Carrapicho-cigano (*Acanthospermum hispidum*)

[espinho-de-cigano]

Carrapicho-carneiro (*Acanthospermum hispidum*)

Mata-pasto* (*Senna obtusifolia*)

Tapueraba (*Tripogandra diuretica*)

Pé-de-galinha (*Chloris pycnothrix*)

Cariru-de-porco (*Amaranthus viridis*)

Derruba-velho (*Cynodon plectostachyus*)

Quitoco* (*Pluchea sagittalis*)

Malícia (*Mimosa sensitiva*)

Chimango (*Leonotis nepetifolia*)

Rubim* (*Achillea millefolium*)

[marcelão]

[patacão]

Vassoura (*Sida rhombifolia*)

Vassourinha-de-Santo-Antônio (*Justicia pectoralis*)

Percebemos, enquanto organizávamos nosso *corpus*, que a lógica que sustenta a ordem em que cada palavra está disposta, bem como a conexão que todas têm entre si, é a utilidade ou, como preferem os nossos narradores, a sua *serventia*, isto é, o que é possível aproveitar de cada uma dessas plantas em termos de sobrevivência e práticas cotidianas.

As *medicinais* são o primeiro grupo, pois a conversa durante as entrevistas, quando indagados sobre o que poderiam nos contar sobre as plantas, sempre começava por aquelas de propriedade medicinal e, vez ou outra, mesmo quando já estávamos falando sobre os demais tipos, retornavam para o início, ou porque se recordavam de alguma que haviam esquecido, ou porque aquela da qual se falava, naquele momento, servia também para curar alguma doença.

No encalço das medicinais, estão as *venenosas*, *abortivas*, *cortantes e urticantes*, pelo fato de que, como os nossos interlocutores nos explicaram, a linha entre um remédio que cura e o veneno que pode matar é tênue: uma questão de dosagem. A maioria das plantas que representam certa periculosidade são usadas, igualmente, para curar.

Resguardados quanto às alternativas de tratamento para suas doenças e prevenidos com relação ao risco que algumas plantas podem oferecer, a outra utilidade imediata é para a alimentação. Por esta razão, o terceiro grupo são as *comestíveis*, para alguns, a única opção em tempos de dificuldade; para outros, um complemento (a conhecida *mistura*), um lanche ou uma sobremesa. No caso das frutas, muitas vezes acabava se tornando um momento de lazer, como nos contaram, pois era comum fazer passeios pelo cerrado, aos domingos, para comer frutas.

O quarto grupo reúne aquelas que eram utilizadas para *construção de casas*, *utensílios domésticos e confecção de tecidos*. Optamos por não segregá-las em várias divisões, pois nossos interlocutores não as organizam assim. Por último, as pragas que, à primeira vista, parecem não ter utilidade nenhuma, no entanto, muitas delas são medicinais ou comestíveis, mas a depender da situação, podem causar malefícios às plantações, porque apesar de serem

benéficas nesse sentido, em primeira instancia, são classificadas pelos nossos narradores como pragas.

4.2 Pelas intersecções históricas: uma análise comparativa

Para as análises, tomaremos como modelo o estudo realizado por Murakawa (2006), através do projeto *Procedimentos paralexiconográficos em documentos sobre o Brasil produzidos nos séculos XVI, XVII, XVIII*, com o “[...] intuito de mostrar que os relatos de viagens são produtores de definições [...]” (MURAKAWA, 2016, p. 16). Produtores de definições no sentido de que podem servir de subsídio para a construção de definições lexicográficas, ou seja, tratam-se de descrições que são, de certa maneira, formuladas espontaneamente e que possuem traços que podem ser identificados com determinados tipos de definição, como a descritiva por comparação, que é o caso apresentado pela referida autora ao analisar dois relatos de viagem, a saber: *Colóquios dos simples e drogas da índia*, de Garcia d’Orta (1563) e *Tratados da terra e gente do Brasil*, de Pe. Fernão Cardim (1583).

Esses textos antigos trazem processos definicionais que, muito provavelmente, existiam em sua forma oral, visto que naquela época (século XVI, XVII, XVIII) não havia ainda uma regra ortográfica oficial, ou seja, podemos olhar para esses textos como registros da oralidade, mas somente até certo ponto, pois mesmo que não existisse uma ortografia oficial, eram exigidos para o texto escrito, especialmente dos documentos oficiais, certo rebuscamento e linguajar específicos.

Partindo para nosso *corpus* de pesquisa, cujo material linguístico é a língua falada, podemos observar a presença de alguns desses traços, como uma espécie de *continuum*, não em uma perspectiva cronológica, onde há uma cisão entre os acontecimentos, mas entendendo a história como um espaço descontínuo, onde diferentes temporalidades coexistem. Isto quer dizer que não tratamos as definições formuladas pelos nossos entrevistados como arcaicas (passado), muito menos como se estivessem num estágio de evolução (presente), mas sim como um ponto de intersecção nessa malha histórico-linguística.

Para a análise comparativa, a fonte principal foi o banco de dados do DHPB. Muitas vezes, em decorrência da mesma planta estar registrada com um nome diferente daquele que aparece em nosso *corpus*, além da opção de uma busca por similaridade, o que foi a solução na maioria das vezes, utilizamos como complementares as obras que seguem: *História*

Natural do Brasil, de Jorge Marcgrave (1952)⁷², *Tratado das plantas medicinais: mineiras nativas e cultivadas*, de Telma Sueli Mesquita Grandi (2014); *Cerrado: espécies vegetais úteis*, de Semíramis Pedrosa de Almeida et. ali. (1998); *Guia de Plantas do Cerrado Utilizado na Chapada dos Veadeiros*, de Suelma Ribeiro Silva et. al. (2001); *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa* (2007); *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1987) e o *Dicionário Etimológico Resumino* (1966).

No que se refere às unidades lexicais que foram selecionadas para análise, como já dissemos anteriormente, foram necessários dois recortes. A metodologia que utilizamos para fazê-los foi de ordem quantitativa, isto é, selecionamos o campo mais produtivo, ou seja, aquele que possui o número maior de lexias, no caso, o das *plantas medicinais* e, devido à estreita relação, o de *plantas venenosas, abortivas, cortantes e urticantes* também. Posteriormente, por ser numerosa a quantidade de itens léxicos, somando um total de duzentas (200) unidades, optamos por analisar um total de 15 lexias.

Para melhor visualização, construímos um quadro em que todas as unidades léxicas de ambos os grupos que selecionamos para análise estão dispostas, agora, em ordem alfabética, visto que já foram apresentadas na ordem de organização proposta pelo *Bregriffssystem*. Trazemos também os casos de etimologia popular e a frequência de cada item léxico no *corpus*.

Etimologia popular, segundo Ullmann (1964), trata-se de um processo morfológico e semântico pelo qual uma palavra pode adquirir certo grau de motivação. Para o autor, algumas palavras opacas podem tornar-se motivadas e um dos tipos de *aquisição da motivação* seria a *aquisição de motivação morfológica e semântica*, de modo que:

[a] força impulsora que está por detrás da etimologia popular é o desejo de motivar na linguagem aquilo que é, ou se tornou opaco [...] Nalguns casos, a nova motivação afectará o significado de uma palavra, mas deixará intacta a sua forma [...] Inversamente, há casos em que a nova motivação alterará a forma de uma palavra, ao passo que o significado permanecerá inalterado [...] Em muitos casos, a etimologia popular actuará tanto na forma como no significado das palavras [...] (ULLMANN, 1964, p. 212, grifo nosso).

Nas ocorrências que aparecem em nosso *corpus*, trata-se de mudanças na forma, mas sem alterações no significado.

⁷² A primeira versão foi publicada no ano de 1648, mas utilizamos a tradução feita por Mons. Dr. José Procopio de Magalhães.

O exemplo mais transparente que temos desse processo⁷³, apesar de não estar em nenhum dos dois grupos que iremos analisar, é *beldroega*, que na fala dos nossos interlocutores passa a ser *berro-do-égua*, *berdoega* ou *bordoega*.

QUADRO 1

<i>Unidade lexical</i> (norma padrão)	<i>Etimologia Popular</i>	<i>Frequência</i>
1. Acacú	-	2
2. Açafrão*	-	17
3. Aipo	Alpo/Arpo	21
4. Alcanfor	-	3
5. Alecrim	-	21
6. Alfavaca	-	15
7. Algodãozinho do campo	-	32
8. Alho de todo ano	-	3
9. Amargoso	-	1
10. Amaro-leite	-	8
11. Angico branco	-	02
12. Angico vermelho		32
13. Araticum rasteiro	Articum/Articunzim (rasteiro)	7
14. Araticum vermelho	Articunzim (vermelho)	2
15. Amescla	Armesca	1
16. Arnica	-	24
17. Aroeira	-	58
18. Arruda	-	41
19. Artemísia	Artimijo/artemijo	32
20. Assa-peixe branco	-	20
21. Assa-peixe roxo		03
22. Azedinha	-	4
23. Babosa	-	8
24. Babosinha	-	1
25. Bacurina	-	1
26. Bálsamo de árvore	-	23
27. Bálsamo de horta		07
28. Barbado	-	1
29. Barbatimão	-	29
30. Baru	-	19
31. Baspo	-	3
32. Batata-das-cardas	-	3
33. Batata-de-tiú	-	1
34. Bate-caixa	-	2
35. Beladona	-	4

⁷³ O autor explica que o conceito de *etimologia popular* foi muito criticado devido ao uso do termo *popular*, pois dava-se a entender que se tratavam de “erros” de pronúncia advindos exclusivamente da classe mais pobre e sem estudo. O mesmo reconhece que de fato não é muito apropriado, porque a maioria desses “erros” como ele assim os considera, eram produzidos pelos intelectuais da época. Um estudioso chegou a propor um novo nome: *etimologia associativa*, no entanto, já era tarde para modificar o uso linguístico.

36. Boldo	-	18
37. Bonia	-	6
38. Buchinha	-	26
39. Buta d'água	-	1
40. Cabo-verde	-	1
41. Cainca	-	1
42. Calunga	-	10
43. Camargo	-	1
44. Cana-de-macaco	-	6
45. Canela	-	14
46. Canela-de-ema	-	11
47. Capeva	-	3
48. Capim-capucho	-	2
49. Capim-cidreira	-	5
50. Capim-meloso	-	13
51. Capitão	-	7
52. Carapiá	-	12
53. Carobinha	-	5
54. Carrapicho	-	12
55. Cáscara-sagrada	Casca-sagrada	6
56. Serralha	Cerráia	12
57. Chapadinha	-	1
58. Chapéu de couro	-	6
59. Chota	-	3
60. Cipó-d'água	-	1
61. Cipó-imbé	-	5
62. Cipó-podre	-	1
63. Cocotó	-	1
64. Conta-de-lágrima	-	5
65. Corcovanca	-	1
66. Corriola	-	6
67. Cravinho	-	7
68. Cravo-defunto	-	1
69. Creme-do-campo	-	2
70. Cuité	-	4
71. Douradinha	-	10
72. Erva cidreira	-	3
73. Erva-tostão	-	1
74. Erva-de-bicho	-	2
75. Erva-de-passarinho	-	2
76. Erva-de-santa-maria	-	44
77. Erva-de-lagarto	-	6
78. Erva-terrestre	-	1
79. Espinho de agulha	-	11
80. Esporão	-	10
81. Fedegoso	-	20
82. Feijão andu	-	3
83. Fumo brabo/bravo	-	4

84. Fumo	-	38
85. Funcho	-	17
86. Gengibre	-	3
87. Gervão	-	8
88. Gonçalves	-	4
89. Gravata	-	7
90. Guaco	-	9
91. Guatambu	-	6
92. Guiné	-	10
93. Hortelã-elefante	-	3
94. Imburana	-	6
95. Impossível	-	3
96. Ipú	-	2
97. Jaborandi tremedor	-	1
98. Jaracatiá	-	6
99. Jarrinha	-	2
100. Jatobá do mato	-	56
101. Jatobá do cerrado	-	1
102. Jenipapo branco	-	13
103. Jenipapo roxo	-	1
104. Jerivá	-	9
105. Juá	-	10
106. Junquinho	-	2
107. Jurubeba	-	24
108. Jurubebinha	-	5
109. Levante	Alevante/Elevante	8
110. Lima	-	13
111. Lixeira	-	11
112. Lobeira	-	18
113. Losna	-	7
114. Malva	-	6
115. Mama-cadela	-	39
116. Mamona	-	22
117. Manacá	-	10
118. Mandioquinha-do-campo	-	1
119. Mangaba	-	53
120. Manjerona	-	3
121. Marcela-alcanforada	-	1
122. Marcela	-	24
123. Maria-pobre	-	3
124. Mata-pasto	-	3
125. Matricá	-	2
126. Mentrasto	-	28
127. Mercurinho	-	1
128. Milome	-	1
129. Mocinha branca	-	1
130. Moreira	-	9
131. Mulungu	-	3

132. Óleo	-	20
133.Orelha-de-onça	-	1
134. Pacari	-	3
135. Panaceia	-	2
136. Para-tudo	-	3
137. Pata-de-vaca	-	1
138. Pau-bosta	-	4
139. Pau-doce	-	7
140. Pau-prego	-	1
141. Pau-terra	-	13
142. Pé-de-perdiz	-	49
143. Pé-de-pinto	-	2
144. Pequi	-	29
145. Peãozinho	-	1
146. Picão-de-cipó	-	5
147. Picão	-	25
148. Pitanga-do-cerrado	-	22
149. Poaia	-	5
150. Poejo	-	26
151. Pulga-de-veado	-	2
152. Pulga-de-tiú	-	4
153. Quebra-pedra	-	16
154. Quina	-	27
155. Quitoco	-	5
156. Rabo-de-tatu	-	8
157. Romã	-	7
158. Rubim	-	10
159. Ruibarbo	-	4
160. Sabugueiro de árvore	-	7
161. Sabugueiro de horta	-	4
162. Saca-trapo	-	4
163. Salsa-paredão	-	6
164. Salsaparrilha	Sarsa-parrera	4
165. Salsa-mandioquinha	-	1
166. Salva	-	3
167. Sangra d'água	-	12
168. Santora	-	4
169. São Caetano	-	10
170. Sassafrás	-	1
171. Sete-folhas	-	1
172.Sofre-do-rim-quem-quer	-	12
173. Sucupira	-	26
174. Tanchagem	Trançage	2
175. Tiú	-	3
176. Umbaúba	-	8
177. Urucum	-	8
178. Velame branco	-	6
179.Velame vermelho	-	2

180. Veludo branco	-	10
181. Verga-tesa	-	6
182. Vick	-	3
183. Vinhático	-	16

Fonte: acervo da autora

QUADRO 2

<i>Unidade lexical</i>	<i>Etimologia Popular</i>	<i>Frequência</i>
1. Anil		22
2. Aroeirinha		12
3. Artemísia	Artimijo/artemijo	32
4. Barbatimão	-	29
5. Barú	-	19
6. Buchinha	-	26
7. Cafezinho		7
8. Calunga	-	10
9. Carqueja		2
10. Comigo-ninguém-pode		1
11. Erva		11
12. Erva-de-bicho		2
13. Espinho-de-agulha	-	11
14. Fava-de-arara		9
15. Ipú	-	2
16. Losna	-	7
17. Macaúba		7
18. Maminha-de-porca		2
19. Manacá	-	10
20. Mata-barata		1
21. Mata-vaqueiro		3
22. Nim		7
23. Pequi	-	29
24. Quebra-pedra	-	16
25. Quina	-	27
26. Quitoco	-	5
27. São Caetano	-	10
28. Sapé		8
29. Tamboril		21
30. Timbó		3
31. Unha-de-gato		7
32. Urtiga		6

Fonte: acervo da autora

Como explicamos, foi necessário mais um recorte, pois para este trabalho não seria viável analisar todas as unidades lexicais listadas nos quadros acima. Assim, a seleção foi feita da seguinte forma: cinco lexias cuja frequência é alta (consideramos mais frequentes as unidades lexicais em que a recorrência está acima de vinte vezes); cinco que ocorrem apenas

uma vez no *corpus* e, para encerrar, cinco lexias que não estão registradas no banco de dados do DHPB. Assim, iremos analisar⁷⁴: *aroeirinha*, *barbatimão*, *buchinha*, *erva-de-santa-maria*, *erva-tostão*, *espinho-de-agulha*, *fedegoso*, *jaborandi-tremedor*, *jatobá*, *mamona*, *milome*, *orelha-de-onça*, *sangra d'água*, *sassafrás* e *verga-tesa*.

Como cinco delas (*aroeirinha*, *buchinha*, *espinho-de-agulha*, *sangra d'água* e *verga-tesa*) não passaram pela análise comparativa com o banco de dados do DHPB, por não estarem, nele, registradas, as deixamos por último, na seção 4.2.1.

Trouxemos mais de um excerto tanto do banco de dados, quanto do *corpus*, devido à riqueza das definições, o que, conseqüentemente, acrescentou em muito para nossas análises. Optamos por apresentar os trechos na ordem cronológica, ou seja, o mais antigo primeiro (banco de dados do DHPB) e, em seguida, o mais recente (*corpus oral*).

Destacamos, em negrito, os expedientes linguísticos utilizados para introduzir a descrição. Os escritos em caixa alta, ao final dos extratos do banco de dados, tratam-se da informação bibliográfica; o número entre colchetes em negrito corresponde ao número do arquivo no banco. Mantivemos a grafia e formatação original. Os símbolos entre parênteses ao final de todos os excertos retirados do *corpus* é a identificação⁷⁵ dos narradores.

As ilustrações botânicas⁷⁶ inseridas no fim das análises foram feitas inspiradas nos excertos que selecionamos tanto do banco de dados do DHPB quanto do *corpus*, sites de internet e, principalmente, no material disponível no *Tratado das plantas medicinais: mineiras nativas e cultivadas*, de Grandi (2014). A legenda de todas as ilustrações trazem nessa sequência: o nome popular em negrito, o nome científico atualizado⁷⁷ em itálico e a referência (geralmente o sobrenome) do estudioso que “batizou” aquela planta.

BARBATIMÃO

. Banco de dados do DHPB

1. Barbatimão - **Hé húa** arvore do campo, **do tamanho de** húa [?laran-] [geira?] **com [...]** **ramas**, e flores miudas, os frutos **como** favas, curtos, e huns carosos dentro **m^{to} duros**, o suco da casca **hé m^{to}** adstringente, curte coiros [...] **alimpa** as chagas. ANÔNIMO (MUITO

⁷⁴ As análises não seguem essa ordem de apresentação, visto que cinco desses itens lexicais foram analisados separadamente.

⁷⁵ Ver capítulo II, tópico 2.1 *Transcrevendo o corpus*.

⁷⁶ O autor das ilustrações botânicas é o artista, pintor e arquiteto Fernando Luiz Lopes Monteiro de Barros Filho, que identificaremos na legenda de cada imagem como Barros Filho (2018).

⁷⁷ Cabe pontuar que é comum os nomes científicos passarem por uma espécie de “troca” ou renomeação em determinado momento. Isso ocorre devido às novas descobertas resultantes dos avanços promovidos pelas pesquisas, de modo que essas mudanças são sentidas e podem ser percebidas através dessas alterações no interior de uma terminologia.

PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES () [word count] [A00_2217].

2. Pag. 27. v.17. O barbatimão **he arvore**, cuja casca **he medicinal**, e **aperta muito: usão delle** algumas pessoas **para** banhos, e a capeba como ja disse he cordeal. JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1806.) [1792], NOTAS () [word count] [G00_0016].

. *Corpus oral (transcrição)*

3. [...] A vaca, por exemplo... quando tá... grávida... tem... um cuidado de... de... no cerrado, por exemplo... dá mais... perigoso de comê... é... chama... fava-de-arara (...) come... a vaca aborta [...]. Comeno muito, né! (...) Agora, a fava... é um... assim... é... tem a fava-de-arara e o barbatimão ... todo... barbatimão é... é... também comeno muito [pode abortar] [...]. Já o barbatimão é...a casca é remédio [...]. **Pa curá** ferida... essas coisa assim [...]. Cozinha ele assim... e banha com aquela água [...]. O barbatimão que é remédio... maize (mais), comeno também muito... dá [aborta] [...] **A diferença é** que a fava-de-arara é chata... e o barbatimão é **assim, ó (gestos)**, redondim **assim, ó (gestos)**. **O gosto é parecido**... tudo adocicado [...]. [O pé] **n'é muito parecido não** [...]. O... **todos os dois é de folha** miúda, mais... o... a fava-de-arara a casca **é mais grossa**... o barbatimão **é casca lisa**... sabe? Só isso a diferença... só isso [...] (CuM2M93).

4. O barbatimão ele... **é uma árve assim**... compridinha... e **tem as folha** miúda. A gente corta nele assim (*gestos*) **é amarelada**, sabe, **a casca dele é** 'marelada. E aí... es (eles) fervia ele e dava aquele melado grosso. Usava pa banhá machucado nas perna das vaca, esse trem, esse barbatimão. Ele **faiz cicatrizá** [...] Es (eles) falava assim que... quando... as moça... às veiz,' transava, depoi' queria ficá virge', diz que usava esse barbatimão, né, **tomava bain'** (banho), que **ele aperta, né** [...]. É, diz que era (*risos*). Cada coisa, né? [...] (GF2M74).

5. [...] Tem o barbatimão tamém. **É um remedião** [...]. Barbatimão **dá árve grande**. De primero, sabe pra quê que es (eles) usava ele? **Pa curti** coro (...). Es (eles) tirava aquês (aquelas) casca dele... e levava po tanque e botava o coro da rês que es (eles) tinha matado lá dento e curtia pa fazê sola pa fazê botina, pa fazê arrei' (...). Ele **dá umas** baginha tamém, ma' **n'é de comê não** (...). De primera, es (eles) curava friera de gado c'esse barbatimão, uai [...] (CAM1J80).

Barbatimão tem provável origem tupi e a hipótese é de que tenha passado por inúmeras modificações fonético-fonológicas, como é assinalado nos dicionários Aurélio (1987) e Nascentes (1966).

Nas descrições podemos identificar os seguintes processos: gênero próximo e diferença específica (1, 2, 4 e 5), quando é destacado primeiro o gênero “árvore” e, depois, as características específicas sempre em comparação com outra planta, no caso, a laranjeira (1), ou descrevendo a planta por ela mesma (2, 4 e 5), os frutos e as folhagens (tamanho, cor,

formato, textura, sabor); comparação pelas semelhanças externas dos referentes, bem como as características que os diferenciam, como temos, em 3, onde o *barbatimão*, principalmente, o seu fruto é comparado à *fava-de-arara*, em que ambos possuem sabores parecidos, mas disparidades com relação ao formato; indicação das propriedades medicinais, grau de periculosidade e outras utilidades, em que todos os excertos fazem menção à sua função adstringente, ou seja, seu poder cicatrizante, em (3) é assinalado o risco abortivo quando consumido em excesso pelos animais (vacas) que estiverem *amojando*; por fim, traços da definição classificada como *ostensiva*, em 3, quando nosso narrador faz gestos com as mãos (unindo o dedo indicador ao polegar, em forma de círculo) para termos uma ideia melhor do formato do fruto.

No que tange especificamente às marcações linguísticas utilizadas para introduzir o procedimento de descrição, gostaríamos de dar destaque àquelas que aparecem na indicação do gênero próximo tanto no *corpus* quanto no banco de dados: *Hé húa árvore; he arvore; é uma árve; dá árve*.

Além das propriedades curativas na cicatrização de feridas e sua utilização no curtume de couro, o *barbatimão* era utilizado pelas mulheres com o intuito de “recuperar a virgindade”, como nossa interlocutora nos explicou (4), tanto é que uma de suas variantes populares apresentadas por Almeida [et al] (1998) é *casca-da-virgindade*. A partir dessa informação, podemos discutir, por exemplo, o sistema repressivo em torno da sexualidade da mulher que, naquela época (consideravelmente recente), era ainda mais intenso do que acontece hoje. A virgindade fazia parte dos atributos que tornavam uma mulher “direita” e “honrada” e as consequências para aquelas que “se perdiam” eram bem severas. Inclusive, isto nos foi relatado nas entrevistas⁷⁸, um exemplo é o caso da narradora AF1L57, que foi expulsa de casa pelo pai, quando ele soube que estava grávida.

⁷⁸ Ver capítulo II e apêndices.



Barbatimão *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville
Fonte: Barros Filho (2018)

ERVA-DE-SANTA-MARIA

. Banco de dados do DHPB

6. Erva de Santa Maria. Ainda que no "Tratado das ervas medicinaes" faço especial menção desta, e outras **ervas** pelos seus **excelentes préstimos medicinaes**, aqui quero fazer aos leitores ãa advertência, e é que esta **erva chamada de Santa Maria no Maranhão, e outras partes é a mesma**, a que os herbários chamam de erva moura da primeira **espécie**. Digo da primeira espécie: porque dizem haver **três espécies de** erva moura, mas a mais conhecida, e ordinária é, a que **dá por fructo** uns cachinos pretos, cujos bagos **são do tamanho da** pimenta da Índia; e esta é, a que chamam outros erva de Santa Maria. Pelo contrário nas Minas geraes, e outras partes **chamam erva de Santa Maria**, a que no Maranhão e Amazonas chamam mastruz, que **é ãa erva semelhante à** erva vassourinha já hoje enobrecida com o nome de chá, pois **quase semelhante é** a erva mastruz no Amazonas, e Santa Maria nas Minas, muito ordinária, **quase caseira**; porque até **nasce quase** debaixo {A00_1866 - 375,.N} das beiradas das casas, cujo **préstimo principal é livrar de** postemas, e soldar membros quebrados, em que obra prodígios. Da erva moura, ou Santa Maria também são admiráveis os efeitos, dos quaes apontarei no dito Tratado alguns, fora os muitos, que apontam os herbários. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO TERCEIRO - DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA - CAP. 6º - DE ALGUMAS ERVAS MAIS NOTÁVEIS DO AMAZONAS () [word count] [A00_1866].

7. Mastrusto - **Erva rasteira**; as ramas **são huns** sipós, as folhas **como** azas de mosca; faz húa reboleira, **como** a palma de húa mão; **brota** flores, e sementes **como** olhos de mosquitos; **o sabor hé** amargozo: **o sumo hé bom remedio p^a q^m** apanhou quedas, e **p^a** apostemas internos. Erva de Sta Maria - Por outro nome Erva fedorenta, ou mastrusto: **cresce athé 2 palmos, tem m^{tas}** folhas compridas, e estreitas, **como** pontas de espada: **o sumo mata** as lombrigas, desfaz apostemas internas, e limpa chagas incuraveis. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES () [word count] [A00_2217].

. Corpus oral (transcrição)

8. [...] [A erva-de-santa-maria] **é quais desse tipo aqui, ó** (apontando para o pé de *artemísia*), **só que ela é mai'** miudinha ainda a folinha e **ela é fedida**, né [...]. Ah! A gente **usa ela pra... é pra matá** verme e **pa curá** machucado, quando quebrá ou qualqué coisa assim [...]. A gente cozinha ela... frita ela no azeite e aí já vem tamém o azeite da mamona. A gente pega aqués (aquelas) folinha dela e frita com o azeite... dexa virá aquela pasta, sabe? E põe num pano. Igual, hoje usa faxa, naquela época, nem isso tinha. Nói' punha tipo uma fralda, assim, um trem. Esparramava aquele trem assim, ó (*gestos*) e... punha por cima onde tava, sabe? Aí, colava [...]. **Colava o osso**. Colava [...] É porque a gente num tinha médico naquele tempo, né. Curava em casa, né. Eu mes' quebrei o braço uma veiz... minha mãe fez os trem na erva-santa-maria, punha a rezina [de jatobá], erva-santa-maria, punha tudo junto. E marrô... ficava ali um mês c'aquilo... colova (...). Todo mundo sarava assim [...] (GF2M74).

9. [...] E **passá ne** barriga de muié hora **que tava** ruim **pa** criá... pegava ele... 'massa a santa-maria no prato (...), mastruiz (...). Então, esse trem aí, 'massava ela e punha o azeite dento... misturava. Esquentava. Minha mãe fazia era isso. E passava na barriga das muié que tava ruim pa criá... fumentano... tô fumentano sua barriga (...). **Fumantá a** barriga, quê aí era dor demais, né. Fumentava. Passava até na vagina da gente (...). **Pa podê ajudá pa** criá. Lubrificante. Quê com'é que cê ia criá o menino seco daquele jeito? [...] (CAF1O74).

10. [...] É aquela... santa-maria ... né? Santa-maria... hoje num tá teno mais porque o povo tá bateno veneno por toda banda. O povo tá 'cabano com tudo quanto há com veneno, né? Mais ela **dava muito**, assim, nas porta assim, ó. Principalmente lá p'as roça, né? **Dava mais no** terrero [...] El'é... ela [erva-de-santa-maria] **dá pequitita assim (gestos)**, verdinha. Carregadinha de botãozim... sabe, aques (aquelas) florzinha? [...] Pequetita, **é pequetita a** fôia dela. [...] (CuM1E76).

11. [...] Uai, quando machucava, tudo, assim, passava, quando machucava, quando quebrava osso, destroncava um braço, uma perna, passava era santa-maria, era bassorinha de Santo Antonho, era... mais era santa-maria, bassorinha de Santo Antonho, fazia, 'massava, né? [...] Ela [erva-de-santa-maria] **é pequena, assim (gestos), dá em quarqué lugá**, no terrero da gente, dá santa-maria, sabe? [...] Minha mãe quebrô o braço, meu sobrim quebrô o braço, foi curado com esse tipo de coisa [...]. **Fazia o** emprasto, fazia tudo, panhava a rezina de jatobá, o jatobá dá um... chove uma rezina, né? 'Massava aquilo tudo e punha naquele emprasto e fazia umas tela... de pau, assim, e 'marrava no braço igualzim eles engessa, né? Só porque era feito, misturado num pano, fazia aquilo bem feitim e enrolava no braço e 'marrava... e 'marrava um pedaço assim e sarava [...] (IF1D73).

12. [...] Eu conheço aquele **ramo** que tá caído ali (*gestos*), por erva-santa-maria ... 'cê deve conhecê, né? 'Qu'ela é **muito conhecida** [...]. Mais ôtros já fala que é mastruz, né? Aí, eu já num sei (...). É muito conhecido. É o que a gente **fazia os** numbriguero (lombrigueiro) pa menino... era a semente de abóbra... dexaba ela enxugá... torrava ela lá na panela e... socava no pilão... e... colocava santa-maria e... leite...e fazia o melado... punha lá e fazia aquele doce pra ês (eles) comê. Ficava **forte até o gosto**, né? Eu **usava como** lombriguero [...] (CoF2A68).

13. Essa santa-maria eu tava assim com... parece c'um micróbio assim dento do meu nariz e coçava. Parece que queria saí e num saía. Me dava aquela cocera. Falei: '*Gente! Mais... Quê que eu vô fazê pa' tirá esse trem do meu nariz?*' (*risos*). Peguei, fiz a santa-maria... peguei o gai (galho) dela, botei secá... hora que ela secô, que tava sequim... eu põe ela em riba dum retái (retalho) e 'massava ela, **fazia o** pó e cherava. Cabô tudo! (*risos*). Só o sossego [...] (GF1D85).

A erva-de-santa-maria também chamada de *mastruz* ou, em ortografias mais antigas de *mastrução* e *matrusto*, em Marcgrave (1952), é chamada de *serpentaria maior* e, no fragmento 7, de *erva fedorenta*. O excerto 6 traz informações interessantes sobre a diferença no uso das variantes: no Maranhão, *erva-de-santa-maria* e *mastruz* não se tratam da mesma planta, ao passo que nas *Minas geraes* sim, o que pode ser confirmado nos trechos do *corpus*

(9 e 12). Provavelmente, se trata de um antropônimo que faz referência à Virgem Maria (tradição católica).

No que diz respeito à estrutura das descrições, é predominante a indicação das propriedades medicinais, como: para os casos de fraturas (6,7,8,11); lombrigueiro (7, 8 e 12); para fomentação e lubrificante (9); descongestionante (13). Quanto aos recursos utilizados, temos a comparação pela semelhança com outras plantas, como ocorre em 6, ao ser destacada a similaridade com a *erva vassourinha*, e pelas diferenças, em 8, quando a narradora afirma que existe uma parecença entre a *erva-de-santa-maria* e a *artemísia*, mas compara apontando o que as distingue, como o tamanho das folhas e o aroma: “[...] só que ela é mai' miudinha ainda a folhinha e ela é fedida, né [...]”.

Temos também, em 7, a comparação, mas a relação de semelhança estabelece-se a partir da aproximação com partes do corpo de animais – sementes que são como olhos de mosquitos e folhas como asas de mosca – partes do corpo humano – “[...] faz húa reboleira, como a palma de húa mão [...]” – e objetos – “[...] folhas compridas, e estreitas, como pontas de espada [...]”.

Os excertos 10 e 11 trazem a definição ostensiva, ambos os narradores demonstram com as mãos o tamanho da planta: “[...] dá pequitita assim (*gestos*) [...]” (10) / “[...] é pequena, assim (*gestos*) [...]” (11).

Alguns extratos fazem a classificação do gênero: erva (6 e 7) ou ramo (12). Vale observar que o procedimento de comparação “[...] correspondendo ao que na definição lexicográfica se denomina diferença específica, se faz destacando o aspecto, tamanho, cor, sabor, cheiro, textura, comprimento, altura, entre os referentes [...]” (MURAKAWA, 2016, p. 19), mas como podemos ver em 10, nem sempre a relação com outro referente será estabelecida, onde temos: “[...] verdinha. Carregadinha de botãozim... sabe, aquês (aquelas) florzinha? [...] Pequetita, é pequetita a fôia dela. [...]”, isso ocorre em algumas definições sobre o *barbatimão* (2, 4, 5).

Outro exemplo se trata dos momentos em que é mencionado o tipo de lugares propícios onde se pode encontrar a *erva-de-santa-maria*: “[...] nasce quase debaixo [...] das beiradas das casas [...]” (6); “[...] dava muito, assim, nas porta [...] Principalmente lá p'as roça [...] Dava mais no terrero [...]” (10); “[...] dá em quarqué lugá, no terrero da gente, dá santa-maria [...]” (11); em 6 podemos identificar uma marca bem específica que é designação das espécies.

Além da diversidade de usos medicinais, os excertos, em especial os do *corpus*, são acompanhados pelo detalhamento do modo de preparo do remédio (8, 9, 11, 12, 13) e revelam

também, como discutimos nos dois primeiros capítulos desse trabalho, muito do modo de vida das pessoas naquele período, que diante da ausência de outros tipos de recursos, faziam uso dos saberes que iam adquirindo através dos ensinamentos dos mais experientes⁷⁹ sobre o corpo, aprimorando-os.

⁷⁹ Pais, avós e bisavós, esses últimos geralmente de ascendência indígena (Capítulo II).



Erva-de-Santa-Maria *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants
Fonte: Barros Filho (2018)

ERVA-TOSTÃO

. Banco de dados – DHPB

14. Erva tostão- **Hé rasteira**, as raminhas **não pasão de palmo**, estendidas p^ala terra, as folhas **redondas como** patacas de prata; **brotão húas** sementes, **q' pegão na** roupa, q^{do} lhe toca; **cria** batatinha na raiz: o sumo da erva **hé bom p^a** asma e ictericia. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES () [word count] [A00_2217].

. Corpus oral (transcrição)

15. É, eu era menino... e... a gente c'a vida muito ruim e eu... tinha dia que eu ia subi um morrim, assim, num 'guentava, né? Aí, meu pai foi lá num dotor, conversô com ele... falô: 'Ah, seu Antônio, o menino do senhor tá ruim demais do figo. Oh, ele num pode nem escutá berro de vaca'. Num pode bebê leite, né, comê. E meu pai vortô, uai, comprá remédio, como? Num tinha, né, dinheiro. Ele foi lá, 'rancô essa capeva... 'ranco raiz da jubeba... e erva-tostã [...]. É... é esse **tem aí na** bera da rua, **ela tem um...** 'lastra assim (*gestos*), **dá uma** sementinha. E feiz o chá pra mim. E eu... fui bebeno aquele chá [...] É uma... **ela dá uma** foinha redonda... ela... lastra **assim (gestos)**, até, eu num sei se tem ali (*gestos*). Vô vê se tem ali (*gestos*) (...). Num acho. Q'eu capinei o quintal, num tem. Mais sempre eu achava aqui. Mais **na rua tem** [...]. A fôia? Não. **É redonda assim (gestos)**, e a gente **fa' o chá da** raiz, né? E bebe a raiz. **Dá uma raizinha pra** baxo assim (*gestos*). E quem tem assim algum infecção por dento, tinha, quê o povo hoje num vai, num come, né? Comia... a fôia. Fazia e comia [...] Num come, né, num bebe o chá da raiz [...] (AM2JA80).

Segundo Nascentes (1966), *erva-tostão* seria uma erva cujas folhas “pequenas e redondas” são comparadas com *tostões*⁸⁰, daí a motivação para o nome. Como podemos ver em ambos os fragmentos as folhas são descritas da mesma forma, inclusive, em 14 é feita também referência à moeda da época: “[...] as folhas redondas como patacas⁸¹ de prata [...]”; em 15 o formato da folha é o mesmo: “[...] dá uma foinha redonda [...]”.

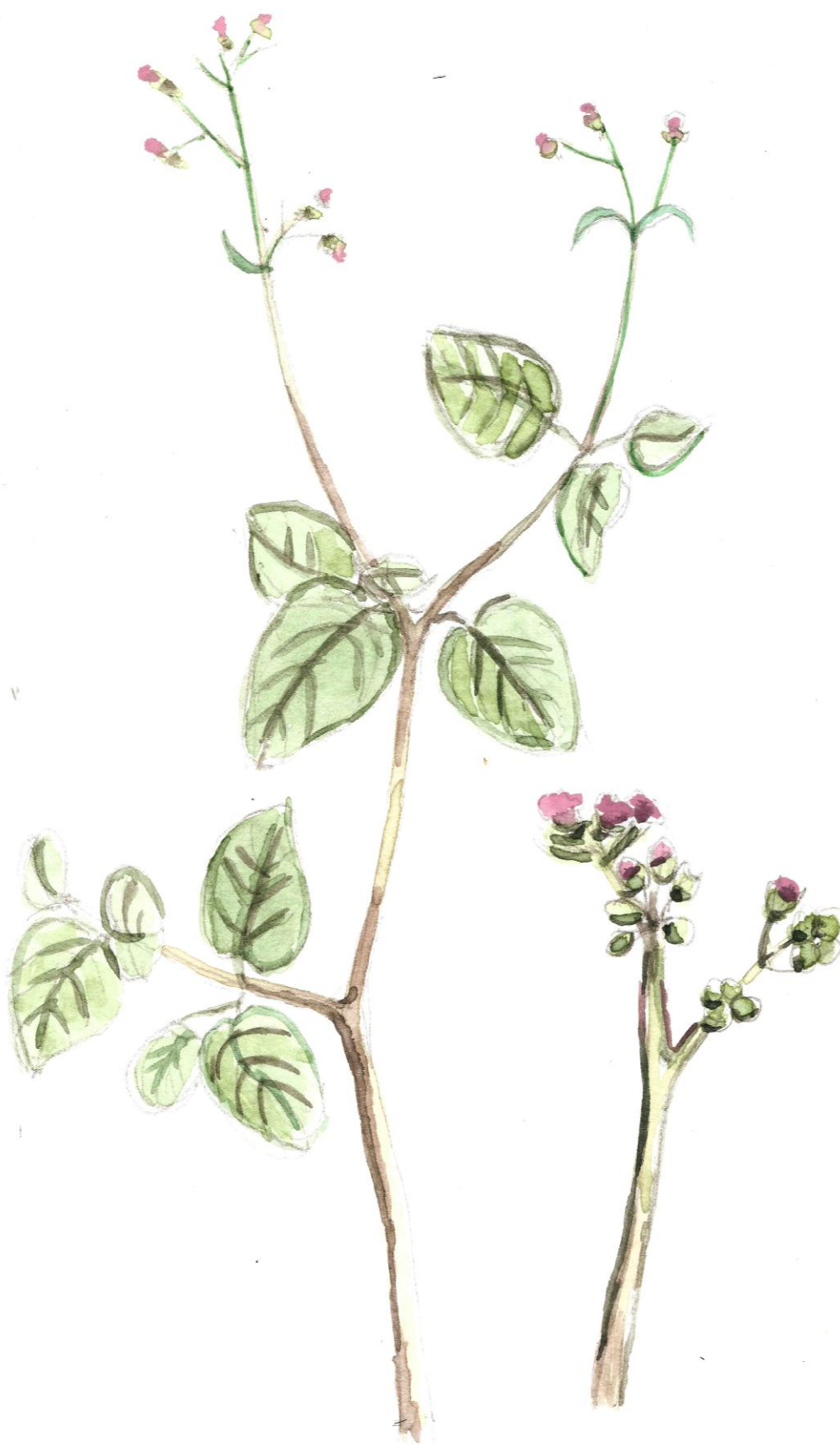
Nos dois fragmentos descreve-se o aspecto externo da planta utilizando adjetivos muito parecidos: *Hé rasteira/lastra assim; folhas redonda/foinha redonda; brotão húas sementes/dá uma sementinha; cria batatinha na raiz/ Dá uma raizinha pra baxo*. Especificamente em 15 temos uma definição ostensiva em dois momentos, quando o narrador desenha com as mãos (unindo o dedo indicador e o polegar em forma de círculo) o formato da folha: “[...] É redonda assim (*gestos*) [...]”; quando demonstra com movimento de braço a altura da planta: “[...] Dá uma raizinha pra baxo assim (*gestos*) [...]”.

⁸⁰ “[...] moeda de níquel (no Brasil) ou de prata (em Portugal) equivalente a 100 réis [...]” (HOUAISS, 2007).

⁸¹ “[...] moeda antiga de prata, que valia 320 réis [...]” (HOUAISS, 2007).

Quanto às propriedades medicinais, em 14 faz-se uma menção direta ao indicar os benefícios para o tratamento de asma e icterícia. Já, em 15, notamos a presença de uma memória individual, em que AM2JA80 relata⁸² um momento de sua infância, quando ficou muito doente com problema no fígado e o pai, por não ter condições de pagar pelo tratamento farmacêutico, recorreu ao remédio caseiro feito à base de *capeva*, *raiz de jurubeba* e a *ervatostão*, que segundo ele, foi o que lhe curou.

⁸² Ver Capítulo II e apêndices.



Erva-tostão *Boerhavia diffusa* L.
Fonte: Barros Filho (2018)

FEDEGOSO

. Banco de dados do DHPB

16. Fedegozo - **Há de 4 espécies**: Fedegozo maxo, Fedegozo femea, Fedegozo bravo, e Matapasto; **todas tem** virtude: O comum, **q' hé** Fedegozo femea, **nasce em** terras cultivadas, **a rama cresce até** 5 palmos, flor amarela, húas bágens **como de** feijão; **hé cordeal contra** veneno, fresca, **de proveito p^a** enfermidade de sangue e febres. O Fedegozo bravo **cresce até** 8, e 9 palmos, **hé quasi na mesma forma, especialm^{te} p^a** molestias de mulheres, bebida a raiz, **hé amaréla**, em vinho, ou agua quente. O mata pasto **hé o mais** rasteiro, assim chamado, **p^f matar** toda a erva q' nasce ao pé; o sumo **mata** sarnas, impigens, **hé contra** erpes, e bebido com cachasa **mata a** peste de cabrunco. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES () [word count] [A00_2217].

17. [...] começando na que **o gentio chama** tararucu, e os Portuguezes fedegosos. Esta **herva faz arvore do tamanho das** mostardeiras, **e tem as** folhas em ramos **arrumadas como** folhas de arvores, as quaes **são muito** macias, **da feição das** folhas de pecegueiro, **mas tem o** verde **muito** escuro, **e o cheiro da** fortidão da arruda; estas folhas **deitam muito** sumo, se as pizam; o qual **de natureza é** muito frio, e **serve para** desafogar chagas: com este fumo **curam o** sêso dos indios e das gallinhas; porque criam n'elle muitas vezes bichos de que morrem, se lhe não acodem com tempo. Estas ervas dão umas flôres amarellas como as da páscoa, das quaes lhe **nascem umas** bainhas com semente **como** ervilhacas. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], DAS HERVAS MEDICINAIS (PARTE SEGUNDA - TITULO 7) () [word count] [A00_0183].

. Corpus oral (transcrição)

18. [...] Tava falano **remédio pa** dor de cabeça, fedegoso também **é uma beleza pa** dor de cabeça (...). IF3J61: Fedegoso **é uma planta** 'margosa, né (...)? IM1A71: É [...] Vô ali buscá pro 'cê vê. IF3J61: (...) Antigamente, o fedegoso, quando... quando o meu sogro... quando às veize, tinha assim, falta de café, que morava na roça, mundo longe de vim na cidade, quando vinha na cidade, vinha de a cavalo. Era muito difícil' pa vim aqui. Carro era muito, muita pocas pessoa que tinha um carro era... por exemplo, pa vim na cidade, talvez vinha de cavalo com um na carroça, sabe? Então, o povo pegava... às veiz o café acabava, 'quê compra ali, 'cê num sabe o de... né, que gastava direito. Ficava sem café. Pegava o fedegoso, as vaginha dele, cascava tudo... abria elas... torrava... ele e moía... no muim (moinho) e **fazia** café dele. 'Cê **tomava igual fosse** café, porque **é 'margoso**, diz que **tomava igual fosse** café [...]. Ah, mais capaz que o sabor num era não, mais ficava forte e o povo, antigamente, os vêi num 'guentava fica sem café. Aí tinha que tomá café de qualqué jeito. Então, ia... se virava assim, né? É... (risos) O povo tem um dizer: quem não tem cachorro caça com gato, né? Então, nessa época num tinha café, es (eles) fazia o fedegoso, porque **era** 'margoso **igual**. IM1A71: Aí, **ó (gestos)**, a fôia dele dá essa bage, **ó (gestos)** (...). **Fazia** café. Agora, o [chá para dor de cabeça] é da raiz, né? [...] Não, da raiz e amarga também (...). É, 'massa ela, né? Se... se quisé fervê, se tivé com pressa, ferve. Se num tivé, bota de môi (molho) que ela sortia o amargo do mesmo jeito [...]. Sara... **cura até** febre. Se fô uma dor de cabeça, febre de gripe. (...) [...] (IF3J61 e IM1A71).

19. [...] **É um** fedegoso, um **que dá uma** foiona [...] **Ele dá** assim... ali (*gestos*) tinha um pé dele no mei' da areia. Aquele **cura** papo... ele **cura** resguardo quebrado de muié que dottor num cura... dottor num cura resguardo quebrado não... ele num sabe, né? Agora, eu tinha um papo... picô fora... esse fedegoso que me curô... mais **é firme!** [...] **A fôia dele é grande** [...] ele **dá** pequeno só a copinha assim, **ó (gestos)**, muito baxo, ele **fica assim (gestos)**. Agora, cê 'ranca aquele... 'ranca uns três pé daquele... pica a raiz dele bem picada e põe numa panela grande e ferve... põe fervê. Hora que tivé só com dois lito... ocê pega aquele caldo c'aquela raiz e coa... e vorta co' ele po fogo ôtra vez. A hora que ele tivé só com um lito... ocê toma um... um copo... daques (aquelas) cocada que es (eles) fala, aques (aqueles) copim de cocada... ce bebe uma copada dele, **ele dá** purgante. Mais ali é um resguardo que Nossa Senhora! Eu tomei ele é oito dia, comeno sopa de frango... palitô... lenço na cabeça, bem tapado, que curô o papo (...). Esse aí ele me curô [...] (AF2ML93).

20. Quê o fedegoso cê num pode tomá ele muito. É uma vez poca. Assim, **pa modo de** uma gripe assim, cê **pode tomá** dele, mai' cê **num pode fazê uso** dele assim, muitas vez não [...]. **Faiz mal**, uai. 'Que **ataca o** coração. Fedegoso se tomá ele muito assim... muitas vez seguida. Agora, uma vez, ali, duas (...), mais se fazê uso dele, assim, muitas vez seguida, diz que ataca o coração. Por causa do... 'quê **amarga demais**. Nossa Senhora! 'Cê tomá um... um... ali, uma meia xícra de fedegoso, um chá dele, assim. Cê besta, menina! Vô te falá pr'ocê, **é ruim demais** tomá. 'Cê sabe que... **se ele num** amargá **mais** [que a calunga], **menos num** amarga **não** (...). **Ela é uma arvezinha desse tamainzim assim, ó (gestos)**. **Uma arvinha que dá** uma foinha comprida **assim (gestos)** [...]. Uai, ela **é pa... bão pa** uma dor de cabeça. Pessoa, às vez, tá ruim do estame (estômago), sabe? Às vez, come... muito. Às vez, sente mal, a comida, né, num vai bem. Toma um poquim. Mai' num pode tomá muito tamém não. Às vez, se a pessoa tivé ruim pa comê, assim, pa alimentá... tomá um gole na hora da comida. Mais é poco tamém, num pode tomá muito não [...] O fedegoso, **ele dá uma arvezinha**, sabe? Ele **fica cresceno** [...] Uai, o fedegoso, aquele **é pa...** assim... dor de cabeça, gripe, essas coisa [...]. [O remédio era feito] da raiz. E já a... quê ele **dá uma** semente. A semente dele o povo usava... **arrumá ela pa tomá no lugá do café. Torrava igual** torrará café Cidinha. Hum! Mai' vai 'margá pra lá. Nossa Senhora! [...]. **Ficava com gosto de** café. Mai' menina, dexa eu te falá pr'ocê... é um amaigo. Quê que é aquilo? Deu' me livre (...) É... maize... e fazia mal, sabe? Por causa que amargava demais [...] (CAM3R69).

O *fedegoso* é uma planta que, além das propriedades medicinais, era utilizado como uma espécie de alimento, para substituir o café quando não se tinha mais. Esta é uma informação que aparece apenas nos trechos retirados do *corpus* de pesquisa (17, 18 e 20). É sabido que o cultivo do café no Brasil iniciou-se no século XVIII, época também abrangida pelo banco de dados, como podemos ver, um dos extratos (16) é de 1765.

Nesse período⁸³, a região onde Goiás está localizado ainda não era muito acessível aos não indígenas e outro tipo de povoamento iniciou-se somente no século XIX. Talvez esta seja uma explicação para certas informações não constarem nos textos antigos e também justifica a dificuldade em não encontrarmos, nem no banco de dados, tampouco em Marcgrave (1952), o registro de muitas unidades lexicais que aparecem em nosso *corpus*.

⁸³ Ver Capítulo I.

É provável também que esse seja um uso muito particular e Goiás não é um estado a que se faz menção nas definições sobre as unidades lexicais que selecionamos para análise, geralmente, a referência é Minas Gerais ou Maranhão, uma vez que o cerrado é constituído por biomas que se estendem por vários estados⁸⁴ brasileiros.

Mais um aspecto que nos chamou a atenção é a apresentação da variante na língua indígena, tanto no excerto 17 *tararucu*, como em Marcgrave (1952) *jacua acanga*, esse dado etimológico não está registrado em nenhuma das obras que utilizamos para consulta. É certo que a predominância da variante portuguesa (de origem latina) tem uma implicação de ordem histórica; uma marca do período colonial deixada na língua, discussão que foi abordada mais profundamente no primeiro capítulo desse trabalho.

Outro dado histórico registrado em um dos trechos (18) é a locomoção que era feita à cavalo, como explica a narradora, porque outros meios de transporte, como carros e caminhonetes, eram inacessíveis para boa parte da população, o que dificultava a chegada de certos alimentos a determinadas localidades e um deles era o café que, quando faltava, era substituído pelo fruto do fedegoso.

No que concerne aos processos de descrição utilizados, em 16, temos predominantemente a diferença específica, inicialmente, sem o recurso da comparação, com a apresentação das espécies de fedegoso, que são quatro, posteriormente definidas uma com relação à outra, em que são apontadas as semelhanças e diferenças; e observa-se a parecença da sua vagem com a do feijão. Recurso também usado em 17, em que o *fedegoso* é relacionado a outras plantas: a mostarda (análogos no tamanho), as árvores (disposição das folhas), o pessegueiro (a cor, no caso o esverdeado do fedegoso se sobressai, porque é mais escuro), arruda (aroma), páscoa (tipo das flores) e ervilhas (aspecto das sementes).

As definições do *corpus* são predominantemente ostensivas, em 18, nos trouxeram a folha e a vagem da planta para vermos; em 19 e 20 gesticularam com mãos e braços para demonstrar a altura: “[...] ele dá pequeno só a copinha assim, ó (*gestos*), muito baxo, ele fica assim (*gestos*) [...] / “[...] Ela é uma arvezinha desse tamainzim assim, ó (*gestos*) Uma arvinha que dá uma foinha comprida assim (*gestos*) [...]”.

⁸⁴ “[...] O Cerrado é o segundo maior domínio brasileiro, estendendo-se, em sua área *core* ou nuclear, por um território de 1,5 milhão de km², abrangendo oito estados do Brasil Central: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e o Distrito Federal. Incluindo-se as áreas periféricas, o valor chega a 1,8 ou 2,0 milhões de km², abrangendo os estados do Amapá e Roraima, em latitudes ao norte do Equador, ou São Paulo e Paraná, já abaixo do trópico de Capricórnio. No sentido das longitudes, o Cerrado aparece desde Pernambuco, Alagoas, Sergipe, a leste, até o Pará e o Amazonas, a oeste [...]” (SILVA, et al., 2001, p. 4-5).

O gênero próximo é assinalado, ora como *erva* (17), ora como *arvorezinha* [arbusto] (20), ora de forma mais geral *planta* (18). A respeito das especificidades, além das que já mencionamos, em todos os fragmentos, em algum momento, descrevem-se as folhas, a altura, o cheiro e o sabor amargo, este último predominantemente no *corpus*. Isso acontece também com as propriedades medicinais, em que se destaca: *enfermidades do sangue e febres; moléstias de mulheres; desafogar chagas; curam o sêxo dos índios e das galinhas; dor de cabeça; febre; febre de gripe; resguardo quebrado; abrir o apetite; má digestão*.

Duas definições trazem informações diferentes: em 17, observa-se que o *fedegoso* é de natureza fria, esse conhecimento sobre a natureza das plantas foi passado durante as entrevistas, em que a entrevistada explica:

[...] tem o remédio quente e tem o remédio que é fresco [...]. Diferença assim... por exemplo: se 'ocê fô tomá um remédio fresco... ele é bom... ele é depurativo do sangue... ele é bão pra (...). E o quente... ele joga alguma coisa que 'ocê tem pra dento, pra fora. Ele é um remédio [...] O quente é por exemplo assim... às veiz, 'cê precisa dum remédio quente, porque... por exemplo... tem alguma coisa que vai saí na sua pele... num conseguiu saí... que tá por dento... 'cê toma o quente, joga pra fora [...] (AF1L57).

Esse saber sobre a natureza dos remédios (fresco [frio], quente) aparece em outros momentos no *corpus*, é recorrente, quando os nossos interlocutores estão ensinando a receita de um remédio, comentarem se se trata de uma planta quente ou fresca. Em contrapartida, em 18 chama-se a atenção para os malefícios do consumo em grandes quantidades: “ataca o coração”.

Gostaríamos de fazer uma observação em específico sobre o uso medicinal para as “moléstias de mulheres” ou, nas palavras da nossa narradora, “resguardo quebrado”. Nota-se que ela é a única que fala dessa função medicinal e que chama a planta por *fedegoso* e, para nossa surpresa, uma das espécies elencadas no excerto 16 trata justamente da mesma planta, visto que a descrição é semelhante, mas com um nome diferente *fedegoso bravo*: “[...] Fedegozo bravo cresce até 8, e 9 palmos, hé quasi na mesma forma, especialm^{te} p^a molestias de mulheres, bebida a raiz, hé amaréla, em vinho, ou agua quente [...]”.

A quarta espécie que é detalhada em 16 é o *mata-pasto*, em nosso *corpus* temos uma planta de mesmo nome, mas que os nossos narradores tratam como uma planta diferente, ou seja, não trazem como uma variante do *fedegoso*. No entanto, as descrições coincidem:

[...] Frieria, meu avô buscava pra nós... mata-pasto , né, que é um trem que se ocê dexá ele, ele acaba com o pasto, né, seu Joaquim, que ele toma conta. Dá aquela arvinha fininha, né, tampava. Pega o

sumo do mata-pasto, pa passá no mei' dos dedo. Num tem friera que num 'caba! Num tem anti-micótico na farmácia que cura friera igual mata-pasto! [...] (CAM1J80).

Uai, mata-pasto, se fô do que eu sei, el'é uma praga que dá assim no pasto (...). Uai, ele é uma mundica que dá assim... nos pasto, ela dá aquês (aquelas) moita assim, ó (*gestos*). Na seca, ela seca e some. Se pegá chovê ela... ela nasce de novo. Tem que cortá ela, senão acaba com o pasto tudo (...) (CAM3R69).

Como podemos ver, ambas descrevem o *mata-pasto* como uma planta rasteira que mata tudo o que cresce em torno de si, mas que pode ser usada para tratar doenças da pele.



Fedegoso *Cassia occidentalis* ou *Senna occidentalis* L.
Fonte: Barros Filho (2018)

JABORANDI-TREMEDOR

. Banco de dados - DHPB

21. Jaborandi é uma herba, que faz arvore de altura de um homem, e lança umas varas em nós **como** cannas, por onde estalam muito como as apertam; **a folha será de palmo de** comprido, e **da largura da** folha da cidreira, **a qual cheira a** hortelã franceza, e **tem a aspereza da** hortelã ordinaria: a agua cozida com estas folhas é loura e **muito cheirosa e boa para** lavar o rosto, ao barbear; quem tem a boca damnada, ou chagas n'ella, mastigando as folhas d'esta herba, duas ou tres vezes cada dia, e trazendo-a na boca, a cura muito depressa; queimadas estas folhas, os pós d'ellas **alimpam o** cancere das feridas, sem dar nenhuma pena, e **tem outras muitas** virtudes. Esta herba **dá umas candeias como** castanheiro, onde se cria a semente de que nasce. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DAS HERVAS MEDICINAIS (PARTE SEGUNDA - TITULO 7)* () [word count] [A00_0183].

22. Outro **para tirar dores de** dentes certo, experimentado muytas vezes, e facil nestas Minas. Huma raiz de jabarandi, que nestas Minas ha grande abundancia nos matos virgens, e capoeyras de poucos annos: esta se mastiga em lima do dente que doer, e em pouco espato de tempo se atormentará a dor, e depois passará ; he remedio para pretos quotidiano , de que os meus usaõ por conselho meu , sem usarem de outro, nem lhe ser necessário, fálvo os que tiravaõ ao ferro, por lhe repetirem as dores muytas vezes, ou estarem podres. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERAS ENFERMIDADES.* () [word count] [B00_0031].

23. Jaborandí - **Há de 5 castas: o maior cresce da altura de** hum homem, **a menor não pasa** na sua rama **do comprim^to de** 1 dedo: as varas com seus nóz **a maneira de** Canas, as folhas **como de** laranjeiras; **hé m^to quente**, e mascada **pica bastantem^te: hé boa p^a** dores de colica: **hé contra** veneno e desobstruente; das folheis se-fas unguento, **q' cura** as feridas: O rasteiro hé o mais eficaz. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. *NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES* () [word count] [A00_2217].

. Corpus oral (transcrição)

24. [...] Dor de dente? Dor de dente nós tinha uns ramo lá do mato, mato virge', esse que eu falo pro cê que é um matão assim, **tem um ramo...** jaborandi. Nós 'rancava ele [...]. É, tinha o jaborandi **de fazê o** chá pa bebê e tinha o jaborandi tremedô que nós falava, né? A gente 'rumava ele... e... e... punha aquela água, fazia o... frevia e punha no dente, e o dente **ficava até** 'nestesiado [...]. O de chá **é cheroso**, né? **Ele parece um pouco** [com o tremedor], **maize, um é** cheroso e **o ôto** cê mastigava ele... era aquele trem assim, ruim, **ele parece que...** quando cê mastigava a raiz dele, **parece que até** começava adormecê [...], o tremedô, é. E o ôto **fazia o chá pa** bebê, né [...]. É, bebia... num tem mais lembrança pra quê que nós bebia esse chá. Mais nós bebia esse chá [...] gostoso, é. E esse ôto era **só pa dor de** dente, né? Cê bochechava assim... aquilo ia aliviano [...] (AM2JA80).

Marcgrave (1952) apresenta a etimologia da palavra (origem indígena)⁸⁵, como também a definição apenas do jaborandi que corresponderia ao que AM2JA80 chama de *jaborandi tremedor* “[...] Não tem cheiro ou sabor manifesto, porém mastigada queima violentamente a língua [...] Provoca grande quantidade de pituíta da língua e assim livra a cabeça do catarro e mitiga a dor de dente [...]” (MARCGRAVE, 1952, p. 69-70), assim como em 22 e em 23 (apesar de mencionar que existem cinco espécies, descreve apenas duas, mas em nenhuma delas faz referência ao cheiro), enquanto em 21 temos apenas o *jaborandi* conhecido pelo seu aroma agradável. Somente em 24 são citados os dois tipos: o que é aromático (o nosso narrador não aponta nenhuma propriedade medicinal para este, por não se lembrar) e o que é anestésico.

Nos extratos 22 e 24 está presente a explicação sobre o tipo de lugar onde se encontra esta planta: “[...] ha grande abundancia nos matos virgens, e capoeyras de poucos anos [...]” / “[...] uns ramo lá do mato, mato virge' [...] esse que eu falo pro cê que é um matão assim [...]”. Essa distinção entre *mata virgem* e *capoeira* é constante no *corpus*, a saber:

[...] Mato, é uma mata virge', por exemplo, né? Que nunca foi roçada... ou uma capoeira. Capoeira é, por exemplo: é onde já foi roça, depo' vira mato de novo, né? Então, 'cê roça, põe fogo, desencorvára (desencovila) e planta. Então, vem broto... né, da madeira, vem de novo, capim [...] (CuM1E76).

É mato. É... nós falava mato, mato virge', né? Aques (aquelas) torona, né? E capoeira é mai' nova. Num tinha virado mato mes', né? [...] É... tinha anos que tinha plantado, né? Quê o mato, que nós falava mato virge' tinha tora que era um mundo véi, né? Gastava uns quato homi de machado pa dirrubá... no pé (...), um dirrubá aqui, um de cá, o ôto de cá (*gestos*) (AM2JA80).

Nossos interlocutores fazem muito esta observação quando vão explicar o tipo de lugar onde determinada planta pode ser encontrada ou quando vão explicar como funcionavam as plantações antes da modernização da agricultura.

Dois excertos indicam o gênero próximo *erva* (21) e *ramo* (24) e o restante exclusivamente a diferença específica. Em 21 e 23 tem-se uma descrição idêntica com relação ao tipo do caule (como canas) e ao tamanho (altura de um homem), exceto quando, em 23, aparece a construção, “do comprimento de um dedo”, para se referir à espécie rasteira; é semelhante em se tratando das folhas, em que uma compara com as da cidreira e a outra com as da laranjeira. Somente em 21 detalha-se a textura das folhas (ásperas como a hortelã

⁸⁵ Especificamente do tupi *yambira'ndi* (HOUAISS, 2007); *yaborã'di* (NASCENTES, 1966, p. 424) e (AURÉLIO, 1987, p. 977).

comum) e, juntamente com 24, o aroma; aquela compara à hortelã francesa e esta relata a impressão do narrador. Exclusivamente em 24 temos a retratação do sabor, da sensação de dormência que a folha causa na boca ao ser mastigada; em 23 faz-se referência à natureza da planta: “[...] hé m^to quente [...]”.

Outra maneira de comparar encontra-se em 23 e 24, ambas definem a planta comparando as espécies entre si, de modo que, em 23, isso é feito de maneira menos marcada, já em 24, os recursos linguísticos fazem-se presentes (ele parece / parece que).



Jaborandi-tremedor *Piper aduncum* L.
Fonte: Barros Filho (2018)

JATOBÁ

. Banco de dados – DHPB

25. Balsamo Peruano - Assim chamado p^r vir daq^{las} Regioens. **Hé arvore** chamada Jatahy, ou Jatobá, **q' lansa húa** resina da casca, de q' **fas montes** ao pe do tronco, de q' **se uza p^a** calafetar Emb^a : preparado **hé importante p^a** obras medicinaes. Esses troncos **engrossão athé** 30 palmos, **a madeira hé** vermelha, **m^{to}** duravel, a casca liza **da largura de** 2 dedos, tão dura, q' tirada inteira **serve de** Emb^s m^{to} boas: **lansa de si** o oleo, q' coalhado **fica como** brêo, e **fas os mesmos** efeitos; brota húas frutas cascudas, de q' se comem huns capulhos, q' vem dentro: a casca moida e bebida **fas estancar** o sangue p^{la} boca: **Há mais 2 Castas**, huma dos Campos, e outra dos matos de menos prestimo. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [III] NOTICIA DE VARIOS AROMAS, Q' SE CONHECEM NO BRAZIL. () [word count] [A00_2210].

26. Pag. 7. v. 16. O jatobá **he uma fava**, que **tem pouco mais ou menos hum palmo de** comprida, e **tem a grossura do** vão que faz a ponta do dedo maior da nossa mão, unido á ponta do dedo pollegar: **tem a casca mais** rija **que a da** nóz, cuja casca **he da côr da** castanha: **tem dentro** dous ou tres caroços envoltos em uma farinha amarella; e o lugar que **não tem** {G00_0016 - * 36 *,.N} caroços, tambem **está cheio** desta farinha, a qual se come. JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1806.) [1792], NOTAS () [word count] [G00_0016].

. Corpus oral (transcrição)

27. [...] Tem o jatobá também, que **é muito bom** [...]. Ele **é bão pa** bronquite, ele **é bão pa...** desagarrá... pulmão e ele **é... bão pos** rim [...]. **Pode sê** a fôia, **pode sê** rezina, pode sê a casca da fruta e pode sê a casca do pau. Tudo é bom [...]. Dá. O jatobá **dá uma** frutona **assim, ó (gestos).** Ele **dá... dá uma** castanha comprida **assim (gestos), cheia de** pozim. Quand'era menino, nói' gostava de comê. Aí... aquele pozim... ele chega pregá nos dente da gente assim, **ó (gestos)** [...] É azeite, a rezina de jatobá e 'rumava erva-santa-maria e socava (gestos). Esses dias eu arrumei po meu neto [...] Eu tem até o pozim da rezina da jatobá aí [...]. Não, ela vem a rezina assim, **ó (gestos)**, eu que soquei... soquei e coei na penerinha. Eu fiz o pó. Aí, cê põe (...) 'macetava a rezina de jabobá (gestos), acho que nem penerinha tinha naquela época... e socava erva-de-santa-maria até mesmo (gestos) (...). Aí, fazia aquela mistura assim, com azeite, erva-de-santa-maria, rezina de jatobá... e vinha com uma parte algodão assim, **ó (gestos)** e batia um ovo até virá o prato assim e num caí a clara... misturava aquilo... e punha no algodão aqui... e punha lá no quebrado, aí sarava. Do Túlio eu fiz, já tava pregano, aí o... dotôr de Goiânia 'rancô. Já tava pregano [...] (IF2M75).

28. [...] Jatobá já **é mais de** cultura (...) **dá** fruta... e grande [...]. O jatobá **é árvore** muito grande, muito frondosas as árve do jatobá... a fruta 'cê conhece né? [...]. Vô pegá pr'ocê (gestos) (...). Ess'aqui é a fruta do jatobá (gestos). **Ela dá de dois tipos** também [...] A do campo... a folha **é** miúda... a árvore é frondosa... imensa... **mais é...** a folha é miúda (...). A ôta, da cultura, **ela dá** a fruta **bem maior...** a fruta **bem maior**, a árve é bem **mais baxa...** de folhas **mais maior** [...] (CuF2E75).

29. [...] Tem o jatobá ... **é o do** cerrado e **tem o do** mato [...]. **Só porque** o do mato **ele dá árve** muito comprida (...). Aí, **dá uma** fruta dele é uma coisa só. Ela madura ela fica c'a casca (...). O jatobá do mato **ele dá árve** muito grande, por causa de sê no mei' do mato ele **cresce**

mai', né. Igual, o do cerrado **não, ele dá de todo tamaim** e ele esgaia **mais baxo** [...] (CAM1J80).

30. [...] Tem o... tem uma ôta fruta **maió** que es (eles) fala, o... jatobá tamém é do cerrado. **Já dá uma** fruta **maió** assim, ó (*gestos*), é maió... assim, ó (*gestos*), uma fruta estreita assim e comprida (*gestos*). Então, p' cê comê, cê quebra ele e come... a massa dele [...]. Grande. O jatobá **dá árve igual** um pé de manga... um trem assim [...]. Madera. Madera pa casa... pa... assim pa móveis, fazê cerca de arame, cerca de curral, fazê ponte, mata-burro, tudo (...). **Serve pa** carvão, serve pa quarqué coisa [...]. **Bão pa** lenha [...] (CAM3R69).

A *rezina do jatobá*, assim como a *erva-de-santa-maria*, é utilizada na preparação dos emplastos para tratar fraturas ósseas, juntamente com o azeite feito do fruto da *mamona* (próxima unidade lexical que analisada). De acordo com Nascentes (1966), Aurélio (1987) e Houaiss (2007) é uma palavra de raiz tupi.

Fora as propriedades medicinais, o *jatobá* é uma árvore frutífera, cujos frutos recebem o mesmo nome, por esta razão, dois excertos (26 e 27) o descrevem exclusivamente. O curioso é que em 27 pode ser identificada a definição *ostensiva*: “[...] dá uma frutona assim, ó (*gestos*). Ele dá... dá uma castanha comprida assim (*gestos*) [...]”, ao passo que em 26, além da comparação (semelhança com a castanha na cor e, na rigidez, com a noz), detalha-se o movimento que é feito com as mãos para ter-se a ideia da grossura do fruto: “[...] tem a grossura do vão que faz a ponta do dedo maior da nossa mão, unido á ponta do dedo polegar [...]”. Digamos que, despropositadamente, ambas as definições se complementam.

É recorrente a menção às duas espécies/castas existentes, em 25, 28 e 29 – a comparação é feita, em todas, destacando as diferenças entre o formato da fruta e da árvore – como também da indicação do gênero (árvore) em 25, 28, 29 e 30, sendo que unicamente em 30 são especificadas outras finalidades, como: aproveitamento da madeira para lenha, construção de móveis, cercas, pontes e mata-burros.

Essa diferenciação entre as espécies é construída a partir do tipo de solo, ou seja, aquela que nasce no cerrado/campo e a que brota na *terra de cultura/no mato*, algo que é constantemente pontuado pelos sujeitos da pesquisa sempre que vão falar de alguma planta, uma vez que a qualidade da terra determina não apenas as suas características, mas os espécimes que serão ou não germinados naquele local. Segundo eles, o cerrado se configura em um solo seco, que possui muito cascalho, ao passo que a *cultura* é a terra fresca, de coloração escura, adubada naturalmente. Inclusive, as plantações eram feitas somente nesses lugares, é provável que seja esta a razão da nomeação *cultura*, pois de acordo com seus relatos, o hábito de cultivar no cerrado é algo recente, que começou juntamente com a

modernização da agricultura e o incentivo ao agronegócio, em que os narradores explicam que:

[...] O cerrado... a cultura que es (eles)fala era onde era mato, né? Madera grossa, es (eles)fazia roça era na cultura. O cerrado era cerrado [...] Não, não fazia plantação no cerrado, hoje é que faiz, que cabô com ele pra fazê plantação [...] mais antigamente não. Só fazia onde era mato, onde era cultura mes' (mesmo) [...] (IF1D73).

[...] Mais essa já é mais de cerrado, essa já num é de cultura... tanto de cultura não. É uma terra mestiça (...). A terra do cerrado a planta não é árvore assim... muito grande, porém os galhos mais retorcido... depende do cerrado. Tem cerrado bom e cerrado bruto, né? É terra mista que e ela mai' da terra mista. Ela fica... dá maderona, mais num dá retorcida, mais porém ela dá também no cerrado. E ôtras num dá no cerrado, só dá na cultura [...] (CuF2E75).

[...] Ela dá nos mato mesmo [...] não, cerrado ele num dá não. Só memo dento dos mato, lugá fresco... aonde tem algum nascente d'água, quando num tem uma nascente d'água, mais ou meno um lugá fresco [...] (CoM1G83).

Voltando às propriedades medicinais, somente em 25 e 26 essa característica é observada minuciosamente, principalmente neste último: “[...] Ele é bão pa bronquite, ele é bão pa... desagarrá... pulmão e ele é... bão pos rim [...]. Pode sê a fôia, pode sê rezina, pode sê a casca da fruta e pode sê a casca do pau. Tudo é bom [...]”.



Jatobá *Hymenaea stilbocarpa* ou *Hymenaea courbaril* (Hayne) Lee & Langenh
Fonte: Barros Filho (2018)

MAMONA

. Banco de dados – DHPB

31. A mamona **hé huma planta, que nem** merece o nome de arvore, **nem** o de frutice, por ser **maior que** esta, e **menor que** aquella: o seo tronco **hé de** branda consistencia, e **tem na** parte interna toda huma concavidade com suas divizoens, **como** cana-fistola; **porem** sem polpa, **nem** mostra **maior**, humidade; a sua casca **hé** tenue, e **muito mais** nos tallos, aonde a cavidade se e sem divizão algũa. Na fig. 4 da estampa 9 se deixão ver as suas partes. A letra (a) mostra o cacto dos cazulos com bem differente figura das mais flores. Ora a fig. 5 representa o cazulo sazonado, e com a sua grandeza natural: **elle hé** espinhozo **semelhante ao** ouriço, **mas** os seos espinhos **não** são offensivos [...] Na fig. 7 se vê a semente toda **semelhante ao** pinhão, que agora acabo de descrever **com a unica differença de** ser **menor** na grandeza [...] Esta planta **contem** (assim como outras muitas) **diversas virtudes**, que deixo para as clases á que pertencem; a purgante **se acha na** semente; **ella hé mais** vomitiva, **que** purgante, mas compleiçoens tenho eu encontrado em que executa o seo dever inferior, e nada superiormente. {A00_1656 - 46,.N} Os enfermos de maior rusticidade costumão mastigar seis ate dez das referidas sementes, e bebem agoa morna; mas porque ellas sam **pouco** gratas **ao paladar**, eu tenho sempre uzado dellas, pizando a já dita quantidade em almofariz ate se constituirem em massa, então lhe deito hũa onça de agoa fervente; filtro toda a materia por pano bem tapado com forte expressão, ajunto-lhe assucar quanto devirta o **desagradavel sabor**, e com calor tolleravel applico a bebida ao enfermo. FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO (1971) [1782], *MAMÓNA* () [word count] [A00_1656].

32. Pag. 27. v 5. A mamona branca **he fresca**, e medicinal, e por isso **boa para** banhos. O oleo dos feijões desta mamona **he bom para** o cabello, e para outros remedios. JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1806.) [1792], *NOTAS* () [word count] [G00_0016].

. Corpus oral (transcrição)

33. [...] Candeia é um... ela é de ferro e tem um (...) e fonciona ela com azeite [...] azeite de mamona, uma mamoninha assim (*gestos*) **que dá** [...]. **Ele dá** aqués (aquelas) foiona. **Tem o** da foiona, **tem o** das foinha. 'Quê **tem duas qualidade** de mamona [...]. Tem aquela butelona e tem uma pititica assim (*gestos*) [...]. Não, tud'é mamona [...]. **Só porque...** uma é mamonão e **o ôto é** mamoninha [...]. O azeite **faiz nascê** cabelo [...]. É, passa ela assim **pa nascê** cabelo... e **serve pa** criança. O azeite... tem o óleo riço e tem o azeite. Óleo riço (rícano) [...]. Eu sei fazê o azeite e sei fazê o óleo riço (rícano) [...]. Eu sei fazê. Ele tem... a mamona num pode torrâ ela demais. Ela tem que sê mei' a meia... mei' a meia a mamona. Aí, cê soca ela no pilão. Soca, soca (*gestos*), vai esquentano ela no fogo. Tem o fogão lá, né. Aí cê põe o pilãozim lá assim, vai pegano lá e (*gestos*) socano [...]. Vai esquentano... tem que esquentá ela no fogo, lá, a mão no pilão, pa modo de ele miná o azeite. Senão num presta. Aí, depois põe a água lá pa frevê... no tacho, tacho de ferro, ôta hora... bão memo é o tacho de cobre [...]. O de cobre que é bão pa fazê azeite. O de ferro n'é muito bão não [...]. Torra a mamona branda... precisava chegá ela não. Aí, é óleo de riço. Branquim! Ele fica branquim (...). Agora, cê apertô a mamona pa torrâ ela um pouco, ficô **mais escura...** o azeite fica escuro. Aí, já vira azeite (...). O ôto é apertado pa torrâ [...] fica **mais escuro** (...). Ele **pa criança, po nenê** que nasce [...]. Não, o imbigo (umbigo), na hora que corta o imbigo... antigamente, usava era isso. Era o... passava era o azeite no imbigo [...] (IM2V68).

34. [...] A mamona... ela **é de todos os cantos** de lixo pra cima eles dão. Aqui num tem! Aqui num dá! Nunca tive um pé de mamona [...] Ele **é uma árvorezinha** assim (*gestos*), **mais é mole**... ela **parece** um bambu... **porém é mole**... quebradiça. As folha **são grande** assim (*gestos*), **parece uma** sombrinha. Nós ainda brincava fazê sombrinha, né... da folha... e **dá o** cacho... cacho com as frutinha assim (*gestos*), espinhentina (...). Da semente e da frutinha [que fazia o azeite], né? [...] (CuF2E75).

Comentamos anteriormente que o *azeite* (produzido a partir do fruto da *mamoneira*) somado à *erva-de-santa-maria* e à *rezina do jatobá* formava a base do emplastro para tratar as quebrasuras. Fora isso, era muito usado junto ao *pó de fumo* para *curar o umbigo* dos recém-nascidos; misturado ao sumo da *erva-de-santa-maria* para fomentação e lubrificante na hora do parto; como laxante; cicatrizante e tratamentos capilares.

As definições 31 e 34 se assemelham no modo de descrever, porque ambos utilizam o método da comparação. O excerto do banco de dados faz a relação com outras plantas (canafístula) e animais (ouriço), o do *corpus*, além da relação com outras plantas, como o bambu, por exemplo, remete-se a objetos (sombreira) ao explicar o formato das folhas. Está presente em ambos os excertos traços de uma definição *ostensiva*, em 31 nota-se que havia o desenho da planta, em 34 a narradora recorre à gesticulação das mãos.

Ademais, ambos possuem construções interessantes que valem ser observadas: em 31, a classificação da *mamona* é feita por meio do tamanho, em que dois expoentes que são comumente empregados para indicar o *gênero próximo* (árvore e frutice [arbusto]), funcionam, neste caso, como demonstração da *diferença específica*; em 34, quando a narradora associa as folhas da *mamona* a uma sombrinha, ela traz aspectos da sua subjetividade com uma memória de infância, ou seja, percebe-se uma relação afetiva com a planta: “[...] Nós ainda brincava de fazê sombrinha, né... da folha [...]”.

Somente em 31, 32 e 33 toca-se na questão do uso medicinal, de forma que essas duas últimas são as únicas que mencionam os benefícios ao cabelo. Podemos identificar também as especificidades de cada fragmento: descrição do sabor (31); apresentação e diferenciação de espécies (33); preparo do azeite (31 e 33); fabricação do óleo de rícino (33); comentário sobre a cor da planta (32) e sobre a distinção na coloração do azeite e do óleo (33).



Mamona *Ricinus communis* L.
Fonte: Barros Filho (2018)

MILOME

. Banco de dados – DHPB

35. De mais o Mil-homens , como já disse , **tem labor** muito amargo , e **cheiro** aromatico , e por tudo isto não póde deixar de ter notaveis virtudes , **talvez iguaes á** da raiz de Calumba , ou da Serpentaria , ou ainda maiores. Permitta-se-me por tanto ajuntar o que se segue sobre as suas virtudes , porque se não faz bem vêr quaes estas sejam , indica alguns caminhos para se descobrirem. BERNADINO ANTONIO GOMES (1972) [1797], *OBSERVAÇÕES BOTANICO-MEDICAS SOBRE ALGUMAS PLANTAS DO BRAZIL - SEGUNDA PARTE DAS OBSERVAÇÕES BOTANICO-MEDICAS - DA MANGABEIRA* () [word count] [A00_1484].

36. Visto que faley em contravenenos do Brafil, falarey tambem em algumas raizes, que o faõ, como o he a **raiz** de milhomens, allim chamada vulgarmente, **da qual ha** abundancia nestas Minas, e em todo o Brafil;e della se **póde dar de** pezo **feyta em** po até meya oytava, ou ralada com hum ralador, como eu muytas vezes tenho feyto, desfeyto o pó em vinho, ou em agua ardente do Reyno, ou em falta de tudo em agua morna, e tambem **he aprovada pela** experiencia **para** maleficios, e dores de barriga. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS VENENOS, E MORDEDURAS VENENOSAS*. () [word count] [B00_0039].

. Corpus oral (transcrição)

37. [...] Tem... tem ôtos remédio do cerrado que eu lembrei tamém... onte' eu trava lembrano... é... milome (...). Ele **é uma batatinha**... bem pequena assim, ó (*gestos*). A folha miúda... **cipó** (...). É... tira a raiz dele... é a batatinha. Corta ela... n'é chá... **faiz de** infusão também. **É bão pra**... pessoa **que tá** com... estômago assim... com má digestã, né? **É pra** isso... ele. Ele **serve pra** isso [...]. **É do** cerrado... é do cerrado... na cultura **num dá não** [...] (AM1A63).

Milome é um dos casos em nosso *corpus* de etimologia popular para *mil-homens* que, inclusive, está dicionarizada em Houaiss (2007), cuja definição, para nossa surpresa, é uma nota remissiva que não nos direciona a *mil-homens* como o esperado, mas sim a variante tupi *caçaú*, em que temos:

[...] **1** trepadeira (*Aristolochia brasiliensis*) da fam. das aristoloquiáceas, com inúmeras propriedades medicinais, de folhas membranosas e flores bilabiadas, amarelo-claras com máculas e veias vermelhas; **angelicó**, **calumba-brasileira**, camará-açu, **cipó-mil-homens**, cipó-paratudo, **jarrinha**, jericó, papo-de-galo, papo-de-peru, raiz-de-josé-domingues

2 trepadeira (*Aristolochia cymbifera*) da mesma fam., nativa do Brasil (BA, C.-O ao RS), de folhas cordiformes ou reniformes, inflorescências axilares e cápsulas oblongas; ambaiaacaá, ambaiaembo, capa-homem, cipó-mata-cobras, cipó-paratudo, coifa-do-diabo, **jarrinha**, jarro-do-diabo, melombe, **mil-homens**, **milome**, papo-de-

galo, papo-de-peru, raiz-de-josé-domingues, touca-do-diabo, urubucaa [...] (HOUAIS, 2007, grifo nosso).

Estamos dispensando bastante atenção para essa questão do nome, porque nesta pesquisa pelos dicionários e sites sobre plantas medicinais, dentre as inúmeras variantes, duas nos chamaram a atenção, que é *calunga* e *jarrinha*, pois ambas ocorrem em nosso *corpus*, de modo que a descrição da primeira coincide mais com as características que são apresentadas em 37 e em 35 (sabor amargo), do que a da segunda, como é possível verificar:

[...] **Calunga** (...). Num existe remédio pa amargá mais (...). Calunga dá rasterinha assim no chão (*gestos*). Verdinha a fôia, né. Diz que esse remédio as muié tomava pa abortá. Quê amarga passado! Cê... a gente toma ele... diz que num tem esse verme que 'guenta, né. E ele parece que vai é aumentano o amargo na boca da gente. Em vez de 'cabá... vai é muito tempo pa... né [...] (CAM2S79).

[...] Esse **jarrim**, ele dá um cipó... uma fôia redonda assim, ó (*gestos*), ele é bão pa tudo quanto é infecção. Ai, ele dá uma flor assim pareceno um galo. Mema coisa dum galo [...] (IF2M75).

No entanto, quando fizemos a busca por *calunga* no banco de dados, esta unidade lexical aparece em uso apenas para se referir ao povo de ascendência africana e, nos dicionários Aurélio (1976) e Houaiss (2007), além da relação com a sua origem (quimbundo), menciona-se também a planta. Entretanto, não parece se tratar da mesma de que falam os nossos interlocutores, uma vez que está descrita como árvore ou arbusto e a do *corpus* como cipó. Contudo, uma de suas notas remissivas nos leva até *angelicó* que está presente entre as variantes de *caçaú*, como destacamos na citação acima e aparece igualmente em nota remissiva de *mil-homens* e *jarrinha*, o que nos leva a pensar que são a mesma planta.

Outra hipótese, talvez menos provável, é de que a *calunga* a qual nossos narradores se referem é, na verdade, a *calumba*, mencionada tanto em 35, quanto em Houaiss (2007), ou são somente plantas muito parecidas.

No que se refere aos processos definicionais, podemos assinalar: *gênero próximo*, quando *milome* é classificado como *raiz* (36) ou *batatinha* (37); *diferença específica* através da descrição do sabor, do aroma e da parecença com a raiz de *calumba* (35); detalhamento do tipo da folha (36).

Vê-se que o uso medicinal é especialmente para tratar de complicações no estômago e, se a *calunga* e o *milome* forem um caso de variação lexical, funciona também como vermífugo: “[...] ‘Quê [a calunga] amarga passado! Cê... a gente toma ele... diz que num tem esse verme que 'guenta, né [...] (CAM2S79). Além disso, é abortiva: “[...] É a calunga ,

primero remédio [...] É isso que as muié bebia pa abortá era isso [...] Abortava e morria, no caso, né [...] (CAM1J80). Assim como no caso do *barbatimão*, temos aqui um dado sócio-histórico e cultural que acompanha a definição, como parte da memória coletiva dos narradores a respeito da condição da mulher na sociedade, especialmente, no que se refere a sua sexualidade. Desta vez, nossos interlocutores nos contaram a respeito da prática do aborto. Como pudemos observar, grande parte das mulheres morriam, o que não é diferente do que acontece hoje. Inclusive, muitas delas ainda recorrem a esses métodos “caseiros”, como nos revelaram alguns de nossos narradores que mantêm o costume de fazer garrafadas por encomenda.



Milome *Aristolochia cymbifera* Mart.
Fonte: Barros Filho (2018)

ORELHA-DE-ONÇA

. *Bando de dados – DHPB*

38. A raiz **da herva** chamada orelha de onça, por ter **o mesmo feytio, he prodigiofa para** todos os venenos, e maleficios, assim tomado o seu pó, como bebida a sua agua, ou tudo junto, que será melhor; a qual tem seus nós **mais miudos que** a de milhomens, que também os tem; e **mais grossos, que** a de poalha, que os destas são miudinhos; e se dá do seu pó de hum escropulo até meya oitava para toda a qualidade de veneno, e **para quem tiver** desconfiança, que lhe derão feytiços, e **para** mordeduras venenosas; da qual **ha abundancia** no campo das Minas geraes, e nas mais partes do Brasil. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS VENENOS, E MORDEDURAS VENENOSAS*. () [word count] [B00_0039].

. *Corpus oral (transcrição)*

39. [...] Tem um ôto **remédio pa** febre também, **tratava ele de** oreia-de-onça (...), era um **ramo** da fôia redonda e tinha até uma oreia nele... **era bão** demais **pa** febre também_[...] (CAM2S79).

Neste caso, a unidade lexical *orelha-de-onça* possui uma clara motivação por suas folhas se parecerem com a parte do corpo do animal (39) (40). Discussão levantada no terceiro capítulo, quando falamos sobre a relação entre o nome e a coisa nomeada. Este já é um ponto de semelhança em ambas as definições.

Outra semelhança é a indicação do gênero *erva* (38) e *ramo* (39), porém, em se tratando da forma como são apresentadas as especificidades, observamos algumas diferenças: o extrato do banco de dados faz o uso da comparação, menciona o tipo de solo onde a planta é encontrada e pontua as propriedades medicinais, ao passo que a do *corpus* é mais sucinta restringindo-se ao formato da folha e ao uso medicinal para o tratamento da febre.

Quanto aos expoentes linguísticos, são semanticamente parecidos, como: *he prodigiofa para* (38) / *remédio pa* (39). É mister ressaltar que essa planta aparece registrada apenas nos dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (1987).



Orelha-de-onça *Cissampelos ovalifolia* DC
Fonte: Barros Filho (2018)

SASSAFRÁS

. Banco de dados – DHPB

40. Sassafrás **hé páo** não só lustrozo. como **aromatico** em extremo e **muito** medicinal. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], CARTA VIGESIMA: () [word count] [A00_0846].

. Corpus oral (transcrição)

41. [...] Tem um **ôto tipo de** madeira **de fazê** chá também, menina... **sassafráis** (...) ele... cheroso... né... um **perfume gostoso** e um **perfume de chá** mes' sabe... então, a gente lava a madeira dele corta... vai lavrano (*gestos*) a madeira e fazeno o chá. **É gostoso** demais o chá e **serve tamém pa** cólica, né [...] de estômago [...] é... quarquê cólica. E gostoso! E também pra... é... **usá ele** com... pão, né, um pão de queijo... rosca... é gostoso (...). Não... esse **é a madeira** só mes'... **pa fazê** o chá. **Dá** frutinha, **só pa**... pa semente, pa reproduzi, né (...) a gente nem vê... **é muito miudinha**, né? [...] (AM1A63).

Sassafrás é palavra de etimologia latina, incorporada no português brasileiro através do espanhol, como explica Nascentes (1966).

Os dois excertos acima possuem significativa semelhança: a primeira delas é que ambos começam descrevendo a planta com itens léxicos que possuem afinidade semântica *páo* (40) e *madera* (41), ou seja, pertencem ao mesmo campo lexical⁸⁶; em seguida, comentam sobre o aroma: *aromatico em extrem* (40) e *cheroso / perfume gostoso* (41); depois indicam o uso medicinal: *muito medicinal* (40) / *serve tamém pa cólica, né [...] de estômago* (41).

O fragmento extraído do banco de dados é mais sucinto, enquanto o que foi retirado do *corpus* fornece outros detalhes, como o modo de preparo do chá e os acompanhamentos que harmonizam com ele, como o pão de queijo, além de descrever mais a planta, ao mencionar os pequenos frutos que, segundo o narrador, têm a serventia de promover a reprodução do *sassafrás*.

⁸⁶ Coseriu (1997) e Geckeler (1976).



Sassafrás *Ocotea odorífera* (Vell) Rohwer
Fonte: Barros Filho (2018)

4.2.1 Das especificidades do *corpus*

Seguiremos com nossas análises trazendo cinco unidades lexicais que não aparecem no banco de dados do DHPB, uma vez que o fato de não estarem registradas é um dado a ser observado, de modo a justificar a particularidade do nosso *corpus*, pois fora o teor das definições que, como vimos, trazem memórias históricas e subjetivas muito específicas, têm registradas unidades lexicais que não podem ser encontradas nos textos históricos que consultamos.

É importante dizer que, dessa vez, além de destacarmos os processos definicionais (traços linguísticos) com o negrito, vamos ressaltar também as ocasiões em que se aflorou alguma memória subjetiva do interlocutor, porque pretendemos aprofundar mais nessa característica muito presente nas definições do nosso *corpus*.

AROEIRINHA

1. [...] Um tal de aroerinha ... que se ocê passá debaxo dela, cê empola que cê custa enxergá [...]. **É árve** tamém, **igual um** pé de laranja assim, um pé... da tora, madeira grossa assim, ó (*gestos*). Ela parece que ela tem um trem. Ocê corta ela assim (*gestos*), **ela dá** uma água na madeira dela, **se** ela pingá n'ocê, aquil'ali vira um... aquilo empola... naquele lugá ali. **Eu mes', quando era moleque, eu num podia passá nem debaxo dos pé... e l'em casa tinha demais. Aquilo, mais me dava um... uma alergia que Nossa Senhora!** A única coisa pa dá volta era leite. Tomá bain' (banho) no leite. É, uai (...). Dá pereba... na gente assim, ó (*gestos*) [...] (CAM3R69)

2. **No mato, nós ia brincá no mato, tinha perigoso demais era a aroerinha [...]. Se andasse no mei'do mato e encostasse na aroerinha, empolava o corpo tudo, inchava o oi (olho), inchava tudo... nós tinha que tê o maió cuidado com a aroerinha [...]. Passava água de sale... pa desinchá [...].** Só água com sal [...]. Resolvía. Acabava tudo [...] **Era boa** [a lenha], demais da conta [...]. Não. Na lenha não tinha perigo, depois que roçava, quemava as fôia, né? 'Que probrema era só as fôia [...]. **Que o povo antigamente cozinhava só no fogão a lenha, né?** [...] **Só que** a aroera é árve grande, né? A aroera que é (...), que é de lei, é árve grande. E a aroerinha **é árve pequena** [...]. [A folha é] miudinha. Da aroera **é grande**, né? [...] (IF1D73).

A etimologia da palavra, como explica Nascentes (1966) e Houaiss (2007) é de origem controversa, provavelmente do árabe *daru* somado ao sufixo *-eira*.

Tanto o narrador quanto a narradora indicam o gênero, trata-se de uma árvore. Em 1, as características específicas são apresentadas através da comparação com a laranjeira e da gesticulação com as mãos e braços para demonstrar a grossura do caule; em 2, a descrição é

feita por meio da distinção entre referentes, no caso, entre a *aroeirinha* e a *aroeira*. Somente IF1D73 fala sobre sua utilidade para lenha.

Como podemos constatar, trata-se de uma planta urticante e, durante a descrição, ambos os interlocutores acrescentam à definição a sua subjetividade, ao narrarem sua experiência não muito agradável com a planta. Ele diz que é a água que solta da madeira que causa a irritação, ela afirma ser o contato com as folhas; concluimos que seja provável que todas as partes da planta causem irritações dessa natureza.



Aroeirinha *Lithraea molleoides* (Vell.) Engler
Fonte: Barros Filho (2018)

BUCHINHA

3. [...] A buchinha ela... cê conhece essa bucha que a gente... panha? **É daquele tipo, só que** a des (delas) é pititica assim, ó (*gestos*). Essa buchinha é abortiva também [...]. Ela é igual, por exemplo, tá com sinosite... a gente... pega ela e bate ela assim (*gestos*), ela dá uma espuma, a gente... respira aquilo assim, cura sinosite, ma' diz que é pirigoso, porque (...). Num sei, diz que amarga passado. É abortiva a buchinha. **Essas que as muié usava pa abortá (...). Morria muitas, né. Dava hemorragia, né [...]** (GF2M74).

4. [...] A buchinha **ela é da família** dessa bucha de tomá bain' (banho), **só que** ela é miudica [...]. Uai, **ela serve pa** gente... serve pa criação [...] pa tomá [...]. Uai, se... às veiz, se a... se pessoa (*risos*) num... num quisé engordá, sabe? Ali toma... ali um... pode fazê até um pozim dela, ôta hora freve ela (...). É pa engordá (...). Então, cê... assim, igual uma... a gente mes', é igual assim a pessoa num tá bão pa alimentá, é igual a quina, sabe? **Cê... põe ela ali, põe um poquim d'água num... numa vasiinha e põe um... põe ela lá e tira e toma aquela água, 'maigosa (amargosa).** Pa criação tamém. Agora, a criação costuma... um animal assim, cê dá ele um pedaço na boca dele, p'ele comê aquilo, engoli, sabe? Pa engordá, sabe? [...] Não, buchinha **num é veneno não**, buchinha é remédio [...] (CAM3R69).

5. [...] A buchinha ... é abortiva. Muito abortiva a buchinha [...]. É uma bucha igual dessas bucha vegetal... só que ela é miudinha assim (*gestos*). **Eu acho que lá dentro eu tem umas... 'que a gente dá assim p'as vaca quando... elas dá cria e num limpa... aí dá a buchinha pra elas, sabe? [...]. É... aí elas limpa tudo (...).** Essa é altamente abortiva. Até pra vaca, se ela tivé com o bezerrim na barriga, ela aborta ele. Não pode dá [...] (CuF2E75).

6. [...] **Buchinha tamém es (elas) bebe, né.** Eu tem até dela aqui, porque eu fiz pa' botá na... eu num sei ond'é qu'eu puis ela [...]. Ele dá igual essas ôtas bucha mes' (mesmo), só qu'ela, a fôia dela é mai' miúda e ela alastra e dá as buchinha assim (*gestos*) (...). **Essa ês (elas) bebê só pa' abortá e botá ela de môi (molho) do arco (álcool)** pa' reumatismo [...]. **Eu tem dela aí, tá até no arco (álcool) (...). 'Cê qué vê a garrafada qu'eu tem pa' passá na perna? Que miora (melhora) a minha perna? [...]** (GF1D85).

7. [...] Faiz aborto. Se frevê e bebê... **eu sei de muita muié que abortô de fazê esse tipo de coisa dela, sabe? [...].** Não. A que eu sei mes' é essa buchinha. Essa aí não pode, sabe? É um trem brabo. Fazê o chá... eu sei de **muitas muié que abortô... bebendo chá dessa buchinha, sabe? E a sementinha dela (...)** el'é tão braba... **que se alguém carregasse um cartucho com... com ela... envenenava o cartucho, sabe? De tão brabo que ele é [...].** Uai... [cartucho] de arma de fogo. Quando a gente mexia com isso... **no tempo que mexia. Hoje, num mexe mais, né? (...). 'Que tem uns remédio que tem veneno e é bom, né? Num pode é... usado conforme o tipo, né? [...]** (CoM2B74).

De todas as plantas abortivas, a *buchinha* é a mais recorrente no *corpus*. Ela também é utilizada para fins medicinais, como: para limpar o útero das vacas que pariram; cortar a febre; abrir o apetite; tratar a sinusite e o reumatismo. Como disse CoM2B74 “[...], tem uns remédio que tem veneno e é bom [...]” e o que vai fazer dele um remédio ou veneno é, muitas vezes, a quantidade, por isso, é preciso saber usar “[...] conforme o tipo [...]”, ou seja, conforme a finalidade que se deseja.

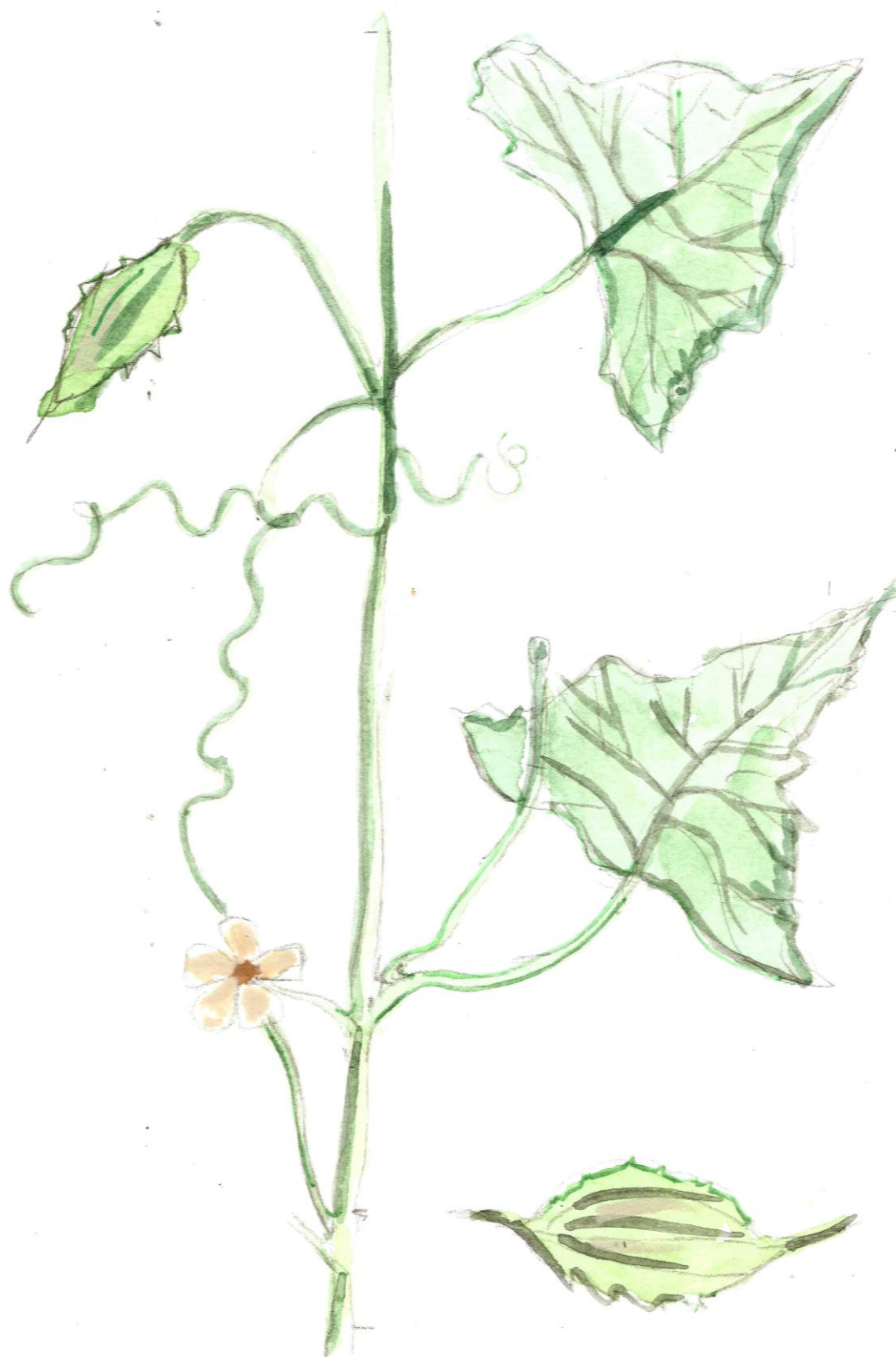
Essa planta recebe esse nome, porque pertence à família das buchas vegetais, mas como é muito pequenina, foi acrescentado o diminutivo *-inha* à base latina *bucha*, que foi incorporado ao português através do francês arcaico *bousche* (HOUAISS, 2007).

Todos os excertos fazem menção às propriedades abortivas dessa planta, esse tipo de conhecimento que é vivenciado, compartilhado e repassado é o que, como vimos no primeiro capítulo, constitui as memórias coletivas ou, como prefere Pollak (1989), memórias enquadradas⁸⁷. Como já dissemos em dois casos analisados anteriormente (*barbatimão* e *calunga/milome*), esse tipo de relato diz muito sobre as relações de gênero, sobre os direitos e deveres entre homens e mulheres na sociedade daquela época; o que é interessante para observarmos, por exemplo, o que mudou de lá para cá com relação à equidade em nossas práticas sociais.

Todos os fragmentos definem a *buchinha* comparando-a com a bucha vegetal, exceto em 7 que não há uma descrição, contudo contém um dado histórico diferente das demais: usava-se a semente para envenenar o cartucho das armas, período em que, segundo ele, não havia uma legislação para o uso de armas de fogo, como temos hoje.

Chamou-nos a atenção o processo definicional construído em 4, pois até o momento, nenhuma das definições que analisamos traz a marca linguística *da família* para indicar o *gênero próximo*, em contrapartida, a expressão *serve para* utilizada com a finalidade de introduzir os usos medicinais é muito recorrente.

⁸⁷ [...] A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra como vimos em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes [...] Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. É, portanto absolutamente adequado falar [...] em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva [...] (POLLAK, 1989, p. 09).



Buchinha *Luffa operculata* (L) Cogn.
Fonte: Barros Filho (2018)

ESPINHO-DE-AGULHA

8. [...] Uai, que dava espim, era o espim-de-agúia (agulha), né? O espim-de-agúia (agulha) era perigoso demais da conta [...]. Ele é um cipó [...] (...) puro espim [...]. **Uai, o espim-de-agúia (agulha), eles sempre falava que quando enfınca, assim, não é fáci' de saí, né? Difíci' saí, né? Tem que tê muito cuidado com o espim-de-agúia (agulha) [...].** [Ele dava] no mato [...]. No cerrado não. No cerrado num dava espim da aguia (agulha) não, só mes' (mesmo) no mato (...). Lugá de curta, só [...] (IF1D73).

9. Tal de espim-de-agúia (agulha) (...) é uns espinhão que dá aquelas moita que... nada pa entrá naquela moita. Trançava assim (*gestos*) [...]. Não, esse é mais cipó. CAF2R84: **Iss'aí es (eles) fazia arco de penera, né (...).** CAM2S79: **Era perigoso! Doía passado! O espim-de-agúia (agulha) tinha, né [...]. Uai, es (eles) fala', es (eles) fazia pa tirá estrepe do pé, diz que es (eles) fervia esse espim-de-agúia (agulha) pa banhá... que aí diz que o... aqueles estrepe saía, né (...). 'Quê de primera o povo num usava calçado, né (...). Quê de primero num existia calçado, botina, nem nada, né. De primera, na... onde nói' morava... primera precata de pneu que nós viu lá, só pa rico. Então, tinha que sê mei' rico pa possuí um par de precata de pneu. Cê pensa, nem botina, né. Eu fui calçá a primera botina eu tinha doze ano... que eu calcei a primera botina. Quais num dormi de noite (*gargalhadas*). Levava a mão na cabeça da cama pa vê se es (elas) tava lá (*gargalhadas*) (...). Satisfeito demai', né, quê nunca tinha ganhado um par de botina (...). De primera a vida era sofrida (...). Nói' só num passô fome, né (...). De primero o povo falava: óia, a primera coisa que faiz, que 'cê fô fazê uma casa... a primera coisa é fazê o quintal e plantá a mandioca. Quê se tivé a mandioca, num passa fome [...] (CAF2R84 e CAM2S79).**

10. Espim-de-agúia (agulha). Ele dá uns espinzim mai' ou meno' assim, ó (*gestos*), igual uma agúia (agulha). Batê na gente, enfınca. Dá plantadim igual uma agúia (agulha). **Cê óia ele assim... é uma agúia (agulha) que tá pregado lá, sabe, lá na maderá.** Chama espim-de-agúia (agulha) (...) pa podê fazê o arco das penera... é dessa árve [...] (CAM3R69).

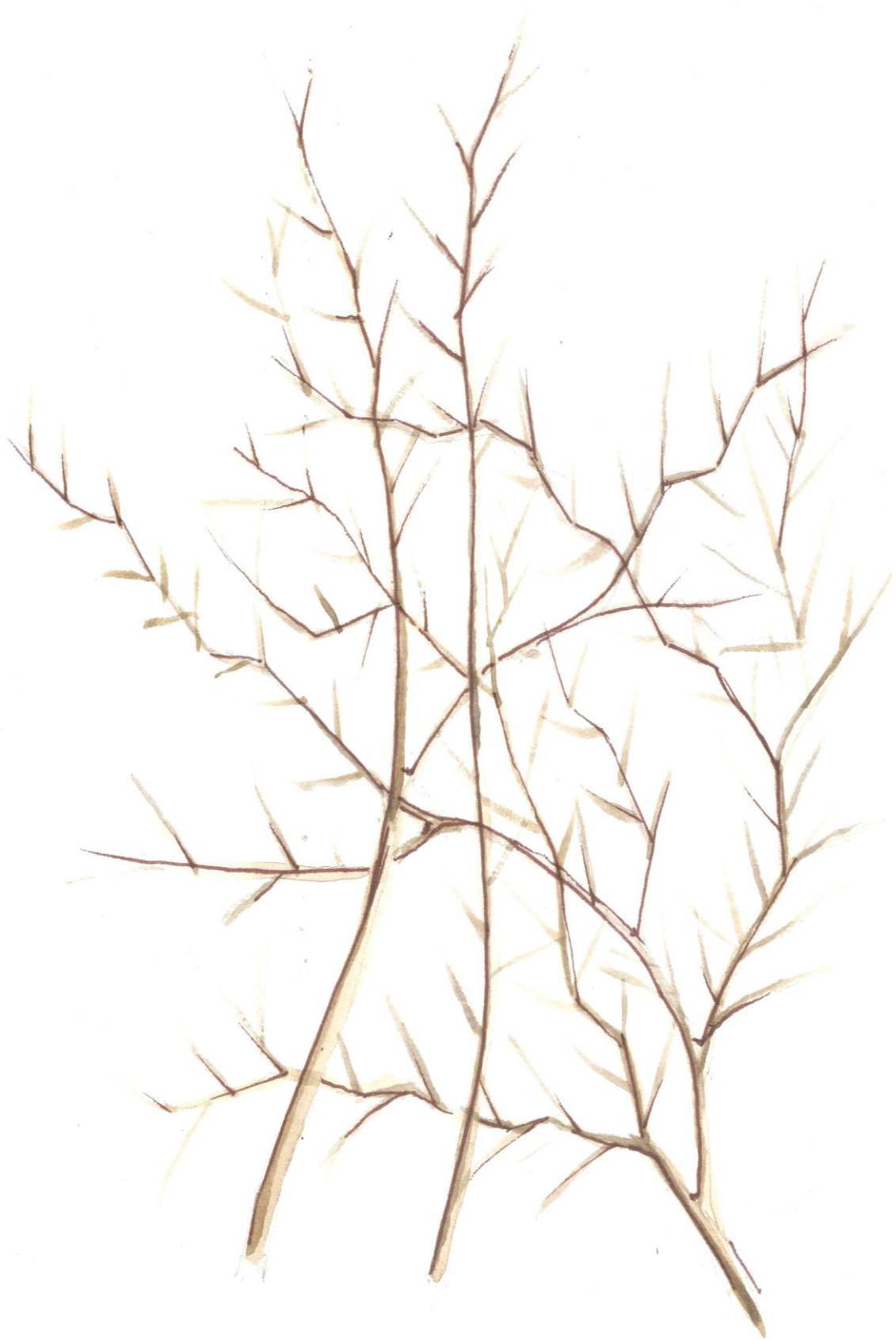
Se a *buchinha* é a planta mais falada por conta de suas propriedades abortivas, o *espinho-de-agulha* é o mais recorrente em se tratando das cortantes. Por ter muitos espinhos e por serem parecidos com a agulha de costura, é frequente essa a comparação nas descrições sobre a planta, daí a motivação do nome. Poderíamos dizer que o próprio nome contém a marca do gênero próximo *espinho* e da diferença específica *de agulha*.

O excerto 9 traz um relato de memória atrelada a dados econômicos, quando vai apresentar o uso medicinal, que era o escalda-pés feito com a fervura do espinho de agulha para tirar as farpas (estrepes) que enfiavam nos pés das pessoas. Segundo ele, isso acontecia porque a maioria não tinha condições de comprar um calçado mais resistente, de modo que os pés ficavam desprotegidos.

No caso, era considerado rico quem usava as alpercatas confeccionadas com pneu, porque isso significava que aquelas pessoas tinham dinheiro para pagar por elas. Isso materializa a visão de riqueza e pobreza para a época, naquela região específica do país. O

que vai ao encontro das discussões que fizemos anteriormente⁸⁸, sobre a(s) história(s) de Goiás. Ele emenda dizendo que fome não se costumava passar porque todos se preveniam, plantando mandioca em seus quintais. No momento em que falava sobre as botinas, que ainda não existiam, pelo menos naquela região, conta da emoção que sentiu quando ganhou o seu primeiro par, aos 12 anos, em 1948.

⁸⁸ Ver capítulos I e II.



Espinho-de-agulha *Acanthospermum hispidum* DC
Fonte: Barros Filho (2018)

SANGRA D'ÁGUA

11. [...] tinha uma **planta do brejo**, chama sangra d'água . Bebia. Aquele **é um antibiótico** muito violento... cicatrizante. **Elas dava o bain' (banho), tomava o bain' (banho) na sangra d'água e bebia tamém o chá da sangra d'água pa podê... por causa da infecção [...]. Uma árve normal que dá** geralmente em terreno úmido... brejo... terreno de brejo (...). Um pé de mamão **é quais que parecido com** um pé de... com'é que chama aques (aqueles) trem que tucano gosta de comê o broto dele... que dá no brejo (...) Umbaúba (...) o broto daquele trem [...] (CAF1O74).

12. [...] Cuié de pau era a sangra d'água que es (eles) falava [...]. Sangra d'água **é um pau que dá no brejo**, na bera de brejo... **ele dá** gaiada assim (*gestos*), cê... por baxo da fôia dele era branquinha, cê óia ele assim, era tudo branquinha. Cê cortava a madeira dava o sangue... saía sangue [...] **por isso que** es (eles) falava sangra d'água, né [...] (CAM2S79).

13. [...] Fazia... e punha no vinho **pa curá...** infecção de ovário (...). **Sara... sara... tem que sê ela... o pé-de-perdiz junto, né... e a... casca da sangra d'água ...** a sangra d'água a folha dela **é tipo um** coração [...] [ela é encontrada em] em brejo... lugá úmido (...). Melhor... bêra de córgu (...). Ele [o pé de sangra d'água] é grande... el'é uma árvore... ela dá uma árvore grande... tipo... só que a madeira dela não é aproveitave pa fazê nada, né (...). Não, lenha pode... lenha faiz, né (...). **Aí, você tira a raiz... a casca da sangra d'água né... e... e coloca junto... com... com algodãozim né [...]** (AM1A63).

14. [...] Tem uma sangra d'água **do brejo...** essa **é próprio pa** 'morróida (hemorróida) [...]. Essa **é do brejo** [...]. **Ela dá árve** [...]. Não. Média tamém, num dá muito grande não (...). A fôia... a fôia **serve... mais... pa...** a casca que é pa... pa 'morróida (hemorróida) e o sangue dela, 'que **ela tem um** sangue... esse é pá machucado. OF1Z69: Ela **dá** um leite, então, ês(els) fala sangue, né? OM1O76: É... mais é vermeim (vermelhinho) (...). 'Ocê passa ele numa... numa ferida... **só porque** ele tem uma ferida que tivesse fechano, né, porque ela fecha a ferida (...). **Porque às veiz a gente corta... e usa, né? E num pode [...]. Porque fecha duma veiz... fecha fora de hora, né? (...).** E já **pa** 'morróida é casca, **faiz o** chá e bebe (...) pode banhá tamém, né, a 'morróida (...). **Ela dá uma grossura** assim (*gestos*), mais ou meno'... o é da árve (...). E essa só dá no brejo tamém [...] (OM1O76 e OF1Z69).

Além de não estar registrada no banco de dados, não está dicionarizada em nenhum dos acervos que consultamos e nem é mencionada nas demais obras que têm nos auxiliado. A *sangra d'água* é uma planta cujo nome é motivado por duas razões: o leite avermelhado que escorre da madeira, por isso *sangra*; e o tipo de lugar onde ela costuma nascer, geralmente, beiras de córregos ou brejos, em que temos *d'água*. Inclusive, um de nossos interlocutores analisa intuitivamente a primeira parte da motivação, em 12: “[...] Cê cortava a madeira dava o sangue... saía sangue [...] por isso que es (eles) falava sangra d'água, né [...]”. A criatividade humana é capaz de construir coisas muito bonitas, *sangra d'água* poderia ser um neologismo roseano, ou talvez sejam as criações de Guimarães Rosa a inspirar-se naqueles cujo caderninho de anotações são seus próprios corpos.

A memória compartilhada entre eles é o modo de preparo dos remédios, onde o uso predominante é para tratar a infecção de ovário e cicatrizar feridas, somente 14 aborda um uso diferente (a folha serve para tratamento de hemorroidas) e 12 apresenta apenas a descrição da planta, mas de forma bem minuciosa e direta, sem o uso da comparação e revela também o uso da madeira para confecção de colheres de pau. Em 11, descreve-se a *sangra d'água* a partir da sua aparência com a mamoneira e a umbaúba, em 13, aponta-se a semelhança da folha com o desenho em formato de coração. Nos fragmentos 12 e 14 recorre-se a definição ostensiva.



Sangra d'água *Croton urucurana* Baill
Fonte: Barros Filho (2018)

VERGA-TESA

15. [...] Esse aqui (*gestos*) **é um negócio que faiz** a muié... fica fogosa (*risos*). É... **dá vontade de ficá** [...]. Essa aí **chama** verga-tesa. **Dá vontade de ficá** com o homi [...]. É, essa que é o verga-tesa [...] Ele [verga-tesa] **dá assim**, raizada bem dura de ‘rancá, mais é forte mes’! **Cê põe o enxadão assim** (*gestos*), **ela nem qué cortá, de tão dura que é**. Aí, cê ‘ranca ela... **ela dá um tanto** de raiz **assim**, junto (*gestos*). E **dá umas** foinha comprida assim (*gestos*) e **dá uma** flor bonita, cor-de-rosa, **pareceno uma** perereca (*gargalhadas*). Aí, tem duas beiradinha assim (*gestos*), com o negocim no mei’ assim, ó (*gestos*), um miolim, **mêma coisa duma** perereca (*gargalhadas*) [...]. Ah! Dá pa homi e muié (...). Pode! **Às vez, num tá prestano, né? O trem tá caíno** (*risos*) (IF2M75)

16. [...] **Tinha não... tem** [viagra natural]. **Esse eu conheço** (*sorrindo*). **Logo aqui perto tem... e ele faiz... uma potência doida** [...]. **Uai... nós conhece ele... pode até tê ôto nome... mais eu conheç'ele por vesga-tesa**. Então, tem ele que **parece** uma fôia de alecrim... a fôia comprida... tem ele duma foinha mais... comprida assim (*gestos*)... uma fôia... **até mei'** amaralada... e tem ele no campo tamém... isso tudo é no campo... do ramo grande assim (*gestos*), ele dá **tipo de feijão... com a fôia cor rosa. A pessoa tira iss'aí, bebe... põe de môi (molho) ou põe num vin' (vinho)** [...]. É... **a raiz. Mai' dá uma potência doida... um trem fora do sério. É uma coisa interessante, sabe? (...)**. É quais' a mêma reação (...) do remédio que vende na famácia, sabe? [...]. **Não. Eu acho assim que tudo num dexa de dá uma agitação, 'que o... ele dá o... a mêma potência do ôto, né? Esse tipo de coisa assim (...). Ele dá a potência [sexual] (...)**. Uai, acreredito qu'isso vale é pa quarqué pessoa... seja masculino ou feminino, sabe? [...] (CoM2B74).

17. A catuaba [...] **é a planta** [...] chama catuaba. É uma das que... os homi mais usa [para impotência sexual], né? [...]. Ela é... ela... 'cê conhece o alecrim? [...]. Ela **parece o** alecrim, **só que** a folhinha **é mais cumpridinha** e ela **num dá pé... ela num dá o pé, ela dá** moitinha, baxinha no chão assim (*gestos*)... sabe? Só que é a moitinha **igualzim um** alecrinzim assim (*gestos*) (CuF2E75)

Da mesma forma que *sangra d'água* não está registrada em nenhuma das obras que utilizamos para nos auxiliar nas análises, *verga-tesa* também não está. Já a sua variante *catuaba* pode ser encontrada em Houaiss (2007).

Ao analisarmos, percebemos que, em 15, temos uma planta com características um tanto diferentes da que é descrita em 17. Além do mais, em 16, são mencionadas duas espécies diferentes: a primeira, dita semelhante ao alecrim (como em 17), e outra parecida com um pé de feijão, de onde brota uma flor cor-de-rosa (característica que vai ao encontro do que é apresentado em 15).

Durante nossas pesquisas, verificamos que Grandi (2014) traz o registro da *catuaba* e da *catuaba-falsa*. Constatamos, assim, que a planta de que fala-se, tanto em 15 (“dá uma flor bonita, cor-de-rosa, pareceno uma perereca”), quanto em 16 (“do ramo grande assim (*gestos*), ele dá tipo de feijão... com a fôia cor rosa”) corresponde à *catuaba-falsa*, segundo a autora, conhecida também como *arnica-do-mato*, cujo nome científico é *Clitoria guianensis*

(Aubl.)Benth; ao passo que aquela presente em 17 (“Ela parece o alecrim, só que a folhinha é mais cumpridinha”), bem como em 16 (“parece uma fôia de alecrim... a fôia comprida...”) trata-se da *catuaba*, dita *verga-tesa* ou *catuaba-verdadeira*, a mesma também registrada no dicionário Houaiss (2007), e é também a que está ilustrada ao final dessa análise.

No que diz respeito aos recursos linguísticos utilizados no processo de descrição, o recurso utilizado predominantemente é a comparação: em 15, a narradora relaciona a flor à genitália feminina; em 16, o narrador compara uma das espécies ao alecrim e, a outra, ao pé de feijão; e, finalmente, em 17, a entrevistada também aponta a semelhança entre a *verga-tesa* e o pé de alecrim.

É válido dizer que muitos dos momentos de mais descontração, durante as entrevistas, se deram por conta das explicações a respeito da *verga-tesa*, devido a sua principal função medicinal: o tratamento para disfunção erétil e falta de libido. Os homens, apesar de saberem bastante sobre a planta e principalmente os seus efeitos, jamais confirmaram se fizeram ou não o uso da planta; as mulheres aproveitaram para brincar e fazer piadas.



Verga-tesa *Anemopaegma arvense* (Vell.) Stellf.
Fonte: Barros Filho (2018)

4.2.2. Pensando a *definição liminar*

As definições do nosso *corpus* constituem-se enquanto intersecção entre passado e presente, numa espécie de *continuum*. Isso pode ser confirmado através das análises comparativas com os excertos retirados do banco de dados do DHPB. O que queremos dizer é que existe uma semelhança na maneira de construir a definição, tanto nos textos escritos, quanto nos registros orais transcritos; mesmo que o expediente linguístico não seja exatamente o mesmo, é perceptível que são empregados no mesmo sentido, com as mesmas nuances semânticas. Além do mais, era esperado que nossos interlocutores usassem expressões diferentes, ainda que com sentidos parecidos, uma vez que o seu modo de falar acompanha as mudanças pelas quais a língua passa, principalmente, após a chegada da televisão, a internet e outros meios de comunicação.

Notamos que a maioria das descrições é formulada pelo método da comparação, seja com relação a um referente estrangeiro, o que acontece nos excertos retirados do banco de dados do DHPB, seja no caso daquelas que foram retiradas do nosso *corpus* que, ora são comparadas com outras plantas da mesma região, ora com algum objeto ou partes do corpo humano ou de algum animal.

Como percebemos, essa comparação pode ser formulada de várias maneiras: exaltando as semelhanças (altura, textura, cheiro, sabor, colocação, utilidade) ou pontuando as diferenças (maior/menor; grosso/fino; liso/áspero; redondo/estrito; alto/baixo; cheiroso/fedido). Há a presença também da definição ostensiva que, no caso específico daquelas que são produzidas oralmente, corresponde aos momentos em que os nossos narradores, ou mostraram a planta, ou gesticularam (principalmente mãos e braços) para especificar o tamanho, largura, grossura.

Noutras ocasiões, a descrição foi feita assinalando o gênero (se é árvore, arbusto, erva, cipó) e, posteriormente, a diferença específica, acompanhada da descrição minuciosa dos aspectos externos: o tamanho e textura das folhas, a espessura dos galhos e troncos, o cheiro, o sabor.

Por se tratarem de plantas medicinais, grande parte traz também informações sobre as propriedades curativas, grau de periculosidade (se são abortivas, venenosas, cortantes ou urticantes) e demais serventias, como uso da madeira.

Durante as análises, atentamo-nos também aos dados históricos, aos saberes sobre a natureza (diferenciação entre capoeira, cultura e cerrado) e à subjetividade dos narradores, por percebermos que estes são aspectos importantes, pois constituem as definições presentes no

corpus, caracterizando-as de modo particular. Essas particularidades engendram-se, justamente, dos *saberes da roça* de que falamos ao longo desse trabalho; saberes que sobrevivem entrincheirados entre o rural e o urbano, que habitam lugares fronteiriços, portanto, fraturados.

Dessa forma, chegamos aos dois pilares principais da tipologia definicional que propomo-nos a construir: a *definição liminar*. Para falarmos desses pilares, podemos começar partindo do nome da tipologia. Na primeira parte, temos a unidade lexical *definição*, ela abarca as discussões voltadas à questão dos processos paralexigráficos que, como vimos, consistem em fatores linguísticos inerentes ao ato de definir enquanto um fenômeno espontâneo, ou seja, um processo cognitivo que independe e é anterior, tanto às práticas lexicográficas, quanto à Lexicografia enquanto teoria. O próprio ato de definir, em si, é inerente ao nosso modo de usar a língua como um dos recursos que criamos para compreender a realidade: nomeando as coisas e descrevendo-as. Assim, a definição, aqui, refere-se a esses casos de natureza espontânea, produzidos, preferencialmente, na oralidade, como acontece em nosso *corpus*.

A segunda parte, com o termo *liminar*, traz as reflexões teóricas que vão se voltar para os falantes que produzem tais definições e os saberes, nelas, materializados. Sujeitos que falam de entre-lugares, cicatrizes históricas que estão longe de ser um *locus* concreto e bem delimitado, mas fraturas produzidas pelo embate entre duas forças: uma que quer dominar e a outra que não quer ser dominada. O exemplo mais clássico desse tipo de conflito são as situações onde houve um processo de colonização. Entretanto, esses acontecimentos ocorrem também em instâncias menores, no plano do microfísico da vida em sociedade, principalmente, após a emergência da “modernidade”, em que há uma tentativa constante de camuflar esses lugares fronteiriços, no intuito de sustentar em nós a ideia de que o período colonial acabou. Ideia que pode ser facilmente contestada, principalmente por aqueles que vivem a inventar *trampolinagens*.

É esse o sentido de *liminar* que adotamos a partir da proposta de Mignolo (2003): o saber que não é nem periférico, nem dominante; o saber que não é híbrido, mas artimanha, que usa aquilo que o subjuga a seu favor, na tentativa de não deixar morrer a sua cosmologia, a sua identidade, as suas raízes. Desse modo, se a língua pode ser usada como uma arma colonizadora e segregante, ela também é a brecha por onde escapamos e sobrevivemos. O português brasileiro pode ser um exemplo disso e as definições que analisamos são uma pequena amostra.

Podemos dizer, enfim, que a *definição liminar* é toda definição de natureza espontânea, produzida oralmente, por sujeitos que falam de um lugar fraturado da história. Dito de outra forma, é a definição que consiste em uma descrição, enquanto processo cognitivo, construída por meio de processos paralexiconográficos e que, em termos linguísticos, se constitui a partir da relação entre as palavras e as coisas e não entre significantes e significados (mesmo que estes se façam presentes), onde se encontram materializados, em primeira instância, saberes que podem ser chamados, num sentido não pejorativo, de populares, isto é, *saberes locais*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos às considerações desse trabalho enxergando-as como um ponto final que prevê a página seguinte. O que será escrito *a posteriori* dependerá sempre das particularidades do *corpus* e da disposição do nosso olhar em vê-las e pensá-las. Dos planejamentos para o futuro, pretendemos produzir um documentário, utilizando as filmagens gravadas ao longo do trabalho de campo. Esse documentário será lançado durante a exposição itinerante que iremos organizar e que começará por Goiás, com locação nos municípios onde estivemos durante a pesquisa. Nosso intuito, primeiro, é levar aos nossos interlocutores um retorno do estudo que desenvolvemos juntamente com eles; posteriormente, iremos nos preparar para participar de festivais⁸⁹ cuja proposta contemple a temática dessa produção.

Ademais, foi aprovado o projeto de pós-doutorado (PNPD/CAPES) *Vocabulário socioterminológico da medicina tradicional em Goiás: um estudo lexicultural*⁹⁰, onde será desenvolvido um estudo lexicultural da flora medicinal do cerrado em Goiás, com vista a contribuir para a construção de um vocabulário da medicina tradicional. Para tanto, serão utilizados dados dessa pesquisa, como também aqueles registrados em Paula (2007) e Cardoso (2018). Com a proposta em tela espera-se: (i) fornecer banco de dados futuro para estudos de estado presente da língua portuguesa; (ii) apresentar dados da etnobotânica que tanto servirão a linguistas, farmacologistas, biólogos, antropólogos ou outros pesquisadores; (iii) constituir-se em relevante e vernacular *corpus* para lexicógrafos e (iv) trazer à tona o acervo vocabular da flora medicinal do cerrado em Goiás, sob a forma de um vocabulário que permita contribuir para o estabelecimento da terminologia da medicina tradicional. Ainda é meta que a pesquisa e os resultados dela decorrentes consolidem a inserção internacional da proponente e da supervisora, em estudos de cotejo lexical e divulgação conjunta de resultados em expedientes internacionais.

Voltando ao presente estudo, cabe reiterar que o fizemos a partir da Lexicologia e suas interfaces, especialmente, com a Semiótica, a Antropologia, a Sociologia e a História.

Inicialmente, a nossa escolha em entrevistar essas senhoras e senhores partia da hipótese de que apenas as pessoas com idade acima de sessenta anos, analfabetas ou com pouca experiência escolar, cuja história de vida está atrelada ao campo, seriam capazes de construir definições fazendo uso de processos paralexigráficos muito semelhantes aos encontrados nos textos antigos do banco de dados do DHPB.

⁸⁹ Festival internacional de cinema e video ambiental (FICA) e Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada do Veadeiros, que já está em sua oitava edição.

⁹⁰ A realização do projeto será supervisionada pela professora doutora Maria Helena de Paula, no programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão.

No decorrer da pesquisa de campo, somente dois desses pré-requisitos se mantiveram fortemente: o fato de todos os nossos narradores terem suas identidades atravessadas pela experiência de vida na roça e a faixa etária, porque quando falamos do campo, estamos pensando em pessoas que o vivenciaram antes da modernização da agricultura e participaram do êxodo rural que ocorreu em Goiás a partir de 1980.

É fato que boa parte dos nossos interlocutores não teve acesso à educação, mas é fato também que entrevistamos pessoas que, apesar de compartilharem dos mesmos saberes, vieram de uma realidade econômica diferente, o que lhes proporcionou a oportunidade de estudar. No entanto, nota-se que esse contato com a escola não interferiu significativamente no seu modo de utilizar a língua, tampouco em sua relação com a natureza.

Durante o trabalho de campo, entrevista após entrevista, fomos percebendo que além dos saberes sobre as plantas e os cuidados com o corpo, outras memórias eram compartilhadas, dando a impressão, muitas vezes, que todos se conheciam e viviam no mesmo lugar. Essa observação nos levou ao entendimento de que se tratava de uma geração marcada, em algum momento, por determinado acontecimento histórico de tal forma que, em seus relatos, esses sujeitos pareciam não fazer parte de lugar nenhum; nem do meio rural, porque ficou no passado, sempre introduzido nos relatos pela expressão *de primeiro*, nem do urbano, porque afirmaram se sentir deslocados e pouco se identificarem com o ritmo da cidade.

Em busca de compreender isso que para nós parecia um *não-lugar*, procuramos, primeiro, entender como se configurava a relação entre rural e urbano por meio da Sociologia rural⁹¹, associando essas discussões a alguns dados históricos específicos (construção da estrada de ferro; início da modernização da agricultura; período do êxodo rural) sobre o estado de Goiás, principalmente, a região sudeste.

Essas leituras foram importantes para situarmos os acontecimentos e percebermos que a chegada da tecnicização da agricultura e o êxodo rural haviam transformado profundamente as identidades dessas pessoas. Nesse ponto, chegamos ao segundo momento em que, a partir da intersecção de teorias da História (Michel de Certeau), da Antropologia (Clifford Geertz), da Sociologia (Michel Pollak) e da Semiótica (Walter Mignolo), conseguimos entender que esse *não-lugar*, por certo, constitui-se num *entre-lugar*, ou seja, uma fratura histórica – resultante dos processos da colonialidade – de onde emergem *saberes liminares, memórias*

⁹¹ Nosso acesso a essas discussões se deu a partir da disciplina *Tópicos Especiais em Sociologia - Ruralidade e Urbanidade na Sociedade Contemporânea*, ofertada pelo curso de pós-graduação em Ciências Sociais, ministrada pela Professora Doutora Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira.

subterrâneas e culturas populares como uma reação às diferenças coloniais, isto é, uma forma de resistência às estratégias de silenciamento. Da Antropologia nos servimos, igualmente, da teoria voltada para a discussão a respeito da pesquisa de campo, uma vez que não se trata de uma coleta de dados *in loco* num sentido objetivo, mas de uma experiência complexa que se estabelece entre sujeito pesquisador e sujeito da pesquisa.

Tínhamos, assim, a compreensão do lugar de fala dos nossos interlocutores e, concordando que o léxico é, em primeira instância, a parte da língua onde se materializam diferentes universos, em que culturas e sociedades convivem e habitam, era preciso olhar para nosso *corpus* de igual maneira. Dessa forma, trouxemos para nossas reflexões as teorias linguísticas referentes à relação entre as palavras e as coisas, bem como os estudos lexicográficos sobre o conceito de definição. Essas discussões foram essenciais para que pudéssemos apreender as particularidades das descrições registradas em nosso *corpus* e, articuladas às reflexões anteriores, nos levaram à formulação de uma tipologia específica que as abarcasse, a qual denominamos *definição liminar*.

Além disso, como base metodológica para organização do *corpus*, partimos das ideias formuladas por Hallig e Wartburg para o *Begriffssystem* (HALLIG; WARTBURG, 1963). Para as análises comparativas entre os excertos do banco de dados do DHPB e as descrições do *corpus*, nos orientamos pelo conceito de processos paralexográficos utilizado por Murakawa (2016). Por meio das análises, constatamos que as definições formuladas pelos nossos interlocutores são uma espécie de *continuum*, uma intersecção entre o passado e o presente, no sentido de que existem semelhanças e diferenças, uma vez que a língua está em constante modificação.

Morfologicamente, em muitos casos, os expedientes linguísticos utilizados para introduzir a descrição não são os mesmos, pois nossos narradores já incorporaram novos usos linguísticos, alguns, recentes. Ademais, existe um fato que é importante lembrar: de um lado, temos textos escritos e, do outro, a língua em sua modalidade oral. Isso torna as descrições do banco de dados mais monitoradas, devido à formalidade sempre exigida para um texto escrito (principalmente daqueles que são enviados para autoridades), ao passo que as do *corpus* são espontâneas, mesmo que em algum momento haja um monitoramento consciente. Entretanto, semanticamente, possuem a mesma função, seja para introduzir uma comparação entre dois referentes ou para informar o gênero próximo e a diferença específica de forma direta, sem o recurso da comparação.

A diferença entre as definições do banco de dados e as do *corpus* é da ordem do olhar, da vivência, do empírico, da subjetividade, da fratura. Sabores que ficaram registrados no

paladar; aromas que ainda perfumam as lembranças; hábitos que se mantêm num cotidiano pretérito e nos imensos quintais do presente; a terra que podia ser brejo, beira de córrego, capoeira, mato, cultura e cerrado; plantas que agora existem apenas em forma de palavras guardadas nos dicionários da memória, como verbetes muito preciosos publicados desprestiosamente durante o preparo de um chá ou através das lembranças, dos passeios de domingo cerrado afora para comer frutas, o primeiro par de botinas, a gestação, o parto, uma queda, a violência sofrida, a fome, a plantação, a colheita, a doença, a benzeção, o veneno e a cura.

Não se trata, como frisamos, de romantizar essas vidas, muito menos impor seus relatos como uma verdade absoluta, mas apenas contar outras verdades, outras histórias que, como quaisquer outras, são passíveis de dúvida ou questionamentos, do mesmo modo que os registros oficiais também jamais serão a verdade absoluta e incontestável sobre quem fomos e quem somos nós hoje. Portanto, as descrições que constituem o nosso *corpus* são *definições liminares*, porque trazem materializados os *saberes da roça* de sujeitos que vivem *entre plantas, memórias e palavras*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de (et al). *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987.
- BARROS, Lígia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 25-96.
- BERNABÉ, Jean ; CHAMOISEAU, Patrick ; CONFIANT, Raphael. *Éloge de la Créolité/In Praise of Creolenses*. Paris: Gallimard, [1989] 1993.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. O dicionário Padrão da língua. In: *Alfa*, 28 (supl.), São Paulo, 1984a, p. 27-43.
- _____. A Ciência da Lexicografia. In: *Alfa*, 28 (supl.), São Paulo, 1984b, p. 1-26.
- _____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. Dimensões da palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n 2, 1998, p. 81-118.
- BLINKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- _____. Crátilo e Hermógenes: motivação versus arbitrariedade do signo linguístico. In: *ESTUDOS DE FILOGIA E LINGUÍSTICA: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981. p. 27-37
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 volumes.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSQUE, Ignacio. *Sobre la teoría de la definición lexicográfica*. Madrid: Verba, 1982.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antartida/Empuries, 1993.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Transcrição do texto, introdução e notas por Ana Maria de Azevedo. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1583.
- CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures in Wordeland and Throughe the Looking-Glass*. Londres: Glasgow : Collins Clear-Type Press, 1900.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORRÊA, Joel Machado; CORRÊA, Walquiria Kruger; GERARDI, Lucia Helena de Oliveira. A problemática da definição e da delimitação do espaço rural e urbano – mudanças no espaço rural e práticas institucionais: o exemplo da Ilha de Santa Catarina. *Geografia*, Rio Claro, Vol. 26 (1), p. 37-58, abril 2001.

COSERIU, Eugenio. Hacia una tipologia de los campos lexicos. In: _____ *Principios de semántica estructural*. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1977. p. 210-242.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega/Passagens, 1996, p. 83-96.

DUBOIS, Jean et. al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1976.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *O saber local*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOMES, Mércio Pereira. *Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. *Tratado das plantas medicinais* [recurso eletrônico]: mineiras, nativas e cultivadas. 1. ed. – Dados eletrônicos. Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014.

HALLIG, Rudolf; WARTBURG, Walther Von. *Begriffssystem als grundlage für die Lexikographie: versuch eines ordnungsschemas*. 2. Neu bearbeitete und erweiterte Auflage. / Système Rainsonné des Concepts pour Servir de Base à la Lexicographie. Essai d'un schéma de classement. 2éme. Édition recomposée et augmentée. Berlin : Akademie-Verlag, 1963.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

INSTITUTO MÁRIO BORGES [IMB]. *Regiões de Planejamento do Estado de Goiás*: 2007. Goiânia, 2007. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/viewcad.asp?id_cad=5101&id_not=8>. Acesso em: 13 de março de 2017.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. *As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981)*. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*, 2014.

KRIEGER, Maria da Graça. A heterogeneidade do léxico especializado e perfis terminológicos. In: MURAKAWA, Clotilde de A. A.; NADIN, Odair Luiz. *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 23-42.

_____. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 158-171.

LIMA, Eli Napoleão de. Novas ruralidades, novas identidades. Onde? In: MOREIRA, Roberto José (org). *Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LUCCHESI, Dante. A diversidade e a desigualdade linguística no Brasil. In: TV ESCOLA/SALTO PARA O FUTURO. *Português: um nome, muitas línguas*. Ano XVIII. Boletim 08. Maio de 2008, p. 29-37.

MARCGRAVE, Jorge. *Histórica Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1952.

MARTIN, Robert.. L'activité définiteire en langage naturel. In: CHAURAND, J.; MAZIÈRE, F. (orgs.). *La définition*. Canada: Larousse, 1988, p. 85-95.

MEIRELLES, Cecília. Romance das palavras aéreas. In: _____. *Obra Poética*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.560-561.

MIGNOLO, Walter de. *Histórias locais, Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. México: Editorial Altavite S. A., 1544.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. O contributo dos relatos de viagem para a lexicografia histórica portuguesa. In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane (orgs.). *Nos caminhos do léxico*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2016, p. 15-32.

_____. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 153-159.

_____. *A construção de um dicionário histórico: o caso do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*. Estudos Linguísticos. Galega 6, 2014, p. 199-216.

_____. Terminologia e marcar terminológicas na Lexicografia Portuguesa de Setecentos: D. Raphael Bluteau e António de Moraes Silva. In: MARQUES, M. A. et al. (orgs.). *Ciência da linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2005, p. 217-230.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: INL, 1996.

ORTA, Garcia d'. *Coloquios dos Simples e Drogas da India*, (02 vol.) Lisboa: Imprensa Nacional, 1563.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2007.

PERUCHI, Rosane Malusá Gonçalves. *O léxico da apicultura e da melinpoponicultura no Brasil: limites e flexibilidade para sua fixação em um dicionário terminológico*. 2014. 447 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2007.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia da Silva, 1832.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, nº 03, 1989, p. 03-15.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. São Paulo, (14), fev. 1997.

PORTO-DAPENA, José Alvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid, Arco Libros, S/A, 2002.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.

REY, Allan. Polysémie du terme *définition*. In: CHAURAND, J.; MAZIÈRE, F. (orgs.). *La définition*. Canada: Larousse, 1988, p. 13-22.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. In: *Alfa* (trad. Clóvis Barleta de Moraes), São Paulo, 28 (supl.), 1984, p. 45-69.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

SILVA, Suelma Ribeiro (org.). *Guia de Plantas do Cerrado Utilizado na Chapada dos Veadeiros*. Brasília: WWF, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

SOUSA, José Luiz Vaz de. *Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos-Goiás*. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão, 2012.

ULLMANN, Stephen. *Semântica – uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VERDELHO, Telmo. Dicionários Portugueses, breve história. In: HOLTUS, G. et al (orgs.). *Lexicon der Romanistischen Linguistic*. Aveiro, Max Niemayer Verlag, 1994.

WEINRICH, Harald. A verdade dos dicionários. In:_____. *Problemas da Lexicologia e Lexicografia*. Trad. Mário Vilela. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1979.

WERNER, Reihold. La definición lexicografica. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografia de la lingüística teórica a la lexicografia práctica*. Madrid, Editorial Gredos, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CORPUS ORAL TRANSCRITO

Ipameri-Goiás

Narradora IF1D73

|...| Agora, nós que foi criad'assim com a mamãe, nós num tinha fazenda, num tinha nada (...) era de pau-a-pique |...| Era assim, cê cortava maderá igual aquel'ali, ó (*gestos*), tá ven[d]o? Lisinha, rolicinha. Cortava ela e fazia... tinha o pau grosso, fazia no chão e fincava, rachava o pau, fazia um (...) no pau assim (*gestos*) ali ia pono os pau, ia c'umas vara, 'marrava embaxo e em cima, assim (*gestos*) |...|. Era bão e era de chão, sabe? Num punha cimento, num punha nada, aquilo fazia o chão picado, bem picadim, 'rumava uma terra (...) batia ela bem batidinha (...) cê num lavava a casa, cê varria |...| (*risos*) cê aguava (...). Nessa época, mamãe falava pra nós assim: 'Minha fia, busca água no rêgo, joga debaxo das cama pra refrescá o calô'. E a casa era limpinha (...) quando era um chão assim limpim mêmo, chega briá (...), cê jogava água, aguava e barria, do povo assim... num tinha fazenda, o que tinha fazenda (...) |...|. O povo gostava mais de fazê [esteio] com a pororoca |...|. Ele é um pau que ele cresce, a árve lá em cima, ele dá as gaia (galha) (...), ele tem umas fôia lumiosa |...|, ele dá umas sementinha, mas fruta não |...| não, é só mes' (mesmo) pra maderá. |...| Sempre, uns cobria com telha, a telha comum que existia antigamente, hoje em dia num existe dela mais, eu num vejo mais (...) e otros fazia de capim, otros fazia de paia de buriti |...| nas alvereda, nos brejo, nas alvereda, essa ainda tem |...|. A folha? Ela é grande, ela dá tipo duma flore, ela abre. É bonita. E as casa ficava boa |...|. É um coquero |...| dá cacho, uns cachão desse tamaim (tamanhinho) assim ó (*gestos*) |...|. Hoje em dia que o povo já faiz doce da castanha do buriti... mai'de primera o povo não fazia não, mais hoje já faiz e é gostoso o doce. Mais era pra enfeite, o povo fazia festa cortava aquês (aqueles) cacho, punha nas barraca, né? As barraca de fôia tamém. |...| Era qualqué capim, macega mes' (mesmo), capim que gado cumia, sabe? |...|. Não, era baxo |...| era das vaca cumê também, gado, cavalo, tudo cumia, né? |...| Carnero, tudo que era bicho de pastá cumia |...|. No mato? |...| É muito coisa que a gente num pode. A gente num tem o nome daquelas fruta que fazia mal, né? |...| Mais sabia que num podia comê |...|. A erva é fôia (...) |...| era umas fôia comprida, umas fôia do mato (...) |...| qualquer coisa que se comê empanzina e morre, até nós |...| num pode (...) essa erva perigosa do mato |...|. Quantos anos tem que eu mudei pra cá? (...) Eu tô com setenta e três, vou fazê setenta e três, né? |...|. Dia 29 de agosto. Me mudei pra cá [Ipameri], eu tava cum sessenta e quanto? (...) Vivi na roça sessenta e dois anos |...|. Tenho sordade até hoje da roça |...|. Nós foi tudo cansano do serviço de roça, né? (...) |...|. Agora, te falá pro cê, cê qué sabê dos remédio do campo? Tem a doiradinha que é bom pro rim |...| essa doiradinha, ela dá uma veia pequena assim, das foinha seca, sabe? E as foinha dela é amarela, então, ela dá uma florzinha amarela, né? (...) Dá umas florzinha bonitinha amarela. Ess'é pros rim, do campo, sabe? |...|. Cê ferve ela, deixa ela em infusão e vai tomano. Hoje o povo põe na geladera, de primero, não (*risos*). Fervia e ia tomano |...|. Fervia todo dia, né? |...| Problema de rim |...|. Todo que é bom pro rim é bão pra infecção de urina, né? |...|. Ela [quebra-pedra] é ratera no chão, essa dá no terrero, dá em qualqué lugá |...|. Não, essa num é do cerrado não. A quebra-pedra num é do cerrado. Tem a conta-de-lágrima que dá em casa |...|. Essa dá em casa e dá no córgu |...|. Essa tamém é pos (para os) rim |...|. Ela dá um capim, um capim e depoi' ela dá a semente (...) Essa é pros rim também, é pra infecção de urina também, tanto faiz como tanto feiz, né? |...| Com o pé de mi' (milho), ela dá alta assim (*gestos*), cê precisa de vê, ela é igual assim as fôia de mi' (milho) |...|. Nós fazia corrente [da semente da conta-de-lágrima] minha fia, pá amarrá nas parede, que naquel' época era de pau-a-pique, né? 'Marrava nas parede dum lado na outra... assim, ó (*gestos*) pá enfeitá e punha ropa enxugá |...|. Sempre-viva era de nós brincá, né? |...| É flore

|...| tem que plantá |...|. Sempre-viva, ela é uma flor seca, num era bonita não |...|. Minha mãe gostava demais de sempre-viva |...|. Tinha dela branca, tinha dela rosa, tinha amarela |...| tinha de várias cores |...|. De brincá. Tinha as florzinha (...) 'marrava nos pau tudo (...). Ih! Minha mãe, na casa da minha mãe tinha demais. Hoje ninguém vê dela mais |...|. Acabô! Iss'era flô do campo, sabe? Mai'minha mãe plantava em casa (...). Agora, remédio do campo tem, cê que[r] sabê... tem a sete-folha |...| que é depurativo do sangue |...|. Ela é um pau que num dá árve não, sabe? É como um pé de mandioca assim, ó (*gestos*), a fôia dela é sete fôia mes' (mesmo) |...| por isso chama sete-fôia, é. E faiz o chá da raiz, né? |...| Pega a raiz, faiz o chá e toma. Essa é depurativo do sangue |...| Tem que amassá, lava ela bem lavadinha, mais essa é (...) toma também, é pá limpá o sangue, é depurativo da sangue que eles fala, né? (...) |...|. Mudô. Pro cê vê, hoje em dia num tem o cerrado mais... que tinha antigamente, de primero cê andava tinha o cerrado, no cerrado tinha as fruta tudo que cê gostava |...| hoje num tem mais, hoje num tem as fruta mais, muito difíci'cê vê |...|. Do cerrado? Tinha o bacpari |...| ele era um pezim, arvinha pequena, num era grandona não, sabe? Dava umas fruta amarelinha |...| gostoso. Esse chama bacpari. E tem o... tem também a mangaba . Mangaba é árve grande que tinha no cerrado, que o povo destruiu, né? |...|. O pé de bacpari, a fôia dele é seca, a gaia é seca, sabe? Tud'assim e é pequena. E a mangaba o pé é alto, das folha brilhosa e da leite nas fôia e na fruta tamém da leite. Bacpari num dá leite não, bacpari é seco |...| A mangaba é uma fruta redonda verdinha, ela madura e fica verde |...| ela fica molinha e cherosa, ela chera. Agora, o bacpari é verde, agora, quando ele madura fica amarelim igual laranja |...| a casca dele é grossa |...| cê racha ela, cê vê primero a semente que tá dentro |...| é doce, a mangaba tamém é docinha, gostosa demais a mangaba |...|. Gostava de cumê tamém do cerrado... tinha... uns fala fruta de cera, né? Outros fala mama-cadela . Nói' quand'era minino, nós falava fruta de cera |...| num sei, minha mãe ensinava falar fruta de cera mes' (mesmo) |...|. O pé assim é tipo dum cipó, sabe? Então ele dava muito... cê pega nel'assim, ele enverga, ele dá grande, dá pequenim, ma' dá grande. Aí, quando ela tá madura, ela dá tamém amarelinha |...| redondinha, miudinha. Ela... ela tamém da leite, sabe? |...| Então, cê pegava ela assim, cumia ela assim, ela tinha uma semente dento, cê cumia era a casca dela, né? |...| Agora, da raiz dela fazia o chá |...| pra tomá tamém |...| serve... serve... de primero o povo dava muita nascida, né? Aí tomava pra depurá o sangue, pra 'cabá aquele trem. Porque quando a pessoa dava uma cocera, um trem assim, num ia em dotôr, né? Dava era esses remédio. 'Rancava a raiz dela |...| quarqué coisa na pele. Quando saía primero, né? Tomava aquele chá pra refrescá o sangue, o povo antigo falava, né? Bom pra depurá o sangue, refresca o sangue. Eu tomei demais |...|. Dava. Dava aquelas coisa no corpo, né? |...| Foi com o minha mãe... ela ensinava pra nós, né? Quando dava essas coisa ne (em) nós. Tinha um negócio de falá assim: cabeça de prego, né? Dava umas feridinha na gente, falava cabeça de prego, né? Minha mãe falava: *Vai 'rancá mama-cadela, raiz de mama-cadela, vai rancá sete fôia pá fazê chá, pá bebê* |...|. Nós foi criad'assim, né, minha fia? Só assim com esses remédio de casa. Fui no dotôr depois de véia |...|. Quando eu fui (...) as primera veiz eu tinha medo do dotôr, sabe? Pra mim i' (ir)no dotôr eu ficava pensando em tudo quant'era santo (*risos*). Num ira fáci', né? Quand' ia, tinha medo demais. Até hoje, eu num sô muito de i' (ir)em dotôr não. Eu num gosto |...| Tomo. Hoje eu tomo, por causa do problema de pressão, né? |...| Só o de pressão que eu tomo |...| Tem... eu tomo até hoje, porque quando o da pressão só num tá resorveno, eu tomo. Eu tomo a fôia de lima, que é de casa, né? Que 'ocê sabe que lima é fruta, né? |...| É fruta, tipo uma laranja |...| é tipo uma laranja, dá casca igual uma laranja |...| o gosto é diferente. Então, eu tomo pra pressão, eu tomo até hoje, eu tomo a fôia da lima |...| o chá da fôia, num põe açúcar não, toma só a água, porque o povo antigamente usava. Eu conheci uma muié que ela tinha pressão alta, foi até ela ficá véia, ela usava essas fôia de casa |...| toda vida, sempre funcionô. Depois dela véia que o filho levô no dotô, né? |...| Tomava tamém pra pressão arta, erva cidrera, né? Essa é de casa, tamém |...| parece um capim, cheroso, viu? Eu tomo até hoje tamém. É bom pá

pressão [...] faiz o chá [...]. Elas usava assim de casa tamém pra pressão alta (...) o alecrim, né? [...] O alecrim, eu tem ele aí, depois eu te mostro. É os remédio que nós usava, do tempo da gente, tempo da minha mãe, tempo da (...) nós usava remédio de casa [...]. Olha pro cê vê, nós num tem cerrado mais, igual eu tô falano pro cê, num tem a mangaba mais, não tem a mama-cadela mais, não tem a... o bacpari mais, que nós gostava demais quando nós era menino e nos campo, que num tem os campo mais, a macega que eu tô falando pro cê, que fazia até casa, num tem mais porque eles destruiu tudo pra plantá brequeara [...] é um capim que o gado come hoje, né? [...] Põe hoje pro gado é isso. Cabô c'a macega, cabô com muito tipo de capim. Falá pro cê [...] cabô [...] o capim que o gado comia antigamente era o meloso, o jaraguá [...] meloso, é, capim-meloso que falava antigamente... que o gado comia. O jaraguá, que era coisa da natureza, não plantava não [...] coisa que Deus dexô, ela deu [...] dava na cultura. E tinha tamém, igual eu tô falano pro cê, o... jaraguá, que es (eles)cabô com ele pra podê plantá braqueara, o home cabô, né? (risos) [...] E tinha a macega tamém que eu tô falano pro cê, que o gado comia e gostava [...]. A macega era um capim finim, sabe? O trem mais bonitim (...) era um capim finim que dava nas pedra, em qualquer lugá no campo, né? Eles falava no campo. Agora, o meloso gostava muito de cultura. O meloso é um capim gordo, da fôia gorda, ele prega, era preguento [...]. Agora, o jaraguá era um capim alto, ficava grandão, sabe? (...) Era do gado comê tamém [...] (...) Gordo... até a carne, o chero dela era diferente [...] [o leite] mais forte, mais sadio [...] Com o cerrado? O cerrado... a cultura que es (eles)fala era onde era mato, né? Madera grossa, es (eles)fazia roça era na cultura. O cerrado era cerrado [...] Não, não fazia plantação no cerrado, hoje é que faiz, que cabô com ele pra fazê plantação [...] mais antigamente não. Só fazia onde era mato, onde era cultura mes' (mesmo) [...] Mato era os fazendero que escoía (escolhiam), né, pra num dexá? Eles num gostava de tirá o angico, o bálsamo. Eles num gostava de derrubá árvore, né? [...] Eles falava que era madera de lei, né? (...) Angico é uma árve grande, mes' (mesmo), das fôia miudinha... bonito demais [...] bem grande, dá tora desse tamaim assim (gestos), o angico ó [...] O angico, ele era cortado era pra fazê madera, pra fazê taba, fazê... estei' (esteio)de casa, né? O povo fazia estei' (esteio)era de madera [...]. Mais de casa que fazia com os tijolo tamém, do adobe que eu falei pro cê, que mais era adobe, quase num tinha tijolo, de adobe... fazia era de estei' tamém, estei' (esteio)de madera [...]. Agora, as trava que es (eles)falava, que fazia as trava tamém, fazia dessa madera, né? As madera de angico, madera de [...] de garapa, tinha garapa tamém [...]. O pé de bálsamo, ele dá esgaiado, um pé grande, sabe? É uma madera cherosa demais [...] Não, elas num dá fruta não. Eza (Elas) é só pra madera mes' (mesmo), né? [...]. Essa garapa, ela é um pau branco, ela vai subino, crescono, lá em cima que ela dá os gaio. Essa é garapa, que nós conheceu quando nós era menino, né? Falava, né? Que o pau (...) de garapa. E tinha tamém a... que eles num gostava muito de cortá tamém (...) a morera, tinha a morera tamém, os pau de morera tamém [...]. Era uma madera, uma árve assim bonita, essa dava nas porta da gente, crescia [...] dava na natureza, é [...] dava grande, ela crescia, dava altona, dava um tronco grosso, cê precisa vê [...] era pra madera tamém [...]. Tinha. Enquanto ela num dava o cerno tudo, num cortava, né? [...] Cerno é um trem da casca dela, tira a casca, fica o cerno lá dento, aquilo num 'caba fácil, cê pode fincá em qualquer lugá, num 'podrece [...] Iss' é qu' é o cerno [...]. Tinha a lua certa, cortava só na mingunte [...] diz que é pra madera num carunchá [...] ela num caruncha [...] (risos) pra tirá uma madera tinha que esperá a mingunte, pra tirá a madera [...] não cortava (...). A gamela e a cuié de pau, sempre es (eles) escoía (escolhiam)mais o tamburil, né? O pé de tamburil, ele é uma árve, sabe? Ela fica grosso tamém. Ele cresce muito assim... e as fôia é miudinha [...] Es (eles) parece, lembra a madera des (eles) assim, o jeito assim, parece com o bálsamo [...]. Não, é diferente. O tamburil, sempre ele é da madera mais branca, né? (...) a casca dele [...] é... por fora. Quando ele fica maduro (...) vê por dentro tamém, né? Aí, separava pelos gai' dele, o tamburil é das fôia miuda, agora o bálsamo é das fôia maió... quando eu morei lá (...) tinha um pé de bálsamo, mai'ele tava pequeno ainda,

nessa época, ele é cheroso [...] até a fôia dele chera [...] Usava mes' (mesmo) pra fazê maderá assim, pra fazê porta, mesa, essas coisa, né? O tamboril tamém é pra isso (...). Agora, só a semente do bálsamo, que ele dá uma semente, né? Ali, a semente dele, es (eles)fazia chá dela, diz que era bom pra cortá, pra quem tava sentino dor, cólica, essas coisa, tomava o chá, né? [...] quarquê tipo de cólica, fazia o chá pá tomá, da semente, né? [...] O artemijo [...] chá do artemijo pá tomá [para cólicas menstruais] e do hortelã também, né? [...] Não, era... minha mãe mandava nós tomá um hortelã da fôia cumprida, tal do hortelã-elefante [...] É diferente. Até o chero é diferente [...] Esse é da fôia redonda e grande, da fôia maió e o chero dele é diferente, esse é 'lefante. Nós tomava o chá [...] da fôia dele [...] Ele [artemísia] é pequeno, né? (...) Pequeno iguale... tinha o alpo tamém que nós tomava, né? [...] A fôia do alpo parecia fôia de salsa, só porque mais graúda. É cheroso demais tamém. O alpo tamém é remédio. O alpo, ele serva pá muié que tá de neném, que tá de resguardo, serva p' aquilo quando a gente (...) a cólida da menstruação tamém, né? [...] O alpo, quando é muié de resguardo, minha mãe quemava na pinga, quemava o alpo e arruda, né? Na pinga, pá nós tomá. Tirava as dor, né? [...] Depois que tinha o nenem [...] Fazia o chá da fôia [para cólicas menstruais] [...] A raiz não [...] O artemijo? Ela é da fôia esparradinha, sabe? É pequeno tamém, igual o alpo, não é grande não. E ele tem um cherim forte [...] Fazia o chá. Ele é verdim. Verde claro, o artemijo. Fazia o chá tamém [...] Porque o artemijo a fôia dele é mais clara do que a do alpo, né, e do hortelã (...) A gente num vê isso hoje mais [...] Tinha que plantá, esse tinha que plantá [...] Minha fia, antigamente, quase todo lugá, cê achava. O povo tinha as horta e plantava, sabe? [...] Eu mes' tinha na minha casa, quando eu era mais nova, quando eu fiquei de resguardo, que eu tive menino, eu tinha tudo plantado. Eu tinha o alpo, eu tinha o artemijo, eu tinha o [...] Não, essas num é do mato não, é em casa que a gente planta, sabe? A gente tem que plantá (...) Eu tinha... na minha casa eu tinha isso tudo, tudo tudo [...] (...) que a gente casasse, que logo minha mãe falava: *'Cêis pode prepará os remédio de horta, né? Cêis arruma tudo, porque cêis vai precisá'*. Porque de primero não existia esses remédio que as muié usa hoje em dia pra num criá, né? Não. [...] Uai, eu num sei, minha fia. Eu casei, vivi pouco com meu marido, tive esses dois fi' (filhos), né? E pro cê vê, a diferença dum do o ôtro é de três ano... nunca tomei um remédio, nunca tomei nada [...] Aquil'ali é a sabedoria dos homi, os homi é que sabia... defendê [...]. Seis ano [...], aí ele deu uma parada cardíaca, tava doente, né? Com uma dor de cabeça, tudo. Nós levô pa cidade (...). Aí nós vei', chego aí, ele foi tomar uma injeção na veia, sabe? Tomo injeção na veia, deu parada cardíaca... morreu na hora [...]. Fiquei viúva. Fiquei viúva com vinte e quanto ano [...]. Aí nunca mais casei, nunca mais tive homi, de jeito nenhum. Nunca mais tive ilusão com homi, assim, de casamento, nem nada. Eu casei... fiquei viúro o (...) tava com cinco ano (...) e o (...) tava com um ano de dez meis quando o pai morreu [...] Ih! Aparecia [pretendente] demais, mai'eu num quis (risos) [...]. Sozinha, cuidando dos fi' [...] Não. De primero, na roça. era bão demais [...] era seguro, num tinha essas... o povo num era igual é hoje, né? Era muito diferente de hoje, demais da conta. O povo tudo respeitava... o povo num tinha esses bandido, num tinha esses droga, de jeito nenhum. Cê visse o lugá que eu morava sozinha mais os dois. Teve uns tempo que morô um ti' (tio) do (...) comigo, um veim (velhinho). Gostava demais dos menino, morô comigo um tempo lá, me ajudano a cuidá da minha mãe. Até minha mãe falô: *Arruma seu ti' (tio) (...)* [que ele era veim (velhinho), né?] *pa ficá lá c'ocê*. Mai'num 'guentava trabaiá mais, né? Num 'guentava fazê nada, nada, nada, né? Só de companhia, mes' (mesmo). Ela tinha uma fia que era... casada com um irmão do (...) tamém, né? [...] Era meu marido. Aí, a tia do... dele falô: *'Vai, meu pai, morá, ficá lá uns tempo com a (...) mai'os menino, né? Ela cuida do senhô e o senhô cuida dela. Fica lá, servino de companhia pa ela mais os menino'*. Tadim, ele num prestava pra nada, veim (velhinho), mais era companhia [...]. Tudo... não. Quando o (...) morreu, ele dexô uma roça prantada, né? Tudo. Só paguei quem coiesse (colhesse), arrumasse tudo pra mim. E parei. Depois, quando os menino tava maió, nós foi mexê [...]. Foi. Eu e ês

(eles), né? [...] Plantava... plantava. Eu pedia de mão, sabe? [...] É. Fazia mutirão. Chamava o povo, as famia (família) tudo. Capinava, prantava e limpava. Limpá nóis limpava. Eu mai'os menino limpava [...] Capim, praga [...] Tinha. Tinha berro do égua, tinha picão, né? Tinha o... é (...). Picão dava demais nas roça, aquela semente doída, pregava na gente [...] dava arto (alto), se 'ocê num cortasse quand'era pequeno, ficava grande [...] Era as praga que dava, tinha que capiná [...]. O berro do égua ... ele era rastero no chão, das fôia miú', das fôia gorda [...] 'Cabava com a (...), tinha que limpá tudo, senão, num dava mantimento, né? [...] O picão tamém acabava com tudo... além de tudo, se ele desse a semente pregava na gente, era ruim demais da conta (*risos*) [...] tirá dava trabáio [...]. Na roça? Tinha capim tamém, né? Que ês (eles) falava capim pé-de-galinha, né? [...] Ele é um capim que ele nasce, fica grandim, fica grande, das fôia esfonicadinha [...]. Era diferente. Capim bem diferente, do picão, do berro do égua [...]. Só praga. Agora, tem o picão do remédio, que é picão-de-cipó que ês (eles) fala, né? [...] Ele é de cipó. Ela dá cipó, ele cresce, assim (*gestos*), ele sobre nas coisa, assim, tudo e ele dá flô, ele dá uma flô amarela muito bonita, o cipó. Esse é pra hepatite, né? [...] Pa tomá pra hepatite [...] é bom pro fígo (fígado), é bão pro estômo (estômago), tudo é bão esse picão [...]. Faiz o chá da fôia [...]. Não, muito diferente, totalmente diferente [...] só o nome que é um só. Tem o picão que é praga, que tem a sementinha assim (*gestos*) e tem ele que semente dele... já dar flor grande, amarela, bonita, cê precisa de vê. A flor deve serve até de enfeite, de tão bonita que é [...]. Não, nóis tratava remédi', né? Que até aqui eu tem ele prantado, nóis prantô ele bem aqui (*gestos*). Eu vô, eu pranto [...] Num tá, ele agora num tá com flô, tá só as fôia [...]. E nas roça nóis tamém plantava o mi' (milho)... é o de criá porco, né? Galinha (...). Tinha o feijão, que nóis plantava aqueza (aquelas) maquininha de mão, o (...) plantava, tudo. Num era igual hoje, muito diferente de hoje. Tinha... o povo plantava... o arroiz, né? Tudo diferente pa colhê, coia (colhia) na mão, batia no batedoro, né? Muito diferente de hoje. Ih, minha fia (filha) era muito diferente... aquilo coratava tudo (...) ês (eles) fala cutelo, né? Cortá o arroiz com a mão, carragava na cacunda [...]. Era mais gostoso 'que (porque)socava o pilão, né? (...) Escoía (escolhiam)aquele tanto de arroiz. Eu mes' (mesmo) já soprei, minha fia (filha), assim, ia pas fazenda pro povo socá arroiz, pas roça (...) [...] soprá na penera, pra guardá, pá ensacá, nóis soprava com tudo debaxo (...) Eu soprava, o fazendero lá, tinha trinta, quarenta, até cinquenta saco de arroiz assim, na penera, sabe? Soprano, assim. Ensacava com tudo, pa depoi'levá na máquina pa limpá. Quando levava. Antigamente, antes de tudo, limpava do monjolo e na mão, no pilão, né? Quem tinha pilão, fazia na mão, né? Socava [...] socava até sortá a casca. Eu sortei demais, demais da conta [...], dava trabáio, mais o arroiz era gostoso [...] Cê soprava... nóis falava assim, cê esfarelava ela no pilão, soprava, vortava pro pilão [...] é a palavra do povo, né? Soprar, né? Cê já viu a penera de soprá? [...] Vô buscá (*risos*). Eu tenho guardado tudo véio, tem hora eu preciso, sabe? Aqui ó [...] ess'aqui é de soprá feijão, tá veno? Ela tá acabada. Ess'aqui sopra o feijão porque passa as pedra, passa tudo. Porque bate o feijão no chão [...]. Ess'aqui é feita de taboca [...], é uma taboca que dá no mato... dá é no mato, a taboca. Ess'aqui é de soprá arroiz, cê punha o arroiz [...] e soprava ó (*gestos*), tirava o farelo, tirava a (...) do arroiz tudo, tirava a poera tudo, pa depois ensacá e guardá em casa. Depois cê ia socá, levava o monjolo pa fazê socá. O (...) faiz isso [...], essas aí foi ele que fez [...], se falá com ele, ele faiz, se pegá (...) as taboca tudo, ele faiz [...]. Acha. Lá pelo Pedro Ribeiro onde nóis morô, tem [...]. Ela é uma taboca, ela sobe assim, tipo um cipó mes' (mesmo), que cê tá falano (...). Tem que tirá na mingunte tamém, minha fia [...]. Agora, no campo tamém, tem o pé-de-perdiz... que as muié tomava por causa de problema de útero, sabe? Aquelas infecção de útero, essas coisas, ês (eles) pegava o pé-de-perdiz pa fazê o chá... tomava [...] É uns pezim pequititim assim, ó (*gestos*), rancava eles [...], fazia da raiz [...] a fôia dele, é uma fôia cumpridinha, assim, e seca. Ele é finim, sabe? Do campo [...]. É, porque sempre muié da problema, assim, de hemorragia, essas coisa, né? Falava que era problema no útero. 'Cê tá dano problema no útero, tem que tomá' [...]. É. Aí, tomava, a raiz do pé-de-perdiz, fazia um

chá todo dia, punha um poquim de açúcar e tomava. Depois que nós tinha nenê, minha mãe mandava nós tomá demais pa num dá probrema, né? Pa infecção de útero [...]. Nunca, até hoje nunca dei, minha fia, graças a Deus [...]. Parto normal (...), eu tive dois fi' (filhos), todos dois foi parto normal, minha mãe que cortô o umbigo deze (deles), tudo (...). Minha mãe cortava e amarrava, né? 'Marrava pa pode num esgotá, e ali nós ia... ela ensinava nós fazê os curativo, né? (...). Cê dava o bain' (banho) na criança, quê dava dois bain' (banho) só, num dexava dá mais de dois bain' (banho) não. Um cedo e ôto assim ali pas três hora. Cê dava o bain' (banho), lavava a criança e... ali se punha o... 'quentava o azeite... na colhé [...], sempre tinha uma candeia, né? (...) [...] Não. Nós que fazia [o azeite]. Pegava a momona [...], fazia o azeite a momona. Pegava a momona, secava, torrava ela e fazia o azeite. Fervia, né? O... socava no pilão, ôta hora moía na máquina tamém, mais sempre nós socava mais era no pilão. Socava até ficá fininha a mamona e punha fervê, ali fervia até apurá, quando apurava dava óleo, né? Nós tirava o óleo da mamona, fritava ele de novo (...) [...] Aí, nós (...) pegamo o argudão que guardava, fiava, punha num pavi', punha numa latinha, num trem, né? Ali, esquentava aquilo, punha fogo no pavi', esquentava e punha no imbigio, num era quente não, era mornim, né? E vinha com o pó de fumo, pó dessa fôia do pé-de-perdize e a fôia de arruda e punha. Ali, o umbigo secava e caía [...]. É. Misturava os três [...] Feito do fumo de rolo (...). É... ali cê punha só um poquim, sujava o dedo e punha [...] A arruma tamém cê secava ela e punha o pó [...]. Arruda é remédio pra muito coisa, cê sabe, né? [...]. Arruda serve pra fazê... em comparação, se 'ocê tivé um vento no ôi (olho), cê põe no ôi (olho) e banha, né? É bom pra tirá (...) [...] Às veiz, ele machuca, cai um cisco, né? De primero o povo trabaia no serviço (...) caía cisco, né? (...) É. Lava, lava com a água, põe de moi (molho), a foinha lava, né? E coa e lava. Tem que coá pa podê sará, né? [...] (...) Pé de arruda é uma flô, uma plantinha assim, ó (gestos). Ela chera. Tem muita gente que fala que ela fede, eu acho que ele chera [...]. Eu acho cherosa... tamém, fui criada com aquilo, né? [...] Verdinha [...]. Das fôia, o povo panhava as fôia do fumo, né? [...], é uma planta [...], chamava fôia de fumo, chama fumo [...]. O pé de fumo ele dá grande, ele cresce, fica grande [...] e dá umas fôia, né, larga [...]. Em quarquê lugá, o fumo dá em quarquê lugá [...] Pa fazê, que ês (eles) faiz o fumo de rolo ês (eles) planta, né? Tem que plantá (...). Ficava com o umbigo fundim. Hoje, se fizé umas coisa dessa, o médico dana, né? [...] Não, todo mundo criava os fi' assim [...] Uai, antigamente as criança era sadi' (sadio), né? [...] Dixa eu te falá pr'ocê, hoje em dia, tanto que as muié tem probrema de útero [...]. É demais, né? Igual eu tô falano pro cê, eu tô com setenta e dois ano, vô fazê setenta e três em agosto, né? Graças a Deus eu nunca senti nada, né? Até hoje, não [...]. Então, dixa eu falá pr'ocê comê que é, as muié tomava muito remédio, né? Tomava muito remédio no resguardo... era trinta dia minha fia, cê usano remédio [...] Mais era só o pé-de-perdiz... era o pé-de-perdiz (...) e a raiz do... da salsinha que nós tomava. Era o pé-de-perdiz, a raiz de salsa e o artemijo, do artemijo era a fôia, né? E o alpo. O alpo era mais só nos primero dia, né? E o artemijo. Depois, a salsa, só com o pé-de-perdiz e a salsa. Ali, tomava durante trinta dia, cê tomava o chá todo dia de manhã. Nós já levantava cedo, o café da manhã era aquilo. 'Massava a raiz do pé-de-perdiz bem 'massadinha, passava a raiz de salsa, fervia e tomava [...] sem açúcar. Era o chá o remédio da muié de resguardo... trinta dia [...] Comê no resguardo, até sete dia era sopa, sabe? Matava a galinha, fazia a sopa e comia. Aí, depois, podia comê um feijão com farinha, mai'tinha que coá, não podia dexá casca do feijão não. Com farinha de mi' (milho) tamém, fazia aquela sopinha (...) ali e comia. E com quinze dia, cê passava a comê um arroiz, uma gueiroba (guariroba), coisa assi, sabe? Carne de porco não. Carne de porco nós num comia durante o resguardo de jeito nenhum [...] só carne de frango [...] nem de vaca [...] Aí, já podia comê normal [depois de 30 dias] (...). Hoje em dia, é tudo diferente, né? As muié come de tudo durante o resguardo, não tem esse chá, num tem nada, mais nada [...] hoje em dia, num acha fácil, porque o povo acaba com tudo, desmata tudo [...] tem só na bera das estrada, né? Na bera das estrada acha. Esse remédio, minha fia, sadi' (sadio) demais, esse pé-

de-perdiz. Quem soubé, quê que é esse pé-de-perdiz, toma ele, porque nós toma demais, que minha mãe mandava nós tomá [...] Não, até pr'ocê tomá um chá, assim, de vez em quando, é bão, né? Problema de útero, infecção no útero, né? [...] Ele é pro útero mesmo, pra problema de útero, pa muié num dá probema no útero, né? Num dá infecção, num dá nada [...]. Tinha o alecrim, como eu tô falano pro cê [...] pa acalmá [...] cê esfrega ele, qu'ele, a foinha dele é seca, né? Cê esfrega ele bem esfregadim e põe de moi (molho) e vai tomano [...] sem fervê. Eu conheci uma véia, tadinha, que ele tinha probema de coração, o remédio dela era alecrim (...) [...] Não, essa véia num tomava remédio de famácia não, só remédio de casa. Ela era até sogra duma cunhada minha... e durô demais, ela (risos) (...). Nós dava chá de mentrasto (para os bebês). Ah! O pó do mentrasto nós tamém punha no umbigo dez (deles) (...) O pó de fumo, num punha nos dia que a criança nascia não, passava uns dia, pa depois pô', né? Punha mais era só o de arruda, de... mentrasto [...] Esse pé de mentrasto, ele dá no quintal [...] É remédio de horta [...] ele dá umas fôia redonda, né? Dá flore [...] é pequeno, não dá grande não [...] é rastero [...] Ih! Meus menino usô muito chá de mentrasto. Agora, assim, pa gripe, nós sempre dava chá de poejo [...] rastero, dá pro chão afora, 'lastra no chão [...] tem fôia redondinha, cheroso demais da conta. Mais tamém, eu tinha tudo pratado, sabe? Lá no (...) ainda tem um pezim dele lá [...]. É... fazia chá pa cortá gripe, né? Fazia o chá, com... às vez tinha mel de jataí, de primero o povo pegava mel de jataí, né? [...] É a abelha. Que o remédio que ocê mais dava pra criança quando era pequeno pa cortá uma gripe, era o mel de jataí com... o chá... com a fôia de poejo, né? Aí, depois, quando ês (eles) tava maió, já dava otos chá, né? [...] Aí já dava chá de poejo com... favaquinha, que tem a favaquinha, né? [...] A favaquinha, ela é pequena, mai' é cherosa [...] Não. Ela dá arvinha pequena, mais pequena, assim (gestos) [...] [a folha] é tipo um coraçãozim [...] Não. Ela dá flor, pa dá semente, né?... Assim que nós fazia chá pra nossas criança... pa cortá gripe, né? [...] Remédio de horta [...] Remédio do campo [...] Sempre falava: *'Cê vai no campo, pega remédio assim, assim.* Falava o nome, né? Cê pegava, pr'ocê fazê. Pa nós adult'assim, pa nós adulto, pa nós cortá gripe (...) que hoje em dia o povo fala pneumonia, essas coisa, pa cortá gripe, pneumonia, essas coisa, nós buscava no campo o carapiá, o gonçalim... e... fazia o chá, sabé? Do gonçalim, do carapiá, daqueles trem assim e tomava com azeite, esse que o tô falano pro cê, o azeite de mamona [...] Fazia o chá e pingava, né? [...] É. Punha uns dois, três pingo de azeite e tomava. Num tinha essa pneumomia que num cortava, não [...] Sarava [...] A gente tomava até miorá (melhorar) [...] E fazia o chá da flor, da fôia do 'sa-peixe tamém, da flor do 'sa-peixe. O 'sa-peixe eu tenho até ali, porque quando nós tá gripado, nós toma [...]. O carapiá (...), a raiz dele dá no campo, hoje em dia num é fáci' de nós achá, né? Ele dá uma fôia redonda, cê acha pela folha, aí cê ranca ele [...] Pela fôia, cê acha a fôia do carapiá, fincado no chão, ali cê 'ranca a raiz. Mais é cheroso tamém [...] É rastero, fincado no chão, porque acha ele fincado no chão, assim. A fôia dele é redonda, sabe? [...] Redondinha, lá no chão... pela fôia. Dá uma fôia, duas, só. Aí, cê ranca a raiz dele [...]. Esse gonçalim, ele é uma arvinha tamém... pequena assim. E ele dá as fôia tudo bonitinha, esfonicadinha (...) [...] É comprida, fôia comprida, dá uma foinha (folhinha) dum lado, ôta d'ôta, dum lado, ôta d'ôta (de um lado e outra do outro) [...] Parece. Até as fôia dele até parece um pausim, um pau que tem ali, ó (gestos) (...). Só que era uns chá gostoso, sô (risos) [...] Era bão tomá, cê precisava, vê [...]. O 'sa-peixe, ele é árve, o 'sa-peixe, mai' num é grandona não, ali tem na horta, no quintal ali [...] Se ocê quisé tirá foto dele, cê pode i' (ir) lá tirá [...] Mostro. Vamo lá [...]. É do campo [...] nasceu aqui, né? [...] Natural, aqui. É uma coisa muito engraçada, num é? [...] Porque é bão demais, a fôia dele, cê faiz chá pa pneumonia. Esse aqui que é o 'sa-peixe [...]. Ele dá árve mes' (mesmo) [...]. De remédio é só esse. Tem o ôto, mais num é de remédio, não [...]. Esse ôto é mes' (mesmo) praga do campo [...] É. Praguinha. Dá nas plantação [...]. Agora, eu vô te mostrá o picão tamém que é aquele de curá (...) [...] O ôto [assa-peixe] é da fôia roxa e miudinha, esse aí é das fôia larga [...] dá árve assim tamém (...). Aqui a conta-de-lágrima que eu tava falano pr'ocê [...] essa é a conta-de-lágrima, é [...]. O picão

é esse aqui, esse aí é de remédio, ó [...] é... esse aí é o picão [...]. Isso aí, ó, o (...) sofreu hepatite, eu fui desenganada dos médico, Deus, nosso senhô, Jesus Cristo e esse remédio aí, foi o maió [...] esse picão [...]. Aqui a favaquinha (...), chera a fôia dela pr'ocê vê [...] é... de curá gripe tamém [...] É gostoso, cê precisa de vê [...] (...). Aí, 'cê fica conheceno (...). Eu tinha vontade de nós achá uma casa assim, se eu soubesse quem tem uma casa de pau-a-pique... de paia de buriti [...] É esse aí que é o berro do égua que eu falei pr'ocê que dava no mato que tinha que capiná (...). Se eu achasse, se eu soubesse onde tem, eu ia te levá, falava com o (...) mais meu irmão, pa nós i' (ir)[...] Eu queria que ocê vesse, viu? O tanto que é bão, de pau-a-pique, de terra [...] (...). A aroera é boa pra fazê esses baldrame assim no chão, pá podê pô os paupim, sabe? [...] Era árve grande, grande, grande, ela dava grande [...] [encontrava dela] no mato [...] No mato, no cerrado não. Ela dá no mato [...] Não. Aroera num dá fruta não. Do mato que eu sei que dava fruta é o jatobá [...] jatobá é fruta, né? O pé de jatobá é alto tamém, grande, sabe? (...) ele vai cresceno [...] Não, o jatobá é sempre diferente [...] O (...) até plantô semente ali, tá nasceno agora, o jatobá [...]. É grande, é grande, ele dá tora grande (...) [...]. Não, [a folha] é mei'arrendondada. Lá, ó (*gestos*) [...] Lá, tá nasceno lá de dento lá, ó (*gestos*) [...] É... vai passá pro chão [...] Vai. Fica um mundo, fica um mundo o trem mais bonito [...] dá sombra (...). Tinha tamém a... uma fruta da bera do córgu tamém, que ocê tinha que vê ela. Como é que ela chama? Ela é 'marela (...) ela dá leite. Pa gente comê a fruta, ela era gostosa, mais pa comê ela tinha que sê na bera d'água [...] lavá o leite dela [...]. Como é que é o nome dela... eu num falei pr'ocê que eu tinha a cabeça ruim? Eu tinha a alembirá, gente! [...] Cê os menino tivesse aqui, ês (eles) alembrava... tanto que ela é boa, cê precisa de vê [...] Pois é, eu esqueci. Eu tinha que pô isso tudo na cabeça, pra mim te contá (...). Eu conheço muita coisa, minha fia, mais é que a gente vai ficano com a cabeça ruim [...] Lá onde eu morei tinha ela tamém, eu mudei pra cá. Essa dá na bera do córgu, assim, dá na cintura. A mama-cadela é mais no cerrado, no campo [...]. Tem a goiabinha do campo tamém, que eu num te falei, é muito gostosa [...] 'que (porque)a goiabinha do campo é pequetita [...]. Ali tem o pé dela, de goiabinha do campo, ali (...). É diferente... o povo, uns fala goiabinha do campo, ôtros fala arará do campo [...]. É pequenininha, é gostosa [...] Parece, parece goiaba, só que é pequenininha, uns falava goiabinha, ôtros falava arará do campo, minha mãe ensinava nós a falá o arará do campo [...] Essa era fruta do campo tamém, era gostosa tamém [...] É pequena. Não é árve grande não (...). (...) Como que era o nome daquela fruta que dava da bera do córgu que dava leite? [...] Guapeva . É. Guapeva, é [...] Era uma frutinha desse tamaim assim ó (*gestos*), 'marelinha, ela fica madurinha mes' (mesmo), cê precisa de vê [...]. Pé grande, dá pé grande, as fôia é peluda (...). Era peluda a fôia dele [...]. Porque hoje em dia pra vê um trem desse, só se fô assim, igual o (...) tava falano, assim, sabe? Lá na fazendo onde eu morava, tinha. Ninguém dexava, cortá, né? Tinha. Agora, a... que cê tinha falado pra mim, a gamelera, cê tinha que vê, era linda, linda [...] O povo falava isso, é [que a gamelera era mal assombrada]. Lá tinha um pé, mais era bonito demais [...]. Diz que era [mal assombrada], mai'lá num era não, viu? Nunca vi nada lá (*risos*) [...]. Não, lá, eu nunca vi nada lá [...]. Era boa [a sombra]. Nossa! Na hora que ela abre... e tampa mes' (mesmo), ela tampa mes' (mesmo) assim, sabe? Por baxo dela, é fresquim. (...) gostava de ficá debaxo dela (...) [...]. Ih! Tinha, uai. No campo, dava assim, nas roça, tinha a... a cerráia [...] cerráia, é. Ela é gostosa demais da conta. Num precisava prantá, não. Dava da natureza mes' (mesmo) a cerráia [...]. Fazia... pegava ela e fazia igual 'cê refogava, picava, igual 'cê picá alface, assim, almerão, né? E... ela amargava, mais era gostosa [...] É fazia uma farofinha, mais era gostoso demais [...] O pé de cerráia, ela é tipo assim duma... tem dele, com' é que chama? Que nós prantava assim nas roça... essa era da natureza, nós num plantava não (...). Não, taioba não. Taioba é da fôia grande, essa em a fôia miudinha [...]. Pé de taioba dá uma batata no pé e dá umas fôia, né? [...] Comia a fôia [...]. Tinha o gravatá. O gravatá, esse é do campo, que nós faiz mistura. O gravatá, ele nasce, tipo dum abacaxi, sabe? As fôia dele é tipo dum abacaxi. Ele dá a cabeça

no mei' [...] Ali, nós panhava ela, cascava tudo e picava igual picá gueiroba (guariroba) [...]. Não. Fazia 'fogado (refogado). Fazia farofa tamém. Esse é do campo [...] (...) esse gravatá era gostoso demais [...] num era amargoso não (...) [...] Tinha o murici do campo tamém que nós comia a fruta demais [...]. Ele é uma arvinha (...). Só porque é árve pequena, num é árve grande não [...] a frutinha era pequenininha, redonda assim (*gestos*). Cheroso [...] cherava (...) amarelinha, quando ficava amarelinha que nós comia ela. Iss' era, nós ia longe atraiz dum pé de murici pa nós comê [...]. Isso dava no campo, nas bera de córgu, dava o murici [...]. Irmão? Tinha [...] Nós tudo por tudo, entre os mais véi (velho) e os pequeno, nós era doze [...] doze irmão [...]. Tinha. No mato, nós ia brincá no mato, tinha perigoso demais era a aroerinha [...]. Se andasse no mei' do mato e encostasse na aroerinha, empolava o corpo tudo, inchava o oi (olho), inchava tudo... nós tinha que tê o maió cuidado com a aroerinha [...]. Passava água de sale... pa desinchá [...]. Só água com sal [...]. Resolvía. Acabava tudo [...] Não. Essa não. Essa aroera é uma das foinha miúda [...] Era difíci' uma pessoa que passava nela, que encostava nela que num empipocava [...]. Não. Não servia não. Pa lenha, quando secava, que roçava os mato, né? Tudo [...]. Era boa [a lenha], demais da conta [...]. Não. Na lenha não tinha perigo, depois que roçava, quemava as fôia, né? Que problema era só as fôia [...]. Que o povo antigamente cozinava só no fogão a lenha, né? Só. Só [...] Só que a aroera é árve grande, né? A aroera que é (...), que é de lei, é árve grande. E a aroerinha é árve pequena [...]. [A folha é] miudinha. Da aroera é grande, né? [...] Uai, que dava espim, erao espim-de-agúia (agulha), né? O espim-de-agúia (agulha) era perigoso demais da conta [...]. Ele é um cipó [...] (...) puro espim [...]. Uai, o espim-de-agúia (agulha), eles sempre falava que quando enfinca, assim, não é fáci' de saí, né? Difíci' saí, né? Tem que tê muito cuidado com o espim-de-agúia (agulha) [...]. [Ele dava] no mato [...]. No cerrado não. No cerrado num dava espim da aguia (agulha) não, só mes' (mesmo) no mato (...). Lugá de cultura, só (...). Tinha tamém, aquele trem tamém, como é que chama? Que era danado pa pregá na gente (...). Unha-de-gato [...] Essa unha-de-gato, ela dá umas florzinha vermeia (vermelha), um cipó assim [...]. Se passasse, unhava, né? Pregava na gente [...], machucava [...]. Dava nos mato tamém, nas cultura (...) [...] Uai, quando machucava, tudo, assim, passava, quando machucava, quando quebrava osso, destroncava um braço, uma perna, passava era santa-maria, era bassorinha de Santo Antonio, era... mais era santa-maria, bassorinha de Santo Antonio, fazia, 'massava, né? [...] Ela [erva-de-santa-maria] é pequena, assim, dá em quarqué lugá, no terrero da gente, dá santa-maria, sabe? Aí, 'ocê panhava as fôia dela, cê 'massava bem 'massadinha e punha os ramim que tinha, bassorinha de Santo Antonio, hoje em dia, quase num vê mais [...] É umas foinha miúda, dá pequena assim, ó (*gestos*), é umas foinha miudinha (...) [...] Não. Parece umas... foinha miudinha, fôia mes' (mesmo), sabe? Então, nós 'massava aquilo bem 'massadim. Minha mãe quebrô o braço, meu sobrim quebrô o braço, foi curado com esse tipo de coisa [...]. Fazia o emprasto, fazia tudo, panhava a rezina de jatobá, o jatobá dá um... chove uma rezina, né? 'Massava aquilo tudo e punha naquele emprasto e fazia umas tela... de pau, assim, e 'marrava no braço igualzim eles engessa, né? Só porque era feito, misturado num pano, fazia aquilo bem feitim e enrolava no braço e 'marrava... e 'marrava um pedaço assim e sarava (...). E quando às veiz machucava, um espim, um trem, colocava azeite, pa podê tirá, pa puxá o espim [...]. Sempre quando eles [os animais] machucava assim tinha que (...) com eles no estalero até sará e punha esse remédio (...), santa-maria, essas coisa assim que punha... E sempre quando dava bicho, igual cê tá falano, comprar um creolim (creolina), né? Outra hora punha o óleo de pau, né? [...] Tira no pau o óleo de pau, o pau-de-óleo mes' (mesmo), né? [...] É uma árvore (...) pau-de-óleo. É maderá tamém [...]. Serve pa maderá tamém. Muita gente fura ele e tira o óleo. O óleo é remédio tamém, né? [...] A maderá é boa [...] maderá pra fazê taba, essas coisa, né? Fazê portera, fazê cerca de curral [...]. É vermeia (vermelha), a maderá dele é vermeia (vermelha) (...). É árvore grande. Dá árvore grande [...]. É esfonicadinha (...). Você tava falano cuié (colher) de pau, o povo gosta de fazê da lixera tamém, viu? [...] Com o pau da lixera (...). Cuié

(colher) de pau de lixera, meu pai gostava de fazê [...]. O óleo de pau serve pra muita coisa, até pra nós, nós mes' (mesmo) pode tomá ele. Quando nós tinha as criança pequena, minha mandava dá uma pinga no chá, pa (...) num dá cólica, essas coisa [...]. Um pinguim só, ela falava: só o *chero* (...). A gente toma pa gripe tamém, pa pneumonia [...], só um poquim, só um pingo. E é uma beleza, um remédião. O povo de primera, não fica sem ele, hoje a gente fica, né? [...]. Esse pé de lixera, ele tem uma casca grossa na madeira, sabe? E a fôia dele é lixenta [...] serve pa lixá as coisa, lixa madeira, lixa quarqué coisa, põe a madeira lisinha [...]. Fazia gamela tamém, quando achava madeira grossa, né? [...]. O pilão faiz do angico, faiz da aroera [...] tem que sê mais forte, é. O pilão tamém era de (...), de angico, que era pra gente socá o arroiz. Eu tinha o pilão de socá tamém (...). Num tinha não, de primera num tinha xampu, num tinha nada não, passava brilhantina, uma tal de brilhantina... que nós usava e tinha um... o (...) gostava demais de usá isso... (...) [...]. Tem aquela até que eu te mostrei lá, a... a fôia da conta-de-lágrima, que nós lavava a cabeça nela [...] fervia ela, dexava esfriá e lavava, pro cabelo ficá maci' (macio). Tinha tamém mais o que?... Que era bão... tinha o óleo de babosa tamém, mais esse era comprado, comprava, né? Pa amaciá o cabelo. Só que cê passava e depois tinha que lavá... e... tinha a brilhantina que nós (...). Que nós usava essas coisa assim, que num existia xampu, né? (...) E lavava muito tamém, minha mãe mandava nós lavá muito com o sabão de bola, feito só de decoada [...] só de decoada [...]. Decoada, cê tem que arrumá uma cinza, que naquela tempo era fogão caipira, né? De primero, nós juntava a cinza das páia (palha) de feijão, que batia, né? Que o povo batia o feijão (...).] Amontoava as páia (palha) tudo, nós quemava e pagava as cinza e botava tudo do barrilero... o barrilero, cê pega uma lata... essas lata grande de óleo, esses trem assim, fura o fundo dela, bem furadim... e pega as cinza e vai pono lá dento e apertano [...] Aperta ela c'um pau, vai socan' ela [...] aí, 'cê vai pono água e pinga a decoada. E 'cê vai, pega a decoada e pega a mantega... nós fazia o torresmo e fritava a mantega, né? Que fritava a mantega pa tirá a mantega do porco e tin' tirava o torresmo... aí (...) o torresmo e cozinhava na decoada até desmanchá, na decoada fraca. Tirava a mais forte pa podê curá o sabão e a fraca nós cozinhava até desmanchá o trem, aí desmachava o torresmo, nós ia pono a forte até o sabão engrossá e virá sabão [...]. Não. Tinha cinza que ficava mais forte, a de páia (palha) de feijão, como eu tô falano pro cê que ficava forte e da... pororoca e da... com' era a ôtra assim? ... da aroerinha [...] dava cinza forte [...]. Essas ôtas madeira assim, sempre a cinza era fraca, né? Mais a forte mes' (mesmo) era da aroerinha, da pororoca... e da... da cinza... da páia (palha) de feijão, essa nós fazia, era a preferida [...] era a preferida mes' (mesmo) pa fazê sabão. A decoada é uma água, 'cê sabe disso, né? [...]. É. Ficava preto [...] por causa que era da cinza. Ali 'cê fazia... tinha uns que ficava branquim, da páia (palha) de feijão num ficava não. Num ficava branquim não, ele ficava assim uma cor amarela, bonita, sabe? [...]. Quand'era da páia (palha) de feijão. Por causa... a cinza era forte, num estantim o sabão apurava e virava sabão, a mantega virava sabão. Ficava um sabão 'marelim [...]. Era bão demais. Ali, 'cê lavava ropa era com esse aquele sabão, 'cê lava vasia (vasilha) era com aquele sabão, tud'era com o sabão feit'em casa. O sabão de decoada. Depois o povo pegô fazê de soda, eu nunca fiz de soda não [...], só de decoada, só, só. Eu parei de fazê sabão de decoada, agora, depois que eu mudei pra cá, 'que (porque) aqui cê num tem mantega de... os torresmo, né? 'Cê num tem a lenha [...] É. Porque já tava quais tudo cansado, cansô do serviço de lá, né? (...). As ropa de serviço, de trabaiá na roça, era feito de algodão, nós panhava o algodão da roça [...], tinha o algodão branco e o... o ganga, né? [...] Algodão ganga [...] porque ele era amarelo, ele era ganga [...] ele era colorido, num gastava tingi'. Aí, nós fiava o branco, minha mãe... tinha o anil, que era um ramo, minha mãe punha de moi (molho)... e... ali ele dava tinta na água, so' aquele ramo sortava tinta, né? Tinha um pote de... de fazê o anil mes' (mesmo) [...]. É uma planta, da natureza, sabe? [...] Em quarqué lugá, nos terrero, assim, dava nos terrero tudo nosso assim [...], natural [...]. Ele tinha uma baginha engraçada [...] dava desse tamaim assim (*gestos*), os pé (...). Nós quebrava os gai

(galho) pa podê tingí'. Eu punha de moi (molho) e fiava o fiado e tingia ele dento. Punha lá dento, ele saía verdim, sabe? As meada, nós fazia as meada, né? [...] (...) Aí, 'cê passava ela na decoada que eu tô falano pro 'cê... que nós fazia o sabão, e punha lá no sol, ele ficava azulzim igual essa blusa sua aí, ó [...]. Nós punha o trem de moi (molho), punha de moi (molho) muitos dia a fôia até soltá muita tinta, né? Na água. Aí, nós vinha com as meada, ensaboava, passava o sabão, dexava elas (...) torcia, e punha no anil (...) no pote... que era pote feito de barro, né? Punha lá dento do pote, depois quando 'cê tirava de lá, saía verdim, mas 'cê passava na decoada, na vasia (vasilha), poque a decoava já ficava na vasia (vasilha) esperano, né? E era decoada fraca, num era forte não. Passava ali e 'ocê tirava ela e punha lá no sol, ela ficava azulinha [...] Aí, pintava o pano, fazia de branco com azul, com ganga e tinha a ferruge' tamém, deixa eu te contá pro 'cê. Eu tem muita coisa pra eu te contá (risos) [...]. Nós pegava os ferro véi (velho), lata véia (velha), bem enferrujada, tudo tinha que tá enferrujado, veim (velhinho), sabe? Então, 'cê pegava aquilo, juntava aquele tanto de ferro, arranjava uma lata e punha dento e punha água. E pegava rapadura e punha ali junto... sabe? Pa ferruge' sortá mais ainda, né? Ficava, sortava uma espuma 'marelinha, 'marelinha, que era a tinta, né? 'Cê vinha com o fiado (...) ficava uma tinta muito bonita, 'marelinha, 'cê vinha com o fiado e punha lá dento também, quando 'cê tirava de lá, 'cê passava na decoada, ficava 'marelinha [...] Ficava 'marelinha, 'cê punha no sol, dexava secá sol, depois cê passava na água e punha enxugá. Aquilo num desbotava nunca mais [...]. Nunca, nunca, nunca. Fazia os corte de calça (...), umas camisa. 'Cê tinha que fiá finim, finim, finim, finim. Eu, porque eu num sei onde é que tá minhas toáia (toalha) de algodão, que tá aí que eu fiava pra mim te mostrá, sabe? [...] Cê vorta aqui uma hora pa vê? (...). Fininha! Se 'ocê fa', se 'ocê óia (olha), 'cê fala assim: 'Mentira, num foi 'ocê que fiô' (...). Eu tem retai (retalho) de corte de calça aí também, que eu posso te mostrá (...), porque as camisa, cê tinha que fiá os fiado da grossura desse (...), sabe? Pa fazê serviço, pa trabaiá, as camisa pa trabaiá [...], durava demais... 'que (porque) tinha que cê fininha, as camisa tinha que sê fininha os fiado [...]. Não. Tinha o tear, tinha o pente (...). Eu tenho um pente aí até hoje que tecia o pano, que passava a linha dento do pano pa tecê (...) e feito de taboca tamém (...) (...). Era ropa de vesti pa trabaiá, pra passia ês (eles) comprava, né? (...). Isso aí que é o algodão ganga, ó. Isso aí num tingia não, a cor nativa do pan' do algodão (...). Isso aqui a gente usava no lugá de bolsa, né? Pa carregá os trem (...). Não. É tudo a mêma coisa [o pé de algodão], só muda a cor (...).

Narradora IF2M75

(...) Maria Pires Barbosa [...]. Eu vô fazê setenta e cinco, agora, dia vinte e dois [de fevereiro] [...] Eu faço xaropim bão pa bronquite [...]. Xaropim eu coloco... é... com'é que chama? Picão-de-cipó ... é... 'sa-peixe (assa-peixe) branco... açafraão... é... quando tá mais fáci' eu pego broto de erva-lagarto... quando, eu vô na roça, eu pego a raiz de gervão, raiz do fumo brabo, quina... e cozinho tudo, cõo... aí, cõo bem coadim num pano finim e põe açúcar e apuro. Um meladim. Gente, mais é bão! [...] Nossa! Mais é bão. O 'çafrão, então, mais é bão! [...]. Po' sê o pozinho, po' sê pegá ele lá, rancá ele, macetá (gestos) e cozinhá junto [...]. É o picão-de-cipó, é pa gripe. Primero põe o 'sa-peixe branco, cê pois? (...). Junta tudo, cozinha e cõa e apura. Fa' (faz) o meladim e ainda coloca mel [...]. É pra bronquite, gripe... até [...] limpa... é uma limpeza. Ah! Eu esqueci: flor guaco [...]. É... guaco tamém é muito bom, eu coloco, quando eu acho (...). Eu põe nas garrafinha, assim ó (gestos), de cinquenta e cinco e vendo, de' (dez) reais, doze [...]. Nó! Mai' compra tudo! Agora, eu num tô fazeno não, qu'eu tô com problema de vista, né? E ontem eu fui tirá... qué vê? Dexa eu te mostrá (...). Qué vê que coisa feia? Óia aí, com'é que tá meu ôio (gestos) (...). É. Esse aqui (gestos) eu num exergo dele não (...). Não. Ele [picão-de-cipó] é um cipó, ele sobe... em quarquê coisa, ou numa árve, ou num arame, o que tivê pa ele

subi ele sobe, e dá flor amarela... fica a flor amarelinha [...]. Não, bonita até que num é, mais é bão até pa hepatite [...]. É, até pa hepatite ele cura [...]. É da folha, põe o broto, po' (pode) pô flor tudo junto [...]. É, tudo junto. Pode. Panha lá a flor, ca folha, aques (aqueles) punhado de gaia. Eu panho é muito (...) e ferve uma tachada. Aí, a gente cõa... depois [...]. Não, tem o lugá certo [...]. Não, ali, ino pa Vila Domingues, naquela rua de terra tem um pé. Ele tá subido num arame assim, ó (*gestos*). Lá que eu cato [...]. E o 'sa-peixe tamém tá ali [...]. Agora, o 'sa-peixe dá de árve [...]. É pequena, n'é grandona não [...]. A folha dele é assim, gordinha, grossinha (*gestos*) e é verde por cima e meia branca por baxo [...]. Tem o 'sa-peixe roxo , mai' esse eu num uso não [...]. Ah! (...) falava que ele era melhó, ma' num tem corage de usá, qu'eu num tem costume, né? Igual, esse branco eu sei que ele é muito bão, né? [...]. Esse branco, é bão até pa oczemia (eczema) [...] dá no, no... quem bebe muito... dá no... sei lá se é no figo (fígado) ou onde que é. Seu João ali mes' morreu com isso, né? (...). É diferente. A flor dele é roxa. Ele... e ele é... folha diferente, compridinha e a flor tamém é roxa. Esse eu num uso não [...]. Esse fumo brabo , ele dá mai' é num lugá fresco. Onde tem uma grota assim... aí ele dá. Ele dá uma fôia... mais ou meno assim (*gestos*) e dá muita raiz. E dá um pendãozim assim (*gestos*), pareceno uma vassora... de varrê [...]. Parece uma bassorinha. Minha menina panhava, falava que era minhas bassorinha de fazê boneca (*risos*) [...]. Não, n'é aquele [de fazer fumo] não. Iss'é o povo antigo que fala fumo brabo. Nem sei com'é que fala isso direito [...]. Não, é pequeno assim (*gestos*), ó. Ele dá aquela cachopa, cê 'ranca dá aquele tanto de raiz junto [...]. Cê ferve... é da raiz [...] a folha não [...]. E o gervão... o gervão ele dá uma foinha pequena assim (*gestos*). Ele é bão pa quarqué coisa. Cê coloca a fôia dele de môi no álcool... ele é bão pa infecção, machucão. Eu durmo ca dona Maria ali (*gestos*), viúva do Fiuquim... e ela tem câncer de pele. Qualqué esbarradinha... até o pé que ela esbarra assim (*gestos*) aquilo fica roxim. Eu pego e levo aquilo curtido no álcool pra ela... arnica e... santa-maria, o gervão... eu põe guiné. Aí, ela vai passano, aquilo clareia tudo (...). Até dei po Túlio qu'ele quebrô o pé, né. Cê sabe onde qu'ele mora lá, né? [...] Túlio, meu neto? Mora em frente o Santo Antoim ali (*gestos*)... lá no Vilage Sul (...). Aí, eu tava curtino um vidrão assim, ó (*gestos*). Ele tava inchano o pé, qu'ele quebrô... poco tempo agora. Até onte' nói' foi... levô ele tamém em Goiânia. Aí, eu dei o vidrão. Falei: *'Ó, meu fi' (filho), vai passano que vai sará seu pé logo. Tem erva santa-maria, tem arnica, tem fôia de gervão, tem fôia de guiné, tem o fumo de rolo [piquei e puis no mei']* [...]. É. Esse é ôto fumo [...]. É. Miúda e a flor azul. Cê pega ele [o gervão], cê pega ele, cê vai panhano, ela vai caino [...]. Pititica assim (*gestos*), azul [...]. Não, pode fervê tudo. Pode. Pô de môi no álcool [...]. É. Pode. Esse po' (pode) pô tudo, intero. O gervão... eu já tomei ele pa maleita. Esfregava assim (*gestos*), me dava o sumo. Ê! Mais era ruim! (*risos*) [...]. Maleita, a gente pega uma febre braba na bera do rio. Nói' morava perto do ri' Pirapitinga... a gente pegô maleita lá. Aí, tinha que tomá o sumo do gervão, com mel de borá, tomava um tal de comprimido (...). Ê, gente, o trem 'margava que só veno! Aí, acaba com essa tal febre. E essa febre... cê po' colocá tudo quanto é tipo de coberta. Enquanto cê num treme até baxá febre, cê num para de tremê. Treme tudo que tá em cima d'ocê. Horrível! Eu tive quatro ano essa febre [...]. Não, foi constantemente [...]. É! Às veize, tomava esse comprimido 'margoso que eu tô falano (...), aí cortava, né? Aí, de repente, na ôta semana... já tava que no'... Nossa Senhora! É uma febre que tudo que vai comê tá amargano as coisas... cê enjôa de tudo [...]. Passô, mais eu tem problema no fígado [...]. É, por causa dessa febre [...]. Agora, eu até mostrei pa sua mãe um remédio ali qu'eu tô tomano. Um tal de Cura Tudo, que é bão pa muita coisa. Eu tava cheia de gangulosim aqui (*gestos*), aqui na arca, aqui (*gestos*), sabe? Eu comecei a tomá ele, desapareceu. E muitas coisa que eu não comia, agora, eu posso comê. Coisa de fubá, leite, queijo... madioca, num podia... agora, eu já como [...]. Não, esse é um homi de Minas trais, eu pego dele pa vendê p'os ôto [...]. O pé dela [quina] é grandão. A gente tira a casquinha (*gestos*) [...] da quina. A gente tira ela... ela é da casca grossa [...]. É, ela dá fruta. Ela tem a casca grossa, aí a gente tira a casca grossa [...]. E tira a entrecasca. É

'marelinha. Tira o entrecasca e usa po remédio [...]. Dá árve grandona... e dá a fruta. Engraçado que ela é amarga... a casca... mais a fruta, quando tá madura, é docinha [...]. É gostosa [...]. Comia, quando era meninda. Agora... nem sei cadê [...]. Lá no Parque Municipal, lá onde a minha irmã mora, tem [...]. No cerrado (...). Essa erva-lagarto dá uma cachopinha assim (*gestos*), no campo. Dá bem miudinha, mai' dá cachopinha, muito gaim assim (*gestos*). Aí... ela tem um cherim engraçado. Aí, a gente panha ela, lava bem lavadim, né, e ferve junto com o xarope (...). Não. O algodãozim que dá uma batata assim no chão. Ele é bão pa infecção. Ele é depurativo. Muito bão po sangue. Muito bão pa pele. E cê vê, eu num uso nada na pele, ó (*gestos*). Nadinha. Qu'eu tem poblema de vista, e eu não tem manchã e nem ruga, nem nada, né [...]. Limpinha! O povo fica admirado da minha idade e eu num tê nada. Admirado! [...]. É, a raiz dele. Aí, eu pego, lavo bem lavadim, po' cascá ela, ela tem uma casca... rala no ralim, esparrama num pano, põe na penera e seca den' de casa. Aí, vai usano [...]. É. Pega aquele trem raladim e vai colocano nos remédio [...]. Pa infecção. É, limpá o sangue. Infecção, se ocê tivé com uma infecção no útero, o ovár' (ovário), cê toma. É uma beleza. Se ocê num tivé vontade de arrumá um nenê, cê toma, num instantim cê engravida [...]. Tem muitos nenê, que meus remédio... tem muitos nenê [...]. Por causa de tudo, né. Eu coloco muita coisa (...). Eu vô lá buscá um baldão pr'ocê vê o tanto de trem que eu tem guardado (*gestos*) (*risos*). Esse jarrim, ele dá um cipó... uma fôia redonda assim, ó (*gestos*), ele é bão pa tudo quanto é infecção. Ai, ele dá uma flor assim pareceno um galo. Mema coisa dum galo. Tem o rabim, tem o bico. Ele é roxo. Ele dá... a pancinha assim (*gestos*), pareceno um galim mes', de verdade. Ele dá uma pancinha [...]. Esse líquido é o vin' de uva [...]. É melhor esse que num tem álcool, né? [...]. Cheroso! Delícia! Chero de raíz, ó (*gestos*) (...). Sabe como que eu aprendi? É... meu marido começô com muiezada, né. Eu peguei uma infecção muito braba... aí até internei, às veiz, pa mim tirá o útero, o ovár' (ovário). Aí, ele chegô lá, falô que num podia pagá, que era pa es (eleas) mandá... mandá eu vim embora. Peguei e vim. Aí, eu mes' fui fazeno esses trem e tomano, eu sarei. Num tirei nem o útero, nem o ovár' (ovário) e num tem nada aí, ó, num sinto nada. Num tem corrimento, num sinto nada. Cê é casada? (...). Quê que aconteceu com ele... ficô sabeno? [...]. Não... separô assim, né, de cama. Que ele amanhecia na quengaiada [...]. Não. Mai' eu cuidava da ropa dele, eu fiz minha obrigação. Sempre, sempre (...). Ele deu um tiro na cabeça e matô a muié. Esse aqui (*gestos*) é o capim-capucho. Esse aqui é pa reumatismo (...). Ó, o tanto que eu tem (*gestos*) (...). Na roça? Sempre é mais é nos campo, né. E esse aqui é um tal de... ele tem ôto nome... mais a mamãe falava cipó-podre. Isso aqui é pa quarqué infecção. No útero, ovário, no pulmão, na garganta (...). Isse aqui é a tal de panacéia (*gestos*), pos rim [...]. Panacéia, é pos rim. Aqui, ó (*gestos*). É assim, ó, eu vendo Natura, onde eu vejo um pé, eu panho (...). Esse [capim-capucho] é de môi no vin' branco... põe curti' (...). Aqui o tanto, ó (*gestos*), onde eu acho um pé eu paim (apanho) (...). Isso é a fôia da amora (*gestos*). É bão pos rim, é diurético (...), faiz fazê xixi até e é bão pos rim (...) põe de môi no vin' branco. Tudo isso [...]. Fui aprendeno. Aí, foi bão p'os ôto, es (eles) foi procurano (...). Não, morava aqui [em Ipameri]. Eu moro aqui já tem trinta e tantos ano [...]. Nós mudô pra cá em oitenta e dois (*gestos*). Iss'aquí é a casca da maria-pobre (*gestos*). Iss'aquí é bão pa coluna [...]. É, bão pa coluna [...]. É uma árve grossa (...). A flor guaco é miudinha mes' [...] ela é... parece... cor sem graça (...). Esse aqui (*gestos*) é um negócio que faiz a muié... fica fogosa (*risos*). É... dá vontade de ficá [...]. Essa aí chama verga-tesa. Dá vontade de ficá com o homi [...]. É, essa que é o verga-tesa (...). Aqui... tem a casca de mama-cadela que é muito boa de curá fígo (fígado) e bão também pa infecção. E tem tamém o tal de... com'ê que chama? Creme-do-campo. Aqui, ó (*gestos*) (...). Ele [verga-tesa] dá assim, raizada bem dura de 'rancá, mais é forte mes'! Cê põe o enxidão assim (*gestos*), ela nem qué cortá, de tão dura que é. Aí, cê 'ranca ela... ela dá um tanto de raiz assim, junto (*gestos*). E dá umas foinha comprida assim (*gestos*) e dá uma flor bonita, cor-de-rosa, pareceno uma perereca (*gargalhadas*). Aí, tem duas beiradinha assim (*gestos*), com o negocim no mei'

assim, ó (*gestos*), um miolim, mema coisa duma perereca (*gargalhadas*) [...]. Ah! Dá pa homi e muié (...). Pode! Às veiz, num tá prestano, né? O trem tá caíno (*risos*). Creme-do-campo dá uma foinha assim (*gestos*), gordinha, desse tamaím assim (*gestos*), aí... dá uma moita. Dá muita gaia (galha). Dá uma flor cor-de-rosa assim, (*gestos*), linda! Cê dá vontade de 'panhá e carregá de tão bonita que é (...). Ah! Esse aqui (*gestos*) tamém é ôto pa reumatismo. É o manacá, ó (*gestos*) (...). Esse fede urina de égua, né? [...]. Fede xixi [...]. É a raiz. Iss'aquí é 'massa ela... 'massa ela num pano bem grosso e bem limpin... põe curti no vin' (...). O pé de manacá dá assim, ó (*gestos*), uma fôia lisa [...], é... mais meno assim, ó (*gestos*), folha dele. Ele dá um pé, dá pé grande assim (*gestos*), a flor dá é... a flor dá um copim assim (*gestos*), um amarelo claro (...). Desse tipo [...]. Tem o lado dele dá. Ela dá lá per'... lá... com' é que chama aquele córgu lá gente? [...]. É... na bera de barranco... tem o lugá dele dá... tem o lugá. Num é quarqué lugá que dá não (...). Aqui o trem que eu te falei, ó (*gestos*): o jarrim (...). Esse aqui é 'maro-leite (amaro-leite) , é depurativo... po sangue. Se ocê tivé com pereba, tivé com o sangue... assim infeccionado... toma. É uma beleza [...]. Esse eu tem que pedi gente da fazenda trazê pra mim, né. Batata... é uma batatona assim (*gestos*) (...). Esse aqui... a muié foi lá... buscô e me vendeu [...]. Essa aqui [amaro-leite]? Esse eu num conheço [o pé] [...]. Porque meu pai ele era... era da roça. Ele falava, né. 'Rancava pra nós (...). Parece um pouco, mai' num parece tanto assim, não. O ôto [algodão comum] é da fôia lisa... e... e ele dá só uma, duas, três flor amarela, mai' é diferente... e... diferente desse [algodãozinho do campo]. As fôia desse, só dá três fôia numa gaia (galha) (...). É... num gaim (galhinho), ele só dá três fôia junto assim, ó (*gestos*) (...). Algodãozim do campo num dá algodão não (...). Eu até ainda falei que eu num tô mai' dano conta de 'rancá esses trem (...). Esse aqui é carrapichim que prega nas ropa, é pos rim, ó (*gestos*). Tem até que arrumá um remédio po Douglas, ele tava c'um [...]. É a raiz do carrapichim (...). Esse aqui... esse aqui é bobagera minha. É o tal de bate-caxa ... diz que é bão pa coluna e bão po rim tamém [...]. É... bate-caxa, dá no campo. Esse aqui é canela-de-ema ... esse é bão pos rim, é bão pa muita coisa [...]. Não, tem o pau (...). Essa aqui é a cana-de-macaco , ó (*gestos*), pos rim também [...]. Aí, a canela-de-ema como que é, ó (*gestos*). Ih! Tem um pezão assim (*gestos*), dá a fôia bonita, cê já viu os vaso... uns vasão assim (*gestos*), aquilo é canela-de-ema [...]. Folha comprida assim, ó (*gestos*). Se brincá, cê até corta o dedo... ela dá uma berada que corta [...]. Não... esse aqui (*gestos*) é o pau dela [...]. É... ela dá gaia (galha) [...]. Esse aí só dá assim... em lugá de pedraiada, é... cultura, né... lugá de pedraiada, bera de barranco, assim, mais ou meno [...]. É muito diferente! Aí, cê casca ela aí, ó (*gestos*) [...]. Parece. Parece canela da ema [...]. Ih! Eu tem pranta demais. Nossa Senhora! Ah! Eu tem ôto trem aqui pra mim te mostrá (*gestos*), mai' 's'aquí tá muito pequeno. Eu tem uma sacola ali cheia, num sei cadê qu'eu fiz dela (*gestos*). Aqui uma maió (*gestos*). Essa aqui é a doradinha... pos rim... pos rim [...]. É... dá amarelinha e a flor dela é 'marelinha. É uma cachopinha assim, ó (*gestos*), 'marelinha! [...]. Não, aí, coloca de môi no vin', pa bebê pos rim [...]. Tem planta demais! (...). Iss'aí [canela-de-ema] é bão pa coluna, é bão pa infecção... bão pa muita coisa (...). Vô fazê ôto... vidro de remédio po Douglas, que ôtro dia ele tava com cólica de rim. Eu fiz um ele tá bebendo [...]. Graças a Deus eu sô feliz! Sara tudo! [...] Todo mundo sara. Tinha o... irmão da dona Maria... ele tava lá na roça, que o pai dele num tá bem de saúde... ele tá tomano conta lá. Aí, diz que a muié dele... tava numa infecção... um corrimento que só veno! Aí, a dona Maria falô po Paulim [é sogro da menina, mora com o fi'(filho) dele]: 'Ah! A Maria faz umas garrafada boa. Quem sabe dá certo'. Ele pegô, vei' cá, buscô uma... tomô... foi uma veiz só. Cabô (...). Nó! Mai' fica feliz. A muié... a menina do Edim ali (*gestos*), arrumô nenê foi com meu remédio (...). Sô inventadera (*gargalhadas*) (...). Ah! Tem o jatobá também, que é muito bom [...]. Ele é bão pa bronquite, ele é bão pa... desagarrá... pulmão e ele é... bão pos rim [...]. Pode sê a fôia, pode sê rezina, pode sê a casca da fruta e pode sê a casca do pau. Tudo é bom [...]. Dá. O jatobá da uma frutona assim, ó (*gestos*). Ele dá... dá uma castanha comprida assim (*gestos*), cheia de pozim. Quand'era

menino, nói' gostava de comê. Aí... aquele pozim... ele chega pregá nos dente da gente assim, ó (*gestos*) |...|. Ah! Menino... é doido, né? Tudo acha bão. Aí, eu arranquei a rezina do jatobá e puis aqui, ó (*gestos*) |...|. Ele dá arvona |...| Árve grande |...|. É no campo (...). Pois é... eu tem o meu baldão aqui, só d'eu guardá minha planta (*gestos*) (...). Fumo de casa cê conhece? |...|. Fazê o cigarro... cê conhece? |...|. Não? Acho que ali no muro tem um pezim, qué vê (*gestos*). Venha cá. Vamo lá vê se nós acha ele (*gestos*) (...). O pé dele é grande... é grandão... e... dá umas bananinha assim, ó (*gestos*), tucano gosta de comê... ele dá umas bananinha (...). É [o fumo brabo] é miudinha e dá baxinha assim no chão, ó (*gestos*). Dá uma cachopinha e muita raiz. Ele dá arvona... foiona assim, ó (*gestos*) |...|. Não. O de fazê o fumo só dá uma fôia comprida assim, ó (*gestos*) (...). Eu plantei uma mudinha de poejo aqui, acho que num pegô nenhuma (*gestos*) |...|. Poejo é bão pa gripe... mais é... esses tempo eu plantei aqui, encheu aqui, ó (*gestos*). Ele tem a fôia miudinha, viu... qué vê... ele tem a fôia assim (*gestos*), só qu'ele 'lastra (*gestos*) |...|. É rastro. Plantei um punhado de mudinha. Mais num pegô nenhuma, aí, ó (*gestos*) (...). Aquela arruda... aquilo lá que te mostrei agora, arruda, um tal de artimijo qu'eu num tem aqui |...|. Conheço o pé, ma' só qu'eu num tem |...|. Ele dá um pé, ele dá uma flor... um pé assim (*gestos*), tão bonitim! Tão chei' de fôia, da flor, uma cachopa de flor branca |...|. É bonitim. Aí, quemava na pinga, né, é dava p'as muié tomá com quina... e descia e limpava |...|. É. Limpava (...). A folha... e a arruda tamém é a folha |...|. É... quemava na pinga... a pinga pega fogo, né? |...|. Uai, num sei porque [queimava na pinga] não. Iss'é... mania dos antigo |...|. Ixi! Tomei até (*risos*) |...|. Ah! As mulher, né. Sempre a... cê conhece a muié do compade Ozório, a comade Renilda? |...|. Não? Mãe do Edim? Ela mora ali perto do Zé do Clarindo (...). Na roça |...|. [Tive meus filhos] tudo na roça. Só o Vaguim que foi aqui porque dei problema de apendicite... aí tirô... ele e a apendicite... meu caçula... ele travaia lá no fóru' (fórum) |...|. Sete (...). [Seis nasceram na roça] é, parto normal |...|. Ele foi cesariana, né |...|. Ah! [Eu prefiro] cesariana, né |...|. Ah! A dor de parto é triste |...|. Nossa Senhora! Vem uma... para. Cê fica mole. Vem ôta pió, cê fica mai' mole. E vem ôta, cê pensa: Nossa! Agora eu num 'guento! É horrível! E de menina muié cê fica o d'interim passano mal. Vem a dor, vem ôta, vem a dor, vem ôta... menino homi é mais abreviada. É num instantim. Vem a dor assim (...), cê tem o menino (...). Só o Zé que demorô... ma' o Zé acho que tava atravessado... num sei não. Custô |...|. Não... tomá... é um chá de mentrasto |...|. Chá de mentrasto. Tem o mentrasto tamém que é muito bão po gases, né |...|. Eu tem ali no quintal. Qué vê... vamo' lá p'ocê vê (...). Esse aqui é o quebra-pedra , ó (*gestos*), pos rim |...|. Aí, cê pega essa raizinha aqui (*gestos*) e põe de môi no vin' |...|. Não. Fica maió, dá pezão. É porque eu 'ranquei pa pô na... no remédio do Douglas (...). Aí, o guiné que eu planto pa 'panhá o pé pa infecção, ó (*gestos*) |...|. É bão... é bão pa mal oiado. Muita gente planta, né? Pa num dexá dá mal oiado |...|. Aqui um pezim de mentrasto, ó (*gestos*). Esse aqui é bão pa dor de gases, muié de resguardo tomava o chá... dava o chá pos nenê num dá dor de barriga (...). Tem. Vem cá que eu te mostro (*gestos*). É o guiné, né (...). Cê planta... a pessoa oiá ali, né... aí, o mal fica ali. É arruda, o guiné... e... eu vô te mostrá (*gestos*). Que tem muita gente ruim, né? (...). Aqui, ó (*gestos*), aqui, ó (*gestos*) |...|. Comigo-ninguém-pode |...|. É (*risos*) (...). Essa é os mais véi, né? |...|. É. Fala que é bão (...). Não, num pode bebê não! Iss'é veneno. Se a criança pô na boca, morre |...|. É, veneno |...|. É, pode não (...). Ih! Demais da conta! Tá muito mudado |...|. De primera, as coisa era sadia. Agora as coisa tá matano o povo, né |...|. Tinha mais mato. O povo era mais sadio... as coisa num vinha com químico, né. Agora, tá... adoeceno o povo tudo. Cê vê... todo mundo com problema na perna... todo mundo com problema no estame (estômago), quê tem que tomá remédio pra... pa perna... e provoca o estômago |...|. Não. Antigamente num tinha câncer. Agora, o tanto que tem. Antigamente, num dava derrame. Agora, o tanto que tá dano |...|. É os químico... que es (eles) coloca nas planta pa vedá, porque os inseto tá demais, né. Se colocá num dá, né. É isso |...|. Naquela épa (época), es (eles) derrobava de machado. Derrobava aques (aqueles) pauzão mêmo. Aí, hora que passava um tempo, via que podia

quemá... colocava fogo, plantava. E só aquela própria cinza... e só aquela própria fôia era esterco pa planta. Mar' (mais) dava planta sadi' e boa toda vida (...). Dava tudo sadi' [...]. Era mais gostoso. A carne era mais gostosa. Num colocava remédio. Hoje, a carne num tem gosto... né? [...]. Era mais saborosa. Tudo! [...]. [O gado comia] capim. Capim jaraguá, no tempo que... no tempo que a gente tinha fazenda, capim jaraguá (...). Ele dava compridão assim (*gestos*). Quando tava na época... aí ele dava semente. 'Panhava semente pa semeá pa ôta banda que queria. É o normal. É o que criava gado [...]. É. Aí, alimentava c'esse capim [...]. Nossa! Num tinha precisão de tê esse tanto de gado igual tem hoje não [...]. Só tinha a erva. Essa tinha que tirá. Que se ocê comesse. Fazendero comprô umas terra, banda de Caldas Nova... aí, ele tinha muita erva. Aí, morreu sete rês. Instantim! Tinha dia que amanhecia duas morta [...]. É. Essa erva mata mesmo [...]. Essa erva ela dá a fôia roxa... comprida assim (*gestos*), estreita... e a flor roxa [...]. A folha também é meia roxa, mais a flor é mai' roxa [...]. Morre! Até a gente! [...]. É veneno. O papai gostava de 'rumá fôia dela de môi no melado pa dá pos rato, rato comia, morria tudo (*risos*) [...]. Era veneno... era veneno. Es (eles) bebia água até... morrê (...). Ou num podia colocá o gado, ou tinha de 'rancá ela. Aí, de 'rancá ela dava dor de cabeça [...]. É. Aí, vinha aquele chero no nariz, né, e dava dor de cabeça [...]. É braba... é braba... é... muito braba! [...]. Tinha muita fruta. Diferen' né? [...]. Nem acha. Ó, tinha um tal de croá, dá uma fruta comprida assim (*gestos*), uma fruta roxa (...). Nesse tempo, na roça, num pau... ele dava bem alto (*gestos*) e ele subino, subino, dava a fruta lá em cima (*gestos*). Ela tava madura, ela caía. Mai' cê partia ela, era amarelinha por dento. E cherosa e docinha mesmo! [...]. Gostoso [...]. Não, num tem mair' (mais) não. Cabô! [...]. Não... é cipó [...]. Ele ia subino [...]. Subino no pau (...). Tinha um tal de jaracatiá [...]. É, aí dava um tronco de pau (*gestos*), igual mamão, igual mamãozera, a fôia igual mamão, só que era menor. E dava aquele troncão de pau assim (*gestos*) de espim. Dava um mamãozim desse tamaim assim, ó (*gestos*) [...]. É igual mamão, só que era pititico. Ele dava lá em cima e caía quando tava maduro [...]. Não. Comia. Aí, colocava ela no sereno, na minguate... e no ôto dia tomava pa matá verme. Comia. Matá verme [...]. É, bão é na minguate. Todo remédio pa verme é entrano na minguate, né [...]. É. Tomá na minguate [...]. Ah! Se pudé 'panhá na minguate é melhó [...]. Todo remédio assim, a gente tem que 'panhá na minguate [...]. Quê ela mingua o pobrema (...). E diz que a proteína dela tudo pa raiz, na minguate. E na nova sobe. Aí, cê aproveita a raiz, num tá aproveitano nada... né? [...]. Tem a lua. Eu gosto de cortá [os cabelos] é na minguate também [...]. É que na nova cai [...]. Na nova cai que só veno e na minguate não. A unha... se ocê cortá na nova, ela quebra todinha. Se ocê cortá no sábado, ou na minguate, ela num quebra (...). É. Aí, a lua não governa, no sábado e no domingo (...). Agora, pa crescê o cabelo também... é... uai, cê vai querê isso... aumentá o cabelo, crescê o cabelo e pará de caí. Azeite... mais cê vai querê isso. Azeite da mamona ou o óleo da mamona [...]. Tem uma muié lá atrás do armazém do fi' (folho) do Antonho Dia, dona Joana, ela faiz azeite (...). Nossa! Machucão. Cê machucá assim (*gestos*), passa, cicatriza rapidamente. Muito bom. Remédio mesmo. E não dexe dá tétalo (tétano) [...]. Cê passe ele quentim, o tanto que cê 'guentá... ele num dexe dá tétalo (...). Eu gostava da pitanguinha ... é a pitanguinha compridinha assim, ó (*gestos*). Tem uma ôta, é... apertentinha também. Essa num é compridinha não, é redondinha assim (*gestos*), ela ficava vermeinha [...]. Pitanga também. Mais eu gostava! [...] Tem a pitanga maior e a pitanga menor [...]. Tem a pitanga comprida e apertenta redonda [...]. É tudo vermeinha [...]. Só que a comprida se ocê pegá ela meia verde ela é azeda... e a ôta apertenta. É apertenta (...). Ih! Trem demais. Menina do céu! Cê sabe aquele articum? [...]. Uma frutona assim (*gestos*). Mais nós gostava, gente! Ele dá aquele pezão assim (*gestos*), dá aques (aquelas) frutona assim (*gestos*). Quando tava madura, ela é grandona assim (*gestos*), redonda... e chei' de... cê já viu ata? Já viu? É igual ata. Porque na verdade, ela é redonda assim, ó (*gestos*), aí cê parte ela, mais el'é cherosa, aqueles trem mair' (mais) docim [...]. Parece uma ata, só que é redonda e dá no campo [...]. Não. O pé de ata dá

árve grande, dá arvona grande [...], o articum dá árve grande, mais é... mai' cachopento assim (*gestos*), mais chei' de gaia (galha). Às vez, até 'rasta no chão. Agora, a ata não (...). Marmelada do campo [...]. Ixi! Agora vai sê difíci' de te explicá. Ele dá... uma gaia (galha) comprida assim (*gestos*) (...). Ele só dá no campo, no mato assim. Ele dá aqué aquele pau comprido. Papai gostava de buscá pa lenha. Ele ia pegano aqués (aquelas) marmelada. Docinha! [...]. Ela verde, ela é verde... madura ela é preta. E por dento ela é preta, ma' é docinha. Eu adorava! Ixi! [...]. Não. Marmelada que faiz o doce, é de marmelo (...). Ôto trem que nós gostava demais era gabirola do campo [...]. Pé de gabirola dá aquela moituça assim, ó (*gestos*). Dá aqués (aquelas) penca de gabirola... aí, nós achava gostoso demais! [...]. É docinha [...]. A frutinha, às vez, dá até desse tamaím (*gestos*), às vez dá miudinha tamém assim, ó (*gestos*), conforme o terreno [...]. Ela fica amarela quando tá madura. Ela é verdinha, fica amarela quando tá madura (...). Comia uma tal de guapeva do campo. Dava aquela arvona assim, dava aqués (aquelas) fruta assim pregada (*gestos*) [...]. É. Redondinha [...]. A fôia dela é grande assim, ó (*gestos*), lixenta, cheia de cabelim (*gestos*). Aí, a frutinha é tamém assim (*gestos*) redondinha, pequena... lixenta... assim, enchia de cabelim... a gente... quando ela tava madura, apertava assim (*gestos*), vinha aqués (aqueles) favim assim, ó (*gestos*). Docinha! Nossa! Mais nós comia até! [...]. Quando tava madura? Ela caía do pé (...). Por fora ela é 'marela clarinha (...). E tem um tal... essa cê já conhece, né? Jenipapo tamém, nós adorava. Agora, eu num gosto mais [...]. Não? Ele dá aquele pezão enorme (*gestos*) e dá aquele tanto de fruta redonda assim, ó (*gestos*). Aí, cê pode fazê um suco, cê pode comê ele com açúca'. Mais é que eu num gosto mais não. Cruiz! [...]. Nó! Mai' quando nós era menino nós comia isso demais da conta! [...]. E ele é depurativo! [...]. É. Ali tem um pé [...]. Tudo, até a casca (...). Ali tem um pezão (*gestos*) ali, ó. Passa a ponte aqui, ó (*gestos*), lá do ôto lado tem um pezão [...]. Acho que aquele lá num dá fruta não. É macho (...). Às vez, nem tinha o pai pa ensiná. Meu pai ensinava tudo. Eu ia pa roça com eu pai (...). Essa pitanguinha comprida, além ela sê de comê... e a folha dela diz que é bão po célebo. Eu nunca bebi não, mai' diz que é bão, o povo fala que é (...). E a raiz dela é boa pa pô na garrafada, pa ajudá... dá... tesão, como diz (*gargalhadas*) [...]. É... tem essas três serventia [...]. Célebo... po célebo... pa memória, né? (...). Servia... uma tal de pindaíba, que dava a madeira certinha (...). Pindaíba ele dá comprida mesmo (*gestos*) e lá em cima ele dá uma cachopinha de fôia. Engradaçada. Igual palmito. Cê conhece palmito? [...]. Parece palmito (...). Essa madeira é certinha. Aí, podia cortá pa pô... pa fechá a casa (...). Aroera serve pa madeira, né, serve pa curral... serve pa remédio. Ela é boa pa infecção na barriga também [...]. Tira a casca de cima e pega a entrecasca e coloca de môio. Ela serve de madeira e serve de remédio [...]. Nossa! 'Caba nunca! Igual enterrá ela assim, ela num 'caba nunca [...]. Não... põe em cemitério... primeiro, antigamente, cemitério era na roça, cercava com madeira de aroera [...]. Aí, tatu num entrava... num apodrecia, né. Ela conserva [...]. Ih! Dá arvão. Dá tora. E pa rachá assim, dá várias tora. Dá cada tora assim, ó (*gestos*). Aí, cê derroba ela, corta... e vai rachano com a cunha assim, ó (*gestos*), põe a cunha e bate a marreta... ela dá várias lasca. Cê pode fazê um curral da lasca [...]. Quando nós morava lá no Sílvio, na primera fazenda nossa, nosso curral de... é tudo de aroera. Tudo feito de aroera [...]. Acha. Nos mato, né [...]. Não. [A folha] é pequena, é assim, ó (*gestos*). Cherosa mes'! [...]. Dá uma penquinha de frutinha muito miudinha, um cachim [...]. Não [serve pra comer] (...). Mais era fôia de buruti... fôia de bacuri [...]. Buriti ele dá grandão assim (*gestos*), dá uma cacho de coco muito bonito, muito bonito! [...]. Nos brejo... nos brejo. Aí, ele tem aquele foião mêmo (...). O bacuri ele parece isso, ó (*gestos*), coco da Bahia. Agora, o buriti é diferente. Diferente igual aquilo lá, ó (*gestos*). Só porque dá... é compridão mesmo. O bacuri ele dá mais pequeno. 'tra vez, espicha... um poco, mai' dá mais pequeno, num é tanto igual o buriti (...). É diferente. O buriti é igual aquele, ó (*gestos*), ele é buritizim, só que é de enfeite [...]. E o ôto dá compridão e dá um cacho de coco muito bonito, assim, ó (*gestos*), vermei [...]. Ah! Nós comia isso tudo [...] era gostoso. Nós comia isso tudo. E hora

que ele madura, a castanha... ninguém rebenta no dente. É dura! [...]. É dura [...]. A fôia dele serve pa tampá as casa (...). Como que fazia minha fia? É azeite, a rezina de jatobá e 'rumava erva-santa-maria e socava (*gestos*). Esses dias eu arrumei po meu neto... po Túlio. Eu tem até o pozim da rezina da jatobá aí [...]. Não, ela vem a rezina assim, ó (*gestos*), eu que soquei... soquei e coei na penerinha. Eu fiz o pó. Aí, cê põe (...) 'macetava a rezina de jabobá (*gestos*), acho que nem penerinha tinha naquela época... e socava erva-de-santa-maria até mesmo (*gestos*) (...). Aí, fazia aquele mistura assim, com azeite, erva-de-santa-maria, rezina de jatobá... e vinha com uma parte algodão assim, ó (*gestos*) e batia um ovo até virá o prato assim e num caí a clara... misturava aquilo... e punha no algodão aqui... e punha lá no quebrado, aí sarava. Do Túlio eu fiz, já tava pregano, aí o... dotôr de Goiânia 'rancô. Já tava pregano (...). É, num vinha no médico não, num tinha médico não, ortopedista não (...). Sarava tudo, porque aquele remédio penetra no osso... penetra (...). Casero... casero num prejudica nem o osso nem o estômago e o da farmácia acaba c'a gente. 'Caba! (...). Sabeno... quê tem remédio tamém que faiz mal, né. Igual a erva... igual sofre-do-rim-quem-qué... num pode bebê, tem que sabê, né? Sofre-do-rim-quem-qué, lá no Vilage Sul tem demais (...). Ele é a fôia compridinha assim (*gestos*), cabiludim. Vilage Sul tem demais... tinha... o povo tá 'cabano c'aquilo lá tudo (...). Tinha um tal de murici tamém... cortava [...]. Murici ele dá no campo tamém, ele dá uma frutinha assim cherosa, nós comia isso demai' tamém [...]. É... só porque ela é podre. Ela quebra à toa [...]. Não. Só pa lenha. Só pa quemá. É boa (...). Mentrasto (...), dá aquela praga [...]. É, dá na plantação que só vê. Ele gosta de cultura, de lugá forte. Mentrasto... dex'eu vê... um tal de corda de viola [...]. Esse trançava tudo. No feijão. Menina do céu! [...]. Era difícil [...]. Era cipó (...). É. Ia subino nos trem tudo assim, ó (*gestos*). É, ia capiná e tinha que tá puxano aques (aqueles) cordão de cipó de corda de viola (...). Dava aques (aquelas) cerrainha, mais nós comia. Margosa, ma' era gostosa [...]. Cerráia [...]. Era de comê... às veiz num... às veiz num... capinava assim... todas, né. Dexava um pouco pa panhá pa comê [...]. É. Cê num conhece não? Ela dá uma foinha... ela dá uma cachopinha assim, dá aquele tanto de fôia, ela é cherosa (...). Picava bem picadim assim (*gestos*), e afogava (refogava), Amargava! (...). Ah! Tinha um tal de ovo de sapo tamém que era danado pa tomá conta [...]. Esse ovo de sapo... ele tinha uma foinha... meia cabiludinha... e dava uma fruta... cobertinha assim, ó (*gestos*), a gente tirava aquela casquinha assim pa vê fruta. Esse tamém nós gostava de comê (...). Minha mãe num gostava não. Disse que fazia mal. Inclusive, um dia... eu tava ajudano meu pai arrancá amendoim... comeno amendoim verde, sabe? E depoi' comi ovo de sapo. Menina do céu! Fiquei três dia passano mal [...]. Ah! Num deu nada. Papai fez chá de mentrasto, qu'eu tava na roça. Feiz chá de mentrasto, melhorei o estame (estômago), com sal (...). Ah! Tinha dia que a gente num tinha nada [pra comer] (...)... cê viu aquele trem berano o guiné lá (*gestos*), aquilo lá dá demais nas roça. Nôi' comia aquilo [...]. Pega a fôia dela, tira do pazim, lava bem lavadim, joga na mantega, num instantim ela tá molinha [...]. Ora-por-nobre. Cê viu lá? [...]. Não. Ela é da fôia redonha, gordinha. Cê qué i' (ir) lá de novo? (...). Porque nas roça era difíci', né? Só quando matava um capado, matava uma vaca ou um carirú de roça mes' (...). O pé dele é enorme. Tem ele pa Camp'Alegre ali tem um pé [de bate-caixa]. Uma foiuça assim, ó (*gestos*), ele dá... num sei se é quato ou se é cinco fôia assim (*gestos*), ele dá uma gaia (galha) assim (*gestos*), ela dá num sei se é quato ou se é cinco fôia aqui (*gestos*), depois passa mais um pedacim ele dá mais quato, cinco fôia... dá até virá gaiona [...]. Ele é da fôia baruianta [...]. Cê 'panha ela, ela faiz barui (barulho), ela é [...]. quebra... baruianta [...]. [Cana-de-macaco] ela dá comprida igual cana... ela dá comprida igual cana, só que é do brejo... e na ponta dela, ela dá um cachim vermei igual um... uma planta que es (eles) planta, aí... uma flor... bananerinha, eu vejo plantad'aí no jardim... ela dá um cachim vermei assim, ó (*gestos*), na ponta (...). Esse amaro-leite eu num conheço, mais diz que é a fôia igual melancia. Esse eu num conheço (...). O pé de mama-cadela, às veiz, ele dá moita... e talvez... ele tem um grandão, que dá grandão assim (*gestos*). Ele dá uma fruta amarela assim,

ó (*gestos*). Ele parece uma embira. Mai' ela dá docinha... esse é muito gostoso [...]. A frutinha dele tem um leite... ele é cicatrizante de osso também [...]. É, o leite dele é cicatrizante de osso. É cicatrizante... tudo que tem leite é cicatrizante [...]. Mangaba ... cê conhece mangaba? A mangaba dá a fruta assim no campo, né... às vez, dá mais pequena, às vez, tem uma que é até grandona... ele dá até petitico assim (*gestos*). Aí, cê come a fruta, é muito gostosa... e ela é cicatrizante, que ela tem leite... e cê po' pegá a casca dela e 'rumá, curti' tamém e tomá [...]. e tomá porque tamém é cicatrizante do osso. Quem tem osteoporose, esses trem, é bão (...). É... eu conhecia... que meu pai me ensinava, né? (...). Meu pai conhecia muita coisa (...). Não, mamãe num saía p'as roça assim não (...). É... eu ia com ele p'as roça. Adorava! Gostava demais de roça (...).

Narradores IM1A71 e IF3J61

IM1A71: [...] Idade? Setenta e um. IF3J61: Eu sô do seis... é... do vinte do seis de cinquenta e treis (...). IM1A71: Eu sô de quarenta e treis (...). IF3J61: Ele é do dia seize (seis) [...] de novembro de quarenta e treis (...). [...] Na fazenda, aqui em Ipameri mesmo [...] na roça, na roça [...]. Eu, quando eu vim pa cidade, eu já tinha... vinte e sete anos, eu me mudei pa cidade. Morei de quado eu nasci até vinte sete ano eu morei só na roça. IM1A71: [...] Ah! Num foi muito diferente, porque ela vei' (veio), eu vim também, né? (...) [...] IF3J61: Não. O (...) vei' (veio) pa cidade ele já tinha... ele vei' (veio), mudô pa cidade mêm assim... Mais ele nunca mudô pa cidade, ele ficô sempre na roça, né? Aí, ele vinha aqui e vortava pa (...). Ele ficô sempre na roça... ele. Agora, eu que vim mais cedo pa cidade, pa os menino estuda', né? [...]. Eu fui até a quarta série. IM1A71: [...] Ah... eu frequentei... fiz só o primero ano, na época só a (...). [...] O meu (minha profissão) é lavrador. IF3J61: O meu é do lar (...) [...] Tinha... cê fala assim... de mantimento, essas coisa ou de...? [...] Lá tinha. Quando nós morava assim, por exemplo, é... essas plantas medicinais tinha... gente vivia era da lavora, né? Igual, plantava o milho, plantava ramo de madioca, plantava arroz, feijão... isso tudo a gente (...) [...] Sei. IM1A71: Nativa, por exemplo? (...) Ah! Eu lembro de muitos. É... por exemplo... Aí, cê qué sabê dessa planta... o remédio dele serve pra que ou com'é que é? [...] IF3J61: A laranja, por exmplo. Vamo falá da laranja? É? [...] IM1A71: O articum ele num acha mais... difíci' [...]. O articum, ele era... uma maderá... carquenta, que dava uma fruta... mais ou meno' (*menos*) do tamaim (tamanho) desse (*gestos*). Quando ela madura... se a gente quisesse comê comia, se num quisesse era cumê dos bicho, né? [...] Praga que es (eles) fala? [...] (*risos*). Picão, era... IM1A71: Tapueraba. IF3J61: O picão é uma plantinha, uma árve assim, um matim que tem, uma praga igual cê tá falano. Ele dá dessa altura assim (*gestos*). Ele dá uma flor amarela, depois dá... IM1A71: Madura, ele vira um cachim preto, chei' de espim. IF3J61: Vira um cachim preto chei' de espim, cê anda assim ele prega, ele gruda na ropa da gente assim, sabe? [...]. IM1A71: Tapueraba é uma praga que dá aquele cipó assim (*gestos*) e... boa pra pegá. Cê capina ela, daí uns quinze dia, ela já tá quase de um metro (*risos*) [...]. IF3J61: É praga mes (mesmo) (*risos*) [...]. IM1A71: Era só assim [capinando] (...) po' (por) veneno ela num obedece... bate veneno nela, às vez morre a fôia, mai' brota de novo (*risos*) [...]. IM1A71: Tem a jangada, que a jangada... é uma árve. Então, ela... ela dá uma fruta, mai' a gente num pode cumê não. IF3J61: Ela é veneno [...]. IM1A71: Ela é tipo dum árve, só que é uma maderá assim... ela fica alta... dá aquelas fruta, mais o' meno' dum tamaim assim (*gestos*) [...]. Quando ela tá madura, ela fica amarela. IF3J61: A árve é assim, tipo dum pé de laranja? Tipo dum pé de abacate? Ou... IM1A71: Mais ou meno' (...) tip' aquele pé ali, ó (*gestos*). IF3J61: Ah tá [...] Tipo dum ipê roxo [...] IM1A71: [...] Não, só a casca que virava embira pra fazê corda [...] é... e fazê corda [...]. Uai (*risos*), cortava a tora dela, aproveitava tudo e punha dent' d'água e dexava lá um meis... aí ela bambeava, cê tirava ela e batia, igual batê ropa e

fazia a corda [...]. IF3J61: Punha ela de môi (molho) lá na água, né? Aí depois, ela amolecia, soltava a casca, es (eles) pegava ela batia, tirava aquela casca dura por cima, que ela vai ficá entremei' a casca de fora com a madeira. Ela ficava entre a casca... a casca mais grossa com a madeira, né? Aí ficava aquelas fita, aí cê tirava e fazia as corda [...]. Fala assim, aquelas corda a bacaiá (...)? IM1A71: É tipo duma corda de bacaiá, mai' era mais macia (...). A corda de bacaiá, o material dela é... com' é que chama? Com' é que chama aques (aquelas) (...) de trem que tem lá perto da casa da sua mãe? Eu esqueci o nome des (delas). IF3J61: É... pitera (...). IM1A71: Ah... engasgava [se comesse a fruta do pé de jangada], é tudo chei' de espim por dento, né?. IF3J61: Mais ela era veneno? IM1A71: É. IF3J61: Então, a fruta da jangada que era... que não podia comê. IM1A71: Não, es (eles) fala... pelo meno' eu conheço ela por fruta de jangada, né? [...]. IM1A71: Tem. Tem a jubeba que é espinhuda. IF3J61: A malícia... é um cipó (...). Jubeba, ela dá assim, tipo um pé de jiló... mais só porque ela é cheia de espim, e ela tem as frutinha que a gente pode comê [...]. É... isso! Põe no arroz, faiz um... curte ela igual pimenta [...]. IM1A71: Não, aqui por perto, logo ali embaxo tem um pezão (...). IM1A71: A malícia é um cipó... ele dá uma latadona grande assim (*gestos*), é o puro espim (...) nos braço, nas perna, quarqué lugá [...] arranha tudo (*risos*). IF3J61: Tem o esporão tamém, né (...)? Que é... do mato, né? IM1A71: É. O esporão... ele é bão até pa... IF3J61: Remédio. IM1A71: Po rim [...]. IF3J61: O esporão ele é uma árve assim que dá uns espim, né? Cê pega a folha dele, é a folha... ferve e... e toma. Es (eles) fala que é bão pa pedra nos rins. A gente toma muito. É bão pa emagrecê [...]. É. [...] (*risos*) [...]. IF3J61: Não. Ele é baxo. Ele num... IM1A71: É assim, ele dá uma latadona grande assim (*gestos*) e um sombrão. IF3J61: É. É. Ele num é muito alto. Ele é uma árve baxa. IM1A71: Os gai (galhos) é quase tipo cipó. IF3J61: É. Mais é chá dele é uma beleza. Eu tomava nas roça assim, eu tomava muito chá de esporão [...]. IM1A71: A gamelera é uma que dava muita sombra. IF3J61: É. A gamelera. A gamelera tem uma sombra enorme. O... ôta coisa tamém assim que dá uma sombra muito grande tamém é o óleo, né (...)? [...] Com' é que chama aquela árve do óleo? É óleo mes (mesmo) num é? IM1A71: É, o nome da madeira é óleo. IF3J61: É, o nome da madeira é óleo [...] IM1A71: A madeira dele, né, modo ôto, serve pa ti'ra taba (tábua), porque ele dá muito grande, grosso, né? [...] IF3J61: Grande. Aí, dá alto, grosso. E ele dá tamém... se ocê furá... [...] E o óleo é assim, esse que a gente tá falano que dá a sombra, ele... se ocê furá, cortá nele... um metro pra cima dele assim, cê corta... faiz aquela buraco nele, né? E dexe lá. Faiz tipo um pilãozim e dexe. Depois ele solta o óleo [...] Demaize (Demaís)! IM1A71: Ixi! Remédio pra muita coisa. IF3J61: Com' é que fala? Óleo de... óleo de... IM1A71: O povo da farmácia falava era óleo de pau, né? IF3J61: É. Óleo de pau que chama [...] IM1A71: Uai, serve pr'ocê curá... por exemplo, um cavalo com uma pisadura, cê passa, ela cura dento de poquim prazo. E a gente se bebê tamém... cê tano tipo duma pneumonia, uma gripe... num pode bebê muito, mais ou meno' uns quato pingo tamém cura. IF3J61: Toma com café de manhã. A gente pinga umas três, quato gotinha... IM1A71: Só que é ruim de bebê. IF3J61: No café e toma. É bão. Cura até pneumonia [...] Curava era com isso lá pas (para as) roça. A gente não vinha na cidade buscá esses xarope d'agora não [...] E ele tamém assim, por exemplo, um machucado... cê corta e aquele machucado fica toda vida aquele trem, assim, num seca, num cicatriza, cê passa ele. Daí, três, quato dia, cicatrizô. IM1A71: É poco prazo [...]. M1D261: É. Curá ferida. Ele é bão demais. E a gamelera... a gamelera ela é a sombra muito boa, né? Porque ela dá enorme assim (*gestos*). Cê fica debaxo dela, é um lugar que cê fica à vontade. Ela dá uma frutinha, né? IM1A71: As frutinha se quizé comê come, mai' ela é próprio (própria) mai' pa pexe (...). IM1A71: Não, a lenha dela (gameleira) num presta, ela é fraca. Num presta pra queimá (...). IM1A71: Uai, tem a pimenta do reno, né? (...) A árve dela é uma árve... ela num dá grandona não. Ela é uma árve baxa, ela recói (recolhe) assim (*gestos*), aquilo fica (...), cê vai lá e panha, seca ela [...] IF3J61: Ela dá os cachim. IM1A71: Tipo duma semente de mamão, cê já viu semente de mamão? [...]. IF3J61: Ela dá tipo dum cachim de uva, com as sementinha pretinha assim

(gestos) [...] ou corta os cachim, ou então cê vai lá e derriça igual panhá café, panha ela [...]. Seca ela, né? IM1A71: Seca ela e mói na máquina [...] IF3J61:É, aí... é, aí cê já (...) faiz o pozim dela, né? Pimenta do reino é esses tempero. E tem açafão que ocê planta ele é... assim... baxim, né? Que dá aquês (aquelas) foiona grande, aí é o 'çafrão. Cê 'ranca ele [...]. É, de raiz, ele dá as raiz, aí cê 'ranca, lava aquilo tudo, casca, né? E mo', dexe se', pica ele bem finim e põe secá, a hora que ele tivé sequim, ocê pega e vai na máquina, e mói ele e faiz aquele pó finim. O açafão tamém é muito bão, 'çafrão é bão pa tosse, ele bão pa... pra... IM1A71: 'çafrão com mel de oropa (europa) e pimento do reno cura qualquer tosse (...). IF3J61:O xarope... o 'çafrão... se ocê tivé tossino muito, ocê pega um cabim de garfo assim ó (gestos) e faiz um café sem doce... e toma... maize (mais) é uma beleza pa tosse. Tem um velho lá na serra, per do Corumbá, ele tem quantos ano (...), noventa? IM1A71: Qual? IF3J61:O (...). IM1A71: Ah! Capai' que ele já deve tá cum noventa e... noventa e quato ano. IF3J61:Noventa e quato ano. Ele um dia chegô aqui em casa... aí, falô: '*Se tem 'çafão, (...)?*' [Eu num sabia não]. *Aí eu falei: Tem. Ele falô: Porque... nós antigamente usava 'çafrão com café sem doce pa tosse, mais eu tô sem 'çafrão'.* Eu arrumei pra ele... fiz o café pra ele sem doce e dei com 'çafrão, ele tomô, aí ele ficô uns treis dia aqui na rua... que ele mora lá nesse pé de serra. Aí, ele tomô, quando foi no ôto dia, ele falô assim: '*(...), cê duvida que eu consegui dormi' essa noite? Que a minha tosse parô'.*' Desse jeitim (...). Então, é... diz que... ele... cê vê, ele, um véi de noventa e quato anos, heim! [...]. IM1A71: Tem o manacá tamém. O manacá é uma planta que... ela é nativo do cerrado. IF3J61:O manacá é mais ou meno' tipo... tipo abacaxi, (...)? MM171: Não. A raiz dele dá tipo de mandioca (...), só que... ali cê 'ranca, ranca a raize (raiz)... e rapa ela com uma faca... finim assim (gestos) e ela é remédio pro reumatismo [...]. Hoje já num tá fáci' de achá ela, porque... o povo desmatô tudo, né? O único lugá que eu sei que tem dela é só ali naque's (naquelas) (...). IF3J61:Aí, tamém tem o amaro leite, né (...)? O amaro leite é o que? Que jeito que é a planta dele? É cipó ou é árve, o quê que é? IM1A71: É uma árvinha, pequena assim (gestos). IF3J61:Ele dá umas mandioca [...]. É. Aí, cê... igual tá falano: raspa aquela pelinha, né? E aí, 'cê corta aquelas rodelinha dele assim (gestos), vai cortano, cortano, põe secá. Aí, cê pega... antigamente, usava era assim: a hora que ela tava seca, a gente cortava as rodela, passava uma linha com a agulha den' dela assim (gestos), e fazia aquês (aqueles)... tipo um colar bem grandão, sabe? E punha secá. Ali, a pessoa tivesse com uma gripe, é bão pa gripe, bão po sangue, pra tudo. IM1A71: Depurativo, né? IF3J61:É. Depurativo do sangue. É ótimo [...]. IM1A71: O velame branco é próprio pa depurativo tamém. Po estômago é aquela casca... [...] o velame branco, ele dá um talo igual cebola, essa cebolinha que a gente planta, né? Aí, cê... ele dá uma batatinha desse tamaim (gestos), aí cê 'ranca ela... faz o chá e bebe tamém (...). Po estômago é a casca-sagrada, é uma maderá que amarga até! [...]. IF3J61:Tem a casca-sagrada, tem a quina, tem o velame... não, com' é que chama o ôto? [...]. IM1A71: É uma maderá [a casca-sagrada], ela fica grandona tamém, 'cê vai, pega um pedaço de casca do tamaim que quisé e guarda em casa, po' ficá anos, ela num perde o valô não. Eu memo acho que ainda teim o pedaço aqui. IF3J61:É, ela parece um... ela é tip' assim, sabe aquelas tampa que a gente faiz pa pô nos litro de pinga? Aquelas tampa post', é... com' é que fala dela? [...] Isso! A rolha. Ela é daquele tipo. IM1A71: É. Parece. A casca dela por fora, né? Só que por dento ela é amarelinha (...). IF3J61:É, 'cê pega ela, tira a casca e coloca na água. A água fica 'marelinha. Aí, cê toma. Ma', po estômago não tem coisa melhor [...], qualquer dor do estômago, na boca do estômago é... é que tivé com o estômago zangado tamém é bão (...). Tem a... tamém a lobera, né? [...] A lobera é uma fruta, numas arvinha que dá no pasto assim, ó (gestos), uma arvinha meia branca... ela dá redondinha assim (gestos), com poco gai' (galhos). IM1A71: E as fruta desse tamaim assim (gestos). IF3J61:A fruta desse tamaim assim (gestos), tem umas que dá desse tamais (gestos). É. Verdinha. Aí, quand' ela madura... não, do (...) tirô foi verde, né (...)? IM1A71: Foi. IF3J61:Pega ela, lava bem lavadinha, tira um pozim, que ela tem um pó, né?

Piniquento até! Aí, 'cê lava aquilo, rala ela... e, e vai no pano, põe água, passa no pano como se tivesse lavano pa... fazeno polvilho... e aí cê dexe aquela água com aquela macinha... coa e dexe aquela água. Aí, quando fô no ôto dia, cê joga aquela água fora... e tira aquele polvilho, fica aquele polvilho branquim no fundo, aí 'cê tira aquele polvilho, põe na, no secá, num pano bem branquim ali, seca, aí cê desmancha ela, passa na penerinha e guarda nos vidro... e vai tomano, todo dia de jejum 'cê toma um cabo, assim uma colherzinha de chá. Cura até úrsera. O meu genro foi curado com gastrite... com esse é... polvilho de lobera [...]. Acha. Tem muitos. IM1A71: Nesse cerradão aqui do ôto lado memo acha muito [...]. IF3J61: Tem. As fôia é chei' de espin... uma fôia assim, quase tipo a jubeba que nós tá falano. E piniquenta... aí, tem os espin, branca, é uma árve branca. IM1A71: A fôia dela é branquicenta. IF3J61: É. Branquicenta assim. [...] Tinha. É um remédio chamado arpo. Esse é uma planta que a gente tinha, assim, num é nativa, ela é... a gente pega muda com uma pessoa, com ôtra. É igual o alecrim, igual o poejo, por exemplo, né? A erva cidrera. A gente pegava aquela mudinha e plantava em casa. Chamava arpo. É. Dá aquelas moitinha assim, ó (*gestos*), sabe? Aí, 'cê pegava aquelas fôia, quemava na pinga... e tomava por causa das cólica [...] (*risos*). É. Punha... 'cê pega a fôia (*risos*). IM1A71: Põe no prato, bota fogo, ela quema, né? IF3J61: É, 'cê bota ela, (*risos*) coloca ela num prato, despeja a pinga em cima e chega o fogo ali [...] aí quemava. Tira aquele (...) aquele negoço da pinga, né? Tira o álcool... quando quema ela, fica verdinha aquela pinga, aí 'cê tomava. Era a mema coisa d'ocê tirá ca mão. Tem, tem o arpo, tem o artemijo [...] o artemijo é uma folhinha repicadinha, e ele dá, é chei' de florzinha branca com amarela, umas florzinha redondinha, miudinha, aí dá nas ponta. Aquela folha tamém, 'cê pega ela, ou faiz o chá, ou quema na pinga pa tomá, quando tá com cólica [...]. O artemijo é mais pr' essas coisas mesmo, né? [...]. Então, esse artemijo é muito bão. Nossa! Pa cólica, esse arpo, esse arpo é muito bão. Hoje em dia, eu nem sei. Até ando procurano mudinha dele, sabe? Pra mim tê em casa, porque eu aqui em casa, eu gosto de plantá de tudo, sabe? Eu planto poejo, sabuguerim, ali tem uma vizinha... [...]. O poejo é um que dá 'lastrado no chão assim, que 'cê faiz um chazim gostoso dele pa nenê. IM1A71: Chera longe! IF3J61: É igual funcho [...]. É, pra dor de barriga, pra dá sono, ele é pra... 'cê faiz o chá de poejo, dá po nenê com AAS infantil... ele dorme, que nunca vi [...]. Não, o poejo é 'lastrado no chão, né? Ele é vai espichano assim, enraizano. O funcho é que dá aques (aquelas) foinha miudinha, fininha, dá grandão assim ó (*gestos*), e dá umas flor amarela. Funcho tamém é pra dormi' e pra dor de barriga [...] Pra nenê. É. Mais gente grande pode tomá tamém, se quisé dormi', né? [...] (*risos*). IM1A71: Arruda tamém é bão pa muié... de resguardo (...). IF3J61: É. Tem arruda tamém. Arruda é uma planta fedida. 'Cê encosta nela assim, ele fede... tanto! Ih! Mais ela é uma beleza pa mulher, viu! [...]. Assim, de resguardo, ou mesmo uma cólica, é... p'essas coisa [...]. [Fazia] chá, quemada na pinga, a mesma coisa. É treis qualidade: tem o arpo, tem o artemijo e tem a arruda, né? A arruda é bão pa dor de cabeça [...]. É, pra... por exemplo, se 'ocê tá com uma cólica, 'cê quema ela na pinga; se 'ocê tá com dor de cabeça, 'cê faiz o chá dela; se 'ocê tá com o ôio (olho) é... assim, remelano, aques (aquelas) coisa grudenta... 'ocê pega ele, quebra o ovo, escorre aquela clara todinha, dexe sequim, aí 'cê leva ela lá no fogo e esquento até secá, põe água, pega treis gaim (galhinho) de arruda, coloca dent' da água e dexe fervê, na hora que tivé verdim [...] sem nada, a casca limpinha [...]. É, a casca do ovo vai ficá tipo uma vasilhinha pro 'cê fervê aquele chá. Aí, 'cê põe as folhinha lá, ferve e banha. Meus meninim sempre dava um probleminha no ôi (olho) quand' era pequeno. Eu banhava com aquela... [...] a água da arruda... na casca do ovo [...]. E era bão, era uma beleza, não precisava i' (ir) no médico, nem nada. Limpava o olho da criança [...]. IM1A71: Pra probrema de rim é bão o... quebra-pedra, né? (...) o quebra-pedra, ele dá uma arvinha baxa assim ó (*gestos*), as fôia repicadinha, 'cê 'ranca ele e... faiz da raiz ele... um porrete pra... [...]. IF3J61: Faiz o chá da raíze (raíz), pa podê... p'os rins. A fôia do abacate tamém é uma beleza p'os rim [...]. Faiz o chá. Tud' é feito o chá. A fôia do abacate, 'cê pega aquelas mais amarelinha... e ferve e toma (...). Diarréia, tem

uma marcelinha que é igual, tipo assim que eu tô te falano, poejo, por exemplo. Ela é da foinha miudinha e ela dá aquela rasterinha assim no chão assim, ó (*gestos*), 'margosa que só! Amarga! Mais amarga! Aí, 'cê põe ela de môi (molho) e toma aquela água (...). Pr'os rim, que eu sei, é esse quebra-pedra que o (...) tá falano, essa planta, né? (...). IM1A71: A casca do ipê é bão pra que mes' que 'cêis fala? IF3J61:O ipê roxo é bão pra infecção. IM1A71: Ipê é aquilo lá, ó (*gestos*). IF3J61:|...| É, de bar' no útero, coisa ne útero, de ovário. É... essas coisa |...|. Não, da casca |...| É, 'cê pega a casca, tira aquela por ciminha, depois tem entre a madeira e ôta, tem ôta. 'Cê pega aquela ôta casca, ferve ou então 'cê manda fazê garrafada com ele |...|. A garrafada, 'cê pega a casca do ipê roxo... põe na garrafa e compra aquele vinho branco e põe pra curti |...|. É, aí 'cê vai tomano (...). IM1A71: Tem a... a fruta da sucupira tamém é uma... uma... com'é que chama? Biotônico? (...) 'Massa ela e põe ela no biotônico tamém. Se tivé com uma dor de garganta, sara mió (melhor) que lá no dôtor |...|. Ela é uma árve, ela... depois de grande, ela é uma árve grande, serve até pa fazê toco de arame (...). Ela dá umas frutinha chatinha assim, mais amarga pa daná! IF3J61:Elas fica lá, né? Aí, a hora que elas seca, elas vai caino no chão, elas cai no chão por si. IM1A71: Aqui em casa até tinha deza (delas), num sei onde que tá (...). 'Cê 'massa ela, ela solta um óleo (...). Acho que eu teim dela aqui, dexe eu te mostrá. Se as menina num carregô... (...). IM1A71: Dor de dente é... casca de goiaba é bão, né? (...) Se inchá 'cê enche a boca c'a água, fica ali um tempo... umas treiz vez... tá bão (...). Dor de cabeça tem... qual é mais pa dor de cabeça? IF3J61:Pa dor de dente tamém tem mais, aquela... fôia de batata |...|, batata-doce (...). 'Cê pega a rama dela, lava bem lavadim e ferve... e faize... bochecha com aquele chá. Desincha, desinfeciona o pé do dente, tudo... é muito bão. Nós fazia era isso, lá pas roça, né? Que nós num tinha jeito de vim pa cidade, então, nós usava mais a coisa da... do mato (...). IM1A71: Dor de cabeça esse boldo é bão, né? IF3J61:É. O boldo, né? Boldo... é uma foinha grossa, remé'... iss'é casero... pega aques (aquelas) folha e... e faiz o... chá e toma. É bão pa dor de cabeça (...). O desmaio, mais es (eles) fazia era simpatia, né (...)? IM1A71: Simpatia es (eles) fazia, mais eu num acreditava muito nisso não (...). Ah! Tem o barbatimão tamém é bão pa ferida, né? Casca, né? IF3J61:O barbatimão é uma arvinha fina que dá na bera do brejo... mais dá mais na bera dos córgu. Ela dá uma folha assim... é... miúda, mais é.. tamém dá elas 'marela, né (...)? Dessa cor aqui assim ó (*gestos*). Ela dá... as amarela fica assim (*gestos*), 'cê viu uma dessa... que a madeira dele é branca |...|. Não, não. É... IM1A71: Não, a casca dele, antigamente, es (eles) fazia... curtia corô de vaca, esses trem assim era c'a casca dele, né? Mais hoje em dia num usa isso mais. Ele, agora, pa usá, tem que tirá a casca, frevê até ela virá um meladim... tamém é bão. IM1A71: Não, mais 'cê qué vê... eu machiquei esse dedo aqui com um ferpa de bambu... meu dedo inchô tanto, que es (eles) teve que rasgá... pa tirá a ferpa. E aí menina, mais a minha unha assim, não, infeccionô tudo minha mão. Tudo! Aí, eu fui lá no posto de saúde... chegô lá, es (eles) fazeno curativo, né? Rasgô aquilo lá, drenô, feiz aquela limpeza... aí, vô lá no posto de saúde. Sabe cum quê que é que es (eles) tava banhano minha mão? Cum... casca de barbatimão. Pega as casca do barbatimão, põe na panelona, ferve, faiz aquela... aquele... IM1A71: Melado. Meladim. IF3J61:Não. Lá foi uma água mesmo assim, sabe? Tipo um soro. E todo dia es (eles) limpada com aquilo. Com casca do barbatimão pa cicatrizá, pra desinfecioná. IM1A71: Por exemplo, se tivesse um cavalo, uma vaca com uma pereba grande, era só passá [o melado da casca do barbatimão] que sarava (...). IF3J61:Chá de canela. O único chá... que tomava pra abreviá o parto. Era chá de canela |...|. Aí, por exemplo, se a muié comesse a passá mal, e aí 'cê tinha que tomá coisas quente pra ajudá 'cê... |...|. Canela é planta, é uma planta. Ela é uma arvinha cumpridinha assim tamém, cheia de cipó. Aí tem as folha dela, as folha dela é (...) tipo fôia de café. Es (elas) é tão seca que es (elas) quebra assim ó (*gestos*). Cherosa! IM1A71: 'Cê pô ela na boca e martigá é docim (...). IF3J61:Naquela época, quando a gente ia ganhá nenê, era a folha. 'Cê pegava a folha, que sempre... a maioria de gente em lá no quintal plantado. Ela num dá no mato, ela dá em casa (...), aí 'cê pega...

tomava o chá da canela. Ajudava demais da conta a mulher. Tinha também, agora pra... assim 'cê ficá mais sadia... 'cê tomava a raiz do pé-de-perdiz [...]. Pé-de-perdiz é uma plantinha desse tamanzim (*gestos*) que dá no campo. Aí, 'cê 'ranca a raizinha dela... IM1A71: Ela já é nativa. IF3J61:É, ela dá... do mato. 'Ranca aquela raiz e faz o chá e toma. Todo dia cedo, 'cê toma. É bão pa [...]. Algodãozim do campo também é bão. O algodãozim é igual esse algodão mesmo, que nós, que planta, sabe essas lavora de algodão? [...]. Tem diferença, ele é pititico. Ela não dá árve grande... ele é rasterim assim, ó (*gestos*). Dá a flor amarelinha... e é do talo rocho (...) e 'ranca a mandioca também [...]. Não. É o remédio. 'Cê rala ela... e... ou então 'cê corta, faiz o chá das rodela, ou então 'cê rala e faiz o polvilho e toma o polvilho na água [...] é pra... quando tá de resguardo, ou se 'ocê faiz cesária, pa cicatrizá a cesária rápida [...]. Toma. Tudo é tomado (...). [...] (*risos*) pa curá o umbigo dos menino é o pó de fumo com azeite [...]. O fumo é aquele pau, a lá aquele pausim ali, essa aqui, essa fôia aqui, tá veno (*gestos*). IM1A71: Desse aí é que es (eles) faiz os fumo que nós usa. IF3J61: Isso aqui 'cê faiz o fumo daqueles de rodero. 'Cê sabe aques (aqueles) fumo de rolo que es (eles) faiz? (...). Aí, 'cê faiz o fumo, 'cê faiz o pó, se 'ocê quisé seca essa folha aqui, no fogo, pa fica sequinha. IM1A71: Ma' mió (melhor) mêmo é o rolo. IF3J61:É. Mió (melhor) é o rolo, o de corda. Aí, dessas folha 'cê faiz o fumo de rolo (...). Esse aqui faiz menos mal do que o cigarro de paia (...). Esse aqui pode fumá, num faiz tanto mal (...). 'Cê pega desse aqui [o fumo de rolo], corta ele, seca lá na chapa, né? No fugão. Depois 'cêis mói ele. Nós moía ele, passava na garrafa em cima da mesa assim, ele ficava finim. Aí 'cê cuava aquilo e punha... colocava no umbigo. Untava lá com azeite primero, depois colocava o pó. Aí, vinha e enfaxava. IM1A71: Aí, os menino nosso tava com treis, quato ano, ainda tinha essas manchinha do pó no imbigo (*risos*). IF3J61:É. Porque fica grudado, né? Custa soltá [...]. Maize (mas) nunca... eu criei oito fi' (filho) e nunca deu mal de imbigo. Nunca. Tudo foi sadi' (sadio) [...]. Uai, é... às veiz, vem até a óbito, né? Tem mal de imbigo que vem [...]. É, às veiz sangra, né? Evàs veize, dá ôto tipo de cólica, dá um tétano, por exemplo, aí né? Se num curá direito, dexá passá da hora, aí mata a criança [...]. Oito, mais eu tem só seis vivo, né? Treis home e treis mulher (...). IM1A71: Lá pa roça, quando nós quebrava uma custela ou (*risos*), o remendo era clara de ovo... clara de ovo com rezina de jatobá [...]. Não. O jatobá, ele dá uma frutona preta assim (*gestos*) (...) dá uma frutona desse tamaim (tamanho) assim, mais na madera dá uma rezina, de veiz em quando dá uma rezininha assim [...] aí, rapa aquela rezina que dá em redó do pau, mói ela e põe em riba da costela, vem com a clara de ovo (*risos*), 'marra um pano, quando aquele algodão saía ela tava colada também (...). IF3J61: A clara do ovo, né? Ficava branquinha. 'Cê batia ela até 'cê virá ela no prato assim e ela não caí. 'Cê sabe que 'cê pode batê ela, que ela fica durinha, num fica? Aí, 'cê pegava a rezina do jatobá... raspava aquele trem lá, aquele pozim dele e misturava no mei', colocava no algodão e pregava naquela quebradura, seja custela, seja um dedo, seja um braço (...). No dia que (...) colava aquele osso, ela soltava por si, não precisava 'cê puxá não. IM1A71: Se 'ocê puxá sangra, né? Porque tava colada (...). Ela rasgava o coró e num saía (*risos*) (...). IF3J61: Pa gripe tem o guaco, que é o cipó, com uma foinha compridinha assim (*gestos*), sabe? IM1A71: A raiz de gengibre quemada na pinga também é um remédio bão pra (...). O gengibre tem até ali, ele dá uma folhinha assim (*gestos*) e dá batatinha no pé também. IF3J61: É igual 'çafrão, açafão. Dá a batatinha, é (...). IM1A71: Ela arde. IF3J61:É. Ela é ardida (...). IM1A71: Agora, pa quem sofre... esse até hoje... eu acho que é mior do que i' (ir) lá no médico. É aquela buchinha [...]. Buchinha é feito essas bucha que a gente planta... toma bõe (banho), né? Só que ela só dá desse tamaim assim ó (*gestos*). Ferve a água, põe ela e... tampa a cabeça cum... quarquê trem... vai puxano (...). IF3J61: Tem o sabuguerinho, aquele vicks, é uma planta também, né? [...]. Sabuguerim é assim, ele dá no chão, 'cê planta ele, e ele vai dano aques (aquelas) plantinha assim igual é de cerráia (...). Cerráia, vem aqui pra eu te mostrá o quê que é pé de cerráia (...). Mais é pa comê, assim. Faiz ela [a cerráia] tipo é... repolho, saladinha. IM1A71: É bão po figo, né? M1F271: É bão po fígado também, porque ela

é 'margosa. IM1A71: Tinha aquela tal de burduega , hoje a gente num vê ela mais, né? (...) IF3J61:É uma foinha grossinha igual balsamim (...). Bálsamo é uma folhinha desse tamanzim assim (*gestos*), gordinha [...]. Parece. IM1A71: Aí, 'cê cortava ela [beldroega], picava ela miudinha, refogava... e comia (...). IF3J61:Tem a taioba , né? Que é aques (aquelas) folhona grande tamém. Taioba é nativa. IM1A71: Não. Taioba é planta. É planta uai (...). Não, se nasceu é porque arguém plantô alguma coisa aqui pertim. IF3J61:Ela tá umas fôiona grande assim, tamém. E ela é depurativo do sangue, taioba. (...) IF3J61:De pau a pique? De pau, é... era feita de pau... nós mesmo morô em casa de pau a pique muito tempo [...]. IM1A71: (...) Naquela época, pra nós lá, era pororoca , dava uns varãozão cumprido, né? Agora, se hoje fô fazê, pode fazê de eucalipte (eucalipto), mêma coisa (...). IF3J61:É igual 'calipe (eucalipto) [...]. IM1A71: Arram! Vai cumprido toda vida [...]. E pegava as taboca, trançava por baxo... tacava barro, barro mêmo, fazia as parede até saí nas teia. IF3J61:Quando não queria ela só de madeira, chei' de buraquim, né, assim, porque os pau nunca que cola, assim, né? Es (eles) fica bem longim um do ôto, assim. Aí, quando, às veiz era o quarto, vinha chuva, molhava aquilo ali, respingava lá dento, a gente pegava, 'marrava, rachava as taboca , igual, os bambu, né? 'Cê rachava, tirava aques (aquelas) varinha fininha, 'marrava de arame... e fazia aquele barro, e ia jugano na parece assim, ó (*gestos*), ia colano... [...]. Aí, a gente passava um barro... pa podê tampá e ficá igual essas parede aqui, ó. Minha casa... quando eu morava na bera no ri' (rio) lá, meu chão era branquim assim. Eu ia no córgu, buscava aques (aqueles) barro branco e barriava minha sala assim, minha cunzinha assim, era tudo branquim. 'Cê oiava (olhava) assim, 'cê... se quisesse pô um tapete na porta pa entrá pra dento podia, porque meu chão era branquim (*risos*). Era... e as parede de pau a pique. Nossa! Era tão engraçado. E em cima era de... bacuri. IM1A71: Não. Baguaçu (...). IF3J61:É... tipo fôia de bacuri, aques (aqueles) trem que dá na bera do brejo assim, bacuri (...). IM1A71: Bacuri , ele é um coquero, né? Lembra dum coquero.. IF3J61:É tipo um pé de gueiroba (guariroba), o pé de gueiroba [...]. IM1A71: O baguaçu (...) só que as fôia do baguaçu é bem maió e mais larga (...). IM1A71: Tinha o sapé tamém, mai' o sapé era mais custoso, porque o sapé só dá uma artura assim (*gestos*). Então, a pessoa... cortava ele baxim... tampava a casa, mai' num aturava demais não. IF3J61:É igual a casa dos índio. IM1A71: É (...). Ele é um capim [o sapé]. Ele parece aquela erva cidreira ali, ó (*gestos*) [...] só que ele fica maió e as fôia é dura [...]. Bão, os estei' (esteio) naquela época, praticamente, era a aroera, né? Ele é um cerno (cerne)... pa aturá muito tempo, tem que sê a aroera [...]. Aroera é uma madeira... uma madeira dura pa num acabá mais... ela dá grossa assim (*gestos*). Então, a pessoa racha ela... e faiz, fazia os estei' 'que dura mais, né? (...). IM1A71: [Para fazer gamelas, colher de pau] é o tamboril, né? Tamboril é uma madeira macia...tamém dá muito grossa... por exemplo, se quisesse fazê gamela, partia no mei'... cada tora dava duas... tisesse duas, treis, quato tora, o que desse, né? Rachava ela no mei' (...) fazia a bacia [...]. A cuié podia aproveitá os gai' (galhos) (...). Não, a cuia, aí 'cê tem que plantá a semente, né? (...) Dá igual melancia. IF3J61:O pé de cuia... o pé de... com'é que fala? Cabaça. O pé de cabaça é igual pé de melancia. A cabaça que faiz a cuia. Que ela dá aquela... aques (aqueles) grandona assim, de pescocim, né? Igual abóbra de pescocim. Aí, 'cê dexe ela madurá, ela seca, 'ocê vai lá, serra ela e faiz as cuia [...]. Semente. E o miolo dela ca semente [...]. IM1A71: [A semente da cabaça] serve pa plantá 'tra (outra) veiz. [...] IM1A71: O anil, né? [...] O anil é... ele num fica grandão não, no máximo tamaim desse (*gestos*)... e as fôia tamém miudinha... 'cê cortava... e punha dent' da água (...) Punha dento duma lata e largava (...), aí sortava a tinta (...) azulinha (...) e nada descora tamém, né? IF3J61:Aí, 'cê pegava, dexava ali, tirava aques (aquelas) fôia, fervia a água, e 'cê pegava as linha, né? (...). IM1A71: Tinha o urucum, né? IF3J61:É. O urucum. O urucum 'cê já sabe, né? Aqueles que dá um cachopinha assim, ó (*gestos*) vermelho (...). É, ferve, ferve aques (aquelas) cumbuquinha, ca semente. Aí, 'cê ferve aquilo, fica vermelhinha. Aí, 'cê pega a linha, né? E joga lá dento, tinge de vermei' (...). Bassorinha de Santo Antônio, ela é pititiquinha assim, verdinha, dá umas bolinha, florzinha

branca... e ela é pequenininha assim (*gestos*) toda repolhudinha. Aí, 'cê tira treis brotim daquela e leva pa benzê. E benze as criança. Ali, fala, né? As palavra que tem que falá, benzeno ali... depois 'cê pega aquela plantinha, faiz o nome do pai com ela no corpo da criança e joga pa água abaxo [...]. Na hora, a água corrente 'cê fala, né? Que vai pra onde... num tem nada pra ofendê, né? Lá na frente [...]. Vassora faiz da palha da vassora . É nativo do campo. IM1A71: Essa é nativa. Ela fica uma (...) assim, e dá muitas fôia. Juntano dois é, dava pa fazê essa bassora que nós barre casa, aí [...]. 'Cê cortava ela e dexava muchá e 'marrava num porrete, igual essas mêmo (...). Tinha uma planta que... essa num ela planta não. Se quisesse plantá, plantava, mais ela era nativa. Era um tal de jaracatiá , ele dá tipo dum mamãozim assim, ó (*gestos*). É... aí ele madura... quando ele tá madurim 'cê dá pa... dá pa uma criança que tem numbriga cumê, despõe de tudo tamém (...). Por aqui... ond'é que eu vi um pé? Acho que foi por aqui por perto mêmo... foi numa fazenda (...). Eu até vô lembrá, pra mim pegá uma semente pa plantá um pé aqui, né? É bão demais (...). Tem aquele são caetano tamém que dá nas... IF3J61:Nas cerca, né? Nas bera das cerca, assim. Dá um cipozim da cerca de arame... e ela dá uns cachim amarelim assim, ó (*gestos*). E 'cê abre ele assim, a fruta é vermelhinha. Ali aonde 'cê vai fazê entrevista... tem dele desse tamaim (*gestos*) [...]. É, iss'é numbriguero (...). IM1A71: É. A semente dele [do são caetano], se dé pa menino que tem numbriga, 'ranca até solitária (...). Agora, esse que eu tô te falano [o jaracatiá] pode comê a semente e tudo [...]. Não. [são caetano] só o miolo [...] o remédio é a semente (...). Jenipapo, eu num sei se era remédio não. Era de comê, né? (*risos*). IF3J61:É uma fruta de dá no... ela tamém é nativa, né (...)? É uma fruta branca, parece uma laranja assim, ó. Aí, ele aquele miolo, engole assim, sabe? É de comê. Dá umas foiona grande [...]. IM1A71: Tem a mama-cadela. Mama-cadela ... ela... ela é uma frutinha vermeinha, miúda assim (*gestos*) é... a raiz dela é depurativo da sangue tamém... mama-cadela. Uma ôta fruta, é... essa é natual do campo tamém é o bacpari , né? É de comê tamém (...). Ele dá uma árve assim, dá umas fruta 'marelinha e docinha (...). IF3J61:A babosa, né? A babosa é bão. 'Cê pega ela e casca ela e pega aquela baba dela e passa no cabelo. IM1A71: Ma' o chero num é bão não (*risos*). IF3J61:É. Aí, 'cê [...]. Ela é, ela dá as fôia tudo pra cima assim, ó (*gestos*) e dá... e dá as folha... na berada das folha assim, ó (*gestos*) tem espim (...) da fôia gorda. Aí, 'cê corta ela, vai raspano assim (*gestos*) e vai passano no cabelo. Depois 'cê coloca uma toca, né? E dexa dá brilho, dá força no cabelo [...]. Lava, lava. 'Cê lava aquilo, tira aquela, aquela baba daques (daqueles) trem primero. Aí, depois, 'cê passa um ôto xampu pa tirá o chero forte que fica (...). É bão demais pa queda de cabelo... é bão pra... caspa, se tivé... pra isso tudo é bão. IM1A71: E ela é um remédio, agora, eu só num sei pra quê. IF3J61:Es (eles) fala que é bão pa câncer, né? Ma' num é essa de lavá a cabeça que é bão pra isso não. A de lavá cabelo é uma, a de fazê remédio da garrafada é ôta (...). É porque uma é verdinha e a ôta ela é... ela tem um... ela é... pintada de branco com verde [...]. É. A formatura é uma só [...]. Uai, a garrafada 'cê corta ela, 'cê corta a fôia lá no tronco dela, aí 'cê tira treis pedacim na ponta e põe dento da garrafa... de vinho e dexa... lá curti e toma. IM1A71: E quanto tempo dexa? IF3J61:Não, garrafada, geralmente, treis dia, cinco dia ela tá curtida, aí a gente começa a tomá [...]. Tem, né. Igual, a casca desse ipê, 'cê pode pô... fazê garrafada... é... pa tomá. Pa tomá tem que sê o ipê, tem que sê... pé-de-perdize, raiz de algodãozinho, é... essa babosa, né? A casca da romã [...]. O pé de romã é uma arvinha assim, chei' das foinha miúda, aí dá a romã, aques (aquelas) frutinha vermelhinha [...]. Aí, 'cê tira aques (aquelas) frutinha, pega só a fruta, né? Tira aques (aquelas) frutinha, joga fora e pega a casca e põe curti e aí toma (...). Tem assim tamém, pa curti no álcool, pa machucado, pa dor nas perna: arnica, lima de bico. [...] É, a arnica é nativa no campo [...] as foinha miudinha... cumpridinha igual alecrim, que eu te mostrei ali, daquele cheitim as folha dela. Aí, 'cê panha aques (aqueles) talim dela lá, né? As pontinha. Aí 'cê põe dento da vasia... do vidro assim com álcool. 'Cê coloca arnica, vai no pé de lima... lima de bico, casca [...] igual pé de laranja [...]. Aí 'cê casca ela... dexa secá a casca, coloca junto com a

arnica... 'cê pega a semente do abacati... rala ela, coloca dentro do vidro também... arnica, semente de abacati... arnica, semente de abacati e casca de lima [...]. Aí, 'cê coloca tudo dentro do álcool, se 'ocê tem um machucadim assim, cortô, 'cê vem lá e limpa aquilo. Dor nas perna, 'cê passa de noite antes de dormi... é bão demais. Nas junta assim, ó, tá doeno, 'cê pega o álcool e esfrega aquilo, é um alívio. Eu faço, aqui em casa em tem direto dela (...). Chera pro cê vê! Isso é bão até pa sinosite (*gestos*) [...] Óia pro 'cê vê o vapor que vai, ó (*gestos*) [...]. Mais essa aqui tá véi, minha fia, tem muito tempo que eu tem essa aqui (*risos*). Aí, o quê que é a arnica, essa é a arnica (*gestos*)... essa é a lima de bico (*gestos*) [...]. Ela é igual um pé de laranja, pé de limão, é... só que é a lima, né? (...). Não é de tomá [...] é garrafada, essa daqui é só de usá, né? (...). Mentrasto (...) o pé de mentrasto ele é um nativo assim também da terra assim... dá umas foinha peludinha, dá uns cachim de florzinha branca. Aí 'cê pega aquele chazim, aquês (aquelas) foinha e ferve e faiz o chazim e toma... se quisé pô doce, põe açúca', se num quisé, faiz sem doce. Aí pega dá po nenê tomá. Bão demais até pra nós que é grande, o chá de mentrasto é bão. Às veiz, 'cê tá com muito gases, 'cê faiz o chá de mentrasto toma. Nossa! É um alívio (...). Tem a samambaia nativa (...). IM1A71: Ela é do mes' jeitim da ôta, só que ela dá mais é no brejo. IF3J61:Ela dá em pezim assim na bera dos barranco, a samambaia. Ali mesmo, a hora que via pa Caramuru, tem um tanto lá. 'Cê óia assim tá cheim. Tem uma foiona grande, tem umas mais miudinha. Bonitim até. IM1A71: Tava falano remédio pa dor de cabeça, fedegoso também é uma beleza pa dor de cabeça (...). IF3J61:Fedegoso é uma planta 'margosa, né (...)? IM1A71: É [...] Vô ali buscá pro 'cê vê. IF3J61:(...) Antigamente, o fedegoso, quando... quando o meu sogro... quando às veize, tinha assim, falta de café, que morava na roça, mundo longe de vim na cidade, quando vinha na cidade, vinha de a cavalo. Era muito difíci' pa vim aqui. Carro era muito, muita pocas pessoa, que tinha um carro era... por exemplo, pa vim na cidade, talvez vinha de cavalo com um na carroça, sabe? Então, o povo pegava... às veiz o café acabava, 'quê compra ali, 'cê num sabe o de... né, que gastava direito. Ficava sem café. Pegava o fedegoso, as vaginha dele, cascava tudo... abria elas... torrava... ele e moía... no muim (moinho) e fazia café dele. 'Cê tomava igual fosse café, porque é 'margoso, diz que tomava igual fosse café [...]. Ah, mais capaz que o sabor num era não, mais ficava forte e o povo, antigamente, os véi num 'guentava fica sem café. Aí tinha que tomá café de qualqué jeito. Então, ia... se virava assim, né? É... (*risos*) O povo tem um dizer: quem não tem cachorro caça com gato, né? Então, nessa época num tinha café, es (eles) fazia o fedegoso, porque era 'margoso igual. IM1A71: Aí, ó (*gestos*), a fôia dele dá essa bage, ó (*gestos*) (...). Fazia café. Agora, o [chá para dor de cabeça] é da raiz, né? [...] Não, da raiz e amarga também (...). É, 'massa ela, né? Se... se quisé fervê, se tivé com pressa, ferve. Se num tivé, bota de môi (molho) que ela sortia o amargo do mesmo jeito [...]. Sara... cura até febre. Se fô uma dor de cabeça, febre de gripe. (...) Ah! Tem a erva de lagarto, né? [para gripe] (...). A erva de lagarto a fôia dela é quase tipo desse fedegoso, só que ela dá no campo. Aí, 'cê... 'ranca e faiz o chá da raiz, também (...). Não. Ela não dá semente não. Ela é nativa... quarqué campo acha ela (...). 'Cê 'ranca a raiz, faiz o chá e toma (...). Ah! Boa pa lenha... é a sucupira... essa pororoca que nós falô nela agora mes' (mesmo). A sucupira é uma árve grande igual, bem maior do que esse ipê aqui e dá muito gai' (galho). Sobro também é... o principal [...]. IF3J61:Sobro é uma madera boa de fogo. Aí a brasa também, as brasa vivinha, sabe? [...] É uma madera mais escura, né (...)? Dá umas cascona grossa. IM1A71: Ela sobe o tronco e a copa pôca... e o troco, dexano erá (erar) fica grosso, né? Então, a gente rachava tudo. Era uma lenha boa demais (...). Timbí, é [...] o pé, ele é uma madera vermeia... e dependeno da era (no sentido de erar) dá de toda grossura. Dá assim, dá assim (*gestos*) [...]. Alta (...). Quê praticamente... quem... foi criado na roça, 'cê vai pegano experiência, né? A jangada num presta, o articum num presta, a lixera num presta [...]. A lixera, ela num dá arvona não... mai' dá uma cascaiatinha branca assim, ó (*gestos*)... e a fôia delas é... se quisé lixá quarqué um trem, que dá pa lixá, que ela já chama lixera pra isso, né? [...] Pa lenha num

presta (...). Dixa eu vê ôto que é bão pa lenha... o angico [...]. O angico ele dá uma foinha miudinha, tamém é troncuda, 'tano erada, é um maderão, serve até pa toco de arame, só que ele num é igual aroera, ela atura menos (...).

Narrador IM2V68

(...) Tem corriola... tem pau-doce. Pau-doce é pa fazê garrafada (...). Pau-doce é pa fazê garrafada pa mulher [...]. Não... mulher assim é... pa... até... é depurativo (...). Ele é uma árve cascuda, 'marela... tem a fôia... a fôia grande. Ele é doce (...). É. Cê pega a casca dele, é grossa. Cê 'massa el'assim (*gestos*), cê... ela, ela é doce. Ela faiz é no vin'. Esse vin' de mulher. Eu já fiz... eu mai' minha esposa... já fiz garrafada pra ela. Já buscô garrafada [...]. É pa pele. É pa muié, né? Tem... Ih! Tem muito... tem muito remédio, ma' a gente esquece... vai ficano... a idade vai passano. Porque esse negócio do povo acabá c'a madera... isso foi um desfalque muito ruim [...]. Aqui mêmo tinha muita plantação, tinha 'maro-leite (amarelo-leite), cabô[...]. Maroleite é bão pa pele... é uma batata grossa assim (*gestos*), ela dá dento do chão... igual mandioca e a fôia dela é igual é... com'é que chama aquele... iguale é... essa coisa... melancia. Ela dá cipó igual melancia. 'maro-leite [...]. O povo num conhece hoje [...] (*risos*) (...). A gente corta assim, ó (*gestos*), corta a rodela dela, sabe? Corta a rodela dela, 'massa ela e põe de... de garrafada tamém (...). Tira o porvi' (polvilho) dela tamém, tudo. Ela é uma mandiocona desse grossura (*gestos*) [...]. Não... aqui perto tem... mai' é bem longe [...]. Já tá em... tá 'cabano, já tá 'cabano. Porque esse negócio do povo ará pa plantá... então 'caba c'aquela madera, né? A madera vai 'cabano. Ó, coluna [...]. Pa coluna, pessoa que sofre de coluna (...). É um pau de botá em madera, de botá em cerca de arame. Ela tem a casca, chama chapadinha [...]. É ela tem um... ela tem a foinha dela desse tamaim, igual de curralero. Cê já viu aquês (aqueles) curralero? Gado de curralero (...). Tem a orelha (orelhinha), né, pititico. Então, é daquele jeito a foinha dela [...]. É... ela é uma madera [...]. Esse é pa coluna [...]. É... pa pessoa que tem probema de coluna, sabe? Que num pode agachá nem nada (*gestos*). Então [...]. Agora, dotô num pode sabê que tem esse remédio não. Dotor num gosta que fica ensinano esse remédio assim não... medicina... assim não. Porque... sabe o quê que é? Esse remédio... esse remédio... coluna num tem cura... o que cura de coluna é terrão [...] morrê (*risos*). Mais... esse remédio [...] ele combate a coluna... porque a coluna é um micóbore (micróbio) que dá... que dá assim na gente, lá na (...) assim (*gestos*), igual a vaca, né, num que tem a suã, né. Então, ela pega daqui, ó (*gestos*), ela vem daqui e vem aqui (*gestos*), aqui ela vai comeno (*gestos*) [...]. É um micóbore... é um micóbore. Aí ela vai comeno, comeno, comeno, dento do... do coisa (...). Quê tem o tutano, cê sabe, nós tem o tutano. Se num tivé o tutano com'é que vai? Aí vai comeno... aí, a pessoa cai e morre. O dotô fala: 'Ô, ma' o fulano caiu de repente, morreu'. Foi a hora que o bicho cabô de comê, que chegô aqui na nuca, ele ó (*gestos*), morreu (*risos*). Cai e morre. E o dotore (...). E dotor num gosta de fala isso. Esses remédio que eu tô te falano, porque isso aí num pode tá contado p'os ôto não. Hoje, não (...). É porque hoje... iss'aqui que vale (*sinale de dinheiro*). É. Às veiz, cê vai lá, né, tratá com dotor. Dotor vai tapeano ocê, dano remédio de um jeito, remédio de ôto e vai levano ocê na conversa (...). Eu fui criado na roça [...]. Eu vim já... depoi' que eu casei, eu trabaiei muito na roça. Eu fui criado na roça. Casei. Vim pa cá pa... vim pa cá pa pô menino na escola, né. Meu fi' (filho) [...]. É. Por isso que eu vim [...]. É, porque na épa (época), assim, num tinha... num tinha quais, né, escola pa roça. Tinha que vim pa cá, né, pa botá o fi'(filho) pa estudá. Então, é por isso nós vei'. Agora, hoje não. Hoje tem combida (combe) que leva... né... leva pra lá... traiz, é desse jeito. Antigamente, num tinha isso (...). No meu tempo, tempo que eu fui criado, usava era tal da candeia. Candeia é um... ela é de ferro e tem um (...) e fonceia ela com azeite [...] azeite de mamona, uma mamoninha assim (*gestos*) que dá [...]. Ele dá aquês (aquelas) foiana. Tem o da foiana, tem o das foinha.

Quê tem duas qualidade de mamona [...]. Tem aquela butelona e tem uma pititica assim (*gestos*) [...]. Não, tud'é mamona [...]. Só porque... uma é mamonão e o ôto é mamoninha [...]. O azeite faiz nascê cabelo [...]. É, passa ela assim pa nascê cabelo... e serve pa criança. O azeite... tem o óleo riço e tem o azeite. Óleo riço (rícano) [...]. Eu sei fazê o azeite e sei fazê o óleo riço (rícano) [...]. Eu sei fazê. Ele tem... a mamona num pode torrâ ela demais. Ela tem que sê mei' a meia... mei' a meia a mamona. Aí, cê soca ela no pilão. Soca, soca (*gestos*), vai esquentano ela no fogo. Tem o fogão lá, né. Aí cê põe o pilãozim lá assim, vai pegano lá e (*gestos*) socano [...]. Vai esquentano... tem que esquentá ela no fogo, lá, a mão no pilão, pa modo de ele miná o azeite. Senão num presta. Aí, depois põe a água lá pa frevê... no tacho, tacho de ferro, ôta hora... bão memo é o tacho de cobre [...]. O de cobre que é bão pa fazê azeite. O de ferro n'é muito bão não [...]. Torra a mamona branda... precisava chegá ela não. Aí, é óleo de riço. Branquim! Ele fica branquim (...). Agora, cê apertô a mamona pa torrâ ela um pouco, ficô mais escura... o azeite fica escuro. Aí, já vira azeite (...). O ôto é apertado pa torrâ [...] fica mais escuro (...). Ele pa criança, po nenê que nasce [...]. Não, o imbigo (umbigo), na hora que corta o imbigo... antigamente, usava era isso. Era o... passava era o azeite no imbigo [...]. Fumo. Torrava o fumo... bem torrâdim. Esse fumo de rolo... esse que nós faiz cigarro... aquele de rolo. Aí, pica, torra ele (...). [Fumo] é uma pranta... foiona. Aqui tinha... num sei se onde eu tem [...] Eu vô té bus'... vô vê se eu tem ali (*gestos*), vô oiá pro cê vê (...). Aqui, ó (*gestos*), cê qué vê (...). Esse aqui que é o fumo (*gestos*). Ess'aquí é o mais... o mais piquitito a fôia [...]. O ôto... o ôto é foião. É grande. Essa aí faiz o pó, faiz o fumo. Faiz o pó (...). Planta ela, igual plantá arroiz. É, vai plantano [...] sameado, pega assim vai sameano (*gestos*) e nasce (...). Aí, ele fica cada pezão (...). Aí, torra ele e vai pô pa... pô p'as criança antigamente... punha era isso (...). Minha mãe, minha madrastra que me criô, ela foi partera muito tempo. Ela mexia com... mexia com isso [...]. Aí, eu via aquilo lá, eu aprendi, eu peguei a... a manha dela, né (...). Tinha maderá demais (...) era... mama-cadela [...] mama-cadela é uma raiz. Cê conhece mama-cadela, né? Aquela é bão pa pô pa fazê o chá pa gente comê com pão. Ixi! Aquilo é depurativo do sangue... do sangue da gente, né. E tem a [...] Mama-cadela ela é... a cor dela é 'marela, é... da cor de... de... com'é que chama é... pé de... perdiz. A raiz dela é quase da cor de pé-de-perdiz [...]. É passarim... é perdiz (...). Não... aí é um passarim [...] parece c'a cor [...] do pé... do pé dele [...]. Tem [a planta com mesmo nome], ma aquela é pa mulher, né (...). Não, pé-de-perdiz já nasce lá no campo... ela é... cê 'ranca ela... ela põe junto com pau-doce, faiz a garrafada dela. Com'é que chama aquele negoço, aquele, tem um ôto também que... Com'é que chama aquele remédio Maria? (...) Aquele com'é que faiz o... algodãozim, né? (...). Agodãozim ... ele dá... conhece, né, algodãozim? (...). Barbatimão. É muita coisa! (...). Não. Esse [o algodãozinho] dá uma raiz igual o ôto que eu tava te falano. É uma raiz. Tem que 'rancá., tem que lavá ela... rela (rala) ele, faiz o porvi' (póvilho), faiz a piulinha pa tomá, também. É pa... depurativo do sangue. A pessoa pa num ficá com o sangue ruim (...). Dá, dá fôia, dá flore [...]. Não, ela dá pititito, rasterim assim, ó (*gestos*). É uma foinha igual de mamona, é a mema coisa, igual de mamona ele é [...]. Aqui pa todo lado tinha aqui (...). Não, aqui é campo aqui... iss'aquí... quando eu comprei iss'aquí, iss'aquí era mato... era... cerrado. Só tinha... uma, duas, três, quato casa... de quato a cinco casa, aqui. Aques (aquelas) casinha ruim, sabe, de racho? [...]. Eu era muito novim (*risos*), era novo, era... era rapaiz novo... muito novo. Minha mãe morava na rua de lá (*gestos*) na ôta rua, lá já tinha mais casa, né. Agora, de cá quais num tinha não. Num tinha aques (aquelas) popular, ali, ó (*gestos*), num tinha nada. Eu sô véi aqui (...). 'Sa-pexe é remédio [...]. O 'sa-pexe ele dá no cerrado também... ele dá... o 'sa-pexe é bão é a fôia dele... a pessoa pode tá com uma pneumonia que tá escarrano sangue [...]. Pega a fôia dele, verdinha, traiz, lava, bem lavadim... lava a fôia bem lavadim, 'massa ela, põe ela num pano bem limpim... e chega, 'massa ele (*gestos*) bem 'massado. Aí, põe num pano bem limpim vai troceno (torcendo)... vai pono água e troceno ele, igual trocê mandioca, vai toceno. Aí, faiz o melado... po... pa tomá, sabe? O xarope. Vira um xarope. Cê põe... se ocê

tivé um mel de Jataí bem, num tivé cê põe de Oropa (Europa) mêmo (...). Aí, faiz o xarope e vai tomano... vai tomano o xarope. Aí, a pessoa tá com pneumonia... vai tomano o xarope, ou senão não (...) tamém, num precisa tomá o xarope (...) vai o sumo e vai tomano aquele sumo. Ele é ruim de tomá, sabe? [...]. Tomei. Eu mai' minha, mais a minha esposa aí foi lá nesse de garele buscá... eu tava ruim, eu mais ela. Falei: *'Nói' num vai no dotor não. Pra quê?'* [...]. Não, demora [a sarar], né, pr'ocê sará demora [...]. Sara. Cabô. Eu mais ela até hoje nunca foi (...). Madera pa fazê [casa], é pororoca [...] pororoca é uma madeira alta [...]. Dá as fôia assim, é desse tamaim assim (*gestos*), é igual (...) as fôia compridinha assim (*gestos*). Essa dá mais só em (...) curtura (cultura) (...). A cultura dá a pororoca, dá a pororoca, é... da guapeva [...]. Guapeva é uma fruta assim pa comê. Tem que comê ela na água (...). Isto! 'Marela (...). Ela dá desse tamaim assim, ó (*gestos*), a fruta [...]. Ih! É gostosa demais [...] docinha. Cê abre ela assim (*gestos*), cê tem que comê ela na água [...]. Ixi! Ela dá cada madeira que... essa casa aqui, ó (*gestos*), cê num sabe quê madeira aqui com'é que ela chama. Ela tem muitos anos que ela tá aí. Meu menino tirô... desceu a têia aí, nós pois de novo. Só trocô essa ripa, só. Ma' o maderamento tá aí. Se ocêis adivinhá que madeira é essa [...]. Peroba rosa [...]. Essa madeira... cupim num come ela [...]. Porque ela amaiga (amarga). Hoje num tem (...). Ixi! Dá madeira de serrá a tora (...). Aí, da taba (tábua), aí, cê vê com'é que serrô aí, ó (*gestos*), tem os caibo, com'é que é... coisa, né (...). Hoje, num tem. Hoje, es (eles), planta é, calipe (eucalipto), né, mais é calipe (eucalipto) porque o maderamento cabô. Essa madeira aqui num tem ela mais. Iss'é caro demais. Hoje, se tivesse ele hoje plantada... é o dobro. Ela vale muito mais do quê (...). Jatobá é uma madeira boa tamém. Tá 'cabano, né? Eu tem a fôia ali, eu tem plantano ali tamém (...). Aqui, minha fia (filha), o jatobá, ó (*gestos*). Dá cada maderão, que preciso de quato homi pa abarcá ele. Ele dá uma fruta (...). Iss'aqui tamém num é 'çafrão não [...]. Iss'é araruta [...]. É pa fazê mingal, essas coisera pa criança, pa gente [...]. Tem que relá (ralar) a mandioca [...] fazê pa... pa fazê o coisa pa comê... mingal. Aqui tem muita planta (...). A madeira... sempre meu pai fazia [pilão] era de sucupira [...]. É uma árve... ela chama chuva (...). Ih! Não. Ela dá arvona grande... até dá a fava pa gente tomá, né, Maria? A fava [...]. É, dá uma favinha [...] pa garganta (...). Tá acabano a raça dela [aroeira]. Ela é da cor de... 'marelo, o pé dela é 'marelo (...). Ixi! Ela dá cerno [...] ela dá cerno. Cerno é o que (...). Tem a madeira branca, que num tem cerno. E tem a madeira de cerno... aroera é de cerno... aroera... a sucupira é de cerno. Esse... ali tamém tem um pau, com'é que chama? Baspo [...]. O baspo ele tem uma (...) a foinha dele é fininha assim (*gestos*), ali tem uns pé dele (*gestos*) (...). Aroera... aroera... o meu pai, quando ele mudô daí, dexô com eu com quinze dia de nascido, até hoje tem esse pau lá que num 'podreceu (...). Eu sô de mil novecentos e quarenta e seis [...]. Nasci dia quinze dezembro, dia quinze de mil novecentos e quarenta e seis (...). Naquela épa (época) tinha pitanga (...). A pitanga ela é... pititica (...) tem grande tamém assim a pitanga e dá... ela dá umas foinha assim, né. A sua mãe conhece (...). Parece pimenta (...). A mangaba tem... tem uns que... tem uns lugá que es (eles) cresce demais, ôta hora que es (eles) fica pequeno, né [...]. Não, dá mais é no cerrado, assim, lugá de pedra (...). O cemitério tem um peção lá (...). Ele sorta um leite. Ele dá dessa grossura assim (*gestos*), ó. Aí, cê pica, dá um táí (talho) nele assim, ele sorte leite igual vaca [...]. Serve. O leite faize visgo [...]. Visgo cê põe é... visgo, cê arranja um arame... 'ranja um arame... e põe ele dento da vasia (vasilha) e tira o fogo, e põe água, põe um poquico de água e vai cozinhar e ele vai embolano lá dento... vira uma pelota desse tamaim (*gestos*) de visgo. Cê tem que mexê co' ele só com água. Se ocê dexá ele esquetá na sua mão... ele num sorta. Aí, cê 'marra lá num arame e 'marra pa lá ponta, po' 'marrá...passarim vai vino e vai pregano tudo [...]. Aí, cê quisé matá ele po' matá. Cê vai com o cacetim assim, vai matano (...). Fica tud'assim, ó (*gestos*). Eu quand'era moleque (*risos*) (...) os passarim tava comeno o arroiz da minha mãe, né. Eu falei: *'Mãe, vô matá esse passarim pa nós comê ele. Uai, meu fi' (filho) de que jeito que vai matá ele? Tudo? Falei: Ah! Ele num vai comê arroiz nosso não'*. Fui lá no pé de mangaba e fiço (fiz) aquele visgão... aquela pelota

(*risos*) e 'marrei nesse arame. Menina, eu enchi um balde desse tamaim (*gestos*) de passarim e despená passarim pa comê [...]. Nossa! Cê fazia aquele passarim cozido (*risos*) [...]. Não, pa fazê pipa... ele é bão pa fazê pipa tamém (...) é uma cola [...]. É, mêma coisa duma borracha, faiz borracha dele tamém (...). Quando uma vaca quebrava [um osso], assim, uma pessoa, era (...) óleo de capaúba (...). Tinha um pauzão grosso assim, ó (*gestos*), faiz um entaia (entalho) nele, ele vai sortano o óleo lá [...] óleo de pau, óleo de capaúba. Aí, pega ele assim, vai tirano ele, e vai pono no fogo e apurano ele. Cê tira grosso (...). É a árve. É isso mes' (...). Tem que sangrá ele... tem que sangrá ele. Tem a lua de sangrá ele (...). É... cheia... na cheia... porque aí ele enche (...). É com machado... com machaco, vai lá na barriga dele... na barriga dele, no fundo, cê fazia ele mei' assim (*gestos*) (...). Ah! Tem aí? Ah! Nói' tem ele aí? Ó, o povo aqui n'é fraco não (*gargalhadas*) (...). É uma raiz (...) acaçú (...), lá perto do Veríssimo que tem dele [...]. Ele dá piquitito assim (*gestos*), ele dá uma vara, umas vara assim desse tamaim assim (*gestos*) e 'ranca a raiz lá com enxidão. Cê 'ranca é muito. Nós 'rancava, né? Eu trazia era muito pa fazê pa comê com pão, faiz o chá, nói' comê com pão (...). Ixi! Bate numa fôia de canela (...). Só lá nesse lugá que tem, cá pra cá num tem não [...]. Ele cura gripe, né (...). É, tosse. Tudo ele cura (...). Remédio bão. É difíci' hoje tê isso. Quai' num tem, né, mais, né. Cabô (...). Amarga, né? [Camargo] só tem na chapada... pra cá num tem não (...). Não, é uma gueroba... é iguale... é (...). Ele dá curtim (...). E aquel' amarga! Amarga por tripa! [...]. Ele amarga mais [do que a guariroba] (...) É po estame (estômago). Rabo-de-tatu cê conhece? [...]. Rabo-de-tatu é um (...) pa... ela dá lá no... lá assim, cê corta ele (*gestos*) e bate, 'massa ele (*gestos*), lava ele bem lavadim, 'massa ele. Cê tá com o estame ruim, cê come uma carne... Hum! (*gestos*), ali cê tá ruim (*risos*), ruim do estame (estômago), cê bate ele numa água assim e bebe (...). Menina! Cura (...). Só a raiz [...]. Ele dá a raiz e o pau, né, da madera dele é que faize [...]. Só dá na chapada pra lá (*gestos*) (...) onde ela nasceu (...). Tem a babosa de remédio [...]. A ôta é escura. É meia verdoná. E a babosinha ... de fazê o remédio... ela fica pititica e é riscadinha... riscadinha. Essa é de remédio [...]. Essa é pa tomá com mel... cê faize... é mei' metro. Cê pega mei' metro, mede mei' metro (...) e... cê num po' lavá ela não... tem que cortá o... o espim dela... ela tem um espim na berada. Corta o espim dela... vai emendano ela, que es (elas) é pequeninha. Vai emendano até dá mei' metro. Aí, depois, pica ela... pica bem picadinha... e põe no li', naques (naqueles) vidrão, vidro de... esses vidro de tampa. Cê po' pô o mel e bate (*gestos*), bate no mel... o mel de Oropa. Se tivé o Jataí, se num tivé, põe o de Oropa... sabe? Bate, bate, bate... põe uma dose de whisky. Whisky! Num é aquele pinga não! Whisky caro... whisky caro mêmo. E vai whisky, né, põe junto e bate. Bate no liquidificadô. Bate, bate... e faiz o... o xarope. Vai tomano [...]. É contra câncer. Doença braba [...]. Não, todo mundo, desd'aquela épa (época) nossa tem. Só... porque hoje... o câncer hoje, ele sai mais no povo por causa do veneno (...). Quando saía capim era meloso ... jaraguá. Hoje num tem mais [...]. Ele... cê andava nel'assim a ropa chegava ficá melano. Ele sortava um mele... esse capim. Dá fôia verdinha comprida assim (*gestos*) (...). A gente oiava assim era bonito, pareceno... igual rabo de gato... cê oiava assim bonito assim (*gestos*) (...). O jaraguá, né? O jaraguá é comprido. Ele dava até na artura (altura) dessa assim (*gestos*). Ele dá... ele dá uma tocha desse tamaim (*gestos*) de capim. Nossa! (...). Então, a semente dele dava assim (*gestos*), saía de lá... até l'em cima. A semente dele avisava (avistava) longe. Cabô! Hoje num tem dele não (...). Tudo, hoje, mudô! [...]. A chuva... antigamente chovia... aquele Rio Braço (...) a água passava berano os mato (*gestos*). Cê num via a ponte não. Aquilo desarava tudo... de água. Nós vinha pa vim pra cá... nós morava na fazenda. Nós vinha pa cá direto, eu mai' minha mãe. Num passava. Nói' vortava pa tráis (...). Aquela... aroerinha (...) ela dava pititia, sabe? Dá pequena assim (*gestos*) e tampa mêmo assim. Ela verdinha. Essa cê num pode esbarrá nela [...]. Cê encalomba todim (...). Gabiroba cê já pôis, né? [...]. Gabiroba dá rastera assim (*gestos*) e dá moita assim (*gestos*). É. Ela é igual jabuticaba, só que ela é desse tamainzim assim, ó (*gestos*) [...]. Não, 'marelinha. Mai' gostosa mêmo [...]. É. Docinha [...]. É, baxim... rastero (...). Sei.

Pombo [...]. Ele é maderá grande, só porque, porque é mai' é ruim pa quemá (...). El'é mai' mêmô é pa maderá (...). Guapeva faize [colher de pau] [...], faiz cabo de enxada (...). Aí, ó minha fia (filha) (*gestos*), essa [colher] aí é de pombo. Pega pr'ocê vê o tanto que ela é manerinha (...). Cuié de pau (...). Ó, esse, essa fôia, essa aí ó (*gestos*), esse pombo, ele tem uma... é... uma fruta... não, é... erva-de-passarinho . Ela dá numa cachopa assim, dá no pombo. E dá uma... dá uma... é... igual... ele dá fôia... chama erva-de-passarinho. Ela é contra cânce' (...). Pregado no pombo [...]. Ela nasce pregado no pombo [...] Só presta o que dá no pombo. Essas ôtas num... se dé numa aroera, ne ôtos pau... presta não. Ela dá uma fôia gorda, verdinha demai'. Quando ela tá bem assim... dá verde... quando ela vai ficano de veiz ela 'marela. Ela é boa. Aí, cê pica ela bem picadinha (*gestos*), põe na, põe na... na babosa... misturado [...]. É pa fazê o... pa fazê o melado pa tomá, pa contra essa doença (...). Curriola é uma fruta, ela dá uma fruta gostosa, menina, tamém. É igual um mamãozim assim (*gestos*), ela é desse grossura (*gestos*), verde (...). Ela dá um pezão [...]. Ela madura... chera! Dento, cê abre ela assim (*gestos*), ela chera [...]. Não, ela começa a madurá, fica meia... meia bazesada. Essa curriola. Chama curriola. Hoje, num tem. Quase num tem. Cabô, né? (...). Anile do mato [...]. Uai, todo lado dá, né, ma' aqui tinha um pé num tinha? Nóis cortô (...). Ê! Eu cortei ele [...]. Ela dá aquês (aquelas) foinha pequitita, verdim [...], verde mei' branquicento (...). Tem po rim tamém, chama pé-de-pinto [...]. Ela dá um cipó assim, ó (*gestos*), vô ali buscá pr'ocê (*gestos*). Traiz um pé-de-pinto 'pela podê vê aí, tamém (...). Aqui, menina, ó (*gestos*), iss'aqui que é o reméido po rim, ó (*gestos*). E a sementinha prega n'ocê (...). Pega o moizim assim (*gestos*), 'massa ele... 'mass'ele, lava bem lavadim, pega a água do filto, é filtada, e põe difusão... põe difusão e vai bebeno a água... vai bebeno a água. Ela tira até pedra do rim (...). Imbira? Jangada [...]. Jangada é um pau que dá (...) jangada dá maderá desse tamaim (*gestos*), ocê... tira a embira dela, cê 'marra ela [...]. Não, ela é a ca', ela bate ela, ela sorta uma baba... e vira corda... cê faiz corda [...]. Não, é a casca dela que faize (...). A jangada, cê pega, corta o pau, dá dum tamaim, da grosso [...]. Pa maderá não, ela só pa tirá embira [...]. Ela 'marra casa... pau a pique (...). Tinha um cipó tamém, cipó d'anta [...]. É, chama d'anta. Assim, ele vai embora assim (*gestos*), dessa grossura assim (*gestos*), mole. Então, 'marra com ele tamém. Engraçado que ele atura, ó (*gestos*) [...]. Não, num dexano ele moiá (...). Cambaúba [...] ela dá só no ri' (rio) [...]. Não, ela é um arroz, um pé de arroz assim, só que ela é dura (...). Tem imbaúba... tem imbaúba e cambaúba. Essa é cambaúba [...]. Imbaúba é uma árve grande, um pau grande [...]. Não, ela serve só... ela dá a flor... a flor dela... é contra... contra (...) é, mal oiado, macumba, esses trem (...). É de fazê taquara [a cambaúba]. Tira, ela é fininha assim, ó (*gestos*). Aí, abr'ela, ela é um bambu... abr'ela e vai fazê as taquara, enfian'assim e fazeno as taquarinha... pa fazê penera... fazê... po balai' é o bambu, né? [...]. É... o bambu de balai' (...). Timbete? Deus me livre daquele tem! Timbete é um espim... que prega na sua ropa [...] es (eles) fala bosta de baiano (*risos*) [...]. Prega. Aquilo dá até fere na gente (...). Espim-de-agúia (agulha) ele dá é na curtura... ele dá na curtura. Ó, o tamaim dos espim dele (*gestos*) [...]. Eu tem espim até hoje na minha cacunda. Mais... essa berrugaiada, cê viu essa berrugaiada aí (*gestos*)? Tudo espim-de-agúia (agulha) que entrô na minha cacunda (...) e dói até hoje (...). Tem a sucupira preta , tem a sucupira branca [...]. Não, a preta ela é verde e a cor dela é preta mem'assim, a maderá dela é mais preta, da cerno preto e a ôta é cerno 'marelo [...]. Dá, da fruta, dá tudo. Então, tem a preta e tem a 'marela. Aí, ela é contra (...) a casca dela... cê põe na garrafada... também [...] da amarela. Aí, cê põe no vin' tamém. É contra dor de reumatismo (...). Sangra d'água , né? Ê! Mais aquilo é um remedião, né dona? [...]. Ela dá mais é árve grande (...). Ela dá mais bera desses córgu, né? (...). Ela é mais assim pa poblema de... de ferida (...), ferida de estômo (estômago), ferida por dento (...). Tem (...). A bonia é mai' pa dô de cólica, uma dor que tá rolano. El'é boa pa' pô no pó... pó pa cherá... faiz o pó. E fôia de emburana, semente de emburana [...]. Emburana é uma árve. Aqui num tem não (...). A semente de emburana tá aqui (*gestos*) [...]. É pa' dor de cabeça. Aí, menina, essa daqui é a

fruta, ó, a fruta dela. Chama emburana (...). É pa dor de cabeça, desintupi a gripe. É o remédio. Ixi! Dá cada mundo assim (*gestos*), junta quato, cinco homi pa 'rancá um pau daquele. É um mundo de árve [...]. Não, a emburana num serve pa nada não, ele serve mais pa dá... a árve (...) pa dá a frutinha (...) ela dá os gai (galho) assim e as fruta... é... e vai caino (...). Aqui tem plantado... acho que tem aqui (...). [Bonía] é, um cipó [...]. É... el'é um cipó. É a mema coisa dessa cobra aí [...], não iss'é um cipó, imitação de cobra (...). [Meu nome é] Valdivino Aparecido... o apelido meu é de Galinho, o apelido [...]. É, meu [pai] dexô eu com quinze dia de nascido, mai' minha mãe, de Ipameri, fui criado aqui. Ês (eles) queria jogá eu dento do córgu [...] po pexe comê. Aí, uma véia fazendera... pegô eu pa criá... pego eu pa criá e... foi embora. Eu fui criado c'essa véia. Ela tinha... trezentos e cinquenta alquero de terra... mais ela num me deu nada não, num me registrô no nome dela [...]. Não, meu nome é Valdivino Aparecido de Paulo, quê meu pai chamava Paulo, mai' num teve Paulo... só Valdivino Aparecido... es (eles) tiraro (...). Vi. Depoi' que eu cresci... 'presentei o quartel e fui lá vê es (eles) [...]. Não. Eu num toquei assunto com es (eles) não. Fui criado assim, o povo que contô pra mim, os antigo, né, passô pra mim isso, e eu num... num importei nada, num falei nada com es (eles) não. Cheguei lá, virei rapaiz, 'presentei o quartel, cheguei lá. Es (eles) tava tudo rasgado... os irmão... levei (...). Aí, o véi... cheguei na casa dele lá no norte... Itapací-Goiáís. Cheguei lá na casa des (deles), es (eles) tava tudo... ruim. Ropa rasgada, essa coiserada... tava ruim. E eu... e eu saí daqui... tinha 'presentado o quartel (...), fui pará em Itapací-Goiáís... e num conhecia nada. Rapaizim novo, né (...). Es (eles) tava coieno (colhendo) feijão (...). Eu fiquei lá vinte dia, conheci meu pai, meus irmão, a minha mãe tava pa Goiânia tratano. Depois que eu fui conhecê, quando eu vortei 'tra veiz lá (...). A vida da gente é traço... nós tudo... quando nói' nasce, nói' já nasce com o destino completo (...).

Campo Alegre-Goiás

Narradores CAF1O74 e CAM1J80

CAF1O74: (...) Setenta e quato (...) dia vinte e três de feverero (...) de mil novecentos e quarenta e cinco (...). Po' perguntá, o que eu sobé eu vô falá (...). Odália Pinto Calaça (...). Morei. Morei muitos anos. Eu morava mes' era na fazenda. Eu morei bem dizê minha vida intera na fazenda. Eu vim pra cá eu já tava com sessenta e tantos ano. Eu... nasci aqui. A minha mãe... nós... casô com um homi... fazedero, nós mudô pa roça. Voltei pra cá eu já tava com essa idade. Morei aqui muito poco tempo assim [...]. Uai, nós vei' porque assim... vai... cê vai ficano véi na fazenda, ninguém qué cê mai', né. Tira ocê da fazenda, cê tem que vim pa cidade, né. Que aí nós vei' pra cá, meu marido aposentô, né [...] eu tamém aposentei [...]. Ele aposentô, ele pagô o INS e eu aposentei... aposentei pelo... nem num é Fundo Rural... eu num sô aposentada não, eu sô amparada (...). Trabaia eu trabaiei demais nas fazenda, mai' naquele tempo num tinha... naquele tempo num assinada cartera, né? Trabaiei demais nas fazenda, pa todo lado aí [...]. Lavava, passava, cozinhas, lavava casa, fazia biscoito, fazia doce, fazia de tudo. Com coisa que a casa era minha. E era trabaiado mes' e era mansão, num é essas casinha arapuca igual eu moro aqui não, era mansão grande, casa de vinte dois cômodo, casa de vinte três cômodo... e eu sozinha e Deus. Num tinha ninguém pa fazê nada. Era só eu (...). Era gente demais. Quando era fim de semana, chegava lá... gente que vinha de Brasília num trailer, ele levava quarenta e cinco pessoa. Fora aques (aqueles) que ficava particular (...). Eu de roça ó (*gestos*), sei tudo (...). Tinha um tal de queirú tamém, nós fazia ele afogado (refogado) tamém (...). Uai, ela é uma planta verde, parece alface. Na casa do Omero tem. Lá tem na casa dele [...]. Não, não é amargo [...]. É, mesmo gosto (...). Uai, nós fazia de... poejo... poejo é uma erva... pa gripe. Nós fazia poejo (...). Poejo ele parece hortelã. Hortelã cê

conhece, né? [...]. Pois é, parece hortelã, só que ele dá mais miudim (...). Flor de sabugero [...]. Sabugero na casa dele tem tamém. O Zé vai de mostrá lá, a flor lá. Cê passa na rua, vê [...]. É árve. Esse é pa gripe (...). É árve alta (...). Raiz de... fedegoso . Nós usava (...). Fedegoso ali tem um pezim, vô te mostrá a fôia (...). Saca-trapo ... saca-trapo é um remédio do cerrado. É uma raize grossa que ele dá... 'margosa. Então, nós fazia tud'aquilo pa curá gripe, porque num tinha remédio. Num tinha remédio de farmáça, num tinha comprimido. Cê tinha que 'rancá remédio do cerrado e tomá. E era aques (aquelas) gripe de braba. Dava muita febre, ocê fica ruim, ficava de cama. Eu mes' ficava de cama... quando eu era mai' menina assim, mais eu alembro. Eu ficava ruim passado! Eu pensava até que ia morrê. Minha mãe no cerrado arrancano remédio. Tinha... tem um tal purga-de-viado ... purga-de-viado é uma raiz... mais aqui não tem. Num existe ela aqui [...]. É uma razinha, cê 'ranca ela, el'é fininha. 'Massava ela... fazia o chá e tomava, pa gripe e pa febre [...]. Só serve a raiz. Pa gripe e pa febre. Ma' aqui... aqui não [...]. Não, é pé alto assim (*gestos*), dá aquele ramo alto [...]. É uma erva... é uma erva. Então, os remédio era esse. O pé-de-perdiz ... esse é quando a gente... a muié dava a luiz, porque tamém não tinha remédio. Dixa eu te contá o remédio, quê que era: quando a gente zangava, criava o menino, quê criava era em casa, parto normal, num tinha... era muié mes', muié que era o dotor da gente, a partera. A hora que criava... 'rancava o pé-de-perdiz... e lavava a raiz, secava ela um poquim no sol, depois torrava ela. Ôta hora, 'rancava ela e punha ela no sol um poquim... 'massetava ela. O remédio cê sabe quê que era? Pinga quemada com raiz desse pé-de-perdiz e fôia de artemijo. Artemijo é um remédio amargoso, uma flor verdinha. Eu vô te mostrá que tem um pé. Era uma flor verdinha... quemava o artemijo [...] e o pé-de-perdiz junto (...) e a fôia de... de arpo... arpo que chama [...]. Arpo e arruda, fôia de arruda. Esse quato remédio era pa muié de resguardo tomá [...]. Fazia. Quemava na pinga. Era quemado na pinga. Punha lá no prato e punha a pinga e quemava e dava pr'ocê xicrinha todo dia cedo assim [...]. Era o remédio pa limpá o útero, né, porque num tinha remédio. Num tinha uma injeção pa tomá, pa saí aquele sangue preso lá na sua barriga. Ia saino devagá, devagá. Cê ficava o mês intero menstruada. Tomano aquele pinga todo dia cedo e de tarde. Era só esse remédio que nós usava, porque num tinha dotor. Num tinha remédio pa infecção, num tinha nada. O remédio da infecção é esse que eu tô te falano [...]. Curava, uai. Nôí' sarava. Sarava. Cê voltava ao normal 'tra vez [...]. Tudo normal. Agora, o mininim novo, passava era... azeite no imbigo. Azeite cê já conhece? Nós passava o azeite no imbigo e 'massava, fazia pó de fumo, torrava o fumo [...]. Fumo é trem de pitá que esses homi pita, aquele fumo de rolo, aquele que es (eles) enrola no rolo [...]. Aí, 'massava aquele pó bem finim, passava o azeite na barriguinha do menino e punha o pó em volta do imbigo assim (*gestos*) e punha uma faxinha e ficava. Ia ino, ia ino, o imbigo caía (...). O meu dois fi' (filho) foi curado é assim. Eu morava era no mato, era na roça. Quê se num fizesse isso os menino morria. Morria, uai, quê que cê ia pô? Mais todo mundo usava era isso. Todo mundo era isso [...]. O imbigo ficava fundo. Eu mes' fui curada, meu imbigo fundo, meu imbigo é fundo. Minha mãe criô dezesseis fi' (filho), foi curado tud'assim, com pó e azeite [...]. Ali o pé de arruda , ó (*gestos*). Tá veno aquele verdim ali (*gestos*). Aquil'á é arruda (...). Aquele ôto naquela baciinha que cê tá veno aques (aquelas) foinha é o... Tsc! Com'é que chama? Hortelã e ra'... e a fôia do poejo parece aquil'ali, ó (*gestos*), hortelã. Ele é rasterim no chão (...). O arpo é uma pranta tamém, ela dá grande igual el'ali (*gestos*), ela parece aquil'á, aquil'á é salsa [...]. Ela parece salsa, um pé de salsa, só porque eu num tem el'aqui (...). Agora, aquele ôto lá é o... Ah! Com'é que chama? (...). Aquele ali é boldo (...). Aquele serve ali p'ocê tá com o estame (estômago) embruiano, seu estame tá ruim, às veiz, cê bebe, amanhece de ressaca, cê esfrega uma foinha (*gestos*), põe de môi e bebe água (...). Pois é, eu mes' criei dois fi'(filhos) foi assim. Morava na roça (...). Minha mãe que era minha partera, ia pra lá, ficava comigo (...). Ocê pensava até morria, e num morria. Depois criava... ia tomano essa pinga. Ia miorano, miorano (...). Minha mãe fazia garrafada pra mim... de pé-de-perdiz com quina [...]. Quina é

uma árve grande que tem no cerrado. O Joaquim ia lá, cascava a quina, tirava as... casca, né. Põe no sol [...]. É, da casca. Punha no sol pa secá. A hora qu'ela secava, socava ela no pilão, coava e punha numa panelinha, dava uma torradinha naquele fubazim sabe? E aí punha junto cá... com a... com a raiz do pé-de-perdiz na garrafa de pinga... todo dia cê bebia um golim. Pa limpá o útero, pa tirá aquele sangue de dento, aquês (aquelas) coisa (...). Mentrasto é um ramim tamém pequititim que dá uma flozinha aveludadinha. Aquele quando a pessoa tava 'gomitano, ruim demais, quê num tinha ôta coisa (...). Aí, pegava aquele mentrasto, esfregada, fervia ele... esfriava a punha os sal, sal de comê mes' e bebia (...). Naquele tempo, acho que nem bicabornato num tinha (...). Mangarita é uma mandioquinha branquinha... é de comê tamém (...). É... cê comia ela pura (...). A taioba é comida a fôia [...]. Ih! É foiona grande assim, igual essa aqui, ó (*gestos*) (...). Aí, cê pica ela fininha e afoga ela e come (...). Quitoco é um pé, é um ramim tamém que cê bebe a raizinha dele, ele é 'margoso [...]. Não, ele é pezim mes', pezim, uma arvinha (...). E passá ne barriga de muié hora que tava ruim pa criá... pegava ele... 'massa a santa-maria no prato (...), mastruiz (...). Então, esse trem aí, 'massava ela e punha o azeite dento... misturava. Esquentava. Minha mãe fazia era isso. E passava na barriga das muié que tava ruim pa criá... fumentano... tô fumentano sua barriga (...). Fumantá a barriga, quê aí era dor demais, né. Fumentava. Passava até na vagina da gente (...). Pa podê ajudá pa criá. Lubrificante. Quê com'é que cê ia criá o menino seco daquele jeito? (...). Tinha pa perdê [a criança]. Uai, o remédio de perdê eu sei que era... o quitoco, né, Zé? (...). É, quê ele era muito amargoso, depois que tava grávida bebia (...). Buchinha. Tem uma tal de buchinha tamém [...]. A buchinha é (...) ela parece com essa (...) só que essa buchinha é desse tamainzim (*gestos*), essa de perdê. Bebia essa buchinha... e tem ôta coisa que eu esqueci o quê que é [...]. É. Fervia aquilo, as muié bebia e perdia o fi' (filho). Ai! (...). Mais é pirigoso até morrê, né, porque dá hemorragia, né, quando ia perdê (...). M: E, depois, Gabriela, tinha uma planta do brejo, chama sangra d'água . Bebia. Aquele é um antibiótico muito violento... cicatrizante. Elas dava o bain' (banho), tomava o bain' (banho) na sangra d'água e bebia tamém o chá da sangra d'água pa podê... por causa da infecção [...]. Uma árve normal que dá geralmente em terreno úmido... brejo... terreno de brejo (...). Um pé de mamão é quais que parecido com um pé de... com'é que chama aquês (aqueles) trem que tucano gosta de comê o broto dele... que dá no brejo (...). Umbaúba (...) o broto daquele trem, quando a muié tava com hemorragia (...) pegava e fazia um chá da fôia da umbaúba pa podê... cortá hemorragia (...). Pindaíba é uma árve que dá no mato, árve normal do mato. Faiz parte dp biôma do cerrado [...]. Uai, pindaíba... pindaíba é uma árvore... da folhinha miúda... folhinha miúda, dá uns gai (galho) assim (*gestos*), dá um pau retim. CAF1O74: É, uma vara fininha. M: Umas vara fininha, retinha, muito resistente. CAF1O74: Ih! Mais tinha que tirá muita vara pa cê podê pô na cama, pa cê podê pô o cochão em cima pa deitá (...). M: Geralmente pa fazê os estei' da casa, tinha madeira muito resistente, es (eles) usava... baru [...]. Baru é... dá uma árve muito grande, do tamaim desse pé de manga (*gestos*), e ele dá uma semente que o gado gosta de roê. Madeira nobre, muito resistente [...]. Não, hoje, o pessoal já usa a castanha do baru como comestíve'. Tirá o óleo do baru, cê entendeu? E já tá usano pa fazê medicamento. Usava garapa. Garapa tamém dá uma árve muito grande, dá no mato, dá no cerrado fechado. Aroera que é uma das madeira mais resistente que tem. O vinhático. Tem a sucupira , que é aquela que es (eles) tira a fava da sucupira. A hora que cê fô na bera da estrada aí, cê vai vê, cê pegá o ônibus, aquês (aquelas) árve da folha miudinha, retorcida (*gestos*) que tem lá é a pura sucupira. Tem a sucupira preta e a sucupira amarela . Cê entendeu? (...). Pé de vinhático? Pé de vinhático ele é uma árve quais desse jeito aqui, ó (*gestos*), da foinha miudinha, só que a fôia dele é miudinha (...), madeira 'marelinha, a coisa mai' linda (...). CAF1O74: Dixa eu te falá, era verdade, nós pegava a fôia [da lixeira] lá no mato (...), porque a unha lascava tudo, sabe? Ficava ruim, num tinha jeito, cê cortava c'a tesora num ficava bão. Aí, trazia, nós pegava os pedacim da fôia, lixava direitim [...] igual uma lixa (...). M: Pau-bosta é uma madeira

típica do cerrado, que tem a casca grossa (...). É, uns chama de pau-bosta, ôtos chama de pulero-de-urubu (...). Fervia a fôia, escaldava ela, botava, macetava a fôia, punha na água lá, cê entendeu? (...). Pa dor de cabeça? Chota. Bebi demais da conta. Chota é uma arvezinha que dá no cerrado... dá no cerrado, uma arvezinha pequenininha, da folha miudinha que dá uma flor de cor rosa. Fervia as chota. E tinha ôto que dava uma arvinha compridinha assim (*gestos*), a dona Odália conhece demais. É uma arvinha, um ramim compridim assim (*gestos*), c'as florzinha na ponta, da folha miudinha, chamava santora . Bebi santora demais. CAF1O74: Pa dor de cabeça (...). Pó de carapiá , pa chera o pó pa miorá a cabeça (...) chega demais da conta (...) usava era isso [para sinusite], pó de carapiá (...), pregadim no chão, uma florzinha chata, a foinha chata, verdinha, rasterinha, pregada no chão. Aí, cê 'ranca o pedim, 'ranca a raizinha c'a enxada (...). CAM1J80: Eu? [...]. Oitenta [...]. Nós foi nascido e criado na roça (...). A vida toda na roça [...]. Ah! Tem uns vinte dois ano... vinte seis ano, né Odália? (...). É, que nós vei' pa cidade, pa Camp'Alegre (*risos*) (...). Vei' pra cá, mai' num parava, né (...). Eu fui nascê lá no Buraco, já (...). Pa lenha? (...). Naquela épa (época) era Fôia miúda, Goiabera e Pororoca [...]. Es (eles) trata ela [a folha-miúda] de Carne de Vaca (...). A fôia dela é miúda, casca grossa (...). Aí, quando ela seca ela descasca e fica só a madeira, fica limpinha (...). Cê põe um pau grosso assim, no fogo, no fogão caipira, né, aí no ôto dia é só ocê mexê com o tição lá e botá mais (...). Tem... a lua certa. Madeira tem que sê na minguate. Na lua nova a madeira se ocê tirá ela racha muito e caruncha tamém (...). A madeira pa construí casa, primera era a Peroba Rosa, né [...]. É, hoje num existe mais. Hoje, mais é aquele... angelim que tem [...]. Ele é um pau que dá... ela dá arvona grossa... ela dá uma cascona grossa, né (...). Tirava vigota, tirava ripa, tirava tudo (...). Tinha, tudo tinha a lua [...]. Era quarto crescente... ou lua cheia e a minguate. Na lua nova na num [...] num funciona (...). A paia de buriti igual, o Zé tava falano, cê tem que tirá na minguate, se ocê tirá na lua nova, cê tampa a casa com ela ou um rancho ou um trem. Aí, passa... dum ano em diante ela dá uma lagartinha... come as fôia tudo. Fôia seca e es (elas) come tudo. E fica só veno o céu (*risos*) [...]. Ah! O capim era de... capim macega... um tal de... gomim que es (eles) falava [...] es (eles) falava capim gomim, né, ele nascia aqui, por exemplo, ele deitava assim (*gestos*) dava como daqui lá na porta o comprimento. Ali, cê ia 'rancano aquilo e fazeno os fecho pa podê tampá a casa (...). Ela dá uma roda grande assim (*gestos*) pregado na árve, né, e ela cria um espim (...) é a mama-de-porca (...). Tem um cipó que quema a gente igual fogo. Cipó [...] ostiga (urtiga) [...] ele quema a gente que só veno. Tem um cipó (cipó-d'água) no mato tamém que... cê corta ele aqui (*gestos*) no pé e corta uma ponta ali (*gestos*), ele cê pode bebê água dele tamém, água friinha... chega esguichá aquela água [...]. Ela tem um apertim, sabe. Ela é um apertim, mais... ali cê corta... quanto maió cê cortá ela... alto assim (*gestos*)... mais água ela dava, né. E pa riba onde cê num cortava ali, que cê num tinha contado l'em cima num saía água (...). Ele dava um cipó grosso assim (*gestos*), na bera do São Marco tinha demais, agora cabô tudo, tem a represa (...). Do mato nós comia tudo quanto era fruta [...]. Guapeva ... tinha a [...] guapeva ela dá (...) ela dá uma fruta... 'marela... verde... quando ela 'madura ela fica 'marela. Igual, cê corta ela ali, ela tá madurinha, né... cê vai comê ela... se num tivé uma água p'cê tirá o leite dela... na água... cê comê, ela prega no seu beço que depois tem que passá manteiga pa tirá (*risos*). E é gostoso [...]. É... ela dá madeira pa fazê cabo de machado, fazê [...]. É... então, ela é uma madeira muito forte tamém, sabe? (...). A mangaba é do cerrado, né. Tem a mangaba que é do cerrado, tem o bacpari [...]. Ela tamém da leite, o pé de mangaba. É dá fôia redondinha assim (*gestos*) (...), tipo o pé da goiaba. E ela dá a fruta, quand'é em novembro é tempo dela madurá. Aí, cê pega ela lá, põe pa madurá, cê come aquilo. Num tem coisa mió [...]. Gostoso. O bacpari tamém dá uma fruta... madura fica 'marelím. É gostoso [...]. O pé tamém da alto, mai' dá pezim desse tamaim (*gestos*), tamém dá, né. A gabiropa é... é rastero, né. Aqui em Camp'Alegre, iss'aqui tudo era chei' de gabiropa [...]. É fruta de comê tamém. Tem o pequi [...] pequi ele dá a fruta de comê [...]. Dá no cerrado (...). Articum tamém tem. Articum dá umas

frutona redonha assim (*gestos*) (...). Cê conhece uma tal de jaca? Pois é, o articum dá os favo daquele jeito, só porque o articum é redondo e a jaca dá comprida [...]. Mais é um chero... chega igual pequi mes' (...). Tem o jatobá ... é o do cerrado e tem o do mato [...]. Só porque o do mato ele dá árve muito comprida (...). Aí, dá uma fruta dele é uma coisa só. Ela madura ela fica c'a casca (...). O jatobá do mato ele dá árve muito grande, por causa de sê no mei' do mato ele cresce mai', né. Igual, o do cerrado não, ele dá de todo tamaim e ele esgaia mais baxo (...). Buriti, esse buriti do brejo tem ali, ele... cê fura ele, ele dá um vin' tamém, é o vin' mais gostoso. O coco dele, às veiz, tira... ele dá aquês (aqueles) coco duro assim. Tira a polpa dele à modo de pequi, e pa fazê um suco num tem coisa mió (...). Pé de carambola é uma árve assim, ele fica alto tamém, a foinha meia verde tamém (...). Ele dá umas fruita, sabe, dá umas fruita assim (*gestos*) e... ela é de quina, sabe? Quando ela tá madura eu gosto demais de comê ela, ela dá um azedim, mais eu acho ela (...) e aquele azedim dela é um azedim gostoso, sabe? (...). Aquele... tem um... um tal de bálsamo [...]. É, ele dá umas foinha gordinha, cê planta ele em casa. Cê 'panhá a fôia dele tamém. Minha mãe 'panhava demais as fôia dele, 'massava a fôia dele, punha na mantega, sem sal, sem nada e fritava aquilo pa nós passá no cabelo, tamém era bão (...). O rabo-de-tatu ele dá... no chapadão assim (*gestos*). Dá um cipó... cê 'ranca ele, tomava a raiz dele. Eu até vô vê se eu acho uma raiz dele pa mim podê de mostrá (*gestos*) (...). Calunga é bão po estame (estômago) (...), po fígado [...] ela dá a varinha desse tamaim assim (*gestos*) no chão, rastero. CAF1O74: Nossa! Com'é 'margosa (...). CAM1J80: A calunga, cê arranca a raiz dela, cê põe um pedacim da raiz dela na boca, fica c'a boca 'margano o d'intero (*gargalhadas*) (...). M: Pacari (...) dá um pauzim tamém no cerrado, daí, dá a casca grossa assim, ó (*gestos*), cê vai pegano a casca dele, aquela partizinha vai secano cê... cê até 'ranca. Dá uma folhinha comprida assim, ó (*gestos*), folhinha bem ovalzinha assim (*gestos*) e ocê pega folha dele, leva ela debaxo da água e quanto mais cê esfrega mais ele espuma (...), vai dano uma espuma igual sabão (...). CAM1J80: Aquilo pa curá um machucão era o trem trem mió que tinha mêmo (...). Fedegoso ele dá desse tamaim assim (*gestos*) e ele dá umas bage (...) pa torrâ e tomá igual café. Diz que é bão po... pulmão (...). De primero, minha mãe mandava nói' 'rancá aquilo, o fedegoso, o gonsalim e o saca-trapo. Tudo 'maigoso [...]. Ele [o gonsalim] dá uma árve assim (*gestos*) tamém, dava uma raiz do chão, ali cê... 'ranca a raiz e sapeca ela no borrâi (borralho), quê às veiz num tinha fogão à gás, num tinha nada (*risos*) (...). Pa curá gripe (...). O saca-trapo ele dá uma fôia assim mei' peluda, sabe? E dá umas flor veimeia (...). Pé de gonçalim dá alto assim (*gestos*) e a fôia verdinha, sabe? (...). Tem o barbatimão tamém. É um remedião [...]. Barbatimão dá árve grande. De primero, sabe pra quê que es (eles) usava ele? Pa curti coro (...). Es (eles) tirava aquês (aquelas) casca dele... e levava po tanque e botava o coro da rês que es (eles) tinha matado lá dento e curti pa fazê sola pa fazê botina, pa fazê arrei' (...). Ele dá umas baginha tamém, ma' n'é de comê não (...). De primera, es (eles) curava friera de gado c'esse barbatimão, uai (...). Lobera dá de todo tamaim (...). A fruita dela é uma fruita redonda. Quando ela madura, ela chera que (...). Aqui teve um cara, diz que comeu lobera demais, pois o nome dele de lobera (*risos*) (...). Lobo num perdoa uma lobera madura (*risos*) (...), gado... come (...). [O ananás] é igual abacaxi, a fôia dele é igual abacaxi (...). Só porque ele é mais claro que o abacaxi, né, a fruita dele (...). Se comê ele verde dá até sangue na sua língua (...). No campo tem o tal de limãozim tamém [...]. Dá a fruita pa nós comê (...). [A palha de vassoura] dá árvinha assim, ó (*gestos*) e dá a fôia do tipo da fôia de buriti (...). O pé de angico é da fôia miudinha (...) e a casca grossa, cheia de pituquinha (...). O angico a casca dele serve pa fazê... fazê curti igual o barbatimão, pa curti coro, né. A maderá dele dá pa fazê cerca de arame, carro de boi (...), fazê pilão, estei' de casa. Meu nome? Joaquim Manoel da Silva. M: Conhecido como Joaquim Pica-Pau (...). Dia seis de novembro de mil novecentos e trinte e quanto (...). Esse é... ele dá uma raiz [o algodãozinho do campo], ele é bão pa curá gastrite, curá... infecção. Uai, ele dá uma raiz tipo uma mandioca. Aí cê casca ela e rala ela (...). Ele dá só a flore e uma frutinha tamém,

pequeninha assim (*gestos*) (...). Esse já é do campo mesmo [...]. É a calunga , primeiro remédio (...). Essa dá mais aqui pra baxo, rasterim no chão (*gestos*) (...). É isso que as muié bebia pa abortá era isso. Abortava e ainda morria, no caso, né (*gargalhadas*) (...). Gonorréia é algodãozim (...), faiz a goma dele e toma (...). São Caetano [...]. Ela dá um cipozim assim, dá umas frutinha, quando ela madura ela fica vermeinha [...]. Faiz o remédio da, do sumo da... da fôia (...). M: Carrapicho cigano é aquele que dá aquele coisinha assim (*gestos*) que hora que cê leva a mão nele, ele te espeta, né, Joaquim? Aquele escomungado! E o carrapicho carnero é aquele... aquele que... que ele trança que vira o cão (...). Frieria, meu avô buscava pra nós... mata-pasto , né, que é um trem que se ocê dexá ele, ele acaba com o pasto, né, seu Joaquim, que ele toma conta. Dá aquela arvinha fininha, né, tampava. Pega o sumo do mata-pasto, pa passá no mei' dos dedo. Num tem friera que num 'caba! Num tem anti-micótico na farmácia que cura friera igual mata-pasto! (...). Tem o acaçú do campo, ele é bão pa gripe [...]. Essa é uma arvinha pequena assim (*gestos*). Tem a cainca do mato tamém (...) ela dá de cipó (...). M: Buta d'água , pa cólica, né, Joaquim. Um cipó que dá na bera d'água, em lugá de pedrera, né (...). Um cipó. Amarga mai'! Eu nunca vi na minha vida um trem amargá. Se ocê tá morreno com um cólica lá na bera do ri', cé tira uma casquinha. CAF1O74: Purga de viado a gente bebia por causa de febre (...). CAM1J80: É quase do tipo dum guiné, mais é... um remedião tamém (...). Tem o... carapiá [...]. Carapiá ele dá rasterim do chão tamém e ocê 'rancava a raiz (...). Aí, carapiá, cê 'ranca a raizinha dele, torra ela (...), mói ela, pr'ocê cherá pa curá uma sinosite num tem coisa mió. Ma' cê espirra tamém igual bode na hora (*gargalhadas*) (...). [O chapéu de couro] dá nas bera dos brejo, uma arvinha assim (*gestos*) (...). Ó, remédio p'os rim, tem o sofre-do-rim-quem-qué (...) tem a congonha, a fôia da lixera é bão p'os rim [...]. Ela [sofre-do-rim-quem-quer] dá árve assim (*gestos*), desse tamaim assim (*gestos*), ó (...). Uma fôia branca, mei' branquicenta (...). A congonha tamém é bão pa pressão alta [...]. Ela da árve grande e dá uma fôia verde assim, umas fôia redonha, assim, cascuda, sabe? (...). Morera , né? (...) ele é... ela dá uma árve grande, ela dá até maderá... ela dá... a maderá dela é uma maderá... quando dá o cerno, um cerno 'marelim e... ele dá espim. Então, o leite dele... cê bate na maderá assim, na casca dele, ele dá um leite 'marelo (...). Cê tem que pô só no que tá furado, quê de primera, tinha dente furado demais, né. Então, cê punha com um algodãozim lá no dente, dento do buraco, no prazo de cinco dia o dente tava sarano tudo (...).

Narradores CAF2R84 e CAM2S79

(...) CAF2R84: Eu? Oitenta e quato. CAM2S79: Setenta e nove [...]. Ah! Foi (...) quarenta ano, né. CAF2R84: Muito mais (...) CAM2S79: Ah! Foi, né? Uai, eu sô de trinta e... minha mãe já foi de mil novecentos e cinco (...), pois é, na roça, né. Nóze (nós)... já eu sô de mil novecentos e trinta... ele é de... (...) trinta e cinco (...), meus fi' (filho) já é de cinquenta e sete pra cima [...]. Ah! Porque caçá um jeito de lugá meió, né? (...). Escola, no lugá que nós morava num tinha escola, né. A gente num estudô... estudô poca coisa, né. Só mêmo assiná o nome, mêmo assim, tá ruim agora, as vista tá ficano ruim (*risos*) (...). Então, no tempo que a gente tinha a vó a da gente, a mãe, es (elas) ensinava a gente muito remédio né. Falava: Iss'aqui é pra isso (*gestos*). Iss'aqui é pra isso (*gestos*). Com'é que poejo ... poejo é pa gripe, né. Poejo, favaquinha [...]. É baxim (...) Esse é rasterim. Mais eu num tem ele aí na... quintal não|...|. É, miudinha [a folha]. Tem umas mai' miúda. Tem umas... é duas qualidade de poejo. Tem da fôia mais grandinha e mai' miudinha.. Ele dá rasterim, né. Agora, a favaquinha já dá desse tamaim (*gestos*). Hortelã tamém... é quais... rasterinha, mai' ele já sobe um poco (...). CAM2S79: Do campo tem a santora que é muito bão pa febre [...]. Santora ela cresce até numa arturinha assim (*gestos*), dá umas tochinha de flor vermeia... amarela, né? CAF2R84: Cor rosa. CAM2S79: Esse é um remédio bão demais pa febre, né (...). CAF2R84: (...) Pa diarréia

(...) aquele roxo ali, ó (*gestos*) (...), matricá (...). Vem cá (*gestos*). Cê tá gravano? (...). Esse aqui é pa caso de infecção, de é... cana-fista que o povo fala (...). É... fala que é cana-de-macaco (...). Isso aqui é aquela palma (...), de primero, quando gente morria... es (eles) comprava lá na cidade a palma e punha no... numa lata com água... até aquele morto... no ôto dia... ela abria tudo. É, de noite. Então, no ôto dia levava junto. Agora, esse aqui é alecrim ... é bão pa abafamento... pa... pa coração (...). Esse aqui é bão pa infecção, ó [...], bálsamo, balsamim que a gente fala [...], pra infecção, de machucado, de tudo (...). Iss'aqui é bão, a raiz dele é bão pra... pa infecção tamém, é bão pa tirá (*risos*), o povo fala que a gente fica com as coisa... tem gente muito mardoso, sabe? Então, tomá ele tira os mal oiado, quebrante (*gargalhadas*). Esse aqui é... com'é que chama? Agora, eu esqueço. Olha, esqueci agora o nome dele. Esse aqui é quebra-pedra tamém (*gestos*), que ocê pega (...) esse aqui é bão pa infecção de útero (...). Não, cê pode fervê. Lava bem lavadim, muito bem lavado mes' (mesmo). Então, cê ferve com tudo. Aí, maceta e ferve com tudo... e... e coa bem coado num pano. Naques (naquelas) penerinha num pode não, porque ainda sortia um cisquim, né? Então, num pano ralim, cê pode coá (...). Iss'aqui é tiradô de feitiço do corpo da gente (*risos*) (...). Guiné (...). Iss'aqui é bão pa infecção de útero tamém (*gestos*). Esse aqui [o matricá] é o que eu falo pr'ocê que é bão pa diarreia, principalmente de criança [...]. Erva cidrera de fôia e aquela lá é de capim (*gestos*) (...). Diz que [a erva cidreira] é bão pa muié, pa infecção de... de útero tamém. Quê muié é muito infeccionada, né? (...). Muito, muito, muito. Principalmente quando cê pega criá, né, junta muita coisa. Iss'aqui é... com'é que chama? Nós plantô tem poco tempo. Nós comeu muito esse trem. É... inhame (...). Tem a canela , que eu num tem ela plantada aqui, o pé de canela (...). Essa aí já é árve. Dá de árve (...). É, tinha o urucum , né? Aquele urucim que dá uma vage espinhuda. Aquilo a gente tingia linha, ropa não (...), tinha linha pa fazê coberta (...). É... anil tamém tingia de preto, né? [...]. Ah! Aqui num tem. CAM2S79: Uai, o anil ele dá uma árvora bonita, as fôia miudinha, né. Parece a fôia daquele... ele parece as fôia daquele (...), ele parece a fôia daquele trem do lado do pé de mamão, ó (*gestos*). CAF2R84: Arruda. M2M274: Só que ele num cresce até... muito grande não (...). CAF2R84: Eu nunca tingi nada de anil não (...). Eu criei meu fi' (filhos) tudo na roça. Tudo com partera (...). Foi a mãe dele que ficô comigo, pa mim tê oito fi (filhos) (...). Oito e um aborto (...). Não, um morreu. Nasceu deficiente (...). CAM2S79: Eu casei com dezoito ano [...]. Por isso que tá assim os fi' (filhos), ficô aí, né, pa... os fi (filhos) quais da idade nossa (*gargalhadas*) (...). CAF2R84: Ah! Eu prefere agora é o jeito da roça, mai' ninguém usa mais. Num usa de jeito nenhum (...). Iss'aí era geral, num era só com nós não. Iss'aí era geral: ninguém tinha quais nada (...). Então, minha menina primera, nasceu deficiente, com a cabeça muito grande, sabe? De três mês pra frente nós foi assuntano... a cabeça dela foi cresceno... e ela num abria a mão e nem o oi (olho) branco, assim preto, era só revirado, sabe? Pra ela revirá o oi (olho) pa vê natural igual nós agora... nós foi no cu'... num era curadô não, era... vendia remédio de homeopatia. Então, ele deu um remédio pra ela que a primera vez que ela... tomô esse remédio... ela... veio o preto do oi (olho) dela e abriu a mãozinha, eu já pude lavá, né. Então, era muito difícil (...). CAM2S79: Ih! Tinha muito (...). CAF2R84: Bacpari, mangaba. CAM2S79: Ah! Esse [bacpari] é uma árve grande. Cresce bastante. Dá feito uma laranjinha, né Cidinha? 'Marelo, fica amarelim quando tá maduro. Ali cê parte ele, ali é gorda aquela semente [...]. Ingá [...] ingá ele dá uma gaia assim comprida (*gestos*), cê parte ela é igual, tem igual um algodão assim a semente, cê vai chupano aquilo, parece que tem um algodãozinho gostoso, doce [...]. Tem a gabirola que é baxinha. Isso cê conhece, né? (...). Isso tudo é do campo: gabirola, mangaba, bacpari, fruta cera que es (eles fala) [...]. Fruta cera é... é 'marela tamém. CAF2R84: Hora que ele madurava mêmo era vermeia. CAM2S79: Tamém é de cumê, igual o bacpari tamém (...). CAF2R84: Ela parece mais é (...) maçaroca [...] é quais igual o... esse dá árve muito grande, é uma frutinha amarela tamém. Esse cê tira a frutinha e chupa a semente [...]. É gostoso. CAM2S79: Tinha muito fruta de comê. Jatobá do campo [...].

Gostoso. Nós comia demais [...]. É uma... dá uma bajona grande assim (*gestos*) (...). Ele, quando ele tá verde, é verde. Quando ele madura ele fica preto, né. Aí, enquanto ele num pega sacudi', ele num tá bão pa comê, né (...). Quando ele pega sacudi', quebra ele (...). Ah! Ele serve pa muito coisa (...) pa infecção. Bão demais, a casca dele, né (...). Tem o capitão tamém que é bão pa... pa coração, né, pa... aquele negoço... colesterol, né. É uma árve muito grande, aqui tem (*gestos*), muito grande, ali fora (...). Dá fruta tamém, ma' o capitão dá fruta, mai' num serve pa comê não. É só pa remédio mes' [...]. CAF2R84: Entrecasca... tira aquela grossa e aquela mai' do mei', é essa que a gente bebe (...). CAM2S79: A fruta num é de comê, né. Dá frutinha, mai' seca, esquisita. Tem diversas árve do campo que as fruta num é comê, né. Igual o pau-terra mêmo, dá uma fruta que ninguém num come, né [...]. Pau-terra serve pa maderá, pa remédio tamém. É o mió remédio pa... pa... desarranjo na barriga, num igual pau-terra, né [...]. Num existe (...). Ele tem aquela casca grossa por fora, cê bate assim (*gestos*), ele tira aquela casca amarelinha, aquele casco amarelim, aí, cê corta ali, sai aquele casco grande, né (...). Quê de primera, dor dor de cabeça era desando de estame (estômago) que a gente tratava, né (...). Todo remédio amargoso é bão po estame, né? CAF2R84: O quitoque (quitoco) dá quais igual um pé de artimijo, mais é as fôia é mais redondinha assim (*gestos*) [...]. Não, é de horta mes' (...). CAM2S79: Vinhático dá uma árve grande, da fôia miudinha, cê corta nele, o cerno de é 'marelim. CAF2R84: Esse é bão pa coluna (...). Cê tira a casquinha dele assim, cê ferve e bebe (...). CAM2S79: Tambu ele dava... no mato, né. Ele dava uma arvinha... é (...), ela cresce muito tamém. Esse tambu é maderá boa tamém. Até pa taba tamém. Mai' ela num é maderá pa chão, né. É maderá pa casa... assim... fazê taba de (...). Depois cobria [as casas] com sapé, tratava de sapé, né [...]. Sapé é capim do mato tamém [...]. Bem diferente... ele é um capim da fôia mai' larga, ele cresce mais. E ele é um capim que a... tem que cuidá, quê senão a beradinha dele cor', dá aquela taia (talha) na mão da gente [...]. Parece. Demais... erva cidrera (...). Usô muito o indaiá tamém. Indaiá é um coquero [...]. O indaiá dá mais é no campo, né. Essas fazenda véia, o povo usava muito plantá, né. Ele dá uma fôia quais como daqui... dá cinco metro (*gestos*), até cinco metro de comprimento (...). Era até bonito cê oiá debaixo, depois de coberto (...). Cuié de pau era a sangra d'água que es (eles) falava [...]. Sangra d'água é um pau que dá no brejo, na bera de brejo... ele dá gaiada assim (*gestos*), cê... por baxo da fôia dele era branquinha, cê óia ele assim, era tudo branquinha. Cê cortava a maderá dava o sangue... saía sangue [...] por isso que es (eles) falava sangra d'água, né (...). Tinha um tal de... mata-vaquero, que es (eles) falava. Mata-vaquero... é... tem esse nome porque... dava muita cobra de asa nesse pau [...]. Cobra de asa, cê já ouviu falá ne cobra de asa? [...]. Essa cobra se pegá na gente, diz que morre na hora, né. É cobra de que ela avoa, ela dá desse comprimento assim (*gestos*), ela parece uma barbuteta, né, cheia de roletada assim, esquisita, um trem fei' e a cabeça dela é de cobra. De primera, tinha um rapaiz oiano um gado e ele ia passano perto desse pau e a cobra pegô ele, matô ele, né. Aí, apelidaro o pau de mata-vaquero [...]. É... esse é do campo. Ele cresce muito, ele é... ele cresce reto. Ele num dá muita gaia. Até bonito. Molim de cê cortá ele [...]. É, bão pa fazê cuié de pau [...]. Ah! Iss'é taboca, né. Taboca é... dá ne mato tamém. Dá aques... feito uma cana, mais é... de espim, das fôia espinhenta [...]. Dá aquele gomão assim, ali cê vai tirano ele [...]. Tem que tê cuidado, né. Vai tiran'ele, vai limpano e racha ele tamém, destala iguale... e aí, tira aquele miolo, fica só aquela talinha... vai teceno o jacá. E a... a penera é a cambaúba ... tipo a taboca, mais a... a cambaúba só dá no mato... e fininha assim (*gestos*), é difíci' ela dá mai' grossa, ela dá da grossura num dedo assim (*gestos*). Ela dá comprida, maió... mais alto do que essa casa assim (*gestos*). Cê tira e destala tamém. Vai destalano, tira aquela... partezinha mais... de fora, né. Bão pa fazê... pa tecê a penera [...]. Tal de espim-de-agúia (agulha) (...) é uns espinhão que dá aquelas moita que... nada pa entrá naquela moita. Trançava assim (*gestos*) [...]. Não, esse é mais cipó. CAF2R84: Iss'aí es (eles) fazia arco de penera, né (...). CAM2S79: Era perigoso! Doía passado! Tinha um tal de unha-de-gato que es (eles) falava [...]. Esse é... já era finim, trançado tamém, mai' cê passava perto,

pregava na ropa da gente tamém assim que... se a ropa fosse fraca, arrancava, né [...]. Não, esse era de cipó. Esse tem... esse tinha que tê cuidado demais pr'ocê... quando ia roçá mato, fazê roça, né, tinha que tê cuidado demais, senão saía sangue no rosto da gente (...). O espim-de-agúia (agulha) tinha, né [...]. Uai, es (eles) fala', es (eles) fazia pa tirá estrepe do pé, diz que es (eles) fervia esse espim-de-agúia (agulha) pa banhá... que aí diz que o... aqueles estrepe saía, né (...). Quê de primera o povo num usava calçado, né (...). Quê de primero num existia calçado, botina, nem nada, né. De primera, na... onde nói' morava... primera precata de pneu que nós viu lá, só pa rico. Então, tinha que sê mei' rico pa possuí um par de precata de pneu. Cê pensa bem botina, né. Eu fui calçá a primera botina eu tinha doze ano... que eu calcei a primera botina. Quais num dormi de noite (*gargalhadas*). Levava a mão na cabeça da cama pa vê se es (elas) tava lá (*gargalhadas*) (...). Satisfeito demai', né, quê nunca tinha ganhado um par de botina (...). De primera a vida era sofrida (...). Nói' só num passô fome, né (...). De primero o povo falava: óia, a primera coisa que faiz, que cê fô fazê uma casa... a primera coisa é fazê o quintal e plantá a mandioca. Quê se tivé a mandioca, num passa fome (...). CAF2R84: Abóbra d'água [...] é... el'é uma abóbra d'água, só que a abóbra d'água dá aques (aquelas) marigona, né, e o caxi dá redondo, mei' compridim assim (*gestos*), ma' é arredondado (...). CAM2S79: Taioba ... essa é de fazê... salada, né [...]. Taioba é... ela dá de... é na horta que dá. A gente planta, ela dá tipo. CAF2R84: Ela dá tipo aquela fôia lá que eu te mostrei, do inhame (...). CAM2S79: Esse nós comia demais. Era alimento da gente, né. Ma' num é muito bão não (*gargalhadas*) (...). Praga? Ih! Demais! (...). Ixi! Era picão. Era um tal de carrapicho [...]. Picão ele dá uma... uma arvinha assim (*gestos*), ele dá umas tochinha assim que... pinica demais e prega na ropa da gente, fica pretim... a ropa. Onde ele... onde ele... embala mêmo na roça, né [...]. Esse picão serve pa remédio. A Renilde sabe pra quê. CAF2R84: Diz que ele é bão pa queimação. Azia (...). CAM2S79: Esse carrapicho é... lastradô no chão. Iss'é uma praguinha mai'... mais fraca, né [...]. Não, carrapicho tem diversos tipo, né. Tem um que cresce, dá... esse que cresce já num dá tanto trabái na roça não. Esse que ôto que é assim mais custoso [...]. Ah! Tinha. Diversas [...]. Tinha... dexo vê qual é o ôto... é... tem uma tal de capueraba [...] lastradô tamém. É... tipo duma... capueraba é... a fôia dela é... tipo duma fôia de... do quê? CAF2R84: Tipo duma brequeara (braquiária). CAM2S79: É... quais uma brequeara (braquiária), só que a fôia mais gorda assim (*gestos*), né (...). Tinha um ôto tamém custoso, um tal de pé-de-galinha, né? Pé-de-galinha ele dava... ele dava uma troxinha, subia aques (aquelas) troxinha de ramo, cê pegava... desse tamainzim (*gestos*), cê num 'guentava 'rancá ele. De tanta raiz que ele dava, né. E endorecia no chão, cê pegava ele, ele 'rebentava, ma' num 'rancava ele. Era custoso (...). Sô de trinta e cinco [...]. Oito de julho de mil novecentos e trinta e cinco, tô quais fazeno oitenta, né? (...). Ela é de mil novecentos e trinta. Ela tá fazeno oitenta e cinco... dia oito de feverero. Nói' tá fazeno hora extra (*gargalhadas*) (...). A ciência pa fizê muito é trabaiá (...). CAF2R84: Óia, eu tô... com o nome da planta pra caso dessas doença [sexualmente transmissíveis], na boca, mai' num lembro, minha fia (filha). Comade Maria dava... com'é que era. É o rubarbo ... hoje tem o rubardo mai' é da loja, né [...]. O da horta tinha [...]. Ele era pequenim igual aquela fôia que eu te mostrei, aquela flor ali, sabe? É quais igual aquil'ali (*gestos*), que dá. Mais dava pequetit'assim (*gestos*). CAM2S79: Ele dá um cabecinha, 'ranca ela (...). É ela dá uma batatinha (...). CAF2R84: Lavava, né, e punha no sol pa secá (...). CAM2S79: Tem um trem que ele amarga demais, do campo (...) diz que põe criança fora, né (...). Calunga (...). Num existe remédio pa amargá mais (...). Calunga dá rasterinha assim no chão (*gestos*). Verdinha a fôia, né. Diz que esse remédio as muié tomava pa abortá. Quê amarga passado! Cê... a gente toma ele... diz que num tem esse verme que 'guenta, né. E ele parece que vai é aumentano o amargo na boca da gente. Em vez de 'cabá... vai é muito tempo pa... né (...). CAF2R84: Num é baru não? [...]. É... dá uns gai (galho). Ele dá muito grande, muito gai (galho) e aí dá uns cachão de fruta (...) e dento dela tem uma... uma castainha assim (*gestos*) muito bão p' cê... comê, torrá ela, descascá, fazê doce [...] é... igual amendoim mes'.

CAM2S79: Madera boa demais também [...], ela servia pa fazê até engen' de pau, quê o povo fazia de antigamente, né (...). Bálsamo dá uma árve muito grande também [...]. O bálsamo? O bálsamo servia pa muita coisa (...). Era cheroso demais, né (...). Esse bálsamo o povo fazia muito carro [de boi] dele (...). Eu tem ôto mió que esse [para curar feridas], o pacari do campo [...]. Pacari é uma árve, a Cidinha conhece demais. Cêis tem dele aí, né? [...]. A fôia é uma fôia redonda, mei' arredondada, verdinha. Ali, cê peg'ela, sec'ela (...). São Caetano é... ele dá ne cerca assim... ele vai trançano. É um cipozim, né. 'Marga igual calunga mêmô [...]. Pra quê o São Caetano Renilde? Numbriguero, né? (...). CAF2R84: Também tomava pa coluna (...). Ih! Eu já fiz garrafada demais p'os ôto [...]. Uai, cê reúne muito coisa (...). Num é tudo que pode misturá não (...). Num pode misturá muita coisa não, num trem só não. Se não complica, né? (...). Eu já tomei muita garrafada, mai' foi com vin' (vinho), com... biotônico (...). CAM2S79: Tinha uma tal de loberinha que era um remédio muito bão (...). Aquela era pa gripe, né [...]. A loberinha ela... CAF2R84: Num existe mais loberinha, né. CAM2S79: Ela dá em roda de cumpim. Quais que ela dá assim, só em roda de cupim [...]. Cupim é esses murundum que fala, né [...]. Quê todo cupim tem uma cobra, né (...). Es (elas) gosta de fazê morada nos cupim (...). Tem um ôto remédio pa febre também, tratava ele de oreia-de-onça (...), era um ramo da fôia redonda e tinha até uma oreia nele... era bão demais pa febre também (...). Tinha um ôto nome de... remédio bão pa febre também, chamava... com'é que era? Corcovanca (...). Esse era... dava uma foiona comprida assim (*gestos*), estreitinha (...). Esse dá em campo. Dá aquês (aquelas) foiona comprida, estreitinha assim (*gestos*), esse era bão. Lá em Cristalina, quando meu irmão adoeceu, nós procurô esse trem demais pra ele. Só que lá num tinha. Região lá num dava isso. Terra... região de areia, né. Ele dá nessas terra mai' vermeia, no campo. Esse era bão demais pa febre. Isso foi minha vó Cera. Ela chamava Maria, só que ela tinha o cabelo muito ruim, apelidô ela de Maria Cera (*gargalhadas*), ela ensinava esses remédio pra nós (...). CAF2R84: Eu num alembro do remédio que ocêis falô aí, das doença [sexualmente transmissíveis]. É quais alecrim, mai' num é (...). É que tomava com velame (...). É junquim que eu quero falá. Pois é Cidinha, o junquim com o velame é que minha irmã... 'rumava [...]. É um cipozim que dá assim, sem fôia sem nada. CAM2S79: Agora, o velame é do campo (...). Ela dá arvinha da fôia mei' amarelada, fôia miúda [...]. CAF2R84: Não. O velame bão mêmô num é desse branco não. Tem a fôia mais maió e mai' 'marelo. CAM2S79: O velame branco é a mêma coisa, só que ele cresci mai', né? (...). CAF2R84: É. Ela pegava por causa de doença da rua, né? [...]. É, ela fazia p'os dois, um era irmão, ôto era primo (...).

Narrador CAM3R69

(...) Eu morei na roça só uns... Ah! Quais uns cinquenta ano (*risos*) [...]. Eu? Sessenta e nove [...]. Dia cinco de março [...]. O ano? Quarenta e cinco. Dia 05 de março, de... de quarenta e cinco, numa segunda-feira [...]. Dizeno a minha mãe que era mais ou meno' ali pelas deiz hora da manhã (...). Cê fala de fruta, esses trem? [...]. Tinha uma coisa da roça assim, até tem dela ali, ó (*gestos*). Chama... é cerráia . É de comê assim, é uma foinha que cê pode fazê salada dela e... comê, sabe? (...). Aqui, ó (*gestos*), iss'aqui, essa fôia aqui é de comê, ó (*gestos*), é a tal de cerráia (...). Iss'aí na roça, costuma dá pra lá pa... p'as roça assim, ó (*gestos*). É 'margosa, mai' dá pa comê [...]. Salada, ôta hora pode refogá ela assim, fazê farofa. Uns já come ela sempre assim, por causa que é 'margosa. Fala que as coisa amargoso é bão po fígo (fígado), essas coisa, né? (...). Tinha... gabirola [...]. Uai, o pé de gabirola ela dá é... nôi' fala é as moita, assim (*gestos*), sabe? Dá aquês (aquelas) tocera assim (*gestos*) e dá alto assim, ó (*gestos*) (...) frutinha redondinha, docinha [...]. Gostoso... a gabirola é. Tem a... tem o bacpari que é uma frutinha igual uma laranja, também, mai' miudinha assim (*gestos*), é de comê também [...]. O pé da uma arvezinha, sabe? Tem a mangaba também. É uma frutinha simiante

(semelhante) assim. Tem poca diferença, mai' é de árve tamém [...]. É, o bacpari, esses trem, sabe? Cê vê no cerrado assim cê vê pé de árve de tudo... de todo tipo, né. Então, é uma natureza só, bacpari, mangaba. Tem o... tem uma ôta fruta maió que es (eles) fala, o... jatobá tamém é do cerrado. Já dá uma fruta maió assim, ó (*gestos*), é maió... assim, ó (*gestos*), uma fruta estreita assim e comprida (*gestos*). Então, p' cê comê, cê quebra ele e come... a massa dele [...]. Grande. O jatobá dá árve igual um pé de manga... um trem assim [...]. Madera. Madera pa casa... pa... assim pa móveis, fazê cerca de arame, cerca de curral, fazê ponte, mata-burro, tudo (...). Serve pa carvão, serve pa quarqué coisa [...]. Bão pa lenha. Tem, tem o jatobá. Tem o vinhático que é bão pa cerca de arame, porte (poste) de curral, fazê estei' de casa, essas coisa, sabe? (...). É árve grande tamém. Dá tora. Es (eles) tora pa levá pa serraria. Dá móveis... o vinhático, sabe? [...]. Não. Ele dá flor, maize... é só mêmo pa semente, sabe? Num dá fruta não [...]. Uai... como diz: Uai, sô, às veiz, dá pa assim... pa tomá eu num sei, mai' assim pa... pa banhá um machucão, um trem assim, ele é trem que serve, sabe? [...]. Da casca [que faz o remédio] [...]. Não, faiz o seguinte: tira a casca dele toda, sabe? E ali, 'massa aquilo e põe numa vasia (vasilha) pa... e põe pa fervê... aquilo ali. Banhá, sabe? Cicatrizá... assim... um machucão. Beleza! (...). E assim tem diversos. Tem esse aí, tem... tem o ôto... uma ôta madera... chama (...). Barbatimão . Cada árve tem um nome, né? Esse tamém serve pra isso. Serve pa tomá tamém [...]. Madera tamém, dá árve grande. Serve pa lenha. Agora, assim, pas ôtas... essas coisa num serve não, mai' serve pa lenha, serve pa esse ôto tipo de coisa, sabe? Cicatrizá. Uma criação, às veiz, machuca ali... leva um corte. Cê cozinha aquilo e banha [...]. Cicatriza. Sara (...). Ah! Dá árve grande. A aroera seno... como diz o ôto, sobre madera... é a mais... utilizada, sabe? Pa quarqué tipo, assim, pa fazê curral, cerca, fazê casa, fazê ponte, mata-burro. Tudo (...). Cada madera, cada tipo de coisa tem que tê um nome, né? (...). Tambu ... tudo... serve pa... madera, assim pa quarqué coisa, sabe? E essas madera, tudo utiliza ela pa... pa casa. Igual cê... pa fazê ela de pau a pique, cê tira quarqué madera, sabe? Mediu a grossura ali, o comprimento, vamo' em frente, né? (...). Igual essa aqui, ó (*gestos*)... cê tira madera desse tipo, ó (*gestos*). Essa aqui já tem duas qualidade dessa madera aí (*gestos*), ó. Essa mais fina que 'travessa assim (*gestos*) chama pindaíba, sabe? [...]. Árve grande tamém [...]. Dá fôia miúda. E esse ôta aí, ó (*gestos*), a madera chama cravoero ... pa casa tamém [...]. Grande. Dá torona aí, que precisava de tratô pa arrastá ele uai. Serve pa ponte... qualquer tipo, igual (...). Tem uma ôta fruta amarela, ocê vê ela num pé, lá no mato, ocê acha que é um pé de laranja... ela tem, ela dá até assim, ó (*gestos*), chama guapeva . 'Marelim! Chega num pé de guapeva lá no mato assim (*gestos*)... é dos mai' bonito. Parecido com o pé de laranja. Fica tudo 'marelim. Tudo na hora de... de comê [...]. Gostoso. Ali... bicho come, a gente tamém come [...]. Uai, como diz o ôto, essas fruta mesmo... que... tem umas que cê pode comê, sabe? Mai' ocê num pode comê uma e depois comê uma ôta coisa diferente. Num dá certo não. Faiz mal uma com a ôta, sabe? Igual uma comparação: cê faiz um comê, tem certos tipo de comida que num... é, num pode misturá, né? Então, a fruta... tamém é do mêmo jeito. Tem fruta que parece que... num controla comê eza (elas) assim tudo junto não (...). Gado tem... o gado tem. Tem um ramo no mato que se comê é defunto na hora, sabe? [...]. Chama erva . Se ele entrá no mato aí, tivé e comê ela... se num morrê é por sorte [...]. El'é uma arvezinha. Ela dá até desse tamaim assim, ó (*gestos*). Parece um pezim de café, quando ela tá um porte assim, ó (*gestos*). Tem um até que es (eles) fala... erva do café . Parecido com o pé de café (...). A criação come erva... principalmente no sol quente. Ele empanzina e deita. Morre mesmo (...). Não, essa erva-de-bicho já serve pa gente, essas coisa, né? [...]. Não. Iss'é assim, um banho, toma... fazê um remédio, sabe? [...]. Ela... ela é um tipo assim... uma arvezinha... parece cipó e parece uma arvezinha, assim (*gestos*). Ela dá aquês (aquelas) moitera, sabe? Principalmente quando é um... um lugá na bera do córgu, sempre dá aquês (aqueles) lugá mais baxo assim, junta aquela... uma... junta água, sabe? Aquilo é... ela gosta daques (daquels) lugá. Lugá fresco assim (...). Não... sobe. Ela soca, ela fica... ela faiz... ela trança assim na... nas árve... l'em casa

tem demais daquilo. L'em casa tem lugá lá que tem muita dela lá. Cê num anda nela assim (*gestos*). Cê num dá conta de rasgá ela assim, pa andá não. M: Mais é a erva-de-bicho que as muié tipo usava pa aborto? M3R69CA: Isto. Assim... pa... às veiz a pessoa... principalmente um homi, uma muié sofre... assim... dor de escadera, essas coisa, sabe? Banha... Põe ela pa fervê, depois faiz um bain' (banho) e banha [...]. Uai, sempre as muié falava isso, de primero, né? Como diz o ôto: era remédio, mai' era veneno, né? Porque veneno (...) pa fazê um trem desse é veneno, né? [...]. Uai, usava capim e fôia [para cobrir o teto das casas] (...). Nóis tratava ele capim-de-toça . Ele dá aques (aquelas) toça grande assim (*gestos*). Cê conhece quê que é erva cidera? Erva cidera assim de horta? [...]. Ele dá simiante (semelhante) a fôia, daquele tipo, sabe? Ele dá até... até grande assim, ó (*gestos*). Parece uma moita de erva cidera... só que ele é diferente um pouco. Mais ele dá tocera daquele tipo, né, então, 'rancava ele... pa podê cobri... no lugá da têia (telha) (...). Tem um ôto... maió. É um capim tamém, só por causa que ele fica grande. Ele fica capim aí d'uns dois metro de altura... um tal de sapé. Tamém próprio pa embuçá [...]. Não, um capim, sabe? Ele era tipo dum capim, só por causa que ele... ele é grande. Ele fica alta. Cê pode entrá no mei' dele (...) que te tapa tudo. Aí 'ranc'ele. Num é cortado não, é 'rancado (...). Se brincasse com ele alejava a gente tudo. Ele tem espim. Quando ele tá num tamainzim assim, ó (*gestos*), ela dá uns espim quais igual agúia (agulha). Se ocê pisasse nele ali, era um estrepe horroroso (...). A cafubira tem, então, uma árve. Um tal de aroerinha ... que se ocê passá debaxo dela, cê empola que cê custa enxergá [...]. É árve tamém, igual um pé de laranja assim, um pé... da tora, madeira grossa assim, ó (*gestos*). Ela parece que ela tem um trem. Ocê corta ela assim (*gestos*), ela dá uma água na madeira dela, se ela pingá n'ocê, aquil'ali vira um... aquilo empola... naquele lugá ali. Eu mes', quando era moleque, eu num podia passá nem debaxo dos pé... e l'em casa tinha demais. Aquilo, mais me dava um... uma alergia que Nossa Senhora! A única coisa pa dá volta era leite. Tomá bain' (banho) no leite. É, uai (...). Dá pereba... na gente assim, ó (*gestos*) (...). Uai, eu... eu já vi dois bálsamo , o seguinte: um é uma árve e o ôto é uma plantinha que fica... piqueninha assim (*gestos*), que cê planta, ele brota assim, da foinha... miudinha assim (*gestos*), uma foinha gorda (...). E bálsamo que eu já vi, é uma árve que serve pa madeira, que serve pa quarqué coisa e aquele [...]. Uai... esse piquenim é pa remédio. Ele serve pa diversas coisa (...). Uma dor de barriga, um machucão, criancinha po' tomá dele, com'ele até na comida assim, conforme seja o poblema da pessoa, pode comê ele igual uma salada. Poca coisa... no mei' da comida. Tudo serve. Remédio. Agora, o ôto não. O ôto já é árve grande [...]. Nóis tratava tal de mundaça , dava no mei' das planta assim, se a gente dexasse... matava as planta tudo, num dava nada, uai [...]. É. Nóis tratava era mundaça, quê tinha tudo quanto era praga misturada uma na ôta, nós tratava era mundaça [...]. Ah! Diversos nome. Tinha... picão , ele é d'um que prega na ropa da gente assim (*gestos*). Ele dá uma... uma florzinha, depoi' ele madurece aquela florzinha... aquele que prega na ropa da gente (...). Tinha... um tal de capim-cochão tamém. Ele lastra pra fora assim (*gestos*). Mundaça tamém, sabe? Tem mentrasto, tem [...]. O mentrasto (...) ele fica mai' ou meno' assim (*gestos*), foinha larga assim (*gestos*), ele serve até pa remédio [...]. Uai, serve pa... pa diversos tipo de trem. Às veize, cê tá c'a barriga doeno, sabe, assim? (...). Põe um poquim de sal nele é bão pa... até... assim... estame (estômago) ruim assim, a pessoa 'rota choco, azedo. Tudo é bão. Criancinha tamém, criança tá com dor de barriga, assim, nenenzim. Ferve ele... e dá ele ali um poquim, na mamadera, na chuquinha. É bão pa... pa dor de barriga de criança [...]. Ah! Tem um capim, tal de pé-de-galinha [...]. Fica um capim, ele fica umas tocinha assim (*gestos*), fica até alto assim, ó (*gestos*). Aquilo... se num capinasse a planta, aquilo matava tudo (...). Tem uma praga, uma tal de berro-do-égua tamém é mundaça. Era tudo junto. Tudo mundaça [...]. É um capinzim. Ele quais parece aquele poejo, aquele de fazê chá, sabe? [...]. O poejo é uma plantinha que planta ela na horta assim e serve pa... pa fazê chá. Às veiz, se ocê tivé com um parpите assim, de comê um pão de queijo com... com suco, cê faiz o chá do poejo, ó, é... com um pão de queijo,

vô falá pr'ocê: vai bem (*risos*) (...). Tamboril? A árve... uai serve... móves, guarda-ropa... mesa [...]. Árve grande... árve grande. Pauzão aí que dava pa levá pa serreria pa podê desdobrá ele, sabe? (...). Fazê canoua... tudo serve... o tamboril [...]. Uai, se'... pererinha serve (...) pa móves, fazê taba, fazê casa. Tem ôta que serve tamém pa... pa cabo de enxada, sabe? Pa podê capiná. Sempre ele é usado mais pra isso (...). O picão... bão... tem um maió... que tem ele de dois jeito. Tem ele que dá pequeno e que dá grande. Esse que é remédio. Mai' eu num sei pra quê que é (...). Aquilo [balaio e peneira] faiz ela de duas coisa, três coisa: do buriti ... cê sabe quê que é buriti? Ele é uma árve... ainda cê me procurô pela... pa cobri' a casa, assim, quê num tinha teia (telha), cortava a fôia dela pa podê cobri a casa, sabe? É, a fôia do buriti. Aí, então, tira... como se diz, uma peça da fôia do buriti pa fazê a penera, sabe? Faiz da... do braço do buriti qu'ele... fala do braço do buriti quê ele dá aquele talo assim. Então, lá na frente é que ele dá a fôia sabe? (...). E tem a taboca , é um troço que dá no mato, quais igual uma cana, de gomo, sabe? Tamém, dá pa fazê a penera. Então, tem ôta arvezinha tamém, chama... taquarí . É uma taboquinha tamém, só que ela dá fininha, ela é mais grossa, da grossura dum dedo. Dá na bera de córgu... de gomim tamém. Fazê penera, fazê jacá, essas coisa. É dessas três... o bambu tamém serve, mais ele num é... quarqué bambu que serve... pa tirá a casca dele ali pa podê fazê [...]. Uai, o bambu que serve é o bambu-jardim , aquele que... que tira pa vara de anzol, sabe? Daquele serve... pa fazê [...]. Aquele é de madeira. É uma árve que tira... ele e racha ele, sabe? Duma peça cê faiz duas (...). Espim-de-agúia (agulha). Ele dá uns espinzim mai' ou meno' assim, ó (*gestos*), igual uma agúia (agulha). Batê na gente, enfınca. Dá plantadim igual uma agúia (agulha). Cê óia ele assim... é uma agúia (agulha) que tá pregado lá, sabe, lá na madeira. Chama espim-de-agúia (agulha) (...) pa podê fazê o arco das penera... é dessa árve [...]. Uai, planta tem... eu num sei não, mai' tem o... como diz o ôto: uma praga da roça assim... assim que o povo usava como praga, essas coisa... é uma mudicinha, sabe, que tem, igual essas praga do terrero. Chama quebra-pedra . Dá demais, assim, nas bera de calçada... assim, bera de porta. É... a tal de quebra-pedra [...]. É... pa tomá, pa podê... aliviá desse negócio de pedra nos rim, esses trem [...]. Não. Aquele [sofre-do-rim-quem-quer] já é maiozim um poco a... a planta dele. Agora, essa quebra-pedra dá miudiquim assim, ó (*gestos*) [...]. Uai, encontra ele [sofre-do-rim-quem-quer] assim... uai, aqui mêmo tinha desse trem, mai' eu acho que num vai tê, porque eu passei a enxada no quintal e cortei ele, mai', é assim na bera... nas bera de casa [...]. É praga tamém. Esse é praga tamém. Mundiça (*risos*). É... esse ôto, sofre-do-rim-quem-qué, ele é maió. Ele dá uma... ele dá muito poquim assim, dá grossa assim, ó (*gestos*). Ela dá muito no campo pra lá esse... muitos trata ele sofre-do-rim-quem-qué, ôtos trata ele de doradinha , ôtos trata ele de congonha-do-campo . Esses nome [...]. É, uma árve só (...). É, dá uma foinha compridinha. Mais é um chazim gostoso dele. Cherosim assim (...). Num tem gosto de nada. A mêma coisa d'ocê frevê uma água ali... e tomá. Num tem... chero ruim, nem num amaiga (amarga) nem nada (...). Uai, o fedegoso, aquele é pa... assim... dor de cabeça, gripe, essas coisa [...]. [O remédio era feito] da raiz. E já a... quê ele dá uma semente. A semente dele o povo usava... arrumá ela pa tomá no lugá no café. Torrava igual torrâ café Cidinha. Hum! Mai' vai 'margá pra lá. Nossa Senhora! [...]. Ficava com gosto de café. Mai' menina, dexe eu te falá pr'ocê... é um amaigo. Quê que é aquilo? Deu' me livre (...) É... maize... e fazia mal, sabe? Por causa que amargava demais. Quê o fedegoso cê num pode tomá ele muito. É uma veiz poca. Assim, pa modo de uma gripe assim, cê pode tomá dele, mai' cê num pode fazê uso dele assim, muitas veiz não [...]. Faiz mal, uai. Que ataca o coração. Fedegoso se tomá ele muito assim... muitas veiz seguida. Agora, uma veiz, ali, duas (...), mais se fazê uso dele, assim, muitas veiz seguida, diz que ataca o coração. Por causa do... quê amarga demais. Nossa Senhora! Cê tomá um... um... ali, uma meia xícra de fedegoso, um chá dele, assim. Cê besta, menina! Vô te falá pr'ocê, é ruim demais tomá. Cê sabe que... se ele num amargá mais [que a calunga], menos num amarga não (...). Ela é uma arvezinha desse tamainzim assim, ó (*gestos*). Uma arvinha que dá uma foinha comprida assim (*gestos*) [...].

Uai, ela é pa... bão pa uma dor de cabeça. Pessoa, às veiz, tá ruim do estame (estômago), sabe? Às veiz, come... muito. Às veiz, sente mal, a comida, né, num vai bem. Toma um poquim. Mai' num pode tomá muito tamém não. Às veiz, se a pessoa tivé ruim pa comê, assim, pa alimentá... tomá um gole na hora da comida. Mais é poco tamém, num pode tomá muito não. Quê amaiga demais! [...]. Uai... diz que es (elas) usava tomá esse trem [para abortar]. Quê a calunga, vô te falá pr'ocê... é companhera do fedegoso, amarga sem tanto [...]. Não [parece]. O fedegoso, ele dá uma arvezinha, sabe? Ele fica crescono. Agora, a calunga, não. A calunga o máximo que ele fica... um tamainzim assim, ó (*gestos*) [...]. Quais nem maderá ele num dá. De longe cê vê só um móizim de fôia dele assim (*gestos*) [...]. Quina? Quina é uma árve [...]. Ela dá fruta e ela serve pa maderá, sabe? Mai' usa ela mais é pa tomá. Pa remédio [...]. Uai, de fiura pa riba tudo ela cura, sabe? (*gargalhadas*). Menina, que amarga tamém sem tanto. Nossa Senhora! É remédio, pa tomá tamém, mai' é 'margosa, sabe? Agora, a quina num serve num é só pa gente não, pa criação tamém, pa tudo. Pa tudo em quanto é tipo de... de vivente assim (...). É... a quina, às veize, se a pessoa num tivé assim... com apetite bão pa... pa comê. Cê... cê faiz um... tipo dum pozim dela, sabe? E põe na... ali na comida. Só que cê tem que pô só ali a ponta dum... cê põe na boca uma veiz, quê amaiga mêmo, amaiga. Amaiga absurdo! E serve, assim, um comparação, às veiz, pa muié assim, pa certos poblema tamém. Igual, pum aborto, uma coisa assim... costuma (...). Fumo , pé de fumo [...]. É uma arvezinha tamém. Dá até iguale um pé de... esse trem... de fazê salada [...] cove. É simiante (semelhante) um pé de cove. Dá uma fôia dum lado, ôta do ôto, até... e dá as fôia grande assim, ó (*gestos*). Aí faiz o fumo daquilo (...). Uai, o pilão a maderá maize... necessária é uma árve que chama angico , uma maderá (...). Uai, pa fazê a gamela é o tamboril [...]. Isto. Ele era o mais necessário pa fazê quê é árve manera e boa pa trabaiá nela pa fazê, sabe? Agora, as cuié, fazia de pau, tem diversas árve que (...). Pororoca ela é uma árve tamem, né [...]. Serve pa maderá de casa de pau a pique. Essas maderá desse tipo, ó (*gestos*). Uai, o sobro ele serve pa lenha... e serve pa maderá de casa tamém [...]. Árve grande. É uma fôia comprida igual pé de laranja, semiante ao pé de laranja [...]. Uai, aques (aquelas) embira... tem uma árve que chama óio (óleo) , é pa tirá embira [...]. Serve pa embira e serve pa maderá tamém assim, sabe. Pa tirá embira? Pa tirá embira... do óio... cê... ele tá... a árve tá em pé, sabe, lá... cê corta nele assim, ó (*gestos*), faiz de conta que aqui é pé de óio, né? Cê corta nele assim, ó (*gestos*), na casca dele até chegá na maderá... e puxa a casca dele. Aí, tira... tira aques (aquelas)... comprida... punha lá fora. Aí, então, depois dela tirada... ocê... que ela desaprega lá da árve, ocê dobra ela assim, ó (*gestos*), quê tem o lado, dobra ela assim (*gestos*) e corta um tiquim dela assim, ó (*gestos*) e faiz assim (*gestos*), aí, ela desaprega e ocê puxa. Tira a casca e tira a embira. E tem um ôta tamém... uma ôta árve... que... que dá embira tamém. Uma tal de jangada . Essa... cê tira ela, ela dá árve grossa assim (*gestos*) e comprida. Aí, cê tira ela, cê joga ela dent' d'água, adonde tem um poço d'água grande ali, que dá pa cobri' ela... joga ela e dexta ela lá... uns quinze dia... até um mês. Ali, ela esmulece a casca e solta... e depois cê tira ela... e... e vai com ela pa água e vai lavano ela ali e tirano, que ela dá uma pelinha por fora... aí, cê... cê tira aquele pele dele e bate ela, assim, igual... de primera, nós falava batedô de ropa, sabe? Aí, cê molha ela, cê bate, assim, ela fica... a embira dela fica normalzinha... a embira. Tem uma ôta árve tamém, chamada embira branca, é tirada a casca igual o óio (óleo). Ela num é igual a jangada não, é no seco [...]. Uai, a fôia da jangada, ela dá uma fôia... qué vê qual é uma árve que parece a jangada... ela é quase da imitação duma fôia de pé de mamão, só que ela é mais pequena... do que um pé de mamão... a fôia de jangada (...). O óio (óleo) é porque a maderá dá um... um óleo dento, sabe? Fura... fura a árve... faiz um... corta a árve ali, como fazê tipo dum pilão, Cidinha. E ali corre uma... um ói (óleo) que dá na maderá ali e empoça... trata ele de óleo por isso. Serve pa... pa diversas coisa. O óleo do pé de óleo, sabe? (...) Uai, remédio [...] pa tomá... passá... uma comparação: na pessoa... um quebrado na perna... num braço... seja lá o quê e fô... põe ele. Cê tomá ele tamém... assim... às veiz, a pessoa tá

com... com uma dore, assim, sofre com uma dor ali peito, ôta hora nas costa [...]. É, pneumonia. Ele é próprio pra isso (...). Uai, a lixa... nós trata ela... cê fala uma árve num é? Ele é uma árve. É a fôia... dele, é igual fôia de lixa. Ele serve assim, uma comparação: usava ele mais era pa... quê de primero, num tinha aques (aquelas) lixa de lixá um... um móveis... então... tirava a fôia dela pa lixá aquilo. Tem um lado que ela tem a lixa igual essas ôta que a gente compra, sabe? Que es (elas) lixa só dum lado, né (*gestos*). A fôia da lixera é daquele tipo. Só por causa que tinha a madeira, fôia de madeira, fôia de árve [...]. Alta... madeira, maderão [...]. A fôia dela dá... dá até desse tamaím assim, ó (*gestos*). Ela dá duas parte na fôia (...). Quando fazia... quando fazia queijo... lixá os queijo p'ele ficá assim, bonito... era com a fôia de lixera. Fazia assim, ó (*gestos*), pa modo de ficá lisim (...). É... lixava os pé, tirava os macuco, assim, ó (*gestos*) (...). Pois é, passa assim, ó (*gestos*), fica lisim, ó (...). Fica lisim, lisim e num estraga, sabe, a pele (...). Acha. Assim, em lugá de cerrado... assim [...]. Que ela dá árve. Ela dá madeira, a madeira serve pa... pa lenha, essas coisa (...). Uai, o açafão ele é uma arvezinha... ele dá uma... ele dá uma mandioquinha, assim, ó (*gestos*) (...). Aí, que cê faiz o açafão, esse que a gente compra. Então, cê punha o açafão misturado no azeite tamém e no óleo de pau e punha no quebrado ali, fazia o emprasto ali, punha aquele matruiz, cê sabe o quê que é matruiz? Vô te mostrá o quê que é o matruiz (*gestos*), é remédio (...), ôtos trata ele santa-maria (...). É... 'mass'ele, põe ele num pano assim e 'massa e põe o azeite, põe o óleo de pau e põe... a tal do moqueca que es (eles) fala, né, Cidinha? Põe no lugá, pode pô até um poco de sal e põe (...). Isso é a... rezina de jatobá (...) é... misturava niss'aí, ó. A rezina é tipo duma pedra, parecido com... uma pedra [...]. Corre pela madeira afora assim, ó (*gestos*). Agora nódia dela, sabe? Ali, então, ela gruda, ela seca, fica igual pedra, fica igual uma pedra. Aí, então, punha ela... põe ela num pano... e 'massa aquilo, pa modo dela podê... aí põe... e põe ela por cima. Passa o azeite e põe ela por cima... ela gruda. Enquanto num sara ela num escapole. Cê pode moiá... num escapole não (...). Uai, é do mesmo tipo dessa ôta aí... é uma... é uma nódia da madeira que corre, faiz a rezina iguale a do jatobá [...]. Capitão , é uma árve... chama capitão [...]. Uai, é uma árve grande, dá madeira, assim, tora, dá pauzão grossão [...]. A fôia... é quais assim, simiante (semelhante) duma fôia de pé de laranja (...). Tem um ôto que dá rezina tamém, é remédio. Uma árve que chama armesca . E essa dá no mato [...]. Não, mai' tanto faiz... às veiz, conforme seja o tipo do cerrado, o tipo da terra, dá ela no campo, mai' ela dá mais é no... é no mato [...]. É igual essa ôta tamém, a... a nódia da madeira, quê sempre dá aques (aqueles) trincado na... na casca da madeira, então, corre aquela água, forma a rezina [...]. Igual tamém, uma folhinha comprida assim (*gestos*), uma fôia comprida assim (*gestos*), estreita (...). O veludo branco... que eu conheço, Cidinha, ele é um espim. Então, tem de dois. Tem o velumo vermei' e o branco, tudo dá espim. Ele dá espim grande, assim, ó (*gestos*), um estrepe horroroso (...). É... é fôia normal, igual de quarqué um... um ôto tipo de fôia assim, ó (*gestos*). Então, cada ramo, cada fôia tem um nome (...) num lugá trata dum tipo, ne ôto trata de ôto [...]. É uma fôia... chapéu-de-coro . É remédio (...) Ela dá, mai' num fica grande, fica assim, ó (*gestos*) [...]. Ela é rondonda [a folha], quando ela... conforme o lugá... ela dá n'água. O chapéu-de-coro, ele dá dent' d'água. Ele dá assim... na bera do córgu, mai' tem que tê ao meno' uma lama ali p'ele ficá, sabe? [...]. Uai, é pa modo de... pessoa assim que... sofre dor na coluna, dor nas cadera, é o melhó remédio, chapéu-de-coro (...). Crista-de-galo , ele é um cipó, do que eu conheço, sabe? Ele dá um cipó assim... quais igual um... igual uma tal de bucha, dessa bucha de tomá bain' (banho) [...], um cipó daquele tipo e ele dá um... uma flore, ele dá um papo igual o papo dum galo, sabe, depoi' dá um ôto negoço assim (*gestos*), pareceno uma crista dum galo, sabe? Uma flor roxa [...]. A buchinha ela é da famia dessa bucha de tomá bain' (banho), só que ela é miudica [...]. Uai, ela serve pa gente... serve pa criação [...] pa tomá [...]. Uai, se... às veiz, se a... se pessoa (*risos*) num... num quisé engordá, sabe? Ali toma... ali um... pode fazê até um pozim dela, ôta hora freve ela (...). É pa engordá (...). Então, cê... assim, igual uma... a gente mes', é igual assim a pessoa num tá bão pa

alimentá, é igual a quina, sabe? Cê... põe ela ali, põe um poquim d'água num... numa vasiinha e põe um... põe ela lá e tira e toma aquela água, 'maigosa (amargosa). Pa criação tamém. Agora, a criação costuma... um animal assim, cê dá ele um pedaço na boca dele, p'ele comê aquilo, engoli, sabe? Pa engordá, sabe? [...] Agora, pa emegrecê eu num sei não (risos) (...). Não, buchinha num é veneno não, buchinha é remédio [...]. O pó dela pa sinosite [...]. Uai... iss'aí [doenças sexualmente transmissíveis], tinha... es (eles) falava que era o entrecasca do angico, uma árve, sabe? (...). O azul é uma planta que chama anil [...] ela é uma arvezinha, sabe? Num dá maderona não. Ela... ela dá assim... uma arvezinha, ela atinge, assim, na média dum... no máximo uns dois metro de altura, mais num dá árve grossa não, sabe, tronção não. É árve fina. A fôia do anil [...]. Uai, aí, tinha uma ôta... uma ôta... uma árve que nós tratava ela de quaresminha, sabe? Tem ela... essa quaresminha tem ela de... de diversas core. Diversas cor. Tem: vermei'... 'marelo, vermei', roxo... verde [...]. É... só a diferença é a cor da... da flore [...]. Uai, ela é... ela tem a fôia... fôia de maderona, sabe? Uma fôia compridinha assim (gestos), estreita [...]. Era de tingi', essa tal de quaresminha e anil (...). Cê punha as flor dela pa ferve [...]. Ali... tingia a água... e então punha a ropa ali (...). Ah! Gripe tem diversos... diversos combate, né, de... de planta assim (...). O assa-peixe tamém é pa gripe... pneumonia [...]. É uma arvezinha tamém [...]. Ela fica uma arvezinha, assim, média [...]. Uai, a fôia dela igual essas ôtas fôia. Quê sempre uma fôia, às veiz, o formato é dum tipo, mai' às veiz é maió, ôtas é mais... mais pequena, umas é mai' larga, ôtas é mais estreita (...). A flor da lobera é uma flor assim meia marronzinha, sabe? Mais ou meno assim, ó (gestos). Serva á remédio tamém, a flor da lobera. Bonquite, pneumonia, esses tipo de coisa, gripe [...]. [O sabugueiro de horta] é uma... é uma planta de horta, sabe? Uma mundicinha de horta [...]. É, rastero (...). O sabuguerão dá até assim, ó (gestos). Agora, o ôto, ele dá baxiquim assim, ó (gestos) (...). O sabuguerão tem ele dos três tipo, né? Tem ele assim, tipo de árve... tem um ôto mai' menor que dá um cacho mei' 'marelo, mei' 'marelado, um cacho grande assim (gestos) e tem um pequetito. Tudo é remédio pa gripe, dor de cabeça [...]. Não. Cada um a fôia é diferente. O grande a fôia já é mais a fôia duma árve. O ôto médio assim, já uma fôia mais estreita... e compridinha e o ôto a fôia dele parece capim. Cada um difente, mais natureza é uma só [...]. Tudo sabuguerão e tudo é remédio (...). Ela é uma arvezinha, fica mai' ou meno' assim, ó (gestos), foinha estreita assim (gestos), verdinha, quais igual uma fôia dum pé de laranja, mais só que ela dá a fôia comprida assim, ó (gestos). Ela [a verga-tesa] dá uma florzinha, uma florzinha assim, meia roxa, meia amarronzada [...]. Diz que é pra isso [disfunção erétil] (...). A cagaita é uma... ela é uma árve. Como diz o ôto, agora, a frutinha dela... ela quais parece uma... isso daqui, ó (gestos), iss'aqui... com'é que chama? [...]. Acerola. Ela parece uma acerola. Às veiz, ela po' dá mai' grandim um poquim... maize... é uma frutinha redonda, quando ela amadurece ela fica 'marelinha. É de fazê suco, a gente... chupa ela assim. Mais é uma árve (...). Sangue-de-cristo ele... ela é uma... um... ela dá umas tocera assim, ó (gestos), uma moita assim (gestos), ela dá umas frutinha miudinha... na rama da... da arvezinha, sabe? É de comê tamém. Assim, no campo, dá muito... sangue-de-cristo. Quitoco é uma planta, como diz o ôto, pa remédio [...]. Uai, pa muié... problema assim [...]. [Poleiro-de-urubu] é uma árve. É uma árve, uma maderona, sabe? [...]. Isto! É aquele [mesmo pau-bosta] [...]. Es (eles) pega... cê corta ele assim (gestos), ali, qu'ele solta um'água na maderona, sabe? Aquela água... aquela água, ela fede. Uma catinga azeda (...). Então, aquele é que é o tal de... pulero de urubu (...). Ali, a hora que ele seca... aquele água seca, 'caba a catinga. Mais ele é fedido. Ela num presta pa fazê casa com ele assim, não. Por causa da catinga, sabe? Ele é fedido (...). Uai, pa dormi' (...) usava casca de... aquela árve... tal de... com'é que chama gente? L'em casa tem um pé dela... mulungu [...]. Ela é uma árve... ela é uma árve, sabe? Maderona grossa, assim. O entrecasca dela pa pessoa que tá ruim pa dormi... toma um chá pa... o entrecasca do mulungu é bão pa dormi'. A fôia da... da lima tamém [...]. A lima é aquela companhera da laranja, sabe? [...]. É a fôia, né? A fôia da laranja é igual a fôia da lima. É tudo duma família só, a laranja mais

a lima (...). Tem a... o chapéu-de-coro, tamém (...). [Alcaçuz] é uma arvezinha de fazê chá... pa curá dor de estame. Um chá de alcaçuz com pão de queijo... é bão (*gargalhadas*) (...). Tinha... qué vê... tinha um tal de mercurim (...), é uma arvezinha que tem assim, banha [o dente] (...). Existia |...|. Não, é... é do miudim, sabe? Da foinha dele. Tirava aquila'ali, 'massava a fôia e espreme ela ali, usava aquela... aquela... aquela aguinha, pa pô. É o bálsamo o miudim. Agora, o grande... num... eu acho que num é remédio não. Pode até sê, mai' pa ôtos tipo de coisa (...). Uai, mata-pasto , se fô do que eu sei, el'é uma praga que dá assim no pasto (...). Uai, ele é uma mundaça que dá assim... nos pasto, ela dá aquês (aquelas) moita assim, ó (*gestos*). Na seca, ela seca e some. Se pegá chovê ela... ela nasce de novo. Tem que cortá ela, senão acaba com o pasto tudo (...). Ah! Aquil'ali? Aquil'ali é beladona |...|. Uai, é remédio |...|. Uai, ela... ela... o remédio dela serva pa diversas coisa, sabe? (...). Serve pa machucão, faiz até pomada da fôia dela, sabe? Pa machucão, 'sim (assim) (...). E tem aquela... uma plantinha, quais parece uma matruiz... com'é que chama? Aqui tem dela... ele dá uma... uns pezim... é que es (eles) pegava pa podê fazê, po Padre [benzer] (...). Bassorinha-de-Santo-Antoim . Ela é uma mundicinha que dá em porta e tem lugá que é praga. Dá demais! Aqui mêmo tem muito dela, bassorinha-de-santo-antoim (...). Uai, tem, tem, tem a paia, né, coquerim... que dá as fôia pa podê fazê as vassora |...|. Uai, é... fôia de vassora , é coquerim |...|. Uai, as foinha dele é... é tipo da vassora aí, só por causa que es (elas) dá pequena, dá grande. É de fazê vassora. Ele é um coquerim. Então, tira ela e faiz... a vassora |...|. O cuiezero é uma árve, um pau, chama cuiezero |...|. Uai, fazê cuié... cuié de pau (...). Ele usa dá assim... lugá de aguado. Ele só dá em lugá de brejo assim... cuiezero. Ele é o próprio pa fazê cuié. Faiz de diversas... tem ôtas árve que faiz, maize o próprio só esse, quê ele num racha, sabe? |...|. É, macia [a maderá]. Madera que... pa fazê móves. Quê pa fazê móves num é quarqué maderá que serve, né? Uma maderá dura assim, às veiz, vai... conforme assim do tipo vai trabaiá, racha. Então, tem que sê uma maderá que... como diz o ôto, num dá pobrema |...|. A mió pa fazê o carro de boi, só tem uma: o bálsamo (...). Quê sempre a maderá do mato é natureza diferente, já a do campo |...|. Uai, se ocê oiá assim, ocê num vê, mai' tem diferença. Num é quarqué lugá que tem uma árve, no ôto lugá já num tem. Às veiz, num lugá, às veiz de muita pedra... já num tem a árve, já num lugá que num tem pedra, já tem mais. Aí, depende o tipo da terra. Tem certas árve que dá na bera do córgu e já num lugá mais seco, lá no alto, já num dá. Tem isso (...). E tem o canzilero tamém, sabe? |...|. É uma árve tamém... acompanha o carro de boi, sabe? E aí pa fazê a peça do... dos boi, p'os boi, sabé? (...). Pa fazê a canga. Que tem a canga e tem o canzil, sabe? Ele é próprio pa fazê a canga e o canzil |...|. Grande |...|. Esse dá em quarqué lugá (...). Dá no mato, dá no campo, dá em quarqué lugá (...). É por causa que ela é uma... é uma maderá mais forte, num quebra à toa, sabe? O canzil ele é feito... ele é uma peça fina, sabe? Assim, franzina, sabe? Então, tem que sê uma maderá forte, resistente, pa aguentá o movimento, sabe? |...|. Se não quebra e... e bagunça (...). Uai, eu mudei pa cidade por causa de escola das menina. Poblema é esse |...|. Ah! É claro que tinha [ficado na roça]. Nossa Senhora! Na roça é mil veiz meió que na cidade. Que a cidade é o seguinte, ela é boa, cê sabe como? Que sentido que cidade é boa? Em três sentido: pa morá na cidade (...), cê tem que tê dinheiro, se ocê num tivé dinheiro, cê sofre demais (...). E ôta coisa, a cidade é muito bão, assim, ocê... ocê i' (ir) na cidade, ficá la um dia, dois, três (...). Ma' morá na cidade... pra quem num tem dinheiro... é um sofrimento (...). Na roça, ocê passa sem dinheiro (...). Na cidade, se ocê saí deiz veiz e ocê tivé dinheiro (...) cê gasta deiz veiz o dinheiro. Na roça não (...), cê passa é mêis e mêis sem precisá de dinheiro. E na cidade cê precisa de dinheiro todo dia, toda hora (...). Não, um nasceu em Ipameri e o ôto em Catalão (...). Lá na... na clínica Santa-maria. Agora a (...), foi na Santa Casa, em Catalão |...|. Eu sô o do mei' sabe |...|. Deiz [irmãos]. Três mais véi' que eu e quato mais novo que eu (...). Realino José Luzia.

Goiandira-Goiás

Narradora GF1D85

(...) Aí, tem o cipó da índia [...]. Esse faiz o chá dele pa' bebê... é pa' úcera no estome (estomago). Agora eu tava braba com meu neto aqui... que eu tava com uma menina minha... porque ne (em) mim deu, né. Eu fui lá no médico só uma vez. Aí, ele falô pra mim pra evitá. Que num é pra mim bebê... coca-cola, esses trem... Aí, eu chego aí, eu tava fazeno remédio, a primera remessa de remédio. Eu bebo ele, depois eu vô p'os remédio de campo, né (risos) (...). Eu mioro (melhor) muito qu'esses remédio [...]. Ele dá a foinha assim compridinha (gestos)... e... 'cê faiz chá dele, fica vermeim o chá. Aí, é pa' úcera no estome (estômago) [...]. Eu tem ele aí plantado. Tem o guaco, tem tudo quanto é remédio plantado, aí, né, que eu planto muito (...). Ele vai crescenho, ele vai 'lastrano [...]. Eu morei até ficá moça lá nas roça, né (risos) [...]. O meu pai fez uma cagada danada com a nossa idade, né (risos). Ele pegô e pa' modo de os menino num... pra ele num pagá registro dos menino, ele suspendeu a nossa idade... de jeito que eu conto assim, oitenta e cinco contano com esse, né. Entre aquele suspendeu nossa idade dois ano... a mais (risos). Essas pessoa antiga só fazia burrada, né. Parece que não fazia as coisa direito (risos) [...]. Dezoito de setembro, né [...]. Ih! Ficava longe daqui, né (...). Nasci na fazenda dos Dorado (...). Eu trabaiei demais. Sofri demais. Parecenho... um negro em cativero, né (...). Bateno pasto, fazendo tudo quanto é trem extravagante, por isso que eu num presto hoje. Um dia, nós foi catá cipó no arroiz... e tava assim (gestos) de lagarta... aí, meu pai levô nós pa' catá cipó no arroiz. De longe ele viu... eu fiquei com medo das lagarta. A (...) também ficô, né. Que tava nós duas junta, né. Minha irmã. De longe ele viu a hora que nós trocô, ele tacô um toco de pau assim no meu ôi (olho)... o sangue desceu. No meu ôi (olho), hein! Aí, eu fiquei calada, num falei pr'ele que tava doeno, nem que num tava. Mais eu fiquei amagoada c'aquilo e sangue desceno. Aí, nós morava pertim da fazenda do ti' Joãozim Tristão, né, que é o pai... é ti' do meu marido, né. Aí, nós foi passado debaxo duma angicada e meu pai falô assim: '*Lá vem chuva. Nós vai embora*'. Nós passava debaxo dessa angicada [...]. Angico? [...]. Não. É angico. Tinha muito angico, né [...]. Angico é maderinha de tirá taba (táboa) [...]. É árvona dessa grossura, ó (gestos) [...]. Tirava pa' fazê caibo, pa' fazê ripa. É... pa' fazê taba (táboa), nós cerrava muito guatambu [...]. O guatambu? [...]. O guatambu ele dá é cabo de enxada. 'Cêis conhece que aí tem dês (deles) aí nas fazenda pa' vendê, né. Ainda tem dele ainda. Eu num vejo aqui, porque aqui na cidade num tem, né. Mais esse serve pa' fazê cabo de enxada, né. Nós bebia dele pa'... pa' tirá dore [...]. Fazia... nós fervia a casca e bebia [...]. É... esse tamém fica grande, só que é mais despontadim [...]. Fôia miúda, né. Num é graúda não [...]. Uai, tirá o cipó do arroiz é pa' modo de num estragá o arroiz, né. Que o cipó tampava o arroiz [...]. Quarquê cipó nascia assim, desses eu num lembro assim o nome dês (deles). Mai' dava muito cipó é... Tem hora que eu esqueço o nome dos remédio. Eu sabia remédio demais da conta, esses nome... maderinha, tudo (...). Tinha... tinha picão, né [...]. Tinha... esse picão? [...]. Até aqui no quintal ainda tem dele. Ele dá dessa artura assim (gestos) e dá aques (aquelas) sementinha que prega tudo assim na roupa da gente (gestos). Amoroso ... tamém [...]. Esse amoroso dá... ele vai crescenho e saindo os cachim assim (gestos), mais puro espim... os cachim. Agarra na roupa da gente (risos) [...]. Não. O carrapicho é ôto, né [...]. O carrapicho tamém prega, né, na roupa, mais ele é miudico, assim (gestos). Ele dá os cachim, assim, tamém prega na roupa da gente. Se passá no mei' dês (deles), ês (eles) tivé maduro, prega na roupa da gente. Esse amoroso tamém prega. Tinha espim de cigano. Espim de cigano ele dá baxim assim (gestos). As frutinha dele dá um chifrim [...]. 'Cabava, né, c'as planta [...]. O picão ês (eles) banha menino, né, pa' modo de bortoeja (...). O carrapicho ele tamém faiz remédio dele [...] pa' dor de barriga [...]. Fervido tamém [...]. Agora, pa' banhá o neném, 'ranca os pé, né. 'Ranca o pé c'a fôia, ferve e banha neném (...). Aí, eu lá ia pingando sangue assim na rua. Aí, o ti' Joãozim

Tristão viu, né. Falê: *'Vina, o quê que 'cê foi no ôi (olho)?'*. Meu pai falô pra mim, né: *'O cumpadi Joãozim l'em veim lá. Se ele pergutá pr'ocê o que foi no seu ôi (olho), 'ocê fala que caiu' (...)*. Ele vai me matá. Eu quero que ele me mate (...) Ele tá fazeno isso com nós, eu quero é que ele me mate de uma vez (...) Que nós tá ajudano ele e ele fazeno ruindade com nós. Aí, o ti' Joãozim Tristão perguntô, né (...). E eu caladinha, num falei nada. Sangue tava desceno... na minha ropa, assim (*gestos*), moiano a minha ropa. Aí, o ti' Joãozim falô: *'Quê que foi no ôi (olho)? 'Cê tá saino sangue no ôi (olho)'*. Eu falei: *'Foi meu pai. Nós trocô de trocô de (...) de arroz lá, ele foi e tacô um toco de pau no meu ôi (olho). Eu num vô menti'*. Eu nunca gostei de mentira. Nunca! Desd'eu pequena (...). Aí, ele pegô e ficô (...) c'aquilo, né, e falô assim (*risos*). Deus vai me perdoá! (*risos*). Ele falô assim: *'Faiz uma água com sal e passa no ôi (olho) da Vina'*. Falei: *'Passa um punhado de pimenta malagueta e passa no botão dele também p'ele vê o tanto que dói'* (*risos*). Mais nós sofria com meu pai. Ele batia ne nós era pa' matá. Por isso que eu falava: *'Num bate não. Mata de uma vez!'* (...). Eu era pititita assim (*gestos*), minha mãe pegava umas fôinha, né, pa' benzê... eu pegava as fôinha também, do jeitim que ela fazia, eu fazia. Era pititita. Desd'eu pequena... aí... aí, eu cresci desse jeito assim, já fiço (fiz) remédio, conhenho remédio [...]. Arruda . É... tem a bassorinha da... que dá sempre assim na... nos lugá assim (*gestos*). Ela é rasterinha. Ela pegava pa' benzê [...]. É... bassorinha. Que ela pegava pa benzê, esses gáí (galhos) assim. Quê minha mãe era boa de benzê [...]. A arruda eu tem ela aqui. Ela é fedorenta, sabe (...). Eu gosto do chero dela, agora, tem gente que num gosta, né. Eu já gosto do chero dela (...). É... tem gente que põe ela assim, as fôia, na ropa, né, pa' num panhá mal oiado (olhado), né [...]. As muié bebia, né [a arruda], quando es (elas) ganhava neném, es (elas) queimava na pinga e bebia pa' tirá cólica, né, fazê limpeza, né [...]. Artemijo [...]. Eu tem o pé dele aí, né, também (*risos*), porque tudo eu planto. E tem gente que às vez pega ela, né, pa' botá neném fora. (...) eu tem ela aí, 'que eu gosto de bebê dela pa' dor de barriga, né. Ela é boa pa' dor de barriga. Elas vêm buscá, pra mim... *'Ah, não! Num vô dá! 'Quê 'cêis vai bebê, pa' modo de 'ocêis pegá artemijo aqui, pa' modo de 'ocêis pegá e botá menino fora. Aí, ficô assim e quem ficô encarrega é eu! Aqui não! Se fô pa' remédio, pa' dor de barriga, po' pegá, mais... se fô bebê à toa...'*. Uma até mandô buscá, porque tava ruim pa'... botá o neném fora e mandô buscá. Eu falei: *'Não. Vai po médico. Lá ele vai dá remédio pr'ocêis'* [...]. É, pa abortá. Ela aborta também se dexá bebê assim, ela pura assim, ela aborta... Por isso que eu guardo ela aí só pra mim bebê, assim, pa' uma dor de barriga [...]. Pera aí. Eu vô lá buscá a foinha dela pr'ocê vê. Tem até semente. Eu gosto de plantá, porque muita gente panha pa' remédio, ôtas já panha pa' fazê covardia (...). Essa aqui que é artemijo, ó (*gestos*). Ela tá com a foinha murcha, sol quente. Esse aqui... é o bálsamo da horta (*gestos*). Esse aí ês (eles) mastiga ela até pa urça (úlceras) no estome (estômago) também, né (...). Aí... essa é arruda (...). Muita gente panha gáí (galho) dela aí e põe detráis da oreia (orelha) (...) mal oiado (olhada). O vick meu tá acabano, parece que cabô [...] é uma pranta também, ela dá alastrado assim no chão (*gestos*), cheroso, chera vick mes' (mesmo) [...]. Cumpridinha. Ele tem a fôia cumpridinha [...]. Buchinha também es (elas) bebe, né. Eu tem até dela aqui, porque eu fiz pa' botá na... eu num sei ond'é qu'eu puis ela [...]. Ele dá igual essas ôtas bucha mes' (mesmo), só qu'ela, a fôia dela é mai' miúda e ela alastra e dá as buchinha assim (*gestos*) (...). Essa ês (elas) bebê só pa' abortá e botá ela de môi (molho) do arco (álcool) pa' reumatismo [...]. Eu tem dela aí, tá até o arco (álcool) (...). 'Cê qué vê a garrafada qu'eu tem pa' passá na perna? Que miora (melhora) a minha perna? (...). [Tenho] cinco [filhos]. Aí, esse aqui, ó (...) (*gestos*), esse aqui é... é a babosa... vê qual é a ôta (outra) planta que eu puis aqui (*gestos*). É... eu vô esqueceno, eu vejo es (elas) assim eu alembro... mais eu vô esqueceno... é a babosa e mai' dois remédio (...). A pata-de-vaca também é pa' tirá dor, né. Passá pa' tirá dor também. Igual esse aqui (*gestos*) (...). Essa buchinha eu também puis aqui, ó (*gestos*). Ah! Arruda também! T'aquí, ó (*gestos*). Aquí ela (*gestos*) (...). Eu passo na perna pa tirá dor, né. Porque desincha as perna (...). Esse aqui é a trançage' (*gestos*) [...]. É pa' infecção. Esse aqui é

o funcho, c'êis conhece, né? (...). Essa santa-maria eu tava assim com... parece c'um micróbio assim dento do meu nariz e coçava. Parece que queria saí e num saía. Me dava aquela cocera. Falei: '*Gente! Mais... Quê que eu vô fazê pa' tirá esse trem do meu nariz?*' (risos). Peguei, fiz a santa-maria... peguei o gai (galho) dela, botei secá... hora que ela secô, que tava sequim... eu põe ela em riba dum retái (retalho) e 'massava ela, fazia o pó e cherava. Cabô tudo! (risos). Só o sossego (...). Esse aí [o funcho] bebe... e ela abaxa pressão tamém. A gente dorme até [...]. É.. 'cê bebe. Faiz o chá e bebe. 'Cê dorme aquele sono mais bão e miora (melhora) [...]. Põe! Esse aí põe açúcar (...). Esse aí (tanchagem) 'cê põe ela, põe pé-de-perdiz junto, fôia de algodão [...]. O pé-de-perdiz essa ela dá é no campo. Ela dá uma raiz assim cherosa! [...]. A fôia do pé-de-perdiz? Ela é meia comprida... meia redodinha e meia compridinha [...]. É... da raiz [que faz o remédio] (...). Esse aí, se num tivé a raiz do pé-de-perdiz, 'cê pode pô de algodão (...). Algodãozim do campo é pa curá... às vez a pessoa tá com estame (estômago) assim... ruim, né. Parece que quereno inflamá... aí, 'cê faiz e bebe. 'Cê põe no vin' (vinho)... a raiz, né [...]. Esse dá até árve, né? (...). Eu tinha até pó dele aí. Eu fazia muito pa vendê. O povo procurava demai', né? [...]. Pa infecção também. Pa curá enfermidade, assim, no estome (estômago) da gente. É uma beleza! Se faiz uma compração: os menino, nós que deu urça (úlceras), se eu tivesse no mei' das raiz, num tinha me dado isso. E eu vô p'os campo (risos) e falo p'os menino: 'Cêis fica acreditano só em remédio de farmácia e... 'quê remédio de farmácia tem uns que cura e tem uns que mata, né? (...). Artimijo é uma beleza pa dor de cabeça (...). Pa gripe é o guaco [...]. Tem dela aí no quintal tamém [...]. Dá cipó (...). Vô buscá po 'cêis vê (...). Aí, ele é cheroso (gestos) (...). Faiz chá, chera longe! Esse é o guaco (gestos) (...). Aqui, vei' um homi... de Goiânia... vei' aqui na minha porta (risos). Esse tamém... vei', pegô essa raiz. Eu dei a raiz pra ele levá... Aí, ele bebeu a raiz. Depois ele vortô (voltou) pra mim, diz ele que ia operá, que nem num operô não. Sarô! (...). Levantá (risos) ... o cacete dos homi (risos). Eu num vi nem esse homi mais. Num sei se foi bão! Mai' num vi ele mais. Tamém ele num contô (risos) (...). É... eu punha essa verga-tesa e... e a raiz de carobinha [...]. A carobinha ela tamém ela dá grandinha assim, ó (gestos). Fôia comprida. Eu ia p'os campo. Eu gostava de ficá no mei' dos campo (...). Esse aqui, ó (gestos), 'cê sabe o nome dela? [...]. Esse aqui chama barbado. Esse aqui, 'cê tá com o pé às vez inchado, machucado... quarquê um machucado, 'cê faiz... esse remédio ele levantô até um cavalo que tava prostado lá, ele levantô ele [...]. Fiz o banho [...]. Aí, nói' deu o bain' (banho) nele. No ôto dia ele... andano devagarzim... pegô andá, engordô, virô uma pelota. Esse aqui, ó (gestos) (...). Casca-sagrada é bão po estome (estômago) [...] Esse tinha lá donde era nossos terreno tinha. Essa tamém dá arvona. Amarga a casca. Amarguenta. Eu tinha dela lá. Fôia... mei' espinicada, né? (...). O rabo-de-tatu é ôto. O rabo-de-tatu eu só vejo a raiz dele. Eu tinha dele aqui tamém. Cabô! [...]. Não, o rabo-de-tatu dá é cipó, né (...). Se meu pai tivesse me dado escola, hoje, eu era gente! Eu aprendia... tudo quanto há que eles me ensinava eu aprendia. E ainda judiava comigo ainda (...). Aqui já vei' três fazê essa pesquisa, né? (...). Tem aquele juazim do campo tamém... mais num é no... eu vejo dele aqui na rua. Chei' de espin. Nós panha muito dele tamém. A gente comia. Nós saía atrás do meu pai [...]. Não [é alto não]. Esse dá assim (gestos). Eu vi muito dela aqui na rua. Eu num sei ond'é qu'eu vi o pé dele. É assim (gestos). Dá aques (aquelas) frutinha assim (gestos). Nós panhava. Ela dava amarelim... nós ia pa roça com o meu pai. Lá tinha demais... panhava (...). Sei de juá ... de espin que 'cêis tava perguntano, juá... tem o juá que tem espin, né [...]. Esse juá ele dá assim (gestos), as fruta assim, ó (gestos), tudo chei' de espin tamém. Se tivé com um machucado... um furão... 'cê pega ela, 'massa ela, racha ela no mei', tira a semente... e põe só a carinha dele em riba do furão. Num estantim cura. Esse chama juá (...). A taioba eu tem dela aí [...]. A gente come ela. Diz que é bão pa intestino, né? Sortá intestino que tá preso [...]. É uma foiona (folhona) assim, (gestos) [...]. Eu tem dela no quintal (...). Eu ando esquecida. Eu esqueço (...). Essa urtiga é danada pa sapecá a gente. Se passá e encostá nela, ela é danada pa sapecá a gente [...]. Ela dá de cipozim tamém, as foinha

assim (*gestos*), redonda (...). Se eu estudei? Eu estudei pouco tempo. Meu pai num dexava. Minha mãe falava assim... Meu pai botô os menino home' tudo estudá, né. Meu pai falô assim: '(...) *vamo fazê as matricula das menina*'. A minha mãe: '*Não! As menina muié eu num dexo não. Elas cresce e vai escrevê carta pa namorado*'. Agora, mai' que ignorância da minha mãe! Ela falava desse jeito: '*Num dexo não. Num dexo es (elas) estudá não*'. Aí, ficô com nós. Quando casei, eu aprendi um poquim tamém e c'as menina lá, né. Porque meu pai botô nós... nessa escola lá, ele botô nós. Mai' minha mãe num dexô nós estudá [...]. [Me casei com] uns vinte e dois. Eu num gostava de home'. 'Cê sabe porquê que eu casei? Por causa do meu pai que era mau demais pra nós. Pra mim se vê livre dele, um dia eu falei pra ês (eles): '*Apareceu um rapaiz. Pretim! Mai' eu caso com ele, só pra se vê livre d'ocêis*' (*risos*) [...]. Num sei [porque não gosto de homens]. Parece que é minha sina mes'. Eu num gostava. Parece que eu via es (eles), às veiz, difamano o nome das moça, eu ficava pensando: 'De certo que todos home' é assim, né?' (...). Eu pensava que ês (eles) falava de todo mundo. Aí, eu num dava confiança não (*risos*). Eu num gostava não (...). Eu casei já, porque... por causa do meu pai mêmo (mesmo). 'Que ele já tava tudo de idade, véi, e queria mandá ne nós. Nós num era dona de saí pa lado nenhum. Ropa nossa... quem falava que ela dexava nós vesti' ropa assim (*gestos*). De jeito nenhum! Ele batia ne nós até falá ficá roxo. Dexava não (...). Tem uns vinte ano ou mais... um poquim [que meu marido Geraldo morreu] [...]. [Ele era] dezoito [anos mais velho que eu] (...). Eu tô sozinha assim, mais... Deus tá comigo aqui (...). A fôia do pequi diz que é bão pa diabete, né? Falei pa Márcia fazê o chá e bebê... dela [...]. Pé de pequi dá uma arvinha assim (*gestos*) despontadinha... a cachopinha, né? Enche de pequi, né? [...]. Não. A casca do pequi num (...) não. Só sei da fôia, né? Só sei a fruta que nós come a frutinha dela. Esse 'cêis conhece, né? [...]. Eu gosto demais desse trem [...]. O pé dele (...) é mei' assim cabiludinha a foinha dela. Ela dá é de... os gai' (galhos) carrega de pequi. Eu gosto demais (...). Ês (Eles) dá muita cobra debaxo. Quem fô panhá pequi, toma cuidado! [...]. Ês (Eles) come a fruta, né? Rói a fruta (...). Meu nome é Dalvina.

Narradora GF2M74

Eu tenho um livro que fala das planta [...] É... fala tudo pra quê que serve [...]. Tenho setenta e... quato. Fiço agora (*risos*) [...]. É deiz do onze de quarenta [...]. Maria Rosa de Castro [...] (*risos*) [...]. Municípe de Goiandira. Vivia na roça, né. Fazenda Brejão [...]. Uai... eu vivi na roça... qué vê foi trinta... quarenta ano na roça (...) Ixi! Ma' nós cumia fruta do cerrado! Nós cumia... é... gabirola . Ele é rastero, né, assim (*gestos*)... dá de moita, né, raterim... a gabirola [...]. El'é redodinha, parece uma... é... parece uma pitanguinha , sabe? Redondinha. Num cunhece não a gabirola? [...]. Ah, mais aquil'era bão dimais [...]: Nem ocê num cunhece, né? [...] Nossa! Nós saia, aquela manada de menino, nós era oito irmão. Nossa! Ia catano gabirola. Naquela época dava cada frutona boa. Agora, hoje, o povo cabô co' cerrado, cabô co'eza (elas) [...]. É... gabirola. No' com'era bão [...] nós fazia uma farra no cerrado chupano gabirola (*risos*). E... tem a mama-cadela [...]. A mama-cadela é uma fruta... é assim avermelhada, ela parece um algodão por dento, tipo, mordê nel'assim parece que tava saino um algodão [...]. Demais. Bão passado... essa 'inda tem lá, perto da minha chácra 'inda tem pé [...]. El'é assim, mei' carocadinha, sabe? É uma frutinha redonda e carocadinha por fora, chei' de... de carocim [...]. Nossa! É muito bunitim (...). Nossa! Nós comia frutaiada do cerrado. Eu cunhicia tudo. Nós saía aquela turma de menino... é gabirola, mama-cadela, bacpari . [...] O bacpari é... ele parece um limão [...] É... e tem o limãozim tumbém do campo , nós comia muito o limãozim. Esse 'inda tem muito pé del'ainda [...]. Ele parece um figo. Esses figo de fazê doce [...]. El'é mei' cumpridim... esse 'inda existe muito dele ainda [...]. El'é assim... é... uma árve mei' cascuda, parece pau-terra , sabe? E as fôia verdinha, as fôia meia durinha... é o

limãozim. (...). Uai, esse pau-terra , ele só dá um... ess'a gente num come fruta dele não, ele dá uns trem... uns trem cumprid'assim, umas fruta, depois es (elas) abre. Esse pau-terra es (eles) usa ele mais pa' fazê lenha, né, essas coisa, n'é de fruta de cumê não [...]. Tem o... articum do campo [...]. O articum é... ela dá grandona assim, ó (*gestos*). Ela... ela parece uma qu'eu ten' aqui no quintal. É... cheia de... de... de caroquinha, sabe? (...) Eu ten' aí, só que do que eu ten' aí é piquininim, lá no nosso (...) lá, ele é butelão. Lá na porta do meu pai, curral, sabe? Tinha um pé, es (eles) caía lá no chão, chegava de esborrachá. Aí nói' pegava aquês (elas) frutona, ficava no 'soalho assim, ó (*gestos*) e ficava deitado e comeno aquês (elas) fruta (*risos*) [...]. Ixi! Parece jaca... parece jaca! Jaca cê cunhece, né? [...]. É... vai desfaviano assim, soltano aquês (eles) favo, assim, igual na jaca. Só que a jaca num é caroquenta, né. E... o... esse coisa que eu te falei... o articum é caroquento... aqui no quintal tem umas frutinha que é idêndica, só que é mai' miuda, sabe? [...]. Nós fala ela de... es (eles) fala ela de atlas [...]. É ata, né, que chama, ata. É... ess'eu tenho aqui no quintal [...]. Marmelo [...]. O marmelo é uma frutinha, parece uma laranja, né [...]. Nós, el'é... fazia mais era doce [...]. E tem uma frutinha do mato tamém que nós cumia, chamava maria-preta [...]. Parecia uva, dava uns cacho assim, ó (*gestos*) parecia uva [...]. Grandona. Dá um pezão... e dava aquês (eles) cach'assim. Tinha uma ôta fruta que nói' cumia tamém, chamava gumerim [...]. Esse cabô a raça. Eu nunca mais vi (...). Esse . É... parecia um jambo. Cê cunhece jambo? [...]. É assim... ela é meia cumpridinha, tem uma florzinha no pezim da fruta... e cê morde nela, rebenta e tem umas sementinha dento. El'é ocadinha com as sementinha dento [...]. Docinha! [...]. Esse cabô a raça... nós tinha dele lá onde morava, mai' o povo desmatô tudo, virô roça, 'cabô, nunca mai' vi esse gumerim. E... tem... o jambo eu ten' um pé, prantei um pé do jambo lá, na minha chácra, prantei, ele tem. O jambo cê cunhece? [...]. Não? [...]. O jambo é igualzim esse gumerim, parece dimais. Só que o gumerim é miudim e o jambo dá grandão, cai no chão que chega de estralá. Ton! Rebenta. Dá um tiro (*risos*) [...]. [O gosto é] um pouco [parecido] [...] deve sê da mesma família... 'xo vê se eu lembro de mais algumas... mama-cadela... e a pitanga do cerrado [...]. O pé de pitanga ele... ele dá assim umas rama cumpridinha [...] e as pitanguinha dá os cachim l'em cima assim ó (*gestos*) bunitim... o trem mai' bunitim e es (elas) é docinha tamém... tem uma sementinha dento tamém [...]. É... não... tem aqui em casa tamém, tem pitanga tamém, eu tamém ten', eu ten' o pé, a lá (*gestos*), chei' de frutinha, pitanga. [...]. Pega... essa pega em qualqué lugá. Agora, essa do cerrado não [...]. É do cerrado, né. Agora, essa pitanga é de casa [...]. Uai, até o formato dela é diferente, né. A ôta é cumpridinha, essa é redondinha e é chei' de cinturinha assim, ó (*gestos*), mai' tem a sementinha do mes' jeito que a ôta tem... ela tem também. Ah! E tem a... de casa também... é a romã . Romã cê cunhece? [...] Só que essa é mais de casa, né, também. Cê qué sabê sobre as do cerrado? [...]. Tem o pequi , né, no cerrado também [...]. O pé de pequi ele... ele é grande, né, dá grande. E tem uma... as folha dele forma... é... assim ó, (*gestos*), três nogoço assim, sabe? A folha dele é meia cabiludinha... e dá as fruta... tem vez que dá de penca, ôta vez dá uma só... é desse tipo qu'el'é. E dento dele tem a semente, né [...]. Ixi! Lá na minha chácra mes' tem um pé, eu ia panhá... ma' aí o sol tava quente demais, eu perdi a corage de i' (ir) lá panhá os pequi (*risos*) (...). Hoje o trem tá fei', tá quais pegano fogo, né? (...). A tendência agora é só de piorá, porque a desmatação que fez isso, né [...]. É... mudô a natureza, né (...). Cajuzim do campo [...] ele é igual caju de casa mêmo, só que ele é miudim, assim ó (*gestos*) [...]. Parecido tamém [o pé], mais ele só dá lá no cerrado, esse num é de casa não, ele é mais azedim do que o ôtro, ma' é bonitim, ês (eles) é curtim assim, fica grossim, dá aqueles cacho, vermelhim. Nó! Mais nós chupava (*risos*) [...]. Ixi! Eu já comi fruta do mato. Cê besta! Comi demais. Era bão demais, né? [...] Ah! É. A mangaba tamém. Eu tem, na minha chácra ainda tem um pé [...]. Ele é assim...é bonito, sabe? A árve, ele é rotudinha assim (*gestos*) e dá o tronco e lá em cima ela dá aquela capota de árve, a folha dela é assim... parece folha desse pé de limão, assim mais ou meno' a folha dela, é bonita o pé de mangaba [...]. A fruta? Ela parece tipo dum limão, mes' (mesmo), mais é mais cumpridinha, ela é meia

cumpridinha [...]. Ela não muda a cor [quando está madura]. Cê panha ela é verdinha, ela madura fica verdinha, só que 'cê aperta ela assim, ela fica molinha [quando amadurece] [...] e ela tem tipo dum algodãozinho assim por dentro também assim, ó (*gestos*). Cê vai comê ela, fica parecendo que é um algodão. Ela é muito gostosa [...], docinha [...]. Lembro. Chama araçá [...] Parece, né [com a goiaba comum], mais ela é mais cherosa, mais crocante pa gente comê ela [...], mai' parece (...). Ah! Nós comia muito aquela azedinha, cê conhece? (...). Pois é... é roxinha, né? [...]. Ela dá rasterinha no chão... dá uma folhinha roxa [...]. Uai, nós pegava as fôia dela e comia e fôia [...]. E tem aquela que ês (eles) fala maria-peidorrera (*risos*), cê já ouviu falá? [...]. Ela dá umas vareta assim, ó (*gestos*), essa ainda existe muito dela, acinzentada e é chei' de frutinha assim, eza (elas) é cor de rosa as frutinha, miudinha. Ela é docinha também [...]. Sei não (*risos*), capaiz que quem ia chupá ela, ia vê que ficava chupano e peidano, né? (*risos*). Num sei da onde é esse nome. Às vez até tem ôtro nome, né? (*risos*). Dixa eu vê de ôta, vê se eu lembro de ôta. Ah! Gabirobinha de árve. Tem a gabirobinha de árve também. Ela parece a ôta gabiroba mesmo, mais só que ela é uma árve grande e fica... lá na chácra ainda tem dela também, fica chei' de... de frutinha assim, ó. Ez (elas) é amarelinha. Dá árve grande [...]. Lá ainda tem dela também. Ah! Ôto trem também que nós usava comê muito era veludo. Nó! O campo, de primero, tinha fruta, viu! [...]. Tem veludo branco, tem o veludo vermei', tanto faiz [...]. O veludo branco, el'é uma árve... o veludo ... é... o vermelho ... ele é cipó, assim, de espim. O ôto num dá espim não, o veludo branco num tem espim no pé não (...). O veludo roxo ... é vermei' que nós fala, ele é mei' de cipó, chei' de espim [...]. Nós comia as frutinha. Es (eles) fala que esse... veludo branco... diz que a raiz dele é remédio, né? [...]. Uai... sabe que eu esqueci pa quê que era. Já gente usava ela... pa remédio. Num lembro mai' pa quê que é. Agora tem o... 'xo vê se eu lembro de mais uma... com'é que foge, né, da cabeça! (*risos*) [...]. O ananáis é identico ao abacaxi. Eu até tem um pezim pequeno dele aqui. Eu vô até te mostrá (*gestos*). Cê já viu? A lá, ó (*gestos*), aquil'ali é o ananáis (*gestos*), só que aquele ali é de enfeite. O ananáis é aquele lá, ó (*gestos*). É a folha daquele jeito, só que ele num é grande [...] mais ele é ananáis, ele não é abacaxi, a fôia dele é diferente (...). Uai, é porque ele dá grande, né, e o ôto [usado para enfeite] é desse jeitim ali (*gestos*). [O comestível] ele dá grandão e tem que comê madurim, se comê ele verde, ele pinica a língua da gente tudo, mais ele madurim, mais ele chera, chera mais que abacaxi. Hum! Mais é cheroso [...]. Lembra [abacaxi], só que o chero dele é mais forte (...). Demais! Tem muito dela quando vai lá pa chácra. Nós fala ela é de cagaitera, mais o nome dela é cagaita, num é? [...] A árve dela é assim... uma árve meia cascudinha, dá as folha miudinha, assim, é durinha as folha dela, sabe? E as fruta é redondinha, 'marela [...]. Demais. Faiz suco. Só que ela faiz mal, da gente comê ela, assim, pura... mais o suco diz que é bão. Ali, quando eu vô lá pa minha chácra, tem um pé, 'marelím no chão [...]. Do cerrado. Gosta de bera de estrada, sempre tem elas [...]. O pé de jamelão o parece o pé de jambo, assim, o formato, sabe? Agora, só que a frutinha dele é miúda, né. Lá na porta da comade Adélia, minha cunhada, tem um pé. Nossa! Mais fica chei', parece jabuticaba lá no chão. É... jamelão, é tipo uma jabuticaba mêmo, as frutinha [...]. Ah! Eu acho ele mei' apertento (...). Tem ele de dois jeito, né? Tem ele lá embaixo, quando vai lá pa minha chácra, perto da ponte, lá tem o pé de angá daquele da bera do córgu. É um que tem ali no ginásio (*gestos*). Cê já viu no ginásio? (...). Mais tem ele de... diferente. Tem ele, é... dá uma árve e ele dá umas bajona desse tamaim assim, ó (*gestos*) [...]. Grandona! Eu plantei um pé dele lá na minha chácra (...). Ah! É fina a [vagem], é mais ou meno' dessa espessura assim dum... é mai' ou meno um tanto assim, ó (*gestos*). E dá cada butela, ó (*gestos*). Aí, a gente abre ela e vai... é docinha e vai tirando aques (aquelas) frutinha cabiludinha lá de dentro, semente cabiludinha [...]. Aquele do ginásio ali, né? É uma árve, né, aquel'á, chei' de muita fôia, ela é grandona né, ele dá uns cacho. Cê já viu lá, né? Ez (elas) é meia torta, né? As fruta torta, num é? (...). Agora, o ôto é... é de bage, igual bage de feijão, grandona. Eu plantei um pé dele lá na chácra (...). O meu já tá quais dano, já tá grandão (...). A guapeva, é bonita a árve

da guapeva, ela parece um pé de laranja. Cê óia assim a guapeva, cê pensa que é um pé de laranja, até as fruta parece laranja. Lá no... no... na onde o João comprô do ti' Zé, sabe? Tem um pé lá perto dum pé de manga, a gente chega lá, tá pareceno que tem um pé de laranja... parece um pé de laranja. A fruta é diferente. A fruta, ela... ela tem uma massinha por fora e umas sementinha dento... se a gente fê comê dela, tem que cascá, se mordê na casca dela, prega na boca da gente (*risos*), o leite baba [...] Diz que na época da guapeva os macaco num subia (*risos*), diz que é porque es (eles) come e fica pregado (*risos*), diz que é. Mais era uma frutinha boa (...). Agora, a mangava , a gente usa a raiz dela, sabe, pa curá é... infecção urinária... poblema nos rins [...] Uai, é a casca. O Toim tinha problema sério de rins, ela curô com a casca da mangaba. Ele tirava a casca, fervia e tomava o chá... ele sarô com isso. Igual, a mama-cadela também, é remédio também... é pra depurativo do sangue, faiz da raiz dela, né? Depurativo do sangue. Tem muitas que serve de remédio (...). Pé de taioba ... ela é rasterinha, né? A fôia dela parece uma sombrinha. Tem um cabo assim, ó (*gestos*), e ela dá aquês (aquelas) foiona, sabe? Parece uma sombrinha. Aí, a gente come é a... é o... come a folha, mai' assim, a folha mai' nova, né? E tem o inhame... que é parecido demais com a taioba. Inhame cê conhece? Aí, quê o inhame a gente come é o negoço que dá lá no pé dele, ele dá umas batata [...]. É... mai' a folha do inhame com a da taioba é igualzim. Agora, a taioba a gente já come é a folha, as folha mai' nova (...). Cê tem que comê ela 'fogadinha (refogadinha) (...). O pé de lobera , ele é... assim das foia (folha) mei' acinzentada, tudo chei', tem espim passado, tanto no pau, como na fôia, tudo tem espim, ela dá umas fruta assim (*gestos*). Quando ela madura é cherosa, mêmô. Mai' diz que a gente num pode comê aquilo, faiz mal pa gente. As vaca come tudo (...). Ez (elas) come (...). Tinha uma planta que era venenosa tamém, a gente num podia comê ela não. É uma tal de mata-barata . [...] É. Era uma fruta bonita, a gente via ela, ficava doidim pa comê, mais el'era venenosa [...]. Parecia o pé do bacpari mesmo. Ele dava aquela arvinha assim (*gestos*) e dava aquelas fruta agarradina no pau assim, ó (*gestos*). Era umas fruta que parecia uma barata, tipo do formato duma barata. Aí, ês (eles), falava que elas era venenosa [...]. Não, nós num comia não, quê uma veiz uma vizinha nossa comeu e morreu. Ela era venenosa, essa fruta (...). Tem aquele... o gravatá. Cê cunhece? Ele é da famia do... do ananáis tamém, do... do abacaxi. Só que o gravatá, ele dá um... dá uma cabecinha. A gente 'ranca quando ele tá mai' na cabecinha, tá nova, é vermelhim, assim, dá dento dele assim (*gestos*). Ele parece um pé de abacaxi, aí, dá aquela cabeça assim (*gestos*) ele fica vermeim, o trem mai' bonito. Aí, ele num pode encostá, ele finca na gente, tem um espim brabo. Aí, a gente enfiava uma enxada lá, um trem, cortava aquela cabecinha e comia ela igual gueiroba (guariroba). Igual uma gueiroba, gostoso mesmo [...] É [amargava] um poquim. Aí, quando ela madurava, a gente achava ela que... ali quando ela madura, ela dava umas bananinha assim, ó (*gestos*), em roda assim, ó (*gestos*), aí a gente chupava ez (elas). É igual chupá coco verde. Cê já chupô coco verde? Ela dá um caldim (...). Ela madurava. Aqueles favim que soltava daquela cabeça, ês (eles) engordano e criava aquês (aqueles) negocim em volta. Nós chupava aquil'ali até (*risos*). Mais tinha que tê cuidado pa panhá, que o é espinhava a gente tudo [...]. Ah! Era doce, assim, meio... mei' pertento. Eles falava que comê esse trem era bão pa pele, né? Era bão pa verme, nós mandava "V" (*risos*). Nossa! Eu já comi fruta do cerrado! Nossa Senhora! (...). Nós foi criado lá na roça e naquela época o povo num tinha desmatado (...). Nós saía no cerrado, minha mãe gostava de i' (ir) co' nós. E nós esparramava nesse cerrado. Comia muitas qualidade de fruta duma veize. Tinha de tudo, né? Agora, hoje, acabô o cerrado, cêis num conheceu. Pois é... nossa! Ai, mais era bão. Nós era oito irmão, aquela manada (...). É, aquilo tamém é perigoso, né [...]. O espim de agulha ... ele dá uma arvinha também e cheim de espim, o espim dele é comprido, parece uma agulha mesmo. Isso se espetá na gente, Deus me livre! E tem um ôto espim tamém do mato que é perigoso. É o... ele parece um coquero. Dexo o vê o nome dele, com'é que chama... é... ah! esqueci o nome dele agora. Até tinha uma vizinha minha aqui, ó (*gestos*), morava aqui de

frente, o pezim dela era tortim (...). Ela tinha o pé alejado, diz ela que foi [por causa deste espinho]. Com'é que é? Macaúba ... parece que é macaúba. Acho que é [...]. Ele parece um coquero, né? Lá na chácra nossa ainda tem desse macaúba lá ainda. Ela cai os espim e o espim dele é igual uma agulha. Ela tinha o pé alejado, diz que foi com o espim (...). Unha-de-gato ele é rastro, parece um cipó. A gente vai passan'assim ele 'garra na gente e segura. Por isso es (eles) fala unha-de-gato, parece uma unha-de-gato mêmo. Ele é assim tipo uma unha, sabe? 'Garra na ropa da gente assim, ó (*gestos*) [...]. Machuca. Esse a gente quais num vê ele maize. Ah! Muita planta tá em extinção... cerrado tá 'cabano, né? (...). No cerrado nosso lá tinha de tudo. Era um cerradão grande, sabe? A gente saía andano, nossa, num sabia nem qual era a fruta que comia (...). Lá era saudável aquilo. A gente num ia em médico, nem nada. A gente tudo tinha saúde. Acho que era a fuitaiada [...]. Num tinha veneno não. A gente nem conhecia essas fruta do coisa, que a gente compra laranja, esses trem assim. A gente num conhecia isso não. Lá no quintal do meu pai tinha uns vinte pé de laranja ou mais [...]. Laranja comum (...). Es (eles) fazia mutirão , era bão naquele tempo. É es (eles) fazia... dava treição lá no meu pai, né? Chegava de madrugada lá tocano sanfona e... nói' acordava todo mundo assustado. Era treição [...] es (eles) chegava de surpresa, né. Aí, quarqué serviço ia fazê. Primero es (eles) oiva, vê o quê que tava precisano de fazê... escondidim, né? Depois tava a treição. Aí, es (eles) fazia mutirão pa... limpá o rego d'água, quê o rego era muito grande. Ôta veiz pa batê os pasto... era desse jeito (...). Ah! Mundiça é folha velha, né? Juntava aquilo tudo, lixo, igual junta hoje mesmo, né. Hoje es (eles) fala lixo, naquela época falava era mundiça, né? (...). Era mais é mentrasto, né [...]. O pezim de mentrasto... até eu tem aqui no meu quintal. É um pé... uma folhinha assim, ó (*gestos*), uma folhinha dum lado ela é mei' esbranquiçado, mei' cabiludinha, né. Folhinha... ela é mei' bicudinha assim, ó (*gestos*), eu tem aqui. É mentrasto... era aquele... pé-de-galinha [...]. É um capim, ele dá... ele nasce assim, sabe? Ele esparrama assim (*gestos*), vira aquele tocera. Aí, tem que cortá o pé dele assim, tirá ele. Ela dá uma rodada assim (*gestos*). É o pé-de-galinha... que era danado pa tomá conta das planta. É mentrasto, pé-de-galinha e... cariru, com'é que é? Que es (eles) falava cariru-de-porco [...]. Ele tem um cana comprida assim (*gestos*), mei' avermelhada, cheia de folha, ela dá até um espinzim, assim, tamém. Esse era danado pra espraguejá roça. Bordoega tamém [...]. Bordoega eu tem aqui no quintal tamém. Ela é... ela lastra, né. Aques (aquelas) foinha gorda, a gente até comia ela afogadinha (refogadinha). Come. É gostoso. Pega a foinha dela, sabe? É a bordoega. Esse a gente usava muito pa comê tamém. Mais ela toma conta da roça tamém assim, cê tem que capiná ela (...). Também, é... picão, carrapicho tamém [...]. O picão ele dá... num pé compridim, né. E aparece uns espetim, né, que ele seca aquês (aqueles) espinzim, vai na ropa da gente assim, ó (*gestos*) e solta tudo. Quando eu vô lá na roça tem que rapá c'a faca, lá tem (...). Uai, tem o amoroso , né? O amoroso esse é um espim brabo, vai tirá ele, ele entra nos dedo da gente assim, ó (*gestos*). É... ele dá uma bolinha, sabe? E ele dana pa pregá na ropa. Na hora que cê vai tirá, cê tem que tirá com uma vaca. Pegá nele assim (*gestos*), os espim solta na mão da gente. Dói (...). Mentrasto é remédio [...] pra dor de estômago... diarreia, essas coisa, nós usa ele. Uso até hoje, quando dá uma dor de estômago [...], tá c'a digestão ruim. Chá da fôia. Mais é bão po estômago. Esse era... sujadô de roça tamém [...]. Tem seis [filhos] (...). Aí, depois que a gente ganhava [o bebê], aí, a gente usava o chá do algodão [...] de algodãozim-do-campo , nói' fazia mais de algodãozim-do-campo [...]. O algodãozim-do-campo ele... ele parece o algodão de casa mes'. Cê conhece o algodão de casa, né? Es (eles) parece, só que ele é mais baxotim e a florzinha... e a maderinha dele é... roxinha, sabe? E a gente 'ranca a raiz dele [...]. Dava algodãozim, dá. E tem o... usava esse algodãozim, o pé-de-perdiz [...]. Pé-de-perdiz ele é do cerrado também. Ele... ele dá uma folha assim comprida, chei' de coisinha assim, ó (*gestos*) e ela é dura, assim, parece que tá seca. Ele dá rasterim, assim, ó (*gestos*) [...]. É da raiz... a gente bebia aquilo muito tempo. Era pa infecção, né [...]. Também, artemijo [...]. Eu até tem aqui também, o artemijo [...]. É... ele é bonito.

Quando ele floresce, fica o trem mai' bonito. Ele fica comprido, assim (*gestos*), dá umas florzinha branca, sabe? A folhinha dele... ele é cheroso! Eu posso até buscá aqui, pr'ocê vê de pertim (*gestos*). Tem. Eu num uso isso mai' não, mais os ôto procura, né? Eu tem muita semente dele, aí (...). Aqui, ó (*gestos*), óia p'ocê vê o chero mai' bão que ele tem (*gestos*) (...). Ele dá uma arvinha, assim, ó (*gestos*), ela parece uma arvinha de natal, sabe, ela sobe assim (*gestos*), bonitinha, fica toda chei' de florzinha [...]. É, aí a sementinha dela, nasce pa todo lado. É, eu quero plantá nas vasia (vasilhas), ele fica igualzim uma árve de Natal, assim. Ocê esbarra nele é um chero. Isso aí, é o artemijo. Iss'aqui nós usava... pa... até hoje o povo usa muito pa cólica menstrual, né (...). Quando a gente ganhava nenê a gente usava esse chá. Sabe como que es (eles) fazia ele? É... punha ele... um poquim de pinga num prato... e colocava a folhinha dele lá dento e punha fogo (...). É... pinga queimada. Aí, ela evapora o alcool, né. A gente põe ela quemá, ela solta o álcool... aí, a gente tomava. Tem o alecrim, né, que é remédio. O alecrim? O alecrim ele é (...), ele tem umas folinha mei' compridinha assim e doía também, cherosa. Quais igual esse aqui, ó (*gestos*), ela tem um perfume tamém [...]. Ah! Não. É diferente do funcho. Ele é duro, né? As foinha dele é dura [...]. O alecrim es (eles) usava ele quando a pessoa já tava com depressão, assim, quando tinha... às veiz, quando, assim, morria gente, né? Pessoa ficava... angustiada, né? Usava o chá do alecrim [...]. É pa acalmá (...). E ele é bão pa digestão, né, tamém [...]. Ah! Nós dava era mais chá de funcho [para os bebês]. Funcho cê conhece, né? [...] É chá de funcho que a gente dá [...]. Não, n'é não, ele dá uma arvinha, né [...]. O funcho com a erva-doce es (eles) é igual, né. Os pé parece, né [...]. É o mesmo efeito do funcho [a erva-doce], p'as mesma coisa, p'as dor de barriga [...]. Não, n'é muito grande não [o pé dele]. É mais ou meno' assim, ó (*gestos*). Depois ele dá um tipo... parece uma cana, né? Eu tinha ele aqui até pocos dia, o pé morreu, quero plantá ôto. É um chazim gostoso. Gosto de fazê pa comê com biscoito. Bão demai', né? Gostoso o chazim (...). Punha... fazia esse pó da fôia desse pé-de-perdiz, que a gente usava... fazia aquele pozim, sabe? O alecrim também a gente usava ele pa curá o embigo do neném também. Fazia aquele pozim... passava o azeite e colocava o pozim [...]. Uai, foi assim [que eu curei o umbigo dos meus filhos] (*risos*) [...]. Dezesseis ano [quando me casei]. Nossa Senhora! Quando eu tive a primera menina, eu fiquei até mei' atrapaçada da cabeça. Eu num sabia nem cuidá direito, né? Eu era novinha [...]. Sofria [no parto]. Uns sofria, ôtos não. Tinha uns que era mais fáci' [...]. [Me mudei pra cidade] pa pô os menino na escola. Quê no início es (eles) vinha lá da roça. Mais tava custoso. E quando es (eles) tava assim, nessas escola de primero grau, assim, né, 'inda vinha de lá. Aí, depois es (eles) garrô a tê educação física. Aí, num... num dava conta de... tinha que i' (ir) em casa, voltá. Aí, nós teve... nós mudô. Aí, mudô pa mais perto. Numa chakra aqui perto. Es (eles) vei' muito tempo. Aí, depois, aí, a Liane já começô a trabaiá... aí, ficava difíci'. Aí, nôi' mudô pra cá [...]. Ficava... se meu marido não tivesse morrido, acho que hoje nós ficava era lá de novo. Porque... os menino já casô tudo, né? Aí, nós... eu acho que tava nós dois lá na roça... mais... sozinha a gente num fica, né? [...]. Ah! [A erva-de-santa-maria] é quais desse tipo aqui, ó (*apontando para o pé de artemísia*), só que ela é mai' miudinha ainda a folinha e ela é fedida, né [...]. Ah! A gente usa ela pra... é pra matá verme e pa curá machucado, quando quebrá ou qualqué coisa assim [...]. A gente cozinha ela... frita ela no azeite e aí já vem tamém o azeite da mamona. A gente pega aques (aquelas) folinha dela e frita com o azeite... dexe virá aquela pasta, sabe? E põe num pano. Igual, hoje usa fxa, naquela época, nem isso tinha. Nôi' punha tipo uma fralda, assim, um trem. Esparramava aquele trem assim, ó (*gestos*) e... punha por cima onde tava, sabe? Aí, colava [...]. Colava o osso. Colava (...). Ah! Já sei. A rezina de jatobá [...]. Até que eu lembrei. É, a rezina [...]. Ah! O jatobá ... lá na minha chakra tem muito dele tamém. Ele dá umas fruta. Cê conhece, né, o jatobá? Dá umas fruta assim... roxa. A árve dele tamém é bonita. Parece um pé de laranja tamém. Ele é chei' daques (daqueles) trem. Nossa! Mai' eu tem uns pé de jatobá lá minha chacrá. Vai sê bonito! Dá uma sombra. Nossa! (...). A maderá é maderá boa, né? Faiz até

móveis a madeira. É... madeira boa (...). É porque a gente num tinha médico naquele tempo, né. Curava em casa, né. Eu mes' quebrei o braço uma vez... minha mãe fez os trem na erva-santa-maria, punha a rezina, erva-santa-maria, punha tudo junto. E marrô... ficava ali um mês c'aquilo... colova (...). Todo mundo sarava assim (...). Es (eles) usava tirá... óleo de pau [...], de copaíba. Es (eles) fala óleo de pau, mais a árve chama copaíba [...]. Tirava o óleo... esse óleo usava muito... até hoje o povo usa, né, pa bebê, quê ele cura aquela doença braba, né, câncer [...]. É, toma umas gotinha dele, sabe, é... é um óleo, ele dá um óleo. A gente corta nele e ele vai escorren'assim e... l'em casa, lá na bera do córgu lá, tinha uma árve, vivia tudo chei' de... de tanto o povo cortá nela. Ela escorre aquele óleo, a gente tira [...]. Ele cura ferida. É. Esses dia o Emílio tava usano, uai. Ele... o carro assidentô ele, né. É. O marido da Tianinha. Ele tava usano esse óleo de copaíba e o Hudson danô demais com ele, quê os médico num acredita, né? E ele continuô e o pé dele cicatrizô (...). É... num queria sará, né? Cicatrizô [...]. É. Grandão. É. Uma arvona. Bonita a madeira tamém [...]. É miudinha as folha... e ele é cascudo, uma madeira cascuda [...]. Ah, é madeira boa, né? Tem... madeira boa de fa'... fazê cerca, fazi móveis também, né? E ela, quais num tem ela, sabe? Árve de copaíba, ela... é boa (...). Esse angico é uma árve... hoje, nem tem nova mais. As que tem é antiga. Cada toró. Eu mes' tem lá na chakra. Ela dá um... uma árve grande, as fôia miudinha e dá umas bage assim [...], es (elas) é seca, é o angico [...]. Ah, angico mais é pa madeira, né [...]. Tem a... aroera, né, também, é madeira boa [...]. O de aroera é da fôia miudinha também, ele dá imenso de grande. A aroera tem muita lá tamém. É, a madeira dura... dura igual... cimento. É um cerno... ela dá um cerno [...] dura muito ano a madeira de... de angico... de aroera, qué dizê (...). Madeira boa tem o cerno dento (...). E tem uma ôta árve também... que é o... com'é que ele chama, aquele que parece coquero? A gente usa ele pa madeira tamém, pa... fazê caibro, pa pô nas casa, quê lá no mato a gente punha. Tem a pororoca fazia os caibro [...]. É... parece um pé de laranja tamém, assim, ó (*gestos*). É bonita a pororoca, madeira branquinha [...]. Não, pororoca não dá fruta. É... palmito que chama, o que nós usava pa fazê ripa... ripá a casa. Palmito [...]. Ele é uma gueroba, tipo uma gueroba, né. Aí, a gente tirava, cortava ele e... dava uma corte nele assim, enfiava ele no pau, assim, ó (*gestos*), ia puxano, ele ia rachano assim, ó (*gestos*). Aí, a gente ia fazeno as ripa, pa ripá a casa (...). Tem a folha de babaçu, né, tamém es (eles) usava [para cobrir as casas]. Cê lembra quando fazia a... a barraca lá? Era de fôia de babaçu, né? [...]. É um coquero tamém. Es (eles) buscava lá... perto de... de Três Ranchos pra lá, num é? (...). Dá... da coco. Isso (...). O vinhático ele parece aquela... aquela fava-de-arara, né? Tem a fava-de-arara tamém, a madeira do cerrado [...]. A fava-de-arara, ela... a madeira dela é roxa, cascuda, as fôia dela... fininha assim, ó (*gestos*), repicadinha, assim, ó (*gestos*) (...). É, mais é pa lenha, quemá, pa fazê lenha. Quê naquela época o povo num tinha fogão a gáis, né? Tinha que fazê lenha. A gente fazia de fava-de-arara, capitão [...]. O capitão, ele... ele é mei', uma... uma... ele é claro tamém, dá uma árve grande. E... ele dá... a folha dele é... parece uma fôia de pêssego, assim... e ele da árve muito grande tamém, o capitão [...]. O tamboril ele... ele dá umas arvona grossa, né. E ele dá uns... uns cachimbo... parece um cachimbo... umas fruta [...] era seca, né. Nós gostava de brincá. Ela tinha o ocado por dento, tinha uma tampinha... tamboril [...]. É, madeira [...] fazê cerca, fazê lenha, de todo jeito, né [...]. Ah, o cabo de enxada é de guatambu, né [...]. O guatambu ele dá... um pausim fino... retim assim (*gestos*), por isso que es (eles) usava pa cabo de enxada, parece um cabo de enxada mesmo. A folha dele é, assim, mais larguinha, sabe? E clara tamém, a madeira dele é clara também, o guatambu (...). Uai, a peroba ela dá uma árve tipo de... quais tipo da gamelera, né? É... dexo vê com'é que era a peroba... ela dá muito galho assim (*gestos*), ela é mei' branquiçada tamém (...). Ai, mais aqui tinha uma gamelera, ali embaxo, aonde é a casa da Joana, sabe? De frente. Perto da casa da Nelci. Tinha uma gamelera lá, imensa. Aí, ela cresceu e foi pra cima assim (*gestos*). De primero, a saída pa Cumarí era aqui (*gestos*). Era, passava aqui (*gestos*). É, aí, os ônib' passava debaxo (...), passava debaxo e nós ficava aquele molecada subida na gamelera, pa jugá trem nes (neles),

hora que ia passano (...). A sombra dela mais era um trem mai' bão. Ela tem um tronco, sabe, e ela dava aquês (aqueles) gaiada, assim (*gestos*), pa todo lado tinha um galho, aquês (aqueles) gaião grosso. Era bão demais de brincá l'em cima. Es (eles) cortô ela. Ela era famosa essa gamelera. Falava que lá, de veiz em quando, diz que aparecia uma véia lá. Aí, muita gente num gostava de passá lá de noite, ficava com medo, né? Mais iss'é bobage, né? (*gargalhadas*) [...]. Ela dá umas frutinha, né? (...). Usava muito sete-dor [...]. Uai, eu até tem dele aqui, sete-dor [...]. Ela dá uma arvinha assim (*gestos*), cheia de... daqui mêmo cê vê ela ali. Pegá pr'ocê vê. Eu tem muita planta de remédio (*gestos*). Aí, essa é a sete-dor, ó (*gestos*), bão po estômago, bão pa dor de cabeça e esse aqui é o bálsamo (*gestos*) [...] esse é pa gastrite, né, essas coisa. Aí, o jeito que ela é, tá veno? (...). Ela [sete-dores] é flanelada, né? (...). É... macia, né? (...). Os pinguço, quando tá ruim, usa ela. Todo lado que eu moro eu planto (...). Eu tem favaca (alfavaca) aqui tamém [...]. Quais parece c'iss'aqui [sete-dores], só que a fôia da favaca é mai' comprida e ela dá uma... uns pendãozim, né, chei' de coisinha. Eu tem aqui tamém. Ela... nós usa ela pa... quando tá gripado, né? Faiz gemada e coloca ela. Uma gemana gostosa (...). É... essa é a sete-dor. Cura sete-dor [...]. Uai, num sei não (*risos*), dor de cabeça, dor de barriga, qu'ela é bão po estômago, né, dor nas perna, pa dor no corpo, né, de certo. Muita dor, né? (...) Ah! O mi'-de-grilo [...] é umas frutinha do campo (...). Ah! Ele é um cachim. Ele dá um cachim roxim [...]. As fôia parece fôia do mentrasto mes', foinha do mi' (...). Uma foinha miudinha, compridinha, meia durinha [...]. Teve um ôto trem tamém que depois eu tava lembrano... qué vê... é... o assa-peixe , né [...]. Uai, 'sa-peixe é pa curá pneumonia, né [...]. Da flor, né [que faz o remédio]. Tem 'sa-peixe branco , 'sa-peixe roxo [...]. El'é cinzenta [a folha do assa-peixe branco] [...]. A fôia des (deles) é igual, só muda a cor [...]. É assim um folha... dura e... ela tem as costa assim, esbranquiçada, meia flanelada igual aquela [sete-dores] que eu te mostrei aqui, ó. Só porque é dura, uma fôia dura (...). É, aquela que eu mostei é maciinha, né. A ôta é fôia... cê pega nela assim (*gestos*), fica pareceno que é seca, fôia dela quebra (...), folha dura (...). É... no cerrado, onde tem pedra assim (...). Ela dá no cerrado mei' cultura, assim, sabe? [...]. Num tanto na cultura, é assim... mei' a mei', né? (...). Tem um que a gente usa ele muito tamém... pa... curá tosse, é... cura até pneumonia. É o... guaco [...]. Guaco é um cipó, ele dá de cipó (...). Tinha um pezão aqui (*gestos*) [...]. Não, a gente planta ele assim. A gente põe no muro, ele sobre [...]. Esse é casero, né (...). Chá... dá folha... e adoça com mel. Cura até pneumonia [...]. É uma folha que parece folhad e batata assim. Cê conhece a rama da batata-doce? [...]. É daquele tipo. Ele é de cipó, vai enrolano, igual é de chuchu (...). Ah! Tomava mais era quebra-pedra , né [para cólica renal e infecção de urina] (...). A gabirola é uma... tocera, né. Ela dá umas frutinha. Ela tem as época. Ela dá novembro a dezembro (...). A mangava é mais ou meno' tamém a mesma época. Igual, a mangaba é uma árve, né? Es (elas) é bonita, é redondinha, assim, es (elas) é bonita, a árve da mangava. E dá as frutinha... tipo figo... cê conhece figo de fazê doce? [...]. É daquele tipo... só que es (elas) é mai' redondinha, né. Es (elas) dá no mei' das fôia assim. Quando... tem veiz que cê óia lá... quando é época des (delas) madurá, cê acha muita madura no chão. Nossa! Aquês (aquelas) que cai é bão demais, né? [...]. Mêma cor. Ela num muda a cor (...). Ela madura continua verde [...]. Não. Diferente. A mangava é grande, né? Gabirola é miudinha. É bem diferente [...]. A gabirola madura fica 'marelinha [...]. É. Maize es (elas) é pequena, sabe? E pé baxim. Cê tem que agachá p'cê panhá a gabirola (...). Ó, eu acho que as cobra vai... é pa pegá os passarim que vai chupá, né? Eu acho que es (elas) fica... porque os passarim abaxa lá pa comê as frutinha (...). Fervia marcela (...). Ela lastra assim, ó (*gestos*). Tem aqui [...]. Ela é rastera (...). Não. Essa é de casa. Fervia marcela [...], a fôia, né [...] e aquele... é... es (eles) fala ele de... com'é que chama, Cida? Rubim [...]. Uai, ele... ele... es (eles) fala ele de marcelão, ôtos fala ele de rubim. Ele é da famía da marcela [...]. É bão po intestino, né, cortá diarreia [...]. Ah, porque a marcela ela lastra, né, assim. E esse ôto ele dá um... uma fareta, chei' de dedo as fôia dele assim, dá um pendãozim, dá as florzinha cor de rosa (...). É, a marcelinha é

pequeninha [...], miudinha. Dex'eu mostrá pr'ocê a foinha da marcela (*gestos*) (...). O rubim acabô, num tem mai' não. Agora, a marcela (...). Aqui, ó (*gestos*), a marcela, ó (*gestos*). Ela lastra assim, (*gestos*), enche a vasia (vasilha), que chege dependurá [...]. É, de curá diarréia (...). Ah! E tem a arruda também. Nói' num lembrô da arruda, né? [...]. É... fedida, né, a arruda. Num é? [...]. Arruda? Uai, quando as muié tava de resguardo es (eles) fazia chá. Quemava ela com pinga, com... pa bebê, sabe? Arruda acho que é bão pa banhá o olho quando tem poblema no olho. A gente banha com arruda [...]. Esfrega ela assim, sabe (*gestos*). Dixa ela de môi (molho) um poquim e lava olho c'aquela água [...]. É bão pa infecção de olho, né? (...). Funcho, né [que parece a marcela] (...). O alcanfor também, cê conhece? É desse jeitim, aí (apontando para a marcela). Eu tem ele aí. Desse jeitim aí a folha dele. O alcanfor é pa banhá machucado, né? (...). Nossa! É bão pa curá machucado [...]. É cânfora, hoje. Nói' fala alcanfor, né (...). O losma (losna) bebe ela... cura os poblema de estomago tamém. Ela é mei' acizentada, igual essa [arruda] que cê falô [...]. É um pouco [parecida], né. Mais a losma é a fôia... mai' repicada, né, assim (*gestos*). Ela é clarinha, assim, um verde mei' esbranquiçado. É bonito o pé de losma. Branquim (...). Ah, aquele é bão p'os rins também. Eu conheço [...]. Ele... ele tem a folha grande, assim, dá umas foiona. Ele é mei' rasterim tamém e... dá... foiona, a fôia dele é grande, assim, ó (*gestos*), uma fôia dura. Lá na chakra nossa tem também [...]. Ah, assim... mais é na cultura, assim, chei' de... onde tem pedra (...). Ele é bão pa bebê p'os rim, né, chapéu-de-coro . Tinha esquecido desse chapéu-de-coro (...). A doradinha eu conheço. A doradinha ela... ela tem uma folinha assim, meia durinha... cheia de... de nervurinha, assim (*gestos*), sabe? E ela... dá aquele pendãozim e dá uma florzinha bonita lá em cima. Florzinha empelotada [...]. A doradinha? Uai, o povo usava ela pa... parece que era pa infecção. Acho que é (...). E a erva-cidera ? Nóis falô da erva-cidera? [...]. Nóis esqueceu dela, né? [...]. É pra... baxá pressão, calmante. É um capim. Eu tem aqui tamém no quintal (...). Se encostá nele assim, ele é ranhento, né [...]. É, chá da folha [...]. Conheço a carobinha, velame do campo [...]. O velame, a parte debaxo da folha dele assim (*gestos*) é branca, aveludada. É o velame [...]. É... fazia... juntava tudo. Fazia... pegava a raiz do velame, raiz de doradinha, raiz de pé-de-perdiz. Juntava aquilo tudo e fazia um melado com rapadura. E a gente usava aquilo. Era pa... depurá o sangue [...]. Ah! Mei' ruim, né. 'Margava de todo jeito. Ma' a gente tinha que comê aquilo. Aí, curava as, a... quando dava perebera no corpo, essas coisa, né, curava era c'aquilo. Hoje o povo fala de alergia, né. Naquele tem nem... alergia a gente curava c'esses trem (...). A carobinha ? Ela parece um pezim de mandioca, né? Só que ela é miudinha (...). É baxotinha. Dá na bera das estrada, assim (...). Mais é no cerrado (...). É... esse sofre-do-rim-porque-qué é um... ai, ele é rasterim, baxim. Eu conheço ele tamém [...]. Não, a folha dele é... é miúda. Num é muito miudinha não, sabe? É assim, menor que a fôia desse pé de limão aí (*gestos*) e... e ele... uns fala ele de... sofre-do-rim-porque-qué, ôtos fala ele de... parece que é erva-de-lagarto , parece [...]. O esporão ... uai, conheço um de espim, deve sê esse, né. Quais... é do formato do veludo [...]. Só quê... ele é mais espinhudo, né [...]. Uai, eu num sei pra quê que é esporão. Para qu'ele é depurativo tamém. Eu acho que é (...). Ah! Es (eles) fazia mais era chá de sabugero (...). Aqui tem tamém. É bonito. Dá umas tocha branquinha, assim, ó. Cê po' até chegá ali. Cê qué vê, pr'ocê conhecê? (*gestos*). Esse sabugero, quando ele dá flor... es (eles) falava: 'Nossa! Vai dá catapora nos menino' (...). Tem essa... essa malva aqui, da malva cherosa, que a gente usa pa... pra tosse, bronquite [...]. É, mais é da cherosa, tem ela cherosa [...]. Não. Parece, né [alecrim]. Ma' iss'ái é onze hora [...]. Uai, isso é flor, né? Às veiz, até serve p'alguma coisa e a gente num sabe, né? Dá onze hora ele dá flor (...). Esse aí é bom-senhor , né, fala ele de crisântemo, bom-senhor. Cheroso! Tem um cherim mai' bão. Chera a florzinha dele pr'ocê vê, cherim mai' bão (*gestos*) (...). De primero, eu tinha mais planta, mai' cabô (...). E tem o algodão ganga também, né [...]. É o... capuchim dele é marrom [...]. É marrom. Natureza, né? [...] Nem tingia não. Já vinha de natureza [...]. Uai, tinha... um tal de anil , né, de tingí' [...]. É uma planta, né [...]. Ah! Até hoje

ainda tem dele, uai. Ele é... parece o pé de arruda [...]. Dá nos lugá assim de... de tapera, sabe, esses lugá dessas casa abandonada, dá muito esse anil (...). Eu nunca tingi' com anil, não. Num sei. Ma' es (eles) falava que tingia (...). Uai, es (eles) falava que... que era arruda, né. Não, arruda não, a losma. Ela é muito amarga, né? Es (eles) falava que es (elas) usava [para abortar]. Eu nunca bebi nada pra isso, né. O anil es (eles) falava que era tamém abortivo (...). Não. Tem um... é de árve. Ele dá uma semente. Tem o ôto bálsamo . A maderá dele... é... assim... num tem espim. Num tem espim não a maderinha dele. É... compridim (...), ele fica esgaiadim assim, ó (*gestos*). E ele dá... a fôia dele é... é 'sim (assim), fica assim uma pertim da ôta, sabe? E ele dá uma frutinha, uma favinha. Esse bálsamo usava ele pra... machucado, né? [...]. Não, punha de môi. Pegava aquês (aquelas) frutinha e punha de môi no... dava uma macetadinha nela e punha numa vasia (vasilha) com um pouco de álcool, é... pa passá onde dá a dor, as dor nas costa, no pescoço, sabe? Usava pa passá. Esse é o bálsamo da roça e o ôto é no cerrado. A quina... nós falô da quina? [...]. A quina é do cerrado, né, também. Ela é... da folha miúda, casca grossa, assim, chei' de... encascorada, sabe? Essa quina... é... es (eles) tirava a casca dela pra... banhá machucado nas criação, sabe? É a quina e barbatimão. O barbatimão ele... é uma árve assim... compridinha... e tem as folha miúda. A gente corta nele assim (*gestos*) é amarelada, sabe, a casca dele é 'marelada. E aí... es (eles) fervia ele e dava aquele melado grosso. Usava pa banhá machucado nas perna das vaca, esse trem, esse barbatimão. Ele faiz cicatrizá [...]. Uai, muita gente usava tamém. Es (eles) falava assim que... quando... as moça... às veiz,' transava, depoi' queria ficá virge', diz que usava esse barbatimão, né, tomava bain' (banho), que ele aperta, né [...]. É, diz que era (*risos*). Cada coisa, né? (...). Esse feijão andu ele... é um... dá umas bage, né. É tipo do feijão, só que os grão dele é grande... ele... ele dá de cipó e vai dano aquês (aquelas) bage [...]. Uai... num sei... muito tempo que eu num vejo feijão andu... tinha aquela que es (eles) falava café-de-minas também [...]. Ele dá uns cacho, igual cacho de uva e dá umas bage roxinha. Esse café-de-minas eu num sei pra quê que servia esse trem não. Lá no mato, na roça tinha muito [...]. Dava em casa, assim, na cerca, subia na cerca, nos muro, nos cipó, sabe (...). Nós nunca usô (...). Conheço [...]. Uai, nós tinha ele lá na roça nós usava aquela flor dele, é bonita, né? [...]. É, é bonita. Dá... sortava assim um... um pendão e ficava chei'... parecia um facãozim, sabe? (...) A flor dela é tipo dum facãozim. Ficava desse jeito assim, ó (*gestos*), aquele pendão. Bonito! Roxim. E ele era um árve assim... uns gaião liso, dava poca gaia (galha), sabe? Dava mais era aquês (aquelas) vareta, assim [...]. Não, dava muita folha não. Ele ficava assim, ó (*gestos*). A maderá era... lisa, esgaiada assim (*gestos*). Quando ele dava as flor, ficava pelado, só c'as flor [...]. Nós num usava pa remédio não, mai' diz que ele é remédio, o mulungu (...). A buchinha ela... cê conhece essa bucha que a gente... panha? É daquele tipo, só que a des (delas) é pititica assim, ó (*gestos*). Essa buchinha é abortiva também [...]. Ela é igual, por exemplo, tá com sinosite... a gente... pega ela e bate ela assim (*gestos*), ela dá uma espuma, a gente... respira aquilo assim, cura sinosite, ma' diz que é pirigoso, porque (...). Num sei, diz que amarga passado. É abortiva a buchinha. Essas que as muié usava pa abortá (...). Morria muitas, né. Dava hemorragia, né (...). Tem gente que fala beladona , tem gente que fala saia branca . Ela dá uma saia... parece uma saia de codê, né, a flor dela. A fôia dela parece... pé de jiló. Cê conhece pé de jiló? Então, é tipo dum pé de jiló. Agora, ela dá aquês (aquelas), a flor dela é tipo uma saia de codê, cheia de biquinha. Nós gostava de brincá de boneca, e vesti' nas boneca de sabuco (sabugo) que a gente brincava, né? Vestia a... as boneca, que falava, vestia es (elas) de noiva, aquela saiona branca. Tem ela branca, tem ela... é cor de rosa. É bonita... a... a beladona (...). Não, ela é planta do quintal, assim, ó. Eu tinha muito dela. Nó! Mai' quando es (elas) tá florida, es (elas) é bonita. Fica chei' de saia pendurada (...). O pé de canela ? Ah! Ele... ele parece um pouco com o pé da favaca ali, ó (*gestos*). Mais ele é mais foiúdo (...). Ela é cherosa. A gente vai chá da fôia dela, mais é bão (...). O cipó-imbé ele dá... assim... a folha dele é grandona, cheia de dedo assim, ó (*gestos*) e ele dá o pau dele, assim, é pintado.

Parece uma cobra o pau, pintado. E ele dá uma banana, né, assim [...], é no pezim dele, sabe, chei' de... chei' de banana. Ele dá o cipó, ele gosta de ficá 'garrado nos bacuri, enleia tudo no bacuri [...]. [Bacuri] é um coco... baxotim [...] é um pé de coco (...). Es (eles) usa ela [a bananinha do cipó-imbé] pa curá... é pisadura de animal, aquês (aqueles) esfolado que dá, sabe? Cura é com esse tal de cipó-imbé (...). Tem muitas coisa que às veiz a gente conhece por ôtro nome (...). Aquela do rubim, né (...), eu falo ele de... patacão, eu conheço ele por patacão, o rubim (...). Aqui, ó (*gestos*), eu por mim, essa é aquela planta que eu tem ali, ó (*gestos*). Aí, aqui tá falano que chama [...], pois é o boldo que eu conheço é aquele ali, ó (*gestos*). Esse aqui [apontando pro livro] é a sete-dor (...). De primero, eu tinha mais planta.

Narrador GM1P69

(...) Fala, menina! O quê que 'cê qué em termo assim (...). Eu sô assim... mais... é... urbano do que rural. Mais de rural assim, o que eu aprendi quando era novo, assim, pequeno, pode preguntá tudo [...]. O que 'cê quisé preguntá, pode procurá (...). A de veneno... eu tem, eu plantei uma ali (*gestos*), chamada niem ou nem . Dá pr'ocê pronuncia quase nim , né? Nim. É aquele lá, ó (*gestos*). O nim, se 'ocê entrá na internet e escrevê assim: nem ou nim, 'cê vai vê que ele tem... (...) capaiz que ele tem uns trezentos sistema de fazê ele. Ele hoje tá vino até em... pa curá unha assim... unha que tem probrema. 'Cê põe um pingo... ele recupera [...]. Ele é repelente. Ele é veneno. Assim pa... 'cê fô batê carrapato... pulga... piolho. Tem fazenda... fazenda de galinha que eu tô falano (...). O veneno dele 'cê vai fazê... 'cê vai panhá uma porção de folha... e pô de molho... uns deiz dia... depois 'cê põe na bomba e sai bateno tud'aí, ó (*gestos*). Bate nas... numa hortaliça... vários cuidado. 'Cê vai entrá no site, 'cê vai vê lá [...]. 'Cê escreveu ele? (...). Esse aí é... aquele povo lá da arábia... isso é trem de arábia... arabiano. Ah lá o pé dele lá, ó (*gestos*), tá veno a pontinha dele lá? Aquela pontinha em cima do pé de manga, assim (*gestos*). Ele tá grande! (...) Bonito! Com'ele é grande. Do tamaim daquele pau lá, ó (*gestos*). Ele é da fôia miudinha, ela é vermelhinha. A fôia dele parece... parece... maconha (...). É iss'aqui qu'eu falo, ó (*gestos*) (...). Angico ... angico... é uma árve que dá maderá, pa fazê curral... é banco... tem ele branco e tem ele vermelho... o angico [...]. A maderá do angico. Ele dá grossura assim de... trint'ano ele dá... oitenta centímetro de toco... ele dá uma árve assim... mais ou meno' duns trinta metro de altura [...]. A folha é miudinha... miudinha assim (*gestos*). 'Cê queria vê um? Ali na frente (*gestos*) tem um... depois nós vai de mostrá ele. Depois nós vai de mostrá com'é que é um angico. Esse angico serve pa fazê... curral, estaca pa fazê cerca... depois eu tem o pau-terra . O pau-terra 'ocê num vai vê ele mais, porque a... esse desmatamento que teve aqui 'cabô com muito pau-terra. Acho que nem eu aqui num tem ele mais [...]. O pau-terra ele é torto. Totalmente torto. Ele num é um pau reto... é um pau assim chei' de torto assim, ó (*gestos*) (...). Não. Ele num serve não [para fazer estaca]. Esse... na época que tinha ele... eu usava mais pa lenha. Muito bão pa lenha... esse tal de pau terra (...).O angico ele é reto (...), o pau-terra ela vai vê que ele sobe assim (*gestos*), desce assim, ó (*gestos*), depois ele vai de novo assim, ó (*gestos*), 'cê pode tá subino assim, ó (*gestos*), caminhano nele, depois 'cê pula no chão. Ele é grosso. Dessa grossura (*gestos*)... pau-terra (...). Não [é liso], é caroquento. Ele é uma maderá caroquenta. Mai' caroquenta do que aquele pau que tá tipo banco lá, ó (*gestos*)... maderá dele. Mais caroquenta do que aquilo, lá (*gestos*). O angico é maderá (...) cascudo tamém... cascudo tamém. Esse branco é mais cascudo o ôto vermelho é mais liso. Tem dois angico, viu? Tem o vermelho e um branco [...]. Tudo fininha... tudo folha fininha (...). Pau-terra é fôia grande... es (elas) é grande assim, ó (*gestos*) e dura. O pau? O pau dá de seis a sete metro de altura [...]. Aí, nesse mei' que nós tá conversano já tem o... já é maderá um poquim de lei, né? Que é o... é... o tambu (...). Tambu assim... quand'ele tá novo... serve pa cabo pa fazê... capiná (...). Tem gente que corta ele

fin'assim (*gestos*). Ele serve pa cabo... pa encabá uma enxada e capiná. Mais dexano ele [crescer] ele fica grosso... dessa grossura (*gestos*). A maderá serve pa fazê móve' (móveis), assim... ele é 'marelim... hora que tira o cerno dele, ele fica 'marelim! (...). Cerno é que dá... entre a casca de fora e a de dentro que é o cerno. Esse do tambu... pelo meno' uns quato centímetro assim (*gestos*)... é casca... tá veno lá (*gestos*), lá naquele pau que eu fiz o banco lá (*gestos*)? Tá veno aquela parte debaxo lá (*gestos*)? Aquele lá é o cerno... e por fora é a casca [...]. Aquele lá é o ipê. Ipê tem ele 'marelo... roxo e lilás. O roxo e o 'marelo, 'cê vai encontrá só em... em... ne fazenda que tem a parte de... de reserva... então, tem ês (eles). Então, aquele branco que é mais bonito... tem mais na cidade 'que ês (eles) tão plantano, né? (...). No mato [encontra mais]. No cerrado tem muito [...]. Reserva. Quando tinha ele mai' no cerrado... igual 'cêis vê por aí, ó (*gestos*), pelo asfalto... quando antigamente passava (...), passava no mei' dês (deles). Fazia as picada assim... ês (eles) ficava na lateral assim, da picada assim (*gestos*). Como aquele mato meu lá (*gestos*), naquela mato mes' tem lá, tem vários tipo lá. Tem pororoca, tem... maria-preta ... tem aroera. Aroera por emxemplo, 'cê já ouviu falá de aroera? [...] Ah! Pororoca... ah lá uma lá (*gestos*). Tá veno aquele pau branco lá? [...]. Bem altão lá (*gestos*), tá veno? Aquele pororoca ele é branca e tem a vermelha. Tem duas qualidade [...]. A vermeia serve melhó pa fazê maderá pa casa... e a branca num serve, ela racha muito. Eu tem ali, ó (*gestos*) [...] Tamém pa fazê casa tamém (...). [Trabalhei na roça] demais da conta! Trabalhei... Ih! Trabalhei até uns doze ano [...]. É. Aqui... por aqui mes' [...]. Eu nasci aqui... aqui mêmo no lajeado. Bem lá pra cima (*gestos*), mais aqui no lajeado mes' [...]. É aqui na roça, aqui em cima, na fazenda (...). Tá muito mudado [o cerrado], muito mudado. Pa nós achá uma qualidade melhor... tem que pegá uma reseva (...). 'Que a reserva que dexô, tem todos esses trem que eu tô falano pr'ocê (...) Tem aroera ... aroera do sertão [...]. A aroera do... do... comum... assim dos pasto... serve pa fazê estei' (esteio). Essa casa aí, ó (*gestos*), esse aí quadrado aí... vinte por vinte, tá enfincado capaz [que] tem uns cento e vinte ano, mais ou meno' [...]. Iss'é aroera pura (...). Aquele ali do canto, ó (*gestos*), aroera (...) tá veno como que é cerno puro? É cerno vermelhim (...). Não. Aroera do sertão é a aquele que tá lá (*gestos*) naquela porte (poste) (*gestos*). Tá veno lá aquele porte (poste) (*gestos*)? 'Cê tá veno l'em cima como que tá carunchano e quebrano? Ele num é firme. Ela num é durável [...]. Não. Ela num serve [para construir casas]. Ele serve só pra um (...) assim... poco tempo [...]. Serve... serve pa fazê maderamento d'um rancho... d'um paiol assim (...). Em seguida... pra uma casa ficá boa pa durá, é aroera e a... maria-preta [...]. Maria-preta é uma árve comprida! Ela vai, ó (*sons onomatopaicos a boca e gestos*). É das fôia grande... até certo ponto ela fica cheia de gaim (galhinhos) assim (*gestos*), aques (aqueles) gaim vai acabano, vai subino, depois de uns seis metro pra cima os gai (galhos) fica lá... os gai (galhos) vai ficano. Mais com o tempo vai caino e fica um varão grande assim, ó (*gestos*). Uma vara desse tamaim aí, ó (*gestos*), labrado. Ela é grossa [...]. É. Fica dessa grossura (*gestos*) lavrado, ó (*gestos*). 'Cê pode pegá até... até assim com... com oito metro de comprimento. Ela assim... pr'ocê fazê... escoramento de casa assim, ó (*gestos*). Tá veno essa viga em cima, aí (*gestos*)? Iss'é maria-preta, ó (*gestos*). Tá veno? Qu'isso é antigo. Eu 'proveitei o máximo do escoramento da casa... antiga... aproveitei o máximo... aproveitei aroera e essa maria-preta (...). Naquele tempo os índio... os índio não... os escravo... os fazendero pegava pa fazê, pa ês (eles) pa fazê [as casas] (...). Aqui... ino reto aqui por aqui, ó (*gestos*), capaiz que tem uns três quilômetro de muro de pedra que os índio feiz... os índio não... o... os escravo (...). Em 1970, nós era 70 milhões... de brasileiro, né? (...). Nessa época... nós roçava (...) as capoera... 'cê já ouviu falá em capoera? [...]. Capoera é uma parte mais rala do mato. Mais assim... é terra de primera... é terra de primera. Então, nós roçava essa capoera... que num tinha adubo nesse tempo não. Nós ia lá e roçava essa capoera... mais ou meno' uns sessenta por oitenta, uns cem metro, né? De jeito que ela dava... mais de primera, chão de primera. Num podia sê segunda que num dava... Roçava a capoera... punha fogo... aí, nôi' plantava o milho, arroz, melancia, abóbra. É o consumo nosso. E nesse

consumo nosso, no caso do meu pai por exemplo, nós era uma média duns, na época, uns oito filho, nós dexava vinte saco de arroz. O resto nós vendia... p'os grande... maquinista (...) com'é que chama aquilo? Cerealista, né? Cerealista... comprava de nós (...). Não. Era cruzero mêmô. Cruzero antigo, né? Era cruzero antigo, né? (...). É. O cruzero. Naquele tempo nós pegava (...) de São Paulo, 'que nós tinha rádio na época. Nós pegava (...) São Paulo pa vê com'é que tava o preço de São Paulo. A nossa base era o estado de São Paulo (...). Ali, o feijão tava em torno de... naquela época... de dois mil cruzero o saco. Aí, nós vendia aqui nessa faxa: dois mil cruzero o saco, né? Saco de sessenta quilo. Nós tinha... esse feijão que nós fazia naquele tempo... num tem mais hoje. Ele num existe mais hoje. Que é o roxo ou inhambú. Ele é maior. Ele é bem maior do que o roxim. E tinha um roxim menor. Esse era... roxim ele era mais produtivo... ele dava mais. 'Cê plantava ele, mais ou meno' uns deiz litro, dava deiz saco de feijão de sessenta quilo. Agora o roxo não... o roxo dava uns três saco, porque ele era mais grande (...). Muito gostoso [...]. É muito diferente [dos feijões de hoje]. Se achá hoje é imitação, né? (...). Antigamente chamava mi' (milho) marruquinho ... é... o... ôto... é o crioulo (...). O pé dele... quando é terra era boa mêmô, nós dobrava pa dá feijão, nós num alcançava (...). Ficava alto... era alto [...]. Não. Esse [o crioulo] é menor, esse é menor [...]. Grande. Marruquim? Era grande. Era de primera. Nó! Era docim demais. Na época, eu mai' minha mulher, nós ia pa roça tinha mi' (milho) demais. Tinha um monte de coisa. Nós fazia o porco e comia... com mi' (milho) assado. Às vez, até meredava assim... com ele [...]. Era muito gostoso. Muito delicioso. Era doce [...]. Agora, o de hoje num tem isso [...]. Muito diferente. Hoje, 'cê num acha gosto em milho mais. 'Cê pode vê que 'cê num acha ele gostoso como antigamente não. Ali pa bando de Catalão ali (...) tem um pessoal que chama ele, lá ês (eles) trata ele de crioulo. O crioulo é igualzim esse marruquim aí, ó (*gestos*), hoje, ele chega, quais chega junto com esse... mai' num chega não. Ma' ele é doce [...]. Esse marruquim ês esse num faiz dele mais. Ele cabô, num tem mais raça dele [...]. A espiga dele num é espiga igual o de hoje assim. Aqui tá o milho aqui (*gestos*), aqui pra cá ele dá mais um quato centímetro de... de.. de ponta... de ponta assim pr'ocê pegá. E ôto não. A ponta do mi' (milho) é curtim assim, ó (*gestos*) (...). A fôia tamém é diferente. A fôia desse de hoje é finim. Ela é fininha assim, ó (*gestos*), a de hoje é fininha, sabe? Fininha e torta (...). Porque antigamente era larga... era larga assim, ó (*gestos*). Era largona. Enorme!. Nós fazia... nós fazia... 'que às vez vinha chuva... naquele tempo não tinha lona, num tinha nada assim, nós fazia... umas vara assim e punha fôia. Quebrava a fôia, dobrava assim, ó (*gestos*), num estantim nós fazia (...) pa tampá da chuva... do tanto que era bão demais (...). Naquele tempo o cerrado era mais fechado (...). Tinha moita de gabirola (...) uma frutinha gostosa, sabe? [...]. O pé dela dá uma moita assim (*gestos*), rastera assim (*gestos*), moitinha rastera... baxa... dá uma frutinha com uma pontinha na ponta, é muito gostosa, 'marelinha (...). Tinha o... é (...) esse trem que parece abacaxi. Ah! Meu Deus! Esqueci o nome desse trem agora... ananáis. Lá na casa do campo tinha muito ananáis. Ananáis é tipo abacaxi, só que pr'ocê comê ele tinha que tá muito 'marelim, senão 'cê num conseguia comê de tão azedo que ele era. Amarga... pinicava... era uma coisa horrorosa [...]. Não. Esse era rastero. Parecia o abacaxi mêmô de hoje... só que dava moita assim, moita assim de cinco metro de largura... as moita assim (...). Foi em... [19]66... [19]67, [19]68 começô já vim as bola... as patola pa fazenda, né? Aí, melhorô pa nós. Ma' do contrário era na enxidão mêmô... foice... machado... a gente cortava (...). Não. Aí, os pasto... quando nós ia limpá assim... que num tinha tratô igual hoje (...), nós fazia mutirão (...). Aí juntava mai' ou meno' uns sessenta, quarenta homi pa roçá um pasto, nesse tempo num tinha máquina pa roçá igual tem hoje [...] Porque o capim num subia... o capim naquele tempo chamava jaraguá [...]. Esse capim jaraguá é um capim (...) na época em que ele pendoa ele dá um pendão... um (...) assim (*gestos*)... ele ficava um metro de mei' de altura [...]. Ficava grande. O gado nosso comia esse capim... jaraguá. Jaraguá... o dia que 'cê matava uma vaca que tava comeno jaraguá... a carne dela é cherosa... fazia um bife assim cherava longe, 'cê punha pa secá, fazia a paçoca era

cherosa. Hoje, num chera quais', né? (...). Chimango [...] chimango é um espim... um espim... é uma arvinha muito atrevida. É atravida mêmô... ma' era atrevida mêmô! Fora de brincadera! Era bosta de baiano [...]. Bosta de baiano chama é... amoroso . Ela dava um... ele dava uma toça... na ponta dele dava um cachinho de espim (...) que fincava na ropa (...). Amoroso... eu tem ele aqui... se 'ocê quisé vê os dois. Qué vê os dois? Aí, tinha tamém junto com esse tinha um tal de pé-de-galinha [...] Pé-de-galinha é um ramo assim... capim... e na pontinha dele dava um... pendãozim assim (*gestos*), tipo dum pé-de-galinha mêmô. A galinha num tem uns quato ded'assim (*gestos*)? Daquele tipo. Aí, tem o pendão dele... e tinha uns quato dedo assim, ó (*gestos*), na ponta dele. Aí, por isso que chamava pé-de-galinha. Esse tamém era atrevido tamém [...]. Porque ele nascia assim... 'cê plantava arroiz... de matraca (...) e no plantá de matraca... ele nasce junto com arroiz assim, ó (*gestos*). Aí, 'cê tinha que 'rancá com cuidado, se não se 'rancava o arroiz tamém (...). Aí tinha... 'xô vê aqui o quê que mais tinha mais... tinha grama... tinha grama... a grama... é... derruba véi [...] derruba véi [...] é porque ela cresce assim... um cipó longo assim, ó (*gestos*), um cipó de cinco metro... e tinha lugá que tinha muita e l'em ia os véim andano, véim era fraco, né? Ês (Eles) tropeçava nela assim e derrubava ele. E nós tamém muito moleque... nós pegava assim no camin' assim... 'marrava do lado de cá (*gestos*), 'marrava (...) no camin', a pessoa vinha... PAP! (*sons onomatopaicos e gestos*), caía tamém. Covardia, né? (...). E nas porta das fazenda dava muito... é... vassora (...). Vassora é um ramo fininho, comprido... dá a vassora (...). Tinha tamém aquele... com'é que chama aquele espim vermelho? Juá! [...] Juá [...] juá ele dava espinho e a fruta 'marelinha (...). Esse juá por emxemplo, num podia comê não (...). Naquele tempo só tinha... só tinha cavalo... num tinha...o transporte que tinha pa modo de i' (ir) pa Catalão (...) era de cavalo, de carroça (...). Papel higiênico não existia tamém não (...). Esse aqui é... é esporão [...]. Esse esporão servia assim, ó... esse esporão ele nascia uns ôto no mei' dele... uma varinha fininha assim, ó (*gestos*)... comprida. 'Cê sabe pra quê que servia ele? Pa fazê arco de penera. As muié usava... por causa de quê naquele tempo era pilado no pilão o... o arroz. Aí, tinha que soprá FU! FU! FU! (*sons onomatopaicos e gestos*). Então, usava... esse aí, esse esporão. No mei' dele assim, onde que tem uma moita... ele dava um talo comprido assim, ó (*gestos*). Aí, nôi' ia lá, cascava ele, fazia uma talinha dele, ali que fazia as curva (...). Iss'aqui é um ramo que serve pa cocera de cabelo (...). Sabe, cabelo coçano? 'Cê pega iss'aqui, leva, ferve e passa na cebeça. Esqueci o nome dele... são caetano ! São caetano. Ele dá umas frutinha assim (...) que come... ela abre assim, ó (*gestos*) (...). É. Vermei' dento... são caetano. Esse serve po cabelo [...]. Queda de cabelo naquele tempo a gente usava esse aqui... azeite de mamona (...).A guapeva é um pau assim, chei' de nól que... que os fazendero naquele tempo que tinha machado... ela dava uns nó assim, ó (*gestos*), cortava em cima e em baxo e fazia cabo de machado. Ela era uma fruta amarela... assim... 'cê tem que cortá dento d'água porque ela sai muito leite [...]. Entendeu? (...). Ela é chei' de nervo assim, ó (*gestos*). Tinha o angá ... angazão assim branco... gostoso... muito gostoso (...) o angá é uma fruta 'marela. Uma árve... saía assim nos barranco... parecia no córgu assim, ó (*gestos*) e dava o angá... parece banana (...). 'Que nós usava muito na época... era muito usado mêmô... disputado (...), na época era disputado... chama painera [...]. Painera era uma árve que dava uma paina assim... dava um... um... uma banana desse tamain' assim (*gestos*), dura. Nós panhava ele na época que ela madurava... mêis de agosto (...) pa fazê travessero. Dava uns cinco travessero... esse na época tamém nós brigava por aquilo (...). E nosso cochão era tudo feito de páia... páia de mi' (milho) (...). É o pé-de-perdiz, mai' num é aquele de muié não. Tem dois tipo de pé-de-perdiz ... tem um que dá uma... uma... ele dá assim uma moita e chei' de cachim assim (*gestos*), dá umas frutinha preta, né? (...).

Cumari-Goiás

Narradora CuF1A82

(...) Mais remédio de médico num dá conta mais... porque é gente demais no mundo pelos produto e o remédio não pode faltá um (...). O leite de morera ele é remédio... mais ele rebenta até dente, né? (...). Aí, ele foi lá, pegô o leite de morera e pôis no vin' branco. Uma colher! Pode sê mai' não. E vai usado... todo dia um tantim assim, ó (*gestos*). É pa... fortalecê os osso', porque hoje... as nossas comida que nós come têm muito veneno e vai compricano, né? Uma esteoporose... essas coisera. Foi bão demais! Ele [meu marido] feiz pa Luzia... feiz pra mim. O seu Zé sofre a diabética... ele feiz pra ele de leita da mangava. Pega só uma tampinha... põe dois litro d'água... é pr'os rim. É pra curá diabete... essas coisa (...) 'quê tal de diabética é dura, né gente? (...). Pois é... aqui (...) que eu tô te falano... ele é que pegô vinte e duas qualidade [de raízes] que punha, né? [...] Era [meu marido]. O avô dele era raizero. Aí, até dia de hoje... foi remédio... eu tem um remédio do arco (álcool) que nós faiz ele. Eu tem um garrafão ali... eu põe oito litro... deiz litro de arco (álcool) nele assim (...) e põe... esse nós põe sucupira ... nós põe arnica ... muita arnica... é... essa coisa aqui, ó (*gestos*), que eu tem aqui... essa favaca... eu tô... 'cê qué vê o livro que eu tem aqui de [...] É a mesma mangava... ela é fresca... por isso é que ela é boa po rim (...). Uai... morera 'cê acha é nos campo, né? No caminho de Goiandira aqui tem muito [...]. Uai... ela é das folha miúda... ela parece essas folha que tem aqui assim... 'cê já viu umas árve miudinha dento de Cumari que tem uns brilho na folha? Ela parece aquilo. No caminho de Goiandira tem. Sempre ela dá assim, ó (*gestos*), a raiz dela é sempre meia trançada... e a maderá é 'marelada. Aí, 'cê leva uma cuié, corta e tira, né? [...] É o leite... é uma colher de leite dela no vin' branco (...). 'Cê conhece baru? [...] O baru é assim tipo duma castanha assim, ó (*gestos*). Ela é lisinha por fora (...). A semente dele 'cê torra ela, 'cê faiz pé de moleque... é mais gostoso que amandoim. Aí, 'cê pega aquela... a casca. Ali perto da Luzia tem uns... tem uns quato pé. Tira a casca... entre aquela casca... 'cê pega um litro que vem com coca... e enche ele d'água e enche ele daquela casca e vai tomano. Até vinte dia... trinta dia... pa coluna. A muié me deu esse... sarô! De coco de baru... ele é medicinal (...). Uai... 'cê num conhece não [a fruta da mangava]? Ela é assim, ó (*gestos*). Quando ela madura ela fica molinha! Aquela casca... ela tem a semente por dento. A semente dela é preta, né? Fica assim igual uma semente de algodão. Ela dá tipo duma semente de algodão por dento... e ela dá aquele pelinha fininha. Nossa! Mai' é gostosa. Tem o limãozim do campo . Tem aquela... baupari ... bacupari ele é medicinal também porque... ele é... pra ferida, né? Jenipapo! 'Cê vê uma pessoa cheia de ferida... 'cê tira a entrecasca do jenipapo... 'cê num sobre de diabética... porque diabético que num pode, né? 'Cê faiz o doce pra ele... do jenipapo [...]. Eu tem um pé aqui que tá lá (*gestos*) naquele mundo. Eu tô dexano ele crescê... tá dessa grossura. Ele é do branco. O branco dá desse tamaim, ó (*gestos*) [...] É... mais é bão! 'Cê faiz licor dele. Ele é uma fruta assim... amarela... aí, tem aquela pelinha fininha e aquela carne por dento... assim entre a pelinha com a semente... e a semente dele é redondinha. 'Cê tira aquela semente, 'cê faiz licor (...). O meu é do branco. Tem o roxo. O roxo... aqui na fazenda aqui, ó (*gestos*) do Djalma, aqui no sítio aqui, tem do roxo [...]. É igualzim [o pé]. Só porque a maderá é escura por fora e o ôto é assim branco... dá as fôia maior. O roxo dá as fôia miúda. Come também a mêma coisa. Mais o branco é mió (melhor)... ele é mais especial (...). O baru é um pezão arto (alto). Ês (Eles) dá grandão... o povo planta (...). Ah! Sucupira (...) quando é tempo dela dá flor (...) 'cê olha assim ela tá roxinha de flor! Mais é bonita, sô! [...]. É árve grande... es (elas) dá árve grande mes' (mesmo) (...). Se 'ocê tivé com uma dor de dente... 'ocê 'massô três fruta dela e põe no arco (álcool) e faz o gargurejo na boca... seus dente fica firme que 'ocê não precisa nem 'rancá... e cabô a dor também. Esse aqui é feito, ó (*gestos*), com arnica... sucupira. Ele peg'um... ele pag'um negócio lá no Catalão... até tá ali a semente... é

mêma coisa d'ocê vê o jatobá mais é pequena... chama pau-prego . Tem no jardim de Catalão. Ele pega desse trem lá... lisinha... roxinha... diz que é remédio tamém (...). Não [conheço o pé não]. Na praça de Catalão tem. Lá naquela praça perto do [hospital] São Nicolau (...). Essa arnica eu vô de contá uma caso: essa arnica é difíço [...] Nós plantô um pé dela aqui... num pegô de jeito nenhum (...). A arnica dá assim uma folha seca... e ela vem tip'assim dum picolé, sabe, por dento. É onde esparrava as folhinha dela... e tem uma ôta tamém que aqui no caminho de Carda' Nova' (Caldas Novas), na fazendo dum homi lá (...). Tem uma pranta lá que chama canela-de-ema ... é igualzim assim o... é igual um bacuri assim mai' pequeno... aí, tira tamém e põe no remédio essa tar (tal) de canela... canela-de-ema (...). Bacuri em tem aqui, ó (*gestos*). Ah! O bacuri é um mundo véi, né? [...] É grande até... o meu dá dessa grossura (*gestos*). O bacuri eu acho que num tem serventia não [para fazer remédio]. Nunca ouvi falá que tivesse serventia dele [...]. Eu num gosto [da fruta não]. Ela é dura [...]. Madura... cai... tud'ali aquês (aqueles) cachão... 'marelim (...). Uai, o cipó-imbé que eu vejo falá dele... a banana dele... uma banana que ele madura, 'que ele dá uma banana, né? Ali na casa ali (*gestos*) tem um pé (...). Pega aquela banana e põe no arco (álcool) pa passá em dore (...). Ah! O pé de jenipapo ele dá esgaiado (esgalhado) assim, ó (*gestos*) do roxo, né? Ela dá as fruta assim (*gestos*), ele dá fruta pequena... ele num dá fruta grande não. Aí, 'cê tira a casca dele pr'ocê curá ferida. 'Ocê tira a casca dele... po tirá muito... e 'ocê conzinha ela até (...) coa e põe o açúcar' (...) 'cê açucara aquele açúcar' e vai comeno pa curá ferida. Ele é fresco, né? [...]. O limãozim [do campo]? Ah! Ele tem umas folinha lumiosa... ele dá assim, ó (*gestos*). Ma' é gostoso, sô! [...]. É um limão assim... ma' ele é grosso, sabe? É assim a frutinha dele é grossa, casca grossa assim (*gestos*). Ele 'lumeia (alumia) de verdim que ele é. Ih! Ela dá demais... dezembro em diante... 'cê sai no cerrado... mangava e o limãozim é o que mais 'cê acha? [...]. O bacupari é... 'cê conhece aquela tar (tal) de... guarpeva? [...]. Não? É dá uma árve assim (*gestos*) e ela encapota, sabe? Pa dá o bacupari. E o bacupari é lisim... tem três semente dento... grande. Agora, a guapeva é o tipo duma carne por dento. Ela dá um leite... pr'ocê comê ela, 'cê tem que lavá ela assim, pa saí aquele leite. É fresca tamém a guapeva [...]. Bacupari? Parece [a guapeva]. Ele parece, mais é que a guapeva tem uma carne por dentro, sabe? E o bacupari é três semente grande assim (*gestos*), quadrada, tipo quadrada [...]. [O pé] parece. Mais é difíci' 'ocê achá isso! Hoje, ês (eles) tá pegano demais é pa fazê picolé... fazê sorvete, sabe? 'Que hoje a cagaitera , 'cê conhece? [...]. Ih! Parece que até isso acabou! A cagaitera ela dá assim, ó (*gestos*), o chão fica 'marelim. Fazê suque (suco) (...). É grande [o pé]. E ela cai quand'ela tá madura. Ela é azedinha. Ês (Eles) falava ali é 'gaita (cagaita) , num fala cagaitera (...) pa fazê o suque (suco). Tem o murici, né? [...]. Tem aquele goiabinha do campo ... é... uma que dá... mêma coisa de goiabinha mes'. Ela dá assim grande e dá rastera [...]. Ih! Assim, no cerrado tem demais... es (elas) é chatinha no chão... rastera... p'ocê tirá ela tem que oiá (olhar) bem, porque as cobra gosta de comê ela (...). Quarenta e cinco ano de sofrimento [morando na roça]! [...]. Nossa! Meus menino num quis ficá na roça mai' não, coisa! Ês (Eles) era os três, né? Aí, tinha que mudá pr'aqui, ó [...]. [Meus filhos] não quis a roça. Morei numa chácra aqui, ó (*gestos*), que ia pa Anhanguera... passava lá na porta... nove ano... lá nós fazia mandiocal... fazia tudo... tudo... meu marido era trabaiaidô. Pode sê que ele morreu de trabaiaá... morreu com 82 ano... mais 'cê oiava (olhava) ele assim... num tinha um ruga... clarim... ele era temoso demais, né? Ele sofria uma dor no peito há muitos ano (...). O pé de murici ele dá mei' assim rasterado... e fica cheim de frutinha [...]. Uai... [a fruta] é a mêma coisa de 'ocê vê uma goiabinha... parece com a goiabinha, né? [...] É... 'cê conhece goiabinha do campo? (...). Ela [a alfavaca], ela é cherosa, coisa. Meu marido punha ela demais nesse remédio do arco (álcool) [...]. Ela dá assim tipo de árve, ma' num é grande demais não. E ela num é dessas que cai a semente e vai nasceno não. É difíci' achá um pé dela [...]. Quando ela dá muita flore... 'cê tem que pegá uma tesora e cortá um todim, senão o pé morre. E ele num é de caí e nascê demais não. Aqui num nasceu... iss'aí ficô... mai' ficô

cheim! Vam'ali pr'ocê vê (*gestos*) (...). 'Cê conhece aquela fôia ali (*gestos*) [...]. Isso é cravo-defunto ... 'cê faiz o chá dele... a fôia dele seca... e deixa assim esfriá e toma, pa modo de gripe iss'aqui é uma beleza (...). Alevante [...] o alevante é pa cólica de menstruação, 'cê pega ele faiz o chá e põe umas vinte cinco gota de buscopã e bebe. Melhora na hora! (...). [Pé-de-perdiz] é um tipo seco... assim ele dá comprid'assim. Ele dá muito assim nos cupim... esses cupim branco... dá muito (...). E a folha dele é arroxeadá, comprida assim, ó (*gestos*). É o pé-de-perdiz. Tem muita coisa, né? (...). Minha fia (filha) do céu! Quando eu casei... eu não tinha ropa pa vesti', pa te dizê a verdade. Meu pai era quinze fi' (filhos) em casa... e meu marido vivia lutano c'a família tamém, né? Nem ele tinha. Aí, (...) pas fazenda. Sabe quanto de coberta que eu fiei? Trinta e cinco (...). Sozinha. Trinta e cinco coberta, dois coxonil' (coxonilho), duas toalha (...). Eu passei duas semena tingino os fiado e dobrano, sabe? (...). Uai... eu tingia no aricum (...). Ele dá assim um... uma bage comprida assim (*gestos*), meia redondada e chei' de espinzim... tipo dum espinzim, ma' num é não. Esse aricum... quem sofrê a tosse comprida que hoje... num tá dano mai', né? O menino que bebe o remédio da farmácia vomita ele todim, 'que aquilo é uma mardade (maldade) no estame (estômago) e num é catarro (...). 'Cê pega assim um punha de fruta (...). Põe lá num litro d'água na caçarola... ferveu, secô, a sementinha fica pretinha. Aí, 'cê põe o açúca' ali, 'cê faiz o melado do ponto que 'ocê pega uma colher e faiz assim aquele espeio (espelho) e não tem a água, pa ele num azedá. Ele [meu filho que morreu], comia uma cuié cedo e ôto de tarde. No ôto dia... nariz dele assim... com o olho dele assim... amanheceu tampadim de mardade (maldade). Sarô pra nunca mais! (...). É grande [o pé de urucum] (...). Tinha... era... a quaresminha, né? De tingí' lâ. A quaresminha ela dá no esbarrancado... é amarelinha as fôia dela. Minha fia (filha), mai' aquilo tinge uma lá, que é a coisa mais bonita! (...). Ela é melentinha assim (*gestos*) a fôia dela. Fica 'marelim! Num descora nunca! (...). 'Cê sabe aquês (aquelas) é... cambaúba ? [...] A cambaúba é purim espim... aqui tem um pé (*gestos*), aqui na fazenda dum homi... aí, ela dá... ela dá os cacho igual coco. É uns coco. Ês (Eles) ensinar pa tirá aquês (aqueles) coco maduro... pilava e cozinha no leite... faiz aquele engroçado. É bão demais. É sadio. É forte (...). É a mêma coisa da fôia de gueroba, mai' a maderá é ôta, é espim puro (...). Não... hortelã tem ele da fôia gorda . Num tem dele aqui não (...). Dá uma florzinha azule (...). Eu? Tó com oitenta e quato. Não! Oitenta e dois. Na minha carterinha tem três ano a mais, porque registrô. [Eu nasci] dia 04 de abril... Sabe, minha fia (filha)? Casei dia 18 de abril, meu marido é dia 26 de abril, meu menino dia 28... mais véio (...) tudo de abril (...). [Me chamo] Alice Rosa do Nascimento.

Narradora CuF2E75

(...) A sabedoria dos antigos era muito interessante, porque num tinha ninguém pa ensiná, né? Num tinha estudo pra isso. E hoje a gente estuda e num sabe o que eles sabiam (*risos*) (...). Tem maderá lei e maderá branca que a gente fala, né? Maderá que dá cerno, pra móvel, né, esses trem, é maderá de lei que a gente sabe, né? (...). Por exemplo, uma aroera ... aroera é maderá de lei... maderá que num acaba, né? (...). Dá o cerne... e o cerne dele num acaba (...). Porém acabá ela não acaba (...). Cerne é o maciço da maderá, né? (...). Essa aroera, por exemplo, ela é uma das mais... das mais famosa. Inclusive, as mais produzadas é essa aí, né? [...]. É árvore... árvore grande (...). Essa é mais de cultura... maderá de lei geralmente é de cultura. E aqui tem ôtra também que ela... além de ser assim... maderá de lei... ela... é também... remédio... remédio pra... artrite, essas coisa. Essa aqui é a maria-pobre que a gente fala. Ela pode tê ôto nome lá, né? Eu também eu num sei. Mais aqui a gente fala... fala maria-pobre. Porém, ela parece um pouco com a aroera, só que ela num dá essas (...). Fica imensa... inclusive eu tinha um ali, ó (*gestos*), teve que tirá porque as raízes dela tava 'rebentando as manilhas do rego d'água, teve que tirá, mais ela é imensa! Imensa mes'! Ela ficava dessa

grossura assim, ó (*gestos*) (...) Mais essa já é mais de cerrado, essa já num é de cultura... tanto de cultura não. É uma terra mestiça (...). A terra do cerrado a planta não é árvore assim... muito grande, porém os galhos mais retorcido... depende do cerrado. Tem cerrado bom e cerrado bruto, né? É terra mista que e ela mai' da terra mista. Ela fica... dá maderona, mais num dá retorcida, mais porém ela dá também no cerrado. E ôtras num dá no cerrado, só dá na cultura (...). Não. A madeira dela é fraca. Num é madeira pra... ela é mais pra móveis do que assim pra casa... p'as coisa. Ela é madeira mais branda, essa é mais pra móveis... leve, né? Madeira igual o cedro, por exemplo. Cedro... aquela árve que tá sem folha lá, ó (*gestos*), é um cedro... é madeira de lei, porém é madeira branca, ou melhor, madeira branca não, é madeira mole... sabe? Tabalha bem, porque ela é mole [...]. Faiz móveis. Os móveis de elite geralmente é do... do cedro, né? Cedro, a... com'é que chama a ôta que a gente tem'aqui? Cerejera... ma' nós num temo essa cerejera. Nossa região não tem (...). Meu nome é Eunice (...). [Tenho] setenta e cinco [anos] (...). [Nasci no dia] 06 de junto de [19]40 (...). Eunice Elizabeth de Aguiar [...]. [Nasci] aqui mes', na zona rural, aqui pertim [...]. Não. A fazenda do meu pai era pra lá. 'Cêis passaro por ela (...). Eu morei na cidade, mais porém nunca mudei daqui, sabe? Morava na cidade, porque os filho estudava, né? (*risos*). Não. Fico lá na cidade... um pouco, porque tem os neto que estuda, eu fico com eles, mais nos finais de semana eu tô aqui [...]. Cidade ou o campo? Eu prefiro o campo [...]. É mais tranquilo. A gente cansa o físico, mais num cansa a cabeça (*risos*) e lá eu canso muito a cabeça e o físico também (*risos*) (...). Agora, do cerrado, a gente tinha a mangaba, a guapeva, era gostosa, né? (...). O pé de mangaba, ela é... folhas brilhosas... leitosas... dá bastante leite... e a... as frutas... são redondinhas, ôtras são meia oval assim (*gestos*), deliciosas, né, são deliciosas, né? E as árvores são... não são tão altas, porém de galhos bem retorcido, 'que ela dá só no cerrado. A mangaba só dá no cerrado [...]. A guapeva é de árvores frondosa mesmo... muito leitosa, redonda, amarelinha, leitosa.. de grudá... sabe? Come ela tem pô na água ou passá gordura na boca, senão... gruda [...]. A fruta é leitosa (...). Descasca ela den'd'água. Ela é leitosa, mais leitosa mesmo! Parecida com borracha (...). É bem gostosa [...]. Ela é grande [a fruta]. Às veze' ela dá miúda, porque dá em grande quantidade, mais ela é grande assim (*gestos*), grande, grandona. Muito gostosa! As nossas fruta... nós temos o bacupari , tem a pitanga, né? Pitanga do cerrado ... tem a gabirola . Que é uma delícia, né? (*risos*) (...). Jatobá já é mais de cultura (...) dá fruta... e grande [...]. O jatobá é árvore muito grande, muito frondosas as árve do jatobá... a fruta 'cê conhece né? [...]. Vê pegá pr'ocê (*gestos*) (...). Ess'aqui é a fruta do jatobá. Ela dá de dois tipos também: ela dá da cultura mesmo ele é mais miúda, mais pretim, mais fino, a frutinha assim (*gestos*). Esse ôto do cerrado ele dá mais grande a fruta (...). É diferente... é diferente [o pé] [...]. A do campo... a folha é miúda... a árvore é frondosa... imensa... mais é... a folha é miúda (...). A ôta, da cultura, ela dá a fruta bem maior... a fruta bem maior, a árve é bem mais baxa... de folhas mais maior (...). O bacupari também é de dois tipos: tem um que dá na bera do córrego... árvore... e ôto dá de moita, umas moitas assim (*gestos*) (...) no cerrado (...). Esses dá só na bera do córgu, os de árvore (...). É parecida [a fruta]. Quase igual [...]. É uma frutinha amarela... amarelinha, ela é pequena assim (*gestos*), redondinha, ela dá demais nos campos onde tem gabirola (...). A gabirola é moita também, só moita, não dá árvore, né? Só moita. E as frutinhas dá em grande quantidade (...) tipo jabuticaba... ela parece uma jabuticaba... ou melhor, uma goiabinha, né? Porque ela tem o pontim... parece uma goiabinha, só que é pequen'assim (...). Ela não amarela, ela fica só verde (...). 'Cê pega nela (...). A cor muda um pouco, num é dizê que não... que num amarelesce.. ela num fica tão verde quanto tá a verde (...). Tem... o araçá ... é uma goiabinha também. Gostosa mes' (...). [O pé] é igual o da goiaba, porém a folha é peluda (...) e miúda (...). É... é uma goiabinha mesmo (...). Num dá árve muito grande não. É árve pequena (...). Muitos fala goiabinha do campo , ôtos fala araçá (...). Ih! O campo tem fruta demais (...). Acabá com o cerrado, acaba com muita coisa que não podia 'cabá, né? (...). Muita coisa que tinha... que a gente buscava pa fazê remédio... hoje num tem mais [...]. Aqui,

por exemplo, a gente num acha mais a doradinha . Não acha mais o pé-de-perdiz . Que é os remédio pra gente (...). A erva-de-lagarto , né... uns usa mais a folha pra emagrecê... ôtos é pra remédio. Essas coisa assim (...). O pé de doradinha ... ela é muito... assim... muito tenrazinha assim, sabe? É um pezim... pequeno... a folhinha dura e brilhosa... a florinha parece assim... um cravo... só que é durinha, sabe? Laranjadinha (...). E peluda na parte de baxo... é... da folha, né. Parte de cima brilhosa e o interior dela... por baxo dela... é peludim [...]. Pa rins... problema renal [...]. Faiz o chá de tudo... da raiz... da folha... da flor... tudo! (...). O pé-de-perdiz é antibiótico (...) principalmente para problemas genitais, sabe, principalmente... para... qualquer coisa assim... infecção genital. Tanto faiz do homi, quanto da mulher (...). Não... infecções normal que sempre, às vezes, adquire, né? Infecção urinária, infecção mesmo uterina (...), de trompas. Às vezes, a mulheres não engravida, toma tudo esses tipo de remédio aí (...). Qué vê eu vô pegá uma garrafada que tem ali, tem nove, é uma beleza pra fazê as mulher engravidá, porque ele limpa o aparelho genital (...). É a raiz... pé-de-perdiz usa muito é a raiz... corta... bate ela e põe no vin' (vinho). É só um... é só uma varetinha assim (*gestos*), bem... às veze' ele fica até dessa altura (*gestos*), mais depende do lugar. Mais geralmente ele dá pequeno assim (*gestos*), nesse tempo ele é muito difíci' de achá, porque as folhas caem. Dá duas, três folha assim (*gestos*), duras... as folhas dura. É... peludas... chega espinhá a gente. Peludas, sabe? E só dá rasterim... e é só uma varinha também, roxa... igualzim um pezim de canelinha, que é o perdiz mes', bem vermelhinha, sabe, o paizim dela. Mais a gente tira é a raiz. É uma raiz pequena, num dá raiz grande. É uma raizinha pequena assim (*gestos*) e só. Aqui ainda acha. Pocos dia o Bento 'rancô aqui, porque ela faz as garrafada, né (...). Ôtos que a gente num acha de jeito nenhum é o velame [...] nem o branco, nem o vermelho a gente num acha mais. Desapareceu... com os... os desmatamento, né? [...]. O velame branco ... ele é leitoso, também é uma... é só uma varinha também, mai' dá alta assim (*gestos*), uma varetinha... as folhas verdes bem brilhosa... por baxo ela é branquinha... um pelim braquim... por baxo... por cima ela é verde brilhoso, certo? E a flor branca... na ponta da vara... uma flor branca (...). Acha no cerrado (...). O [velame] vermelho pode sê que ainda tenha... a gente anda poco agora... pode sê que ainda tem, mais é raro. Esse já é mais baxo, já dá de moitinha e peludim... é maior... não é verdinha... é da folha assim mais mei' baz... esse num dá flor (...). É depurativo. Esses é tudo depurativo [...]. Faz o chá ou põe na garrafa... garrafada, né? [...] Pode sê a folha e a raiz (...). Eu gosto mais da raiz do que da folha. Dixa eu te mostrá uma garrafada (*gestos*). O algodãozim [do campo] é porque ele nasce no mei' da brequearia... a raiz dele parece uma madioca... sabe? É grande (...). O algodãozim dá... às veze' dá pé é grande, mai' não árve (...) grande assim (*gestos*), a folha... a flor é amarelinha... muito bonita a flor... amarelinha... e tem a folha dele avermelhada... ela dá uma folha redonda com as três ponta assim... que lembra o formato de uma rosa (...). E a raiz dela é uma madiocona grossa [...]. O cravinho (*risos*), cravim é o mais difíci' d'ocê vê. Ele é só uma varinha... sai lá do fundo... parece uma cebolinha, sabe? Sai lá do fundo lá, aquela varinha comprida e dá uma pelotinha na ponta... uma pelotinha assim (*gestos*) [...]. É o cravim (...). A congonha já é árvore... a folha dela é meia dourada (...) parece que 'ocê (...) ela. Toda (...) e verde... verde... verde. Dá arvezinha. Não dá arvoredado não (...). A gente faiz chá da folha também, pa problema renal... quem tem pedra na... cálculo renal... toma chá da folha (...). Ela dá no cerrado... ela dá nas bera de estada (...). A erva-de-lagarto ela é um arbustozim (...) as folhinhas comprida... ela tem um ôtro nome... que lá na cidade ês (eles) compra com esse ôtro nome... mais aqui pra nós nós falamo erva-de-lagarto... e ela é depurativo do sangue (...). Ela pode... 'cê pode fazê o chá... geralmente, compra lá na cidade é a folha, né? É... faiz o chá... a raiz dela como depurativo do sangue... mais a gente põe nas... garraga... a raiz (...). A folha compridinha... verdinha (...). A gente usava... 'cê qué vê... artemísia ... elevante (...) e arruda (...). [A artemísia] ele dá... o pendãozim branco... florinha branquinha... parece margaridinha (...). Fica gostoso... fica... faiz o chá adoçado e bebe (...). Não... o pé dá uma moita... as

folhinhas... igual assim...mei' parece salsa... mes' que vê salsa (...). Esse é o elevante (*gestos*)... dá rasterim... dá e cipó... e ele gosta de água (...). A arruda já é... pezim grande... folhinha miúda... fedida que dói! (...). Eu num tem, porque eu num planto. Me dá dor de cabeça... me dá dor de cabeça o chero dela [...]. Verdinha [...] Serve [para outras coisas além de remédio para o útero]. Muita gente usa pa fazê... quando tem problema no ôi (olho), essas conjuntivite, essas coisa... usa ele (...). Pra hemorróida tamém eu sei que ela é boa (...). Pra espantá o mal olhado é o guiné [...]. Guiné é um ramim muito... sem vergonha... a folhinha mais ou mênô assim (*gestos*), lisinha assim (*gestos*), fedida demais também, dá um pendãozim assim (*gestos*), um pendãozim de florinha [...]. Ele serve também (...). Pra tosse ele é muito bom (...). O povo tira a folha dele e põe debaixo do travessero, pra tirá... pra cortá as tosse (...). Travesseiro de ervas (...). Eu tinha demais aqui... agora eu não tô vendo... era o picão... picão preto... que ês (eles) fala picão-de-cipó ... pra hepatite, ecterícia [...]. É cipó (...) ele é de cipó (...). Uai... a gente faiz o chá da folha. Quando as criança tem ecterícia... as mãe da banho.. faiz o banho, né? Dá pa bebê também e faiz o banho. Agora... para hepatite... o povo vinha demais aqui buscá, sabe, pa curá hepatite? Diz que é uma beleza, né. Aí, esse já faiz é o sumo. Bate no liquidificadô a folha... tira o sumo... e bebe o sumo dela, né. Mai' esse dá só nas bera assim... só nos matos fechado... bem sombreado... aí ele sobe assim (*gestos*) lá na ponta das árvores, sabe? Nas bera de córgu (...). Esse aqui também... muito gente usa ele como remédio... digestivo... é o rubim (...) fedido que é uma tristeza! E amarga também... amarga, mais amarga (...). É... o remédio da folha. Quando... aqui a gente faiz remédio... além de pra gente... faiz pr'os bezerro... quando os bezerro dá dor de barriga (...). Fervo as fôia do rubim e dá p'os bezerrim... passa a dor de barriga (...). Esse dá demais... é uma praga que nasci por aí afora tudo, mais... a gente faiz remédio também [...]. É... ess'aqui (*gestos*) é a folha dele novo, né? [...] Ele novo, ó (*gestos*). Aí, depois ele vai abrinô a folhinha diferente... já vai saí as florinha cor-de-rosa... dá um pendãozim de flor cor-de-rosa... espinhentinha que só! Ele dá demais por aí! (...). Eu põe aqui porque... me ensinarô... porque as cove num ia pra frente... foi só pô' [os pés de fumo plantados] cabô mes'... realmente, os bicho não vem pra cá. É ele e a losna (...). Foi um... japonêis que ensinô isso pra gente... plantá o fumo na horta (...). Mais num pode dexá demais não, senão vira praga, né? Então, a gente corta um pouco e dexa um pouco (...). Vamo' ali pr'ocê vê uma planta? (*gestos*) (...). Tem... tem uma cidreira diferente... é... ela dá assim... aquele cipó comprido, com as folhinhas redonda, com as florinha rosa... cherosinha tamém, ma' porém tem ôtro chero... não é a mêma coisa [do capim-cidreira] (...) essa é a erva-cidreira (...). Pra lenha (risos), tem tanta madeira boa... a gente tem... o sobre ... tem a sucupira (...). Num tinha, né? Num tinha médico [naquela época] Hoje que os médico... assim mêmô ainda num tá muito fácil... 'Cê marca consulta é pra daqui dois mês, três mês, né? Eu não acredito [que o remédio caseiro] seja melhor não... é mai' demorado... pra fazê o efeito, né? Ma' porém... salvava as vida, né? Muitas vezes... nem sempre... porque a mortandade, principalmente, infantil era bem maior... né? Mais sobrevivia também. E hoje... é... hoje o povo faiz pouco chá... eu falo até p'os meus neto... num gosta muita de fazê chá não... né? Mais a gente ainda faiz ainda (...). Às vez, as criança vem, a gente dá chá... xarope... né? A gente sabe que vale. Porque uma consulta médica... aqui... 'cê fala assim: 'Não é paga'. Porém 'cê tem que levantá quato hora da manhã, pa ficá na fila, pa marcá uma consulta... né? Se 'cê tem o remédio em casa... a gente faiz... evita essas coisa, né? Agora, quando é pago, por exemplo, as consultas são caras e 'cê marca pra daqui muitos dias... né? No entanto, a gente faiz os remédio em casa, às vezes, num precisa 'cê i' (ir) no médico... é muito raro quando 'cê preciso de i' (ir) em médico. Só quando é uma doença mes' [muito grave] (...). Se persisti', aí vai no médico, né? (...). Mai' a maió parte a gente cura por aqui mes'... num vai no médico não. E aqui vem todo mundo... da região intera... né... da cidade... da roça. Pra todo lado deu esse rota-vírus, mais graças a Deus não foi preciso de ninguém i' (ir) no médico (...). [Eu aprendi] mais c'a minha mãe e c'a minha vó (...). A mamona... ela é de

todos os cantos de lixo pra cima eles dão. Aqui num tem! Aqui num dá! Nunca tive um pé de mamona [...] Ele é uma árvorezinha assim... mais é mole... ela parece um bambu... porém é mole... quebradiça. As folha são grande assim (*gestos*), parece uma sombrinha. Nós ainda brincava fazê sombrinha, né... da folha... e dá o cacho... cacho com as frutinha assim (*gestos*), espinhentina (...). Da semente e da frutinha [que fazia o azeite], né? (...). As plantas abortiva é... a carqueja... ela é abortiva [...]. O pé de carqueja é só umas folha... ela sai... lá do chão aquelas folha comprida... e amarga! Amarga demais! Ela tem assim... três quininhas (*gestos*), uma folha com três quinas, sabe? [...]. É... já é abortiva... faiz o chá [...] é porque ela é muito amarga, né? Que mais? A buchinha ... é abortiva. Muito abortiva a buchinha [...]. É uma bucha igual dessas bucha vegetal... só que ela é miudinha assim (*gestos*). Eu acho que lá dentro eu tem umas... 'que a gente dá assim p'as vaca quando... elas dá cria e num limpa... aí dá a buchinha pra elas, sabe? [...]. É... aí elas limpa tudo (...). Essa é altamente abortiva. Até pra vaca, se ela tivé com o bezerrim na barriga, ela aborta ele. Não pode dá (...). A catuaba [...] é a planta [...] chama catuaba. É uma das que... os homi mais usa [para impotência sexual], né? [...]. Ela é... ela... 'cê conhece o alecrim? [...]. Ela parece o alecrim, só que a folhinha é mais cumpridinha e ela num dá pé... ela num dá o pé, ela dá moitinha, baxinha no chão assim... sabe? Só que é a moitinha igualzim um alecrinzim assim (*gestos*) [...]. Não... o alecrim eles fala que é muito bão po coração, sabe quando a pessoa tem angústia? Toma chá de alecrim pa limpá o coração, né? Porque fica assim... abafado... então, toma o alecrim (...). Tinha... a gente tingia [as meadas] com barbatimão ... tingia com a quaresminha ... tingia c'a caroba ... tudo isso dava tinta, sabe, com o urucum ... tudo isso servia pa gente fazê tinta... com o anil . O barbatimão é uma árvore de folha miúda (...) praticamente em extinção. Aqui tinha demais, mai' morre tudo. E ela servia... era tanto... que o povo comprava as árvores... pra tirá a casca, pa fazê cortume de coró (...) e para as coisas de tecelagem' [...]. Não. A folha [não usava] [...] Era da casca... da casca da árvore. Tirava toda a casca da árvore. Matava aquela árvore... sabe? Então... o povo comprava... vinha nas fazenda e comprava as árvores, por isso é que extinguiu. E tinha a gordinha também que justamente pra isso aí, pra fazer (...). Também acabou. A gordinha parece essa folha (*gestos*), desse tipo aqui (*gestos*). Arvorezinha do mesmo jeito... é... só que a flore linda... é uma flor rosa linda! Precisa de vê! [...]. A casca tudim... a casca da árvore. Tirava a casca tudo e fazia as... prensava (*gestos*) e ia pras fábrica de cortiço. Num existia isopor. O isopor que existia era da... da casca da gordinha, sabe... tipo isopor... qu'ela parecia, né? (*gestos*). A quaresminha ela dá na bera do córrego, ela é baxinha assim (*gestos*), as folha roxinha, as florinha roxinha também, sabe? A gente colhia pelos campos, cozinha e [...]. Ela ficava rosa... um rosa forte (...). O barbatimão ficava marrom... bem marrom [...]. O anil ficava azul [...]. O pé de anil é... aqui embaxo tinha muito... é... pequeno assim (*gestos*), baxo, folhinha bem miudinha também, branquicenta, piniquenta, se encostá nela quai' (quase) morria de piniquera, sabe? (...). É a carobinha (...). É da folha... ela é bem árvorezinha mesmo... bonitinha, as folhas bem durinha... só que fica assim bem em pézinha... as folhinha bem dura. Verdinha! Não tem flor, num tem nada, é só o tipim dela lá, né? (...). A pitanga do campo, né, do cerrado dá a frutinha, folhinha bem branquicenta, compridinha assim (*gestos*) e dá as frutinha vermelhinha (...), compridinha... parece uma goiabinha... porém compridinha. Tem aquela pontinha (...) sabe? (...) É do cerrado. Agora, tem ôtos tipo de pitanga, como ali tem (*gestos*) (...) mais é de quintal, né? [...] É plantada... essa é plantada [...]. Não, agora as ôtas do cerrado nasce pra lá, né? (...). A gente fala do cafezim ... cafezim tamém é abortivo [...] Chama cafezim. Ele dá uma frutinha pretinha assim (*gestos*), igual um cafezim mes'... torrado... é pretim a frutinha. Essa também é abortivo [...] É árvore [...] é árvore... é [...]. É árvore alta (...). A folha dele é uma folha molinha assim (...), tem tipo assim, mais ou meno' igual a folha da goiaba, porém mais molinha, não é dura como a da goiaba (...). Faiz [mal]. Às veiz, as criança... ele é docinho... pode chupá até! Depois da vômito até quase morrê... sabe? Porque ela é gostosa... chupa mes'... sabe? Eu mesma fui uma que feiz isso

(risos), quase morri (...). Ela é tóxica (...). Espim de agulha ... vixi! Mai' tem. Espim de agulha é um arbusto... ele dá as moita e aquês (aqueles) espim comprido... finim! Sabe? (...). Ele dava demais. Hoje, num tem muito não porque desmata [...]. É cipó... mai' num sobe não. Ele dá um cipó comprido assim (*gestos*) e a moita deita... abre assim (*gestos*) pra lá e pra cá... aquele cipoção comprido assim (*gestos*) e aquilo tudo espinho... os espim dá igual uma agulha mêmô [...]. Finim e comprido (...). Tinha muita (risos), muita praga [...]. Olha, tinha demais a... tem até hoje... a malícia [...]. A malícia é igual unha-de-gato também. Rasterinha e dá demais no mei' das tocera de arroz, feijão, sabe? A... corda-de-violão ... também... uma praga violenta. É um cipó... ele nasce e enrola pelas folhas do arroz, ou mesmo do feijão... do milho... ela enrola... vai enrolano e cobrino tudo... sabe? (...).

Narrador CuM1E76

(...) as perebera tudo! [...] Foi bão. Eu falei: '*Pois é!*'. Aí, então, é pra isso, iss'aqui. E pra tudo quanto há. E num... Não faiz mal pra ninguém, né, iss'aqui, ó! (*gestos*). Que eu faço ela [a garrafada] no vin' branco, ó (*gestos*), né? Cortezano doce [...]. Não. Ess'aqui é o próprio dela, né? Tem vez... que a gente vai comprá esse aqui (*gestos*). '*Eu quero Cortezano doce, é pra mim fazê garrafada*'. Es (eles) vêm com aquele Jundiaí. Não. Esse aí não. Isso aí é pior do que uma pinga. Isso é pior que pinga, né? É forte demais. '*Num quero não*'. Então, eu vô no Catalão comprá. Meu fi' mora em Uberlândia... eu vô lá comprá... né? Desse vin' aqui, ó (*gestos*). Então, num é quarquê vin' que põe. Então, agora, aqui ó (*gestos*)... essa raiz aqui (*gestos*)... amaro leite [...] num é em quarquê lugá que ele dá, né? [...] Ela é... ela dá mais assim... numa curtura, fresca, né? Igual na bera do Ri' Veríssimo, minha menina mora lá na fazenda... então eu vô lá rancá... né? Ela dá cada batatona assim ó (*gestos*) [...]. A rama dela? A rama dela, ela parece rama de melancia, a fôia, sabe? É rapicada. De longe... quem conhece, de longe a gente vê ela, né? Tem aqui... aqui esse amarelim aqui (*gestos*)... é... o veludo... branco [...]. Veludo branco. Essa aqui, essa branquinha aqui ó (*gestos*)... é... com'é que chama o nome dela, gente? É custoso de achá ela... essa branquinha aqui... velame branco [...]. É... o velame branco e o amaro leite [...]. O pé de veludo branco ... ele dá... ela dá... a maderá grossa assim (*gestos*), ele dá as gaia (galhas) (...), ele dá a frutinha... desse tamaim assim ó (*gestos*), veludo branco [...]. Ela fica 'marela... ela fica madura, ela fica assim, mei' 'marelinha [...]. É... não... ela é cumpridinha, assim ó (*gestos*)... mais grossinha... né? É o veludo branco esse aqui (*gestos*) [...]. O velame branco é esse aqui ó (*gestos*). Ah! A fôia? A fôia dele é... ele, ele dá a raiz cumprida assim (*gestos*), as foinha cumpridinha assim (*gestos*), por baxo das fôia é branquim... tamém. A fôia dele, né? É branquinha... (...) de longe a gente vê ele... quem conhece ele, de longe vê [...]. O velame? Ele parece... olha... tem uma ôtra no campo... que parece ele... ma' num é remédio não [...]. Bom, esse eu num sei [o nome], num é remédio, né? Num é remédio não, ele só parece... ele dá árvinha alta (alta) assim, tamém... e é branco. Ma' ele é toda branca a fôia dele... num é igual o velame não [...]. É... o velame é só por baxo. Aqui ó... aqui ó (*gestos*), essa escura... essa aqui (*gestos*)... é muito procurada... mulher... principalmente mulher, né? Procura ela demais... é o pé-de-perdiz [...]. Urrum! [...] É porque ele é... é próprio pa mulher bebê, né? O chá dele. O pé-de-perdiz. Ele é bão demais da conta, pra todo mundo esse aqui ó... [...] O pé-de-perdiz, ele é escuro, as fôia dele é escura assim, ela é rapenta... cumprida assim (*gestos*) a fôia [...]. É. A fôia dele é escurinha. A raiz aí ó (*gestos*), é escura [...] É a fôia dele é assim... rapenta a fôia dele, né? [...] É... parece lixa [...]. Eu fui criado na roça... desde menino! [...] Desde menino, eu fui criado... eu mudei pa rua já... vêi (risos). Foi que eu mudei pa rua [...]. Eu mudei pa cidade 'que os fi' casô tudo... né? Ficô só... eu ma' muié... nós vei' pa rua [...]. É mais... mais... é mais incomodo pra gente, né? Aí nós vei' pra cá. Os fi' mora tudo na roça [...]. É... tudo [...]. [Fui criado] É na região de Cumari,

aqui na bêra do Ri' Paranaí'... Ri' Veríssimo [...] Desde... desde menino, né? Fiquei lá até véi... ficá véi [...]. Ah! Tem muitos anos [que mudei pra cidade] (*risos*). Tem muitos anos que eu me mudei pra cá [...]. Dia vinte de agosto eu vô fazê setenta e sete ano... Meu vô... meu avô... qué dizê... meu bisavô... é índio. Foi pegado no laço... Então, meu avô, eu aprendi rancá raiz com meu avô e minha vó [...]. É tudo... [...] Era índio. Meu bisavô era índio puro... né? Meu bisavô, minha bisavó. Ticiania (...). [Aprendi a rancá raiz] com meu avô [...] e minha vó. Conheci tudo quanto é qualidade de raiz, né? Eu aprendi com es (eles) [...]. É, toda vida eu gostei, né? A pessoa que gosta de roça, né? Toda vida, gosta de mexê com essas coisa, trem de roça, assim, né? Então, eu saia c'a minha vó, meu avô, rancano raiz, né? Aprendi... aprendi... fiquei conheceno as raiz, ranco até hoje [...]. Ah! Eu acho assim... que mudô muita coisa, né? Mudô coisa demais. O povo de hoje, por exemplo... num gosta, qué' dizê, num gosta não, es (eles) num conhece... raiz nenhuma, né? Es (eles) num conhece raiz nenhuma, eles num... diferente do povo mais antigo... né? Que eu já tô com... já vô fazê setenta e sete ano, eu sempre falo com a muié que, eu observo muito as coisa. O povo de hoje é diferente do povo mais velho... em tudo por tudo, né? Tudo por tudo. Es (eles) é diferente de tudo. Não... es (eles) só procura farmácia, dotore... es (eles) num procura fazê um remédio desse aqui (*gestos*). Um remédio desse aqui... é mutio melhor do que um remédio de farmácia. Muito melhor! [...]. Não. Naquela época... como diz... ninguém ia em médico, né? Morava pa fazenda pra lá... cuidava era das raiz deles... né? De remédio de casa... o xarope, por exemplo, pa curá um bronquite... hoje ninguém sabe fazê! Ninguém! Eu faço. Pa curá bronquite [...]. Pois é... eu faço... remédio pa curá bronquite. Eu fiz pa minha menina... [...] O remédio tem muita raiz, tem muita qualidade de raiz que põe, né? Muita qualidade pô... de raiz. A sucupira branca... a sucupira branca... tem gente que fala: '*Iss'aí é veneno!*'. Não. Sucupira branca é remédio! E remédio bão, né? [...]. Pa fazê remédio, tira a entrecasca dela, pa fazê o remédio do bronquite. É, põe ela pa fazê [...]. É... cê põe ele num tacho (...) prepara as raiz toda... põe num tacho de cobre e põe pa cozinhá, dexe apurá... aí cê coa... apura o melado... aquele melado e vai dano as cuiezinha... (*gestos*), pa curá o bronquite. Cura. Eu curei minha menina, né? Ela sofria de bronquite. Então, tem muita remediera... era diferente em tudo, por tudo. Meus menino... meus menino, nenhum deles num conhece raiz [...]. Não, eles num guarda... na cabeça, na ideia... né? Os remédio que é. Eles num (...). É capaiz de prestá atenção, eles pó pará atenção numa coisa que... diferente de tudo dos antigo, né? Num sabe rezá... o povo de hoje, os mais novo de hoje num sabe rezá igual eu rezo... nenhum. Num sabe benzê... né? Eu sei benzê... Graças a Deus (*olhando para cima*) minhas benzeção é valida [...]. Aprendi com a minha vó. Minha vó rezava... ela rezava assim ó... falado. E rezava cantado tamém. Minha vó rezava demais. Es (elas) fazia muita reza. Minha madrinha de bastismo, chamava (...) tamém rezava muito. Eu fui lá pa fazenda des (deles), fiquei lá uns tempo. Aprendi muita reza com ela [...]. Tem [planta que usava para benzer] [...]. Ela é... hoje quase num tá teno mais, porque o povo tá bateno remé' veneno por toda banda, né? É aquela... santa-maria ... né? Santa-maria... hoje num tá teno mais porque o povo tá bateno veneno por toda banda. O povo tá 'cabano com tudo quanto há com veneno, né? Mais ela dava muito, assim, nas porta assim, ó. Principalmente lá p'as roça, né? Dava mais no terrero. Hoje num tem mais... que o povo num usa capiná mais, preguiça. Então, bate veneno pa matá... é isso [...]. Capinava... era capinado... na enxada. Agora, hoje, cabô [...]. Tem... é... por exemplo, na horta mesmo... quarqué um ramim que a gente pegá pa benzê uma pessoa... quarqué ramo serve... quarqué ramo [...]. Tem que sê um ramo verde, né? [...]. Panha treis gaim (galhinho) e benze [...] É... treis gaim (...). El'é... ela [erva-de-santa-maria] dá pequitita assim (*gestos*), verdinha. Carregadinha de botãozim... sabe, aquês (aquelas) florzinha? [...] Pequetita, é pequetita a fôia dela. Santa-maria [...]. Não, eu já vi panhá... e eu panho pa benzê, né? [...] Só [...] Não. Qué' dizê... é remédio, porque benze com ela e é valido, né? Então, é isso [...]. A sucupira branca... ela tá por toda banda no cerrado. Ela dá pau grosso, dá ela mais fino, ela é branca, ela é branca a madera

dela. Ela dá uma frutinha assim ó (*gestos*), tamém [...] [O remédio faz] da entrecasca. A fruta dela tamém é remédio. Só num pode pô muito. A fruta dela é... ela é chatinha assim (*gestos*) e redonda assim, ó (*gestos*). Dava demais no cerrado [...] É árvore. Dá arta (alta). Tira madeira dela pa fazê cerca de arame. Que ela é grossa, né? [...] Dá. Dá pra tudo [...]. Não, não. N'é pa cumê não [a fruta]. É só pa remédio. Quando ela... 'massa treis frutinha dela... com argudão, né? Se 'massá ela limpa, o óleo dela fica tudo onde 'cê 'massa, né? Então põe ela num algodãozim, compro o algodão lá na farmácia... 'massa ela no algodãozim, enrola ela no algodãozim, 'massa ela... põe ela dent' da garrava, põe o vin' e vai tomano [...]. É, é... pa curá bronquite, pa curá... ela é pa curá bronquite também, né? Que eu falei. Ela é pra... com'é que fala, gente?... Úrsera! É pra úrsera, né? Então, é... tem muito remédio... o povo de hoje num... num entende... fazê nada... nada, nada. Então, é isso aí, ó. Aqui ó (*gestos*), tem sarsa-parrera... sarsa-do-paredão [...]. É porque a sarsa-parrera. .. ela dá... no cerrado, nas grotas, assim... cabicera de grotas... então, ela tá lá aquela moitona assim... e a rama dela é fininha, sabe? A rama dela é fininha. Então, ela dá aques (aquelas) moitona, assim (*gestos*), aí ali ela deita, sabe? As rama dela é fininha. Então, ela deita... é essa... essa aqui (*gestos*) [...]. A ôta, sarsa-do-paredão ... ela é bonita demais, sabe? A sarsa-do-paredão... que a gente já fala sarsa-do-paredão é porque ela dá é na... nas pedrera, principalmente, onde tem aquelas pedra mole, que es (eles) fala pedra sabão. Então ela dá, ela gosta de dá naques (naquelas) pedrera. As fôia dela é... é assim ó (*gestos*) dessa tamaim a fôia dela [...]. É grande. O pé da fôia dela... é mais grosso que meu dedo (*gestos*), né? É bonita! Eu tinha prantano ali... [...]. Não. Ela... é igual eu tô falano, ela gosta de dá é na cabicera de grotas, né? Dent' das grotas, lá embaxo. Então... aqui tem! Tem uma grotas aqui... mais ou meno' uns três quilômetro de distância, tem ela. Aqui na fazenda dum cumpadi meu... tamém tem. Pra cá do ribeirão, né? Num é pra lá não (...). Daqui no ribeirão capaiz que tem uns... uns três quilômetro tamém. Lá tem. Eu fui lá rancá... então... é um remédião essa sarsa-do-paredão, né? Sarsa-parrera [...]. [Faz o remédio] da raiz, é. É da raiz [...]. Não. Po' fazê o chá [das folhas] [...] Pode fazê o chá [...]. Da fôia também [...]. É diferente. Porque da fôia faiz o chá, né? E da raiz é no vinho [...]. É no vinho [...]. Garrafada. É igual tá aqui, ó (*gestos*), aí [...]. Sarsa-do-paredão? Ela é pra (...) qualquer coisa no corpo, né? É igual a menino ali em cima, tomô. 'Que tem... muita gente que dá aquela... eripção (erupção) no corpo. Vai pa todos lugá, os dotor num dá conta daquilo. Incrusive... tinha um... um coisa aqui da poliça... é... com'é que ele chama, gente? Eu esqueci o nome dele... eu sei que ele já tinha andado por toda banda com a fia dele, com... eripção do corpo. Uma mocinha já. Ela já tava mocinha. Aí, num sei quem que falô. Falo assim: *'Ó! O seu (...) ali, ele faiz garrafada p'essas coisa e todo mundo gaba as garrafada dele. Que ele é bão pa tratá, assim, negoço de de garrafada, tudo e tal'*. Ele vei' aqui. É um sargento. É o sargento. Ma' esqueci o nome dele... Ele vei' aqui, falô comigo... aí eu falei pra ele. Falei: *'Ó, eu posso arrancá as raiz po senhor, mais fazê o remédio, porque eu tô doente, né? Num posso panhá o calô do fogo... mais a minha prima ali, muié do meu irmão... ela, ela... ela pode fazê a... o remédio lá po senhor'*. Mora ali perto da cadeia... Eu 'rumei a raize tudo... falei pra ele: *'Tá 'aqui ó, as raiz, assim, assim. É só o senhor arrumá uma pessoa pa fazê porque eu num posso panhá o calô do fogo, né?'*. Tava opedado. Ela pegô e feiz. A menina dele tomô o melado... diz ele que Deus ajudô, que foi a mêma coisa que tirá c'a mão [...]. É, a menina sarô, a mocinha sarô. Diz ele que tinha ido em tudo quanto era canto. Antes dela acabá de tomá o remédio... ele mudô daqui, essa sargento. Num sei se foi pa Catalão ou pa onde foi. Sei que ele mudô. Depois ele voltô aqui, sabe? Ele voltô aqui pa me pagá... as raiz, né? 'Que eu arrumei o trabá', assim, assim. Falei: *'Não senhor, eu num vô cobrá isso do senhor, não. A menina sarô? Sarô. Então tá bão. Deus ajudô que ela sarô, tá bão. Não. O senhor pôe preço no serviço do senhor (...)* [Falei] *Num vô cobrá não senhor. Vô cobrá isso não. Deus 'judô que ela sarô, tá bão demais'*. Dizeno ele que limpô... o coro da menina, né? Agora, é igual eu tava te falano aqui, agora mes' (mesmo), a muié ali em cima tamém sarô. É conhecida demais nossa aqui. Sarô tamém.

Um garrafada só, que ela levô, dessa aqui (*gestos*) [...] Essa garrafa aqui, ó (*gestos*), com o vin'... hoje eu tô cobranço cem. É igual eu tava te falano, é custoso, né? Eu vô por toda banda rancá. É catorze qualidade de raiz que tem aqui (...). Então, se eu achasse essas catorze... vamo supô assim... se eu achasse essas catorze qualidade em três ou quato lugá, só... tava bão demais', num é? Eu podia fazê mais barato, mai' não, eu sai daqui, eu vô lá na bera do ri'... arrancá raize [...] Pra todo lado. Eu vô lá na bêra do ri', eu vô lá no... arrancá raize sarsa paredão... a sarsa-parrera... tem lá na fazendo do cumpadi meu... vô lá 'rancá (...). Então, agora, do modo do ôto... se eu fô vendê baratim eu num dô conta né? Vô andá demais [...] dá trabalho demais, né? Então... tem que pô preço tamém. Eu tava vendeno a cinquenta esse litro aqui, mais tudo quanto há, subiu. Até o vin' d'eu pô aqui subiu, num é? [...] Então, tem que subi'. Dá trabai tamém, né? [...] Não. A garrafada... toda vida eu conheci as raiz, né? Maize... nós tocava era roça... sabe? Até que eu mudeu pra rua... eu, meus irmão, meus ti' (tios), nós tocava era roça, né? Mexia com roça. Tinha muito mantimento. Então, ma' depois qu'eu adoeci, fiquei... hoje eu num posso... se eu dexá um trem caí no chão, tem que pedi uma pessoa pa panhá pra mim, qu'eu num posso agachá, porque eu caí... capaiz que vai tá com uns cinco ano... que eu caí... tomei um escorregão, caí, quebrei três costela... e as custela furô meus pulmão. Operei já... quato veiz, né? Então, eu num posso agachá aqui... espreme os pulmões aqui... aí eu chego gritá de dor, né? Então, eu não agacho. Não posso agachá... é por isso. Agora, essa raiz aqui... hoje [...]. [O desmatamento] tá acabano com as raiz... apodrece as raiz tudo, né? [...] Hoje... tá desmatano, es (eles) vem, corta a raiz, ela apodrece... 'caba, né? Inclusive lá, onde eu 'ranco essa sarsa... é... coisa, é... com'é que é? Esqueci o nome dela já, ó... parece melancia. Lá tem, tinha demais lá... né? Mai' demais [...] Amaro leite, isso! Desmatô tudo lá... só acha o amaro leite em lugá de pedrera [...] É cerrado... maize... num passa por causa da pedrera, né? Lá tem muita pedra... tem aquês (aqueles) monte de pedra... só acha ali, naque's (naqueles) lugá. Ela dá cada mandioca desse tamais assim, ó (*gestos*), dessa grossura (*gestos*) [...] É, isso. Parece mandioca. Dessa grossura assim, ó (*gestos*). Po' ralá ela assim, ó (...) igual mandioca [...]. Não. O povo fazia... remédio de casa [...]. O remédio de casa, por exemplo... quando quebrava uma perna... ou um braço, uma quebradura quarquê, por exemplo, ou machucado que tivê, fazia assim, ó... os mais véi que conhecia e sabia, ia num pé de jatobá... 'cê sabe o quê que é o jatobá? [...] Não. Ia num pé de jatobá, principalmente, aquês (aqueles) pé de jatobá... antigo, grosso, esgaiado (esgalhado), dava aquês (aquelas) resina, grande, assim, ó (*gestos*) [...] É, aquês (aquelas) resina. Então, es (eles) pegava aquela resina... tirava... chegava em casa, pegava a erva-santa-maria [...]. Não. É uma ôta, eu tem ela ali (*gestos*) [...] Pegava a erva-santa-maria... é... com'é que chama o nome, gente? Eu tem ele aí dent', de veiz em quando eu faço um chá pa bebê por causa diss'aqui... Com'é que ele chama Maria? O que tá aí dento guardado? (...). Não. É... que taí uma capanguinha branca (...) Arnica. É. Pegava a arnica... a erva-santa-maria, a resina... 'massava... um pedaço daquela resina... 'massava a erva-santa-maria, punha arnica no mei'... 'massava, fazia aquele emprasto... o povo antigamente falava assim, né? Aquele emprasto... e punha naquela... em cima daquela quebradura... enrolava um pano (...). Ah! O azeite também [...] mamona [...] de mamona... fazia aquele emprasto e punha em cima daquela quebradura, enrolava um pano até ele firmá, hora que ele firmava ali, precisava nem tirá o pano... ele não... ele não sortava enquanto num sarava aquilo [...]. Sarava. Sarava. Era o reimédio dos antigo. 'Que num vinha pa rua. E ôta coisa... eu mesmo... tô com setenta e... vô fazê setenta e sete ano... tinha uma muié... tinha um... um... farmacêutico aqui... bão demais da conta, mai' dottor num tinha... tinha só o farmacêutico... num tinha dottor. Aí ele me ensinava muito remédio bão. Era bão pa tratá, né? Então, num tinha dottor aqui não, então sarava com os remédio de casa, esses trem, essas coisa assim [...]. Ela é diferente. Essa aqui... [a erva-de-santa-maria] que 'cê faiz o chá dela, igual eu que tô machucado aqui (*gestos*) 'cê panha ela, 'massa ela (*gestos*), e faiz o chá e bebe. Que ela é pra curá esses trem. Essa daí. A ôta [santa-maria], era

benzê, pititica (...). Então, é esses remédio tudo, sabe? (...) O emprasto ficava ali até sará [...] Ele num solta... a resina, a erva-de-santa-maria, o azeite, né? [...]. Arnica? [...] Ó! Eu liguei po meu sobrin', ele trabaia lá na... lá na Vale, né? É longe daqui... ele trabaia lá na Vale. Eu liguei pra ele... ele troxe pra mim... uma sacada assim, ó (*gestos*)... de arnica [...]. Ela é do cerrado. Es (eles) trabaia, lá onde es (eles) trabaia, né? É cerrado tamém. E tem duas qualidade. Tem essa que ele troxe pra mim, a gente fala ela e bebe. E tem uma ôtra que a gente compra no... na cidade, no supermercado, esses trem assim. Ela vem um saquin' assim (*gestos*). Amarga demais da conta! Também é arnica, só que ela é mais braba, né? [...]. Quarqué uma das duas [pode fazer o chá]. É. Faiz o chá e a gente bebe. Quando iss'aqui tá doeno muito (*gestos*), iss'aqui dói demais, esse trem, né? Se doê', eu peço a Maria e ela faiz o chá pra mim, eu bebo, no ôtro dia tá mió. Melhora. Ela é pra isso [...]. O pé de arnica, ele dá uma árve grande, sabe? Uma árve grande, bonita [...] As fôia dele é... dá poquin' fôia. Ele dá mais é aquês (aqueles) cacho... né? É o que tá ali, dá aquês (aqueles) cacho assim, ó (*gestos*). Uma porção de cacho em vorta dela, tudo assim (*gestos*) [...] Dá. Fruta? Não. É só os acho mes' (...). Ah! Aí, ó (*gestos*). Tá veno? [...] Não. É a futa. É a flor dele [...]. Isso é um remedi' iss'aqui ó (*gestos*). Iss'aqui po' ficá anos e anos... guardado, ó (...). Po' ficá anos e anos guardado (...). A canela-de-ema, ela dá... ela dá aquês (aquelas)... aquelas folha, pareceno folha a 'bacaxi... sabe? Num tem espin não. Ela dá aquelas fôia pareceno as fôia de abacaxi, a canela-de-ema. Ela dá cumprida, assim (*gestos*). É pra isso tamém, né? Pa machucado [...]. É. [Faz remédio] da raiz. Então, ela é pra machucado, ela é pra... dore, essas dore que o povo tá sentino muito hoje, né? No joelho, por toda banda, por exemplo... o povo tá assim, cramano (clamando) de muita dor nas perna, nos braço (...). É! É pra isso... a canela-de-ema [...]. Ela parece [a canela do animal], sabe? Porque a ema, a canela-de-ema, principalmente... quando a ema já tá mais erada, né? Ela dá aquela... corrê a mão nela, na canela dela, pra lá e pra cá... é a mema coisa de... um pau assim, caroquento. Então, ela é daquele tipo. Então, ela dá aquês (aqueles) nó que a ema tem... né, nas junta, ela tem tamém [...]. Então, canela-de-ema qu'ela chama (*risos*) [...]. Ah! Tinha. Tinha fruta... eu sempre eu falo pa Maria. Na roça tinha fruta demais da conta! Hoje, cabô. Hoje 'cê vê é... algum é de mangava, né? É... que eles tão dexano, é... argum pé de mangava, é argum pé de... de articum, aquele articum grande... dá no cerrado. É isso que es (eles) tão dexano, sabe? Mais es (eles) 'ranca tudo 'montoa e põe fogo. É isso! Aquele articum pequetito, né? Aquele dá rastero, baxin' assim (*gestos*). Aquele articum é uma beleza aquele articum. Eles 'ranca tudo. Num tem mais. Cabô [...]. Tem. Dois tipo. Esse grande que eu tô te falano. Ele dá árvre, né? E tem esse rastero [...] É. Parecido. Só que o grande... é maió, né? Um butelão assim, ó (*gestos*). Ali (*gestos*), tem dele. Alí (*gestos*), nos terreno aqui embaxo... aqui tem. Ela é grande, ma' é assim, mais ou meno da artura dessa teia pra baxo (*gestos*), né? E assim, redondado, né? (*gestos*). A fôia dele é meia redonda tamém... é gostoso demais articum [...] É rastero, a fôia do memo jeito, só que o pequeno es (eles) tá cabano', es (eles) cabô com ele, né? [...] [O gosto] é a mema coisa... é gostoso demais... cabô, né? Argum pé de mangava que es (eles) tão dexano aqui 'colá [...]. Pé de mangava ele dá mais baxo assim (*gestos*). Ele gosta de dá mais assim espraído, né? E dá aquelas fruta assim, ó (*gestos*). Gostosa demais tamém. [...] Verde [...] É. Verdinha. O articum tamém é verde [...] Não. É diferente. Ela é pequena... o pé de mangava dá mais baxo, né? É diferente. Ali tem uma fazendo. Logo aqui pertim. Sempre eu vô lá buscá uma jubeba, que eu gosto demais de jubeba no arroiz. Gosto de mai'! Sempre eu vô lá buscá... tem uma fazenda ali, dum homi (...). Fi' dele é que toma conta lá, mai'... num bate, num bateu, num desmatô. Tá lá aquele trem, né? Sempre eu vô lá buscá uma jubeba. Tem lá, tem um articumzim rastero, tem muito lá. 'Que num dismatô, o pai dele (...) também nus desmatô, né? Tá lá [...]. O pé de jubeba, ele... ela dá verde tamém. Eu plantei ele ali, ó (*gestos*) (...). É... ele dá um espinzim. Ele é danado pa fazê sangue na gente. A jubeba é petitica assim, ó (*gestos*), redondinha. Boa demais da conta, assim no mei' do arroiz, pa curti', né? Curti ela... no vinagre, pa cumê. É bão demais, né? [...]. Verde. Verdinha

|...| É. Ela... ela... o povo antigo falava assim... que a jubeba... quem sobre do figo, por exemplo, num po' cumê um trem assim, bebê leite, né? Quem sofre do figo num po' tomá leite, né? Incha. O figo incha. Então, o povo antigo falava assim: '*Não, panhá ela mai'... maize... mai' madura, mai' grande... que aí a semente dela tá maió. É bão po fígodo*'. Cozinha ela no arroz... fazi'... é (...) po' ela na garrafa, né? Pa curti'. Pa curá o fígodo |...|. Não. Ela é 'margosa. Amarga. Po figo, né? Então, tudo quanto é 'margoso o figo acha bão (*risos*). É... eu até prantei um pé ali (*gestos*), já tá dano muito (...). É. O cabo-verde |...| é... igual a jubeba, só que... ele é... a gente 'ranca ele assim... no cerrado tamém, né? Na onde tem muito cascái, esses trem assim, ele gosta daques (daqueles) lugá. Ele dá raiz assim (*gestos*), desse tamain' assim (*gestos*). Ele amarga, mais amarga mes', pa (...). 'Margoso |...|. Não [dá fruta]. Ele dá só a rama (...). A marcela é de casa, né? A marcela é mai' pa criança... o povo usava plantá ela pa criança. Dá pa criança... assim, dá pa criança assim, que num tivesse nasceno dente, né? Que se tivé rompeno dente, num pode dá |...|. 'Que ela enterrompe o dente, num dexe |...| A marcela, é |...|. É pa cortá desanda nas criança... criança tá, assim, desandada dá, né? Fazia o chá e dá |...|. Não, o chá... da fôia... então, muita gente largô de prantá por isso. Porque num sabe... fazia o chá a criança tava rompeno dente, num sabe e dá... e num pode. Mata a criaça (...). Marcela é prantada em casa que é, né? Assim, põe... pranta ela em casa, ela dá... se plantá ela um barde véi, numa lata véia, ela dá assim que chega dependurá, assim ó (*gestos*). Fica verdin'! |...|. Não. É coisinha miudica (...). Manjeroma |...| é de fazê chá pa criança também |...| Não. Em casa. Eu tem ali (*gestos*), plantada. Cherosa. Precisa de vê |...|. É... essa eu prantei... é igual 'cê prantá... se conhece hortelã? Fazê quibe, esses trem assim? É igual hortelã |...|. Não. Ela só num parece hortelã porque as foinha dela é miudinha, né? Mais é... pranta ele igual hortelã, pranta o pé dela... no chão |...| É, rastero (...). É o óleo de pau eu tem ele aí tamém, tirei. Muita gente fala o óleo de capáuba (...). [Eu retiro] do óleo |...| O óleo é uma maderá que dá no cerrado... ali tem demais del'ali ó (*gestos*), ele dá grosso. Então, eu tirei lá. Eu falei com o homi, com o dono. Ele até já morreu, coitado! (...) Morreu, agora há pouco. Falei com ele, ele falô: 'Não (...), pode tirá o que o senhor quisé. Tem ói (óleo) demais nessa... pa toda banda aí. Eu tirei |...| É. Uma árve. Eu tirei dois vidro assim (*gestos*). É... pa curá qualquer coisa tamém. Assim... ferida... esses trem assim... 'cê passa. Num po' passá demais não que sara digero (ligeiro). É. Tem que... passa uns dia, faia (falha) uns... uns dia, né? Se passá (...), sara depressa |...| Furei. Furei ele. Fura a maderá, né? No trado... põe um cano, depoi' vem, põe um ôto cano pra baxo assim (*gestos*)... põe a garrafa e dexe |...| ele vai saino |...| É. Muita gente tira a maderá dela pa... fazê curral, né? Pa...tirá pa fazê taba, tirá umas taba. Só que... ela num é uma maderá, assim, forte, né? Pa aturá mutios ano... mas tira |...| Aí, (*risos*), aí 'cê num (*risos*) é só quem conhece memo (...). Nós toma [gotinhas do óleo] no café, né? Pra mim por exemplo... que tô machucado aqui, ó (*gestos*), de vez em quando eu tomo três pinguin' no café tamém (...). O óleo? Não. Ele é diferente das ôtas maderá, assim, tudo, né? Ele não parece uma c'a ôta, por exemplo, as maderá, né? Muito custoso uma maderá parecê com a ôta, né? Maize... pa quem conhece ali tem demais, ali do ôto lado aqui, ó (*gestos*) (...). Ah! Eu lembro quando nós era criança. Que morava na roça... tinha muita frutinha, né? Tinha um ôto articunzim . Mais pequetito assim, ó (*gestos*). Ele madura... ela fica vermeim! Nós gostava de comê ele. Tem pitanga, né? A pitanga , ela é pequena, assim ó (*gestos*), fica 'marelinha. Nós gostava de comê ela também, a pitanga |...| É. Num é nenhum dos dois [tipo de articum que falei antes]. É um ôto pequeno, ela dá pequetito assim ó (*gestos*) |...|. Não. É diferente |...|. É. Diferente. Esse que eu tô falano agora, por último, esse pequetito, ele dá despontadin', ele é grosso aqui e afina pra baxo assim (*gestos*). É um tamaim assim, ó (*gestos*). É docin'! Cabô tudo |...|. O... é dele é mais diferente do ôto. Ele dá articum assim, ó (*gestos*), quando ele tá com as fruta... tava com as fruta, quando tinha, de longe a gente via ele, né? Que ele ficava vermeim, né? Docin'. Cabô tudo. Num vejo nada mai' não |...|. Todos os três [chamava articum]. Ela [a folha do articunzinho vermelho] é cumpridinha assim, ó (*gestos*), larga assim,

ó (*gestos*). É... é tudo diferente uma do ôto [...] Só. Só um tipo de pitanga. Ela é miudinha assim, ó (*gestos*), nós gostava de chupá ela [...]. Tem, tem aquele... com'é que chama, sô? Esse dá no cerrado tamém... esqueci o nome dele. Tinha fruta demais (...) a gente andava no cerrado e entertia (entretinha). Hoje cabô. Tem nada mai' não. Eu num sei com'é que eu ainda tô achano dessas raiz aqui, ó (*gestos*). Só que é nos monchão de pedra, né? Que fica... tratô (trator) num anda. Nada num anda, aonde tem eza (elas) agora. Ma' onde o tratô (trator) andô ele rancô tudo, cabô com tudo. Tem nada mai' não [...] Não, [o pé de pitanga] é pequetita [...]. É. Ele é pequetita, assim, ó (*gestos*). Branquinha, sabe? Ela é fina. Ela é fina [...] Essa que eu falei? Vermeinha [...] É [...]. Não. É diferente. É tudo diferente uma da ôta, né? Tudo [...]. Ah... assim, na hora, assim, a gente num lembra, né? Mais tinha fruta de demai'. Mais demai' mesmo! Eu fui criado na roça...até ficá véi. Depois mudei pa cidade... ficô só eu ma' a mulher... a gente vai... a gente vai esqueceno das coisa tamém, né? Já tô com setenta e... já vô fazê setenta e sete ano agora. A gente vai... vai esqueceno muita coisa [...]. Ah! Não se estranhei? Estranha demais, né? Estranha mesmo. Na roça é muito melhor. Na roça num tem... como diz o modo do ôto: na roça num tem nem comparação com morá cidade, né? Na roça é bão. Na roça 'cê pranta o que 'cê qué. 'Cê cói (colhe) muito mantimento, igual eu cuía (colhia). Eu tinha era pia (pilha) de saco de arroiz, pia (pilha) de saco de feijão dent' de casa. Eu, meus irmão, meus primo. 'Cê muda pa rua, 'cê num tem nada. Então (...), eu tem um quitale ali, ó (*gestos*). 'Cê pode chegá e oiá ali, ó (*gestos*). O quintale é pititico, e tem tudo quanto há, plantado ali, ó (*gestos*). Tem remédio prantado, tem cove, tem... tem tudo de comê plantado ali, ó (*gestos*). Ainda antes de ontem eu 'ranquei...cinco pé de cará... cinco cova de cará ali, ó (*gestos*), esse cará grande de espin', que es (eles) fala cará de espin' [...] É. Arranquei cinco cova, os cará desse taman' assim, ó (*gestos*). Na rua 'cê... na rua ele num é igual na rua, esse [...]. Não. Tem [vários tipos de cará]. Esse cará de espin' é o mió, né? Que es (eles) fala cara de espin' por ca', que a rama dele... dá... dá uns espin' longe um do ôto, assim (*gestos*). 'Tão es (eles) fala cará de espin', ma' o cará mes' num tem espim não [...] Não. É diferente. Esse, a rama dele dá os espin', né? E tem um ôto que eu 'ranquei ali, es (eles) fala assim: cará pé de ema . Es (eles) fala cará pé de ema (*risos*), porque a ema é do pé esparramado, né? Então, dá aquele... dá esparramado, assim no chão. Dá aquela batata assim, no chão, né? Cará. Es (eles) fala pé de ema. É diferente do ôto [...] Não. Tem mais dois. Tem... igual nós compra ali, no supermercado, ali (*gestos*). Ele é desse tamaim assim (*gestos*), es (eles) compra e traiz desse tamaim assim (*gestos*), lisin', né? E tem aquele ôto, carazin' desse tamaim assim (*gestos*), é... cará do ar [...]. Cará do ar que es (eles) fala, porque ele dá na rama, ele num dá no chão. Num é no chão. Ele dá na rama, assim (*gestos*) [...]. É. Ele cresce [...]. Não. Num é árve. É um cipó. Ele cresce, por exemplo, iguale, assim numa árve, num pé de manga, uma coisa. Ele cresce... os cará dá no cipó dele, lá em cim. Dá... até desse tamaim assim, ó (*gestos*) [...] É. Cará também [o que compra no supermercado] (...). É esse liso [...]. Na roça nós plantada tudo quanto há, nós plantava, né? [...]. 'Cê fala é inseto, esses trem assim? [...]. Ah! Não. É... dá... dá capim, né? Capim, ramo, por exemplo. Nós plantava era em roça de toco [...] Roça de toco é assim, vamo supô (*risos*). É... é mato. Mato, é uma mata virge', por exemplo, né? Que nunca foi roçada... ou uma capoera. Capoera é, por exemplo: é onde já foi roça, depo' vira mato de novo, né? Então, 'cê roça, põe fogo, desencorvára (desencovila) e planta. Então, vem broto... né, da madera, vem de novo, capim [...]. Esse que eu tô fala no que capina? Não. É ramo mes'. É... capim [...]. Não, é... capinava tudo [...]. É. Limpava tudo [...]. Não [usava veneno]. Limpava tudo. Ficava limpin'. Dexava só a pranta mes', né? Aí, a pranta vinha, madura e a gente comia, né? Quand'era no tempo de plantá de novo... nós ia pa roça, limpava tudo 'tra vez, ciscava, pa podê prantá, né? Punha fogo naqueles (naqueles) monte de cisco, pa podê prantá de novo [...]. Não. Cortava nada [...]. Na roça? Não. Na roça, por exemplo... num tinha essas coisa não, de roça assim... pranta... é só mesmo as que nós prantava, né? Arroiz, milho, feijão. Essas coisa [...]. [A gente não cortava os pés de] gueiroba

|...| bacuri... né? Esses nós dexava tudo. Gueroba, bacuri, dexava. É o que tinha no mei' dos mato, né? (...). Não, aí já não tinha nada mais, né, [que não podia cortar] (...). A gueroba é aquilo lá, ó (*gestos*). Tá veno? Aquela árve lá? (*gestos*) (...). O bacuri é baxim |...|, ele dá fruta, dá... ele dá uns cacho de coco, né? Só que... a gente num come. Ele... ele é duro, a casquinha dele é dura, né? Mais a folha dele, incrusive, eu até busquei. A lá, ó (*gestos*). Aques (aquelas) fôia que tá no chão lá, eu busquei ali em cima num quintal, pa mim tampá umas muda que eu plantei ali hoje. Plantei, então, tampá do sol, que o sol tá muito quente. 'Cê agôa cedo, quand'ê de tarde tá seco |...| Não. Eu põe, é... eu põe ele em pé, fazê sombra lá, né? |...| Ah! Eu ali, tem... tem tanto trem prantado. Eu tem cove, eu tem mostarda, tem armerão... é... tem a... hortelã. Tem dois cantero de hortelã, que eu gosto demais de quibe, né? Então... tem que dá muito hortelã. Tem... é... aquele que a gente gosta demais de po' ele no frango, é... a sarsa. 'Cê conhece? |...| A sarsa... qué vê... aí ela ali, ó (*gestos*). Tá veno, essa verdinha aí? |...| É. É a sarsa. O ôto é o hortelã... as cove lá, ó (*gestos*). Tem... a lá as mostarda, a lá, por lá (*gestos*)... a lá as mostarda verdinha lá (*gestos*), também? Pimenta, tem muita pimenta. Aques (aqueles) cacho de banana lá, ó. Vei' lá d'Uberlândia pra mim, as muda (...). Então, eu gosto de plantá. Eu gosto de tê meus trem |...|. Aqui ó (*gestos*), tem a... on' donde nós tocava roça, lá na bera no ri'... tem a... com'é que chama? Aroera... tem aquela... é daquele pau ali, ó (*gestos*). É... a gente esquece, gente! O nome das maderá... Tinha maderá demais de fazê casa, né? Que... inclusive essa casa aqui (*gestos*), as maderá dela aqui, ó (*gestos*), é tudo de lá, ó (*gestos*). Essa casa véia aí, ó (*gestos*). É. Peroba! Peroba, iss'ái, ó. Do modo dos antigo falá: iss'ái é atura até 'cabá (*risos*). Peroba, né? Tem aquela... tem duas qualidade de peroba |...|. Tem a peroba 'marela e a peroba vermeia . É |...|. Não. É diferente. É diferente a fôia... a maderá dela é diferente, né? |...| Peroba rosa... tem peroba rosa também |...|. [A peroba amarela] dá uma maderá grossa, assim ó (*gestos*), sabe? Alta. Aquela maderá bonita, sabe? Não tinha gáí (galho) embaxo não. Só lá em cima. Maderão |...|. Hoje, cabô tudo. 'Cê sabe por que? Aind' inclusive... agora há pouco, es (eles) roçaro uma mata que tem ali na frente... então lá, chamava... acho que ele já morreu... é, acho que morreu e es (eles) estragô a mata tudo. Desmataro a mata tudo, sabe? Lá tem peroba lá... das três qualidade. Po' juntá três homi assim, ó (*gestos*), fazê assim (*gestos*), três homi assim (*gestos*), num abraça a maderá dela embacho. Cabô. Desmatô tudo! Gueroba... se 'ocê vê o tanto de gueroba... que es (eles) desmataro tudo e botô fogo... nessa mata aqui. N'é longe daqui não. N'é longe da Cumari não. Mais ou meno'... umas três légua daqui lá. Desmatô tudo! Mai' por que? Corre dinheiro. Aí, desmata... se num corresse dinheiro, num desmatava, né? Desmataro, mai' corre dinheiro... aí, pode desmatá. Cabô com tudo! Limpô! Tanto a mata, como as gueroba que tava lá... quê tinha gueroba |...|. É, uai. Como diz o modo do ôto, né? É uma mistura das mió (melhor)... é uma gueroba, né? Eu fui... eu vô... eu sempre vô lá no Catalão comprá... tem um homi lá que ele... vende gueroba lá. A gente compra uma desse tamaím assim, ó (*gestos*), pra mim ma'a muié dá pra fazê quato vez. É bão demais uma gueroba! Então, o povo tá 'cabano com tudo |...|. É... tanto faiz uma como a ôta, sabe? Dá aquele maderão [o pé de peroba] |...|. É a qualidade dela |...|. É a qualidade, é. É... a 'marela. Tem a peroba roxa , né? Que é aquela ali, ó (*gestos*)... que es (eles) usa plantá muito ela na rua, hoje, né? Tem, tem a peroba branca , que es (eles) fala que é de fazê pa bebê num sei pra quê... essa eu num sei. Então, tem diversas qualidade |...|. Tem catorze qualidade [de raiz na garrafada]. Aí, o tanto de raiz que põe, né? Aí põe o vin'... quê esse aqui, ó... eu vô no... ia, porque hoje eu num tô prestano... hoje eu num posso 'rancá mais, por causa do negócio, né? Pra mim 'rancá hoje eu tem que 'ranjá, pagá uma pessoa pa i' comigo, p'ele 'rancá pra mim. Falá: 'É essa aqui [né?], é essa aqui'. P'ele 'rancá pra mim. Então... tá esse tanto de raiz aqui, aí 'cê põe o vin', ela incha, ela fica aqui, ó (*gestos*) (...). Hurum! Ela incha no... no vin'. Quê isso aqui, ó (*gestos*), eu vô lá 'ranco... chega aqui... eu lavo... né? Lavo tudo bem lavadim... pico ela assim, ó (*gestos*), eu pico ela assim (*gestos*)... põe ela lá no sol |...|, põe no sol... dexa ela secá bem secadin', pa depois eu guardá... né? Pa

num... num embolorá. Que se guardá ela moiada (molhada), ele embolora, né? Então, eu seco ela bem secadinha no sol... e depois... fazê assim (*gestos*) |...|. Aí... aqui, ó (*gestos*), tem catorze. É... veludo branco... vai falano aí (...). Ah! Então, tá. Mais aqui tem catorze qualidade... qué vê... esqueço demais... eu tô esquecido (...). Argodãozin' branco |...|. A gente esquece demais da conta os trem! A Maria... a Maria tem que tá me ajudano e lembrá o nome aqui ó... Ma' se eu vê assim, ó (*gestos*), eu reconheço tudo, dona |...|. O pé de algodãozin' branco, ele é |...|. Não. Esse é do cerrado minha fia, esse ele dá o pé, o pé dele se ele fô da grossura do meu dedo assim, ó (*gestos*), por exemplo, ele dá arto (alto) assim (*gestos*) e é roxo... o pé dele é roxo... né? |...|. É verde [a folha]. Se ele fô da grossura do meu dedo assim (*gestos*), madeira dela pa riba, o pé dele... a raiz dele lá embaxo é grossa assim (*gestos*)... cumprida... é um mandiocão, sabe? Dá cada mandioca! Precisa de vê! Po' pegá ela... cascá e ralá igual... igual de ralá uma mandioca... molin' |...|. É. É da raiz [que faz o remédio] |...|. Não [dá algodão] Ele dá a flor... só a flor |...|. É, parecido as fôia dele [com as do pé de algodão comum] (...). Não. Esse... o argodão ganga, esse é prantado |...|. Não. Esse a gente planta ele na roça igual o branco. Igual o algodão branco mes', né? |...|. É porque ele é ganga. Tem o argodão branco e tem o argodão ganga |...|. (*Risos*) ganga? (*risos*). Ele é assim parecido com uma ferruge' |...|. Não. Ele não é branco. Ele é parecido com uma ferruge' |...|. É... ele, então... eles...fazia... ropa, né? E trançava o branco, a linha branca no, no algodão ganga. Principalmente, uma carça de homi, por exemplo... aí, es (eles) trançava o branco, a linha branca com a linha ganga... ficava bonito a carça, né? O tecido (...). Era prantado na roça. 'Cê vê... o algodão ganga, né? O branco... largô até de plantá... quê num tá existino roça mai'. Principalmente pra cá... no Goiás. Num tá existino roça mais de nada |...|. Uai, eu num sei porque. Porque igual eu, por exemplo, meus irmão... minha famia... vamo' falá assim. Todo mundo gosta de roça. Nós num pode i' pa roça, morá na roça mais... os fazendero num qué. Fazendero qué um agregado só na fazenda... e acerta... acerta com o agregado de ano em ano... por que será? Num sei |...|. Antigamente, nós morava numa fazenda aí... doze, quinze, vinte ano, igual eu morei, né? Os fazendero num importava... maize até... como se diz... 'té dô razão. Hoje, eu dô até razão. O cara mora numa fazenda um ano... ele qué recebê indenização... do fazendero. Antigamente, num tinha isso. Antigamente, ninguém gostava dessas coisa, por exemplo. Eu, por exemplo... morei na fazenda até ficá véi... nunca fui ...lá na lei p'um fazendero tê o direito pa mim pagá não |...|. É... então... qué dizê... eu tem que devê obrigação pra ele, dele tê me arrumado um lugá pra mim morá, pra mim trabaiá... num é? Agora, hoje não. Hoje é diferente. Trabaia um ano na fazenda aí, o cara qué recebê indenização. Trabaia seis meis... qué recebê indenização. Então, os fazendero fica com medo |...|. Nós trabaiava... ele dava... por exemplo: condição d'ocê criá um porco... né? D'ocê pessuí (possuir), uma, dois, três vaca que ocê pudesse comprá, no pasto dele, ele num cobrava... então, era assim, né? |...|. Trabaia pra ele. Ele pagava o meu serviço |...|. Então, é tudo diferente, hoje |...|. Ah! Na roça, fazia muita coisa, né? (...) muito serviço |...|. Tinha muito serviço. Eu mes' trabaiei... na roça, quando eu tava sortero, rapaizin' novo... eu trabaiei prum fazendero, quê lá hoje, onde tá minha menina, hoje. Só que num é dele mais, hoje. Nós era cinco vaquero. Nós tirava leite. Curral chein' de vaca... pra tirá leite. Naquela época... tirava leite, punha nas lata que querosene... es (eles) comprava as lata de querosene, lavava... passava um fogo nela por dento. Nós tirava 25 lata de leite, naquela época! Levantava de madrugada... e tirava... curral, tirá leite. Vinte cinco lata. Cinco vaquero. Então, era assim, né? Agora, hoje... na ordenha, né? Num estantin' tira muito leite, na ordenha. Num é mais assim... na mão. Já tira na ordenha, já tira do peito da vaca, já vai direto pa ordenha. Num tinha o trabai de carregá igual nós carregava. Nós carregava lata de leite, lá do curral, lá pa casinha de lá, chamava a casinha de... lá... desnatadera... era leite... desnatava, né? Pa tirá a mantega. Era assim |...|. Ah! Depois do leite, nós ia... mexeno com ôto serviço, né? Limpá o mandiocal... corrê os pasto... oiá o gado... é assim |...|. É sempre... sempre é que eu falo aqui:

aqui mes' tem uma muié... uma senhora... hoje cedo ela passô aqui (...), ela não sente nada... ela tá com a cabeça branquinha, igual uma prasta de algodão, custano a andá. E a irmã dela, tá lá na UTI, tá ruim. Sempre eu falo com a Maria: *'Tá veno, essa senhora aqui, ó (gestos), dona Alzira. Isso trabaiô demais na vida dela. A ôta irmã dela que tá na UTI, também... trabaiô demais na vida dela'.* E 'cê sabe... elas mes' fala que nunca sentiu uma dor de cabeça. Por que? Elas criô muito fi'... mas era assim, ó: tava grávida... es (elas) tava tomano remédio do campo. Ela criava o nenê... marido corria no campo... ia arrancá as raiz pra ela tomá... durante três, quato meis, cinco meis ela tomano raizada do campo. É por isso é que ela tá aí forte, aí ó (gestos). Veinha desse jeito aí e andano, ó (gestos) [...]. Não. É essas aqui. [Elas tomavam] é a mesma dessas aqui. Tá aqui, ó (gestos). A Maria conhecia, sabe? O povo antigo... todos antigo conhecia... a raize, sabe? Agora, hoje, ninguém conhece não. Então, é onde taí, óia... minha menina... que mora ali em cima... é a Camile, minha gordinha, aí (risos) (...). Eu fiz pra ela a garrafada... tá lá até hoje. Num tomô. Tá lá (...). Semana passada eu fui lá, falei assim: *'Que poco caso 'cê feiz, hein! Do remédio qu'eu arrumei pr'ocê, hein!'* Num toma [...]. Num qué sará, uai! Num qué sará. É onde o povo de hoje num presta por causa disso. Tá nova, tá novo e num presta. Eu vô fazê setenta e sete ano e tô aí fortão. Eu tô mais novo quê meus fi', mais novo quê meus fi'. Eu quero que chega um des (deles) pro 'cê vê. Tô mais forte que meus fi' [...]. Seis [filhos]. Qué dizê... seis com a ôta, né? Qué a ôta me largô. Num sei porquê. Nós num brigô, nós num discutiu. Ela me largô [...]. É. Com a primera [...]. Com a primera eu tem cinco, né? Tem uma [filha com a minha segunda esposa], que é essa que passô aqui, ó (gestos). Só uma. Com a ôta nós viveu junto... doze ano. E ela me largô num sei porquê. Nós num brigô... eu tava tocano roça, eu tava (...) no serviço... cheguei em casa, num tinha ninguém em casa. Nós num brigô, nós num discurtiu... ela saiu de casa. Eu fui... depois [que] ela saiu de casa... eu fiquei assim... fiquei assim, esquisito, sabe? Peguei e falei pa minha mãe: *'Mãe, eu vô embora'.* Pra onde, meu fi'?' Falei: *'Eu vô embora pro norte'.* E fui... pro norte. Fiquei pra lá oito... nove meis... nove ano. Depoi' eu vim. Vim... minha mãe tava morano ali na frente. Ela tava aí, me cumprimentô. Ela mandô falá pra mim vortá pa trais, quê os menino tava numa brigaiada danada, numa bebezão danada. Falei: *'Não. 'Cê me largô... nós num brigô, num teve nada, 'cê me largô. Num vorto não. De jeito nenhum! Te quero mais de jeito nenhum! Nem pintada de oro mais!'* Ficô. Aí, fiquei uns dia aí... fui embora pro norte 'tra vez (...). Da primera vez que eu fui, fiquei nove ano [...]. Porangatú... lá perto de Porangatú (...). É. Goiáis (...). É. Fui pra lá. Aí, vortei pra cá, tornei a vortá pa trais. Mais aí, já fui pr'aquí, pro... Estrela do Norte. Fui pra lá. Lá fica (...). Vortei pra cá... fiquei aqui. Deus pois essa muié no meu camin', nós tá viveno junto até hoje. Graças a Deus! [...]. Tá com trinta e sete, trinta e sete ano que vive junto eu mais ela [...]. Graças a Deus nós vive bem. Nunca briguei... eu mais ela. Graças a Deus nós vive bem. Criô essa menina. Meus menino vem aqui... né? E ficô. Depois, ela queria que eu vortasse pra ela, *'mai' eu num quero não'* [...]. Novo, uai. Eu era novo [quando eu casei pela primeira vez] [...]. Ah! Nem num lembro mai'. Eu era novo [...]. Era tudo novo. E ficô. Mais Deus pois essa no meu camin', nós tá até hoje. Graças a Deus, né? Tá bão. Mais a gente passa muita, por muita... muita tribulação na vida, né? Qué lá no norte... eu quai" (quase) morri lá. Maleita. [...] Maleita [...]. 'Panhei uma maleita lá que... quase, quase me mata. [...] Uai, eu sarei foi assim, ó: eu fiquei ruim demais... magro, num comia, só deitado numa rede... lá... tinha uma moça... d'um primo meu, que era pr'eu i' pra lá, eu fui com es (eles). Ela chamava Darci. Essa moça que ficava cuidano de mim lá, sabe? *'Euripe 'cê qué cumê? Não. Quero não. Cê qué isso? Não. Quero nada não. Eu quero é i' (ir) embora. Quero embora pa minha casa... lá pa minha mãe'.* Aí es (eles) arrumaro e me mandaro pra cá, né? Mais eu tava ruim, tão ruim... que es (eles) me largaro lá em Goiânia. Me truxeram até em Goiânia, né? Me dexaro lá. Aí, eu tava lá assim... já tava perto do trem de ferro passá pra cá, né? Chegô um rapaizim lá, do Araguari. Chegô lá e sentô lá... logo eu... comecei tremê. *'Falô: Uai, quê que 'cê tem? Falei: Ah, menino! Eu tô numa maleita que num*

tem nem jeito. Eu preciso de i' pa estação pegá o trem de ferro pa eu i' pa minha cidade... e eu num tô dano conta. Ele: 'Ora, sô! Eu vô pra Araguari. Eu te levo até lá [né?]. Te levo até lá. Eu vô passá no Cumari, né? Eu te levo até lá, ué. Vô cuidano d'ocê até lá. Rapaiz novim, sô. E assim... e assim ele feiz comigo. 'Oh! [Aí ele olhô] Oh! Vamo pa estação que o trem de ferro tá pa passá'. Eu acompanhei ele, eu fui. Chega lá, danei tremê 'tra vez! Eu tava ruim (...). Aí, ele me levô lá pro banco, que era aquês (aqueles) banco assim de pau, né, o trem de ferro. Aí, sentô lá, foi lá... 'rumô tudo lá... foi lá na (...) cozinha lá, 'rumô uma pratada de comê... com tudo misturado lá... levô pra mim. 'Falei: Ê, menino, eu num como. Num tem jeito d'eu comê. Não, ma' 'cê come um poquim. E foi e tal. Num tem jeito d'eu comê não [comecei a prová o comê que ele levô... laguei]. Não, então dexa aí'. Ficô. Pois ele vei cuidano de mim lá de Goiânia aqui, ó. O trem de ferro, distriô(destrilhou) lá em... em Leopoldo Bulhões... e lá, e ficô. Chegô aqui... aqui na estação aqui era meia noite. Ele foi lá no banco onde eu tava tremeno lá no banco: 'Euripe, ó, 'cê tá dento da sua cidade. Vem cá. Se não 'ocê va'... 'cê passa'. Me levô lá, lá na plataforma... até eu apiá (...). Aí, eu... apiei e fiquei. Bom, fiquei. Minha mãe... num morava aqui mai' não. Morava lá na bera do ri'. Num fazendero lá. Aí meu padrim falô: 'Ó, sua mãe mora lá no inhô Gerardo. Lá da bêro do ri'... e coisa e tal. Eu falei: Eu quero i' embora. Quero i' embora lá pa onde tá minha mãe. Aí, minha avó pegô e falô assim: não, meu fi' (filho), amanhã eu te levo. Hoje num dá pa i' mai' não, uai. Já tá escureceno. Já tá de noite. Amanhã eu te levo lá'. E ela me levô. Aí, chegô lá, a fazendera falô pa minha mãe assim: 'Dona Olina, eu vô falá po João meu 'travessá a senhora mais o Euripe pra lá... po ri' pra lá... na canoua... e a senhora vai lá na dona Maria Sôta [chamava, a véia chamava dona Maria Sôta. Eles tratava ela assim]. Deus ajudano, ela vai curá ele. Não, dona (...), então fala pro João 'travessá nós pra lá' [Ele 'travessô nós pra lá cedo. Nós foi. É um morro... assim, ó (gestos)] Hora que a senhora dé lá no alto, no chato lá, tem um fazendero lá. A senhora procura ele por ela. Ela mora com os fazendero. [Aí, nós foi. Aí, nós chegô lá nesse fazendero... lá no chato do morro, lá...]. Minha mãe procurô por ele, ele: não, senhora, é aqui ó (gestos), a senhora atravessa por dento do curral... tem aquela grotinha, uma grotinha na frente ali (gestos). A senhora atravessô a grotinha, a senhora já tá veno o ranchim dela. [Nói' foi. Menina, do céu! Aí, nós chegô lá no ranchim dela, minha mãe bater parma, ela vei' 'rastano uma saiona, a saia dela 'rastava no chão assim, aquele mundo de trem, né?]. Ela vei'... vei'... vamo' entrá pra dento, dona [falô pa minha mãe... não, ela falô foi fia] Vamo entrá pra dento, fia (filha) mais o fi'(filho). Aí, minha mãe falô com ela, ela: não, minha fia, iss'é coisa à toa. Essa maleita que tá no... no fi' (filho)... iss'é... iss'é coisa à toa! Deus ajudano... é coisa à toa! Entra pra dento... vô passá um café aqui pra nós [ela feiz um café... eu custei bebê o café dela, e era aquela xícra esmartada (risos), um café 'margoso, menina! Ela pois uma xícra pra mim e uma xícra pra minha mãe. E eu custei foi bebê o café dela! (risos). Ma' bebi... na casa dos 'ôto, né? Bebi, minha mãe bebeu...] Aí, na hora que cabô de tomá o café ela falô assim pra mim: fi' (filho), me acompanha aqui um poquim. Aí, ela foi e eu fui atrás dela... [um pau, dessa grossura assim, ó (gestos), era um palito de arto (alto), lisim, precisa de vê]. Aí chegô lá nesse pau... ela me pois com as costa encostad'assim, no pau assim (gestos), bem em pé... e ficô de lado, assim (gestos)... e começô a me benzê... é custoso! (risos) Começô a me benzê lá... eu só via ela mexê c'a boca e... costurano... (...) Meu fi' (filho), sai com o pé direito na frente... e daqui até travessá o ri' pra lá... 'cê desceu esses morro tudo aí e 'travessá o ri' pa lá, 'cê num óia pa trás não... viu? (...) Aí, do jeito que ela me explicô eu fiz, né?... Des' da hora... que ela me benzeu... eu não tremi mais! Graças a Deus! Eu não tremi mais! O cabo eu acho que nem (...) num ficô. Que até hoje... Graças a Deus! Chamava... ela chamava dona Maria Sôta... ela falô: 'O senhor não passa aqui perto desse pau [antes d'eu saí de lá, né?] nem se ele num tivé aí mais... o senhor num passa aí não! O senhor lembro que o senhor foi curado aqui. Que ele vai morrê!' |...| Nunca mais! Des' da hora que ela me benzeu... nunca mais senti nada! Uai, a

maleita (*risos*), a maleita 'cê treme sem querê, uai [...] do nada. Treme, num come... a água, 'cê vai bebê, a água tá sem graça... maleita é um trem dos mais triste que tem no mundo (...). A maleita ela vem... duma picada de inseto... ela vem... d'uma água catinguda, né? Ela vem de diversas... de vária' espécie de trem (...). Tem lugá que 'cê vai bebê a água por exemplo... a água salgada, né? Então, aquela água ali... ela num é... sadia, né? Então, ela vem de muitos trem, de muita espécie de trem. Então, hoje tá existino esse negócio de dengue, né? Então, é um trem esquisito... é... mai' graças a Deus eu sarei... mai' eu quase morri. Nove ano eu fiquei lá no norte... lá em Parangatu. Ma' eu qua' (quase) fui. A maleita... a maleita, ela num trata ninguém pra escapá não. Mais tem muito... tinha, né? Hoje num tá existino... benzedô mais. Muito custoso 'cê achá um benzedô bão (...). Com'é que é? Eu tô surdo, sô [...]. Tem a aroera e a aroerinha [...] a diferença das duas é que a aroerinha é baxa... ela é... ela gosta de sapecá a gente, né? (*risos*). Aroerinha... aroerinha num é pra nada não... só que aonde tem... ela tampa o chão [...] dá rastera... aonde tem ela, ela tampa o chão [...] não, ela dá mais alta, né? Aquelas vara arta (alta) assim (*gestos*), daqui pr'ali assim (*gestos*) [...] A aroera é de tirá maderá pa fazê casa, né? A aroera... o... aquele ôto que eu falei pr'ocê... o nome dele taí, ó (*gestos*), peroba [...] O bálsamo ... o bálsamo é uma das maderá mió que tem, é o bálsamo... e o bálsamo é remédio [...]. É uai. O bálsamo é de curá... reumatismo... esses trem assim que dá na gente, sabe? Reumatismo... essas doraiada. O bálsamo é uma beleza! [...] Faiz o... o banho dele. O bálsamo dá raiz tamém, dá...qué dizê, dá... com'é que fala? É a... que eu falei pr'ocê que dá no jatobá é... eu esqueço, eu esqueci com'é que chama [...] Não. O bálsamo dá semente tamém. É uma beleza pa curá cólica... a semente dele (...). Tem um ôto aqui... esse tem a maderá dele aqui, ó (*gestos*) berano o asfalto que vai p'Anhaguera, tem dele lá é (...). A gente esquece muita qualidade de remédio, sabe? Maria, aquele pau que tem ali berano o asfalto ali (...). Casca-sagrada ... é um remédião, sô. É um remédião essa casca-sagrada [...] Ela é uma árve... ela é uma árve grande, da árve grande, sabe? A casca dele é grossa. Um remédião tamém pa tirá essa coisera da gente, né? [...] [Faz o remédio] da casca [...]. Não, [as casas] era de adobro (adobe), era de terra mes' (mesmo), né? Eu mes' (mesmo) ajudei a fazê muito (*risos*). Era aques (aqueles) adobrão assim, né, (*gestos*), fazia a forma, fazi o barro (...). Usava... usava maderá, porque se num usá fica muito fraco, né? Ao meno' maderá tinha que tê. Aí punha maderá... fazia maderá [...] aroera, fazia de aroera (...) 'qué a aroera é a maderá... que num... ela num caruncha fácil, ela não apodrece fácil, né? Ela num é de apodrecê assim, fácil. Então, escoía (escolhia) aroera (...). A minha família (família) mais véia é tudo mistiçada a índio [...]. Meu bisavô era índio. Foi pegado no laço, né? Meu avô... minha vó. [...] [Porque era] brabo uai (*gargalhadas*). Brabo! Do mato (...) [Pegava] pa amansá es (eles), uai. É... amansá. Naquela época, eu num lembro mais... qué dizê, mais não, eu num lembro mais... qué dizê, mais não, eu num lembro porque num foi da minha época, mais iss'aquí ó (*gestos*), aond'é o lago do Jonas, 'cê sabe, né? A lagoinha, lá... aquil'ali... aquil'ali era tudo mata virge', até saí era uma brabeza. Tudo! Es (*eles*) pegaro... meu bisavô nessas mata aí, ó (*gestos*). Tudo era mata virge' sabe? Mata de pau mes', grosso mes' sabe? Então, pegaro meu bisavô foi aí, ó (*gestos*), meu bisavô, minha bisavó... véia Fiinha (...). Foi peg'ái... Meu avô... que é finado (...) Tereza, é fi' (filho) dele, meu avô [comentário do guia: é igual aques (aqueles)... tem uns índio lá na Amazônia tamém desse jeito, nunca viu o ser humano, assim... pessoa, nunca teve contato com pessoa mais...]. É. Aqui tem... aqui tem muita gente mistiçado a índio. Muito! É... (...) [Eles amasavam os índios] porque es (eles) tava roçano os mato, tava roçano as mata tudo. É igual, por exemplo... na televisão, né? Na televisão a gente viu os índio lá manso lá no Mato Grosso... tem muito índio manso, né, já. Então, era assim. Foi assim (...). Eu tomo muito remédio pros nervo, aí enrolô meus dedo, sabe? (...). Muita gente... fala assim pra mim: 'Escuta, e se a pessoa tomá essa garrafada sua... e adoecê? Uai, é só mandá me chamá que eu vô apresentá... o remédio que eu faço e apresentá as pessoa que toma, que já tomô, né? Pa vê se é meu remédio que feiz mal. Meu remédio num faiz mal pa ninguém não, meu fi' (filho)'

(...). Meu remédio num faiz mal pra ninguém. Eu tomo, minha mulher toma. Inclusive nós tem ali, nós tá tomano, eu mais ela (...). Ah! Muié tomava muito [remédio pra abortar], né? [...] Ah! Minha fia (filha), iss'aí tem é muito (...). É, a buchinha ela é desse tamaizim assim ó (*gestos*), grossinha assim, ó (*gestos*), é de... dá pra criação... por exemplo, uma vaca, um... um capado, né? Um cachorro... 'cê faiz aquês (aquelas) bolinha pititica, assim (*gestos*), põe na carne e dá pra criação. Ela usava muito [...] Não, faiz [mal] se dé muito... né? 'Cê dá poquim... só pa curá... pa cortá uma febre... um... um trem que dá nas criação. Então, 'cê faiz e dá (...). Agora, muié tomá isso! [...] Faiz o pó, bebe, põe no cumê (...). Os antigo... tinha muito dela, né? (...). Os antigo tinha muito dela. Usava plantá muito dela pa dá pras criação, né? Tem um ôto aqui, ó (*gestos*), na rua tem dele (...). Ele dá uma sementinha, assim (*gestos*). Na rua aí tem dele... as muié usa bebê dele pa abortá tamém (...). Hoje tem muitos jeito delas evitá, sem sê preciso bebê isso, né? Às veiz, como ele diz, facilita... fica grávida... qué bebê esses remédio (...). Pode me dá o tanto de dinheiro que fô, que eu num faço, né? Fazê um trem desse, pa abortá uma criança?! Faço não. Por dinheiro nenhum! (...).

Narrador CuM2M93

(...) [Tenho] noventa e três [anos de idade] (...). Eu sô de [19]21 [...]. [Meu nome] é Manuel Agapito da Silveira [...]. Eu sô de [19]21, mai' a minha data de... de registro é... é... 06 de dezembro de [19]22 (...). Aliáis... remédio quase todas elas... eu sô... sô muito esquecido. Então, a menina falô... eu fui... anotei aqui (*mostrando pedaço de folha de caderno com os nomes das plantas anotados*), umas fruta... é [...]. Aqui, ó (*gestos*), por exemplo, o jatobá ... ele... tem o do campo e o do mato, mais o do mato dá no campo tamém. É fruta de comê [...]. É que o... o... do campo é menor e é diferente a fruta também... é mais comprida... mais fina... mais comprida... é [...]. O ôto [do mato] é um jatobá mais curto e mais chato, sabe? O do mato... é. Aqui tem uma... uma fruta aqui... que essas... o povo mais de certa idade num conhece... é uma fruta do mato... muito gostosa... e por aqui... só tô conheceno um pé de resto... o povo tá 'cabano com o cerrado, né? Chama tiborna ... tem uns que chama limãozinho ... é uma fruta muito docinha... gostosa a fruta [...]. É... eu conheço ela como tiborna... mais ele... ele... tem gente que chama ela de limãozinho [...]. É um limãozinho do campo que ês (eles) fala... é [...]. A árvore é grande... árve grande [...]. As folha mais larga e tal [...]. Parece [um limão], só que o gosto é completamente diferente e... e a semente também né... é diferente [...]. Porque a semente do limão mesmo é sementinha, né? E ela é uma semente só... maior [...]. [Quando amadurece] ela fica... modifica pouca coisa na... de verde... fica um verde mais escuro, sabe? É árvore também. Agora, aqui tem o angá ... o angá... é uma árvore... que tem... eu, por exemplo, o angá, eu conheço três qualidade [...]. É... tem o angá comum que é esse que nós temo' por aqui... tem um angá de cipó ... tem até um pé na rua ali... dá cada cipoção assim (*gestos*) e tem o angá ... da... do... de bera de córgu que ele é fino, comprido e amarelado por dento (...). Esse de cipó... é uma fruta comprida... e que vai dano aqueza sementinha assim, ó (*gestos*), sabe, dento... de chupá... aquês (aquelas) sementinha. 'Que o ôto comum... é pequeno, né? 'Cê chupa aquela semente. Agora, esse ôto é... comprido... dá semente. O angá... é. Agora, tem... murici ... murici é uma fruta... pequenininha... de árvore também... é tem o rastero . O rastero é maior [a fruta]... o árve é... é menorzinha... e o rastero é maior [...]. Fica... amarelo... é... fica amarelo [...]. Tem poca diferença [no sabor de um para o outro]. Meu primo aqui, ela costumava pegá e botá na pinga e o povo achava bão, sabe? (*sorrindo*). Punha na garrafa de pinga... o povo achava bão (*sorrindo*) (...). Esse é o murici, né? 'Ocêis considera o jenipapo uma fruta do mato? [...] Porque tem no mato também, né, o jenipapo [...]. Dá no campo... dá no mato e dá no campo [...]. Não [tem diferença], é o mesmo [pé] [...]. De jenipapo? É uma árvore grande... 'cê já viu o jenipapo? [...]. Ele é uma fruta assim,

ó (*gestos*). A hora que ela madura... ela fica... assim... cheia... mei' enrugada, sabe? 'Cê tirô aquela casquinha de cima... aquela enrugada de cima... o resto é tudo de comê... a carne com semente... nós come tudo. Tem gente... aqui... nós costuma até comê com leite [...]. É! É muito gostoso. Pega o jenipapo... prepara ele... bota açúcar, dexa... no ôto dia, 'cê põe no leite e toma. Comia com leite... o jenipapo (...). Tem o... o cajú ... eu conheço cajú... de... duas qualidade... tem o grande... e tem o cajuzim do campo . Aliás, lá... lá... na fazenda do meu irmão, por exemplo, lá em Alexandria, o cajú é natural do campo... é árvore por todo lado... e tem o rasterim, né? Tem o cajuzim do campo que é rasterim e tem de árvore [...]. Só que a fruta é igual, mais uma é grande e a ôtra pequeninha [...]. É mêma coisa [...]. É... mes' sabor... o cajú. Agora, nós temos o articum... o articum... nós temos o articum quaresma ... que é grande... é grande... muito saboroso... muito cheroso, sabe? [...]. No cerrado mes'... esse é árve do cerrado [...] do campo mes'... quaresma. Tem o articum rastero ... que é.. esse normal... ele dá... ela dá pequen'assim (*gestos*) e dá uma fruta grande assim, ó (*gestos*) e tem... e tem um articum assim... que eu num sei com'é que chama, mais ele é grande e liso... é... tem três qualidade de articum [...]. A diferença é que... o articum quaresma... e esse ôtro é árvore... e o rastero é arbusto assim (*gestos*), pequeno assim (*gestos*). Não. [A fruta] não é [igual]. Tudo diferente. A do quaresma é grande assim (*gestos*) e... até dá... no lugá dos favo, vai dano mais alto assim (*gestos*), sabe? E... e o rastero... é pequeno, com umas pontinha assim pra fora na casca, sabe? Agora, o ôto é liso [...]. Todos os três é diferente [o sabor] [...]. O quaresma é mais doce... é... mais doce (...). Todos eles é saboroso. Esse é o articum. Nós temos a marmelada ... a marmelada tem essa do campo... que é verde... é grande. E tem uma pretinha... muito docinha tamém. Marmelada tem duas [...]. Todas as duas é do campo... só que uma é... uma é verde... quando madura fica marrom e a ôta é preta... madura (...). É diferente o pé... o pé... o pé da marmelada do campo ... as folha é grande. Tudo é árve pequena. Todos os dois. E a ôta... tudo é árve pequena... a ôta é folha menor (...). Todas as duas é verde... mais uma madura fica marrom e a ôta fica preta [...]. Não... a fruta... a marmelada preta é uma frutinha pequeninha assim (*gestos*). Agora, a ôta é uma fruta maior assim (*gestos*), é... e... e diferente [...]. O gosto também é diferente [...]. Eu acho a... a preta mai' doce. É... é... a preta mai' doce (...). Agora vem... a guapeva (...). É uma fruta... ela fica amarelinha e meia peluda por fora. E ela 'cê tem que... comê ela... muito... muito boa a guapeva... mais ela dá um leite e cola... prega muito na boca... a gente tem que... passá um óleo primero assim pra... comê ela... a guapeva. É muito boa! [...]. É árvore grande também, de folha grande também... é... guapeva. Nós temo' a mangava ... essa 'cê conhece, né? [...] Conhece não? [...]. Uma frutinha muito gostosa (...). A mangava é uma fruta muito... muito gostosa! Tano madurinha, né? 'Que ela também tem leite... e leite que prega mes', viu! Cola mes' [...] Mais madurô ela num tem leite... e 'ocê come com casca e tudo (...). Nós temo' uma fruta... uma árvore que dá uma frutinha muito pequeninha e cheia de pontinha. Chama mutambo (...). É... é uma frutinha muito pequena... tem poca coisa de comê, mai' nós gosta de comê ela, sabe? É uma frutinha boba, quarqué [...]. Ela fica preta... é [...]. A guapeva... é... ela é uma fruta maior, redonda e ela é peluda por fora. A mangava é lisa... e é menor. Tudo da leite, mais a mangava madurô... ela não tem leite (...). O pé de mangava é uma folha lisa, sabe? Folha mais... menor e lisa. Agora, da guapeva é folha grande [...] árve... da árve maior também do que... do que a mangava... a guapeva dá árve maior (...). Mama-cadela ... é uma árvore até de remédio. O povo usa demais é pra... pra remédio... raiz tudo dela... é mama-cadela. Ela.. é uma fruta... fica amarelinha, 'cê pode chupá ela... só sai a semente... frutinha... ela 'marela... fica assim, ó (*gestos*), a mama-cadela [...]. Ela é remédio... muita gente 'ranca aqui, ó (*gestos*), a raiz... dela... pra... pra fazê remédio [...]. Eu num sei pra que que é esse não. Diara ês (eles) toma esses remédio. Eu num pergunto pra que que é [...]. Dá pequeno [o pé] e dá árvore também. Aqui na chácra, por exemplo, tem uma árvore grande... a mama-cadela. Tem uma árve grande ali, ó (*gestos*) (...). [O pequi] é árvore grande... também. Árve grande de... de folha... num dá uma folha separada

não. Dá uma folha assim com... com umas ponta (*gestos*). Por exemplo, uma folha... tem três, quato ponta, né, assim (*gestos*) e a árvore é grande. E ele dá um pó... também na árvore... que pinica pa chuchu (...). Se 'ocê tirá a casca dele e fazê um poziinho e jogá... pinica... é... no mais, 'cê pode subi no pé... num tem... num dá piniquera não... pequi. Aliás, é até muito gostoso, né, o pequi (...). Tem essa frutinha amarela, que ês (eles) chama cagaitera ... a cagaita (...). Aqui na chácra aqui (*gestos*) tem... também [...]. Ela é uma fruta... que ela... madura... ela fica verdinha. Quando ela madura... a casca de fora é muito fininha, sabe? Se deixá ela caí ela... machuca... mais 'cê tirô... tem gente que fala assim que num pode chupá muito, 'que dá dor de barriga... mai' eu chupo muito. Bom pa fazê suco... e tudo. Cagaita [...]. É árvre grande... árvre grande (...). Agora, nós temo' o baru ... o baru também é árvore... grande... dá umas fruta... ês (eles) fala coco do baru ... 'ocê pode... aquela carne de fora... é doce... e de dento tem a semente que... é saudáve' a semente... ês (eles) fala assim que é até remédio (...). Diz que é bom pra... pra negócio de gota... essas coisa assim... caimbra e tudo... o baru... é uma fruta muito... el'é dura... essa tem que... a de fora... nesse temp'assim o gado pega ela come tudo aquela casca de fora, fica só a parte de dento... sequinha... com a castanha (...). A de dento 'cê tem que quebrá... 'que fica um coco, sabe? 'Cê tem que quebrá pra tirá a castanha... é... por dento (...). Eles picam... nove... nove coco... pica ele... e bota num vidro grande assim, ó (*gestos*) e bota vinho... pra tomá (...). Agora, nós temo' as pequena, né? A gabirola ... a gabirolinha ... tem a pitanguinha do mato . Tem o... bacupari ... o bacupari também tem duas qualidade... tem um... um amarelim pequeno, rastro e tem uma árvore também. Só que a árvore... o bacupari é... é grande e o ôto é pequeno... amarelim [...]. O mesmo gosto [...]. Todos os dois no campo [...]. Essas fruta aqui que eu tô dizeno é tudo do campo... é (...). Em curta? Dá. Dá em curta também... o jatobá, por exemplo, dá em curta... né? Aqui... vamo' vê... o angá dá em curta... também... curta e campo. Mai' dá mais no campo (...). A pitanga? É um pezim assim... dá uma frutinha desse tamanim assim, ó (*gestos*), ela madura fica vermelhinha. Frutinha pequena mes'. Essa é fruta de menino comê (...). Essa guapeva, por exemplo, ela dá no cerrado e no mato... na curta... é... só que a... a da curta, ela é melhor, né, porque ela desenvolve mais... melhor (...). Agora, aqui, nói' temo' aqui, ó (*gestos*). Esse jatobá ... uma vez... tudo que eu comia dava queimação, sabe? (...) falô: 'Ah! Vai lá no campo e 'ranja um jatobá... come ele que 'cê vai vê'. Eu comi ele cabô queimação. Num tem azia mais [...]. Ele... a gente come... só qu'ele faiz uma lambuzera danada na boca (*risos*) [...]. Gabiroba é rasterinha... folha miúda e carrega de fruta que chega agachá assim (*gestos*) (...). Aqui... tem aqui perto aqui, ó (*gestos*). Gabiroba! É uma frutinha gostosa, viu! Muito boa... pequeninha (...). Posso falá que eu vivo até hoje [na roça]. Qu'eu tem chácra (*risos*). Tem a fazenda. A fazenda agora eu vendi... dei o dinheiro p'os filho... peguei até uma chácra aqui, ó (*gestos*). Eu nasci e criei na roça... toda a vida... tirano leite... tocano roça... e tudo... mexeno com gado e tudo. Depoize... fiquei uns tempo fora. Quato ano no exército... 'que tempo de guerra... num tinha baxa, né? Aí... depois vortei e vim pa roça. De roça eu já fiz tudo! De primera aqui num tinha veterinário... o veterinário era eu. Fazia... atendia aqui... região... às vez, até Minas [Gerais]. Atendia... fazeno cirurgia... partos... de vaca... e tudo (...). Depois vei' os veterinário, né? Aí... tive que pará. Mais até hoje... eles vêm me procurá (...). Conforme a doença... é conforme o uso [do remédio], né? Nós usa aqui, ó (*gestos*), no campo aqui... num é fruta... num é fruta... mais tem um... um cipó... ele dá uma banana... aquela banana... 'ocê pica ela num cocho de água... que a galinha... num dá peste. Sempre quando chega assim mês de junho, julho... modifica o ar, tal e dá peste. 'Oê picano antes e tal... ali... num dá peste [...]. Cipó-imbé ... é... ele dá uma banana... é bão pra... tamém é só pra isso. É uma banana pra curá doença mes', né? (...). Não... médico era muito poco... antigamente aqui... quase num vinha médico (...). Mais graças a Deus, ó... eu fui um homi privilegiado... saí daqui... com o quarto ano primário... aquele antigo... fiz um curso de graduado no mei' daquês (daqueles) paulista tudo sabido... eu passei na primera vez... e ficô paulista pa trais lá que eu... falei: 'Num é

possíve'!. É... Oh! Aques (Aqueles) quato ano eu já fui... 'que hoje eu sô segundo tenente, ne'? Já fui... no exército... privilegiado... eu já fui... vereador... já fui prefeito... já fui juiz de paz... já fui veterinário... já fui tudo quanto é diabo... graças a Deus eu tô aí (...). Serviço de roça... tudo eu já fiz... é (...). A vaca, por exemplo... quando tá... grávida... tem... um cuidado de... de... no cerrado, por exemplo... dá mais... perigoso de comê... é... chama... fava-de-arara (...) come... a vaca aborta [...]. Comeno muito, né! (...) Elas cai no chão, sabe? E ela é adocicada... é... aí, as vaca comeno muito, aborta [...]. Fava-de-arara... ela... ela é uma árvore média... das folha miudinha assim, ó (*gestos*) e macia. tem gente que até costuma fazê assim... esses cochoado assim... daquela folha. Ela é maciinha, sabe? Folha miudinha, assim (*gestos*). Agora, a fava... é um... assim... é... tem a fava-de-arara e o barbatimão ... todo... barbatimão é... é... também comeno muito [pode abortar] [...]. Já o barbatimão é...a casca é remédio [...]. Pa curá ferida... essas coisa assim [...]. Cozinha ele assim... e banha com aquela água [...]. O barbatimão que é remédio... maize (mais), comeno também muito... dá [aborta] (...). Tem ôtra... ôta fruta... essa... essa num é no cerrado... é no mato... e que... dá umas frutona assim (*gestos*), ela também... vaca comeno muito... aborta... é... chama... Ih! Eu sô danado de esquecido, viu! [...]. A diferença é que a fava-de-arara é chata... e o barbatimão é assim, ó (*gestos*), redondim assim, ó (*gestos*). O gosto é parecido... tudo adocicado [...]. [O pé] n'é muito parecido não [...]. O... todos os dois é de folha miúda, mais... o... a fava-de-arara a casca é mais grossa... o barbatimão é casca lisa... sabe? Só isso a diferença... só isso (...). Ela num tem sabor [para gente] comê não. Ela tem um amargozim... é doce com um amargozim... ruim... é dura... 'cê tem que mordê nela pa... comê [...]. A ôta fava que mata é a fava de tamboril [...]. Tamboril é uma árve grande... serve pa... pa serrá... 'cê confunde ela com o cedro ... serrada... a madeira de serrá mes' [...]. Só ele que é iguale [o cedro]. Ele dá uma árve... engrossa demais, sabe? E dá muitos galho (...). O gado come... comeno muito... aborta. Lá no... na fazenda lá... nói' cortamo'. Eu conheço um tamboril... 'cê pode juntá... uns seis homi assim, ó (*gestos*), de mão assim (*gestos*), pr'ocê abarcá ele (...). Eu acho que o capim que as vaca mai' gosta de comê é... o jaraguá (...). Ele é de folha... compridinha (...). O jaraguá... ele [o gado] come... ele custa a brotá... e esses... esses ôtos capim que ês (eles) arranjanro hoje... vai comeno, vai brotano... vai brotano (...). Uai... se ócê num batê... vira capoera [...]. É uma madeira que cresce... é mato. Se 'ocê num bate o pasto... ele vira capoera (...). Hoje... o jaraguá aqui na zona nossa aqui... cabô (...). Só tem uma madeira no campo... que eles nem corta... pra... chama... capa-rosa [...]. É... ela é... uma madeira que... ruim pa quemá... e é interessante... debaxo dela num nasce capim... é pelado... embaxo dela [...]. Não... num dá fruta não [...]. Não [é grande], árve média. É porque tem.. ela... ela costuma dá assim... as folha fica véia, fica mei' rosada e cai, sabe? Aqui, de primero... tinha muita... no cerrado... tinha muito cerrado... ês (eles) tirava a casca de gordinha pra fazê essas rôia (rolha), sabe? Agora, cabô tudo... cabô [...]. Gordinha... casca de gordinha... pa tirá... tirá a casca pa fazê rôia (rolha). Aí, depoize... ficava só a madeira... quemava (...). Ela é cascuda, sabe? Casca dela... casca grossa mes'... tirava (...). 'Ocê sabe que no cerrado... tem um pau... até pequeno... que... é remédio (...)? Pau-doce (...). Ês (Eles) usa esse remédio num sei pra quê que é! Muita gente... olha... eu, quando... quando mexia com gado... às vez eu tava... tava n cerrado muito tempo assim, eu passava perto dum pau-doce... eu tirava... pegava uma casca daquela e ia comeno... chupano. Esses dia eu comprei um mel dum capaiz aqui embaxo... mais... o puro gosto de pau-doce... o chero... gosto... tudo! É remédio, né? (...). É grossa... é uma casca média assim grossinha (*gestos*) e é doce... é doce [...]. A árve dele é uma árve pequena... árve pequena... e... num dá árvona não... tem a folha... folha grande... a casca é lisa [...]. Só no cerrado... só no campo tem [...]. Ele dá... ele dá assim sempre... no cerrad'assim... mais fraco... ele dá menor... cerrado mais assim forte, às vez, ele dá maior um pouco... terra mais forte, né? (...). Eu fui... um filho criado lá na roça... eu fui o... só tem um mai' novo do que eu... Salvador... mora lá em Alexania... fui o último que casei (...) [eu tinha] vinte e quato... vinte e quato ano. Aí... eu

fiquei lá com os velho, né? Ê! Mais eu vô te falá uma coisa... meu casal de velho era bom demais. Minha mãe era boa pa batê que 'ocê precisa de vê. Se ela tivesse me bateno até hoje... eu achava melhor (*risos*). Agora, meu pai não. Meu pai era um homi assim... meu pai aqui em Cumari assim... ele tinha uma bengala... essa bengala tá até hoje ali... no Catalão ali... com a minha irmã... que ela morreu a poco... com 100 ano... um mês e 14 dia [...]. Fiz uma festa pra ela lá de 100 ano... ela durô mais um mês e 14 dia. Morreu... essa bengala tá lá. Ele andava com essa bengala aqui assim (...) ele pegava os menino, ia no subaco e NHACO! NHANHACO! (*sons onomatopaicos e gestos*). Tomo mundo conhece ele: Vovô Nanhaco... ia c'aquela bengala no subaco dos menino (*risos*) (...).

Anhanguera-Goiás

Narradora AF1L57

(...) [Meu nome é] Lázara Alves dos Santos (...) [Minha data de nascimento é] 10 do 06 de [19]58 (...). [Tenho] 57 [anos] (...). Vivi... eu criei foi mais foi na roça, né. Quando eu vim aqui pra Anhanguera eu tinha sete anos de idade, mai' mesm'assim eu fiquei... a gente trabalhô muitos tempo em roça (...) que as criança era pequena... a gente ia muito (...). Nasci em Minas... eu sô minera. Do lado da ponte aqui (*gestos*), numa fazenda. Aí, tem o ri' (rio), né? O ri' (rio) Paranaíba, aí tem a ponte, né? Aí, tem uma fazenda... no pé tem um morro ali... tem uma fazenda no pé lá... nasci nessa fazenda. Perto... aqui perto [...] Ah! Eu não sei com'é que chama essa fazenda... eu sei lá é do Joza... fazenda do Joza. Iss'aí é antigo, né? Agora, eu num sei com'é que chama (...). [Resguardo quebrado] e quando a pessoa assusta, quando fica nervosa... no resguardo... aí a pessoa muda de comportamento (...). Elevante é uma folhinha larga assim, ó (*gestos*) (...). [A salsa-mandioquinha] ela é assim, ó (*gestos*). Ela dá muito em lugá fresco... e ela dá tipo mandioca mes'... umas raizinha assim (*gestos*), fino... tipo dum dedo. Aí, ela sobe assim (*gestos*), ela tem espim... ela é lisa.. tem espim e as folha larga assim (*gestos*), lisinha a folha dela... e enrola nas árve e vai embora... um cipó e aí embaxo, lá no chão, ela dá as raizinha... ela é fresca... ela controla a pressão... ela é boa pa muita coisa (...). É assim... por exemplo... tem o remédio quente e tem o remédio que é fresco [...]. Diferença assim... por exemplo: se 'ocê fô tomá um remédio fresco... ele é bom... ele é depurativo do sangue... ele é bão pra (...). E o quente... ele joga alguma coisa que 'ocê tem pra dento, pra fora. Ele é um remédio (...). É a natureza dele... do remédio que é fresco. Por exemplo, so você tá com ferida na pele... aí, pega o entrecasca do jenipapo (...). Aí, ele dá uma fruta assim (*gestos*), ela é depurativo do sangue. Por exemplo, assim, se 'ocê é... se você comê a fruta do jenipapo sempre... se 'ocê comê... 'cê tá com stresse... cansaço... ele cura cansaço, cura stresse (...). O quente é por exemplo assim... às veiz, 'cê precisa dum remédio quente, porque... por exemplo... tem alguma coisa que vai saí na sua pele... num conseguiu saí... que tá por dento... 'cê toma o quente, joga pra fora (...). Por exemplo... 'cê tá gripado... 'cê num pode tomá remédio fresco... 'cê tem que tomá remédio mais quente, né (...). Esse elevante é quente (...). Tem a manjeroma (...) ela é pequenininha a foinha dela assim, ó (*gestos*) (...) ela corta febre... 'cê faiz o chá... e toma (...) é plantinha de vaso (...). São caetano é uma folha amarga que sobe assim (*gestos*), que dá nas coisa assim, mais po' (pode) tomá ela po estômago, ele é bão pa muita coisa tamém... ela é remédio. Mai' dizem que quando... se a mulher tivé grávida e tomá ele em jejum... forte... amargo, né? Mata a criança (...). [A folha] é fininha assim, ó (*gestos*), ela é... assim... tem as foinha abertinha assim (*gestos*) e sobe na cerca. E ela dá um negocim vermei (vermelho), assim (*gestos*), aqui ela dá uma frutinha [...] laranja... num é vermei, é laranja. Eu tive duas irmã que quis fazer aborto... morreu [...] morreu uma com 24 anos e ôta com 17 [...]. Minha mãe disse que teve 20 filhos. Mas vivo só tem eu e o caçula (...). Aí, ele

robô minha mãe... ele num dexô minha mãe crescê... num dexô minha mãe vivê. Aí, num dexô ela estudá... num dexô ela convivê com ninguém. Ele num deu condições de vida pa minha mãe. Aí, minha mãe ficô uma pessoa... é... que viveu, por exemplo... até hoje, mais num sabe... quê que é o mundo... ela vive no mundo dela... se trancô... até hoje ela é trancada... eu ten' muita dó dela. A única filha que entende ela é eu. Eu dô o maiô apoio pra ela. Eu cuido dela. Porque ela não entende o quê que é a vida. Ela é uma criança grande. E ele podô ela em tudo. Num dexô ela vivê (...). Ah! 'Cê sabe... dizem que tem... sabe o cuité ? O cuité... nós passô debaxo dum pé (...). Se a mulher tê o primero filho... se tomasse a folha do cuité no resguardo, num engravidava mai' não. Bom, eu num sei, 'qu'eu nunca tomei. Mais diz que num engravidava mai' não esse cuité (...). É um pezão que dá uma frutona (...) Vem cá pr'ocê vê (...). Tá veno aqui, ó (*gestos*), ês (eles) fica tudo sequim, ó (*gestos*). É uma cabacinha, né? Se você pegá ela aqui... 'cê po' (pode) fazê uma bonequinha, 'cê po' pintá aqui (*gestos*), ele é artesanal (...). Diz que fôia dele que as muié tomava pa num criá mais (...). Feijão andu é um feijão diferente [...]. Ele é um feijão que tem uma baginha desse tamainzim assim, ó (*gestos*) e tem umas foinha assim compridinha, mais ele é árve [...], não [é de cipó], é árve. Lá na minha mãe tem um semelhante a ele, mais só que é da Bahia, o da minha mãe é da Bahia, num é o andu daquele nosso não... feijão da Bahia. Aí, ele [meu pai] pegô, deu o bain' (banho) (banho) nela [minha irmã ofendida de cobra], tira o chero da cobra. Diz que quando uma pessoa é pego por uma cobra, diz que aí o chero fica no corpo. Aí, a ôta sente o chero, vai e bica tamém. Aí, nunca mais bicô nela (...). O funcho ... agora o meu morreu. É assim, ó (*gestos*), ele dá um pauzim comprido assim (*gestos*)... dá umas foinha aberta, fica quase tipo coquero... e é fininha as foinha dele... e é cheroro mes'. Aí faiz chazim po neném... e ele é calmante... ele tira gases e é calmante (...).

Narradora AF2ML93

(...) [Meu nome é] Maria Lúcia [...] Só [...] Dia quato de maio... eu sô de mêis de maio [...]. Ipameri... eu nasci em Ipameri. Meu povo quais tudo é de lá [...]. Aí que es (eles) mudaro po norte (...). Nós mudô lá pum tal de Saraba... tinha um córgão (córrego) lá, meu pai foi pa lá... feiz um rancho lá e ficava plantano roça. Tud'era pobre, né? Nós só mexia com planta de roça: mi' (milho), arroz, feijão. Toda coisa de plantá ele plantava [...]. Aí, foi... um bandido me robô... me iludiu lá, me carregô... socô comigo pa mata. Minha fia do céu! Nem gosto de lembrá disso [...]. Foi assim: ele chegô lá em casa, meu pai, mai' minha mãe, tudo mei' torotó... bobo demais, sabe? Ao invés de tê mando ele embora, no mandô não... e ficô lá. Aí ele já comprô um quarto de ticido... disse que era meu... levô pa costurera. Aí, quando foi o dia de buscá a costura... ele pergunto a minha mãe mai' meu pai se eu podia ir com ele, es (eles) foi e falô que podia. Nesse dia, (...) ele entrô comigo foi no mato. Lá, fiquei. Ah! Chuva. O que Deus dava [...]. E aí, ele judiô o tanto que ele pode. Tudo que falava assim, pensasse assim, se pensasse um... '*Eu vô fazê isso, quê é uma judiação muito grande*'... ele fazia comigo (...) Comê? Ele num dexava eu comê não. Comê que eu comia era bão era pos cachorro. Era desse jeito. E me batia toda hora! Me enforcava. Me socô a faca aqui (*gestos*), disse que ia furá minha barriga.... ma' eu torci, a faca pegô na perna. Um dia, ele me enforcô eu no chão... num deserto lá no mei' da mata, sabe? O pé de tapuerava tava me tampano qu'eu era menorzinha [...]. Aquela tal de tapuerava, a senhora conhece? [...] É... na mata [...]. Num é planta não, minha fia, é mato... tapuerava é... ela é nativa do mato. Lá, ele me enforcava no chão com a garrucha enfiada na minha boca (...) na minha barriga. Tá lá. Eu num... pensava nada, era muito novinha, nova demais, num tinha idade pra nada [...]. Tava com doze ano. Aí, quando ele tá lá, mata num mata, mata num mata, quando foi ele falô assim, num vô falá o que ele me feiz, sabe, quê eu num gosto de xingá de jeito nenhum! Nem num gosto de falá! '*Me matá de uma*

vez' e puxô o dedo... a bala pegô assim (*gestos*), berano minha boca assim, ó (*gestos*), a pólvora sapecô minha boca, ainda! E pegô berano meus'uvido, no chão, ma' num pegô ne mim. Aí, eu falei: *'Ah! Jesuis é bão demais pa mim. Meu pai que é meu vale tudo. Não há!'*. Aí, foi ino, foi ino. E foi apanhano. E foi sofreno. Inté que eu ganhei um menino... o primero [...] já tava com catorze ano... aí nós foi po (...), lá eu ganhei o nenê... Aí, num sei o quê que deu na (...), aí ele socô cum nós pa dento do mato otra vez. Nós ficô três dia... no mato. Aí, eu falei pa ele: *'Pois é. Cê já tomô conta de mim... judiô demais de mim, mais agora é eu. Se ocê quisé i' (ir) po mato, cê vai, se ocê num quisé num vai, mais eu hoje em diante, eu não vô andá no mato mai' (...)*. Num entrei no mato mais. Uai, desaforo, uai! Eu nm sô bicho... pa andá po mato, né? [...] Tapuerava é uma fôia mole... ela dá... ela sai po mato intero, sabe? É uma fôia mole. Agora, ali é... po mato interim. Agora, quando vai roçá o mato, roça ela, né? Com mato e tudo. Lá, até onde nessa mata que nós tinha... pé de jatobá que ninguém abraçava de tão grosso que era... é... e aquela... pé de pato [...] é um pau que chama pé de pato [...] ele é copudo, muito alto, grosso [...] serve pra nada, serve só pa derrubá pa fazê roça memo [...]. Pa lenha prestava [...] pa fazê móve' essas coisa, num prestava não, só memo pa lenha, né? Aí... agora pa fazê remédio, eu vô ensiná pro cê: se conhece fedegosão? É um fedegosão, um que dá uma foiona [...] Ele dá assim... ali (*gestos*) tinha um pé dele no mei' da areia. Aquele cura papo... ele cura resguardo quebrado de muié que dotor num cura... dotor num cura resguardo quebrado não... ele num sabe, né? Agora, eu tinha um papo... picô fora... esse fedegosão que me curô... mais é firme [...] A fôia dele é grande [...] ele dá pequeno só a copinha assim, ó (*gestos*), muito baxo, ele fica assim (*gestos*). Agora, cê 'ranca aquele... 'ranca uns três pé daquele... pica a raiz dele bem picada e põe numa panela grande e ferve... põe fervê. Hora que tivé só com dois lito... ocê pega aquele caldo c'aquela raiz e coa... e vorta co' ele po fogo ôtra vez. A hora que ele tivé só com um lito... ocê toma um... um copo... daques (aquelas) cocada que es (eles) fala, aques (aqueles) copim de cocada... ce bebe uma copada dele, ele dá purgante. Mais ali é um resguardo que Nossa Senhora! Eu tomei ele é oito dia, comeno sopa de frango... palitô... lenço na cabeça, bem tampado, que curô o papo (...). Esse aí ele me curô (...). Num tinha jeito. Ele era macumbero tamém [...]. Eu tinha medo... Ah! Entreguei a Deus. Deus foi bão pa mim. Graças a Deus ele já foi há muito tempo. Ele judiô demais de mim, né? Mais... ele morreu inchado [...] inchado... diz que é coisa do coração, né? Ele morreu muito... mui' mal. Agora, a Lázara sempre fala assim pra mim: *'Mãe, perdoa meu pai, tadim. Ele sofreu muito. Falei: Ele num sofreu nem o tanto que precisava. Eu num vô perdoá não. Deus que me perdoa, pelo amor Deus, quê a gente num sabe o quê que fala, quê a gente é vivo, né? Mais o que ele mereceu, ele ganhô [...]*. Eu morei com dois [depois que fiquei viúva]. Morei com um tal de Joaquim aqui (*gestos*), pinguço (*risos*). Aí, logo ele trelô as bota tamém. Aí, ele morreu... ajuntei com um tal de Baiano. O Baiano ficô atentano a paciência dos ôto... es (eles) fala que num tem macumba. Tem, num tem? Cê acredita? [...]. Ele... ele chegava l'em casa tonto (...) ele pegava e xingava o (...) de tudo quanto é nome, xingava de alejado, falava coisera pa ele. Quando foi um dia, minha fia... eles ia... ela arranjo um ôto lá e encheu de pinga os dois... e chamô ele lá. Ele tinha um barrigão, num tava barrigudo, caía, arrastava a barriga no chão. Ele falô: *'Vô lá!'*. Eu falei: *Ocê num vai. Quem mexeu com es (eles) foi ocê. Es (eles) tá quetim na casa des (deles), cê tá fazeno zuada, mexeno com es (eles). Pra quê que cê mexeu? Agora, cê 'guenta'*. Ele ficô morreno de medo (...). Aí, eu tive... que se eu saía... arranjei uma casa, aluguei uma casa, 'ranjei um (...) pa levá nós lá nessa casa. E ele cozinô ele dum pouco... que ele cagava pedra, cagava osso... ele cagava... tudo quanto era ruim: pedra, osso (...). Pusero uma doença nele que... o botão dele parece que foi comeno assim, ó (*gestos*), virô aquele oco. Morreu na mió tristeza. Aí o fi' (filho) dele vei, o fi' dele morava lá na Uberlândia o fi' (filho) dele... pegô e levô ele pra lá. Quando ele morreu... eu fui lá só uma vez visitá ele lá, quê ele tava no hospital. Depoi' num fui mair (mais) não. O fi'(filho) dele implicô comigo, disse que era eu que tinha... matei ele.

Falei: 'Gente! Eu num sei de nada. Eu só sei pegá com Deus [...]. Depois que eu tive o primeiro fi' (filho), eu num fui po mato mair não. Ia po fazendero, logo ele arranjo um negócio aí de... de raizero. Ele pegava e tratava os oto. Ele tratava até bem, sabe? Ele fazia muito remédio... pos ôto... benzia. Tud'era feliz. Aí, pa modo de i' (ir) po fazendero, feiz um rancho lá. Nós morô muito tempo. Aí, ele tratava dos ôto... muita raiz... ele num tirava, eu ajudava ele a rancá raiz... no mato tem o cravim... cravim, velame branco, poaia... tem... com'é que chama a ôta gente? Até tem plantad'aqui. Ô! Minha cabeça num guarda muita coisa...arnica! Arnica do campo... eu tem plant'aqui de fôia (...). A poaia é da foinha miudinha... tudo acha no campo (...) muito remédio no mato [...] Não, el'é desse tamainzim assim, ó (*gestos*). Agora, tem o pé-de-perdiz tamém, cê conhece? Pé-de-perdiz é bão demais pa remédio [...] ela dá baxinha assim (*gestos*), rasterinha, ela dá raizona comprida... tem muitos que dá até o fundo dum dedo (*gestos*). Agora, cê junta o pé-de-perdiz, a poaia... cê arranja o... com'é que chama? (...). Tem o cocotó (...) ele é da foionha, assim, dura, assim... p'ocê tomá remédio assim duma constipação... quando cê constipa, cê fica assim c'as vista ruim, c'as vista ruim... cozinha ele, toma bain' (banho) e bebe [...]. Só aqui po campo, pa banda do areião tem. Agora pra cá cabô, quê o povo desmatô os mato tudo (...). Ela dá assim (...) ela dá uma florzinha 'marelada, vermeiada e a fôia dela é dura... por baxo el'é 'marela, por cima 'é verdinha... Eu sempre eu falo pra Lázara: 'Oh, Lázara, eu num vô no mato arrancá isso, quê eu num dô conta'. Quê a gente... num guenta andá de a pé longe, né? (...). [Eu tive] Vinte [filhos] [...], tem só dois vivo... que é o Francisco e a Lázara [...]. Morreu tudo de desmanzelo do pai. O pai era muito ruim. Foi ruim demais, foi unha de fome [...]. Esse eu num sei. Eu só sei remédio pa criá. Tem um tal de ipu. 'Cê conhece ipu? [...] Eu tem a semente dele aí [...]. Cê planta ele, ele 'lastra. Agora, cê põe um pau assim (*gestos*), ele sobre lá em riba (*gestos*), quanto mais arto pra ele mió [...] é de cipó. Aí, ele dá a flor branca... e a batata tudo no chão. Ele dá batata que nem mandioca. Agora, a semente dele... a muié tivé grávida, bebê purgante dele mata o fi' (filho)... a semente [...] a semente, ele dá a capotinha, assim, ó (*gestos*), ali tinha muito ali [...]. Acha. Que eu tem ele aqui. A dona fia morava aqui, ela me deu a semente... eu plantei. Agora, tem a raiz dele, tem um poquim de raiz e tem a semente. Ocê qué plantá, eu vô te dá a semente [...]. Qué, né? (*gestos*) Eu vô lá panhá a semente pr'ocê... cê chega lá, cê planta. Mais é pr'ocê plantá perto dum pau pra ele subi (...). Aqui tinha muita capotinha dele ainda (*gestos*). A capota dele é essa aqui, ó (*gestos*). Aqui é a semente, aqui, ó (*gestos*) (...). Esse aqui é um remedião. Se o senhor tivé inchado... a pessoa que tá inchado... ma num ferve não, se ocê fervê é veneno, cê põe de môi (molho) na água fria... e aí cê vai tomano [...] vai soltano... da raiz, viu? Num é da semente não [...]. A semente é só memo pa plantá. A semente bebê [...] num pode bebê... se bebê purgante de semente dele [...] dá purgante... mai' mata o fio (filho) (...). Eu falei pa minha neta... falei: 'Gente, casamento é coisa à toa. Se ocê quisé considerá o casamento... tudo bem. Se num quisé, amigado, amado, era mió ainda'. Num é? (...) Ocê gosta dele e ele gosta de você. É o casamento seguro, uai. Num é? (*risos*) (...). Às veiz (...) tá inchado, a raiz dele, 'massa ela e põe den' d'água... e vai bebeno água, mais serve pa bebê por durante... é oito dia, sem bebê água fria (...). É piniquento. Pinica pa caramba! [...] É (*risos*) [...]. Você 'ranja arruda, artimijo... e mentrasto. Aí, cê quema na pinga e cê toma. É o que eu bebia. Eu punha assim, um chifre quemado tamém... cê quema a ponta do chifre e rapa lá naquela pinga [...], [chifre] do carnero é mió, né? Eu tomava era isso (...). Dor de ouvido? Cê conhece... com'é que chama, gente? Basco [...] Aquele da foinha gorda? [...] Vem cá pr'ocê vê (*gestos*). Aqui o pezim dele, ó (*gestos*). Aí cê 'bucha (embucha) a fôia dele no coisa (*gestos*), espreme, sai aquela aguinha e põe no ouvido. Coa num panim assim, ó (*gestos*), pinga nos'uvido. Aí, miora [...]. Eu que plantei [...]. Não, agora que eu tô plantano as coisa. Graças a Deus tô sossegada, né? Num tem ninguém pa me amolá mais [...]. Não naquela época não achava não. As muié tudo preguiçosa. Es (elas) num gosta de plantá, né? Aqui diara é es (elas) pedino trem aqui, ó (...). Eu vivo plantano as coisa, minha fia. Eu gosto. Eu gosto de

plantá (...). Cê qué levá semente [de coentro]? (...). Vô panhá o coentro p'ocê levá, p'ocê plantá lá... p'ocê lembrá de mim (...). Aposentei (...) e tem a pensão do véi ordinario tamém [...] tem a pensão do véi ruim (*risos*). Pelo men'isso eu tem dele ainda (...). Casca de jatobá fica pardo. Cê cunzinha ele, põe a ropa lá, fica pardim (...). Eu tinha... eu dexeí lá foi... cinco [irmãos] que eu dexeí lá [...]. Ah! Comia muito genipapo, era... jatobá... aquela... cagaitera. Aquela cagaitera quase matô o compade Agapito uma veiz... mai' pra mim nunca feiz mal não. Maize... caju do campo. Tudo nós saía no mato caçano pa comê (...). Ah! Madera pa lenha, num seno aquês (aqueles) pau fofo, quarqué um serve. Ma' melhor pau pa lenha é o jatobá... quê ele tem óleo, né? É o mió pau (...). Só cana-de-macaco [...] ela dá um pendãozim, assim, ó (*gestos*) vermeio e dá uãs (umas) foinha verdinha, só tocera. Po rim é bão demais. Aquele ali tamém é bão po rim, ó [...] sabugero (...). Cê ferve ele e vai bebeno [...]. A fôia, a flor (...). Na bera do córgu assim, ele [o gado] gosta daquela marva... perigosa de veneno... a vaca comê ela morrê empanzinada. A marva é uã (uma), um ramim chei' de embira (...). Tiú, cê conhece tiú? Raiz de tiú? [...] Ele dá a fôia redonha e a flor roxa [...]. Não, ele é pequeno [...] Ele dá assim no mato, dá (...) no cerrado, da demais (...). Não, el'é finim. É paúzim à toa (...) iss'é bão pa dá força pa homi (*risos*). A tal de gonorréia... que o homi às veiz arranja c'essas putaiada da rua... é aquele tal de mandioquinha-do-campo [...]. Ela parece mandioca memo, mais é roxinha (...) é, a folha roxinha [...]. É, toma a raiz dela, arranca a raiz (...). Nesse cerrado que num desmatô tudo, acha essas raiz tudo [...]. O cravim ele dá um pendãozim assim, ó (*gestos*)... só a varinha, só a foia, é a fôia dele. Lá na cabeça da fôia ele dá um pendãozim. Aí cê cavuca, 'ranca dele lá do chão... o cravim (...). Agora, eu posso apanhá que eu num choro. Num tem água nos ói mais pa chorá. Já chorei demais (...).

Narrador AM1A63

(...) [Meu nome é] Alceu Araújo Souza (...). [Nasci] no dia 25 (...) do 12 de [19]51 (...). O pé de jurubeba é... tem espinho, né... espinho miúdo... as folha larga né... umas folha tipo (...). É uma folha mais larga, né? É uma folha curta, mais... mais larga, né? Espim miúdo [...]. Dá fruta, né... a flor dela é branquinha, né? Depois vem as frutinha, né... jurubeba [...]. Bom... eu gosto demais... muita gente gosta de jubeba. Ela é muito saborosa assim... é um sabor diferente... amarga [...]. Você panha... eu gosto demais de fazê quibebe de mandioca e põe ela no mei' do quibebe, põe ela no mei' do arroz, né? Muito bão. Ela é muito usada assim... ferventá e pô de conserva [...]. Remédio para o fígado, né? [...] Remédio para o figado. A folha dela tirá o sumo... é uma beleza... né... também (...). Morei [na roça] da idade de... zero ano até... até 26 anos (...). I' (Ir) po cerrado... procurá fruta do cerrado, né (...). A mama-cadela, né... mama-cadela... gostosa demais [...]. Ele é... os tronco fino, né... a folha igual folha de maçã... parecida c'a folha de maçã... a folha dela... a fruta pequena... parece uma... dex'eu vê qual fruta que parece com ela... ela é redonda assim (*gestos*), vermelha quando tá madura... ela é verde, né... quando madura fica vermelha... 'que tem fruta que é roxa... madura fica vermelha, né (...). Então... ela é... uma fruta desse tamaim (*gestos*). Ela parece... tipo uma pimenta grande... parecida com uma pimenta... a mama-cadela... uma pimenta madura grande... a mama-cadela. E remédio... pa infecção [...]. Garrafada... põe no vinho, né [...] a raiz (...) aproveita a raiz dela... da mama-cadela [...]. Fazia... e punha no vinho pa curá... infecção de ovário (...). Sara... sara... tem que sê ela... o pé-de-perdiz junto, né... e a... casca da sangra d'água ... a sangra d'água a folha dela é tipo um coração [...] [ela é encontrada em] em brejo... lugá úmido (...). Melhor... bêra de córgu (...). Ele [o pé de sangra d'água] é grande... el'é uma árvore... ela dá uma árvore grande... tipo... só que a madera dela não é aproveitave pa fazê nada, né (...). Não, lenha pode... lenha faiz, né (...). Aí, você tira a raiz... a casca da sangra d'água né... e... e coloca junto... com... com algodãozim né (...) Algodão do cerrado (...). O

algodão do cerrado... ele é... a folha dele é igualzim a folha do ôto [algodão comum], só que é vermelha a folha dele... a flor dele (...). Não... não dá [algodão]. Dá flor, mai' num dá algodão não. Dá uma semente, né, parecida com a do algodão [comum], mai' num dá... algodão [...]. A raiz [que é utilizada para fazer o remédio] (...). Cultura é onde tem bacuri (...). Tem um remédio tamém na cultura, né, que é 'sa-peixe branca , né? (...). Pra quê que é o remédio? Pa gripe (...). O chá... da folha [...]. O pé de 'sa-peixe ele dá umas vara, né? O pé de 'sa-peixe, às veiz dá umas vara, às veiz dá um tronco só também, dá uma cachopa, em cima, de folha... mais é uma folha comprida, parece folha de conde ... viu? Parece conde... 'cê conhece conde? [...]. Conde num conhece não? Aquela fruta que parece ata (...). Tem uma ata nativa... né? É... ata nativa (...). Bacuri é um coqueiro... um coquero de terra de cultura...né? É comestive' né... ele (...). Esse aí é a macaúba que 'cê tá falano (...). Esse é de fazê doce... fervê no leite pa gente comê, né? Tomá [...]. Amarelinha... um coco... amarelinha, redodim, né... tem a castanha redondinha... dura, mai' gostosa... 'cê precisa de vê a castanha dela... docinha [...]. É... um coquero muito alto, chei' de espim, viu, as folha, chei' de espim [...] Uh! Espim grande, preto... ele é violento, viu! (...). A fruta... quando... antes de madura é verde, depois madura fica 'marelo. E a castanha dele, o coco dele é comprido assim, ó (*gestos*). O coquim é comprido. Não é redondo, é comprido e a castanha também é comprida... dessa tamaim (*gestos*) a castanha, compridinha e fininha (...). Deve sê o jerivá qu'ele tá falano, esse aí (...). Jerivá é um coquim miúdo, muito docim, saboroso demais ele... muito gostoso. Pode fazê também [...]. A diferença do bacuri pa macaúba é porque o bacuri é grosso, baxo, porte baxo, a macaúba é grande... fina... chei' de espim... o jerivá é tipo e guerero, né... daquele jeito... só que quando dá o coquim, você vê... é o jerivá... é miudim (...). É uma terra mais fraca... mato seco... mais fraca do que a cultura... aí, já fica sendo... cultura de segunda (...). Marmelada ... uma marmelada preta , né? E uma marmelada 'marela , grande. Uma grandona [...]. É... a preta e a 'marela [...]. A preta... ela é redonda... parece um coco de macaúba, assim (*gestos*), pequena... e a folha dela é... é pequena assim (*gestos*) e aberta... ela é aberta... né. Tipo folha de que? Tipo folha de pera. É parecida com uma folha de pera, né. Doce! Mai' é doce mêmo a marmelada... preta [...]. A 'marela é marmelada bom, mais num é gostosa igual essa [a preta], a folha já é mais... tipo folha de conde... né... tipo folha de conde a 'marela [...]. Não, es (elas) dá arvinha... média... fina... né, n'é árve grossa... então, o tronco... num é muito alto. Chega... a gente consegue pegá os galho, puxá e panhá (...). Hoje, tá em extinção muitas coisas, né? (...). Você num vê mais... é difícilmente você vê um pé de marolo, né? [...]. É... marolo... é... muita gente chama ele de articum do campo, né? Então... é... ele dá uma árve grande também ele... bonito... ele é muito grande assim, ó (*gestos*), muito cheroso. Eu gosto muito. É... parece o conde [...]. É... da família do conde, né? (...). Tem... tem o articunzim tamém. O articunzim ele dá... a fruta igualzim... é grande assim (*gestos*), mais é... o sabor é diferente... e... a folha dele... dex'eu vê com o quê que parece, meu Deus? Só sei que o articunzim é remédio pra rins... a folha, viu. Ferve a folha e toma... é tira a pedra de rim [...]. A fruta parece [com a do marolo], o pé não parece. Porque o articunzim dá é moita assim (*gestos*), baxinha (...). Conheço... conheço ôto tipo de articum... mais esse num é comestive' também não. É o articum duro que fala, né. Ele é miudim... duro... e ele num serve pra nada, né. Pa comê não. Até hoje eu num descobri se ele serve pra alguma coisa. É o mes' que o ôto também [...]. Parece o articunzim [...] o pé (...). Dá fruta... a gente nem vê fruta madurá, né. Porque ela logo cai, né? Dá uma sementinha preta dentro. Ele num é comestive' não (...). Tinha uma árvore... chamada cafezim [...]. É... cafezim... ela dá uma frutinha miúda... igual café mes', né... Ela é parecida com a folha de café, só que ela é mais clara. Uma veiz eu chupei muito dessa fruta e... nossa! Eu senti um mal estar não grande que quase morri (risos), tava sem almoço... chupei demais dela... né... ela é miudim... eu enchia a mão, enchia a boca, chupava e jogava fora... a... a semente, né [...]. É gostosa... doce, né? Bem gostosa ela... docinha, né? Chupava muito... glicose... acho que baxô, né? E eu senti mal (...). Ôta coisa que nós dexava no pasto

também... era... pé de angá... ingá.. ingá branco [...]. Tem [de outro tipo]. Tem o... o escuro, né? Ele madura tá verde... chama-se angá correia , né? Esse chama angá correia. Ele dá mais em lugá mais fresco, onde tem a baxada, né? [...]. A madeira do angá branco, ela é clara e a do correia é mais verde, mais escura, né [...]. A fruta... o sabor também n'é igual não. É diferente um poquim... é. O angá correia é porque ele é encroado... ele é enrolado, sabe? Ele fica enroladim. Gostoso até. E tem o... o angá da... o angá do córgu também, né (...). Ele é... a vage dele é curtinha... 'marelinha, né, quando madura.. fica bem 'marelinha... e grossa, né, e a folha dele é parecido com a folha do ôto angá também (...) do angá branco (...). A folha do angá correia é bem diferente... ela é larga... parece folha de... uma folha de sete copa, né, do angá correia. E... Ah! Tem um ôto tipo de madeira de fazê chá também, menina... sassafráis (...) ele... cheroso... né... um perfume gostoso e um perfume de chá mes' sabe... então, a gente lava a madeira dele corta... vai lavrano (*gestos*) a madeira e fazeno o chá. É gostoso demais o chá e serve tamém pa cólica, né [...] de estômago [...] é... quarqué cólica. E gostoso! E também pra... é... usá ele com... pão, né, um pão de queijo... rosca... é gostoso (...). Não... esse é a madeira só mes'... pa fazê o chá. Dá frutinha, só pa... pa semente, pa reproduzi, né (...) a gente nem vê... é muito miudinha, né? (...). Tem... tem ôtos remédio do cerrado que eu lembrei tamém... onte' eu trava lembrano... é... milome (...). Ele é uma batatinha... bem pequena assim, ó (*gestos*). A folha miúda... cipó (...). É... tira a raiz dele... é a batatinha. Corta ela... n'é chá... faiz de infusão também. É bão pra... pessoa que tá com... estômago assim... com má digestã, né? É pra isso... ele. Ele serve pra isso [...]. É do cerrado... é do cerrado... na cultura num dá não. Tem uma ôta também... vô falá o nome dele... é engraçado: impossíve' (...). Esse impossível... ele é impossível mes' (*sorrindo*). Nossa Senhora! Menina, mais que trem 'margoso! UHUM! (*sons onapatopaicos e gestos*). Usa dele é a raiz também [...]. O pé dele é baixo... ele dá muto gai' (galhos), muitas... muitos tronquim assim fino, sabe? E a folha dele... parece... parece um pouco folha de laranja, entendeu? Não... mais pa folha de 'sa-pexe de que de laranja (...). É gorvadinha, sabe? Tem uns biquim. E o... tem ôto... tem a...é... maroleite (...) é uma raiz... uma batata grossa, sabe? A rama dela... a folha... a rama... é igual de melancia, é igualzim a melancia... a folha [...] rastera igual melancia... daquele jeito... parece a folha de melancia, só que ela é mai' gradúda. Mais é uma folha de melancia, né? Aí, a raiz dela... é... usada pra fazê remédio pra infecção de útera... né... de rins... junto com o algodôzim também e com o pé-de-perdiz (...) e com a raiz da mama-cadela (...). Eu aprendi iss'ái... vendo o meu pai, né? Meu pai me ensinando... ele sabe tudo sobre o cerrado... às raiz do cerrado... ele mexe com isso... ele é dotô nesse trem aí (...). E pra neném é... a manjerona (...) ele é parecido com a... com orégano... é tipo orégano (...) 'cê olha assim... pensa que é ela... folha bem miudinha (...). Chá pa neném, né? (...). Tem hortelã da fôia gorda (...) até tem dele ali [...]. A folha dele é gorda... é... assim... é... tipo uma... tipo pêlo, sabe... um pelim, né... é tip'assim pêlo... e... o ôto [hortelã] é liso e verde. Ele [o da folha gorda] é mais claro, né? (...). Elevante é chá pa neném também... chá pa neném (...). É... tipo um... rama de... é um cipó também, igual hortelã (...). Ele fica maiorzim assim (*gestos*), mai' depoi' ele cai, né? Não... mais compridinha... a fôia dele é mais compridinha... levante... cheroso até (...). Não. Ela [a folha] é lisa... bem lisinha (...). Ôta coisa tamém... eu tem a cana-de-macaco que é pa rins (...) é do tronquim dela... ela é fina, né, parece uma taboquinha (...). Conheço pimenta de macaco... pimenta... essa é comestive' tamém, igualzim a pimenta do reno (...) só que ela é comprida, assim, ó (*gestos*), faiz pó (...). Na verdade... a pimenta de macaco... a madeira dela chama pindaíba . Ela chama pindaíba... quando ela solta a fruta... aquela fruta chama... só a fruta chama pimenta de macaco [...]. A árvore é grande... árve grande... é boa pa... madeira assim de... quemá... Nó! Uma beleza. [Para fazer] caibo [...]. É uma pimenta [a fruta], ela é enroladinha, parece a uva do Pará . 'Cê já comeu uva do Pará? [...]. Ela parece um pé de periquito... a fruta... daquele jeito... um pé de mulata... doce... 'cê óia (olha) assim tá sequim. fala: 'Nossa! Esse pé desse trem tá seco. Chei' de gravetim lá, né? Pura fruta (...). É porque troxe de lá né... do Pará (...).

[A vassorinha de Santo Antônio] é tipo uma vassorinha mes'... é uma vassorinha mes'... um pezim... pequininim, né... pé pequeninim... florzinha branca... folhinha miúda... folhinha dela é bem miudinha (...). Tem a ortiga também que sapeca a gente (...) sapeca que queima a gente, 'ranca o coro de um (...). Ela é pequena... ela é um ramo pequeno, sabe, pequeno porte ele... fino, né... dá várias... tronquim fino e a folha dela... é parecido com a folha de jurubeba... viu... parece a fôia de jurubeba [...] Se encostá, menina... é um fogo danado! Vixi! Queima a gente (...). Tem... o 'sa-peixe roxo [...] tem [diferença do branco] (...) a diferença é que ele dá mais comprida as... os tronquim mais comprido... fino... o 'sa-peixe branco é do tronco mais grosso... né? É roxa... (...) [a folha] é roxa também... o tronco dele também é roxo... é escuro (...).

Narrador AM2JA80

(...) Tem que trabaiá, né? Quê os que num trabaiô já morreu (*risos*). Esse povo que num trabaiô já foi, né? (...). Joaquim Antônio dos Santos (...), oitenta... fiz oitenta em dezembro, tá quase fazeno oitenta e um, né? [...] dia quato de dezembro [...] mil novecentos trinta e quato [...]. Uai, passei quase que a vida intera [na roça], né? Quê o tô aqui [em Anhaguera] e aqui é roça também, né? (*risos*) [...] Não, entremei' Cumari e Anhaguera, né? [...] Na roça [...]. Uai, na roça mesmo... eu... eu até sô lerdo pra isso, né? Porque eu mudei pra cá, do tempo que eu vivi, eu vivia na roça, né? Eu mudei pra cá... tem... uns quarenta ano, né? O máximo que tem qu'eu mudei pr'aqui... aqui é quase roça, mais já é, né? O mais foi tudo na roça [...]. [Medei para] pô os fi' (filhos) pa estudá. Mais fáci', né? Quê... lá na roça foi ficano mei' ruim, porque... o povo foi... quereno tomá o que é dos ôto, né? Trabaiaava uns tempo tinha direito. E aí os fazendero foi ficano veiaco, né? E a gente falô '*vamo lá pa rua*'. Não co fazendero é culpado, o culpado é quem quis tomá des (deles), né? Porque o trem é des (deles), pa quê tomá, né? Nós viveu esse tempo tudo na fazenda des (deles), depois vai tomá, né? [...] Ah, não. Nós trabaiaava assim... tocava uma roça... c'uma meia, né? E quando nós trabaiaava po fazendero ganhava um... um tanto por meis, né? Mais era na roça, tocava roça, cuía (colhia), punha den'de casa, né? Era a vida é essa. Trabaiva por dis p'os ôto [...]. Uai, de serviço era... a gente... vamo' supor, naquele tempo que mexia assim, os primero roçava o mato, né? Roçava, quemava... e depois plantava, né, cuía (colhia), depois ia destocá a terra, né? Destocá o ramo, pa no ôto ano tocá, né? E p'os ôto era emprego, né? Trabaiaava por dia, p'os ôto 'sim (assim) [...]. Quando es (eles) dava, tinha o mato mai' bão, né? A gente tocava aquês (aqueles) mato. E quando foi ficano mai' ruim, nós já pegô tocá os mai' ruim, né? Que é aquês (aquelas) capoeirinha ruim, né? Mai' foi tocano, né? Depois passemos a... a 'rancá toco no enxidão, e arava em arado de boi, né? E tocava... agora de poco tempo pra cá que vei' o trator, né? (...). Capoeira? É mato. É... nós falava mato, mato virge', né? Aquês (aquelas) torona, né? E capoeira é mai' nova. Num tinha virado mato mes', né? [...] É... tinha anos que tinha plantado, né? Quê o mato, que nós falava mato virge' tinha tora que era um mundo véi, né? Gastava uns quato homi de machado pa dirrubá... no pé (...), um dirrubá aqui, um de cá, o ôto de cá (*gestos*) [...]. Não. Naquele tempo num... num tinha esse negócio, né? Quê lá no mato num tinha... as ôtas coisa. Quê no pasto tinha o vinhático, né, aroera, esses trem o povo num dexava cortá, quê era maderá boa... mai' lá no mato cortava tudo, né? [...] Vinhático ? Ela é uma árve que serva pa poste de arame, né? É um pau 'marelinho! É pa fazê cerca de arame [...]. Ele é uma árve assim, dá uma ca'... mei' cascudo, né? E a foinha miudinha [...]. O vinhático? É nas terra ruim... é no cerrado, né? Dá no mato é muito poco. O vinhático é de terra mais fraca [...]. Aroera dá em curtura e dá no cerrado mai' fraco também, mai' dá, né? [...]. Aroera é quase o mes' tipo do vinhático... mais aroera dá a fôia maiozinha... e... aroera cresce... num instante, né? E o vinhático cresce devagar [...] Roçá, às veize, nós roçava direto, né? Maize, assim, pa pranta...

é minguate pa plantá o que dá no chão... e a nova pa plantá o que dá pra cima. A minguate é batata, mandioca, amendoim, né? [...]. A nova dá pra cima: mi' (milho), arroiz, né? (...). O povo falava que dava mais, né, na nova, quê a força tá pra cima, né, subino. E a minguate a força tá na terra [...]. Pa coiê o mío (milho), es (eles) gostava nesse tempo aí, gostava de quebrá o mi' na minguate, né? Agora, hoje, num tem tempo, né? É tod'ia. Mai' naqueles tempo dos véio, quebra o o mi' na minguate né? Pa guardá no paiol, pa num carunchá [...]. O arroiz, madurô tem que coiê, né? [...]. Eu... seis irmão [...]. Ah! Nós até comia [fruta] demais, porque nós era pobre demais, num tinha nada, né? O que achava comia, né? Maize... era... meu pai era doente, minha mãe. Então, nós passô falta demais das coisa. O que achava comia, né? [...]. Meu pai? Ah, meu pai era doente... ele... num podia trabaiá. A minha mãe era doente também. Ficô meia fraca da cabeça, né? E aí já tava só eu e uma irmã... em casa. Então, nós passô devagá, né? Ah! (risos) Assim de fruta? (...). Nesse tempo, num existia falá 'eu vô comê uma maçã', não. Tinha isso não, né? É essas coisa do mato, do pasto, né... do quintal [...]. Tem. Mangava, comia muito e hoje num tá teno, né? [...]. O pé de mangava, ele dá aquela árve assim, uma fôia lumiosa, né? E ela é mei' esgaiada, dá uma fruta verde assim (*gestos*), depois ela... quando ela madura ela cai, mai' ela cai verde tamém, mai' é gostosa demais, ma' num tá nem teno, muito poco que tem [...]. Nas terra ruim, né? Mangava num é curta não. Curta é terra boa, né. E cerrado, campo é terra da mangava, né? [...]. Curta é... naquele tempo... que nós era pequeno... era jaraguá... é o capim da curta, né? E no campo era o capim-meloso... e esse campinzão do campo mes', né? Mai' do meloso era um pasto bão, mai' era do campo, né, e o jaraguá na curta [...]. O jaraguá ainda tem alguma coisa, né? Ele dá um capim, uma fôia fina, né? E cresce... quando ele cresce fica grande, né? É o pasto que nós tinha po gado [...]. Meloso ... ele é mei' de cipó, ele dá uma fôia assim, que quando anda... prega na ropa, né? (*gestos*). Uma fôia meia cor de rosa [...]. Uai, naquele tempo dava muito, nós comia muito articum, num anda teno, né? A mangava... quê mais? Num tô lembrado mais, mai' tinha muitas coisa [...]. Articum, ele... tem o articum grande , dá um grande assim (*gestos*), arto, grande, né? Dá uns grande assim (*gestos*), madura lá no cerrado e cherava, né? Hoje tem o articum mai' astero ... ele dá umas fruta assim (*gestos*), mai' ele é esgaiado no chão. E tem o articumzinho , vermelho... esse articumzinho é até pa fazê chá p'os rim, né? Ele dá uma frutinha vermelha. Iss'é que nós comia [...]. É o que nós tomava, né? E aind'anda tomano, porque o povo tudo vai no médico, né, e famácia. Eu num vô nesse não. Eu uso é de casa, né? [...]. É, primero Deus, né? Peç'ele e bebo meus chá. Aí, vô aí [...]. Cê faiz de... s'eu tô passano mal, o rim tá ruim... eu bebo articum, carrapichim, né? É po rim. Se o fígo (fígado) tá ruim, 'ranca uma raiz de jubeba, né? Ah... de primero tinha a capeva que nós fazia o chá [...]. Capeva dá uma fôia redonda, né? Mais esse era só em terra boa, hoje a terra num tá nem teno, num existe [...]. Não, é ramo baxo [...]. [Faz] o chá da fôia. Agora... o... (...) a jubeba é a raiz, né? [...]. Jubeba é essa que es (eles) come aí... dá uma... baxa, né? Chei' de (...). A gente come a fruta e bebe o chá da raiz [...] 'marga (...). Aqui de veiz em quando curti, né? E nós come com arroiz, 'margoso pa daná. Carrapichim, ocê é capaiz de num sabê, mai' ele dá... minha irmã até levô... eu busquei pra ela ali (*gestos*). Ele dá uma sementinha... quando a gente anda pregra assim (*gestos*), sementinha verdinha, né? Esse é qu'ê o carrapichim, ele dá rasterim no chão [...]. Faiz [o chá] da raiz com fôia e tudo. Esse é po rim, né? [...]. Dor de cabeça? Ia lá e fazia chá de fôia de laranja... né? E duns ôtos ramo que eu num tô lembrado, né? Era essas chasera assim. Meu pai... sofria... ele sofria do figo (figado) e num podia... bebê pinga. Ele ia na Cumari, tinha um amigo que dava uma pinga ele, ele chegava ruim, né? Nós ia lá na aroera, tirava a casca por fora... tirava aquela por dento e fazia umas piulinha... e punha numa caçarola com fruta de óleo ... 'massava e fazia o ché pa cortá dor de cólica [...]. Cê conhece pau de óleo? [...]. Aqui na cerâmica ali, ó (*gestos*), nessa cerâmica ali tem um pé, lá, tá uma arvona lá... ele cresce até grosso, tá ali. Ele tem uma... uma baginha... aquela baginha cai, rebenta, é uma frutinha preta [...] fiz da frutinha, 'massa ela [...]. Serve. Es (eles) furava ele... bem den'

dele, depois na seca, ele dava aquele óleo e a gente tirava cá cuié, pa... pa machucado, né? Mes' pa bebê, era... eu bebia um golim. Mais pa machucado, né? Mai' bebia tamém [...]. É um que es (eles) fala óleo de pau [...]. É bão pa curá machucado e bebê, assim, pa... pa tudo quanto é, era bão, né? [...]. Serve. Serve, né, pa taba (...). Lá era meu pai, né? [...]. É, eu era menino... e... a gente c'a vida muito ruim e eu... tinha dia que eu ia subi um morrim, assim, num 'guentava, né? Aí, meu pai foi lá num dotor, conversô com ele... falô: '*Ah, seu Antônio, o menino do senhor da ruim demais do figo. Oh, ele num pode nem escutá berro de vaca*'. Num pode bebê leite, né, comê. E meu pai vortô, uai, comprá remédio, como? Num tinha, né, dinheiro. Ele foi lá, 'rancô essa capeva... 'ranco raiz da jubeba... e erva-tostã [...]. É... é esse tem aí na bera da rua, ela tem um... lastra assim (*gestos*), dá uma sementinha. E feiz o chá pra mim. E eu... fui bebeno aquele chá... escondia dele, ia lá na minha tia bebê leite, né? Porque eu... uai, não tem nada de comê, né? Ia lá e bebia leite escondido. E fazia male, que eu bebia quando eu ia subino dava aquela fraqueza, eu deitava, né? Ia embora. Eu fui escondeno, bebeno leite, bebeno o chá, até que eu sarei. Só com isso [...]. É uma... ela dá uma foinha redonda... ela... lastra assim (*gestos*), até, eu num sei se tem ali (*gestos*). Vê se tem ali (*gestos*) (...). Num acho. Q'eu capinei o quintal, num tem. Mais sempre eu achava aqui. Mais na rua tem [...]. A fôia? Não. É redonda assim (*gestos*), e a gente fa' o chá da raiz, né? E bebe a raiz. Dá uma raizinha pra baxo assim (*gestos*). E quem tem assim algum infecção por dento, tinha, quê o povo hoje num vai, num come, né? Comia... a fôia. Fazia e comia (...). Mais hoje ninguém sabe o quê que é erva tostã. Num come, né, num bebe o chá da raiz. Eu memo sei qu'ê bão, num bebo [...] esquece, lerdo, né? [...]. Ih! Tinha demais (...). Tem um pilão aqui [...]. Uai, pilão sempre fazia de angico, né? A gamela faiz é de tamboril... hoje es (eles) faiz de manguera, c' ôtas coisa, mais de primero, era tamboril, né? Cuié de pau... cuié de pau faiz até dum ramo do mato, um pau, que es (eles) fala maminha-de-porca, maci' né? Faiz a cuié [...]. Ela dá uma árve assim pa riba, chei' de espin, né? Aquele espinzão. O pau maci' é que es (eles) fazia cuié de pau [...]. Dá, dá. A fôia larga, né? Agora, a gamela é tamboril. Fazia de aroera, né? [...]. Tamboril dá umas arvona, ino aqui pa... Cumari... passô aquele... a vila ali, antes daquele trevo, tem um tamborilão (...) quereno caí em riba da cerca. É aquilo. Cê passa lá e observa. É uma arvona... ela dá um pau macio. Num instantim tá arvona, né? Ela só presta pra isso. Qu'ê maderá mole, né? [...]. Miudinha [a folha], é igual fôia de vinhático [...]. Pé de angico é quase do tipo mes' (mesmo) da... ele parece aroera. Só que ele dá a casca cheia de... uns arocin, né? E... ele... a fôia é igual a fôia do vinhático, miúda. E o angico... serve pra tirá maderá, né? Serve pa tirá poste de arame, assim, os pau. E aquela rezina dele serve pa remédio tamém [...]. Aquela rezina, quando ele... quarqué um machucado na árve, sai aquela água, dá aquela bôia (bolha), né? E aquilo a gente panha, seca... e... de primero, meu pai tirava aquilo pa fazê gemada... cê socava até virá o pó e fazia uma gemada de ovo, punha, pa gente comê [...]. Uai, é bão po estame (estômago), né? O jatobá tamém nós usava a... rezina de jatobá. Hoje, meu fi' (filho) vei' lá de Uberlândia... ensinaro pra ele... pa tirá a casca do jatobá e... põe de mônio (molho), né, na água pa bebê, pa dor nas perna, dor nos pé [...]. Jatobá tem ele ino p'aquele trevo... tem um árve lá... ele é... ela é pertim do jatobá, lá... tem o jatobá... e... e... tem o tamboril, é perto do tamboril [...]. Não, ele parece assim [com o tamboril], ma' a fôia dele é maiozinha, né, e ela maderá dura, o tamboril é mole, né? [...]. A maderá dura serve pa maderá de casa, né? E... pa soai (assoalho) de mata burro, soai (assoalho) de casa, es (eles) fazia de jatobá, né? (...). Agora, o tamboril num presta. Só serve pa gamela, essas coisa, canoa pa ficá den' d'água [...]. Nós morava era no rancho. Rancho de fôia. Bacuri, né, babaçu (...). Ele era pra... ele [o babaçu] dá um coquero, né. Ele dá as fôia grande e dá um coco assim (*gestos*), desse tamaim (*gestos*) [...]. Serve. A castanha come, né. E serve pa tirá o óio (óleo) [...]. O bacuri é mes' (mesmo) só pra tirá a fôia pa fazê rancho, essas coisa, né? E é da curtura. Terra boa tem bacuri, terra ruim num tem, né? [...]. Não, ele é... o bacuri é pequeno, né, ele cresce poco assim (*gestos*) e dá uns cachim verdim assim (*gestos*). Ele [o babaçu] sempre que

dá em quarqué terra, né? (...). Banhava [os olhos] com arruda [...]. É um remédi' assim da horta, foinha assim comprida, fedorenta que é um inferno! (...). Dor de dente? Dor de dente nós tinha uns ramo lá do mato, mato virge', esse que eu falo pro cê que é um matão assim, tem um ramo... jaborandi. Nós 'rancava ele [...]. É, tinha o jaborandi de fazê o chá pa bebê e tinha o jaborandi tremedô que nós falava, né? A gente 'rumava ele... e... e... punha aquela água, fazia o... frevia e punha no dente, e o dente ficava até 'nestesiado [...]. O de chá é cheroso, né? Ele parece um poco, maize, um é cheroso e o ôto cê mastigava ele... era aquele trem assim, ruim, ele parece que... quando cê mastigava a raiz dele, parece que até começava adormecê [...], o tremedô, é. E o ôto fazia o chá pa bebê, né [...]. É, bebia... num tem mais lembrança pra quê que nós bebia esse chá. Mais nós bebia esse chá [...] gostoso, é. E esse ôto era só pa dor de dente, né? Cê bochechava assim... aquilo ia aliviano (...). A casa... no tempo que fazia casa de estei'... é aroera, né? E a madeira de cima... era peroba que existia... tinha a peroba, né? Quando num é, é angico... agora, hoje, faiz de quarqué trem, né? [...]. A peroba ... ela é mesma coisa... ela parece... a fôia dela parece um poco c'a fôia do jatobá, ma' é mais comprida, né, e ela cresce pra cima assim, ó (*gestos*)... que dava aquês (aquelas) tora, aquele mundo, né? Tinha peroba branca, peroba roxa, né? Agora num existe [...] Maize, aqui nessa casa (*gestos*) deve tê madeira de peroba. Esses caibro aí, capaiz de sê [...]. Terra boa (...). [Tive] deiz [filhos] (...). [Casei com] vinte quanto [anos] [...]. E hoje já tem uns vinte e tantos ano que nós é separado [...]. Ah... a muié brigava demais, né? Eu num gosto de brigá. Se fô brigá é com ôto. Eu nunca briguei [...]. Não, num gosto não. Dexo pra lá, né? [...]. Toda vida brigô e nós casô, né, aí, foi aumentano, aumentano... até que... eu falei '*não, fica pra lá e eu pra cá, né?*' [...]. [Fomos casados] trinta e três [anos]. Trinta e três ou trinta e quato (...). Uai, lá no mato tinha... tinha até um trem que nós falava, que era... crista de galo ... é um ramim assim (*gestos*), né. A gente, naquele tempo, a gente panhava as fôia e fazia... fazia assim aquela afogado (refogado), né? Comia aquilo. Berdoega ... a gente comia berdoega, né? Comia... uma tal de ora-por-nobi [...] era uma fôia mole, né. Cê comia aquilo, naquele tempo. Maria-gorda que es (eles) fala, um ramo que nasce assim no chão (*gestos*), dá uma fôia gorda, mais... o que era do mato nós comia [...]. Esse [crista de galo] dá lá no pasto... ele dá uma florzinha assim, vermeia... e dá uma foinha assim, meia... meia cordinha, né? Nós comia aquilo [...]. É porque dava aquela coisinha assim (*gestos*) igual a crista de galo. Agora, ora-por-nobi já dá um... um ramo... é mei' cipó, né? E a ôta já é... dá é... no chão assim... é a tal de maria-gorda . Dá o pé, fica desse tamaim assim (*gestos*), dá uma sementinha vermeia [...]. Berdoega... aí na rua sempre tem... ela dá uma foinha... assim... gorda, né? Ma' essas assim num presta não, fôia miudinha. Nós comida lá da roça... que dava... terra boa... dava aquês (aquelas) foiona gorda. A gente panhava ela... e... a fôia... e põe o sal, punha mantega e comiga com arroiz [...]. Ah! A gente comia, né? Mais hoje ninguém come isso não [...]. A berdoega é rastera (...). Mais hoje ninguém sabe o quê que isso, né? Num come isso também não, né? Nós que comia num come isso mai', né? [...]. Não, na roça é muito mió, né? [...]. Aqui na cidade tem uma conversinha pr'aqui, ôta conversinha pr'ali. E lá na roça só a vaca berra, a galinha canta, o cachorro late, não tem fofoca, né? [...]. Lá na roça é mais difíci'... difíci', muito difíci', né? Adoece tem que saí... na cidade, né? Agora, pa vivê é um sossego, né? Eu mes' (mesmo) quando a muié adoecia... morava lá na roça... era três légua (...) no lombo dum cavalo... é mais longe do que daqui na Cumari. Cê ia de cavalo, né, buská essa partera em riba do cavalo... trazia ela... a muié ganha o nenê... e cê tinha que levá. Precisé buská um remédio, tinha que ficá lá. Meia noite, de madrugada, e chuva e sol, né? Só que lá é bão, né? Num tem conversinha... num tem, né? Aqui na rua tem conversa boa e ruim, né? A ruim é muito mais, né? [...]. Lá da roça? Tenho [saudades] [...]. Benzê? Tinha muita gente pa benzê (...). Tinha um homi aí, entremei' Cumari e Anhaguera... o homi benzia, mai' benzia mes' (mesmo), o povo duvida... mai' naquele tempo... o... s'eu tivé conversano c'ocê aqui, falasse assim, ó: '*Eu tem que i' (ir) lá no Epaminondas* [ele chamava Epaminondas] *e chegasse um lá, ele falava: ó,*

tem uma pessoa na Anhaquera conversano, diz que ainda vem aqui benzê... ele... ele vai chegá aqui tantas hora [e chegava mes']'. Ele benzia tanto... o povo tinha tanta fé co' ele, que um dia que chegava na casa dele, lá na roça, tinha uma grotinha... e tinha um poço que ele tomava bain' (banho). A pessoa chegava lá... e ele num tava, e o menino passano mal, ele ia lá naquele poço, panhava uma aguinha, dava po menino, o menino miorava [...]. Ele... por causa dele sê muito bão pa benzê, um dia meu pai chegô lá, num sei com quem, se é cum nós, comigo ou com ôto e ele falô assim: 'Seu Antoim, o senhor tem que esperá um poco... que em vem um lá na capoera... e ele vem cá pa mim benzê ele e eu num posso benzê nele, porque ele bate no pai, ele bate na mãe, el'é um marvado. Ele entrô na capoera agora, lá (gestos). E... depois ele vai descê lá no córgu, no mato virge' [e de cá do córgu, era a capoera pa chegá no ranchim dele, né] . E ele foi bateno num ferro lá. Pen! Pen! Pen! Pen!. Seu Antoim, óia lá que ele vai chegá [aí ele apontô]. Eu vim cá po senhor me benzê, né. Num posso! Cê é marvado. Cê bate no seu pai mai' sua mãe. Cê volta... hega lá na sua casa, pede pa sua mãe mai' seu pai perdoá ele, e ocê concerta, vira... fica bão... a hora que cê vié, que cê ficá bão, cê po' vim qu'eu te benzo. Aí... seu Antoim, agora... ele lá vai embora. Eu tem que esperá ele passá a capoera, o mato... e... a ôta capoera. Depois é que eu posso benzê, qu'eu tem que batê até num sei lá'. Aí, ele benzia mesmo. Era um homi que feiz um sucesso que nunca mais existe ôto. Às veiz, pode tê, né? Aí, ele... imaginô que... ele tava quase seno Deus. Pediu os vizim... o cemitério tá ali (gestos), na lagoinha. Pediu os vizim, falô: 'Ó, tal dia... eu vô sê enterrado, eu vô fazê o caxão... e... ocêis... armuçava (almoçava) na Maria Gapita, minha tia, né. Aguardo você lá. E no Zé Davi. E ele combinô c'esse Zé Davi... lá ele feiz o caxão... chegô lá, entrô dentro e falo assim: Ó, quando... eles... mei'... meia a cova de terra... é pa i' (ir) embora cum cabeça baxa... e... não óia pa tráis. Mais... como Deus num é brinquedo de ninguém, né. Chegô lá. Quando o povo pois... num teno nem meia cova, ele começô a ficá doido l'embaxo. E esse Zé Davi ficô com medo... e ele falava: Chega de terra! E es (eles) falava e esse Zé Davi: Mais terra! (risos). E ele gritava: Chega de terra! E ês (eles) mais terra e tampô. E saiu tudo de cabeça baxa [Ó, o povo tinha tanta fé com ele... que se sujeito chegava na frente com um revórve, óia pa tráis, morria tudo com a boca do revórve... ninguém óiava pa tráis, né]. Bão, enterrô. Depoize [eu, nesse tempo, era muito pequeno], aí a poliça sobe. É, vamo lá 'rancá ele, né. Chegô lá, ele de terno... aqui (gestos), ele tava tudo rasgado, né. E ele... 'sim, em veiz de tá deitado de costa, tava de bruço... aí, tirô. E minhas tia, tudo doida, né, beijano aquele trem fedeno demais. E a poliça falava: Esse é Jesus Cristo? É sim senhor, né. A senhora acha que Jesus Cristo fede desse jeito? (risos). É sim, senhore'. Morreu quê... quê ele ia fazê era isso, né? Ele ia... o Zé Davi tirava ele... ele ia sumi três dia. Depois, ele ia... ele ia aparecê, tomava o lugá de Deus, né? (risos). Então, Deus é assim, ele dá muita força pra nós, mai' quando nós abusa, ele corta l'embaxo (risos). Se ocê é muita coisa, ó (gestos), rapô lá no chão. Cê num é nada! (risos). Mais ele era bão pa benzê mesmo. Num é brincadera não. Óia, cê pensa, o povo ia lá... ele num tava, tirava a água onde ele tomava bain' (banho) (banho), dava po menino, o menino ia bão (...). Ela era tão... ele até ainda dexô... ainda muita coisa... eu... es (eles) roçaro o mato virge', né? E... nós foi quemá o mato virge' e o fogo pulô... e tinha uma capoera lá, chei' de meloso, esse capim que eu falo pr'ocê e a cruizinha dele... ele tinha uma cruizinha lá... tampo de capim assim ó (gestos) e o fogo pulô nessa capoera, torô até os pau. Até o capim que tava na cruz num quemô. Quemô tudo ao redó, assim ó (gestos) e aquele capim ficô na cruizinha dele lá. 'Inda dexô ainda esse sucesso, né? (risos). Quê o fogo quemava árve e num quemô a cruz! E o capim da cruz num quemô [...]. [A cruz era de] maderá. Maderá véia, né (risos) (...). Ele me benzeu (...). Ah! Eu, nesse tempo dele, es (eles) me benzia, mais eu num sabia o que era muito, qu'era menino, né? Mais ele me benzeu tamém [...]. Ah! Eu devia tê uns quato ano, né? Maize, ainda tem muito Epaminondas nesse mundo, ainda (risos), que anda quereno dobrá o povo, né? Quando ele tá famoso, Deus lambe lá embaxo, ó (gestos) (...). De primero tinha... tinha assombração. Hoje, num tem né? [...].

Tenho, uai. Aqui perto da Cumari, tinha uma fazenda do João D'Ávila, lá tinha umas coisa lá que... cê tava aí assim, ocêis dois, né, e eu aqui, ôtos aí (*gestos*), quando passava uma pedra entre mei' cêis dois, fazia um buraco na parede... aquela voiz falava assim: '*Num precisa tê medo que num vai pegá n'ocê não (risos)*'. Aí, quando é fé, falada dali, né. E o povo falava: '*Mais não! Isso num [tem gente na Cumari que conta isso, né]*'. Mais que existia, existia essas coisa. O povo fala que num tem... tem, eu lembro, né (...). Dixa eu te contá ôtra: '*Eu fui pa escola... dois dia. E es (eles) falô: Cê vai lá. E eu fui, né. Aí... cheguei lá, a gente num tinha nada pra cumê, com'é que vai, né? Eu fui hoje... fui amanhã. Aí... a professora falô assim, né: Ô, ô Maria... ocê mais o Oripe (Euripedes), fala uma poesia, né, ocê mais o Oripe... vai fala... vai ali na frente falá aquela poesia. Eu num sei dona Tereza. O ôto: Eu num sei. E eu lá atrás, né. E ela falô e eu falei [eu gravei aquilo na cabeça, eu sei, né] (...): Dona Tereza, eu sei. Ah! Meu fi' (filho), mais ocê entrô agora [esse trem era lá no terceiro, quarto ano. Naquele tempo, né?] (...). Meu fi' (filho), então cê vai ali, vai ali na frente falá, né. Pensei [nisso, nisso eu era menino pequeno]*'. A poesia era assim:

À mentir

*Quem se dispõe à mentir,
por vergonha num sente.
Mesmo que fale a verdade,
o povo diz que mente.
Por mais bonita que seja,
a criança mentirosa,
não lhe dirão que é perfeito
como a açucena ou a rosa.
Dirão que tem formosura,
porém ele falta siso.
Num é perfeita a beleza
quando há falta de juízo.*

Ela jogô os trem nos menino. '*Ó, três dia fora daqui! E es (eles) falô... esse Oripe falô: Ah! Eu quero te pegá!*'. E eu já num tinha memo nada pa cumê, né, num voltei na escola até hoje (...). De primero a gente num aprendia porque num tinha condição, né. Num tinha ropa, num tinha comê, num tinha nada [...] era difíci'. Era. Agora, hoje [...] mais fáci' e o povo, na maió parte, num qué aprendê, né? (...). Hoje, sem sabê, num é nada também, né?

Corumbaíba-Goiás

Narradora CoF1L67

(...) Quantos anos? [...]. Eu tô com... eu sô de 1947... Eu tô com 67, vô fazê 68... em agosto (...) dá dia 13 (...). Meu nome intero? É Lourdes Deufino da Silva (...). [Nasci] no município de Corumbaíba... fazenda Bocaina [...]. Uai, lá a gente morô... faiz muito tempo. Eu nasci lá e saí de lá casada, né? (...). Moramo' lá muitos ano... nem sei falá quantos não [...]. Uai, na época eu casei... eu casei mais ou meno'... 14 pos 15 ano [...]. Nesse tempo casava, nova, né? [...]. Não... eu num sei... porque uma moça naquela épaoca de 20, 22 ano... diz que falava que era beata (...). E... todo mundo... porque nós samo' (somos)... nós era 14 irmão... eu conheci só os mai' novo... 'que eu sô das mai' nova... hoje, eu tô seno a caçula. E... das mais véia tamém... casô tudo nova. A vida era muito difíci'... num tinha precisão de casá, mais... assim... a gente

casava mais nova e começava a vida mais cedo, né? [...]. Tive oito [filhos] (...). Só o mai' novo que não [nasceu de parto normal]. O Donizete foi... parto cesário. Eu tive sete, né, tudo normal e no último qu'ê o caçula... foi a cesária [...]. Não... num sentido assim a gente num escói (escolhe), né? Porque naquela época só fazia [cesariana] se havia necessidade. Como a gente... é... corria risco... né... já... fez uma cesária... já pensan'assim... em sarvá a mãe e o fi' (filho). Eu tinha morrido, só que Deus fez uma obra, né? Graças a Deus! [...]. Não... a gente (...) mudá pa cidade... porque quando a gente morava lá... no fim... nosso patrão vendeu a fazenda pa ôta pessoa e essa pessoa que comprô só mexia com gado soltero. Num mexia com gado leitero... esse tipo de coisa não. Aí, a gente mudô pra cá [para cidade] [...]. Gado soltero é aquele que não tira leite... é boiada... boi de corte... vai engordá e vendê, né? (...). É... porque quando... a gente num tinha terra, quem tinha era os patrão, né? Ês (Eles) falava: *'Não. Ocupa a fazenda, mais os pião que tá aí dento tá dispensado'*. Todo mundo se jogô num canto, né, pa vivê. Muito revoltante! (...). No cerrado assim... nativo, né? Sempre dava... cajú qu'ês (que eles) fala cajú do campo ... a mama-cadela qu'ês (que eles) fala nó'-moscada (...). Muitas fruta... é... mangaba... é... cagaitera também, é fruta do mato... tamém comia. Gumerim também (...) é uma frutinha preta... gostosa até! [...]. O pé de mama-cadela ela dá... até uma árve... ela dá umas frutinha... aí, as frutinha quando elas tá nova es (elas) é verde... quando madura es (elas) fica 'marelinha. E ela tem só uma semente e aí 'cê usa comê ela só... come só a casca... ela tem assim... é uma fruta algodãozenta. Então, eu gosto. E também a raiz dela é... é remédio [...]. É remédio pra... limpá o sangue, 'que (...) ela é a serventia pa cortá assim... como se diz... esses furunco (furúnculo), né, infecção de barriga... infecção... qualquer tipo de infecção. Ela é a raiz cherosa e é um bom remédio (...). Hoje, nós fala furunco, mais antigamente era nascida (...). Ele é uma fôia verdinha e meia lixenta. 'Cê colaca a mão nela assim (*gestos*), é uma fôia áspera (áspera). Ela num é uma fôia macia igual as ôtas fôia das ôtas planta [...]. O gumerim ele dá mais na bera de córgu. Ele é... quase tip'assim... a ramage' dela parece um poco a jabuticaba, né? (...). Só que ela é uma árve mai' resistente de que a jabuticaba, 'que ela é difíci' d'ocê quebrá um gai (galho), 'que ela é mai' forte a maderá... fininha mais é forte. 'Tendeu? (...). O jambo tem a fôia comprida... né... estreita assim (*gestos*), comprida. Ele dá uma flor branca, a fror toda... tip'assim... ele num dá pétalas... ele dá aquela... aquela flore tip'assim umas linha... né? Muito bonitinha as fôia dele. Aí, depois ela dá... ele cai a flor e vem a fruta, né? E ele vai crescono... e também tem... às veiz, uns tem duas... ôtos tem três semente... mais a... a maió parte é só três semente. E quando madura... 'cê come a casca também... que é... ela é... fica amarelinha e é um doce, né? Quase tipo da romã... só que a romã tem várias semente [...]. Não. A genta trata... a raiz dela [da mama-cadela] a gente trata, né, de nó'-moscada, né? Tem a nó'-moscada doce, tem a nó'-moscada de baiano e essa nó'-moscada do mato ... que é essa mama-cadela. Ela é leitera... ela dá leite tudo... a fruta... a fôia [...]. É... [a nós-moscada doce] é essa... essa de... de... tipo castanha, né? (...) Não... a gente compra na farmácia [...]. A nó'-moscada do mato ela só dá fruta na época da chuva. 'Cabô a chuva elas já madurô, já caiu, né? [...]. Pois é... é essa raiz, né? (...). 'Que cada região da... do nosso país tem a qualidade qu'ês (que eles) fala. Eu falo... o nome duma raiz, duma pranta... notro lugá é ôto nome... né? Então, aqui pra nós é essa. Já lá na... po lado do norte pra lá eles fala essa nó'-moscada... ês (eles) tira a casca, ês (eles) fala nó'-moscada de baiano, qu'ê essa é da raiz, né? (...). Pranta pa fazê chá ou como se diz pa fazê garrafada? (...). A gente usa muito... usava muito... hoje quais' ninguém usa mai', né? Fica mais no médico... é o poejo ... muito bão pa dá pa criança recém-nascido. Pra adulto poejo é bão pa gripe, ele é bão pa bronquite, ele é bão pa cortá febre (...) um ramim miudim muito cheroso. Tem o poejo... tem o funcho tamém. O funcho é muito essencial pra... infecção. A fôia dele é carmante. 'Cê po' (pode) tomá o chá. E a raiz do funcho corta pneumonia. Essas pneumonia doida que dá, que dotor fala que tem que tê cuidado. Então, a gente usa a raiz do funcho, fazê o chá em casa. E a fôia 'cê faiz o chá... dá pa criança recém-nascido, pa tirá cólica, dor de

barriga, pa vim o sono.. criança dormi bem... a gente faiz o chazim. E tem também a favaca ... que é... remédio essencial também pra... pa gripe... pobrema de garganta... é... gripe na cabeça qu'ês (que eles) fala... enxaqueca, né? Então... muito... muitas pranta (...). E pa garrafada a gente usa o pé-de-perdiz , né, que é do mato... pé-de-perdiz, velame branco , tem o velame vermei (vermelho) , tem... tem também... ês (eles) fala mocinha branca que é uma raiz muito boa pa cortá... assim tipo, né (...) essas coisa |...|. Ele é uma pranta... el'é diferente (...) ela é uma fôia comprida... uma fôia mais... ela num é verdinha, el'é mei' cinza a fôia dela é mais crara e ela dá uma florinha branca, branquinha. Num é todos... toda época que ela tá de flore, né? Aí, chama mocinha brana |...|. Só em lugá assim no campo... curta num dá. Muitas pocas raiz que dá em curta. Tem também é... o ramo que 'cê pode tomá... contra... começo de câncer que é o 'margoso |...|. Ele dá... umas fôia dele tipo pata de vaca... dá duas parte, né, ele é bem... bem assim (*gestos*), áspro... mes' elas tano verde ela é áspra, ela dá uma varetinha... as foinha vai seguino (*gestos*) até chegá na pontinha. E é todos lugá que tem tamém não. É lugá que num tem capim. É só cerridão |...|. Aí, ela dá. 'Que as vaca come muito (...). A gente bebe o chá... a gente faiz... põe no vin' (vinho) branco, né, pa tomá é muito bão |...|. A folha [que coloca na garrafada]. A folha também (...). Tem o amaro-leite tamém, depurativo do sangue. Ele dá uma batata, né? Tipo o algodãozim , 'que algodãozim... tem o algodão de casa e algodão do campo, né? Algodão do campo ele dá uma raiz tipo mandioca, ele é (...) muito cherosa e ela dá leite também. Tem a lobera também (...). A lobera é pa gastrite, né? Pa úlça (úlcera). 'Cê faiz... rala a fruta e tira o polvi' (polvilho) |...|. Não... o pé de lobera é muito comum. A maderá é chei' de espim. Ele dá uns espim, dá assim uma árve mais ou meno (...), as foinha mais crara tamém, po lado de cinza. Ele dá uma florinha roxa, né, depoi' dá as fruta. As fruta sempre elas fica grande. Então, é tempo da chuva... ela dá maió... ela dá mais... ela produiz mais... porvi' (polvilho). Aí, na seca ela... ela já dá po lado de... de veiz. Ela 'tano de veiz, ela não dá porvi' (polvilho) (...). 'Cê vai pegá a fruta... lavá ela... porque ela tem um pêlo... e esse pêlo pinica. Aí, 'cê vai lavá essa fruta e vai ralá. Aí, pra fazê o porvi' (polvilho), num é fáci' não. 'Cê tem que ralá com semente e tudo. 'Cê lava ela, dexe sentá... pa depoize... põe no sol pa secá. Mai' 'cê vai ralá o que? Umas duas dúzia de fruta pa dá umas três... quando muito três colher de sopa de porvilho (polvilho) |...|. Poquim... poquim... poquim, mais uma cuié de porvi' (polvilho), 'cê pode curá quarquê pessoa que tem uma úlça (úlcera), uma gastrite (...). Serve pa... pra esse tipo de doença e serve pa... numbriguero. Quando ela tá de veiz... aí 'cê... lava ela... faiz um burcado... enche de açúca' e põe assá. 'Cê pode pô no fogo baxo no fornim, né. 'Que no tempo que nós fazia, tinha fogão de lenha. A gente... fazia janta, depois nói' arredava e punha a lobera assá... dexava ali. No ôto dia, escorre aquele melado... um melado branquim... matá solitária... né... ovo de solitária... ôtos verme |...|. Funciona. Funcionava não, funciona. 'Que hoje o mundo é muito grande... né... espaiô (espalhou)... os dotô até proibiro de tomá certos remédio casero que a gente tomô e viveu até hoje... pra ês (eles) é veneno... num pode (...). Ês (eles) num recomenda você fazê isso mais. Agora, essas famía (família) mais antiga, igual... eu vim de herança do meu pai, da minha mãe, a gente num era muito de tá ino no médico não |...|. Aprendi com a minha mãe falescida, com meu pai (...). A gente cresceu (...) a sabedoria vem do berço (...). Eu tem ele aí [o ruibarbo]. Ele é da fôia compridinha, fininha assim, ó (*gestos*), ele dá... a batata dele é 'marelinha (...). Da fôia 'cê pode fazê também pa cortá tosse. Quarquê tipo de tosse 'cê pode usá ele |...|. Não [é rasteiro], ele dá comprido assim (*gestos*) (...). Tem dois tipo de marcela . Tem a marcela... essa miudinha... tem uma ôtra marcela-acanforada . É a miudinha [que as mulheres tomam] (...). Acanfor é mais pa lavá machucado, cortado (...). 'Que as muié tomava é a marcelinha (...). Agora, essa acanfora é pa banhã machucado |...|. Essa tamém é umas foinha miudinha, ela dá... dá rastera... os gaim (galinhos) dela tem hora que parece que é assim tipo mei' cipozim, dá umas foinha, muito simples. Mais quais' num tá veno ela... num acha mai' não (...). A marcela que as muié antiga tomava... ela... ela dá rasterinha no chão.

El'alastra (...). Agora, essa ôta marcela... ela só sobe (...) cresce mai' num fica muita coisa não (...). Eu tem o maió orgulho da minha vida. O que eu já passei (...) pra mim foi uma luiz muito boa. E eu quero vivê pelo menos uns 115 ano' (*gargalhadas*) [...]. Quero vivê muito. Deus me dano essa corage', disposição (...). Na nossa época pequeno, a gente num podia estudá, né? A gente estudô só a cartilha... e... e nossa escola foi... enxada... machado, foice... né? E batê arroiz, plantá, limpá, carpiná (...) carpidá, que num usava... tinha que carpidá (...), tinha que carpidá, depoi' tinha que discriminá, 'que tinha uns pé que num podia passá a carpidera (...). Uai... os tipo de coco que eu conheço... é a gueroaba (guariroba) que é comum... o da Bahia, o jeribá, né? (...). Aquele... coco-babão que ês (eles) fala... é cheroso. Hum! (*sons onomatopaicos e gestos*), um coquim amarelim [...]. O jeribá... e o de baguaçu é diferente. O coco de baguaçu ele é... parece uma escama. Ele é redondim assim (*gestos*). Quando ele tá verdim, ele dá uma castainha redondinha. A gente... quebra e come. Ela é molinha. Agora, depois que seca num tem serventia não (...). Uai, ele dá no mato, um coquerim qu'ês fala... coco-babão. Porque el'é assim... ele é muito cheroso e gostoso. Tem dois... que 'ocê masca... é de mascá... ele é... esse jeribá, 'cê costuma frevê no leite pa cortá tosse, né? E 'cê pega ela maduro, dá uma machucada nele (*gestos*). Ele é... fica 'marelim, carnudo... dá aquela carne. Aí, você coloca no leite e dexa fervê até engrossá e dá pa quarqué um paciente que tivé necessitano [...]. Ah! O jeribá, no cerrado, eu nunca vi não (...). Aí, ele dá um cacho, os coquim pequeninim, assim (*gestos*), mais é... cheroso e gostoso, docim (...) ele é mei compridim. Agora, o ôto [coco-babão], 'marelim, ele dá um cacho... um mundo de cach'assim, mais é coquim mêmô, pa valê! Esse também... tem muita... pode frevê no leite que menino gosta muito de ficá mascano (...). É poca diferença um coquero do ôto. Agora, o baguaçu é o maió, né? Ele dá lá em riba (*gestos*), ele vai lá no... ele é o mais alto que eu conheci até hoje (*sorrindo*) (...). O jeribá com o coco-babão é quais' uma coisa só. Só que a diferença assim... o jeito do coco, a natureza (...). Cabô... cabô a raça (...).

Narradora CoF2A68

(...) [Meu nome é] Antônia Alves Fagundes [...]. [Minha data de nascimento é] 09 de novembro de [19]45. A identidade minha é compliada (*sorrindo*), quando os ôto pergunta a idade... tem que imaginá (*risos*) pa respondê [...]. [Tenho] sessenta e oito [anos] [...]. [Nasci] na fazenda aí... municípe [de Corumbaíba], né? (...). Vivi [na fazenda] a vida quase toda. Tem 31 anos que eu mudei pra cá (...). Agora, de fruta, tinha a mangava ... uma fruta que até hoje eu sonho com ela e já não vejo mais (*risos*) [...]. É uma fruta muito gostosa... ela tem um azedim assim leve, mais... uma delícia! Ah! Uma árvore... bem grande... cascudo o tronco, uma folha mei' (...), num é redonda por completo... mais num é também aquela comprida, despontada [...]. Dá aquela árvore enorme. Aí, nós adorava subi lá e balançava as galha pa caí aquelas que já tava de veiz... caía tudo no chão... panhava... levava pra casa... nós panhava ela de veiz... mamãe... fazia o doce. Que delícia o doce de mangava [...]. Ela fica amarela... um poquinho amarela [quando madura], 'que ela é verdinha, né, enquanto verde. Aí, ela madura, ela dá um tom amarelado, mai' num é aquele amarelo... vivo não (...). Tinha cará... 'que hoje em dia... ainda vê assim no supermercado, mais nas fazenda assim, 'cê quase num vê mais né? É... tinha... cará. Inclusive, tinha um cará roxo ... tinha tempos que num... num via dele. Tinha aquele cará do ar ... dele é já cipó... sobe e dá as fruta assim (...). É diferente... 'cê pensa que é uma fruta, sabe (...). Ah! Eu fazia muito p'os meus menino... era... marcelinha-'margosa , quando dava dor de barriga, né? Falava assim que dava febre o intestino, então, dava essa marcelinha... pa cortá a febre. Tomava... e se tivesse prologano a mais dia, fazia o chá de pé-de-perdiz . É uma raiz que 'ranca do campo também, né? Ia lá, 'rancava, fazia o chá e ia tomano, 'que ela age como antibiótico [...]. [A marcelinha-amargosa] ela é miudinha. A fôia

dela é miudinha (...). Ela fica às veze' numa altura assim (*gestos*), mais esgaia (*esgalha*), deita pelo chão, sabe? Ela é mais ratera [...]. Que eu conheço... é [apenas este tipo de marcelinha que existe] [...]. [Para dor de cabeça, dor de garganta] dava o chá de hortelã... fazia o chá...alho... tem aquele alho de todo ano que se fala... que planta nas vasilha' assim (*gestos*), uma folha comprida assim (*gestos*). Fazia o chá (...). Pra cortá febre, por exemplo, tava com febre, dor de cabeça... fazia o... o chá de alho com a hortelã [...]. É porque ele [o alho de todo ano] ele é o ano intero... ele... tá verde, sabe, a folha, num é como o alho que 'cê planta lá pra colhê a cabeça, dá um tempo ele seca a folha, né? [...]. Não. Ele dá uma raizinha, pequenininha assim, ó (*gestos*), mais só um... num é como o ôto que é chei' (...). Parece [folha]. Num é muito parecida não, 'que o ôta é uma folha mais grossa, né, e mais larga. O alho de todo ano... ali tem também (*gestos*), depois se 'ocê quisé vê... a folha é... estreita e mais fina [...]. É [usava essa raiz]... 'panhava lá e 'massava, fervia junto com... a hortelã e a salva . É um remedim também. É uma folha também que... serve de remédio, dá pa gente usava muito [...]. É... o pezim ele cresce, às veiz, fica até dessa altura assim (*gestos*), dependendo do lugar que planta ele... e ele enche de galho, dá uma... uma folhinha assim (*gestos*), dá a impressão que ela é pipocadinha, assim (*gestos*), né? Mai' num é não. 'Cê 'panha lá, ela é lisa, mais pr'ocê batê o olho assim, c'ê acha que é pipocadinha, Tem ali também, se 'ocê quisé vê (...). 'Cê vê um pé desse artimijo aqui (*gestos*) (...). Ele fica grandão. 'Cê vê que coisa mais linda na noite de lua clara... ele floradim assim, ó (*gestos*), flor branquinha. Ela age como... faiz o mes' efeito de tomá a dipirona... a flor dele faiz o mesmo efeito [...]. Pode fazê po bebê, quando chora de dor de barriga. Ferve a flore [...]. É a coisa mais linda! Eu plantei um pé ali no quintal... era tudo aberto aqui... ele cresceu demais... e florava... chegava de noite, 'cê olhava assim, parece que aquilo mudava... com o claro da lâmpada... sabe? Ou que fosse da lua... ele ficava assim mudano de cor. Ficava a coisa mais linda do mundo! (...). Tudo sai uma florzinha redondinha assim (*gestos*), branquinha, miúda (...). Mais é fedorento! (...). Amarga (*risos*) (...). [A cerráia] é um pezim assim (*gestos*), com uma folha verde tamém... po lado de acinzentado [...]. Ela falava que era bom pra... limpá o sangue... parece que é isso (...). Bom pra infecção. Falava que era pa panhá, pra cumê. Eu mesmo nunca comi não. Mais tinha, muita gente comia, né? [...]. Uhum! Ali tem um pé [de taioba]. Uai... come a folha dela... diz que é pra... melhorá... a... as impureza' também que tem no sangue... tanto a folha, quanto a... o cará, né, 'qu'ela dá um... um cará. Aí, come diz que... quema colesterol, né? (...). Igual... tem um ramo ali... um fala que é... é... boldo ... ôtos fala que é... cura-tudo ... ôtos fala que é sete-dores ... de forma que eu num sei, né? (...). Mais eu falo é boldo (...). Ele é da folha... meio arredondada... verdinha... e... o ano intero dá folha. Se 'ocê quebra uma galha, ele brota aquês (aqueles) broto bonito assim (*gestos*). É muito amargo. Toma quando o estômago tá ruim, né? (...). Eu conheço ele ramo que tá caído ali (*gestos*), por erva-santa-maria ... 'cê deve conhecê, né? 'Qu'ela é muito conhecida [...]. Mais ôtros já fala que é mastruz , né? Aí, eu já num sei (...). É muito conhecido. É o que a gente fazia os lombrigueiro (lombrigueiro) pa menino... era a semente de abóbra... dexaba ela enxugá... torrava ela lá na panela e... socava no pilão... e... colocava santa-maria e... leite...e fazia o melado... punha lá e fazia aquele doce pra ês (eles) comê. Ficava forte até o gosto, né? Eu usava como lombrigueiro (...). Pa melhorá a gripe fazia fedegoso... é... fazia... o chá de erva-terrestre com a salva, né? Que às veiz tava com febre já colova a salva (...). Tem aí... é uma folha arredondada assim, cum biquim na berada ela (...). É um cipó... aí dá a folha, né? Aquele cipozim... ela vai alastrano assim (*gestos*) e saino aquelas folha (...).

Narrador CoM1G83

Eu tô com a cabeça mei' atrapaiada hoje (...) esquesito. Parece que entrô um vento na cabeça, assim ó (*gestos*), parece que tá tudo baruieto (barulhento). Então, eu ai assim, lá po mei' dos

quintal, assim (*gestos*), quando eu volto pra dento, eu já... mioro (melhoro) (...). Meu nome? Gustavo da Costa Muniz [...] Anos? Eu já tô já com oitenta e três [...] [Nasci em] trinta e três [...] dia sete [...] novembro [...] Não. [Nasci] em Araxá... qu'eu num sô daqui, né? Eu sô de lá [...] Ih! Eu vivi minha vida era só na roça. O que eu tenho hoje em dia, isso tudo foi tirado foi dos braço, foi na roça... o que eu num tem... eu num tem o que falá assim: iss'aqui o prefeito ajudô... num tem nada, nada.. aqui de prefeito que ele ajudô. Aqui num tem nada! Nadinha mes' [...] Aqui [em Combumbaíba]? Eu vim assim de... trabaiano, né, pra um, pra ôto. Vim de fazenda em fazenda trabaiano. Trabaiaava empregado num ano, no ôto eu saía e ía pa roça trabaiaá, mexê com lavora. Minha vida era na lavora quais (quase). Quais só na lavora [...]. Uai... resolvi ficá aqui porque aqui tinha mais serviço... por fora num tava teno serviço. Tinha, mais era... os fazendero queria castigá demais da conta e eu num era homi assim de ficá castigado num lugá só. É quê eu quera ruim de conduta. Meu batido era esse, porque se pagasse... me ficá me pressionano ali, eu já partia pas coisa ruim... meu poblema era esse. Eu num... num dexava barato não [...]. Já aconteceu... maize (mais) [...]. Uai... es (eles) queria que a gente trabaiaasse assim ó, morrê sem eze (eles) ... pagá. O poblema é esse... e eu era o tar (tal) que num dexava a coisa barato não. Eu partia pa riba, de tudo quarquê jeito, eu recebia. Tinha isso também. Eu num dexava não, porquê... es (eles) queria era só o suor da gente... e eu era um homi que eu gostava de trabaiaá, mais eu gostava do meu também... quê todo mundo quê tê uma raizinha, né... pa vivê... se num tivé uma raizinha num véve (vive) de jeito nenhum... o problema é esse. A gente tem que tê um pensamento positivo... pa gente permanecê mais... até mais na frente... quê se num tivé um pensamento firme, a gente num faiz nada. A gente tem que pensá no serviço e tem que pensá no bem da gente... e da famia... que a gente... a única coisa que a gente tem que pensá primero é na famia da gente... única coisa. Depois, é pensá na gente... o poblema é esse [...]. Uai... que é vivo é três [filhos] né? É o Roberto que mora lá do ôto lado (*gestos*)... a Ana Maria e a Clarice, muié do João... que mora lá naquele aterro lá, ó (*gestos*) [...] Dois... dois filho... perdeu [...]. [Me casei com] trinta e três [anos] (...). A mesma [esposa] até hoje (...) a gente tem que dá o valor... na esposa da gente, antiga, a principal. É a única que a gente tem que dá o valor... a gente tem que dá o valor em todos, né? Todo mundo... mais principalmente a esposa... que convéve (convive) com a gente den' de casa... que é ela que 'guenta os tranco tudo, né? É, que faz tudo pa gente. Então, a gente tem que segurá aquela barra ali, ó (*gestos*)... a única coisa que a gente tem que fazê... tem que dá valô na espoca e dá valô nos fi' (filhos), né? Na famiage [...]. Era muito trabalhoso, 'quê nós num saía da roça, né? Eu principalmente... eu trabaiaava de empregado pa baxo, pa riba... trabaiaava em fazenda de (...) pa podê vivê. E era assim... trabaiva pior quê (...) aqui, ó (*gestos*). Trabaiaava nas fazenda, às veiz, trabaiaava p'um pião que, às veiz, que num dava valô nem nada... trabaiaava pra ele pra lá assim... num pagava de jeito nenhum, eu ficava ali... o dia que eu... que eu via ele, ele tivesse c'um trem de valor... aquil'ali, ó, pa mim pegá o meu, eu já ia, né, conversano com ele ali e tale (tal), eu propunha comprá dele, né? Eu comprava dele até por um valô ali, às veiz, um mi' réis ou dois mi' réis a mais... pa mim podê recebê... porque (...) num queria pagá, né? Eu pegava... entrava em corcord'ali e tal, mais assim disfarçano... já disfarçava pa mim podê recebê o meu (*gestos*). Quê se num fizesse isso, num recebia... é... a gente tem que sê positivo. Nunca, graças a Deus, nunca dei prejuizo em ninguém, nem dum centavo a meno' (*gestos*). Eu tem essa opinião comigo. Se fô pa mim dá prejuízo pra uma pessoa, pa mim pegá... o que é dos ôto... eu prefiro num recebê o meu, largo pra lá. Eu tem isso comigo [...]. Eu? [Me mudei para cidade] por farta (falta) das lavora... é puquê eu era lavorista, né? Mexia com lavora e era muita lavora... então, os fazendero foi 'rastano, foi tirano, tirano... já num tinha mais aonde nós lutá, né? Foi preciso d'eu pará. Aonde eu vim pará den' da cidade. Mais que eu sô lavorista, eu sô lavorista! [...] Não. Prefere ficá na cidade por causa dos fi' (filhos), né? Mais... assim... pa tê um futuro mió eu gosto é lá... ficá lá pa roça, pa lá... meu poblema é esse, quê eu gosto (...). É fruta... tinha muita fruta... às veiz, a

gente mexia com roça lá, no fundo do mato, quê (...) roçava... à veize... quê nós andava tudo armado... naquela época... aquil'ali assim, às veize, a gente tava roçano lá, pa fazê uma roça, quand'é fé um bicho atacava a gente, a gente passava fogo nele, matava pa comê a carne... é... nós num corria não... o bicho entrava na trinchera ali, depressa ali, nós matava pa podê comê a carne. Era desse jeito que nós fazia. Tinha desse negócio de corrê não. Nós enfrentava fazendero... né? Combinava com ele ali e tale... dum lado, do ôto ali... pa podê sobrevivê... era! [...]. Uai... diversas fruta, né? Puquê tinha umas fruta que a pessoa num pode comê [...]. Ah! 'aquil'ali era um tal de cajá do mato ... o cajá do mato a pessoa num pode comê ele [...] é porque ele é veneno. É dá um leite, aquele leite ali 'trapaia por den' da pessoa... ele encrunvinha ali, ó (*gestos*), ele prega aquele leite dele ali... ele prega no entistino, ele prega no limbo do bucho... aquil'ali num sai. Pó tratá do jeito que fô... pode i' (ir) po médico, fazê limpeza ali que num... num 'caba [...]. Uai, o pé de cajá e a mema coisa desses cajá de casa... esses cajá-manga. Ele dá uma fruta desse tamim assim (*gestos*) e é comprida... e tem um ôto tamém... um tal de... tsc! Ele dá um leite... um mamãozim desse tamaim assim, ó (*gestos*), ele... é o tal de jaracatiá . É... num sei se ocêis conhece dele [...] Num conhece não, né? Lá pro meu lado pra lá, de Araxá... Uberaba tem muito, pra lá tem des (deles) ainda [...]. Não. Aqui [na região] num existe [...]. Não. Eu nunca vi aqui. Ele dá umas fruta desse tamaim assim, ó (*gestos*), mema coisa de mamão... mais é docim! A coisa mió que tem [...]. É [gostoso]. E aquil'ali, ele é lumbriguero... aquil'ali assim: a pessoa vai lá quando ele tá maduro, panha ele, descasca ele bem descascadim e põe ele... põe o açúcar den' dele, né... racha ele ali... em cruiz ali (*gestos*), põe o açúcar den' dele e põe ele lá no sereno... põe ele no sereno... no ôto dia, amanhece aquele mel dento dele! Aquil'ali ele vai desmanchano... aquil'ali é o mió numbriguero que existe... pa criança, até adulto memo, pa tirá até lumbriga solitária... essa lumbriga de porco. Limpa tudo! É o tal de jaracatiá [...] [O pé] é a mema coisa de 'cê vê uma barriguda dessa que dá espim... mema coisa. Ele dá aques (aqueles) pauzão grosso e vai crescono... até um certo ponto, depois ele para... aquil'ali ele só vai dá fruta. Lá em Minas tem. A barriguda é essa painera... ela dá... uma maçã desse tamaim assim, ó (*gestos*), depois que ela cai no chão... lá no pe memo elas abre e sorta a paina... dessa de pô em travessero, fazê almofada... e é maciim... ela dá uma sementinha redondinha assim, ó (*gestos*) [...] dá árve grande, é grandona. Lá em Minas tem muito, desses trem pra lá [...]. Uai, é curta (cultura) [que encontra o jaracatiá]. A curta [...] É porque, [a barriguda] quando ela nasce, ela nasce com aquele... com a varim assim, né, (*gestos*). Ela nasce e vai crescono. Então, no mei'... o pé dela fica mais fino... e o mei', ela vai engrossano é só no mei', ali ó (*gestos*). Ela cria um patuá no mei' assim, ó (*gestos*), ela vai pa riba , ela vai afinano, embaxo é fina, no mei' ela é grossa [...] é a mema coisa duma barriga duma pessoa que cresce ali e vira aquele mundo, duma pessoa barriguda, mema coisa, por issto que nós trata ela de barriguda [...] É curta. [O cajá do mato] gosta do mato mes', o mato virge', assim, um mato que tem força, é... um chão mais preto. Puquê den'do mato dá muita fôia, né, e fica alto. Então, nasce ali, aquilo engrossa, vira aquele toco de pau. Lá em Minas tem demais, numa tal Invejosa. Ih! [...]. Não, lá é o lugá que chama Envejosa, é uma fazendo que tem pra lá (...). Que a gente num gostava de cortá e num corta até hoje (...) tem muita maderá... tem o jambo do cerrado , num pode [...]. Ele é da foinha estreita, assim, ó (*gestos*), dá aques (aquelas) arvona comprida, bonita! Uma árve assim, mei' branquicenta. Tem o vinhero ... ninguém gosta de cortá porque num pode... é maderá de lei [...] É branca, é cascudo tamém, mais é maderá e tanto. Maderá muito boa [...] Dá fruta sim [o jambo do cerrado]. Ela dá uma fruta desse tamaim assim, ó (*gestos*). Quando ele tá maduro, tudo quanto é bicho fica debaxo dos pé lá... mema coisa do pequizero, pequizero... quando ele começa a abri' tudo quanto é bicho gosta de tá debaxo, é cobra. Aqui tinha um tal de Alegáro aqui... a vida dele era no cerrado pegano pequi pa vendê aí na cidade, ó, pa baxo, pa riba. E um dia... foi o último dia dele também. Que ele foi buscá uns pequi até pa finada Maria (...) que morava ali, ó (*gestos*) (...). Aí, o último dia dele, quand'ele chegô lá, tinha muito pequi no

chão, ele catô aquês (aqueles) que prestava, o que num prestava ele largava pra lá e foi pa subi' no pé... na hora que ele ergueu a mão na furquia (forquilha), era chato em riba, né? Bateu a mão em riba dum cascavél e o cascavél pá na mão dele... aí ele já largô lá e já desceu de lá... e (...) vei' embora. Chegô aí, num falô nada, ficô calado. E ele, cada vez mais ruim, ruim, ruim, já num tava enxergano nada... e es (eles) pricurano ele, e em vez de pegá e levá na... no médico pa vê, né? Aplicá uma injeção nele... não, largô. Quando é fé, ele só revirô a sapata, lá, e morreu. Aí, o médico falô: '*Não, vamo' fazê um exame nele, pa vê o quê qu'é isso*'. Foi vê... já esbarrô foi com o veneno do cascavél saino na cesura, depois que ele morreu [...]. Ah! Era benzeção, né? A benzeção que era forte... quê ainda tem gente ainda que benze... a pessoa pode tá nas última, ali 'cabano de morrê, ainda... revêve (revive) ainda. Tem isso. Quê a fé da pessoa seno grande, aquil'ali, quarquê benzeção ali num trem assim, prevalece muita coisa... até mais do que médico [...]. Não. Eu fui ofendido duas vez, né? Foi uma vez den' dum rego d'água e ôta vez eu tava fazeno escavamento pa fazê manguero de porco... aí, eu fui... puxano a terra pa trais e tinha um cascavél assim (*gestos*) enrolado, lá e eu num tinha vist'ele. Eu vi só a hora que ela deu no carcanhá (calcanhar). Mais num oiei (olhei) pa trais nem nada, aí... fiquei c'a vista muito ruim... e peguei, saí, laguei o serviço lá e fui embora. Aí, ficava cada vez pió, cada vez pió, es (eles) foi fazê um enxame, né? Era cobra que tinha me pegado, cascavél... aí eu fui po médico, tratei, tratei... mai' eu fiquei com a visão ruim, até hoje... eu num tem a vista boa ainda. Quê esse trem depois que ataca, cabô [...]. Tinha. Aí no cerrad'aí mes' tem, ó (*gestos*). Aquele manacá, é o único remédio [...]. É, chama manacá, aí tem dele aí, ó (*gestos*) [...] a fôia dele é a mêma coisa da fôia de algodão... algodão de casa, mema coisa (...) fôia de algodão, pode i' (ir) lá, oiá lá... mais ele dá aquês (aquelas) toça assim, ó (*gestos*). Aí, até capaiz que eu tem uma raíz dele aí, ó, a raíz dela aí (*gestos*), manacá [...]. Dá moita, né? Dá uns toco assim dessa grossura (*gestos*), dá raíz po lado [...] Pode pegá a raíz e lavá ela den' dum litro d'água e põe curti... no dia que 'cê já põe curti, 'cê já pode tirá lá... pa quarquê coisa e pode tomá. Ele num dexe dá reumatismo, ele tira o reumatismo da pessoa... é... ele corta o reumatismo (...). Então, é um trem que prevalece. [...] Não. [O vinhero], ele é da fôia comprida, ele dá mais é nos mato. Ele dá fôia comprida... ali (*gestos*) no César eu acho que tem um lá, um grandão lá... lá tem um [...]. É que o vinhático tem as fôia miudinha... (...) por dento dele ele é 'marelim... e o vinhero não, o vinhero ele é assim, ele é branco... e das fôia comprida [...] é, a casca dele é lisa. Agora, do vinhático não... do vinhático é tudo sapirocado [...]. A maderá do vinhático é boa... é boa pa cerca, fazê quarquê coisa... pode fazê móves (móveis)... modo assim, fazê mesa, quarquê trem. Maderá 'marelinha. Agora, do vinhero não, a do vinhero é maderá só memo pa 'sim... pa serviço de casa, esses trem assim, bate na serra, né, tira a vigota, das vigota tira... ripa, arripamento, tudo. Eu trabaei muito nesse negócio de tiração de maderá [...]. Ah! Iss'aí nós tirava o ipé... era o perera [...] um tal de perera ... uma maderá boa demais da conta... jantero [...] é o tal de jantero, é um pau assim vermei por dento, maderá bonita... maderá de lei mesmo [...]. Ah! Ela dá nos mato mesmo [...] não, cerrado ele num dá não. Só memo dento dos mato, lugá fresco... aonde tem algum nascente d'água, quando num tem uma nascente d'água, mais ou meno um lugá fresco... o mato seno... ali ele (...). Não, não, ele não dá frutra, [a folha] é comprida, é lumienta [...]. A perera ela é cascuda... a maderá macia, maderá de lei, maderá 'marela, maderá boa, toda vida [...] ela dá só aqueles pauzão, né, aquelas tora, ali no fazenda do Hélio, lá em riba tem lá, ó (*gestos*), uma perera lá que é uma cepa (...). A fôia dela é comprida... da perera (...) ela é deferente d'ôtas planta... ela num dá assim parecida com ôtas... com ôtos pau por causa da fôia, né? A fôia dela é fininha... e ela num dá aquela riscada assim na fôia, ó (*gestos*), ela é lisa [...]. O manacá? Ele dá uma flor, né? Sempre ele dá umas frutinha, mai' pititica assim (*gestos*). Aquil'ali... ele é catingudo, a gente panha ele assim e fôia dele, esfrega (*gestos*), é a maió catinga danada (...). A fôia dele é veneno, quê o gado... quando tá assim, pa pari' uma vaca, se fô lá e comê a fôia dele, a vaca morre o bezerro... fora do tempo [...] Uai, bota tudo

fora [se uma gestante comer da folha], num pode comê de jeito nenhum [...]. Não, dá moita, ela dá baxote assim (*gestos*), mai' dá árve, às veize... às veize, a gente vai até lá roçá, ele vai crescono toda vida, depois ele cria aquela capota larga e ele para, mais aí ele só vai engrossano. Ali no César tem demais, ó (*gestos*) (...). Tem a erva... a erva é do mato. A erva, só da rês vê o chero da flor dela lá no mato lá... o trem fica doidim pa i' (ir) lá pa comê lá. Mai' é cabá ele bate c'as deiz. Morre na hora. E tem uns que só que vê o chero ele... entrega ao pai (...). O jambe (jambo) ... ai... ele dá a fruta desse tamaim assim, ó (*gestos*) e é 'marelinha a fruta dele... é a mió fruta. El'é docinha, ela dá uma semente desse tamaim assim (*gestos*) dento, ó. Tem uns que dá até duas semente... no jambe (...) esse é de casa [...]. Um é de comê e o ôto [jambo do cerrado] num é, né? (...) O do cerrado num dá fruta, quando ele chega a dá fruta, ele dá umas fruta seca. Vai dano tamém, poco prazim ele cai po chão, tamém vai tá tudo bichado, num presta [...]. Pa mim ele num tem servintia nenhum, só pa madera... só madera memo [...]. Ah! Aquil'ali a madera dele é boa pa quarqué coisa, né? Maderamento de casa, esses trem [...]. Esse de casa tem que plantá ele, né? Pega a semente dele e planta (...). Ih! Quem nunca viu madera... é que agora... quê todo mundo ando mexeno nas fazenda pa baxo, pa riba. Ando devastano demais da conta. Cabô c'as floresta, os mato que tinha. Ma' lá pros meu lado pra lá, o pau que quebrava lá era mata. Lá tinha onça lá adoidado e a gente tava trabaiano (...) passava perto da gente assim oiano a genta lá assim, ó (*gestos*) [...]. Nada! Tinha medo não... o povo de lá é tudo... modo do ôto, se enfrentasse... nego... partia pa riba e matava pa tirá o coro e comia a carne tamém. Tinha mais isso [...]. Já, já comi carne de tudo quant'é bicho. Aqui no Quebra Espingarda ali, ó (*gestos*). Ali o Quebra Espinarda ali, ó (*gestos*), foi eu e o Dorsílio... nós foi oiá um chão pra lá... quê es (eles) tava quereno mexê com Reforma Agráia lá, num sei o quê. Quereno mexê com roça e quero mexê com pasto. Eu fui lá (...). A onça pegô a vaca, derrubô ela, jogô dento do buraco lá, foi lá... comeu um pouco dela ali, chupô o sangue dela e largô lá do memo jeitim... e saiu. Tava o 'massadô dela no mei' do capim-meloso. Desceu pa grota abaxo. Eu falei (*risos*): 'Eu ficá aqui? Nunca!' [...]. É esse capim que prega na gente... ele sortia um mel ali na fôia dele, ele suja a gente tudo [...]. Chapadão, né? Cerrado... mai' memo é no cerrado [...]. A serventia dele é que é um pasto bão demais da conta, mais pa arribá uma rês que dá escaderada, que escadera assim, às veiz, na espinha, seja lá o que fô... vai lá, pega esse capim-meloso, 'ranca um punhado bão e joga dento duma caxa e taca água em riba e dexe frevê. Na hora que o capim ferve até ele fica 'marelim... pega aquela água e dexe ela ficá assim, morna assim, mei' esperta. Se a rês tivê... prostada lá... pelejano pa levantá, que num levanta... é só pegá ela, botá ela em riba dum coro ali, um... em riba dum forro quarqué e despeja essa água no fim do lombo dele ali e dá um banho geral... no corpo dele pa vê se ele num levanta. Num tem essa rês que num levanta, pode tá prostada (...). Capim margoso, capim jaraguá... era o capim margoso e o capim jaraguá, né? E tinha uma graminha... é... ela dá assim, dá po chão afora assim e vai longe, assim, ali ela vai abrinho pos lado. É o mió pasto que existe! [...] Essa grama eu num sei o nome dela, não. Eu sei que era uma grama roxa [...]. [O capim amargoso] é cabeludo. Gado gosta demais dele, porque el'é 'margoso. Quê o gado refaiz muito é por causa do capim 'margoso que tem entremeado no ôto capim (...). É diferente da fôia dos ôtos. Ele é peludo... o capim 'margoso. Ele dá rastero assim (*gestos*), mais ele cresce tamém, ele fica um (...) assim (*gestos*). O gado pasta, pasta, sai de cima dele ali, quand'é no ôto dia o broto dele já tá grande [...] ele é rapidim ele cresce, é num instante [...]. Só que tem... chegan na seca, o capim-meloso ele seca depressa, quê o vento como bate nele muito, então, imediato ele tá seco, mais deu quarqué uma chuvinha... ele reverte de novo, ele brota [...]. O jaraguá brota direto. O jaraguá cresce muito mais a faxa dele por riba seca e ele deita... e o broto sai no mei' dele ali, ó (*gestos*) [...]. Todo madera tem a lua de tira ela. Toda madera. Quê... na força da nova não serve pa tirá madera. Serve assim, se a pessoa tivê com muita precisão... pa tirá ela. Mais do contrário, é tirá, ela 'mediato... quando vai dano a força da nova o caruncho começa... começa

a caí o pó do caruncho lá da madeira, vai jogano tudo em riba dos trem aí, acaba com tudo. Então, tem a lua de tirá madeira [...] é a minguante. Dá na minguante... pó tirá. Mai' se passô já da... vespano a nova, num tira madeira não, que caruncha... aí vira fubá (...). Pa plantá rama de mandioca é na força da minguante, pa plantá o mio (milho) é na força da nova, pa plantá qualquer planta tem a força: a que dá em cima, é na força da nova, que dá no chão, na força da minguante (...). Quando dá na crescente, a água tá pa riba... quando vai dano po lado da minguante a água vem desceno [...] a cheia, modo do ôto... ela enche, pa podê derramá a água (...). A lua comanda muito memo (...). Ah! Era remédio do cerrado [...] tinha muitas coisa, né? Era pé-de-perdize, era um tal de piãozim (...) ele dá baxotim assim, ó (*gestos*), só sai lá do chão assim a foinha dele aquele talim ali... ali memo ele paralisa e ele cai a fôia ali. Ali a gente vai arranca a batata dele. Ele dá uma batata desse tamaim (*gestos*), ali a gente pega ele, lava ele bem lavadim e faiz o pó dele pa usá [...]. É porque ele é liso, ele num dá sujera, né? E ele parece um pião memo da gen', da meninada brincá. Nasce ali, cria aquela batatinha lá assim (*gestos*) dessa grossura assim dento do chão, ó (*gestos*), ali ele é despontado pra baxo e pra riba (...) fica só no mei' ali, mema coisa de vê um pião da gente passá um cordão nele e brincá. Num lugá igual assim, eu memo era um que gostava de sortá pião no mei' da meninada lá (*risos*), ajudano eze (eles) (*risos*). Meninada juntava lá a roda lá assim ó (*gestos*), lá ficava duro de menino lá, brincano [...]. Eu sei até hoje [fazer pião]. Eu sabia, né? Igual, hoje em dia eu num sei, quê tem muito tempo, né. A gente tá ca mão coisada, né, pa fazê (...). Ah! Eu tem muitas coisa que eu prefero um remédio casero [...] É porque o remédio casero assim, a gente sabe a data certa e sabe a hora, até o horário da gente aplicá ele [...]. E o médico lá ele já marca um trem ali... aquil'ali tem hora que ocê num tá por conta daquil'ali... ocê já vai e já faiz um enrolo. Então, eu prefiro o remédio casero [...]. É porque aquil'ali assim, cê toma ele a hora que cê qué, o remédio casero, cê num tem... às vez tem algum que tem a dieta. O remédio de médico é assim, diretamente cê vai lá ele tem a dieta dele pa modo dele dá e o nosso pa cá, não. Argum. O manacá principalmente... esse pa gente usá ele, a gente tem que tê a dieta dele, porque ele tem a cura mes' (...). Agora, remédio de médico, aquil'ali vai toda vida (...) tem uns que até sara, ôtos num sara. O médico vai embruiano aquil'ali e vai ficano, ó, só pa pegá iss'aqui, ó (*gestos*), purim. Só pa pegá a grana (...). A fava de sucupira. A fava de sucupira ocê... cê pega ela... cê põe ela quentá lá assim, lá por riba da chapa lá, embruia ela num trem e põe ela lá. Depois, cê vai lá, pega lá, desembruia ela, cê põe ela dento dum trem limpim... cê apert'ela ali, ela sorta aquele óleo... cê pega ali, um punhado del'ali, ela sorta aquele óleo ali, ó, mais aquecido lá no fogo. Cê pode até pingá ela. Cê pinga um pouco d'água quente, aí ela sorta aquele óleo tud'ali, ela bóia por riba aquele óleo, aí cê pega com um cuiezinha limpim... cê pode botá ali no ouvido limpim também ali (...) molha o algodãozim e pá no ouvido, de jeito nenhum num chuchá lá pa dento, do jeito que cê pega ele com uma pinçazinha e puxa (...). Mudei pra cá [Corumbáiba] foi em setenta e três... sessenta e três [...]. Eu tava mais ou meno com uns trinta (...). Minha vida era sofrida demais da conta, que era só no serviço, num tinha liberdade, num tinha nada. Era só nos curral tirano leite... chapadão em riba de cavalo pa baxo, pa riba, correno... em riba de gado. A vida de (...) que a gente ia comê era meia noite, parava do serviço, corria lá, tomava banho, já vinha, passava só lá na cozinha, pegava um prato ali, comia um feijãozim ali, corria, deitava, levantava no ôto dia três hora da madrugada. Uma vida penosa. Num presta não (...). Consegui o meu aponsento, mais o modo do ôto, pelo meu tempo de serviço [...]. Não, hoje em dia... já tem uns dois ano já... vez em quando que... lá de vez em quando que eu ainda mexo com algum trem ainda aí, ma' muito difíci'. Num mexo com esse trem assim, de trabaiá assim, fáci' mar (mais) não [...]. Ah! Já trabaiei demais da conta. Já fiço (fiz) um farturão medonho... eu já enriqueci foi fazendero... situantizim (sitiantezinho) que num tinha nada.... ajudei ele levantá (...). Hoje em dia eu tem iss'aqui como se diz, foi tirado foi daqui ó (*gestos*) [...]. Isso tudo aqui foi serviço meu ó (*gestos*). Tirado foi dos braço [...]. Não. Irmão nós era só três, os três, morreu dois, ficô eu.

Agora, tem as irmã, né? [...] Minhas irmã tinha morrido duas, nós era sete (...). Meu pai e mãe já tem anos e anos... quando ele morreu eu fiquei... eu fiquei, como se diz o modo do ôto, nos braço da minha irmã mais véia, a Lázara, minha irmã [...] eu tava embriado nas poeira ainda, nós era um casal, casal de gêmeo... meu irmão morreu. Foi embora pa (...), chegô lá ele morreu. Ele bebia demais (...). Mais tamém, modo do ôto, ela [a Lázara] morreu já tem tempo também. Foi ela e a... cumadi Francisca, cumadi Francisca morreu, nós tava morano aqui (...). Tem certas coisa que a gente fica mei' abismado, coisa que acontece com a gente. Deus me livre! (...). Naquela época pa trais, a vantage que tinha muita... tinha muita fartura. Todo mundo mexia com seus pedaço de roça, todo mundo tomava conta era por conta própria. Num tinha fazendero pa ficá em riba atentano a gente nem nada. Hoje em dia se a gente pega um pedaço de chão aí, o fazendero tá lá em riba lá atentano, ó (*gestos*). Então, essa aí, pra mim já é fora, porque eu num sô disso, de ficá... a pessoa me atormentano ali. É porque a minha cabeça é... coisada, a natureza ruim. É isso. Larguei de mexê com roça por causa disso... porque eu num se dô com fazendero, de jeito nenhum!

Narrador CoM2B74

(...) [Meu nome é] Bento da Costa Fagundes, conhecido no meio artístico aí de Bentim (...). Meu apelido é Bentim [...]. Quantos ano? Eu sô de 1941... 21 de março... 74 [anos]. Eu nasci na fazenda... daqui [até] lá, deve de tê... uns oito, nome quilôm' (quilômetros). Municípe' daqui [Corumbáiba] (...). Ah! Lá ês (eles) fala... Fazneda Serra Negra (...). Ah! Menina... eu morei na fazenda muito ano. Eu vim pra cá pa Corumbáiba... deve tá com uns 30 ano que eu vim pra cá (...). Eu num tem muito certim na ideia não. Deve sê por aí (...). Sete irmão homi, duas muíe [...]. Eu sô o mais véi (...). Os fi' (filho) meu? Cinco (...). Casei, tava com 22 ano (...). É... com a dona Antônia (...). De planta assim... é a Antônia que sabe. Eu conheço muito é... é remédio do... esses trem que serve pa remédio do campo, sabe? (...). Igual... meu menino mais novo tinha bronquite agudo... eu... fiz um...peguei uma receita... trazia... a Tonha fazia... o menino sarô do bronquite... ele hoje tá... parece que 31... 32 ano. Um dia o dotor Davi... muito conhecido aqui, me perguntô, me chamô, falô assim: *'E o seu menino quê que 'cê fez com ele c'aquele bronquite? Falei: Não... fiz um remédio. Truxe (trouxe) uns trem'*. Porque tudo que eu trazia... quando num era minha mãe, 'que tinha uma tal de Dervina, eu era menino, eu rancava raizada assim pra ela, p'ela fazê remédio. Antão... Eu trazia os remédio, a Tonha que fazia, sabe? (...). Pa curá o bronquite... 'cê pega... a flor do sabugero ... que tem ali... pranta de casa. Peguei a flor do sabugero, a flor do limão... esse de casa... a flor da lobera ... a flor da laranjera do campo ... o gengibre (...). E freve (ferve) tudo quanto é coisa (...) quente (...) e ferve aquele trem... na água... até a água ficá pareceno uma... dequada... até ficá poquim. A hora que ela fica poquim... despeja no mel de oropa (europa)... tudo tem um tanto baseado... num pode pô poco, nem muito demais. Aqui pega aquele... aquela água frevida (fervida) pel'aquelas fôia e... a Antônia fez várias vez... eu posso te mostrá... tem ele feito aí. Ainda tem que ela fez. Aí pega aquilo tudo e freve (ferve) no mel até ficá só um mel (...) e vai tomano... ali um poqui... e aquil'ali é assim... num pode tomá água fria... gelada não, sabe? É um remédio quente.. esse aí, pra bronquite... o meu menino... curo niss'aí. Ele num sente nada. Às vez a gente tá passano mal da gripe, né? Igual ela fez ali pra mim. 'Cê bebe aquil'assim, dum dia pa ôto a gripe... manera mêmo. Então, pa gripe é iss'aí. Pa qualquer tipo de gripe. Num é só bronquite não (...). Pr'os rim? Uai... ês (eles) sempre pr'os rim... é fôia de abacate... quebra-pedra . Tem o quebra-pedra. 'Cê já ouviu falá, num já? [...]. Quebra-pedra ele dá muito nas bera de casa... el'é um ramim... ele dá da foinha miudinha... a foinha redodinha. Então, a gente conhece. Esse tipo de coisa assim... é mais custoso, porque num é todo mundo que conhece, sabe? Eu conheço. Num é todo lugá do campo que dá, sabe? [...]. Ele dá muito é

na bera das porta... nas bera das casa... ele dá um ramim finim... da foinha comprida assim... cheia de foinha redondinha pela pontinha da fôia assim, sabe? Mas o quebra-pedra, esse povo mais véi, da minha idade assim, quais' todo ele conhece. Tem (...) um ramo também do bacuri... chama bacurina ... ele é bão [...] é... ele dá no bacuri. Ele é bão pa... pa rins... ele é bão pa bexiga (...). Ele só dá no bacuri. Ele dá um brotim assim... tipo duma samambaia... e os pezim do cará dele é tipo taturana... é cabiludinha o cará dele [...]. Iss'aí 'cê ferve ele e bebe (...). Esse aí [o quebra-pedra] 'cê ferve tamém e bebe o chá (...). Aí, remédio pa curá dor no estome (estômago). 'Cê qué sabê tamém? (...). 'Cê vai no barbatimão... dá só no campo... ele é um pau que dá grande... da casca vermeia (vermelha) e... dá a foinha miudinha, dá umas bage assim (*gestos*), tirá a casca dele... a casca de fora... curava até friera do gado. 'Cê fazia o melado (...). Mais da gente bebê... 'cê tira a casca... pega uma embirinha de dento qu'ele tem (...) pega um pedacim assim (*gestos*), tira umas três embirinha... põe na água gelada e vai bebeno (...) eu num sinto nada mais... do problema do... da dor no estome (estômago) (...). Tinha não... tem [viagra natural]. Esse eu conheço (*sorrindo*). Logo aqui perto tem... e ele faiz... uma potência doida [...]. Uai... nós conhece ele... pode até tê ôto nome... mais eu conheç'ele por vesga-tesa . Então, tem ele que parece uma fôia de alecrim... a fôia comprida... tem ele duma foinha mais... comprida assim (*gestos*)... uma fôia... até mei' amaralada... e tem ele no campo tamém... isso tudo é no campo... do ramo grande assim (*gestos*), ele dá tipo de feijão... com a fôia cor rosa. A pessoa tira iss'aí, bebe... põe de môi (molho) ou põe num vin' (vinho) [...]. É... a raiz. Mai' dá uma potência doida... um trem fora do sério. É uma coisa interessante, sabe? (...). É quais' a mêma reação (...) do remédio que vende na famácia, sabe? [...]. Não. Eu acho assim que tudo num dexa de dá uma agitação, 'que o... ele dá o... a mêma potência do ôto, né? Esse tipo de coisa assim (...). Ele dá a potência [sexual] (...). Uai, a acrerdito qu'isso vale é pa quarqué pessoa... seja masculino ou feminino, sabe? (...). Poaia do campo ... azedinha ... rubarbo do campo (...). Isso pa menio quando tá... dá assim, quando tá nasceno dente... que dá aquele problema que... fica gomitano... dá diarréia. Aí torrava isso tudo... rapava a raiz... torava... e dá... e fazia... o chá po menino (...). A poaia do campo ela dá um ramim compridim assim (*gestos*) (...) a foinha compridinha... n'é redonda não. Uma foinha compridinha. Azedinha ela dá a fôia redonda e azeda, sabe? (...). É tudo uma prantinha... num é pranta... é do mato. É mais ou meno' uma artura assim (*gestos*) (...). Ela dá uma foinha... uma dum lado ôta do ôto, uma dum lado ôta do ôto (...). [Planta] é só a que dá em casa. Esse que eu tô de falano é tudo do mato (...). Igual o carapiazim branco ... 'cê pega o carapiazim branco... ele dá uma foinha redondinha... pregada no chão... 'cê faiz o pó dele... pa cherá... é um dos meio (melhor) remédio pa curá sinosite. Ele e a buchinha . A buchinha é tipo dessas bucha que dá na... bera da casa. A buchinha quais' num tá achano ela mais, sabe? (...). O rubarbo do campo... ele dá uma cabecinha pequeninha assim (*gestos*) e ele é uma fôia... larga assim (*gestos*) e sanfonada... uma largurinha média assim (*gestos*), dá uma dum lado ôta do ôto (...). Tem ele roxo [a carapiá]. Mais o remédio dele é só do branco, sabe? [...]. Não... o roxo eu num sei a servintia dele não (...). O branco eu sei... é muito cheroso... 'cê faiz o pó, é um pó cheroso demais... é bão mêmo (...). [Gestante] num pode [tomar a chá a buchinha]. Não. Ela põe fora [a criança]. Faiz aborto. Se frevê e bebê... eu sei de muita muié que abortô de fazê esse tipo de coisa dela, sabe? [...]. Não. A que eu sei mes' é essa buchinha. Essa aí não pode, sabe? É um trem brabo. Fazê o chá... eu sei de muitas muié que abortô... bebeno chá dessa buchinha, sabe? E a sementinha dela (...) el'é tão braba... que se alguém carregasse um cartucho com... com ela... envenenava o cartucho, sabe? De tão brabo que ele é [...]. Uai... [cartucho] de arma de fogo. Quando a gente mexia com isso... no tempo que mexia. Hoje, num mexe mais, né? (...). 'Que tem uns remédio que tem veneno e é bom, né? Num pode é... usado conforme o tipo, né? [...]. Timbó (...) ele é um trem da fôia redonda, uma fôia média assim (*gestos*) e... quai' (quase) do tipo da purga-de-tiú ... 'cê conhece purga-de-tiú? (...). É um trem do campo... ele dá a fôia redonda tamém... uma fôia mei' cabiluda e ele é baxim assim

(*gestos*). Se 'ocê 'rancá esse... essa purga-de-tiú sexta-fera da paxão... antes do sol saí... mede três dedo dum lado e rapa... cura veneno de cobra [...]. É... um trem interessante... é mistério, né? O timbó... o gado come... faz mal pra ele. Agora, a purga-de-tiú já é ôto remédio... ôto trem [...]. Adoecia o gado (...) envenenava (...). Ele dá nas bera de ri' (rio), num é todo chão que dá ele não (...). Agora, o purga-de-tiú tem pa toda banda aí [...]. Uai... o timbó ês (eles) fala que ele dá de cipó (...). 'Ranca ela [a pulga-de-tiú] (...). 'Rapa e bebe (...). A raiz dela. Aí, bebe, sabe? (...). Mais... se ele é remédio... quarqué dia que 'ocê 'rancá, ele é remédio, né? (...). Eu acredito [na superstição] (...). Angelim [...] ele é uma maderona do mato... é até mei' sem jeito de te explicá, sabe? Ele dá uma madeira da cultura, sabe? (...). A fôia dele é uma foinha redonda, a madeira cascuda (...). O angelim dá uma madeira grossa e sempre dá cascuda (...). A dor de dente... tinha um... um remédio da dor de dente que ele chegava arreventá o dente... o leite da morera (*risos*) (...). Morera é um pau da madeira 'marelinha, dum espim brabo... tipo espim de laranja... e ele dá uma frutinha... uma frutinha verde (...). Urtiga (...). O pé da urtiga é um cipozim... da fôia redonda tamém. Se passá na perna... quarqué lugá que ele encostá na gente é igual uma taturana-bezerra sapecá. Quema mêmo, sabe? Isso eu já sapequei muito dele (...). Iss'aqui (*gestos*), a bunia ... 'cê já ouvir falá de bunia? A bunia é remédio pa... pa curá bronquite (...). Iss'aí ela dá uma bananinha comprida e a fôia comprida... uma fôia grossa (...). Num é cheroso? (...). Ela dá uma fruta desse tamaim assim, ó (*gestos*) (...) e ela é cherosa, que 'cê precisa de vê [...]. Ela dá um cipoção... da grossura do dedo da gente e uma fôia comprida... uma fôia grossa, né? Cabeluda não... a fôia. Interessante! (...). Iss'aqui eu seco ele lá na chapa (...) e faiz o pó [...]. Essa bunia é só pa pô no pó [de fumo] pa cherá (...). Agora, freve ela pa bebê quem sofre de pobrema de bronquite (...). Ele dá nos brejo... nos mato... assim... berano nos córgu (...). A lobera do campo tamém (...). É um trem do mato... do campo. Aí, 'cê tira a lobera... põe açúcar' (...). Cura a gripe... curava esses trem (...). Tem... a lobera tem pa todo lado, aí. Se fô no tempo dela... num sei se agora é. Ela dá uma florzinha azul e (...) de espim... a fôia grande... chei' de espim... a fôia (...). Panha a fruta (...) uma frutona grande assim (*gestos*) (...).

Orizona-Goiás

Narradores OF1Z69 e OF1O76

(...) OF1Z69: Zumira Ferreira de Souza Lobo (...). OM1O76: Océlio de Souza Lobo (...). OF1Z69: Eu nasci no municípe de Vianópolis [...]. OM1O76: Também e Vianópolis [...]. OF1Z69: Nasci na fazenda. Na roça. OM1O76: Eu tamém nasci na roça (...). Tem a quina ... tem sucupira branca ... que é remédio (...). É quina [o pé de quina] (...). O pé de quina ela é pequena... num dá árve muito grande nem pequena. OF1Z69: Árve média. OM1O76: Média. Agora a sucupira branca já dá árve bem alta. Essa... ela serve só... a sucupira ês (eles) fala que é as bage, né... qu'ela dá e serve de remédio. OF1Z69: Infecção de garganta, né? Qu'ês (Que eles) usa ela pa infecção de garganta [...]. Põe ela curti no álcool ou se não freve ela e faiz gargurejo (...) curtida no álcool 'ocê pinga os pinguim dela de álcool na água e faiz gargurejo do mêma coisa. Meu irmão já gostava de dá a entrecasca [da quina], a casca da madeira, fazê o pó e jogá no sal po gado comê (...). OM1O76: É no cerrado [que encontra a quina], né? [...]. Cultura num tem ela não. Agora, a sucupira... dá ela mai' no cerrado, mai' um cerrado quais' mato [...]. Tem o barbatimão ... barbatimão tamém serve pa... remédio pa... curá... fazê assim... às veiz, uma ferida... pa fechá. OF1Z69: Ferve a casca, né? (...). OM1O76: A casca... a fôia tamém mêma coisa [...]. Barbatimão é médio tamém (...). A fôia é miudinha, igual esse pé que tem (*gestos*), o mes' que vê iss'aí (*apontando para o pé de tamarindo*). OF1Z69: Tamarindo (...). OM1O76: A quina é mai' larga... a quina é tip'assim... uma fôia de laranjera... de (...)

canela. A canela até parece com a da quina (...). Para-tudo era pra que? OF1Z69: Pa dor de cabeça, né? [...]. Para-tudo. Esse é ratero tamém... baxim (...). OM1O76: Ele tá no cerrado [...]. Cerrado... dá uma flor (...). OF1Z69: Batata-das-carda ... de tiú tamém é remédio pra dor de cabeça pra (...). Batata-de-tiú ... ôtos falava batata-das-carda. É dois tipo, mais tudo servia assim pa dor de cabeça, conforme a doença... tomava ele (...). É umas batata assim (*gestos*), tipo batata que a gente come, essas batata-doce, só que ele dá no (...) é 'margoso. OM1O76: Rabo-de-tatu. OF1Z69: Rabo-de-tatu é 'margoso. [Para] dor de cabeça, estâme (estômago) ruim (...). É quais' um tipo só [o pé] (...). Dava uma batata e umas foinha assim (*gestos*) (...). Não. Poca diferença. Oiava (Olhava) assim, um cará (...). Rastero, baxim assim (*gestos*) (...). Pegava a batata e tirava aquelas rodelinha, picava, né, e punha frevê... tomava o chá... pa dor de cabeça, estame ruim. Ês (Eles) falava até que essa batata-das-carda servia até pa quem fosse ofendido de cobra... pegasse... bebê era bão, né? (...). OM1O76: [Para picada de cobra] era o broto de que? Aquele trem (...). OF1Z69: Umbaúba ? OM1O76: É... broto da imbaúba ... era um remedão [para picada de cobra] (...). Ela é um... um negócio comprido, ela dá arto (alto), só que ela num dá fai (galho). Ela só dá uma árve. OF1Z69: Dá uma foiona. OM1O76: Umas foiona larga (...). Ela num dá no cerrado num dá não. Ela é mais é bera de córgu (...). Era as fôia do broto (...). [O pé de para-tudo é] baxutim (baixotinho) assim (*gestos*). OF1Z69: E dá uma flor vermeia (vermelha). OM1O76: Dá quais'... rente no chão (...). Tem o... tal do cupim, com'é que chama? (...). OF1Z69: Jubebinha ... jubebinha po figo. Isso eu sei, 'que meu pai, minha mãe tomava diara (diariamente), ela curtia na água (...). Ia tomano a água po figo. OM1O76: É pequenim tamém, né? (...). OF1Z69: Dá só no cupim. OM1O76: Não [é a jurubeba]. É ôta fruta (...). É... quais' raterinha. Ela dá mais ne redó de cupim assim. Ela num fora dum cupim, mai' é nem [...]. [Fazia o remédio] da raiz (...). OF1Z69: Quando [a mulher dava hemorragia após o parto] ela dava broto de... com'é que chama aquele trem? (...). Parece que foi broto de umbaúba que ela me deu (...). É... a losma tamém é pa dor de cabeça. Antigamente, agora num vejo esse ramo mais (...). É um ramim rastero tamém... dava uma foinha comprida, assim, ó (*gestos*), repicadim (...). É verde [a cor da folha]. É... verdinha clara (...). OM1O76: Tem um bigode-de-baiano qu'ês (que eles) fala... esse é triste de pegá (...) uns fala bosta-de-baiano , ôtos fala bigode. OF1Z69: Prega na ropa. OM1O76: Esse ainda existe pa todo lado (...). Ele é rastero (...) dá baxim... e vem uns espim... na hora que ele prega na ropa da gente, tem que tirá... que a gente num 'guenta (...). Esse bigode-de-baiano tamém ele prega, mais ele num é rastero (...). A bosta-de-baiano é redondinha e chei' de espinzim (...). Tem uma sangra d'água do brejo... essa é próprio pa 'morróida (hemorróida) [...]. Essa é do brejo [...]. Ela dá árve [...]. Não. Média tamém, num dá muito grande não (...). A fôia... a fôia serve... mais... pa... a casca que é pa... pa 'morróida (hemorróida) e o sangue dela, 'que ela tem um sangue... esse é pá machucado. OF1Z69: Ela dá um leite, então, ês(els) fala sangue, né? OM1O76: É... mais é vermeim (vermelhinho) (...). 'Ocê passa ele numa... numa ferida... só porque ele tem uma ferida que tivesse fechano, né, porque ela fecha a ferida (...). Porque às veiz a gente corta... e usa, né? E num pode [...]. Porque fecham duma veiz... fecha fora de hora, né? (...). E já pa 'morróida é casca, faiz o chá e bebe (...) pode banhá tamém, né, a 'morróida (...). Ela dá uma grossura assim (*gestos*), mais ou meno'... o é da árve (...). E essa só dá no brejo tamém (...). OF1Z69: Aquele lá é o sangue-de-cristo (...) aquele é... dá no cerrado (...). Aquela lá é docinha... aquela dava pa gente chupá... sangue-de-cristo (...) é uma foinha assim (*gestos*), um pezim baxim assim, ó (*gestos*), ela dava nessa artura (altura) assim, a fôia cinza... assim... mei' branquicenta... tinha a vermeinha (vermelhinha) (...). OM1O76: No mato ou no brejo que tinha o mangue [...]. Era árve [...]. Ela dá grossona e dá essa base aqui (*gestos*) (...). A fôia dela é tipo duma fôia de laranjera mêmo... era daquele tipo (...) pa [fazer] casa é [boa] [...]. Até essa menina minha que tá aqui, feiz uma casa lá (*gestos*) em cima, levô daqui o mangue... serra faiz... po' (pode) fazê porta (...). Jacarandá (...) esse dá... o jacarandá ele dá arto (alto), né, tamém, uma maderona grossa [...]. [A folha] quais' é o mêmo tipo... de laranja...

de quintera mais ou meno' (...). Mais é no mato, né, jacarandá é no mato (...). É uns trem que vai cabano, a gente vai perdeno o nome (...). OF1Z69: Tinha. Aquele... com'é que chama? (...) Gravata. Tinha dele demais... eu tinha até... saudade de comê. A gente freventava... lascava ele assim, ó (*gestos*) e freventava e fazia (...). É a mêma coisa... já viu pé de 'bacaxi? Mêma coisa de pé de 'bacaxi... aquês (aquelas) fôia. OM1O76: Dava até uns espim nela. OF1Z69: É e a fruta parece o tipo dum abacaxi, só que é miudinha assim (*gestos*), branquim (...). Tal de pindoba que é 'magosa igual a gueroa (guariroba), 'margosa demais também, dá no (...). OM1O76: Pindoba dá mais em serra, né? (...). OF1Z69: Pindoba dá rasterinha, né? (...). OM1O76: [A folha] é do mêmo jeito da gueroa (guariroba) (...).

Narradores OF2M75 e OM2J78

(...) OF2M75 Madalena Rosa de Castro (...). OM2J78 Joaquim de Castro Pereira (...). Eu nasci na roça... morei até... [19]98 (...). OF2M75 O pé de anil ele... ele é... ele dá umas tocera assim (*gestos*), a fôia comprida... e esgaia (esgalha) assim, (*gestos*), vai esgaiano (*gestos*), ele dá uma sementinha, parece de... de pinha de oro (ouro) (...). OM2J78 A semente do anil é igual a jubeba (...). O nome é jurubeba, mai' nós fala jubeba (...). OF2M75 O pé de jubeba ela dá árve... dá uma arvinha... e ela tem espim... e é assim... dá um fubazim assim sapequento (*gestos*), a fôia sapeca... e dá as penquinha de... de... as frutinha assim (*gestos*), as penquinha mesmo, dá o cabim e as penquinha, dá muito... dá dúzias (...). OM2J78 A gente põe ela curti, pa comê igual pimenta [...]. OF2M75 É amargo [...]. É amarga. É gostosa assim pa comê num arroz... na janta [...]. Nós gosta. E é muito sadi' (sadio) po fígado (...). A fôia do jacarandá ela é... a fôia pequena assim (*gestos*), né, meia arredondada, né... dá o pau alto mesmo OM2J78 É árve grossa de serrá maderá pa construí casa (...). Os pobrezim, né? A pessoa que num tinha nem lugá de morá... fazim o ranchim lá... a pessoa dava o lugá pr'ele morá ali. O cara fincava o rachim... fazia até de... até parede até de pau a pique, maderá (...). E cobria até de capim (...). Tinha um capim próprio tamém... capim do cerrado, né? [...]. A gente falava capim-macega (...). Ele dava as trossa... ele dava... chegava tombá, né, as fôia... a fôia dele era redondinha... era comprida mais era... num sei nem te explicá (...). Fazia de fôia de buriti tamém [...]. A fôia de buriti é uma fôia larga. Ela dá... OF2M75 Ela é redonda. OM2J78 Dá uma fôia... dá o talo... que nós fala... é o cabo dela, né, tinha o tronco... é uma árve (...). Depoi' dá a fôia na ponta pra ela... ela abre... nós cortava só aqui (*gestos*) (...). OF2M75 A quaresma do brejo ... das bera de córgu [...]. Essa é amarela. Essa é pa tingí' coberta, cocha, né, a gente fazia as cocha de... de algodão, né, e... a gente... panhava ela e tingia... os fiado pa podê fazê (...). Esse tem dois, né? Tem o hortelã... da fôia miudinha que a gente tem aí. E tem o hortelã... fala hortelã-pimenta. Ele é da fôia maió. Esse é pra... faiz xarope pa gripe. E ês (eles) fala qu'ele tira até ressaca (...). Da folha grande, né [...]. Não... tudo é diferente, né? O que nós tem aqui é um cipozim assim (*gestos*) da fôia miudinha e... e esse [o hortelã-pimenta] já é maió... a fôia maió... dá uma pezim maiozim (...). OM2J78 A curriola (...) Esse artium o nome dele... científico dele acho qu'ê marolo, né? OF2M75 Mais esse é o científico lá dos nortista... é marolo, né? (...). OM2J78 Esse só madura na quaresma [...] o artium... é [...]. Tem um lugá, às veiz, lá em Anápolis, num sei quem perguntô assim: aqui dava artium quaresma ... 'Uai, porque artium quaresma? Não. É porque ele só madura na quaresma' (...). OF2M75 A gente era vigiado dos pais pra não comê quarquê hora [...]. Se nós ia po cerrado pa comê artium... a gente saía até em jejum assim, sem comê uma coisa de manhã cedo, um biscoito, um pão, pra comê só a fruta. Ês (Eles) não dexava misturá... 'que teve exemplo de gente que misturô com ôtras coisa e foi pará no médico (...). OM2J78 Tem um que esse num é do cerrado... que esse que a senhora tá falano é do cerrado, né? OF2M75 É do cerrado é. OM2J78 Agora, o jambo ... esse era casero... era plantado nos quintal, né. Esse tamém era o

mais indigesto [...]. É... era uma fruta miúda [...]. Ah! Tempo de menino parece que a gente acha... tudo era gostoso (*risos*) (...). OF2M75 Ele dá uma árve assim... os galho dele é tudo fino, ele não dá tronco assim... reforçado, né? E a fôia compridinha assim (*gestos*), fininha e... estreitinha, comprida e... o formato dele é igual a goiaba (...), só porque ele não é caroquento, ele é lisim. E... mais... pa gente comê é o mes' tipo assim da goiaba, assim... a textura da casca, né? Só que a semente dele é solta, que a gente faziz assim (*gestos*), ele sacode, né? (...). Ele é... ele é amarelo por fora e por dentro ele é cor rosa assim... um rosa clarim! [...]. É bonito a fruta (...). OM2J78 A curriola é uma árve tamém... dá... bem mais alta de que esse teto aí (*gestos*), bem mais. Dá... dá até um tronco grosso e esgaiava (*esgalhava*), né? É a fruta... a fruta é miúda, né? OF2M75 'Cê conhece figo, esse figo casero? [...]. É do mesmo jeitim... do mesmo formato, né? (...). Ela amarela [quando madura] (...). Aí, ela fica amarelada... e ela dá um leite. Ela é uma fruta muito sadia, muito preciosa. É boa po sangue... tem... ela dá um leite que é... preguenta mesmo assim (*gestos*), e é gostosa (...).

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O processo definicional no campo lexical da flora no falar de velhos goianos no sudeste do estado de Goiás

Pesquisador: Gabriela Guimarães Jeronimo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38116514.4.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 988.645

Data da Relatoria: 16/03/2015

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto na área de Lexicologia que está bem elaborado, possui referencial teórico consistente e metodologia clara.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto tem como objetivo investigar o processo de definição de elementos do campo lexical da flora utilizados por senhores e senhoras que sejam antigos ou atuais moradores da zona rural do sudeste goiano.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como qualquer pesquisa envolvendo seres humanos, oferece riscos. Em especial, no estudo envolvendo traços da fala de moradores, existe a possibilidade de constrangimento em razão de possíveis questionamentos durante a entrevista. O roteiro de entrevista foi devidamente apresentado informando em nota de rodapé como será feita a entrevista de modo a não causar nenhum tipo de desconforto ao participante.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta uma proposta interessante, está bem estruturada e tem potencial de contribuição para a área de Lexicologia, de forma particular, e para outras áreas, de forma mais geral. Observava-se um aspecto divergente entre o projeto detalhado e o formulário apresentado

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro:

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (163)301-6224

Fax: (163)332-0898

E-mail: sta@fclar.unesp.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
LETRAS - UNESP - CAMPUS
ARARAQUARA



Continuação do Parecer: 988.645

na Plataforma Brasil: no primeiro, constava que seriam explorados aspectos da flora, o que condizia com o título do projeto; no segundo, no entanto, indicava-se na Introdução, Objetivos e Metodologia que o estudo envolvia aspectos da flora e da fauna. Essa divergência foi sanada em todos os documentos apresentados pela pesquisadora.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora unificou os documentos de forma a apresentar todas as informações no TCLE, entendemos que em se tratando dos participantes da pesquisa, ela teve o devido cuidado com a escolha das palavras de forma a tornar o documento acessível.

Recomendações:

Fazer a correção do título da universidade no TCLE, pois no documento consta "Universidade Estadual Paulista Goiás"

Recomendado a pesquisadora atenção para observância da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012, quando em seu relatório final deverá comprovar o atendimento do seguinte requisito normativo:

f) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Com relação às pendências colocadas: refazer e unificar documentos referentes aos TCLE, padronizar "flora" e "flora e fauna" no projeto e no texto de informações básicas, rever o cronograma e apresentar o roteiro de entrevista, podemos afirmar que a pesquisadora atendeu às pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto de pesquisa apresentado encontra-se adequado em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Por essa razão, considerado o referido projeto dentro de padrões éticos, tendo apreciação FAVORÁVEL à sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta Faculdade reunido em 18 de março de 2015. O relatório final deverá ser entregue um mês após o término da pesquisa.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro:

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (163)301-6224

Fax: (163)332-0698

E-mail: sta@fclar.unesp.br

ANEXO B – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar, como voluntário (a), da minha pesquisa. Meu nome é GABRIELA GUIMARÃES JERONIMO e sou aluna da Universidade Estadual Paulista Goiás – *Campus* Araraquara. Pretendo fazer para o (a) senhor (a) algumas perguntas sobre as plantas, os nomes de cada uma, os tipos de plantas e para o que elas eram usadas. Vou gravar nossa entrevista e escrever no papel apenas aquilo que estiver relacionado às plantas e, depois, fazer uma lista com o nome de todas elas.

Abaixo, estão os detalhes sobre a pesquisa e, após ficar ciente de como participará do meu projeto, o (a) senhor (a) deve assinar as duas vias deste documento. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável, que sou eu.

O (a) senhor (a) não é obrigado (a) a colaborar, por isso, se não concordar, não será penalizado (a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, GABRIELA GUIMARÃES JEORNIMO, nos telefones: (64) 8125-5478; (16) 9 9329 5344 (64) 3491 4374.

Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – *Campus* Araraquara, nos telefones: (016) 3334-6224 ou (016) 3334-6466.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

NOME DO PROJETO: O PROCESSO DEFINICIONAL NO CAMPO LEXICAL DA FLORA NO FALAR DE VELHOS GOIANOS NO SUDESTE DO ESTADO DE GOIÁS

JUSTIFICATIVA: Esta pesquisa é importante porque é uma forma de preservar o jeito com que algumas pessoas explicam o significado dos nomes das plantas no sudeste do estado de Goiás, pois esta maneira de explicar o que estes nomes significam está ficando cada mais raro de se encontrar na fala das pessoas.

Objetivos

Objetivo Geral:

Investigar como senhores e senhoras (que viveram ou vivem na zona rural) definem o nome das plantas no sudeste do estado de Goiás.

Objetivos Específicos:

- Discutir a relação entre as palavras (léxico) e a cultura a partir do *corpus* de pesquisa;
- Compreender como a forma de definir dos narradores da pesquisa possui semelhanças com a maneira que alguns dicionaristas do século XVI a XVIII elaboravam as definições dos verbetes das obras lexicográficas;
- Analisar as palavras selecionadas para a constituição do *corpus* de pesquisa por meio da teoria dos campos léxicos.

PROCEDIMENOS UTILIZADOS DA PESQUISA: Primeiro, vamos fazer uma apresentação, para poder conhecer os senhores e senhoras que iremos entrevistar. Depois,

num próximo encontro, começaremos as entrevistas num lugar de preferencia dos entrevistados, para que se sintam a vontade. Utilizaremos o gravador para registrar a conversa e, logo depois, colocaremos a entrevista no papel, ou seja, vamos registrá-la na forma escrita.

- A pesquisa pode causar desconfortos e inquietações ao senhor/senhora, por envolver a gravação em áudio, ou mesmo pela quebra de rotina em suas vidas. Mas o pesquisador buscará evitar ou reduzir efeitos e condições que possam causar algum tipo de dano ao informante.
- Caso os senhores e senhoras se sintam prejudicados com a participação na pesquisa, têm o direito de solicitar uma indenização.
- Os participantes não terão nenhum tipo de gasto financeiro com a pesquisa.
- A participação nesta pesquisa não inclui nenhuma forma de pagamento ou gratificação. Se aceito, deve ser feita gratuitamente.
- É garantido sigilo, de modo que asseguramos a privacidade dos sujeitos entrevistados quanto aos dados confidenciais que por ventura venham a se envolver na pesquisa.
- O participante tem total liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Gabriela Guimarães Jeronimo

Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – FONE: (16) 9 9329 5344

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora também me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara - UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

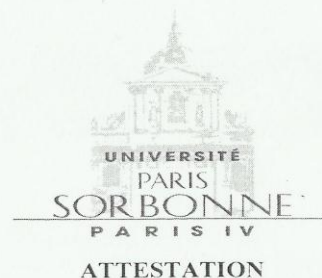
Local e data

POLEGAR DIREITO

Nome e Assinatura do entrevistado

Testemunha

ANEXO C – CERTIFICADO DO ESTÁGIO DE DOUTORAMENTO NO EXTERIOR



Je soussignée Myriam BENARROCH, Maître de conférences à L'UFR d'Études ibériques et latino-américaines de l'Université Paris-Sorbonne, déclare que Madame **Gabriela Guimarães Jeronimo**, étudiante de doctorat dans le Programme en Linguistique et Langue Portugaise (PPGLLP) à l'Université d'État de São Paulo « Júlio Mesquita Filho » - *campus* Araraquara (UNESP/Araraquara), au Brésil, menant un projet de recherche intitulé « *Des savoirs sur la région rurale au Brésil: entre plantes, mémoires et mots* » sous la direction de la professeure Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, a accompli sous ma supervision le travail prévu dans le cadre de son **doctorat-sandwich** à l'Université Paris-Sorbonne – Paris IV. Le stage s'est effectué du 11 août au 19 décembre et l'étudiante a été financée par une bourse d'études de la CAPES à travers le Programme de Doctorat Sandwich à l'Étranger (PDSE).

Fait à Paris, le 19 decembre 2017


Myriam BENARROCH
Maître de conférences
Linguistique portugaise et romane
Département de Portugais
UFR d'Études ibériques et latino-américaines
Université Paris-Sorbonne
Membre de l'équipe d'accueil 4080 (« Linguistique et lexicographie latines et romanes »)

